JUDITH NURIA MAIDA (COORDENAÇÃO)
ADHEMAR MARQUES • AMARILDO DINIZ
FLÁVIO BERUTTI • JULIA O'DONNELL
MAURÍCIO PARADA • PAULO CRISPIM ALVES DE SOUZA
PAULO EDISON DE OLIVEIRA • PEDRO M.C. FERREIRA
SILVIA PANAZZO • VITOR H. SCHVARTZ

PNLD 2021 • OBJETO 2
CÓDIGO DA COLEÇÃO
0151P21204
CÓDIGO DO LIVRO
0151P21204133

ENTER AÇÃO

HUMANAS

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO • VERSÃO SUBMETIDA À AVALIAÇÃO

A FORMAÇÃO DAS SOCIEDADES E DAS CIVILIZAÇÕES NO BRASIL E NO MUNDO

ENSINO MÉDIO
Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Editora do Brasil

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

ENTÇR AÇÃO

MANUAL DO PROFESSOR

HUMANAS

A FORMAÇÃO DAS SOCIEDADES E DAS CIVILIZAÇÕES NO BRASIL E NO MUNDO

Judith Nuria Maida (Coordenação)
- Graduada em Geografia e professora da Educação Básica
- Autora e coordenadora de Literatura Infantojuvenil e coleções didáticas de Humanidades (Natureza e Sociedade, História e Geografia, Educação do Campo) da Educação Básica e EJA
- Assessora pedagógica na Educação Básica, com atuação na formação de professores
- Elaboradora de currículos nas redes estaduais e municipais de ensino
- Consultora na implementação da BNCC em escolas e construção de Objetos Educacionais Digitais (OED)

Adhemar Marques
- Especialista em História Moderna e Contemporânea
- Graduado em História
- Autor de coleções didáticas e livros paradidáticos de História
- Professor de História em cursos livres

Amarildo Diniz
- Graduado em Geografia
- Autor de livros e materiais didáticos de Geografia e Atualidades
- Consultor de plataforma *on-line* de correção de vestibulares e Enem
- Professor de Geografia em cursos pré-vestibular

Flávio Beru
- Mestre em História
- Especialista em Metodologia da História
- Graduado em História
- Autor de coleções didáticas e livros paradidáticos de História
- Professor e coordenador de História

Julia O'Donnell
- Mestre e doutora em Antropologia
- Autora de materiais didáticos de Sociologia para o Ensino Médio
- Professora universitária e pesquisadora

Maurício Parada
- Mestre e doutor em História
- Graduado em História
- Autor e organizador de livros de História
- Professor universitário e pesquisador

Paulo Crispim Alves de Souza
- Mestre em Ciências Humanas e Sociais
- Graduado em História
- Autor de livros paradidáticos de Educação
- Assessor pedagógico na Educação Básica, com atuação na formação de professores
- Professor de Sociologia no Ensino Médio

Paulo Edison de Oliveira
- Mestre em Ciências Sociais
- Graduado em Ciências Sociais
- Autor de material didático de Ciências Humanas
- Assessor pedagógico na Educação Básica, com atuação na formação de professores
- Professor de Sociologia e Filosofia no Ensino Médio
- Coordenador escolar de Ciências Humanas no Ensino Médio

Pedro M.C. Ferreira
- Graduado em Geografia
- Assessor pedagógico na Educação Básica, com atuação na formação de professores
- Finalista do prêmio Professor Nota 10
- Professor de Geografia para Ensino Fundamental, Ensino Médio e EJA

Silvia Panazzo
- Pós-graduada em Tecnologias da Aprendizagem
- Graduada em História e Pedagogia
- Autora de materiais didáticos de História para Ensino Fundamental
- Professora de História para o Ensino Fundamental e Ensino Médio

Vitor H. Schvartz
- Doutor em Filosofia com pós-doutorado na área
- Graduado em Filosofia
- Professor de Filosofia e orientador pedagógico no Ensino Médio

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS

Ensino Médio

1ª edição
São Paulo, 2020

Editora do Brasil

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Interação humanas : a formação das sociedades e das civilizações no Brasil e no mundo / Judith Nuria Maida (coordenação). -- 1. ed. -- São Paulo : Editora do Brasil, 2020. -- (Interação)

Vários autores.
ISBN 978-85-10-08368-3 (aluno)
ISBN 978-85-10-08369-0 (professor)

1. Ciências humanas (Ensino médio) 2. Ciências sociais (Ensino médio) I. Maida, Judith Nuria II. Série.

20-38716 CDD-373.19

Índices para catálogo sistemático:

1. Ensino integrado : Livro-texto : Ensino médio 373.19

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

© Editora do Brasil S.A., 2020
Todos os direitos reservados

Direção-geral: Vicente Tortamano Avanso
Direção editorial: Felipe Ramos Poletti
Gerência editorial: Erika Caldin
Supervisão de arte: Andrea Melo
Supervisão de editoração: Abdonildo José de Lima Santos
Supervisão de revisão: Dora Helena Feres
Supervisão de iconografia: Léo Burgos
Supervisão de digital: Ethel Shuña Queiroz
Supervisão de controle de processos editoriais: Roseli Said
Supervisão de direitos autorais: Marilisa Bertolone Mendes

Supervisão editorial: Júlio Fonseca
Consultoria técnico-pedagógica: Marcelo Campos Tiago
Edição: Agueda Guijarro del Pozo, Carlos Félix, Nathalia Simões e Rogério Cantelli
Assistência editorial: Patricia Harumi e Marina Lacerda D'Umbra
Auxílio editorial: Douglas Bandeira
Especialista em copidesque e revisão: Elaine Cristina da Silva
Copidesque: Gisélia Costa, Ricardo Liberal e Sylmara Beletti
Revisão: Amanda Cabral, Andréia Andrade, Fernanda Almeida, Fernanda Sanchez, Flávia Gonçalves, Gabriel Ornelas, Jonathan Busato, Mariana Felix, Martin Gonçalves e Rosani Andreani
Pesquisa iconográfica: [illegible] Cila Ferraz
Assistência de arte: Leticia Santos
Design gráfico: Talita Lima
Capa: Megalo Design
Imagem de capa: anyaivanova/iStockphoto.com, ideabug/iStockphoto.com, kivandam/iStockphoto.com, Nikada/iStockphoto.com e TommL/iStockphoto.com
Edição de arte: Paula Coelho e Talita Lima
Ilustrações: Adriano Loyola, Alexandre de Souza, Cristiane Viana, Hare Lanz e Tarcísio Garbellini
Cartografia: Alessandro Passos da Costa, Mário Yoshyda, Sônia Vaz e Tarcísio Garbellini
Editoração eletrônica: Adriana Tami Takayama
Licenciamentos de textos: Cinthya Utiyama, Jennifer Xavier, Paula Harue Tozaki e Renata Garbellini
Controle de processos editoriais: Bruna Alves, Carlos Nunes, Rita Poliane, Terezinha de Fátima Oliveira e Valéria Alves

1ª edição, 2020

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Editora do Brasil

Rua Conselheiro Nébias, 887
São Paulo/SP – CEP 01203-001
Fone: +55 11 3226-0211
www.editoradobrasil.com.br

Cara professora, caro professor

O manual que você tem em mãos é fruto de um intenso trabalho de pesquisa e reflexão de educadores que, assim como você, percebem a importância de abordar, com rigor científico e objetividade metodológica, diferentes temas e conteúdos pertinentes às Ciências Humanas e Sociais Aplicadas.

Tendo como objetivo a construção de um saber problematizador, contextualizado e interdisciplinar, as discussões contidas neste manual vão além de um mero conjunto de estratégias ou sugestões didáticas. Ao discutir os princípios teóricos e metodológicos nos quais a coleção está fundada, nós queremos estimulá-lo a, junto aos estudantes, protagonizar o processo de construção do conhecimento e evitar a fragmentação do saber, os reducionismos e as simplificações cognitivas.

O Novo Ensino Médio tem implicado cada vez mais o professor na busca de metodologias ativas e de práticas didáticas interdisciplinares que abarquem distintas formas de aprender e de ensinar – busca que é um dos objetivos indicados na Base Nacional Comum Curricular.

Nesse sentido, o convite que lhe fazemos é o de sermos parceiros na construção de caminhos que estimulem o espírito investigativo e desenvolvam as competências e habilidades necessárias à formação do estudante.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Da mesma forma, a necessidade de preparação para o Enem e os vestibulares em geral é um desafio contemplado não apenas na escolha das temáticas mas também na proposição de questões e atividades que permitam trabalhar de diferentes maneiras os conteúdos que podem ser exigidos.

Esperamos que este manual – e a coleção a qual ele subsidia – seja seu companheiro na construção da cidadania participativa de nossos estudantes, tarefa à qual nenhum de nós pode se omitir na contemporaneidade.

Bom trabalho!

Os autores

SUMÁRIO

A PROPOSTA TEÓRICO-METODOLÓGICA V
As Ciências Humanas e Sociais Aplicadas: o que são? V
Os conceitos norteadores VII
O paradigma da complexidade cognitiva XVI
A interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade XVIII
A questão das fontes e da pesquisa XIX
O estudante e a educação no século XXI XXI
A aprendizagem e a formação integral do estudante XXI
As narrativas curriculares em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas XXII
O diálogo com a contemporaneidade XXV
Proposição didático-pedagógica XXVI
Investigação provocativa: problematização como ponto de partida XXVI
O pensamento computacional XXVII
Leitura, produção de texto e o paradigma da intertextualidade nas Ciências Humanas e Sociais Aplicadas XXIX
O papel das metodologias ativas XXX

O PAPEL DO PROFESSOR E O TRABALHO PEDAGÓGICO EM DIFERENTES CONTEXTOS XXXI
Ações concretas para a intervenção pedagógica XXXIII
Processo de argumentação e diálogo XXXIII
A prática docente e o conteúdo interdisciplinar XXXVI
Saúde mental e escola XXXVII

NOVO ENSINO MÉDIO XL
As culturas juvenis e o protagonismo do jovem nas sociedades contemporâneas XLI
A escola e os currículos em transformação XLII
As áreas de conhecimento XLIV
Os itinerários formativos XLVI

A OBRA E A BNCC XLVII
Competências gerais da Educação Básica XLVIII
Competências específicas e habilidades de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas XLIX

A PROPOSTA DA COLEÇÃO LII
Livro do Estudante LII
Estrutura da obra e recursos LII
Manual do Professor específico LIII
Videotutorial LIII
Cronograma LIV
Quadro de conteúdos LIV

COMO AVALIAR? LVII
Diversidade de formas e de instrumentos de avaliação LVIII

REFERÊNCIAS COMENTADAS LIX

ORIENTAÇÕES ESPECÍFICAS PARA ESTE VOLUME LXIII
Objetivos LXIII
Justificativa LXIII
Unidade 1: Que brasis formam o Brasil? LXIV
Temas LXIV
Objetivos LXIV
Justificativa LXIV
O trabalho com a BNCC LXV
Competências gerais da Educação Básica LXV
Competências específicas de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas LXV
Habilidades de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas LXVI
Competência específica de Linguagens e suas tecnologias LXVI
Perfil do professor LXVII
Orientações didáticas LXVII
Abertura da unidade LXVII
Percurso 1: Saberes e fazeres LXIX
Percurso 2: Relações étnico-raciais na sociedade brasileira LXXVII
Unidade 2: O que é ser civilizado? LXXXV
Temas LXXXV
Objetivos LXXXV
Justificativa LXXXV
O trabalho com a BNCC LXXXVI
Competências gerais da Educação Básica LXXXVI
Competências específicas de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas LXXXVI
Habilidades de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas LXXXVII
Competências específicas de Ciências da Natureza e suas Tecnologias LXXXVIII
Perfil do professor LXXXVIII
Orientações didáticas LXXXVIII
Abertura da unidade LXXXVIII
Percurso 3: Civilizações por toda parte XC
Percurso 4: Civilizações e transformações nas paisagens XCVIII
Unidade 3: O Estado me controla? CV
Temas CV
Objetivos CV
Justificativa CV
O trabalho com a BNCC CVI
Competências gerais da Educação Básica CVI
Competências específicas de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas CVII
Habilidades de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas CVIII
Competências específicas de Ciências da Natureza e suas Tecnologias CVIII
Competências específicas de Linguagens e suas Tecnologias CIX
Perfil do professor CIX
Orientações didáticas CIX
Abertura da unidade CIX
Percurso 5: A institucionalização da sociedade CX
Percurso 6: As sociedades e suas formas de desenvolvimento científico-tecnológico CXIX
Questões de Enem e vestibulares – gabarito CXXV

REFERÊNCIAS COMENTADAS CXXVI

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

A PROPOSTA TEÓRICO-METODOLÓGICA

As Ciências Humanas e Sociais Aplicadas: o que são?

Os estudos sobre as experiências, as ideias e as ações protagonizadas pelos seres humanos existem desde a Antiguidade. Porém, foi apenas no século XIX que eles passaram a se definir como ciência, nos moldes teóricos e metodológicos até hoje reconhecidos, ao lado de disciplinas voltadas para o conhecimento do mundo natural.

Na época de sua afirmação como ciência, História, Geografia e Sociologia, entre outras áreas, buscaram delimitar os próprios objetos de estudo recortando a experiência humana a partir de seus próprios conceitos, métodos e critérios de análise, separando-se uma das outras mediante critérios objetivos e centrados na definição de verdadeiros territórios intransponíveis do saber. As disciplinas pautaram-se pelo modelo de neutralidade científica que, então, era visto como fundamental para as ciências exatas e deveria se estender às humanas. Também os paradigmas filosóficos que constituíam os fundamentos das Ciências eram ainda pautados por abordagens positivistas, fundadas em uma estreita comprovação empírica dos fenômenos e na pouca criticidade em relação à análise ideológica da forma como os resultados científicos eram obtidos.

Herdeiro dessa tradição, o ensino escolar das Ciências Humanas foi por muito tempo marcado por uma visão disciplinar e fragmentada do conhecimento, que era "repartido" pelas diferentes áreas então disponíveis. Nessa concepção, predominante ao longo do século XIX e na primeira metade do XX, cada disciplina explicaria as experiências humanas por meio do estudo de alguma de suas dimensões: a História daria conta do estudo das sociedades no tempo, a Geografia no espaço, a Filosofia trataria dos paradigmas humanos, enquanto a Sociologia se ocuparia das sociedades contemporâneas, com as diferentes formas de cultura e relações de poder.

Especialmente na segunda metade do século XX, as diferentes áreas do conhecimento foram experimentando transformações substanciais na delimitação dos próprios objetos de estudo, estabelecendo diálogos entre diferentes aspectos das experiências individuais e sociais, e [illegible] pesquisa, que passaram a incorporar não apenas textos ou dados oficiais mas também aqueles produzidos nos mais diferentes gêneros textuais e pelos mais diferentes sujeitos.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Na atualidade, a visão cognitiva neutra e fragmentada já não corresponde nem às concepções de conhecimento presentes nos estudos científicos e epistemológicos nem às demandas para a formação de estudantes que atuem numa sociedade em rápida transformação socioeconômica e tecnológica. De acordo com Edgar Morin (2013, p. 187):

> [...] o conhecimento deve saber contextualizar, globalizar, multidimensionalizar, ou seja, ser complexo. Unicamente, um pensamento capaz de compreender a complexidade, não apenas de nossa vida, de nossos destinos, da relação indivíduo/sociedade/espécie, mas também da era planetária, pode tentar realizar um diagnóstico sobre o curso atual de nosso devir e definir as reformas vitalmente necessárias para mudar de via. Somente um pensamento complexo pode nos armar para preparar a metamorfose simultaneamente social, individual e antropológica.

Para promover aprendizados adequados a esse novo contexto científico, tecnológico e social, as políticas curriculares produzidas em diversos países e os teóricos contemporâneos da educação têm enfatizado a necessidade de adotar paradigmas complexos e interdisciplinares de conhecimento.

No currículo do Novo Ensino Médio brasileiro, os campos do saber que compõem as Ciências Humanas e Sociais Aplicadas são: **História**, **Geografia**, **Sociologia** e **Filosofia**. Contudo, para além das trajetórias específicas de construção científica de seus objetos de conhecimento – e justamente por causa delas – essas áreas devem ser pensadas à luz de possíveis diálogos entre conceitos, metodologias e abordagens. O "humano" que as define, afinal, é um só, por mais multidimensional que sejam suas experiências e suas formas de viver e de se expressar.

Por sua vez, o termo "aplicadas" na definição das Ciências Humanas não deve ser entendido de maneira utilitária, como se as competências e habilidades dessa área fossem destinadas à mera "aplicação" dos conhecimentos para executar determinadas tarefas. Na verdade, os sentidos de tal "aplicação" são:

- epistemológicos: em seu itinerário de formação, o estudante deve se apropriar de maneira crítica dos conceitos dessas áreas para que possa desenvolver capacidades de diálogo e de construção de hipóteses e argumentos que o permitam construir conhecimento;
- sociais: um esforço é feito para tentar compreender quais são as necessidades da sociedade, as consequências de viver em sociedade e como promover ações concretas para modificar aspectos da realidade social;
- éticos: dizem respeito à formação humana do estudante, fundada na busca pela compreensão do outro, pela afirmação das individualidades e singularidades humanas, pelo reconhecimento da diferença, pela construção da equidade e pela promoção dos direitos humanos.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é, nesse sentido, bastante enfática ao afirmar que:

> [...] a área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas [...] propõe a ampliação e o aprofundamento das aprendizagens essenciais desenvolvidas no Ensino Fundamental, sempre orientada para uma formação ética. Tal compromisso educativo tem como base as ideias de justiça, solidariedade, autonomia, liberdade de pensamento e de escolha, ou seja, a compreensão e o reconhecimento das diferenças, o respeito aos direitos humanos e à interculturalidade, e o combate aos preconceitos de qualquer natureza. (BRASIL, 2018a, p. 561).

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Nesta coleção, você encontrará em cada volume um convite para que o diálogo interdisciplinar supere a fragmentação e o reducionismo cognitivo, abrindo caminho para que cada temática proponha o diálogo entre conceitos teóricos e processos metodológicos que, até recentemente, eram exclusivos da abordagem de um único componente curricular.

Outro aspecto relevante é a preocupação em trabalhar temáticas que, encontrando eco em conteúdos classicamente assinalados nas Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, procuram focar na contribuição dos quatro grandes campos do saber de referência da coleção,

priorizando fundamentalmente uma abordagem integrada dos conceitos de tempo, espaço, sociedade, cultura e poder. Assim, tais conceitos não são concebidos apenas a partir de um único componente, mas do cruzamento interdisciplinar e do diálogo permanente entre eles.

Nos tópicos que seguem, você encontrará subsídios e orientações para melhor compreender a proposta das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas em nossa coleção e sua aplicação desafiadora, que passa pela emergência do pensamento computacional, pelo desenvolvimento de novas práticas de pesquisa e por novas perspectivas de problematização e contextualização do conhecimento a partir das várias culturas juvenis, foco de nossas atenções e esforços educativos.

Os conceitos norteadores

Nas Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, alcançar os objetivos de aprendizagem requer a compreensão de alguns conceitos fundamentais que orientam suas principais áreas do saber. Conceitos como tempo, espaço, sociedade, cultura e poder possuem significados múltiplos e dinâmicos, com longos históricos de debates teóricos e metodológicos.

No entanto, cabe ressaltar que, longe de uma abordagem fragmentada, esses conceitos não aparecem aqui vinculados a uma única área disciplinar. Parte-se do pressuposto de que eles fornecem possibilidades de embasar a tessitura complexa dos fenômenos e processos a serem analisados em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, estabelecendo, dessa forma, múltiplos diálogos entre si.

Tempo

Trata-se de um conceito com sentidos bastante diversos quando debatido no âmbito das Ciências Naturais (o tempo dos matemáticos e dos físicos, por exemplo) e das Ciências Humanas e Sociais. No que diz respeito à área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, o conceito de tempo, embora tradicional estruturante dos estudos históricos, é também utilizado, debatido e problematizado do ponto de vista das demais áreas do saber, já que possibilita ampliar, contextualmente, o alcance dos sentidos de determinada ação ou processo estudado.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Dentre diversos autores e antropólogos, o tempo é compreendido como uma **construção humana**, que auxilia na compreensão dinâmica dos processos de desenvolvimento tendo em vista algumas perspectivas:

- **cronológica**: o tempo tem uma trajetória múltipla, que passa pela construção dos calendários, dos relógios, das cronologias etc.;
- **temática**: dos períodos, dos conceitos e das demarcações de características dos processos humanos;
- **epistemológica interdisciplinar**: das próprias Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, como áreas do conhecimento que dialogam entre si e que têm no tempo uma categoria conceitual indispensável.

A distinção entre presente, passado e futuro, que organiza a relação que as sociedades contemporâneas têm com o tempo, é resultado de processos humanos – e não simplesmente um dado observado na natureza. Portanto, o diálogo entre essas categorias temporais não se dá de forma estanque, mas relacional, percebendo-se, por exemplo, as marcas do "presente" no entendimento construído acerca das experiências passadas. Ou as marcas do "passado" no desenvolvimento de determinadas ações e processos presentes.

> O calendário revela o esforço realizado pelas sociedades humanas para domesticar o tempo natural, utilizar o movimento natural da lua ou do sol, do ciclo das estações, da alternância do dia e da noite. Porém, suas articulações mais eficazes – a hora e a semana – estão ligadas à cultura e não à natureza. [...]
>
> A oposição passado/presente é essencial na aquisição da consciência do tempo. Para a criança, "compreender o tempo significa libertar-se do presente" (Piaget), mas o tempo da história não é nem o do psicólogo nem o do linguista. Todavia o exame da temporalidade nestas duas ciências reforça o fato de que a oposição presente/passado não é um dado natural, mas sim uma construção. (LE GOFF, 1990, p. 12-13).

Para os seres humanos, o tempo é mais do que um dado do mundo físico, medido com a frieza de um relógio. Passado e presente apresentam sentidos lógicos e afetivos que possibilitam perceber processos históricos e ajudam a construir identidades e formular projetos de futuro. Os entendimentos do que seja "passado" e "presente" são assim estabelecidos considerando o fato de não serem categorias conceituais estanques e lineares, mas diretamente relacionadas à própria percepção que indivíduos e grupos sociais têm de suas próprias experiências.

Assim, a consciência do passado pode ser vista como uma dimensão permanente da experiência humana, ligada a processos de aprendizado social e de construção de memória para além da vivência do indivíduo.

> Todo ser humano tem consciência do passado (definido como o período imediatamente anterior aos eventos registrados na memória de um indivíduo) em virtude de viver com pessoas mais velhas. [...] Ser membro de uma comunidade humana é situar-se em relação ao seu passado (ou da comunidade), ainda que apenas para rejeitá-lo. O passado é, portanto, uma dimensão permanente da consciência humana, um componente inevitável das instituições, valores e outros padrões da sociedade humana. (HOBSBAWM, 1998, p. 22).

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Nesse sentido, a consciência do tempo passou por uma ruptura fundamental na modernidade. Até então, as sociedades geralmente conceberam o passado como padrão a ser reproduzido no presente. Já nas sociedades contemporâneas do Ocidente, com base em um processo de racionalização das esferas política, cultural e econômica, tornou-se predominante a ideia de que o tempo deve se orientar para o futuro, sendo o passado concebido de maneira crítica.

Interpretar o "passado" criticamente para estabelecer um posicionamento diante das grandes questões do "presente" é, portanto, uma demanda contemporânea que se coloca para o aprendizado das Ciências Humanas. Por outro lado, também é importante problematizar a concepção de tempo, originária da Modernidade, para que a visão crítica do passado não acabe por naturalizar a ideia de progresso. Essa ideia, que foi formulada em termos filosóficos pelos iluministas durante o século XVIII, tem tido uma profunda influência na sociedade, na política e na cultura moderna, influência essa que pode começar a ser mitigada se o tempo for pensado em uma perspectiva complexa.

Como é possível perceber, os aspectos filosóficos inerentes ao processo de construção das identidades humanas devem ser especialmente privilegiados numa coleção que

procura entender a complexidade das construções espaçotemporais e socioculturais. A reflexão ética sobre as vivências temporais implica perceber os protagonismos individuais e coletivos na transformação das paisagens e na construção das relações sociais.

Em outras palavras, um aprendizado crítico a respeito do tempo envolve também o questionamento dessa concepção, para que ele não seja entendido de maneira reducionista, como um desenvolvimento linear que vai do mais simples ao mais complexo, ou do inferior ao superior, por exemplo. Na experiência humana, o tempo é vivido em cada um de seus "agoras", e não como uma linha de acontecimentos que convergem para alguma finalidade. Tal processo é o que podemos chamar de **diálogo de temporalidades**.

Nesta coleção, o tempo não é, portanto, visto numa mera sequência processual de causa-efeito, mas em um diálogo que excede a relação causal. Buscam-se outros sentidos para experiências do "presente", a partir de releituras do que se convenciona como "passado". O diálogo de temporalidades pressupõe, assim, a construção simbólica das experiências e da narratividade temporal. Ou, como salienta a BNCC:

> Assim, no Ensino Médio, os estudantes precisam desenvolver noções de tempo que ultrapassem a dimensão cronológica, ganhando diferentes dimensões, tanto simbólicas como abstratas, destacando as noções de tempo em diferentes sociedades. Na história, o acontecimento, quando narrado, permite-nos ver nele tanto o tempo transcorrido como o tempo constituído na narrativa sobre o narrado. (BRASIL, 2018a, p. 563).

Sendo assim, a narração busca atribuir sentido às experiências dos seres humanos, sem se limitar à mera descrição de processos, mas à compreensão de suas complexidades. O tempo, portanto, pensado como categoria que norteia o processo de construir experiências e atribuir sentido a elas, não se faz dissociado das condições objetivas humanas e do espaço.

Espaço

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Assim como o tempo, espaço é um conceito em permanente discussão nas Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. Espaço pode ser definido como o lugar material onde os seres humanos agem. Trata-se de uma construção histórica, uma totalidade desigual e em constante transformação e, portanto, em profunda imbricação com o diálogo de temporalidades que norteia a ação humana na transformação das paisagens.

Ao se abordar o caráter histórico-temporal da formação do espaço, este deve ser diferenciado do conceito de paisagem, que se refere a aspectos morfológicos (ou seja, à forma). A paisagem pode, portanto, ser pensada como a unidade sensível do espaço, a sua materialização efetiva em termos das percepções sensoriais dos seres humanos. Espaço, pelo contrário, diz respeito a uma realidade dinâmica, com estruturas que cumprem funções para as sociedades humanas, formando um "mosaico de elementos de diferentes eras", nas palavras do geógrafo Milton Santos.

> Consideramo-lo como algo dinâmico e unitário, onde se reúnem materialidade e ação humana. O espaço seria o conjunto indissociável de sistemas de objetos naturais ou fabricados e de sistemas de ações,

> deliberadas ou não. A cada época, novos objetos e novas ações vêm juntar-se às outras, modificando o todo, tanto formal quanto substancialmente. (SANTOS, 2008, p. 46).

O conceito de espaço reveste-se, assim, de uma íntima conexão com as dimensões temporais e contextuais a ele associadas, bem como com as relações de poder vigentes nas sociedades contemporâneas. Conexões estas que definem não apenas as dinâmicas espaciais mas também a transformação constante das próprias paisagens.

Nesse sentido, o caráter unitário do espaço ganha novas complexidades no mundo contemporâneo, com o processo de globalização e a revolução técnico-científico-informacional. Para Edgar Morin (2013, p. 21):

> [...] a globalização constitui o estado atual da mundialização. Começa em 1989, após a queda das economias ditas socialistas. É fruto da conjunção em círculo retroativo do desenvolvimento desenfreado do capitalismo que, sob a égide do neoliberalismo, se propaga pelos cinco continentes, e do desenvolvimento de uma rede de telecomunicações instantâneas (fax, telefone celular, internet). Essa conjunção efetua a unificação tecnoeconômica do planeta.

Assim, a globalização está profundamente vinculada ao desenvolvimento das forças produtivas capitalistas, a partir de alguns pressupostos básicos desse mesmo desenvolvimento:

- a presença em todos os continentes como paradigma de sua força geopolítica e econômica;
- a construção da complexidade tecnológica instaurada pela ideia de rede;
- a construção da noção de tempo real, que modifica drasticamente o fluxo de capitais e as tomadas de decisão sobre os próprios ritmos e processos produtivos e econômicos.

Os dois últimos pressupostos incidem diretamente na revolução técnico-científico-informacional, que vivencia uma difusão acelerada nas duas primeiras décadas do século XXI. Cada vez mais, a tecnologia redefine identidades espaciais e até mesmo processos de localização geográfica e de transformação da paisagem.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Do ponto de vista sociológico e antropológico, no entanto, há também de se considerar as resistências políticas e as tensões sociais decorrentes de todos esses processos, já que, de acordo com os geógrafos espanhóis Joan Font e Joan Rufí (2006, p. 35), "[...] temos que verificar seriamente até que ponto as interconexões entre as forças globais e as particularidades locais alteram as relações entre identidade, significado e lugar".

Essas alterações podem, assim, ser perceptíveis nas diferentes escalas nas quais podemos considerar o espaço geográfico: desde a escala planetária, passando pelos territórios nacionais e pelas regiões, até o lugar onde nos encontramos.

Exemplo disso é o fato de que hoje as pessoas de todo o planeta podem estar interligadas pelos mesmos instrumentos tecnológicos que conectam territórios separados por fronteiras culturais, políticas e econômicas. Para além dos impactos diretamente apreensíveis em nosso cotidiano, tais mudanças trazem novos conflitos, desigualdades e problemas de toda ordem, que precisam ser compreendidos como partes de uma mesma totalidade – o espaço geográfico.

Gordwin ODHIAMBO/AFP

Em casa, menina faz aula virtual de dança durante a pandemia da covid-19. Nairóbi, Quênia, 2020.

São importantes na formação em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas os conhecimentos relativos à conformação histórica do espaço – os processos de formação e transformação das diversas culturas, dos territórios nacionais e dos alinhamentos geopolíticos, bem como das diferentes visões de tempo que se relacionam com os processos de ocupação do espaço –, que possibilitam ir além da mera constatação de que estamos num mundo multicultural e politicamente delimitado por fronteiras que nem sempre coincidem com os diferentes processos geopolíticos e com as tensões socioculturais decorrentes da globalização.

O estudante deve ser capaz de buscar explicações para esses fenômenos na análise das estruturas e dinâmicas da sociedade global, de maneira a não se tornar apenas um reprodutor de leituras reducionistas e preconceituosas a respeito da diversidade humana e dos conflitos resultantes dela.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

> Espaço está associado aos arranjos dos objetos de diversas naturezas e, também, às movimentações de diferentes grupos, povos e sociedades, nas quais ocorrem eventos, disputas, conflitos, ocupações (ordenadas ou desordenadas) ou dominações. No espaço (em um lugar) se dá a produção, a distribuição e o consumo de mercadorias. Nele são realizados fluxos de diversas naturezas (pessoas e objetos) e são desenvolvidas relações de trabalho, com ritmos e velocidades variados. (BRASIL, 2018a, p. 563).

Evitar leituras reducionistas implica, portanto, perceber que, por um lado, o espaço fornece as bases materiais para a formação dos indivíduos e dos agrupamentos sociais, e, por outro, que as dinâmicas sociais interferem na organização espacial e na vivência dos próprios processos históricos.

No entanto, as transformações espaciais, quando fruto da ação antrópica, não ocorrem dissociadas das mudanças nas relações entre os seres humanos, fruto da inserção destes em sociedades cada vez mais marcadas por tensões, resistências e acomodações dos indivíduos no que se refere à convivência com as relações de poder vigentes.

Sociedade

A globalização redefine também o que entendemos por sociedade. Esse conceito tem sido importante na nossa própria autodefinição como seres humanos. Desde as tradições filosóficas da Antiguidade Clássica, a vida em sociedade é concebida por meio da relação que temos com nossas necessidades, como espécie, de convivermos coletivamente, já que a existência individual não é capaz de suprir nossas demandas materiais ou imateriais. Na modernidade, o conceito foi desenvolvido com sentidos diversos nas teorias políticas de pensadores como Thomas Hobbes, John Locke e Jean-Jacques Rousseau, que estabelecem uma distinção entre o Estado e a sociedade civil, na tentativa de compreender as relações entre as necessidades da vida coletiva e a organização política complexa dos Estados modernos.

Nos dias de hoje, a caracterização da sociedade a partir das interdependências da vida coletiva continua sendo importante no campo da Sociologia, para o qual o conceito de sociedade tem uma importância central.

> Atores individuais tornam-se objeto das observações de estudos sociológicos à medida que são considerados participantes de uma rede de interdependência. Por isso, e porque, não importando o que façamos, somos dependentes dos outros, poderíamos dizer que a questão central da sociologia é: como os tipos de relações sociais e de sociedades em que vivemos têm a ver com as imagens que formamos uns dos outros, de nós mesmos e de nosso conhecimento, nossas ações e suas consequências? (BAUMAN; MAY, 2010, p. 17).

Ao mesmo tempo, tal necessidade diz respeito às relações, deliberadas e conscientes, que estabelecemos com a natureza. São esses conjuntos de relações, entre as pessoas e das pessoas com a natureza, que nos produzem como indivíduos e, coletivamente, como sociedades historicamente constituídas.

> A sociedade, da qual faz parte o indivíduo, consiste em um grupo humano, ocupante de um território, com uma forma de organização baseada em tradições, práticas, hábitos, costumes, modos de ser e valores, responsáveis por [illegible]de cultural. Na construção de sua vida em sociedade, o indivíduo estabelece relações e interações sociais com outros indivíduos, constrói sua percepção de mundo, atribui significados ao mundo ao seu redor, interfere na natureza e a transforma, produz conhecimento e saberes, com base em alguns procedimentos cognitivos próprios, fruto de suas tradições tanto físico-materiais como simbólico-culturais. (BRASIL, 2018a, p. 565).

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

A interação entre os indivíduos implica um conjunto de processos culturais, políticos e econômicos que necessitam ser contextualizados. Esses processos, por sua vez, encontram-se inseridos em contextos temporais e espaciais bem definidos. Nesse sentido, o recorte interdisciplinar adotado nesta coleção busca entender as especificidades histórico-culturais e espaciais que definem cada processo de interação, considerando também a dimensão ética envolvida.

Da mesma forma, ao atribuir significados para o mundo, os indivíduos constroem leituras que explicitam seus interesses, suas intencionalidades e os impactos de suas ações nas paisagens. Nas sociedades contemporâneas, nossa socialização é marcada por uma grande fluidez de formas e significados, que tende a produzir indivíduos vulneráveis frente a realidades sociais amplas e complexas.

Diante dessa vulnerabilidade social, as Ciências Humanas e Sociais Aplicadas podem se constituir uma área do conhecimento que põe em xeque estereótipos e preconceitos, abrindo caminho para uma reflexão acerca das relações de poder e seus impactos no desenvolvimento dos indivíduos e das coletividades. Nesse contexto, cabe a você promover aprendizagens que possibilitem ao estudante conhecer e compreender pontos de vista alheios aos seus. Ao concluir esse conjunto de aprendizagens, o jovem desenvolve a noção de alteridade fundamentada na compreensão do outro, seja nos aspectos socioculturais ou físico-espaciais.

> As diferenças e semelhanças entre os indivíduos e as sociedades foram sedimentadas ao longo do tempo e em múltiplos espaços e circunstâncias. Procurar identificar essas diferenças e semelhanças tanto em seu grupo social (familiar, escolar, bairro, cidade, país, etnia, religião etc.) quanto em outros povos e sociedades constitui uma aprendizagem a ser garantida aos estudantes na área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. Para além dessa identificação, o exercício de deslocamento para outros pontos de vista e o reconhecimento de diferentes demandas políticas é central para a formação das juventudes no Ensino Médio, na medida em que ajuda a superar posturas baseadas na reiteração das referências de seu próprio grupo para avaliar os demais. (BRASIL, 2018a, p. 566).

A capacidade de estabelecer diálogos é crucial na sociedade contemporânea. No entanto, para que tais diálogos ocorram, é necessário compreender que eles são necessariamente mediados pelas formas que os indivíduos têm de elaborar suas próprias visões sobre si mesmos e sobre a forma como entendem e concebem suas diferenças em relação aos outros indivíduos. Esses processos são inerentes ao desenvolvimento de sistemas simbólicos que operam com os repertórios disponíveis para atribuir significado ao mundo. Para desenvolver claramente a compreensão desses processos, o conceito de cultura precisa ser apresentado aos estudantes.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Cultura

A cultura se relaciona com capacidades especificamente humanas de abstração e simbolização das experiências. Dentre as muitas definições contemporâneas do conceito, o antropólogo Marshall Sahlins define cultura como experiências e ações humanas organizadas por meios simbólicos. Segundo ele, o que distingue os seres humanos não é o fato de que vivemos num mundo material, com o qual interagimos – afinal, isso os animais também fazem; a relação do ser humano com o mundo material se define:

> [...] de acordo com um esquema significativo criado por si próprio, qualidade pela qual a humanidade é única. Por conseguinte, toma-se por qualidade decisiva da cultura [...] não o fato de essa cultura poder conformar-se a pressões materiais, mas o fato de fazê-lo de acordo com um esquema simbólico definido, que nunca é o único possível. (SAHLINS, 2003, p. 7).

Na modernidade, o conceito de cultura tem uma história problemática em relação a seus possíveis significados. Por ter sido concebida pelos filósofos e cientistas sociais como um

conceito oposto ao de natureza, a valorização da cultura contribuiu para promover uma cisão entre a esfera do que pertence ao "ser humano" e a do que diz respeito ao "natural". Historicamente, esse conceito foi usado tanto para justificar uma relação utilitária e predatória das sociedades com relação à natureza quanto para negar a determinados grupos a condição de seres humanos em sentido pleno, já que seriam povos cuja cultura estaria mais próxima da esfera "natural".

Durante os séculos XVIII e XIX, a "cultura" foi pensada pelas elites das sociedades europeias como "civilização", de modo a afirmar a superioridade cultural do Ocidente diante de sociedades vistas como "bárbaras" ou "primitivas", e como "refinamento", de maneira a inferiorizar as expressões, linguagens e costumes das classes populares por sua "falta de cultura". Decorre daí o costume de julgar esta ou aquela forma de expressão como desprovida de "cultura", ou então de julgar esta ou aquela pessoa como tendo mais ou menos "cultura". Esse uso comum da palavra, geralmente carregado de preconceitos, deve ser contraposto à acepção como entendida pelas Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. De acordo com as bases curriculares brasileiras:

> [...] Atualmente, as Ciências Humanas e Sociais Aplicadas compreendem a cultura a partir de contribuições de diferentes campos do saber. O caráter polissêmico da cultura permite compreender o modo como ela se apresenta a partir de códigos de comunicação e comportamento, de símbolos e artefatos, como parte da produção, da circulação e do consumo de sistemas culturais que se manifestam na vida social. Os indivíduos estão inseridos em culturas (urbanas, rurais, eruditas, de massas, populares, regionais, locais etc.) e, dessa forma, são produtores e produto das transformações culturais e sociais de seu tempo.
>
> [...] o conhecimento do Outro, da outra cultura, depende da capacidade de se indagar para indagar o Outro, atitude fundamental a ser desenvolvida na área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. Esse é o primeiro passo para a formação de sujeitos protagonistas tanto no processo de construção do conhecimento como da ação ética diante do mundo real e virtual, [...] uma multiplicidade de culturas. (BRASIL, 2018a, p. 566-567).

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Gerson Gerloff/Pulsar Imagens

Devotos de religiões afro-brasileiras durante ritual em homenagem a Iemanjá. Rio Grande (RS), 2020. Segundo o Ministério da Mulher, Família e Direitos Humanos, foram registrados em 2019 mais de 350 denúncias de intolerância religiosa no país, sendo 61% dos casos relacionados a religiões de matriz africana.

O estudo atento da maneira como indivíduos ou comunidades atribuem significado à sua própria existência e ao mundo à sua volta é revelador de relações de poder e de formas de intervenção na paisagem. Nesse sentido, o estudo das culturas é importante para a compreensão da diversidade do mundo contemporâneo.

Outra característica importante do conceito de cultura é a historicidade: as culturas são constantemente ressignificadas pelos indivíduos e pelos grupos nos constantes processos de interação com outros grupos e com o ambiente. Nesse sentido, rompe-se com a ideia de que as culturas são definidas de forma estanque, desvinculada das relações sociais e do exercício do poder vigente em dada sociedade.

Poder

O conceito de poder é também fundamental para a compreensão da experiência humana. Em seu sentido mais geral, poder é a capacidade de agir e produzir efeitos na realidade. No contexto das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, seu sentido é mais específico, já que diz respeito a ações que têm seres humanos tanto como sujeitos quanto como objetos.

Se o entendermos em sentido especificamente social, ou seja, na sua relação com a vida do homem em sociedade, o poder torna-se mais preciso, e seu espaço conceitual pode ir desde a capacidade geral de agir até a capacidade do homem em determinar o comportamento do homem: poder do homem sobre o homem. O homem é não só o sujeito mas também o objeto do poder social. A capacidade que um pai tem para dar ordens a seus filhos é poder social, assim como a capacidade de um governo de dar ordens aos cidadãos.

> [...] o meu Poder não reside numa coisa (no dinheiro, no caso), mas no fato de que existe um outro e de que este é levado por mim a comportar-se de acordo com os meus desejos. O poder social não é uma coisa ou a sua posse: é uma relação entre pessoas. (STOPPINO, 1998, p. 933).

Nesse sentido, relações de poder são constitutivas da experiência humana em qualquer de suas dimensões: estão nos processos estudados pela História, na produção do espaço geográfico, nas relações entre indivíduos e sociedade e nas interações entre culturas. Também é importante ressaltar que o poder não é exercido apenas de maneira a forçar o outro a determinada ação mas também por meio do convencimento e da manipulação. O exercício do poder pode se dar, assim, tanto como força de coação física ou moral quanto como discurso legitimador de determinada forma de autoridade.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

No mundo contemporâneo, o exercício do poder envolve instituições e estruturas sociais complexas, que requerem aprendizagens específicas. Em especial o poder dos **Estados modernos**, ligado a conceitos como os de **território**, **fronteira**, **soberania** e **regime político**.

> A política é entendida enquanto ação e inserção do indivíduo na pólis, na sociedade e no mundo, incluindo o viver coletivo e a cidadania. As discussões em torno do bem comum e do público, dos regimes políticos e das formas de organização em sociedade, as lógicas de poder estabelecidas em diferentes grupos, a micropolítica, as teorias em torno do Estado e suas estratégias de legitimação e a tecnologia interferindo nas formas de organização da sociedade são alguns dos temas que estimulam a produção de saberes nessa área. (BRASIL, 2018a, p. 567).

O poder envolve, portanto, formas de legitimação da autoridade, bem como de resistência a ela. Seu exercício influencia as maneiras como se organizam os espaços e se definem as relações sociais e econômicas. Assim, o poder, vivenciado em distintas experiências temporais e impactando a organização das paisagens, deve ser pensado numa perspectiva complexa e não fragmentada.

O paradigma da complexidade cognitiva

Os conceitos fundamentais das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas não têm definições simples ou definitivas. Para que o trabalho com esses conceitos sirva efetivamente à aprendizagem esperada dos estudantes do Ensino Médio, é preciso considerar sempre o caráter complexo da construção do conhecimento.

A palavra "complexo" tem origem no latim *complexus*, que significa "aquilo que é tecido em rede". Fundamentado nesse conceito, o **paradigma da complexidade** pode ser entendido como uma forma de construir conhecimento em rede (e não de maneira isolada, pelo aprendizado sequencial de conteúdos simples).

O ponto de partida é a percepção de que, seja no itinerário formativo de cada indivíduo, seja na produção social de conhecimentos pela humanidade, nenhum conhecimento tem origem em si mesmo. Por exemplo, para que possamos compreender conceitualmente o fenômeno da globalização, precisamos nos apropriar do conhecimento a respeito do que é o tempo histórico, o espaço geográfico, a sociedade, a cultura, o poder, a economia, as fronteiras, os Estados, as regiões, e assim por diante; ao mesmo tempo, a compreensão conceitual da globalização nos permite ressignificar cada um desses conceitos, estabelecendo redes de significados entre eles.

A complexidade é uma realidade presente na construção de cada uma das disciplinas das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. Para construir hipóteses, interpretações e conceitos, as diversas disciplinas partem do que já existia anteriormente, dentro e fora de seus domínios específicos. Cada contribuição nova enriquece conhecimentos já estabelecidos, que se conectam em rede.

Assim, não se trata de conectar os conhecimentos para produzir uma síntese simplificadora que dê conta do real, e sim buscar um conhecimento em permanente colaboração. A complexidade tem uma dimensão ética: trata-se de uma postura diante dos fenômenos da realidade que recusa a simplificação e o reducionismo.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

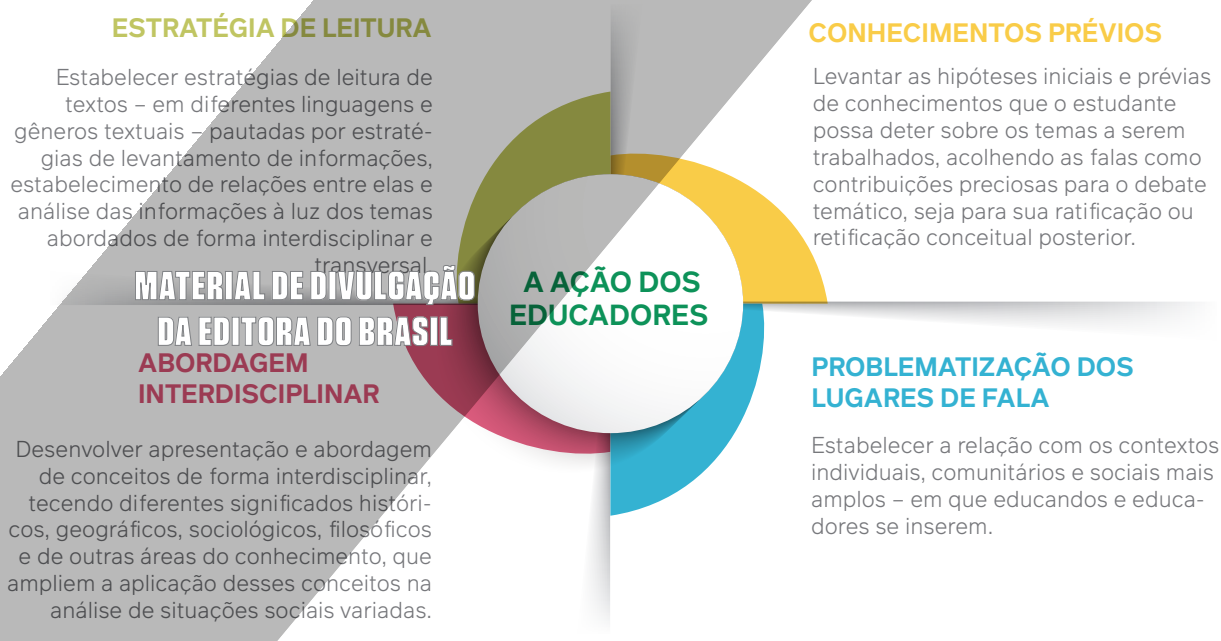
Edgar Morin adverte para o fato de que a fragmentação cognitiva e o consequente retalhamento disciplinar não dão mais conta de compreender a complexidade da vida atual.

> [...] nosso modo de conhecimento fragmentado produz ignorâncias globais. A isso combinam-se as limitações 1) do reducionismo (que reduz o conhecimento das unidades complexas ao dos elementos supostamente simples que as constituem); 2) do binarismo, que decompõe tudo em verdadeiro/falso, ou seja, o que existe é parcialmente verdadeiro ou parcialmente falso ou simultaneamente verdadeiro e falso; 3) da causalidade linear, que ignora os circuitos retroativos; 4) do maniqueísmo, que não enxerga senão oposição entre bem e mal. A reforma do conhecimento exige a reforma do pensamento. A reforma do pensamento exige um pensamento que possa religar as partes ao todo, o todo às partes e que possa conceber a relação do global com o local, do local com o global. (MORIN, 2013, p. 184).

Para Morin, a fragmentação está diretamente ligada a uma situação na qual, em vez de tentar compreender a complexidade de um problema ou de uma situação, obtém-se o efeito contrário, reduzindo o alcance ou simplificando questões que merecem ser pensadas a partir de perspectivas mais amplas, com contribuições de diversas áreas do conhecimento.

Por fim, o paradigma da complexidade cognitiva não diz respeito apenas à forma como a ciência e as universidades constroem seus conceitos. Ele se aplica também às práticas que adotamos visando à formação integral do jovem, hoje concebida como o desenvolvimento de capacidades que requerem diálogo entre diferentes realidades e autonomia na produção do conhecimento. Tecer conhecimento em rede é, assim, uma forma de preparar para um mundo global.

> Portanto, o desafio da globalidade é também um desafio de complexidade. Existe complexidade, de fato, quando os componentes que constituem um todo (como o econômico, o político, o sociológico, o psicológico, o afetivo, o mitológico) são inseparáveis e existe um tecido interdependente, interativo e interretroativo entre as partes e o todo, o todo e as partes. Ora, os desenvolvimentos próprios de nosso século e de nossa era planetária nos confrontam, inevitavelmente e com mais e mais frequência, com os desafios da complexidade. (MORIN, 2003, p. 14).



Aleksandr Bryliaev_Shutterstock.com

Assim, favorecer a percepção complexa dos fenômenos exige um compromisso com a superação da fragmentação disciplinar, que impede a compreensão das diferentes relações conceituais possíveis entre os fenômenos estudados. Nesse sentido, a coleção que você, professor, tem em mãos procura enfatizar as tessituras construídas entre diferentes conceitos na abordagem de um tema, enfatizando tanto aspectos interdisciplinares como transdisciplinares.

A interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade

Interdisciplinaridade não significa um processo simplista de abolição das fronteiras entre as disciplinas. Na construção do conhecimento sobre os seres humanos, a Filosofia, a História, a Geografia, a Sociologia, a Psicologia, a Antropologia, entre outros campos disciplinares, continuam possuindo seus próprios métodos, suas teorias, seus conceitos e suas abordagens.

Uma abordagem interdisciplinar tem por objetivo promover um diálogo entre campos específicos, para que a teia complexa de relações que explicam os fenômenos que nos cercam não fique encerrada no campo de uma única disciplina. Na perspectiva adotada nestes volumes, reconhecemos que as explicações fundadas num único campo do saber não respondem à demanda pela construção por parte dos estudantes de uma compreensão complexa da realidade.

Assim, uma primeira definição possível de interdisciplinaridade é que ela é antes de mais nada uma postura de "humildade cognitiva", ou seja, um reconhecimento de que os processos de construção do conhecimento escapam às malhas das teias explicativas disciplinares para compor novos diálogos e novas possibilidades, com conceitos, critérios metodológicos e hipóteses advindas de outros campos científicos.

Nesse sentido, podemos afirmar que a história recente da ciência e dos conhecimentos a respeito da experiência humana é feita de intensos debates interdisciplinares. Esse diálogo não significa dissolução das disciplinas, mas uma interlocução visando compreender melhor realidades que não reconhecem fronteiras conceituais.

A influência recíproca entre os campos disciplinares é, portanto, um processo que precisa ser consolidado na construção do conhecimento científico. Esta coleção leva em consideração a complexa teia interdisciplinar na qual estão os conceitos, numa reapropriação constante por várias áreas e temáticas.

Nas práticas de aprendizagem, o diálogo entre os campos do saber possibilita a construção de narrativas [illegible] a partir do objeto que está sendo trabalhado, e não a partir de um conceito [illegible] de uma única abordagem. Se a ideia é aprender sobre o que é um Estado nacional, por exemplo, podemos nos apropriar do que a Geografia, a História, a Sociologia, a Ciência Política etc. têm a nos oferecer, de forma a construir uma definição complexa, que extrapola os limites disciplinares tradicionalmente previstos. Isso ocorre por conta da necessidade de compreender o Estado como um fenômeno complexo, construído a partir de configurações territoriais, projetos de poder, formas próprias de estratificação de sociedades, e estudado por autores imbuídos de determinadas visões de mundo e concepções filosóficas. Uma abordagem puramente disciplinar seria, nesse exemplo, buscar uma definição aceita por autores de um desses campos e a tomarmos como a mais "correta". Isso representaria uma abordagem simplificadora da realidade, que encerraria a construção do conhecimento em limites imóveis, enquanto a interdisciplinaridade é dinâmica na formação de cada estudante e pode se relacionar diretamente com suas próprias histórias de vida.

> [...] à intencionalidade que marca a propriedade de estudos dessa natureza encontra-se justamente na possibilidade que encerram de conjugar diversos olhares, de construir uma compreensão multifacetada de aspectos, de

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

> produzir um conhecimento que se situa na encruzilhada de vários saberes, possibilitando uma leitura interdisciplinar das ações educativas. (FAZENDA, 2005, p. 113).

A construção de narrativas interdisciplinares parte do pressuposto de que os objetos de estudo vão muito além das barreiras e limites das diferentes disciplinas. Nesse sentido, a proposta interdisciplinar deve considerar a intenção de desenvolver habilidades que possibilitem compreender a complexidade do processo a ser estudado.

Nesta proposta, a formação do estudante é interdisciplinar, já que coloca em diálogo a organização do conhecimento sem dissolver as fronteiras disciplinares. O método de trabalho também adota um entendimento transdisciplinar da realidade, já que na prática cotidiana da construção do conhecimento é preciso extrapolar os limites entre as disciplinas.

Afinal, é para um mundo complexo que estamos formando os estudantes, que precisarão construir conhecimento em sua vida pessoal, social e profissional, sem que respostas prontas lhes sejam oferecidas. Assim, o tratamento metodológico dos conteúdos das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas deve evidenciar:

> [...] a contextualização, a diversificação e a transdisciplinaridade ou outras formas de interação e articulação entre diferentes campos de saberes específicos, contemplando vivências práticas e vinculando a educação escolar ao mundo do trabalho e à prática social e possibilitando o aproveitamento de estudos e o reconhecimento de saberes adquiridos nas experiências pessoais, sociais e do trabalho. (BRASIL, 2018b, p. 4).

Nos seis volumes desta coleção, você encontrará um tratamento interdisciplinar e integrado das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. A abordagem envolve também diálogos com as Ciências da Natureza, pois dimensões culturais e naturais da experiência humana mantêm uma teia complexa de inter-relações, a começar pelo fato de que disciplinas como Biologia ou Química possuem também uma história e são parte das estruturas sociais e de poder das sociedades contemporâneas. A contextualização e a problematização [illegible] é um dos objetivos de uma abordagem interdisciplinar, que diz respeito a todas as áreas do saber.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

A questão das fontes e da pesquisa

As abordagens interdisciplinares aproximam as práticas formativas dos estudantes daquelas que têm sido usadas para construir o conhecimento científico. Pode-se dizer o mesmo dos procedimentos de pesquisa, como a problematização, a seleção, a organização e a análise crítica das fontes e a escolha de metodologias de trabalho e de exposição.

Também nesse caso, trata-se de uma demanda de nosso tempo, marcado por novas relações dos indivíduos com as fontes de informação. Hoje, muitas dessas fontes são predominantemente digitais, realidade que facilita o acesso e, ao mesmo tempo, acrescenta outras dificuldades às atividades de pesquisa e de formação. As enciclopédias, por exemplo, que fizeram parte da formação de muitas gerações, são muito menos consultadas pelos jovens do que os mecanismos de busca em ambientes digitais.

Na internet há incontáveis fontes de pesquisa, muitas delas aplicáveis aos objetivos de formação dos estudantes; entretanto, há muitas outras que servem à difusão de desinformação, de reducionismos e de preconceitos. As chamadas *fake news* – informações que distorcem os fatos ou não se fundamentam na realidade empírica, mas cujo discurso é assertivamente construído – são o exemplo clássico do reducionismo e da desinformação diante da complexidade do conhecimento.

Ao mesmo tempo, o caráter extremamente dinâmico da sociedade contemporânea exige uma formação que capacite os indivíduos a formular problemas e a responder a eles, buscando respostas em fontes apropriadas e usando métodos que incluem o diálogo e a construção coletiva de soluções. Assim, para que os estudantes estejam preparados para atuar nessa sociedade, é preciso que sejam capazes de problematizar a própria realidade, desenvolvendo alguns dos procedimentos que constituem a produção do conhecimento científico no mundo contemporâneo. A investigação científica deve ser um dos eixos estruturantes dos itinerários formativos deles. Nos termos das diretrizes curriculares brasileiras, a investigação científica na Educação Básica supõe:

> [...] o aprofundamento de conceitos fundantes das ciências para a interpretação de ideias, fenômenos e processos para serem utilizados em procedimentos de investigação voltados ao enfrentamento de situações cotidianas e demandas locais e coletivas, e a proposição de intervenções que considerem o desenvolvimento local e a melhoria da qualidade de vida da comunidade. (BRASIL, 2018b, p. 7).

No que diz respeito às Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, o trabalho com fontes inclui tanto a leitura problematizadora e contextualizada de textos quanto os procedimentos de análise de imagens, de abordagem das fontes materiais e imateriais e de estudos de campo. Envolve ainda aprendizados relativos à construção de argumentos e de métodos de exposição. O diálogo com as diversas fontes e métodos deverá, desse modo, capacitar os estudantes para construir seus conhecimentos e elaborar seus argumentos de maneira crítica e consciente, considerando as particularidades de cada fonte, bem como a relação dela com os temas explorados em cada unidade.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

> [...] a BNCC da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas [...] define habilidades relativas ao domínio de conceitos e metodologias próprios dessa área. As operações de identificação, seleção, organização, comparação, análise, interpretação e compreensão de um dado objeto de conhecimento são procedimentos responsáveis pela construção e desconstrução dos significados do que foi selecionado, organizado e conceituado por um determinado sujeito ou grupo social, inserido em um tempo, um lugar e uma circunstância específicos.
>
> De posse desses instrumentos, espera-se que os jovens elaborem hipóteses e argumentos com base na seleção e na sistematização de dados, obtidos em fontes confiáveis e sólidas. A elaboração de uma hipótese é um passo importante tanto para a construção do diálogo como para a investigação científica, pois coloca em prática a dúvida sistemática – entendida como questionamento e autoquestionamento, conduta contrária à crença em verdades absolutas. (BRASIL, 2018a, p. 561).

A atitude de pesquisa é, dessa maneira, condição *sine qua non* da aprendizagem. E, ao pesquisar, o estudante sente-se impelido a desenvolver novo comportamento cognitivo, marcado pela busca e pelo levantamento de informações em fontes confiáveis, pelo estabelecimento de relações entre elas, pela contextualização das informações em diferentes teias e redes de conhecimento e pela elaboração de hipóteses conclusivas.

A coleção pauta-se, assim, pelo estudo criterioso das fontes de informação, fundamentado por uma metodologia que comporta o processo de extração de informações, o estabelecimento de vínculos entre elas e sua contextualização.

O estudante e a educação no século XXI

A aprendizagem e a formação integral do estudante

A realidade global do século XXI vem impondo novos desafios aos profissionais da educação. Nesse contexto, o foco na aprendizagem tem se consolidado como base de teorias e diretrizes educacionais em todo o mundo. Trata-se de conceber a educação tendo como pressuposto que o estudante é o sujeito da construção do conhecimento, e esse processo inclui, fundamentalmente, a prática da leitura, entendida aqui num sentido muito mais amplo do que como mera decodificação de um texto.

Com isso, amplia-se o escopo do que os estudantes devem saber – em relação a conhecimentos, habilidades, atitudes e valores – e, principalmente, do que eles devem saber fazer. Afinal, é preciso que o sujeito do século XXI saiba aplicar o aprendizado na resolução dos desafios cada vez mais complexos da vida cotidiana, da prática da cidadania e da atuação em um mundo do trabalho em rápida transformação. São demandas contemporâneas que incidem fundamentalmente nas relações com o outro.

Essa dimensão de percepção, reconhecimento e relação com o outro – a alteridade – deve ser pensada, pelo menos, sob dois aspectos metodológicos. O primeiro se relaciona com a próprima [illegible] al e atitudinal das temáticas propostas, que problematiza a relação co[illegible] de diferentes enfoques. O segundo diz respeito ao desenvolvimento de habilidades que propõem a compreensão da diversidade humana e da pluralidade de culturas, opiniões e significados atribuídos ao mundo.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Portanto, as transformações vivenciadas no mundo contemporâneo impõem aos professores a necessidade de trabalhar dimensões da vida dos jovens que não faziam parte das teorias e práticas da educação escolar tradicional. O conceito norteador dessa ampliação dos objetivos da formação escolar, consolidada na legislação e nas diretrizes educacionais brasileiras, é a formação integral.

Em consonância com as novas demandas e diretrizes da educação no Brasil e no mundo, os conteúdos curriculares apresentados nesta coleção estão a serviço do desenvolvimento de competências e habilidades que visam à formação integral dos jovens no que diz respeito não somente à sua capacidade intelectual mas também às dimensões física, social, emocional e cultural deles. Os temas abordados, as metodologias utilizadas e os enfoques propostos priorizam justamente o encontro dos estudantes com diferentes formas de perceber as dinâmicas humanas e os encontros com as diferenças.

Buscar uma formação integral requer do professor um olhar focado na aprendizagem, entendida como desenvolvimento de todas essas dimensões. Para isso, é preciso superar modelos que enfocam o mero processo de aquisição de conceitos, descontextualizados ou não problematizados – por exemplo, a ideia de que existe uma trajetória única e linear que os estudantes devem seguir para atingir determinado saber ou, ainda, as concepções que reduzem o processo de aprendizado a somente uma de suas dimensões. Assim, é preciso romper com a fragmentação das disciplinas para que os conteúdos ganhem sentido por meio do diálogo com as experiências e trajetórias específicas dos estudantes, entendidos como sujeitos do conhecimento escolar.

Aspecto importante dessa formação é a compreensão de que seres humanos são, como afirma Lev Vygotsky, "seres animais que simbolizam", e que, nesse processo, o desenvolvimento de capacidades complexas é instrumento que serve à formação de um ser humano em sua integridade, cujo objetivo é sua autonomia. Trata-se de dotar o estudante de instrumentos de simbolização que permitam ampliar seu universo relacional para a resolução de problemas específicos de cada trajetória de vida.

> A invenção e o uso de signos como meios auxiliares para solucionar um dado problema psicológico (lembrar, comparar coisas, relatar, escolher etc.) é análoga à invenção e uso de instrumentos, só que agora no campo psicológico. O signo age como um instrumento da atividade psicológica de maneira análoga ao papel de um instrumento no trabalho. (VYGOTSKY, 1991, p. 59-60).

Nas Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, a formação integral requer a compreensão de que os processos de simbolização do mundo estão marcados por intencionalidades e relações de poder. A formação crítica e contextualizada no que se refere a fontes e métodos é fundamental para que as competências e habilidades requeridas nessa área sejam cumpridas em cada percurso formativo, a fim de se desvendarem analítica e criticamente tais relações e intencionalidades.

As narrativas curriculares em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

O currículo da Educação Básica se transformou radicalmente ao longo do tempo. Os conteúdos que compõem cada disciplina se alteraram e as próprias concepções e expectativas de formação são hoje muito diversas daquelas de gerações anteriores. Não são apenas os desenvolvimentos científicos que causam essas mudanças, já que a epistemologia que sustenta a construção dos currículos está em permanente interação com a sociedade. Portanto, a definição deles sempre envolve relações de poder.

> O currículo é sempre o resultado de uma seleção: de um universo mais amplo de conhecimentos e saberes seleciona-se aquela parte que vai constituir, precisamente, o currículo. [...] Selecionar é uma operação de poder. Privilegiar um tipo de conhecimento é uma operação de poder. Destacar, entre as múltiplas possibilidades, uma identidade ou subjetividade como sendo a ideal é uma operação de poder. As teorias do currículo não estão, nesse sentido, situadas num campo "puramente epistemológico", de competição entre "puras" teorias. As teorias do currículo estão

> ativamente envolvidas na atividade de garantir o consenso, de obter hegemonia. As teorias do currículo estão situadas num campo epistemológico social. As teorias do currículo estão no centro de um território contestado. (SILVA, 2010, p. 15-16).

Por exemplo, os livros didáticos de História do Brasil de um século atrás praticamente nada nos diziam sobre as histórias e as culturas de matrizes indígenas e africanas, assim como os manuais de Filosofia da mesma época nada nos contavam sobre as experiências e visões de mundo de mulheres que produziram esse tipo de conhecimento. Essas e outras mudanças foram, em grande medida, respostas das organizações curriculares às demandas de sociedades nas quais o direito à igualdade e o direito à diferença foram postos como objetivos a serem alcançados.

Assim, a definição do currículo em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas implica uma operação cognitiva centrada na formação da subjetividade dos estudantes. Por isso, o desenvolvimento de comportamentos cognitivos deve apontar em um sentido claro: a formação da democracia por meio do desenvolvimento de cidadãos capazes de operar subjetivamente com o diálogo interdisciplinar e a percepção da diversidade social, respeitando às diferentes manifestações dos outros.

Mas não foi apenas o conteúdo dos currículos que mudou. Também foram profundas as transformações nos sentidos e nas relações que o currículo estabelece com os processos de aprendizagem. Não se trata mais de oferecer listas intermináveis de conceitos ou informações que deveriam ser memorizadas e assumidas integralmente como verdade pelos estudantes.

A nova organização do Ensino Médio no Brasil estabelece que os conteúdos curriculares estão a serviço do desenvolvimento de competências e habilidades que devem ser disponibilizadas a todos os estudantes. Nesse modelo, as competências e habilidades são comuns a todos, enquanto os currículos são variados, já que dialogam com as exigências da diversidade tanto regional e local como cultural e econômica dos estudantes.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Além de competências gerais, a BNCC define aquelas de cada componente curricular. Contudo, elas devem ser abordadas de uma perspectiva interdisciplinar e focada na aprendizagem.

> Essa nova estrutura do Ensino Médio, além de ratificar a organização por áreas do conhecimento – sem desconsiderar, mas também sem fazer referência direta a todos os componentes que compunham o currículo dessa etapa –, prevê a oferta de variados itinerários formativos, seja para o aprofundamento acadêmico em uma ou mais áreas do conhecimento, seja para a formação técnica e profissional. Essa estrutura adota a **flexibilidade** como princípio de **organização curricular**, o que permite a construção de currículos e propostas pedagógicas que atendam mais adequadamente às especificidades locais e à multiplicidade de interesses dos estudantes, estimulando o exercício do **protagonismo juvenil** e fortalecendo o desenvolvimento de seus projetos de vida. (BRASIL, 2018a, p. 468).

Assim, o currículo não é entendido como um conjunto de conteúdos a serem transmitidos em um percurso linear e unilateral dos professores aos estudantes. Esse modo de pensar está ligado a formas tradicionais de ensino, que não abarcam a diversidade das trajetórias dos estudantes na construção do conhecimento. A concepção curricular proposta aqui parte de determinadas abordagens espaçotemporais e socioculturais e privilegia a compreensão da complexidade dos fenômenos humanos.

Os volumes desta coleção são organizados de modo a possibilitar que a construção do currículo não se encerre no conteúdo da obra. Ela prossegue nas práticas dos professores e dos estudantes, sujeitos desse processo, pois tomam decisões na definição de suas narrativas curriculares.

Sergio Pedreira/Pulsar Imagens

Estudantes e professora interagem em aula de escola pública. Salvador (BA), 2018.

> [...] BNCC e currículos têm papéis complementares para assegurar as aprendizagens essenciais definidas para cada etapa da Educação Básica, uma vez que tais aprendizagens só se materializam mediante o conjunto de decisões que caracterizam o currículo em ação. São essas decisões que vão adequar as proposições da BNCC à realidade local, considerando a autonomia dos sistemas ou das redes de ensino e das instituições escolares, como também o contexto e as características dos alunos. (BRASIL, 2018a, p. 16).

A contextualização dos conteúdos em tramas de reflexão temática, bem como a decisão por abordagens interdisciplinares que priorizem um alcance maior dos conceitos em seu diálogo com os processos estudados, constituem-se em um eixo paradigmático adotado em toda a coleção e que se funda na necessidade de engajar os estudantes na aprendizagem da complexidade da vida humana.

O diálogo com a contemporaneidade

As rápidas transformações que caracterizam a sociedade contemporânea não devem nos fazer perder a capacidade de imaginar outros tempos, outras formas de produção e organização do conhecimento, bem como outras possibilidades de vivência social e individual. Essa é a condição fundamental para que possamos dialogar com temporalidades distintas. Em especial, para os jovens que já cresceram integrados à cultura digital, outros tempos podem ser difíceis de conceber sem uma atitude deliberada de busca pelo conhecimento – busca essa que deve ser estimulada nos processos de aprendizagem.

O diálogo de temporalidades está entre as capacidades exigidas dos jovens pela sociedade contemporânea. Para que um diálogo se estabeleça, é preciso que o outro seja reconhecível, problema que se coloca tanto para as temporalidades quanto para os limites dos espaços, das culturas e das sociedades. A busca pelo diálogo é uma busca para compreender o outro que se encontra para além de alguma(s) dessas fronteiras.

A periodização, instrumento de delimitação das rupturas e continuidades no tempo, é um dos instrumentos que servem a esse propósito.

> A importância essencial da periodização deve-se ao fato de que ela aborda, na própria cronologia, o problema central da temporalidade moderna. Desde que o tempo é portador de novidades e surpresas, a questão consiste em articular a variável com o que subsiste. O problema continuidade e/ou ruptura é tão debatido simplesmente por ser consubstancial à nossa concepção do tempo; a periodização permite pensar, a um só tempo, a continuidade e a ruptura. Ela começa por afetar um desses aspectos e, em momentos diferentes, o outro: continuidade no interior dos períodos e ruptura entre eles. (PROST, 2012, p. 107).

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Ao sermos capazes de imaginar contextualmente um outro tempo, reconhecemos melhor o nosso próprio. E para concebê-lo é importante nos apropriarmos de categorias conceituais interdisciplinares que permitam o entendimento de como os seres humanos, em épocas distintas, produziam paisagens, organizavam-se socialmente e criavam visões de mundo e de poder específicas. No entanto, o diálogo entre temporalidades tem um sentido de aprendizagem do "espaço de experiência" que informa os "horizontes de expectativas" dos estudantes.

Aprender as temporalidades que nos constituem nos capacita a elaborar esperanças, medos, desejos, vontades, inquietudes, cálculos racionais e tudo que compõe o que esperamos para o futuro.

Assim, cruzar temporalidades tem um sentido não apenas historiográfico, de compreensão das sociedades no tempo, mas também envolve aprendizados relativos à formação do sujeito num mundo em que as expectativas são alimentadas em sentidos muito diversos. Desse modo, uma formação que leve em conta o projeto de vida dos estudantes deve capacitá-los a elaborar as próprias experiências e expectativas com maior autonomia.

Proposição didático-pedagógica

Investigação provocativa: problematização como ponto de partida

O ponto de partida do diálogo com outras temporalidades é o presente, momento no qual nos indagamos sobre o futuro e o passado. Problematizar é desnaturalizar o olhar. Trata-se de um ato de conhecimento que envolve as estruturas cognitivas e emocionais do indivíduo e que serve de fundamento ao espírito científico, que permite ir além da opinião.

> O espírito científico proíbe que tenhamos uma opinião sobre questões que não compreendemos, sobre questões que não sabemos formular com clareza. Em primeiro lugar, é preciso saber formular problemas. E, digam o que disserem, na vida científica os problemas não se formulam de modo espontâneo. É justamente esse sentido do problema que caracteriza o verdadeiro espírito científico. Para o espírito científico, todo conhecimento é resposta a uma pergunta. Se não há pergunta, não pode haver conhecimento científico. Nada é evidente. Nada é gratuito. Tudo é construído. (BACHELARD, 1996, p. 18).

A problematização é condição para a aprendizagem nas diversas áreas do saber que compõem o currículo escolar e uma das etapas necessárias da pesquisa. No que diz respeito às competências e habilidades da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, a problematização é o procedimento que permite a desnaturalização, ou seja, a percepção de que as dimensões culturais e sociais do ser humano estão atuando na realidade. Ao problematizar, ativamos nossas hipóteses cognitivas, desconfiamos de juízos preestabelecidos, ativamos nossa curiosidade em busca do que não é perceptível a olho nu.

Trata-se de um ato de grande importância, já que permite, entre outros processos cognitivos, reconhecer desigualdades e preconceitos que, por serem profundamente enraizados, podemos não perceber. Além disso, permite identificar formas de intolerância e discriminação que se sustentam sobre esses preconceitos, muitas vezes "invisíveis" para quem não os [illegible] dimensão da problematização se relaciona à reflexão ética e à construção de noções de justiça. Quem questiona e investiga está optando por não se contentar com a própria opinião preconcebida e, portanto, com seus preconceitos, superando-os em busca de olhares emancipatórios e eticamente responsáveis.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Em cada unidade destes volumes, a problematização do tempo presente é o ponto de partida, mesmo quando o conteúdo se situa em outros tempos. Ao final de cada unidade, o presente também será questionado. A proposta é a de formar um olhar capaz de problematizar. Assim, os estudantes produzirão um ato de conhecimento sobre o "humano" que dialoga com outros tempos e espaços, com o objetivo de desnaturalizar o presente.

Para isso, é preciso "provocar a consciência", nos termos da BNCC:

> [...] para garantir as aprendizagens essenciais definidas para a área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, é imprescindível que os jovens aprendam a provocar suas consciências para a descoberta da transitoriedade do conhecimento, para a crítica e para a busca constante da ética em toda ação social. (BRASIL, 2018a, p. 569).

O pensamento computacional

Ao longo das últimas décadas, incorporaram-se ao cotidiano das pessoas os instrumentos tecnológicos que possibilitam o uso do processamento de informações na resolução de problemas. Esses processos alteraram profundamente a forma pela qual vivemos os desafios cotidianos, bem como a maneira de olhar a própria dinâmica do dia a dia: algoritmos, sistemas, bases de dados, inteligência artificial, entre outros. Não são problemas que dizem respeito apenas aos matemáticos e programadores, já que interferem em nossas relações interpessoais, no trabalho, no consumo e no modo de construirmos conhecimento.

> A preocupação com os impactos dessas transformações na sociedade está expressa na BNCC e se explicita já nas competências gerais para a Educação Básica. Diferentes dimensões que caracterizam a computação e as tecnologias digitais são tematizadas, tanto no que diz respeito a conhecimentos e habilidades quanto a atitudes e valores. (BRASIL, 2018a, p. 474).

Diretamente vinculado ao mundo e à cultura digital, mas não necessariamente restrito a eles, o pensamento computacional é uma das dimensões importantes para a implementação de competências e habilidades previstas no currículo escolar. Ainda segundo a BNCC (BRASIL, 2018a, p. 475), o pensamento computacional envolve "[...] capacidades de compreender, analisar, definir, modelar, resolver, comparar e automatizar problemas e suas soluções, de forma metódica e sistemática, por meio do desenvolvimento de algoritmos".

A busca para a solução de problemas recorrendo à interação entre seres humanos e máquinas possibilita, assim, desenvolver as potencialidades do espírito de investigação e da criatividade. Mais do que um instrumento para a pesquisa, trata-se do:

> [...] processo de reconhecer aspectos da computação no mundo que nos rodeia e aplicar ferramentas e técnicas para entender e raciocinar sobre sistemas e processos naturais, sociais e artificiais. Na escola, o pensamento computacional permite que os alunos resolvam problemas, os dividam e criem algoritmos para solucioná-los. (ANDRÉ, 2018, p. 96).

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

O pensamento computacional é importante também no que diz respeito à formação dos estudantes para o dinamismo e a imprevisibilidade das condições de integração no mercado de trabalho, bem como na análise e intervenção nas diversas situações e circunstâncias cada vez mais imprevisíveis da vida cotidiana. Pouco sabemos hoje como serão as profissões daqui a algumas décadas, tamanho o impacto das novas tecnologias.

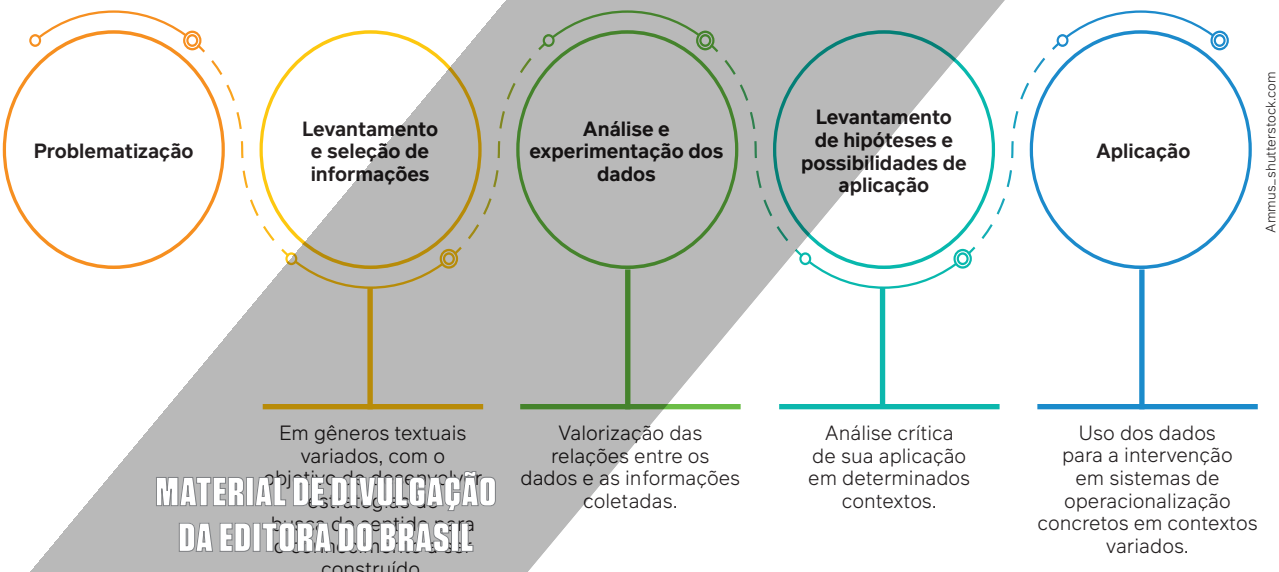
> É preciso garantir aos jovens aprendizagens para atuar em uma sociedade em constante mudança, prepará-los para profissões que ainda não existem, para usar tecnologias que ainda não foram inventadas e para resolver problemas que ainda não conhecemos. Certamente, grande parte das futuras profissões envolverá, direta ou indiretamente, computação e tecnologias digitais. (BRASIL, 2018a, p. 473).

Para cumprir esses objetivos de aprendizagem, as Ciências Humanas e Sociais Aplicadas podem desenvolver capacidades no sentido de formar pessoas para agirem sob a influência da computação. Não se trata de esperar dos professores da área que ensinem aos estudantes como desenvolver sistemas. O objetivo é formá-los para um mundo no qual é preciso

dialogar criticamente com os muitos sistemas computacionais com os quais interagimos constantemente, bem como com as dinâmicas de leitura, produção e circulação de informações decorrentes dessa interação.

> Segundo Dorling, Selby e Woollard (2015), o pensamento computacional deve servir à formação de pessoas para que possam participar e usufruir das oportunidades, das responsabilidades e dos desafios inerentes a uma sociedade na qual a influência da computação se faz cada vez mais presente. É preciso, portanto, que os cidadãos sejam capazes de criar artefatos a partir de análises bem fundamentadas, participar das decisões que afetem suas vidas, organizando um conjunto de valores mediado na consciência da importância de seu próprio aperfeiçoamento e no aprimoramento das relações sociais. (ANDRÉ, 2018, p. 97).

Assim, o pensamento computacional é desenvolvido do ponto de vista metodológico mediante estratégias envolvendo uma série de processos cognitivos que promovam as seguintes ações:



MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

É preciso também considerar a existência de estudantes com perfis muito diversos quanto à relação com as novas tecnologias e o pensamento computacional. Para muitos jovens, o entendimento da linguagem dos algoritmos e dos sistemas é como o aprendizado de uma língua materna. Para outros, esse universo é praticamente inacessível para além de suas manifestações mais aparentes, sendo tão incompreensível quanto um idioma estrangeiro. Por exemplo, entre aqueles extremamente familiarizados com esse universo, é preciso problematizá-lo para, assim, provocar o estudante a pensar para além de uma linguagem que, em seu cotidiano, aparece como natural. Já no que diz respeito aos que veem os sistemas computacionais como um universo estranho, é preciso provocar questionamentos que possibilitem desfazer os mistérios que cercam essas tecnologias. Entre esses extremos, há muitas situações possíveis, e os professores precisam estar prontos para lidar com a diversidade, pois todos os perfis demandam o desenvolvimento de capacidades peculiares.

Leitura, produção de texto e o paradigma da intertextualidade nas Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Assim como os algoritmos não dizem respeito apenas às preocupações curriculares da Matemática, leitura e produção de texto não devem ser a preocupação somente de professores da área de Linguagens. A área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas é rica em possibilidades para o desenvolvimento de capacidades relacionadas à leitura e à produção de textos, em diferentes linguagens e gêneros.

É papel da educação escolar, em todas as suas áreas, criar condições para que os estudantes desenvolvam interações com os textos, entendidos como unidades de significado cognitivo, na condição de leitores e de autores. Para formar leitores e autores autônomos, é preciso que os professores se coloquem como mediadores, sem fixar significados prontos, mas promovendo a construção do conhecimento.

Para que os estudantes desenvolvam um processo de leitura, é preciso atentar para os perigos de considerar a leitura do educador como único processo possível e plausível. Nesse sentido, a professora Eni Orlandi (1987, p. 212) faz uma ponderação:

> A relação de interação (leitor/texto/autor) estabelecida na escola, tem como mediador o professor. Uma vez que, segundo a ideologia escolar, o professor é que tem a leitura que se deve fazer (a boa leitura, a legítima), essa relação, além de ser, na maioria das vezes, heterogênea, é, necessariamente, assimétrica: o saber do professor e seus objetivos é dominante em relação ao saber e os objetivos do aluno.

É preciso planejar atividades de leitura que permitam ao estudante não apenas obter informações sobre os temas tratados mas estabelecer vínculos entre essas informações e o contexto de discussão e debate em que os textos se inserem. Nesse sentido, a leitura do texto possibilita que os estudantes se tornem sujeitos do próprio conhecimento. A autonomia deles não significa, no entanto, que a função do professor seja secundária, pelo contrário.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

> [...] a categoria de mediador não é transparente. Ao contrário, o mediador tem uma função decisiva na constituição das relações de poder. Ser mediador, no domínio do discurso, é fixar sentidos, é organizar as relações e disciplinar os conflitos. Além disso, essa reflexão também nos indica que o ato de nomear tem implicações ideológicas decisivas. (ORLANDI, 1987, p. 275).

Portanto, possibilitar a construção de leitores e autores que se relacionem com textos de maneira autônoma é objetivo a ser buscado na área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas.

A formação do estudante como leitor e produtor de textos envolve também a compreensão das linguagens, antigas e novas, que vão além da linguagem escrita.

> As práticas de leitura e produção de textos que são construídos a partir de diferentes linguagens ou semioses são consideradas práticas de multiletramentos, na medida em que exigem letramentos em diversas linguagens, como as visuais, as sonoras, as verbais e as corporais. Já os novos letramentos remetem a um conjunto de práticas específicas da mídia digital que operam a partir de uma nova mentalidade, regida por uma ética diferente. (BRASIL, 2018a, p. 487).

Por fim, uma leitura e produção de textos autônoma requer aprendizados relativos à intertextualidade, que são desenvolvidos na área de Linguagens desde o Ensino Fundamental. Intertextualidade se refere às relações que diferentes textos estabelecem entre si. Assim, a formação para uma leitura intertextual significa desenvolver a capacidade de manejar citações e paráfrases, interpretar e criar diferentes estilos e vozes em um texto etc.

A capacidade de autonomia como leitor e produtor de textos está relacionada à intertextualidade. Quanto mais os estudantes são capazes de perceber que textos levam a outros textos, que dialogam entre si e que autores e leitores compartilham uma história social e cultural comum, mais eles podem explorar livremente as possibilidades da linguagem textual.

O papel das metodologias ativas

A educação escolar hoje se orienta para a promoção de aprendizados de competências e habilidades que servem à vida do estudante em sentido integral. Teoria e prática devem ser constantemente relacionadas durante todo o processo formativo deles para que essa orientação resulte em transformação real de suas condições de autonomia.

Assim, desde as realidades locais até os grandes temas globais podem ser objetos de aprendizado que promovem o diálogo entre conteúdos curriculares e demandas pessoais e sociais do estudante, provocadas ou não pelos educadores.

As metodologias ativas são uma alternativa ao modelo tradicional de ensino e se propõem a colocar educadores e educandos em parceria na execução de atividades por percursos distintos que levam a diferentes formas de construção do conhecimento. Além disso, elas desenvolvem o protagonismo dos estudantes, ampliando suas possibilidades de leitura crítica do mundo.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Para tanto, é preciso ter em mente o caráter complexo e interdisciplinar do conhecimento, bem como o lugar da problematização como fundamento do espírito científico e de uma relação ética com o conhecimento e o mundo. Acolher questionamentos e provocá-los são parte importante do ofício do professor no contexto contemporâneo.

A indissociação entre teoria e prática e entre o saber e o fazer é característica de um conhecimento comprometido com uma formação para a vida. Isso pode ocorrer em diferentes escalas, desde as problematizações com base no contexto local – a escola, o bairro, a comunidade etc. – até aquelas com uma dimensão global. O papel dos professores é essencial nesse processo, inclusive naquilo que diz respeito ao currículo.

Cada pessoa é um universo de saberes, afetos, experiências e expectativas. Tornar-se capaz de buscar conhecimento autonomamente e de maneira complexa é crucial para que o diálogo entre elas se estabeleça. Assim, cabe ao professor acolher e provocar questionamentos de forma a construir com os estudantes o currículo que se adéqua ao projeto de vida de cada um.

O PAPEL DO PROFESSOR E O TRABALHO PEDAGÓGICO EM DIFERENTES CONTEXTOS

O lugar do professor na educação contemporânea não é mais o de se colocar como o portador do conteúdo a ser transmitido aos estudantes nem o de conduzi-los a uma compreensão preestabelecida do conhecimento humano. A formação do professor deve, portanto, estabelecer diálogo com a complexidade cognitiva em que cada um de nós – como seres humanos e cidadãos – está inserido.

Assim, educar para a autonomia é assumir um papel de mediação do diálogo entre os estudantes e a bagagem intelectual que os precede, tendo em vista o desenvolvimento de suas aprendizagens. Essas aprendizagens não se fazem apenas e tão somente pela sistematização de conceitos previamente dispostos em fontes de referências específicas mas numa abordagem que priorize uma concepção de currículo que pressuponha o diálogo de cada estudante – pensado como autor do próprio conhecimento – com essas mesmas fontes de referência.

Nesta coleção, cada unidade é iniciada por uma problematização desencadeadora de questionamentos e reflexões que serão amplamente discutidos e contemplados. Logo a seguir, três perguntas norteadoras visam, justamente, que o educador possa investigar as hipóteses cognitivas dos estudantes sobre o tema proposto. Assim, as problematizações podem se constituir como verdadeiras fontes de pesquisa para os educadores contextualizarem os assuntos que serão trabalhados partindo dos lugares de fala dos estudantes.

Na concepção desta coleção, o currículo não é um conjunto fechado de conhecimentos a serem transmitidos, mas uma construção dialógica que se estende ao trabalho do professor e aos próprios processos de construção do conhecimento elaborados pelos estudantes. Ao longo das unidades e percursos, é possível perceber claramente que a linguagem adotada – rigorosa conceitual e metodologicamente, e clara do ponto de vista de sua compreensibilidade – permite aos jovens estabelecer diferentes diálogos com os problemas e os contextos apresentados para sua reflexão científica interdisciplinar.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Assim, "diálogo" pode ser definido, de um ponto de vista da linguagem, como fundamento da comunicação verbal com o outro:

> O diálogo, por sua clareza e simplicidade, é a forma clássica da comunicação verbal. [...] Ora, a relação que se estabelece entre as réplicas do diálogo — relações de pergunta-resposta, asserção-objeção, afirmação-consentimento, oferecimento-aceitação, ordem-execução, etc. — é impossível entre as unidades da língua (entre as palavras e as orações) [...]. Esta relação só é possível entre enunciados provenientes de diferentes sujeitos falantes. Pressupõe o outro (em relação ao locutor) membro da comunicação verbal.
> [...]
> O locutor não é um Adão, e por isso o objeto de seu discurso se torna, inevitavelmente, o ponto onde se encontram as opiniões de interlocutores

> imediatos (numa conversa ou numa discussão acerca de qualquer acontecimento da vida cotidiana) ou então as visões do mundo, as tendências, as teorias, etc. (na esfera da comunicação cultural). A visão do mundo, a tendência, o ponto de vista, a opinião tem sempre sua expressão verbal. É isso que constitui o discurso do outro (de uma forma pessoal ou impessoal), e esse discurso não pode deixar de repercutir no enunciado. O enunciado está voltado não só para o seu objeto mas também para o discurso do outro acerca desse objeto. (BAKHTIN, 1997, p. 294-295 e 320-321).

Ao dialogarmos, construímos argumentos que se apoiam no que já foi enunciado pelos outros. Assim, não somente nos posicionamos a respeito dos conteúdos abordados nas falas mas também de suas intencionalidades e propostas de intervenção na realidade concreta. Desse modo, o protagonismo juvenil não é algo que deva ser encontrado apenas nos temas ou no desenvolvimento da linguagem educacional. Ele deve ser exercido também metodologicamente, por meio do desenvolvimento de habilidades de análise relacional de argumentos e de posturas atitudinais de escuta, reflexão e proposição ética da dúvida e da discordância.

Esse fundamento da comunicação é também epistemológico, já que o questionamento e o estabelecimento do diálogo estão na base da construção do conhecimento, seja na Filosofia, nas Ciências, nas Artes ou nas práticas da educação escolar. Em relação à formação científica nas escolas, Bachelard (1996, p. 300) afirma que:

> [...] para que a ciência objetiva seja plenamente educadora, é preciso que seu ensino seja socialmente ativo. É um alto desprezo pela instrução o ato de instaurar, sem recíproca, a inflexível relação professor-aluno. [...] Nas disciplinas científicas principalmente, esse tipo de instrução cristaliza no dogmatismo o conhecimento que deveria ser um impulso para a descoberta. Além disso, não propicia a experiência psicológica do erro humano.

O papel do professor é, portanto, o de mediador de diálogos que fazem do conhecimento um processo sempre inacabado de construção. Trata-se de um papel ativo, tanto na fala como na escuta, tanto na problematização como no acolhimento de argumentos e problematizações.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Nesta coleção, o trabalho com o diálogo é buscado tanto da perspectiva epistemológica como da perspectiva metodológica e ética. Isso se evidencia em vários momentos específicos, dentre os quais se destacam:

- a valorização de diferentes perspectivas ou pontos de vista, expressos por atores e protagonistas diversos, individuais e sociais, em sua relação com o tema trabalhado;
- o enfoque interdisciplinar, que possibilita ao estudante construir argumentos recorrendo a conceitos procedentes de diferentes áreas do conhecimento e que encontram na argumentação um lugar propício para sua formulação complexa;
- a valorização das problematizações, das inferências e das vivências de pesquisa que favorecem diferentes posturas de diálogo entre os indivíduos, e destes com o mundo à sua volta.

Uma vez definida a necessidade de construção de uma teia cognitiva complexa, interdisciplinar e que estabeleça diálogos entre os mais diferentes sujeitos histórico-sociais, importa agora indicar ações concretas que os professores poderão adotar ao trabalhar com estes volumes.

Ações concretas para a intervenção pedagógica

Processo de argumentação e diálogo

A abertura ao diálogo parte da problematização da realidade e envolve, em papéis diferentes, professores e estudantes. Aqui ela é entendida como a capacidade que o indivíduo tem de se sentir mobilizado a estabelecer dúvidas ou questionamentos acerca dos impactos que determinado tema pode ter na sociedade ou em sua própria vida.

Cada unidade desta coleção é precedida por uma **problematização**, que pode ser o ponto de partida para diferentes questionamentos sobre determinado tema. O objetivo central da problematização inicial é pôr em prática a dúvida sistemática, que abre caminho aos jovens para questionar o mundo e a si próprios, superando, assim, o apego a crenças absolutas e a argumentos preconcebidos. Além disso, elas servem para estimular a interação com diferentes pontos de vista e a escuta ativa deles, incluindo a [illegible] relação ao tema trabalhado.

A metodologia da problematização é uma alternativa inovadora, que visa a um ensino que ultrapasse a abordagem tradicional e que inspire e estimule, nos educandos e educadores, uma postura investigativa.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Portanto, a problematização possibilita, do ponto de vista metodológico:

- questionar conhecimentos antes considerados inquestionáveis;
- gerar o "estranhamento" necessário à investigação e à exploração científica;
- conhecer diferentes pontos de vista sobre um mesmo tema, ampliando o repertório de dúvidas, os questionamentos ou as visões a respeito dele;
- valorizar as experiências dos estudantes, que são estimulados a assumir o protagonismo de seu processo de aprendizagem;
- oferecer condições para que os estudantes possam inferir conhecimentos de forma contextualizada e autoral.

Os desafios para transformar as problematizações em diálogo fértil à produção de conhecimento são inúmeros. Em uma turma, encontramos pessoas que se diferenciam quanto aos conhecimentos específicos que têm, quanto às habilidades, às atitudes e aos valores, inclusive no que diz respeito à relação com professores, com a escola e com os demais estudantes. Nesse contexto, compreender a diversidade das trajetórias, segundo as quais os estudantes produzem suas inferências, é essencial para a ação pedagógica.

Inferência

Trata-se da operação cognitiva por meio da qual a pessoa produz novas proposições, tendo por base outras que foram colocadas diante dela. Sendo cada indivíduo singular em suas vivências e nos significados que atribuem a elas ao longo da vida, a inferência é uma operação que ocorre de maneira diversa.

Por exemplo, ao tratar de questões relacionadas à cultura estrangeira, as inferências podem variar muito dependendo do tipo de contato que o estudante já teve com essa cultura. Alguém que nunca ouviu falar na existência de um país vai construir seu conhecimento a respeito dele de maneira muito diversa de outra pessoa que já o visitou ou mesmo que nasceu nele. Ou, ainda, alguém que apenas teve contato com abordagens

preconceituosas a respeito de determinada cultura partirá de uma série de pressupostos e visões discriminatórias. Diante de tamanha diversidade de situações, o papel do professor será o de mediar um diálogo que permita que os estudantes formem, cada qual segundo seu percurso peculiar, as capacidades que permitem compreender aquela cultura. Sua intervenção deverá atender a demandas diversas, que só serão identificáveis mediante o estabelecimento de diálogos.

Portanto, para que as operações cognitivas de cada estudante possam se encaminhar para o desenvolvimento das competências e habilidades esperadas, você não deve tratar os estudantes de forma homogênea. Assim, as diferentes etapas de cada percurso – perguntas desencadeadoras, problematização inicial, sistematização conceitual, atividades de leitura textual – permitirão aos jovens ampliar seus repertórios de forma individualizada, favorecendo não apenas a construção personalizada de cada conhecimento mas a formação de um repertório coletivo de informações, relações e análises, que irão contribuir para o aprofundamento de processos inferenciais.

A trajetória dos indivíduos é singular e suas inferências irão gerar caminhos totalmente inesperados da perspectiva do professor. Nesse sentido, a coleção sugere algumas abordagens para estimular nos estudantes a construção de processos inferenciais.

- Abordagem contextualizada da sistematização de conceitos prevista ao longo dos percursos, valorizando exemplos práticos e estímulos para que o estudante pesquise sua realidade específica.
- Valorização do diálogo interdisciplinar na construção dos conceitos para a abordagem de um tema, permitindo ao estudante uma compreensão mais ampla e menos fragmentada dos conteúdos.
- Inclusão de questões de leitura e interpretação textual que se vinculam ao posicionamento do estudante em relação aos diferentes gêneros textuais.
- Processos inferenciais que ocorrem de maneira gradual e são pautados pela busca de informações, pelo estabelecimento de relações entre elas e pela análise contextualizada de dados.

Portanto, você deve levar em conta as especificidades da construção individualizada do conhecimento e, ao mesmo tempo, priorizar os desafios das transformações – etárias, psíquicas, culturais, socioeconômicas – que os estudantes vivenciam em seus contextos concretos.

Da mesma forma, para estabelecer diálogos é preciso que você esteja sempre aberto a compreender as **culturas juvenis**, que são plurais e complexas, de maneira a não formar sobre elas uma visão preconcebida e simplificadora.

Culturas juvenis

As culturas juvenis são abordadas nesta coleção por meio da valorização dos interesses dos jovens e das linguagens com que eles se relacionam com o mundo:

- enfrentando os desafios da vida em sociedade, que se traduzem em temáticas de amplo alcance, como meio ambiente, direitos humanos e discriminação;
- construindo linguagens próprias de expressão pautadas pelo diálogo e pela inserção em universos socioculturais diversos;
- propondo alternativas de superação dos problemas apontados pelos próprios estudantes, com base nas temáticas abordadas.

É preciso ter em mente que a origem das proposições por meio das quais os jovens constroem suas inferências está, muitas vezes, nas culturas juvenis. Abrir-se ao

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

diálogo com elas significa, portanto, multiplicar os caminhos possíveis para o estabelecimento de diálogos pedagógicos. Assim, o acolhimento de inquietações e problematizações advindas das vivências e dos projetos de vida dos estudantes pode servir de base para a busca de conhecimento.

O trabalho com a coleção permitirá que você organize a prática do diálogo de forma acolhedora e com caráter construtivo, focado nas competências e habilidades a serem desenvolvidas. Permitirá ainda o desenvolvimento de valores de promoção da resolução não violenta de conflitos, de respeito à pluralidade de pontos de vista e de combate às diversas formas de discriminação.

Na prática, tanto as problematizações que abrem cada unidade do livro quanto as diferentes oportunidades de discussão e debate temáticos propostas ao longo dos percursos e das unidades podem motivar a formulação de outras questões, advindas do diálogo proporcionado pelo papel mediador do professor e pelo estímulo ao protagonismo dos estudantes em seu processo de aprendizagem.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Mediação

O exercício do papel mediador do professor em relação às aprendizagens protagonizadas pelos estudantes também encontra fundamento na organização curricular proposta para a coleção, seguindo princípios de caráter epistemológico e metodológico.

- Organização de cada volume priorizando uma temática geral diretamente ligada aos desafios vividos pelos seres humanos nos processos de construção das sociedades, aos sentidos interdisciplinares do processo de construção do conhecimento e às vivências cotidianas dos estudantes.
- Liberdade de organização das rotinas de aprendizagem, marcadas pela constante interação dos estudantes e professores com os temas propostos em cada percurso e em cada unidade. Assim, os temas podem ser trabalhados de forma não linear e em diálogo com outras unidades do mesmo volume ou outros volumes da mesma coleção.
- Valorização das diferentes competências e habilidades previstas na BNCC, não apenas nas atividades propostas ao longo e ao final de cada percurso mas no desenvolvimento dos próprios percursos formativos de cada unidade.

Na prática, a aplicação desses princípios organizadores da coleção significa que as mesmas competências e habilidades podem ser trabalhadas e retrabalhadas em momentos diferentes. Dessa forma, você tem a possibilidade metodológica de desenvolver algumas competências e habilidades num determinado momento, para retomá-las depois, ao abordar outros temas. Assim, as mesmas competências e habilidades retornam numa outra perspectiva e se constituem mais uma oportunidade de diálogo transversal e interdisciplinar proposto pela coleção.

Com base nas problematizações e no estabelecimento das próprias narrativas curriculares, você poderá instigar os estudantes a pesquisar, elaborar hipóteses, argumentar e propor novas questões.

As habilidades de leitura são especialmente importantes nessa construção e devem ser uma preocupação permanente dos professores da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. Incentivar os estudantes a estabelecer relações, percebendo as referências intertextuais e as construções argumentativas

dos diferentes textos trabalhados, é uma forma de desenvolver essas habilidades.

Por fim, para que os procedimentos de pesquisa, leitura crítica de fontes e construção de argumentos se tornem parte da vida dos estudantes, é preciso que eles sejam reiterados na abordagem dos mais diversos temas, de maneira a serem percebidos com crescente complexidade.

A prática docente e o conteúdo interdisciplinar

A interdisciplinaridade é a base na qual se estrutura essa obra. História, Geografia, Sociologia e Filosofia não aparecem aqui como campos separados, que cumprem cada qual uma trajetória particular de formação. Pelo contrário, a coleção combina a diversidade de abordagens e estabelece diálogos entre os componentes curriculares pertencentes à área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas.

Do ponto de vista da prática docente, a interdisciplinaridade envolve um compromisso ético do educador em romper com a fragmentação cognitiva que, muitas vezes, ainda é presente na associação de um conceito ou abordagem temática com uma única disciplina. Trata-se de uma nova maneira de conceber o conhecimento, na qual o trabalho docente, pensado numa perspectiva interdisciplinar, é concebido em rede. Conforme alerta a professora Angela Kleiman (1999, p. 47):

> [...] a metáfora da rede em construção ajuda-nos a expressar a ideia central de nossa proposta: que a cognição é o resultado de um processo mental e dinâmico e ativo que se desenvolve por meio de conexões entre pessoas, objetos, conceitos, preconceitos, intuições, enfim, uma rede de associações, e que o aprendiz é sujeito ativo engajado na construção de sua própria rede de conhecimentos. A função mais importante do professor é a de facilitador dessa construção.

O objetivo do trabalho da coleção em tecer redes interdisciplinares implica estimular os estudantes a desenvolver as competências gerais, as competências específicas de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas e as respectivas habilidades que a BNCC define para os três anos do Ensino Médio. Assim, outro princípio epistemológico proposto por Kleiman, e que está presente na coleção, é a interconexão entre temáticas, conceitos e habilidades.

O currículo interdisciplinar não implica dissolução das especificidades de cada componente curricular. Os conceitos, os métodos e os problemas que cada um aborda com mais profundidade são apresentados de maneira contextualizada e integrada. Parte-se da concepção de que o conhecimento humano é construído de maneira complexa, o que exige uma postura de humildade cognitiva. Oferecer uma resposta fechada e simples sobre o que é uma sociedade, uma cultura ou um Estado seria como fechar as portas a novas experiências no campo da cognição.

A adoção de uma abordagem interdisciplinar pode envolver dificuldades específicas, já que tradicionalmente a formação escolar e universitária do professor possui um caráter marcadamente disciplinar.

Um desafio que se coloca é o de oferecer um tratamento contextualizado dos conceitos, que marca uma inovação de ordem epistemológica, pois envolve uma construção por meio de múltiplas abordagens. Por exemplo, não se trata mais de discutir algo como a "cultura" partindo de uma definição "correta", fundamentada em alguma das concepções produzidas pelas disciplinas acadêmicas. O objetivo é construir uma compreensão do que seja "cultura" por meio de diálogos que se estendem pelos três anos do

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Ensino Médio, nos quais o conceito será objeto frequente de questionamento. Afinal, "cultura" diz respeito à realidade local dos estudantes e ao mundo digital com o qual eles se relacionam, mas também é intrínseca à discussão sobre as civilizações antigas, sobre a colonização europeia da América ou sobre os problemas ambientais da sociedade contemporânea.

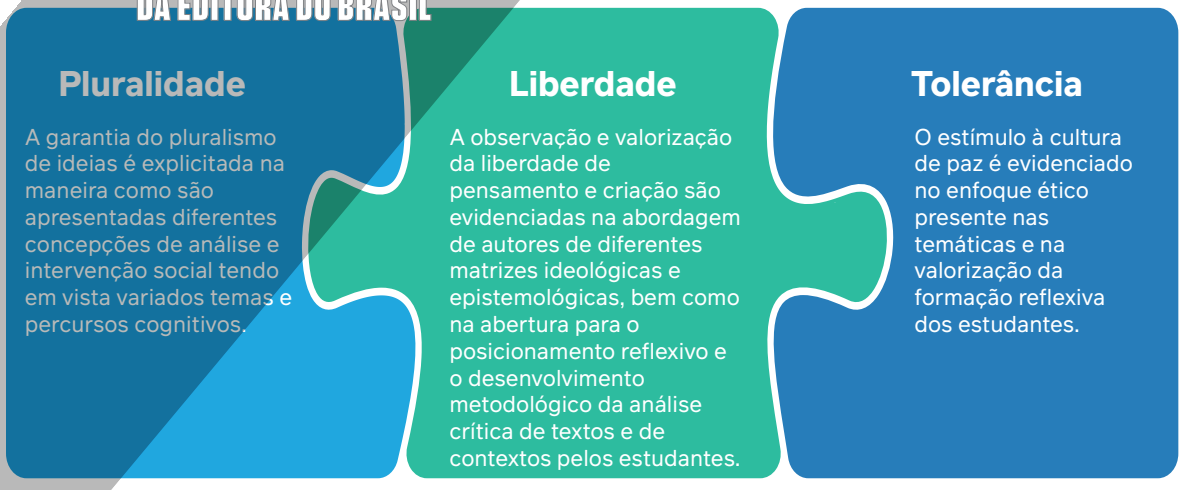
A interdisciplinaridade também coloca o desafio de situar os conceitos fundamentais das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas no contexto local dos estudantes. Ao organizar os conteúdos de maneira dialógica e problematizadora, a abordagem traz para a prática docente a necessidade de propiciar diálogos, o que significa que você deve levar em conta o universo pelo qual os jovens constroem suas proposições. Por tudo isso, existe a preocupação em garantir a presença de atividades, ao longo dos percursos, que envolvam a exploração conceitual com base no universo de referências presentes na realidade dos jovens.

Nessa mesma perspectiva, o olhar interdisciplinar das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas envolve a preocupação com todas as questões que dizem respeito à produção, manutenção e preservação da qualidade de vida dos estudantes. Afinal, a aprendizagem das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas também deve partir de um pressuposto ético fundamental garantindo a valorização da dignidade humana.

Saúde mental e escola

A educação escolar é um direito que, para ser efetivo, requer a efetivação de outros direitos relacionados diretamente à defesa da vida juvenil contra tudo aquilo que pode ameaçá-la em sua integridade socioeconômica, física ou psicológica. No âmbito da atuação dos professores do Ensino Médio, a promoção do pleno desenvolvimento da pessoa passa pela garantia dos direitos humanos e da proteção à infância e à adolescência. Sem isso, nem o preparo para a cidadania nem a capacitação para o mercado de trabalho são possíveis. Para que o direito à aprendizagem ética e à dignidade humanas seja garantido, a coleção [illegible] pios ontológicos a seguir.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL



Andy Chipus_shutterstock.com

Assim, tendo em vista os princípios anteriormente explicitados, é preciso estar atento e atuante na prevenção de violências que são cometidas pelos próprios estudantes, uns contra os outros, ou contra si mesmos.

Bullying, termo da língua inglesa sem tradução precisa em nosso idioma, tem um sentido que remete tanto a "intimidação" quanto a "comportamento cruel" e define situações muito diversas, que ultrapassam o espaço das instituições escolares. Contudo, por ser um espaço central na socialização de crianças e jovens, a escola é um espaço onde o *bullying* é mais frequente e sistemático.

> [...] Em termos gerais, trata-se do emprego de violência física e psicológica realizada contra um indivíduo específico e de modo intencional, ocorrendo em diversos contextos de interação social e envolvendo pessoas de idades distintas, mas cuja prevalência no contexto escolar seria mais investigada. Ao ser erroneamente concebido como parte do desenvolvimento da criança e como algo desde sempre existente nas escolas de todo o mundo, tal fenômeno corre o risco de naturalização. (CHAVES; SOUZA, 2018).

O primeiro passo para atuar na prevenção do *bullying* é, portanto, desnaturalizar sua recorrência em contextos escolares. Isso porque [illegible] prática que pode acarretar graves consequências físicas e, principalmente, psicológicas para os que a vivenciam, seja no papel de agredido, seja no papel de agressor.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Apesar da gravidade, apenas recentemente essa prática passou a ser objeto de preocupações sistemáticas no âmbito das políticas de educação. Uma vez reconhecido como um problema no universo escolar, o *bullying* pode ser objeto de intervenção do professor em sentidos diversos:

1. Por se tratar de comportamentos intencionais visando agredir e provocar danos ao outro, o *bullying* requer do professor uma abordagem ética, que busque desenvolver em todos os estudantes capacidades de empatia e de resolução não violenta de conflitos, o senso de justiça e as noções de direitos e liberdades. Em vários momentos, a coleção deixa explícita a necessidade de o estudante desenvolver a empatia e a alteridade.
2. Por ser um comportamento que se repete no cotidiano juvenil, geralmente levando à estigmatização e ao isolamento, o *bullying* requer uma abordagem mais específica direcionada àqueles que o sofrem. Nesse sentido, é importante acolher as demandas dos estudantes e oferecer apoio nas situações em que isso for necessário.
3. Por se tratar de uma relação fundamentada no desequilíbrio de poder (seja por causa da força física, seja pela coesão do grupo, seja por outros fatores), o *bullying* requer uma abordagem que problematize de maneira abrangente as relações de poder no contexto juvenil, dentro e fora da escola. A mediação de diálogos para a resolução não violenta de conflitos pode ser um caminho para que a problematização tenha também uma dimensão de intervenção no contexto escolar.

O *bullying* não é a única forma de violência sistemática que ocorre entre os jovens no contexto escolar. As diversas formas de discriminação e preconceito também requerem abordagens específicas relacionadas à formação dos estudantes e, quando necessário, intervenção em contextos de violência.

Os preconceitos, entre os quais se destacam os que se relacionam à classe, à raça, à religião, ao gênero, à orientação sexual, à naturalidade ou a alguma condição física, fundamentam formas de discriminação que ultrapassam a experiência escolar e estão presentes, de diferentes maneiras, em toda a sociedade.

O conhecimento sobre eles é objeto das aprendizagens das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, mas deve ser uma preocupação constante nas práticas pedagógicas, e não somente fazer parte dos percursos curriculares. Assim como no caso do *bullying*, sua recorrência tende muitas vezes a uma naturalização, a ser combatida por meio da formação dos estudantes e do acolhimento de demandas de intervenção por parte do professor. Essa abordagem é priorizada em vários momentos da coleção e, especialmente, na construção de unidades temáticas que valorizam os direitos humanos, a diversidade e a ética.

Também é papel do professor formar, acolher e intervir no que diz respeito à prevenção do suicídio e da automutilação. A manutenção de um ambiente de diálogo, a abertura à escuta e ao acolhimento de demandas dos estudantes, além da adoção de uma postura ativa, intervindo quando necessário, são caminhos possíveis para prevenir a violência autoinfligida.

> [...] Os professores influenciam positivamente quando interagem de forma motivadora e criativa, informando e encorajando nas tomadas de decisão, fomentando a autonomia, sem recorrer a regras e dogmas preestabelecidos que possam defasar-se com o tempo. [...]
>
> Não se sugere aqui, portanto, que educadores tenham a responsabilidade de diagnosticar, ou mesmo sejam exigidos a aplicar qualquer tipo de conhecimento que não seja da área da educação. Porém, considerando que já atuam contemplando os aspectos emocionais, cognitivos e comportamentais de seus alunos, conhecimentos selecionados em saúde mental, baseados principalmente em aspectos de promoção e prevenção, podem ser de grande utilidade na prática educativa, ao empoderar a figura do educador.
>
> O papel do professor:
>
> 1. Reconheça a responsabilidade de formar o aluno como cidadão.
> 2. Contribua para um clima escolar favorável, priorizando os vínculos.
> 3. Contribua, por meio do diálogo, com o combate ao estigma dos transtornos. Evite a segregação de "alunos-problema".
> 4. Discuta abertamente o assunto "saúde mental" com os alunos.
> 5. Discuta casos de sua prática diária com os colegas, para que possa refletir sobre o que fazer diante de situações difíceis apresentadas pelos alunos que interferem na dinâmica em sala de aula, como isolamento social, comportamentos agressivos e violação de regras.
> 6. Estimule os alunos para que desenvolvam habilidades sociais, como fazer amigos e manter amizades.
> 7. Mantenha-se atento à identificação precoce de problemas para o devido encaminhamento dos alunos que necessitam de assistência nessas áreas.
> 8. Construa parcerias com as famílias para acompanhamento do desenvolvimento das crianças e adolescentes, tanto do ponto de vista emocional como da aprendizagem.
> 9. Adapte objetivos acadêmicos, conteúdos curriculares, método de ensino e outros assuntos educacionais às necessidades de cada aluno, visando a um maior rendimento escolar.
> 10. Solicite à diretoria de ensino cursos e material didático na área de saúde mental para complementar seu conhecimento nessa área. (ESTANISLAU; BRESSAN, 2014, p. 20-21).

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

NOVO ENSINO MÉDIO

Esta coleção foi elaborada em concordância com o **Novo Ensino Médio** que está sendo implementado no Brasil. Para trabalhar adequadamente o novo modelo, é preciso conhecer as concepções curriculares que o fundamentam, especialmente no que diz respeito à maneira como os conteúdos estão estruturados, bem como ao modo de se estabelecer os diálogos entre eles. A mudança mais evidente em relação a outras formas de organização dos conteúdos é o **caráter flexível da organização dos conteúdos**, já que a obra se fundamenta numa **perspectiva temática e interdisciplinar**.

Kubko/Shutterstock.com

O modelo do Novo Ensino Médio é muito diferente em relação às concepções curriculares anteriores. Em primeiro lugar, não se orienta por um conjunto de grades disciplinares fragmentadas e desconexas entre si, mas sim por áreas do conhecimento que pressupõem determinados itinerários formativos. Se antes cada componente disciplinar propunha uma sequência fechada de conteúdos, comum a todos os estudantes, agora a nova estrutura, flexível e interdisciplinar, possibilita que os jovens se tornem protagonistas na definição de suas trajetórias de formação escolar e na construção de seus projetos de vida.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

A ênfase do Novo Ensino Médio no protagonismo juvenil está presente nesta obra em dimensões diversas.

- **Temática:** priorizando abordagens que valorizam diferentes questões e desafios a serem vivenciados pelos jovens.
- **Metodológica:** valorizando questões problematizadoras que dialogam com a própria vida dos jovens.
- **Epistemológica:** valorizando a construção de conceitos e a capacidade de diálogo conceitual com propostas de intervenção em distintas realidades.

Portanto, para além de mudanças de forma, trata-se de uma ruptura profunda com antigos paradigmas da educação no Brasil.

As culturas juvenis e o protagonismo do jovem nas sociedades contemporâneas

Cada jovem que ingressa no Ensino Médio é alguém que vem construindo e reconstruindo sua cultura e visão de mundo de maneira complexa, de acordo com vivências e diálogos que são irredutíveis à categorização de que todos os jovens pertencem a um mesmo universo cultural.

Assim, falar de "culturas juvenis" no plural é recusar o simplismo de considerar todos os jovens como uma categoria homogênea de pessoas definidas somente por sua faixa etária.

> [...] juventude como condição sócio-histórico-cultural de uma categoria de sujeitos que necessita ser considerada em suas múltiplas dimensões, com especificidades próprias que não estão restritas às dimensões biológica e etária, mas que se encontram articuladas com uma multiplicidade de atravessamentos sociais e culturais, produzindo múltiplas culturas juvenis ou muitas juventudes. (BRASIL, 2011, p. 12).

Os jovens são indivíduos singulares e ativos na construção da própria cultura, produzida e reproduzida para além do escopo da atuação dos professores ou das instituições escolares. Contudo, esse lugar não implica diminuir o papel dos professores na sua formação. Ao contrário, num mundo que convida os jovens a serem ativos na autoconstrução, os professores são essenciais no desenvolvimento da capacidade de fazer desse processo um caminho para a elaboração e a realização dos projetos de vida deles. Assim, os professores são mediadores que estimulam os estudantes a pensar a historicidade de sua condição juvenil.

> Considerar que há muitas juventudes implica organizar uma **escola que acolha as diversidades**, promovendo, de modo intencional e permanente, o respeito à pessoa humana e aos seus direitos. E mais, que garanta aos estudantes ser **protagonistas** de seu próprio processo de escolarização, reconhecendo-os como interlocutores legítimos sobre currículo, ensino e aprendizagem. Significa, nesse sentido, assegurar-lhes uma formação que, em sintonia com seus percursos e histórias, permita-lhes definir seu **projeto de vida**, tanto no que diz respeito ao estudo e ao trabalho como também no que concerne às escolhas de estilos de vida saudáveis, sustentáveis e éticos. Para formar esses jovens como sujeitos críticos, criativos, autônomos e responsáveis, cabe às escolas de Ensino Médio proporcionar experiências e processos que lhes garantam as aprendizagens necessárias para a leitura da realidade, o enfrentamento dos novos desafios da contemporaneidade (sociais, econômicos e ambientais) e a tomada de decisões éticas e fundamentadas. O mundo deve lhes ser apresentado como campo aberto para investigação e intervenção quanto a seus aspectos políticos, sociais, produtivos, ambientais e culturais, de modo que se sintam estimulados a equacionar e resolver questões legadas pelas gerações anteriores – e que se refletem nos contextos atuais –, abrindo-se criativamente para o novo. (BRASIL, 2018a, p. 463).

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

A tarefa não é fácil e é certamente um dos maiores desafios dos educadores do século XXI. Nesta coleção, o acolhimento aos estudantes é facilitado pelo oferecimento de temas que se relacionam diretamente à condição juvenil de protagonismo nas transformações tão necessárias rumo a uma sociedade democrática, que ofereça condições de equidade a todos os cidadãos.

Afinal, estamos lidando com mudanças aceleradas na socialização das novas gerações. Hoje o consumo, a propaganda e a indústria cultural direcionados à infância e à juventude assumem enorme importância e causam novos desafios para os educadores.

> A forma de vida em que a geração jovem de hoje nasceu, de modo que não conhece nenhuma outra, é uma sociedade de consumidores e uma cultura "agorista" – inquieta e em perpétua mudança – que promove o culto da novidade e da contingência aleatória. Numa sociedade e numa cultura assim, nós sofremos com o suprimento excessivo de todas as coisas, tanto os objetos de desejo quanto os de conhecimento, e com a assombrosa velocidade dos novos objetos que chegam e dos antigos que se vão. (BAUMAN, 2013, p. 34).

Em especial, as relações hoje estabelecidas entre as culturas juvenis e a cultura digital nos desafiam a oferecer aprendizados que partam da compreensão de como essas relações se estabelecem. A cultura "agorista", apontada por Bauman, deve ser pedagogicamente "desafiada" a ir além do momento presente, tecendo redes de conhecimento que contextualizam o que foi aprendido e, ao mesmo tempo, desenvolvem utopias de transformação social e de inquietação com as desigualdades do tempo atual.

São culturas extremamente diversas, que variam segundo região, local, nível de renda, gênero, tradições culturais e religiosas, diferenças de acesso à cultura digital, entre outros fatores. Mais do que uma categorização dos jovens com qualquer desses recortes, é preciso reconhecer em cada estudante um protagonista de sua formação, tendo em vista seu projeto de vida.

As culturas juvenis são dinâmicas e se transformam num ritmo acelerado, já que os jovens não são meros reprodutores dos significados que o consumo e a cultura digital lhes oferecem. Eles são também protagonistas da construção de suas culturas e da própria cultura digital, à qual já encontram integrados.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Por se relacionarem com discursos e construções simbólicas com grande poder de persuasão – em especial, aqueles provenientes de interesses de mercado, que compartilham como consumidores –, é crucial que a formação escolar dialogue e produza conhecimento com base nas referências que os jovens têm. O objetivo desse diálogo deve ser o desenvolvimento de uma compreensão crítica das próprias tecnologias e culturas que lhes são oferecidas e por eles acessadas. Essa compreensão crítica passa também pela análise das origens de inquietações e desejos juvenis, bem como de desafios vivenciados pelos seres humanos contemporâneos em temas cruciais como trabalho, meio ambiente, violência e defesa da dignidade humana.

A escola e os currículos em transformação

O Novo Ensino Médio se propõe a recriar a escola – enquanto espaço/tempo de produção do conhecimento – por meio do reconhecimento de que os estudantes têm um papel ativo na sociedade onde vivem. O protagonismo dos jovens no processo de escolarização é entendido como parte de uma concepção a respeito da escola em que todos os atores sociais envolvidos – educadores e estudantes – são protagonistas de diferentes formas na

construção do conhecimento. Sendo assim, a escola deve se abrir às culturas juvenis para possibilitar que os estudantes se tornem interlocutores nas decisões que dizem respeito a seus currículos e a outros aspectos de suas aprendizagens.

Além disso, os currículos devem ser definidos em diálogo com as realidades locais e atendendo à diversidade regional do Brasil. A ruptura com a concepção de um currículo fechado, a ser aplicado igualmente para todos os estudantes brasileiros, tem também esse sentido de abertura ao diálogo com as realidades nas quais os jovens se formam e atuam. Nesse mesmo sentido, as escolhas operadas ao longo da formação dos jovens deverão ser tomadas de acordo com os projetos de vida de cada um deles.

> Dessa maneira, o projeto de vida é o que os estudantes almejam, projetam e redefinem para si ao longo de sua trajetória, uma construção que acompanha o desenvolvimento da(s) identidade(s), em contextos atravessados por uma cultura e por demandas sociais que se articulam, ora para promover, ora para constranger seus desejos.
>
> Logo, é papel da escola auxiliar os estudantes a aprender a se reconhecer como sujeitos, considerando suas potencialidades e a relevância dos modos de participação e intervenção social na concretização de seu projeto de vida. (BRASIL, 2018a, p. 472-473).

O reconhecimento dos estudantes como sujeitos implica, do ponto de vista da aprendizagem no Ensino Médio, ênfase – rigorosa e objetiva – na apresentação de diferentes visões de mundo e abordagens dos processos estudados e na garantia de que suas escolhas tenham um sentido ético, saudável e sustentável.

O objetivo é formar os jovens para o desenvolvimento de competências e habilidades que possibilitem sua autonomia, para que tenham condições de atuar como pessoas, cidadãos e trabalhadores em uma sociedade que está em constante transformação.

Autonomia na construção do conhecimento não requer apenas os conteúdos específicos de cada componente curricular mas também capacidade de abstrair, refletir, interpretar, propor e agir diante do mundo. Para isso, o mundo deve se apresentar aos jovens como um campo aberto, o qual eles podem investigar e no qual podem intervir. Isto implica atitude cognitiva pautada pela busca da curiosidade e compreensão de que o conhecimento não está "pronto e acabado", mas se reconstrói permanentemente por meio da ação de cada um.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Em consonância com o Novo Ensino Médio, os seis volumes que compõem a coleção não estão divididos segundo os componentes curriculares específicos nem possuem uma seriação ou forma de indicação cronológica linear a ser seguida pelos professores. Cada uma das dezoito unidades estabelece diálogos interdisciplinares e transversais com base em distintos conceitos e procedimentos oriundos da área do conhecimento de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas.

Os tempos e os espaços de aprendizagem são definidos pelas relações que se estabelecem entre professores e estudantes que, assim, podem ter na coleção um aliado para a realização do desafio de desenvolver competências e habilidades.

As áreas de conhecimento

As Ciências Humanas e Sociais Aplicadas formam uma das quatro áreas que compõem o Novo Ensino Médio, ao lado de Linguagens e suas Tecnologias, Matemática e suas Tecnologias e Ciências da Natureza e suas Tecnologias. Além dessas quatro áreas, o modelo prevê a possibilidade da formação técnica e profissional no itinerário formativo dos jovens.

Cada uma das áreas do Novo Ensino Médio abarca um número variável de componentes curriculares, além de conhecimentos originalmente construídos por áreas que não fazem parte da matriz curricular do Ensino Médio – como Direito, Economia, Psicologia e Antropologia. Nessa concepção, não são os componentes que organizam o currículo, mas sim os objetivos de aprendizagens (competências e habilidades) e os objetos de estudo, que dizem respeito à área como um todo.

Nesse novo modelo, os conteúdos conceituais das distintas áreas continuam importantes, mas estão a serviço das aprendizagens, que se desenvolvem num campo interdisciplinar, segundo uma estrutura de áreas. A organização por áreas do conhecimento:

> [...] não exclui necessariamente as disciplinas, com suas especificidades e saberes próprios historicamente construídos, mas, sim, implica o fortalecimento das relações entre elas e a sua contextualização para apreensão e intervenção na realidade, requerendo trabalho conjugado e cooperativo dos seus professores no planejamento e na execução dos planos de ensino. (BRASIL, 2018a, p. 32).

A organização por área requer, portanto, diálogo e cooperação entre os professores responsáveis por diferentes componentes curriculares. Dessa maneira, cada unidade desta obra pode e deve ser trabalhada de forma interdisciplinar, com base em um planejamento cooperativo envolvendo todos os professores.

Cada unidade inclui, com maior ou menor ênfase, conteúdos de todos os componentes curriculares das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas.

Filosofia	Sociologia
Tem lugar fundamental em unidades que abordam temas e períodos diversos, das relações entre as religiões no surgimento das primeiras civilizações até os desafios colocados na relação contemporânea das sociedades com a tecnologia. O componente também discute as definições do "humano" e os paradigmas epistemológicos, que permitem a construção do conhecimento.	Com enfoque nas instituições e nos grupos sociais, a Sociologia trata de questões que dizem respeito a períodos e temas que vão da análise dos diferentes regimes políticos, sociais e econômicos até a inserção dos jovens no mercado de trabalho. A compreensão de como atuam os diferentes atores sociais e de como se estruturam os poderes na sociedade não se restringe a alguma temática específica e dialoga com todos os demais componentes curriculares.
História	**Geografia**
Aborda principalmente os processos e as dinâmicas em diferentes tempos e sociedades. Os conteúdos desse componente curricular também estão presentes em todas as temáticas, afinal, as dimensões da ação humana são dotadas de historicidade. A dinâmica das transformações diz respeito às discussões sobre o mundo contemporâneo, em cada um dos seus aspectos, tanto quanto é parte dos debates sobre o Mundo Antigo, por exemplo.	Analisa principalmente as relações entre sociedade e natureza e está presente nas mais diversas temáticas que dizem respeito ao ser humano. Os questionamentos a respeito das interações das sociedades com o espaço envolvem desde as dinâmicas da ocupação humana dos diversos continentes até os desafios colocados pela globalização e degradação ambiental no mundo contemporâneo.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Também é importante ressaltar que a divisão por áreas não significa que o diálogo interdisciplinar ocorre apenas no interior de cada uma delas. As áreas servem à organização do conhecimento, mas não a seu fechamento em fronteiras intransponíveis. Assim, o

ponto fundamental que a concepção de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas prevista na BNCC traz é a possibilidade de ampliar os focos metodológicos e conceituais que antes estavam inseridos ou referenciados a uma única área.

Os diálogos entre as áreas são múltiplos. Atualmente, na epistemologia das Ciências, a separação entre o "humano" e o "natural", ou entre o que é "social" e o que é "biológico", não é mais pensada como uma oposição entre domínios separados. As Ciências da Natureza têm relações muito mais próximas com as Ciências Humanas e Sociais Aplicadas do que tinham no tempo em que seus objetos eram pensados de maneira dissociada, focados na busca de leis específicas em cada disciplina:

> [...] a ciência de hoje não é mais a ciência "clássica". [...] A própria ambição de reduzir o conjunto de processos naturais a um pequeno número de leis foi abandonada. As ciências da natureza descrevem, de ora em diante, um universo fragmentado, rico de diversidades qualitativas e de surpresas potenciais. Descobrimos que o diálogo racional com a natureza não constitui mais o sobrevoo desencantado dum mundo lunar, mas a exploração, sempre local e eletiva, duma natureza complexa e múltipla. (PRIGOGINE; STENGERS, 1991, p. 5).

Essa complexidade é cada vez mais evidenciada em recortes temáticos que, além de abranger conhecimentos de diversas áreas de origem, apontam para a necessidade de entrelaçar distintas perspectivas e conceitos para se compreender cada um dos temas abordados.

Um tema profundamente marcado pelas relações complexas entre as Ciências Humanas e Sociais Aplicadas e as Ciências da Natureza e suas Tecnologias é o das questões ambientais. Hoje, crises como as que envolvem mudanças climáticas ou epidemias e pandemias apresentam uma dimensão global e forçam uma reavaliação sobre a oposição que as ciências tradicionalmente estabeleceram entre as esferas de atuação humana e o mundo natural.

Existem, portanto, diálogos interdisciplinares fundamentais que ultrapassam a área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. Para além das questões ambientais contemporâneas, esse diálogo pode ser feito sobre temas e períodos diversos. Questões como as fontes de energia, os diferentes biomas e as transformações ambientais ao longo da história humana requerem um tratamento que ultrapasse os limites que separam essas áreas. Também diz respeito à dimensão humana e social do conhecimento a trajetória de construção das linguagens, da matemática e das ciências ao longo da história.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

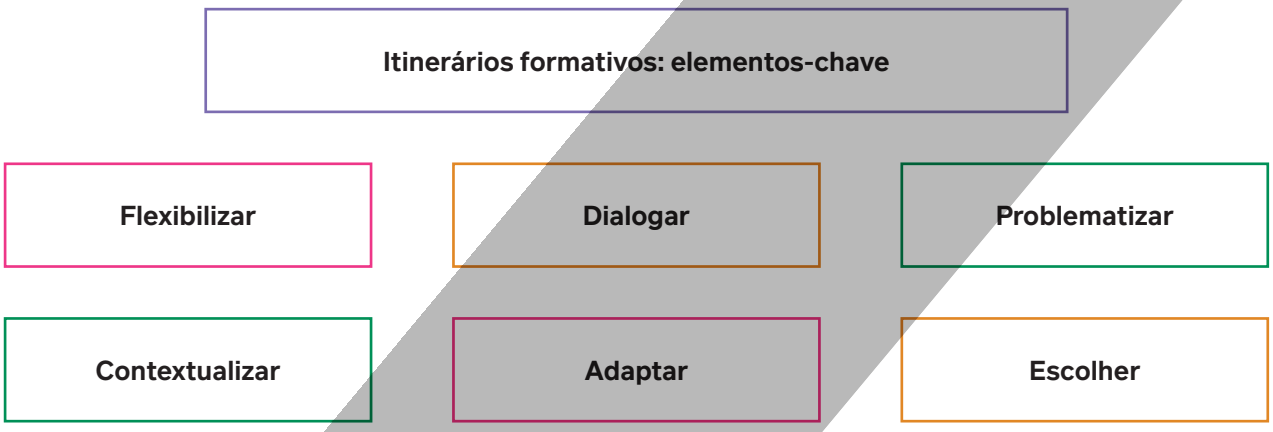
Todas essas trajetórias trazem, portanto, uma implicação teórico-metodológica fundamental: perceber características e comportamentos dos objetos de estudo a serem trabalhados nas aprendizagens. O diálogo entre as diferentes áreas também se justifica pela necessidade de se compreender um mundo em que todas as suas dimensões existenciais cada vez mais se interpenetram, a ponto de não ser mais possível, sob pena de se construírem simplificações frágeis, abordar os principais desafios da contemporaneidade sem essa dimensão interdisciplinar.

Além disso, ao dialogar com a realidade e procurar responder aos desafios de sua comunidade, da cidadania ou do mundo do trabalho, os jovens enfrentarão problemas que não se restringem às fronteiras do conhecimento. Questões sociais, naturais, matemáticas ou de linguagens se apresentam conectadas quando o espaço de construção do conhecimento é o mundo em que o jovem atua – e não somente os conteúdos de uma atividade escolar.

Os itinerários formativos

O currículo apresenta-se como o conjunto organizado de saberes que revela intencionalidades e formas de intervenção na vida humana. Ao se apresentarem sequências didáticas e formas de organização de conceitos e temas, se explicitam determinadas narrativas sobre a própria existência.

Nesse sentido, as organizações curriculares têm um caráter narrativo, já que pressupõem um percurso a ser seguido ao longo de um processo formativo. Com a BNCC, abre-se a possibilidade de definir essas narrativas como parte da formação dos jovens, de maneira que professores e estudantes sejam sujeitos ativos na construção do currículo. O instrumento para organizar essas narrativas são os **itinerários formativos**.



Nessa nova concepção, as delimitações dos diversos campos dão lugar a uma porosidade dos saberes, para que os jovens se apropriem do conhecimento acadêmico e científico que é sistematizado pela escola.

A coleção propõe subsídios temáticos que favoreçam a constituição de percursos narrativos voltados para a formação complexa dos estudantes, tendo em vista os desafios enfrentados pelos [illegible] contemporâneos. Além disso, privilegia uma concepção de itinerário formativo [illegible] ideia de que a formação passa pela problematização dos temas a serem trabalhados, possibilitando a oportunidade de os estudantes se aproximarem dos conteúdos, valorizando opiniões, questionamentos e possibilidades iniciais de reflexão. Além disso, os diálogos interdisciplinares permitem ampliar conhecimentos pela leitura e análise de textos em diferentes gêneros textuais.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Nesse novo modelo, a definição dos itinerários formativos se torna parte do projeto da escola. Nessas escolhas, é importante considerar os papéis sociais dos jovens para além de sua condição de estudantes, considerando a construção das identidades bem como a definição de seus projetos de vida, que vão muito além dos papéis colocados na relação com a escola.

Nesse sentido, é necessário que sejam garantidas condições para que possam refletir e dialogar sobre suas experiências individuais na relação com as aprendizagens. Ao dialogarem sobre as narrativas curriculares, os jovens devem ser instigados a valorizar o conhecimento e a confiar em sua capacidade de atingir seus objetivos de aprendizagem. Nesse ponto, é importante ter em mente a abertura às culturas juvenis e ao mundo digital que fazem parte do mundo contemporâneo.

A OBRA E A BNCC

A Base Nacional Comum Curricular estabelece as aprendizagens essenciais a todos os estudantes da Educação Básica. Como se trata de um documento de caráter normativo, suas proposições devem nortear a elaboração ou adequação dos currículos de todas as instituições escolares do Brasil.

> Ao longo da Educação Básica, as aprendizagens essenciais definidas na BNCC devem concorrer para assegurar aos estudantes o desenvolvimento de dez competências gerais, que consubstanciam, no âmbito pedagógico, os direitos de aprendizagem e desenvolvimento.
> Na BNCC, competência é definida como a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho. (BRASIL, 2018a, p. 8).

Alinhada a essas diretrizes, a coleção apresenta as características a seguir.

- **Organização por competências e habilidades:** a coleção está pautada no desenvolvimento das competências gerais e específicas da BNCC, em que as habilidades são desenvolvidas por meio dos eixos norteadores de cada volume.
- **Protagonismo do estudante:** do ponto de vista metodológico, a coleção privilegia a ação do estudante como princípio fundamental da tarefa cognitiva. A aprendizagem individualizada é respeitada e levada em consideração por meio da proposição de diferentes abordagens e experiências. Embora a construção do conhecimento seja uma experiência pessoal e intransferível, o processo é social e interativo. Portanto, as metodologias visam privilegiar a aprendizagem colaborativa, valorizando o trabalho em grupo, o respeito às opiniões, a cooperação e a convivência harmônica necessárias dentro e fora da escola.
- **Estrutura curricular interdisciplinar:** com base nos conceitos adquiridos, o estudante terá condições de estabelecer interrelações entre as áreas de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas e as demais áreas do conhecimento, além de atuar na realidade. O que denominamos "interdisciplinaridade" é, ao mesmo tempo, causa e efeito do processo curricular.
- **Contextualidade**: os objetos de estudo são abordados de forma contextualizada e vinculados ao cotidiano dos jovens. Para cada temática abordada, há uma problematização desencadeando o processo de contextualização, o questionamento e a motivação.
- **Relevância:** a temática tem um significado relevante para a formação do educando, que se se vê implicado nas questões referentes ao lugar em que vive e ao mundo na contemporaneidade.
- **Não seriação:** a distribuição não seriada dos conteúdos permite o desenvolvimento das competências e habilidades na forma de espiral, em consonância com o desenvolvimento global do educando.
- **Aplicação:** o currículo é desenvolvido visando à construção de conhecimentos por meio dos quais os jovens interpretam distintas situações do cotidiano e as aplicam na prática, no presente e no futuro. É fundamental que o estudante possa visualizar a aplicação

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

dos novos conhecimentos sob pena de perder o interesse pela matéria e de, consequentemente, comprometer a evolução do aprendizado.

- **Valorização e mobilização dos conhecimentos prévios:** considerando a bagagem do estudante, exploram-se os conceitos já internalizados por ele relacionados à temática que será abordada. Para isso, há propostas frequentes de formulação e comprovação de hipóteses que explicitam suas representações acerca dos temas de estudo a fim de fornecer referenciais para a mediação pedagógica do professor ao planejar, propor, realizar atividades, agrupamentos e intervenções, visando à ampliação do repertório cognitivo e conceitual do estudante.
- **Produção do conhecimento:** ocorre pelo confronto direto do estudante com a temática a ser estudada. Essa interação é desenvolvida por meio de uma linguagem científica clara e acessível, mediada pelo professor e facilitada por todos os recursos didáticos desta coleção.
- **Avaliação contínua:** a eficácia do processo pedagógico é medida pela capacidade de produção do estudante. Ela é o critério mais seguro e fundamental da avaliação. Por meio de competências, habilidades, procedimentos, atitudes e valores adquiridos, o estudante terá condições de interferir na transformação da realidade.

Competências gerais

Competências gerais da Educação Básica
1. Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.
2. Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas.
3. Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.
4. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.
5. Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.
6. Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.
7. Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.
8. Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.
9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.
10. Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Competências específicas e habilidades de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Competências específicas e habilidades
Competência específica 1. Analisar processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais nos âmbitos local, regional, nacional e mundial em diferentes tempos, a partir da pluralidade de procedimentos epistemológicos, científicos e tecnológicos, de modo a compreender e posicionar-se criticamente em relação a eles, considerando diferentes pontos de vista e tomando decisões baseadas em argumentos e fontes de natureza científica.
O que se pretende nessa competência é desenvolver a capacidade dos estudantes de utilizar métodos, elaborar hipóteses, compor argumentos, sistematizar dados, entre outros procedimentos relacionados à construção do conhecimento. Além disso, trata-se de formar uma visão crítica a respeito da própria ciência, tal como se constituiu historicamente, por meio de conceitos dicotômicos como modernidade/atraso, Ocidente/Oriente, civilização/barbárie, nomadismo/sedentarismo etc. Também faz parte das habilidades relacionadas a essa competência a análise de fontes de diversas naturezas, incluindo textos, obras de arte, mapas, vestígios da cultura material e imaterial etc. O foco dessa competência incide também no processo de tratamento da informação, mediante várias ações cognitivas que incluem a busca e levantamento de fontes de conhecimento para a abordagem de uma temática, a utilização dessas fontes e determinados contextos de aplicabilidade, bem como a análise e interpretação de dados extraídos das fontes.
EM13CHS101 Identificar, analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão de ideias filosóficas e de processos e eventos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais.
EM13CHS102 Identificar, analisar e discutir as circunstâncias históricas, geográficas, políticas, econômicas, sociais, ambientais e culturais de matrizes conceituais (etnocentrismo, racismo, evolução, modernidade, cooperativismo/desenvolvimento etc.), avaliando criticamente seu significado histórico e comparando-as a narrativas que contemplem outros agentes e discursos.
EM13CHS103 Elaborar hipóteses, selecionar evidências e compor argumentos relativos a processos políticos, econômicos, sociais, ambientais, culturais e epistemológicos, com base na sistematização de dados e informações de diversas naturezas (expressões artísticas, textos filosóficos e sociológicos, documentos históricos e geográficos, gráficos, mapas, tabelas, tradições orais, entre outros).
EM13CHS104 Analisar objetos e vestígios da cultura material e imaterial de modo a identificar conhecimentos, valores, crenças e práticas que caracterizam a identidade e a diversidade cultural de diferentes sociedades inseridas no tempo e no espaço.
EM13CHS105 Identificar, contextualizar e criticar tipologias evolutivas (populações nômades e sedentárias, entre outras) e oposições dicotômicas (cidade/campo, cultura/natureza, civilizados/bárbaros, razão/emoção, material/virtual etc.), explicitando suas ambiguidades.
EM13CHS106 [illegible] gráfica e iconográfica, diferentes gêneros textuais e tecnologias digitais de informação e comunicação [illegible] crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais, incluindo as escolares, para se comunicar, acessar e difundir informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.
Competência específica 2. Analisar a formação de territórios e fronteiras em diferentes tempos e espaços, mediante a compreensão das relações de poder que determinam as territorialidades e o papel geopolítico dos Estados-nações.
Trata-se de desenvolver a capacidade de comparar e avaliar a ocupação do espaço e a formação das fronteiras, com atenção aos agentes que levam às transformações nas diversas realidades (rurais, urbanas, de zonas limítrofes etc.). Para isso, será preciso trabalhar as diferentes formas de negociações e conflitos, de igualdades e desigualdades e de inclusão e exclusão na produção do espaço. O raciocínio geográfico e estratégico e os conceitos históricos, econômicos, sociológicos e políticos devem ser trabalhados para uma compreensão complexa do território. Entre as habilidades relacionadas a essa competência também estão incluídas a de analisar dinâmicas de mobilidade de pessoas, de mercadorias e de capital, e transformações tecnológicas relacionadas ao território e ao poder que se exerce sobre ele, e a de contextualizar visões dualistas a respeito do território (como aquelas entre cidade e campo e entre nomadismo e sedentarismo).
EM13CHS201 Analisar e caracterizar as dinâmicas das populações, das mercadorias e do capital nos diversos continentes, com destaque para a mobilidade e a fixação de pessoas, grupos humanos e povos, em função de eventos naturais, políticos, econômicos, sociais, religiosos e culturais, de modo a compreender e posicionar-se criticamente em relação a esses processos e às possíveis relações entre eles.
EM13CHS202 Analisar e avaliar os impactos das tecnologias na estruturação e nas dinâmicas de grupos, povos e sociedades contemporâneos (fluxos populacionais, financeiros, de mercadorias, de informações, de valores éticos e culturais etc.), bem como suas interferências nas decisões políticas, sociais, ambientais, econômicas e culturais.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Competências específicas e habilidades

EM13CHS203 Comparar os significados de território, fronteiras e vazio (espacial, temporal e cultural) em diferentes sociedades, contextualizando e relativizando visões dualistas (civilização/barbárie, nomadismo/sedentarismo, esclarecimento/obscurantismo, cidade/campo, entre outras).

EM13CHS204 Comparar e avaliar os processos de ocupação do espaço e a formação de territórios, territorialidades e fronteiras, identificando o papel de diferentes agentes (como grupos sociais e culturais, impérios, Estados Nacionais e organismos internacionais) e considerando os conflitos populacionais (internos e externos), a diversidade étnico-cultural e as características socioeconômicas, políticas e tecnológicas.

EM13CHS205 Analisar a produção de diferentes territorialidades em suas dimensões culturais, econômicas, ambientais, políticas e sociais, no Brasil e no mundo contemporâneo, com destaque para as culturas juvenis.

EM13CHS206 Analisar a ocupação humana e a produção do espaço em diferentes tempos, aplicando os princípios de localização, distribuição, ordem, extensão, conexão, arranjos, casualidade, entre outros que contribuem para o raciocínio geográfico.

Competência específica 3. Analisar e avaliar criticamente as relações de diferentes grupos, povos e sociedades com a natureza (produção, distribuição e consumo) e seus impactos econômicos e socioambientais, com vistas à proposição de alternativas que respeitem e promovam a consciência, a ética socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional, nacional e global.

O objetivo dessa competência é capacitar os estudantes a analisar como diferentes grupos, povos e sociedades pensam de maneira distinta os territórios. Para tanto, deverão ser consideradas suas múltiplas formas de apropriação da natureza, de organização social e política, de estabelecimento de relações de trabalho e de troca, bem como de sua cultura e linguagens. Também devem ser considerados os objetos advindos da indústria cultural, incluindo os instrumentos e as práticas próprias da publicidade e da propaganda, que atravessam a cultura contemporânea e, em particular, as culturas juvenis.
Essa competência relaciona-se com as habilidades de problematização dos hábitos socioambientais, com destaque para o combate à poluição e ao consumismo e para a análise crítica das cadeias produtivas e do papel de diferentes agentes relacionados a essas questões. Por fim, trata-se também de comparar e avaliar modelos, de forma a promover uma relação sustentável com o planeta.

EM13CHS301 Problematizar hábitos e práticas individuais e coletivos de produção, reaproveitamento e descarte de resíduos em metrópoles, áreas urbanas e rurais, e comunidades com diferentes características socioeconômicas, e elaborar e/ou selecionar propostas de ação que promovam a sustentabilidade socioambiental, o combate à poluição sistêmica e o consumo responsável.

EM13CHS302 Analisar e avaliar criticamente os impactos econômicos e socioambientais de cadeias produtivas ligadas à exploração de recursos naturais e às atividades agropecuárias em diferentes ambientes e escalas de análise, considerando o modo de vida das populações locais – entre elas as indígenas, quilombolas e demais comunidades tradicionais –, suas práticas agroextrativistas e o compromisso com a sustentabilidade.

EM13CHS303 Debater e avaliar o papel da indústria cultural e das culturas de massa no estímulo ao consumismo, seus impactos econômicos e socioambientais, com vistas à percepção crítica das necessidades criadas pelo consumo e à adoção de hábitos sustentáveis.

EM13CHS304 Analisar os impactos socioambientais decorrentes de práticas de instituições governamentais, de empresas e de indivíduos, [illegible] econômicas, selecionando, incorporando e promovendo aquelas que favoreçam a consciência e a ética socioambiental e o consumo responsável.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

EM13CHS305 Analisar e discutir o papel e as competências legais dos organismos nacionais e internacionais de regulação, controle e fiscalização ambiental e dos acordos internacionais para a promoção e a garantia de práticas ambientais sustentáveis.

EM13CHS306 Contextualizar, comparar e avaliar os impactos de diferentes modelos socioeconômicos no uso dos recursos naturais e na promoção da sustentabilidade econômica e socioambiental do planeta (como a adoção dos sistemas da agrobiodiversidade e agroflorestal por diferentes comunidades, entre outros).

Competência específica 4. Analisar as relações de produção, capital e trabalho em diferentes territórios, contextos e culturas, discutindo o papel dessas relações na construção, consolidação e transformação das sociedades.

O objetivo dessa competência é que os estudantes compreendam os múltiplos significados do trabalho, da estratificação social e da participação política nos diversos contextos culturais e sociais. Para isso, eles devem analisar contextualmente indicadores como os de emprego e renda, as relações entre transformações técnicas, tecnológicas e informacionais e as formas de trabalho nos diferentes tempos e espaços.
Também é dada ênfase aos papéis que os seres humanos tiveram na manutenção ou resistência a determinadas formas de exploração do trabalho, bem como na proposição de alternativas aos padrões de produção vigentes em diferentes contextos espaciais, temporais e sociais.
Outro aspecto importante é a reflexão ética sobre os sentidos do trabalho em diferentes sociedades e na contemporaneidade.

EM13CHS401 Identificar e analisar as relações entre sujeitos, grupos, classes sociais e sociedades com culturas distintas diante das transformações técnicas, tecnológicas e informacionais e das novas formas de trabalho ao longo do tempo, em diferentes espaços (urbanos e rurais) e contextos.

EM13CHS402 Analisar e comparar indicadores de emprego, trabalho e renda em diferentes espaços, escalas e tempos, associando-os a processos de estratificação e desigualdade socioeconômica.

Competências específicas e habilidades
EM13CHS403 Caracterizar e analisar os impactos das transformações tecnológicas nas relações sociais e de trabalho próprias da contemporaneidade, promovendo ações voltadas à superação das desigualdades sociais, da opressão e da violação dos Direitos Humanos.
EM13CHS404 Identificar e discutir os múltiplos aspectos do trabalho em diferentes circunstâncias e contextos históricos e/ou geográficos e seus efeitos sobre as gerações, em especial, os jovens, levando em consideração, na atualidade, as transformações técnicas, tecnológicas e informacionais.
Competência específica 5. Identificar e combater as diversas formas de injustiça, preconceito e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, e respeitando os Direitos Humanos.
Para a promoção de princípios éticos, democráticos e de respeito aos direitos humanos, é preciso formar os estudantes para compreender os contextos culturais nos quais eles foram construídos. Além disso, faz-se necessária uma abordagem com base na vida cotidiana dos estudantes, na qual eles poderão desnaturalizar condutas, costumes, desigualdades, preconceitos e as diversas formas de discriminação. Essa problematização se estende desde o contexto imediato dos estudantes até as políticas públicas de âmbito nacional e internacional. Fazem parte também das habilidades relativas a essa competência a identificação de formas de violência (física, simbólica e psicológica, por exemplo) no sentido de combatê-las, assim como a análise dos novos impasses éticos colocados pelas rápidas transformações no mundo contemporâneo.
EM13CHS501 Analisar os fundamentos da ética em diferentes culturas, tempos e espaços, identificando processos que contribuem para a formação de sujeitos éticos que valorizem a liberdade, a cooperação, a autonomia, o empreendedorismo, a convivência democrática e a solidariedade.
EM13CHS502 Analisar situações da vida cotidiana, estilos de vida, valores, condutas etc., desnaturalizando e problematizando formas de desigualdade, preconceito, intolerância e discriminação, e identificar ações que promovam os Direitos Humanos, a solidariedade e o respeito às diferenças e às liberdades individuais.
EM13CHS503 Identificar diversas formas de violência (física, simbólica, psicológica etc.), suas principais vítimas, suas causas sociais, psicológicas e afetivas, seus significados e usos políticos, sociais e culturais, discutindo e avaliando mecanismos para combatê-las, com base em argumentos éticos.
EM13CHS504 Analisar e avaliar os impasses ético-políticos decorrentes das transformações culturais, sociais, históricas, científicas e tecnológicas no mundo contemporâneo e seus desdobramentos nas atitudes e nos valores de indivíduos, grupos sociais, sociedades e culturas.
Competência específica 6. Participar do debate público de forma crítica, respeitando diferentes posições e fazendo escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.
Essa competência está voltada para o cumprimento de deveres pautados por princípios constitucionais da liberdade de expressão e do respeito aos direitos humanos, que demandam o estímulo à participação responsável e crítica na vida pública. Além disso, trata-se de formar os jovens para o respeito ao livre debate de ideias, para a autonomia de pensamento e para a construção de uma visão crítica da realidade. As habilidades relacionadas a essa competência enfocam ainda identificação e análise das demandas e dos protagonismos de povos indígenas, populações afrodescendentes, incluindo os quilombolas, e populações migrantes e refugiadas, considerando a dimensão histórica desses processos de inclusão pelo desenvolvimento das relações étnico-raciais brasileiras.
EM13CHS601 Identificar e analisar as demandas e os protagonismos políticos, sociais e culturais dos povos indígenas e das populações afrodescendentes (incluindo as quilombolas) no Brasil contemporâneo considerando a história das Américas e o contexto de exclusão e inclusão precária desses grupos na ordem social e econômica atual, promovendo ações para a redução das desigualdades étnico-raciais no país.
EM13CHS602 Identificar e caracterizar a presença do paternalismo, do autoritarismo e do populismo na política, na sociedade e nas culturas brasileira e latino-americana, em períodos ditatoriais e democráticos, relacionando-os com as formas de organização e de articulação das sociedades em defesa da autonomia, da liberdade, do diálogo e da promoção da democracia, da cidadania e dos direitos humanos na sociedade atual.
EM13CHS603 Analisar a formação de diferentes países, povos e nações e de suas experiências políticas e de exercício da cidadania, aplicando conceitos políticos básicos (Estado, poder, formas, sistemas e regimes de governo, soberania etc.).
EM13CHS604 Discutir o papel dos organismos internacionais no contexto mundial, com vistas à elaboração de uma visão crítica sobre seus limites e suas formas de atuação nos países, considerando os aspectos positivos e negativos dessa atuação para as populações locais.
EM13CHS605 Analisar os princípios da declaração dos Direitos Humanos, recorrendo às noções de justiça, igualdade e fraternidade, identificar os progressos e entraves à concretização desses direitos nas diversas sociedades contemporâneas e promover ações concretas diante da desigualdade e das violações desses direitos em diferentes espaços de vivência, respeitando a identidade de cada grupo e de cada indivíduo.
EM13CHS606 Analisar as características socioeconômicas da sociedade brasileira – com base na análise de documentos (dados, tabelas, mapas etc.) de diferentes fontes – e propor medidas para enfrentar os problemas identificados e construir uma sociedade mais próspera, justa e inclusiva, que valorize o protagonismo de seus cidadãos e promova o autoconhecimento, a autoestima, a autoconfiança e a empatia.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

A PROPOSTA DA COLEÇÃO

Livro do Estudante

Estrutura da obra e recursos

UNIDADE 1

A abertura da unidade é formada por duas páginas duplas. As duas primeiras páginas trazem uma proposta de sensibilização por meio da observação e da leitura da imagem, além da questão problematizadora – que tem por objetivo instigar e provocar os alunos a se debruçar e pesquisar, de forma investigativa, os assuntos necessários à compreensão dessa questão – e um quadro com perguntas norteadoras para a discussão do tema proposto.

As duas páginas seguintes contextualizam a situação-problema e a colocam em diálogo tanto com o tema do volume quanto com os percursos que vêm a seguir. Além disso, destaca-se o quadro **Na BNCC**, que identifica as competências e habilidades da BNCC a serem desenvolvidas na unidade.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA EDITORA DO BRASIL

Cada unidade tem dois percursos complementares, em que são desenvolvidos os conteúdos relacionados à problematização inicial, com textos, imagens, mapas, gráficos, obras de arte, atividades em diferentes formatos e abordagens, além das seções e dos elementos a seguir.

GLOSSÁRIO

Boxe que traz o significado de algumas palavras e expressões relevantes para a compreensão do texto, com o objetivo de ampliar o vocabulário do estudante.

Análise

Essa seção promove análises de documentos diversos (mapas, textos, imagens, gráficos, entre outros) para ampliar as formas de tratamento do tema e subsidiar distintas abordagens e interpretações.

Vozes

Nessa seção, o estudante encontra o perfil de atores sociais cuja trajetória e importância estão diretamente relacionadas ao tema trabalhado.

Boxe Conhecimentos prévios

Violência simbólica: caracteriza-se pelos mecanismos sutis que emprega e por contar com a cumplicidade de quem sofre a violência e de quem a pratica, muitas vezes sem terem a real consciência disso no processo.

Quadro com contextualização ou definição que retoma um conhecimento importante para compreender o conteúdo que está sendo desenvolvido.

Boxe Destaque

A manipulação do fogo foi uma das tecnologias fundamentais para a constituição da humanidade e um dos grandes passos rumo ao topo da cadeia alimentar. As técnicas de cozimento de alimentos duros, como grãos, a esterilização de germes e parasitas e a proteção contra outros animais foram a base do que se tornou o ápice do conhecimento técnico de nossa civilização.

Quadro que reforça um conteúdo importante para o entendimento e desenvolvimento do assunto tratado.

Prática de pesquisa

Proposta de um projeto de pesquisa científica por meio de metodologias ativas, em que os estudantes desenvolvem o protagonismo e a atitude investigativa.

#Ficaadica

Referências complementares para pesquisa ou consulta, assim como indicações de *sites*, vídeos, livros, entre outros, para ampliar o repertório do estudante.

Atividades

No fim de cada percurso há duas páginas de atividades de reflexão e de sistematização, a respeito do conteúdo estudado.

Questões de Enem e vestibulares

No fim de cada volume há uma seção de atividades do Enem e de vestibulares de acordo com os conteúdos apresentados ao longo das unidades. A indicação das alternativas corretas e comentadas estão no Manual do Professor específico.

Manual do Professor específico

Você encontrará em cada volume desta coleção um Manual do Professor específico, com subsídios importantes para ajudá-lo a:

- estruturar e montar o planejamento;
- desenvolver o programa curricular;
- promover atividades individuais e em grupo, com orientações de gestão de sala de aula, suporte metodológico e recomendações para o fazer pedagógico;
- aplicar atividades e avaliações, com orientações e respostas esperadas para as atividades propostas e gabarito comentado das questões de Enem e vestibulares.

Por meio do manual específico, você poderá ter clareza dos objetivos e justificativas para o trabalho a ser realizado em cada unidade, encontrando explicações detalhadas de como são desenvolvidas as competências gerais, as competências específicas e as habilidades da BNCC. Além disso, terá acesso a uma tabela de assuntos tratados em cada percurso, para se programar e construir o caminho que trilhará em sala de aula. O Manual do Professor específico também apresenta uma oferta diversificada de referencial teórico para consulta e aprofundamento nos temas trabalhados em cada unidade e uma apresentação gráfica convidativa para garantir uma consulta fácil e ágil em sala de aula e nos momentos de planejamento.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Videotutorial

A obra é acompanhada de um videotutorial, em que são apresentados os objetivos e a estrutura dos seis volumes, oferecendo subsídios para o planejamento, a preparação e a condução das 18 unidades dentro e fora da sala de aula.

O videotutorial elucida como trabalhar cada unidade, dando informações e sugestões de abordagens dos temas que vão além do Manual do Professor. O vídeo, por se tratar de outra linguagem, também pode apresentar alguns recursos de forma mais clara e acessível.

Cronograma

A coleção foi concebida de modo a oferecer diferentes configurações de utilização durante o ano letivo e ao longo dos três anos do Ensino Médio.

Os volumes não são seriados, podendo ser utilizados livremente por estudantes e professores de todas as séries do Ensino Médio, a critério dos professores da área e em apoio ao currículo da escola.

Apresentamos as possibilidades de planejamento do curso ao longo de um ano, por meio do cronograma a seguir.

Divisão anual do curso	Utilização por unidades	Utilização por percursos	Práticas de pesquisa (uma por mês)
Bimestral	1 unidade + 1 percurso independente	3 percursos	2 práticas
Trimestral	2 unidades	4 percursos	3 práticas
Semestral	3 unidades	6 percursos	6 práticas

Quadro de conteúdos

Em consonância com a organização dos conteúdos por áreas do conhecimento, os seis volumes da coleção não têm caráter sequencial e são autocontidos. Sua divisão é temática, de maneira que todas as unidades podem dialogar entre si, independentemente do volume em que estão inseridas.

A seguir, você encontra uma breve descrição de cada unidade. As informações detalhadas estão disponíveis no Manual do Professor específico.

Unidade 1 **Que brasis formam o Brasil?**	**Objetivos** • Identificar diferentes características territoriais e socioculturais do Brasil e suas especificidades no contexto global. • Relacionar a formação da sociedade brasileira com as [illegible] paisagens. • Investigar as diversas tradições culturais e práticas de [illegible] socioambiental brasileira.	**Competências gerais:** 1, 2 e 7 **Competências específicas:** 1, 5 e 6 **Habilidades:** EM13CHS102, EM13CHS106, EM13CHS501, EM13CHS502, EM13CHS503 e EM13CHS601
Unidade 2 **O que é ser civilizado?**	**Objetivos** • Definir paisagem e civilização considerando o desenvolvimento histórico de diferentes sociedades. • Relacionar aspectos naturais e culturais na transformação das paisagens e seus impactos para a sociedade.	**Competências gerais:** 1, 2 e 9 **Competências específicas:** 1, 2 e 5 **Habilidades:** EM13CHS101, EM13CHS102, EM13CHS103, EM13CHS104, EM13CHS105, EM13CHS106, EM13CHS203, EM13CHS206 e EM13CHS502
Unidade 3 **O Estado me controla?**	**Objetivos** • Definir Estado considerando seu desenvolvimento histórico e o impacto na organização espacial e política das sociedades. • Comparar os papéis do desenvolvimento tecnológico e científico em diferentes contextos e situações. • Relacionar o papel do Estado à implementação de distintos modelos de desenvolvimento científico e tecnológico.	**Competências gerais:** 1, 4, 6, 7 e 10 **Competências específicas:** 1, 2, 3, 4, 5 e 6 **Habilidades:** EM13CHS101, EM13CHS102, EM13CHS106, EM13CHS202, EM13CHS304, EM13CHS401, EM13CHS403, EM13CHS504 e EM13CHS603

Unidade 1 **Os direitos do trabalhador são respeitados?**	**Objetivos** • Definir Revolução Industrial e dividi-la em fases. • Reconhecer impactos da Revolução Industrial nas transformações sociais e das paisagens. • Considerar a Revolução Industrial como um dos paradigmas de construção da ideia de contemporaneidade.	**Competências gerais:** 2, 3, 4 e 5 **Competências específicas:** 2, 3, 4 e 5 **Habilidades:** EM13CHS202, EM13CHS306, EM13CHS404, EM13CHS502 e EM13CHS504

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Unidade 2 **O trabalho se modifica no tempo e no espaço?**	**Objetivos** • Definir trabalho tendo em vista suas características específicas. • Relacionar trabalho e transformações das paisagens. • Reconhecer distintas formas econômicas e sociais de organização. • Comparar formas capitalistas e não capitalistas de trabalho tendo em vista seus contextos históricos e sociológicos.	**Competências gerais:** 2, 6, 8 e 10 **Competências específicas:** 1, 2, 4 e 5 **Habilidades:** EM13CHS103, EM13CHS202, EM13CHS401, EM13CHS402, EM13CHS403, EM13CHS503 e EM13CHS504
Unidade 3 **Por que trabalhamos?**	**Objetivos** • Descrever processos sociológicos de exploração do trabalho. • Interpretar dados e processos relacionados à organização e à exploração do trabalho. • Analisar processos de exploração do trabalho tendo em vista aspectos filosóficos e sociológicos específicos.	**Competências gerais:** 1, 2 e 6 **Competências específicas:** 1, 4 e 6 **Habilidades:** EM13CHS101, EM13CHS103, EM13CHS105, EM13CHS401, EM13CHS402, EM13CHS404 e EM13CHS606

Unidade 1 **O que é ser capitalista?**	**Objetivos** • Identificar e reconhecer processos vinculados ao surgimento e desenvolvimento das sociedades capitalistas e dos Estados. • Analisar criticamente a expansão marítima e colonial europeia. • Posicionar-se de maneira ética diante de desafios contemporâneos.	**Competências gerais:** 1, 2, 6 e 10 **Competências específicas:** 1, 2 e 4 **Habilidades:** EM13CHS101, EM13CHS103, EM13CHS104, EM13CHS201, EM13CHS204 e EM13CHS401
Unidade 2 **A memória resiste à dominação?**	**Objetivos** • Descrever os processos políticos e econômicos do imperialismo em conexão com a história das relações raciais e do racismo. • Investigar o impacto do imperialismo europeu sobre a organização geopolítica da África, da Ásia, da Oceania e da América. • Refletir sobre as sociedades e identidades que convivem no continente americano.	**Competências gerais:** 1, 3, 4, 7 e 9 **Competências específicas:** 1, 2, 5 e 6 **Habilidades:** EM13CHS104, EM13CHS106, EM13CHS204, EM13CHS206, EM13CHS503, EM13CHS601, EM13CHS603 e EM13CHS605
Unidade 3 **Em que mundo queremos viver?**	**Objetivos** • Conhecer as guerras mundiais e o nazifascismo e analisar as estratégias geopolíticas nesses eventos. • Relacionar a Guerra Fria aos interesses geopolíticos por meio da análise de alguns de seus principais conflitos. • Analisar criticamente a globalização e as ameaças à paz mundial. • Descrever processos de uso da mídia e das redes sociais [illegible] lógicos e refletir eticamente sobre eles.	**Competências gerais:** 1, 5, 8 e 9 **Competências específicas:** 1, 2, 4 e 6 **Habilidades:** EM13CHS101, EM13CHS106, EM13CHS201, EM13CHS403, EM13CHS603 e EM13CHS604

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Unidade 1 **De onde vem a fome?**	**Objetivos** • Relacionar a fome com as questões agrárias no Brasil. • Identificar os arranjos territoriais brasileiros e sua relação com a economia agroindustrial brasileira. • Compreender a dinâmica dos problemas ambientais no campo e suas alternativas sustentáveis.	**Competências gerais:** 1, 2, 6, 7, 9 e 10 **Competências específicas:** 1, 2, 3 e 6 **Habilidades:** EM13CHS101, EM13CHS103, EM13CHS106, EM13CHS201, EM13CHS202, EM13CHS206, EM13CHS301, EM13CHS302, EM13CHS303, EM13CHS304, EM13CHS306, EM13CHS601 e EM13CHS606
Unidade 2 **Somos uma democracia?**	**Objetivos** • Compreender a história da emancipação política do Brasil. • Conhecer o processo de formação do Estado brasileiro. • Relacionar a democracia com o exercício pleno da cidadania.	**Competências gerais:** 1, 7 e 10 **Competências específicas:** 1, 2 e 6 **Habilidades:** EM13CHS101, EM13CHS103, EM13CHS106, EM13CHS205, EM13CHS602, EM13CHS603 e EM13CHS606
Unidade 3 **Um mundo melhor é possível?**	**Objetivos** • Compreender a relação entre geopolítica e meio ambiente. • Conhecer a história das questões ambientais no Brasil. • Compreender o que é violência, sua gênese e suas marcas na sociedade brasileira. • Propor meios de combate à violência no cotidiano.	**Competências gerais:** 1, 2, 3, 6, 7, 8, 9 e 10 **Competências específicas:** 1, 3 e 6 **Habilidades:** EM13CHS101, EM13CHS102, EM13CHS106, EM13CHS301, EM13CHS302, EM13CHS305, EM13CHS503, EM13CHS602 e EM13CHS606

Unidade 1 **Você é um cidadão global?**	**Objetivos** • Reconhecer os principais conflitos do mundo contemporâneo e relacioná-los a um contexto mais amplo. • Conhecer a função e a atuação de organismos internacionais, alianças geopolíticas, ONGs, entre outros, na política internacional. • Avaliar os impactos éticos decorrentes dos conflitos contemporâneos na organização dos espaços e das sociedades atuais, elaborando o conceito de cidadania global. • Compreender as crises humanitárias e os deslocamentos populacionais de uma perspectiva crítica e ética.	**Competências gerais:** 1, 2, 7 e 10 **Competências específicas:** 1, 2, 3, 5 e 6 **Habilidades:** EM13CHS101, EM13CHS103, EM13CHS201, EM13CHS204, EM13CHS205, EM13CHS305, EM13CHS503, EM13CHS504, EM13CHS603, EM13CHS604 e EM13CHS605
Unidade 2 **Política para quê?**	**Objetivos** • Reconhecer o processo histórico de formação política do Brasil pós-ditadura tendo em vista seus contextos específicos. • Relacionar as características do desenvolvimento político brasileiro contemporâneo às transformações sócio-espaciais mais recentes. • Avaliar o papel das recentes decisões políticas brasileiras na organização dos espaços e das sociedades atuais.	**Competências gerais:** 1, 2, 5 e 7 **Competências específicas:** 2, 3, 4, 5 e 6 **Habilidades:** EM13CHS203, EM13CHS204, EM13CHS205, EM13CHS304, EM13CHS403, EM13CHS501, EM13CHS502 e EM13CHS602
Unidade 3 **Por que direitos humanos?**	**Objetivos** • Valorizar os direitos humanos, conhecendo seus fundamentos históricos, filosóficos e sociais. • Analisar os desafios colocados para a defesa da dignidade humana nos contextos brasileiro e mundial contemporâneos. • Compreender a linguagem artística como expressão humana. • Identificar e problematizar diferentes movimentos artísticos, conhecendo seus contextos e formulações estéticas e políticas.	**Competências gerais:** 1, 3, 4, 7 e 8 **Competências específicas:** 1, 2, 3, 5 e 6 **Habilidades:** EM13CHS101, EM13CHS103, EM13CHS106, EM13CHS205, EM13CHS303, EM13CHS502 e EM13CHS605

Unidade 1 **Existe a verdade?**	**Objetivos** • Definir ética, tendo em vista seus diversos pressupostos. • Conhecer diferentes concepções a respeito da verdade. • Conhecer e valorizar o conhecimento científico. • Observar a importância da ciência para a sociedade.	**Competências gerais:** 1, 2, 5 e 7 **Competências específicas:** 1, 4, 5 e 6 **Habilidades:** EM13CHS101, EM13CHS403, EM13CHS501, EM13CHS502 e EM13CHS605
Unidade 2 **Eu consigo conviver com o diferente?**	**Objetivos** • Elaborar os conceitos de identidade, diferença, diversidade e pluralidade. • Reconhecer diversas formas de discriminação e de intolerância. • Compreender eticamente, historicamente e sociologicamente o problema do racismo no Brasil. • Analisar o direito à cidade e as dificuldades para sua plena realização. • Avaliar criticamente o pensamento dualista.	**Competências gerais:** 1, 7 e 8 **Competências específicas:** 1, 5 e 6 **Habilidades:** EM13CHS103, EM13CHS105, EM13CHS501, EM13CHS502, EM13CHS503, EM13CHS504, EM13CHS601 e EM13CHS605
Unidade 3 **O desenvolvimento sustentável é possível?**	**Objetivos** • Compreender o conceito de antropoceno. • Relacionar os problemas ambientais globais com o sistema hegemônico e de produção mundial. • Identificar o papel dos organismos internacionais e da sociedade civil na preservação do meio ambiente. • Identificar alternativas sustentáveis na relação com a natureza dos povos tradicionais. • Caracterizar os domínios morfoclimáticos brasileiros.	**Competências gerais:** 1, 2, 7, 8, 9 e 10 **Competências específicas:** 1, 3 e 6 **Habilidades:** EM13CHS101, EM13CHS104, EM13CHS105, EM13CHS106, EM13CHS301, EM13CHS302, EM13CHS304, EM13CHS305, EM13CHS306 e EM13CHS601

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

COMO AVALIAR?

Avaliar e autoavaliar o trabalho é um procedimento útil e necessário na atividade educativa. Reler, revisar e refazer as tarefas ajuda o estudante e o professor a compreender o que foi aprendido e o que precisa ser melhorado. Entendemos, assim, que a avaliação escolar é um processo contínuo.

Nesta coleção, o foco da avaliação do estudante é o aprimoramento de suas competências e habilidades. Por isso, é necessário que ela seja processual e contínua, privilegiando o caráter diagnóstico, a fim de adotar medidas necessárias para a eficácia da aprendizagem. Considerando que a "avaliação da aprendizagem escolar adquire seu sentido na medida em que se articula com um projeto pedagógico e com seu consequente projeto de ensino" (LUCKESI, 1996, p. 71), entende-se que a avaliação não tem uma finalidade em si mas subsidia ações que visam construir um resultado previamente definido. Dessa forma, sua dimensão de análise é o desempenho do estudante, do professor e de toda a situação de ensino que se realiza no contexto escolar.

É necessário compreender o significado da avaliação como relação dialógica na construção do conhecimento, valorizando o papel mediador do professor, que deve estar consciente de como se processa sua prática avaliativa.

O aprimoramento e a sistematização dos conhecimentos sobre o desenvolvimento do estudante são imprescindíveis ao professor que atua no Ensino Médio. Esses conhecimentos vão habilitá-lo a refinar a capacidade de observação e reconhecimento dos hábitos, desejos, medos, competências, criatividade, formas de relacionamento e dificuldades do jovem.

Como o ensino-aprendizagem é um processo que provoca modificações tanto no estudante como no professor, a avaliação deve ser feita para acompanhar e revelar o crescimento cognitivo dos jovens, em um contexto abrangente, não se restringindo às medições estritamente quantitativas da aquisição de conhecimento. A prática avaliativa deve atuar como estimuladora da autonomia e como fonte de reflexão sobre os caminhos percorridos, podendo, dessa maneira, contribuir para o pleno desenvolvimento social, ético e intelectual do jovem.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

A avaliação, muitas vezes, exige uma mudança de postura, uma quebra de paradigmas, no sentido de descrever uma atitude voltada para o diálogo, não apenas como um momento de conversa mas também como uma relação de troca que considera o conhecimento como a apropriação do saber tanto pelo estudante como pelo professor, resultando num conhecimento aprimorado e carregado de significados.

Uma vez entendido como um recurso de aprimoramento de indivíduos, o processo avaliativo deixa de ser imposição e passa a ser um ato partilhado e construtivo. Ele deverá ser contínuo, sistemático e cumulativo ao longo do período letivo, de acordo com os objetivos relacionados aos diversos conteúdos. É importante que a avaliação seja feita por meio de indicadores qualitativos, que em geral exigem mais atenção do professor por estarem relacionados a processos e situações de sala de aula que não são facilmente mensuráveis.

Ao avaliar, você não pode perder de vista as interações do jovem com o meio, com os colegas e com os adultos, nem as crenças e os valores que ele traz do grupo social em que está inserido. Essa percepção deve permear sua prática educativa, ajudando a dar sentido à aprendizagem.

As atividades em grupo propostas na coleção constituem ótimas oportunidades para a avaliação. Bem-sucedidas, elas podem criar nos estudantes um sentimento de pertencimento e de realização, e desenvolvem o espírito do trabalho em equipe, de cooperação. Dessa maneira, é possível observar e avaliar o desenvolvimento de capacidades não só intelectuais mas também afetivas, motoras, de inserção social, interação pessoal, liderança, ética e estética.

As atividades individuais, como registros relativos ao processo de aprendizagem, devem ter um enfoque regulador da avaliação, uma vez que explicitam os processos em desenvolvimento, possibilitando o acompanhamento das aquisições e necessidades de cada estudante.

As avaliações externas, por meio de testes padronizados, visam ao monitoramento da educação e são focadas no que diz respeito ao controle dos resultados. Para tanto, a escola é obrigada a repensar suas práticas pedagógicas, o currículo e seus instrumentos de avaliação, entre outros pontos, uma vez que é a todo momento pressionada a desenvolver atividades que possam ir ao encontro da necessidade dos estudantes de apresentar bons resultados nas avaliações em larga escala. Entretanto, pautada pela imposição constante de melhores resultados e da competitividade, interfere de modo direto no movimento interior da escola.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Contudo, as escolas devem conciliar instrumentos diversificados em seus modelos avaliativos, para garantir uma avaliação que possa atingir seu objetivo principal: possibilitar que os alunos tenham materializado o direito de conhecer e interpretar o mundo que os cerca, dialogando com ele.

Enfim, a avaliação deve ser compreendida como um processo comprometido com a regulação e o acompanhamento do trabalho pedagógico, cujo objetivo é a garantia da aprendizagem de todos e de cada um.

Diversidade de formas e de instrumentos de avaliação

Os instrumentos de avaliação, de acordo com as atividades, devem ser, na medida do possível, bem diversificados. Além da tradicional prova escrita, outras formas mais interessantes e eficazes são propostas: pesquisas, estudo dirigido, desenvolvimento de projetos, apresentação de trabalhos, produção de textos, criações artísticas, realização de experimentos, entrevistas, seminários, elaboração de mapas, projeção de simulações, montagem de gráficos, participação em debates, solução de problemas, campanhas comunitárias, ajuda aos colegas e apresentação de propostas.

A avaliação deve ser inspirada em uma pedagogia da produtividade e consequente prazer de aprender e ensinar, fatores relevantes de autoestima. Afinal, é necessário gerar no estudante uma sensação de crescimento e de valor pessoal.

No final do programa curricular, uma avaliação global do desenvolvimento dos estudantes, levando-se em conta todos os objetivos para o período, pode subsidiar o planejamento da continuidade dos trabalhos no próximo ciclo, ao mesmo tempo que oferece aos estudantes e familiares uma síntese dos progressos individuais alcançados. Essa avaliação global deve ser constituída de uma análise criteriosa do processo vivenciado pelo estudante durante o ano, de forma individual e em relação ao convívio coletivo, com base nos registros e nos diversos instrumentos utilizados.

Avaliar e ser avaliado a todo o momento é um componente social de todas as relações. Na escola não pode ser diferente, pois a avaliação desempenha papel capital, constituindo-se ponto nevrálgico do processo pedagógico.

REFERÊNCIAS COMENTADAS

ALMEIDA, Fernando José de; FRANCO, Monica Gardelli. *Avaliação para a aprendizagem:* o processo avaliativo para melhorar o desempenho dos alunos. São Paulo: Ática, 2008. (Série Educação em ação).

Nesse livro, a teoria e a prática sobre avaliação para a aprendizagem são combinadas. Do ponto de vista teórico, a obra reflete por que se avalia, quais as condições necessárias para uma boa avaliação e o que é a avaliação eficaz. No campo da prática, orienta no direcionamento do trabalho desenvolvido em sala para que a avaliação seja, efetivamente, um instrumento pedagógico voltado à aprendizagem.

ANDRÉ, Claudio F. O pensamento computacional como estratégia de aprendizagem, autoria digital e construção da cidadania. *TECCOGS*, São Paulo, n. 18, p. 94-109, jul./dez. 2018.

Artigo que permite conhecer melhor as potencialidades do pensamento computacional na educação, abordando conceitos e formas de aprendizagem que podem ser desenvolvidos nesse campo.

BACHELARD, Gaston. *A formação do espírito científico:* contribuição para uma psicanálise do conhecimento. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

Obra que discute como se constrói o conhecimento científico e a forma de pensar questionadora que caracteriza essa construção. Aborda o aprendizado da ciência tanto do ponto de vista de sua epistemologia quanto em suas dimensões psicológica e pedagógica.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

Nesse livro, [illegible], o teórico da cultura desenvolve sua concepção dialógica da linguagem, por meio da análise de textos literários, com atenção às inter-relações entre seus múltiplos sujeitos.

BAUMAN, Zygmunt. *Sobre educação e juventude:* conversas com Riccardo Mazzeo. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

Livro composto por 20 capítulos com temas diversos, fruto do diálogo entre o sociólogo Zygmunt Bauman e o editor Riccardo Mazzeo. O livro aborda o papel da educação na sociedade contemporânea, com reflexões que envolvem a indústria cultural, o consumismo e outras questões contemporâneas ligadas às experiências das juventudes.

BAUMAN, Zygmunt; MAY, Tim. *Aprendendo a pensar com a Sociologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

Esse livro aborda os principais conceitos e debates da sociologia contemporânea. Os autores analisam questões como a liberdade do indivíduo na sociedade, a formação das identidades e as relações de poder, buscando a construção de um olhar sociológico sobre a realidade.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, DF: MEC, 2018a. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 3 jun. 2020.

A BNCC é um documento com diretrizes e conteúdos para normatização do ensino nas escolas públicas e privadas de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio. Foi desenvolvida para orientar professores e coordenadores de escolas de Educação Básica. A BNCC do Ensino Médio deve ser adotada por todas as escolas até 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. *Parecer CNE/CEB nº 5, de 4 de maio de 2011*. Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2011. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=8016-pceb005-11&category_slug=maio-2011-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 5 jun. 2020.

Documento oficial que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio, conjunto de definições doutrinárias sobre princípios, fundamentos e procedimentos que orientam as escolas na organização, articulação, desenvolvimento e avaliação de suas propostas pedagógicas.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. *Resolução nº 3, de 21 de novembro de 2018*. Atualiza as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. Brasília, DF: MEC, 2018b. Disponível em: http://novoensinomedio.mec.gov.br/resources/downloads/pdf/dcnem.pdf. Acesso em: 8 jan. 2020.

Documento que apresenta as diretrizes curriculares para o ensino nas escolas públicas e privadas de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio, elaborado para orientar professores e coordenadores. A BNCC do Ensino Médio deve ser universalmente adotada até 2022.

CHAVES, Denise Raissa Lobato; SOUZA, Mauricio Rodrigues de. *Bullying* e preconceito: a atualidade da barbárie. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 23, 2018. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782018000100214&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 6 jul. 2020.

Artigo que discute conceitualmente os fenômenos relacionados à violência em contexto escolar conhecidos como *bullying*, chamando atenção para a necessidade de sua desnaturalização, em perspectiva crítica.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

DONATONI, Alaíde Rita (org). *Avaliação escolar e formação de professores*. Campinas: Alinea, 2010.
Coletânea de textos que ajuda a relacionar a avaliação à formação de professores, com um olhar crítico sobre uma prática que ainda necessita ser atualizada em sala, sob o risco de prejudicar o processo de ensino e aprendizagem, em vez de promovê-lo.

ESTANISLAU, Gustavo; BRESSAN, Rodrigo (org.) *Saúde mental na escola:* o que os educadores devem saber. São Paulo: Artmed, 2014.
Esse livro, em que são abordadas questões sobre a saúde mental de crianças e adolescentes, está repleto de dicas e exemplos que auxiliarão os profissionais da educação na compreensão de questões de saúde mental na escola e em como lidar com elas.

FAZENDA, Ivani C. A. *Interdisciplinaridade:* história, teoria, pesquisa. 12. ed. Campinas: Papirus, 2005.
A autora busca organizar estudos acerca da interdisciplinaridade desenvolvidos desde a década de 1970, com o intuito de corroborar com a produção de saberes novos/velhos na área da educação.

FERNANDES, Claudia de Oliveira (org). *Avaliação das aprendizagens:* sua relação com o papel social da escola. São Paulo: Cortez, 2014.
Na sociedade contemporânea, a visão dos processos avaliativos ainda está apoiada em concepções quantitativas e conteudistas. Para avançar nessa questão, a obra questiona e desafia os professores da Educação Básica a repensar suas práticas.

FONT, Joan N.; RUFÍ, Joan V. *Geopolítica, identidade e globalização*. São Paulo: Annablume, 2006.
Utilizando os instrumentos que a nova Geografia Política oferece, os autores analisam temas essenciais da Geografia contemporânea e o fenômeno da globalização.

GRUZINSKI, Serge. *A colonização do imaginário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
Livro clássico sobre a dimensão cultural da colonização europeia e da criação de sociedades mestiças no Novo Mundo. A obra analisa a trajetória colonial do México e permite refletir conceitualmente sobre as relações de poder no contato entre diferentes culturas.

HOBSBAWM, Eric. *Sobre História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
Coletânea de artigos na qual o historiador reflete sobre diversas questões relacionadas às tarefas de escrever e ensinar a história. Dentre os temas abordados estão a memória coletiva, as identidades e as relações de poder.

HOFFMANN, Jussara. *Avaliação:* mito & desafio – uma perspectiva construtivista. Porto Alegre: Mediação, 1990.
A autora apresenta a sua teoria de avaliação mediadora e desafia o mito da avaliação classificatória. Assim, ajuda a ressignificar essa prática como acompanhamento da construção do conhecimento dos estudantes. Para isso, apresenta exemplos de situações vividas nas escolas.

KELLAGHAN, Thomas; GREANEY, Vincent. *Uso dos resultados da avaliação do aproveitamento escolar*. Rio de Janeiro: Campus, 2009. v. 5.
Como transformar as conclusões extraídas das avaliações de aproveitamento escolar em políticas e práticas educacionais satisfatórias para o aprendizado dos alunos? Essa questão é o ponto de partida dos autores, que refletem sobre os subsídios que tornam uma avaliação eficaz.

KLEIMAN, Angela. *Leitura e interdisciplinaridade*. Campinas: Mercado das Letras, 1999.
Com o objetivo de apresentar propostas para o desenvolvimento de projetos interdisciplinares, o livro coloca como atividade central a leitura, acompanhada dos subsídios teóricos que a sustentam, dos modos de desenvolvê-la e de alguns exemplos.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado:* contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto: PUC-RJ, 2006.
Nessa obra, o historiador debate a formação de um tempo histórico específico da modernidade, que articula passado, presente e futuro com base na concepção de um tempo inédito. Entre as discussões mais importantes estão aquelas sobre a história do conceito de revolução e sobre as relações entre espaços de experiência e horizontes de expectativa.

LACOSTE, Yves. *A geografia:* isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra. São Paulo: Papirus, 1988.
Nessa obra clássica, o geógrafo faz uma contundente análise das relações de poder que são inseparáveis da formação e do desenvolvimento do campo disciplinar da Geografia. Seus questionamentos se dirigem às funções políticas e militares do conhecimento geográfico bem como à falta de debates epistemológicos que permitam a construção de uma geografia crítica.

LATOUR, Bruno. *Políticas da natureza:* como fazer ciência na democracia. Bauru: EDUSC, 2004.
O livro discute em termos epistemológicos e políticos os desafios colocados à ciência do século XXI em razão das crises ecológicas e das dificuldades na construção de sociedades democráticas, que demandam um novo entendimento sobre as relações entre seres humanos e natureza.

LE BRETON, David. *A sociologia do corpo*. 4. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.
O livro analisa as diversas epistemologias construídas sobre o corpo pelas Ciências Humanas e Sociais Aplicadas e pelas Ciências da Natureza e suas Tecnologias. Dessa maneira, constrói um diálogo interdisciplinar que permite refletir sobre o corpo humano na interface entre o cultural (antropológico e sociológico) e o biológico.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Ed. Unicamp, 1990.
O livro analisa em profundidade alguns conceitos fundamentais ligados à construção do conhecimento histórico. Além de conceitos como história, memória, decadência, calendário, também são investigadas algumas das polaridades que organizam o tempo histórico, como passado/presente, progresso/reação e documento/monumento.

LUCKESI, Cipriano Carlos. *Avaliação da aprendizagem escolar:* estudos e proposições. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1996.
O livro apresenta diversos estudos relacionados à avaliação da aprendizagem escolar e orienta sobre como torná-la um instrumento viável e construtivo. Uma obra direcionada a educadores e a estudantes de cursos de Pedagogia e licenciaturas.

MAGER, Robert F. *A formulação de objetivos de ensino*. Porto Alegre: Globo, 1976.
O autor defende, nesse livro, a ideia de que os problemas de desempenho escolar podem ser resolvidos, com frequência, se associarmos adequadamente às situações os conhecimentos científicos resultantes do estudo do comportamento humano.

MALAVASI, Maria Márcia Sigrist; FREITAS, Helena Costa Lopes de; SORDI, Mara Regina Lemas de. *Avaliação educacional:* caminhando pela contramão. São Paulo: Vozes, 2012.
Os processos de avaliação em três níveis são abordados pela obra: a avaliação de sistemas (ou de redes), a avaliação institucional e a avaliação do professor em sala de aula.

MORIN, Edgar. *A cabeça bem feita:* repensar a reforma, reformar o pensamento. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
A obra propõe uma mudança de paradigma na forma como construímos o conhecimento sobre o mundo. Trata-se de uma das referências mais importantes no debate contemporâneo sobre complexidade e interdisciplinaridade na construção do conhecimento, inclusive na educação escolar.

MORIN, Edgar. *A via para o futuro da humanidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.
Essa obra discute as perspectivas desoladoras da sociedade global do início do século XXI, buscando caminhos para enfrentar os grandes problemas atuais. Para tanto, o autor desenvolve os conceitos de sua proposta de reforma do pensamento, que parte do reconhecimento de seu caráter complexo e interdisciplinar.

NÓVOA, António (org.). *Avaliação em educação*: novas perspectivas. Porto: Porto Editora, 1999.
António Nóvoa faz uma avaliação de seu percurso no campo da História da Educação e oferece pistas para analisar a escola contemporânea e o traçado por ela desenhado com vistas ao futuro.

ORLANDI, Eni P. *A linguagem e seu funcionamento*. Campinas: Pontes, 1987.
O livro analisa a construção do discurso, tecendo reflexões sobre os processos de ensino e aprendizagem.

PACHECO, José; PACHECO, Maria de Fátima. *A avaliação da aprendizagem na Escola da Ponte*. Rio de Janeiro: Wak, 2012.
Instituição pública de Portugal, a Escola da Ponte promove, desde 1976, uma forma de aprendizagem fundamentada na autonomia do estudante e na relação solidária com seus pares e comunidade. Nesse livro, o idealizador da Escola da Ponte compartilha seu pensamento sobre como se processa a avaliação e a sua influência na forma como a aprendizagem acontece.

PERRENOUD, Philippe. *Avaliação:* da excelência à regulação das aprendizagens entre duas lógicas. Porto Alegre: Artmed, 1999.
O autor mostra a complexidade do problema da avaliação, o qual se deve à diversidade das lógicas em questão, a seus antagonismos, ao fato de que a avaliação está no âmago das contradições do sistema educativo e, constantemente, na articulação da seleção, da formação, do reconhecimento e da negação das desigualdades.

PERRENOUD, Philippe. *Construir as competências desde a escola*. Porto Alegre: Artmed, 1999.
O livro é uma importante referência na educação por competências, concepção que tem sido adotada pelos sistemas de ensino no Brasil e no mundo. A interdisciplinaridade, as estruturas curriculares, entre outros temas são debatidos numa obra cujo eixo central é o desenvolvimento de competências como base de uma nova educação.

PRIGOGINE, Ilya; STENGERS, Isabelle. *A nova aliança:* metamorfose da ciência. Brasília: UnB, 1991.
Nessa obra, os autores propõem transformações no desenvolvimento da ciência no sentido da construção de paradigmas complexos e interdisciplinares.

PROST, Antoine. Os tempos da História. *In*: PROST, Antonie. *Doze lições sobre a História*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.
O capítulo analisa a história do tempo como construção social, incluindo a trajetória dos calendários nas épocas antiga e medieval, bem como o surgimento de um conceito de tempo inédito, específico da modernidade. Discute ainda os procedimentos que os historiadores adotam para trabalhar com o tempo social.

SAHLINS, Marshall. *Cultura e razão prática*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
Nessa obra clássica, o antropólogo debate o conceito de cultura como simbolização, contrapondo-se às visões puramente utilitárias da dimensão cultural das práticas humanas.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

SANT'ANNA, Ilza Martins. *Por que avaliar? Como avaliar?:* critérios e instrumentos. Petrópolis: Vozes, 2014.
Quando o assunto é avaliação, a formação dos professores ainda não está sintonizada com as necessidades dos jovens, do dia a dia da escola e das questões que permeiam o século XXI. A obra ajuda a repensar práticas e a transformar a avaliação escolar numa ferramenta mais justa e criativa.

SANTOS, Boaventura de Souza. *Pela mão de Alice:* o social e o político na pós-modernidade. São Paulo: Cortez, 1994.
O livro discute os desafios colocados à sociedade contemporânea diante da crise da modernidade e de seus paradigmas. Entre os temas debatidos estão a consciência política, a ética, a educação e a utopia, os paradigmas da modernidade e a crise que caracteriza a pós-modernidade.

SANTOS, Milton. *Técnica, espaço, tempo:* globalização e meio técnico-científico informacional. São Paulo: Edusp, 2008.
Numa série de ensaios, o geógrafo discute conceitos e métodos para a compreensão da globalização e de suas dinâmicas. São abordadas as novas contradições na organização do território e as novas características da urbanização.

SEVCENKO, Nicolau. *A corrida para o século XXI:* no *loop* da montanha russa. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
No livro, o historiador analisa as rápidas transformações tecnológicas, culturais e sociais do mundo contemporâneo, abordando a passagem do século XX para o século XXI. Os novos desequilíbrios e conflitos globais, os impactos de tecnologias ligadas à revolução microeletrônica e as questões ambientais e éticas da sociedade contemporânea estão entre os temas.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de identidade:* uma introdução às teorias do currículo. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
Livro que analisa a história das diferentes teorias a respeito do currículo escolar, refletindo sobre o saber, o poder e as identidades ao longo dessa trajetória.

STOPPINO, Mario. Poder. *In*: BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de política*. 11. ed. Brasília: UnB, 1998.
Verbete sobre poder no mais renomado dicionário de política, elaborado por diversos autores, principalmente das áreas de Ciência Política e Filosofia. Assim como os demais verbetes, o conceito é discutido tanto em sua gênese histórica, quanto em sua pluralidade de usos e implicações nas teorias políticas contemporâneas.

VYGOTSKY, Lev S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
Reunião de alguns dos principais ensaios do psicólogo Lev Vygotsky. Sua psicologia do desenvolvimento analisa os processos cognitivos na construção do conhecimento.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA EDITORA DO BRASIL

ORIENTAÇÕES ESPECÍFICAS PARA ESTE VOLUME

Este volume tem por objetivo principal levar o estudante a compreender a **construção dos valores civilizatórios** e a **transformação das paisagens** pelos seres humanos ao longo do tempo. Entre seus temas estão a formação da sociedade brasileira e suas diferentes matrizes étnico-culturais; as relações que as sociedades e civilizações antigas estabeleceram com a paisagem; as linguagens, as religiões e tradições culturais que possibilitam conceituar as civilizações; a trajetória das relações de poder nas diferentes épocas, em especial quanto à formação de Estados; e o desenvolvimento da ciência e da tecnologia em sociedades culturalmente diversas.

Objetivos

- Conhecer os fundamentos de organização das paisagens e das sociedades mundiais e brasileiras.
- Relacionar os conceitos de paisagem e civilização a suas marcas em diferentes tempos e espaços.
- Compreender a sociedade brasileira com base na análise de sua diversidade étnico-cultural.
- Refletir sobre as dimensões éticas da vida social e política, posicionando-se diante de injustiças e buscando soluções para problemas de sua realidade.

Justificativa

Este volume convida os jovens a investigar os diferentes significados que as sociedades humanas deram à paisagem, conceituando cultura e civilização de forma complexa e livre de reducionismos e perspectivas etnocêntricas.

O trabalho referente aos conceitos de **paisagem** e **civilização** tem importância central para as Ciências Humanas. Ele possibilita aprender características específicas da humanidade, como o desenvolvimento da sociabilidade, as formas pelas quais o ser humano t[illegible] a diversidade de culturas e de valores civilizatórios, próprias da experiência humana.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

A conceituação de **Estado** com base em múltiplas experiências históricas e abordagens filosóficas e científicas subsidia a reflexão sobre as relações de poder e sua institucionalização. A análise da multiplicidade de formas de organização política das sociedades envolve a construção de conhecimentos sobre as relações econômicas, sociais e culturais em contextos específicos, bem como a reflexão a respeito do poder e respectivas instituições.

A análise da formação da sociedade brasileira por meio do conhecimento da diversidade de seus biomas e de suas **matrizes étnico-culturais** propicia capacitar o jovem a buscar soluções relacionadas a problemas sociais, como as injustiças e desigualdades, além do racismo e das várias formas de discriminação, e a compreender a relação natureza e sociedade.

Por sua vez, a conceituação da ciência, da técnica e da tecnologia desenvolve a aprendizagem dos métodos e das epistemologias das Ciências, objetivando a valorização e a utilização crítica e autônoma deles pelo estudante.

Trata-se de um conjunto de temas essenciais que permite avançar na aprendizagem do ponto de vista ético e cidadão, tendo em mente a participação crítica e consciente no debate público com base na realidade brasileira.

UNIDADE 1 Que brasis formam o Brasil?

Temas

Percurso	Assuntos trabalhados	Temas Contemporâneos Transversais
1 Saberes e fazeres	• A diversidade ambiental brasileira • Características principais dos biomas brasileiros • A diversidade do Brasil contemporâneo • A miscigenação cultural • Manifestações culturais • Tradições alimentares • Imaginário popular • Aspectos regionais da diversidade cultural • Os impactos da presença humana nas paisagens brasileiras • Patrimônio cultural material e imaterial do Brasil	• Diversidade Cultural • Educação Alimentar • Educação para a Valorização do Multiculturalismo • Educação para os Direitos Humanos
2 Relações étnico-raciais na sociedade brasileira	• Povos Indígenas no Brasil atual • Terras Indígenas • Historiografia dos povos indígenas • A matriz africana na formação da sociedade brasileira • Raça como categoria sociopolítica • Escravidão e racismo no Brasil • Protagonismo da população afro-brasileira na luta por direitos • Mito da democracia racial • Políticas afirmativas no Brasil	

Objetivos

- Identificar diferentes características territoriais e socioculturais do Brasil e suas especificidades no contexto global.
- Relacionar a formação da sociedade brasileira à transformação das paisagens geográficas e aos distintos grupos étnico-culturais.
- Investigar as diferentes tradições culturais e as práticas de preservação da diversidade socioambiental na sociedade brasileira.
- Analisar as implicações do etnocentrismo e do racismo na sociedade brasileira e nas representações da identidade nacional.
- Posicionar-se contra o racismo, a discriminação e o preconceito com base em princípios éticos e democráticos.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA EDITORA DO BRASIL

Justificativa

A sociedade brasileira é múltipla em suas matrizes étnico-culturais e diversa na forma de se relacionar com o espaço. A aprendizagem a respeito da diversidade brasileira possibilita aos estudantes conhecerem o país onde vivem de maneira crítica e problematizarem visões homogeneizadoras, hierarquizadas, etnocêntricas e racistas a respeito da identidade nacional.

A compreensão da formação sociocultural e espacial brasileira leva os estudantes não apenas a descrever características das diferentes paisagens e formações socioculturais, mas a vincular esses elementos à compreensão do que é "ser brasileiro" em diferentes contextos. Para alcançar esse objetivo, a diversidade é investigada em seus distintos aspectos, dentre os quais as relações entre biomas e sociedades, as formas de desenvolvimento econômico, as culturas materiais e imateriais e os conflitos sociais.

A análise e a reflexão crítica a respeito da diversidade de matrizes étnico-culturais requerem a abordagem do olhar etnocêntrico que atravessa as imagens e estereótipos construídos acerca do Brasil. Dessa maneira, a reflexão sobre o "ser brasileiro" possibilita o desenvolvimento de aprendizagens muito importantes na sociedade contemporânea. Em especial, o combate ao racismo e a diversas formas de discriminação.

O trabalho com a BNCC

A BNCC nesta UNIDADE

Competências gerais: 1, 2 e 7
Competências específicas de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas: 1, 5 e 6
Habilidades: EM13CHS102, EM13CHS106, EM13CHS501, EM13CHS502, EM13CHS503 e EM13CHS601
Competência específica de Linguagens e suas tecnologias: 2

Competências gerais da Educação Básica

Competência geral 1: contemplada na valorização e utilização dos conhecimentos das diversas disciplinas científicas para o entendimento da realidade. Ao analisarem a diversidade brasileira, os estudantes recorrem aos estudos e aos conceitos das Ciências Humanas, aprendem a valorizar esse conhecimento e a colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva, aberta a múltiplas culturas e consciente da importância do combate a problemas sociais como o racismo e a discriminação.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Competência geral 2: desenvolvida pelos estudantes ao exercitarem a curiosidade científica e usarem instrumentos das diversas disciplinas das Ciências Humanas para investigação das causas de problemas complexos, como a difícil realidade dos povos Indígenas no Brasil atual, as questões relacionadas a legitimidade das Terras Indígenas assim como a Historiografia dos povos indígenas no Brasil.

Competência geral 7: as atividades e as problematizações acerca de temas como "Protagonismo da população afro-brasileira na luta por direitos" e o "Mito da democracia racial", colocam os estudantes diante do desafio de construírem argumentos e debatê-los, de forma a elaborarem, negociarem e defenderem suas ideias, suas perspectivas e suas propostas, de maneira ética e que promova os direitos humanos.

Competências específicas de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Competência específica 1: desenvolvida fundamentada na análise de processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais, como na abordagem de aspectos regionais da diversidade cultural e os impactos da presença humana nas paisagens brasileiras. Ao analisar a diversidade regional e étnico-cultural do Brasil por meio de uma pluralidade de procedimentos construídos pelas Ciências Humanas, os estudantes desenvolvem uma visão crítica sobre os processos e aprendem a sustentar argumentos com fontes de natureza científica.

Competência específica 5: os estudantes desenvolvem aprendizagens que lhes possibilitam identificar e combater formas de injustiça, de preconceito e de violência, em especial o racismo e as diversas formas de discriminação. A problematização do etnocentrismo e do racismo por meio do estudo sobre quem somos "nós, os brasileiros" é

uma forma efetiva de desenvolver esta competência e levar os estudantes a construir olhares e ações com base em princípios éticos fundados nos direitos humanos.

Competência específica 6: desenvolvida principalmente nas diversas atividades que envolvem a exposição de argumentos e o debate entre os estudantes. Com a mediação do professor e o respeito a diferentes posições, os estudantes desenvolvem a autonomia, a responsabilidade e a consciência crítica, para que aprendam a se posicionar no debate público.

Habilidades de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

EM13CHS102: desenvolvida nos conteúdos e problematizações que levam os estudantes a identificar, analisar e discutir, de maneira crítica, as circunstâncias nas quais ocorre o racismo e o etnocentrismo.

EM13CHS106: os estudantes desenvolvem esta habilidade ao aprenderem a ler de maneira crítica os mapas, os gráficos, as imagens e os textos de diversos gêneros apresentados ao longo da unidade, especialmente ao fazerem as atividades que propõem questionamentos a respeito desses conteúdos.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

EM13CHS501: esta habilidade é contemplada quando são analisados os fundamentos de valores éticos por meio de reflexão sobre as experiências de diferentes grupos sociais e étnico-culturais. Ao longo da unidade, valores como liberdade, autonomia, cooperação e solidariedade são abordados pelo viés do conhecimento sobre as múltiplas culturas que formam o Brasil.

EM13CHS502: habilidade contemplada pela abordagem de desnaturalização e problematização da desigualdade, do preconceito, da intolerância e da discriminação encontrados na sociedade brasileira. Os conteúdos e as atividades da unidade possibilitam analisar esses problemas tomando como referência a vida cotidiana dos estudantes, de maneira que eles identifiquem as ações que promovem os direitos humanos, a solidariedade, o respeito às diferenças e às liberdades individuais.

EM13CHS503: a habilidade é desenvolvida pela identificação dos estudantes das formas de violência que ocorrem na sociedade brasileira. Em especial, é possível trabalhar esta habilidade por meio da problematização sobre as causas, os significados e usos da violência direcionada às pessoas indígenas, negras e pertencentes a comunidades tradicionais do Brasil, além da discussão sobre os meios para combatê-la.

EM13CHS601: esta habilidade é contemplada na identificação e análise das demandas e do protagonismo dos povos indígenas e das populações afrodescendentes de nosso país, incluindo os quilombolas. Na unidade, essas demandas e protagonismos são discutidos com base na história da integração desses grupos à ordem econômica social, tendo como perspectiva a atuação dos estudantes no combate às desigualdades étnico-raciais.

Competência específica de Linguagens e suas tecnologias

Competência 2: os estudantes desenvolvem a compreensão de processos identitários, conflitos e relações de poder que permeiam as práticas sociais de linguagem. Ao analisar a sociedade brasileira, são tematizadas as diversidades de culturas, línguas e identidades, com base em valores democráticos, igualitários e de respeito aos direitos humanos, de forma a exercitar o autoconhecimento, a empatia, o diálogo e o combate aos preconceitos.

Perfil do professor

Os conteúdos desta unidade abordam problemas e conceitos de **Geografia**, desenvolvidos pela análise das relações entre sociedades e natureza. Em especial, no trabalho da diversidade de biomas e culturas do Brasil, com destaque para a interação de diferentes povos e comunidades com a terra, os rios, o mar, as florestas etc.

As abordagens e discussões de **História** também são bastante trabalhadas, tanto na análise da formação do Brasil como uma sociedade regionalmente diversa, quanto na reflexão sobre o protagonismo das diferentes matrizes étnico-culturais na construção do país. A unidade desenvolve o diálogo entre temporalidades e a compreensão da realidade social como resultado de transformações ao longo do tempo.

Ao elaborar o conceito de matrizes étnico-culturais e analisar as formas de organização, as práticas culturais e as dinâmicas socioeconômicas das comunidades tradicionais, a unidade também o faz sob a perspectiva da **Sociologia**. Problemáticas como relativismo cultural, racismo e desigualdades brasileiras são abordadas ao longo da unidade [illegible] abordagem sociológica [illegible].

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

O trabalho desenvolvido nesta unidade oferece ainda a possibilidade de um rico **diálogo interdisciplinar** com as **Ciências da Natureza**, junto ao professor de Biologia, na abordagem da fauna e da flora características dos diferentes biomas brasileiros, conectando assim o conhecimento sobre as dimensões humana e natural da diversidade do país e da reflexão sobre sua biodiversidade.

Outro diálogo possível é com a área de **Linguagens e suas Tecnologias**, pela abordagem da diversidade étnico-linguística do país e a leitura crítica das narrativas que sustentam argumentos sobre a sociedade brasileira, seja para afirmar sua diversidade (o samba-enredo da Mangueira), seja para negá-la em nome de uma construção ufanista e homogênea a respeito do país ("Aquarela do Brasil").

Orientações didáticas

Abertura da unidade

Páginas 8–9

Aproveite a imagem de abertura para fazer uma avaliação diagnóstica dos conhecimentos prévios dos estudantes sobre a formação do povo brasileiro a partir das matrizes étnico-culturais indígenas, africanas e europeias. Na fotografia, é possível identificar a representação de uma negra com vestimentas e acessórios que remetem à herança africana. A herança indígena também é representada pela pintura corporal e pelo uso de adereços como cocar e saias, ambos indicativos do modo de vida e dos saberes desses povos. Ao fundo há retratos de personagens brancos de origem europeia, representados com vestimentas de padrão nobre europeu, de maneira a destacar a matriz europeia.

Espera-se que os estudantes mobilizem conhecimentos prévios de História do Brasil sobre os processos da conquista portuguesa, a escravidão e a Abolição, estudados no Fundamental II. Com base nesses conhecimentos e por meio de inferências, espera-se que identifiquem as informações adequadas para responderem às questões.

Estimule o grupo para que perceba que tais matrizes não foram valorizadas ou reconhecidas pela história oficial, cujas narrativas enaltecem lideranças brancas e não dão visibilidade ao protagonismo das populações negras e indígenas como sujeitos sociais e históricos. Isso está simbolizado no fato de que esses povos não aparecem

nos retratos emoldurados, mas caminham à frente do carro alegórico.

Respostas

1. Na imagem, são representados personagens indígenas e africanos, em postura de luta, diante de personagens brancos, que posam sorridentes em retratos emoldurados. Leia a imagem com os estudantes, pois esta é uma boa oportunidade para você fazer uma avaliação diagnóstica do conhecimento deles a respeito das relações raciais no Brasil. Fique atento a possíveis falas que possam promover discursos ou comportamentos preconceituosos. Espera-se que eles identifiquem na imagem personagens indígenas, africanos e europeus, que representam as matrizes étnico-culturais do Brasil. Eles também devem identificar o lugar específico ocupado pelos brancos, emoldurados em retratos que os glorificam, ao contrário dos demais grupos.
2. A questão pode dar sequência à leitura iniciada na pergunta anterior. Espera-se que os jovens identifiquem a palavra no plural "brasis" com a pluralidade étnico-cultural representada na imagem. Além disso, o nome pode ser relacionado com outras formas de diversidade presentes na sociedade brasileira, por exemplo, entre as culturas das diferentes regiões ou entre os biomas e suas paisagens. Destaque também esses aspectos da diversidade brasileira para introduzir os conteúdos da unidade.
3. Conclua o debate inicial incentivando os estudantes a partilhar suas vivências e ideias sobre o Carnaval (e/ou outras formas de manifestação cultural popular da realidade deles). Destaque os significados cultural, político e econômico do evento, a importância social dos desfiles para as comunidades em que as escolas se inserem e a função de as comunidades poderem se expressar sobre temas que suscitem importantes debates no contexto nacional.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Páginas 10-11

Formação étnico-cultural do Brasil

Apresente aos estudantes a letra do samba-enredo (disponível em: http://www.mangueira.com.br/sambaenredo; acesso em: 22 jun. 2020). Se possível, promova a audição da música na aula.

As questões a seguir podem orientar a análise.

- Na letra, como o Brasil é chamado?
- Que relações podemos estabelecer entre esses atributos e nossa História?
- Que versos o livro apagou?
- Que livro é esse?
- Os termos **invasão** e **descobrimento** se referem a que processo histórico?
- Por que a letra fala que "tem mais invasão que descobrimento"?

Na letra, o Brasil é chamado de "meu nego, meu dengo, Dandara", uma referência à presença africana na história do país. No contexto do samba-enredo, a expressão **meu nego** foi usada para demonstrar afeto pelo Brasil; **dengo** é uma palavra de origem banto, da língua quicongo, cujo sentido é um pedido de aconchego no outro para suavizar um cotidiano difícil; Dandara guerreou ao lado de Zumbi no Quilombo dos Palmares. Os "versos que o livro apagou" remetem à valorização das origens africanas e indígenas à história e cultura do Brasil; o "livro" se refere, de maneira figurada, à história oficial escrita nos livros em que a presença dos afrodescendentes nos processos históricos foi apagada, de modo geral. Os termos **invasão** e **descobrimento** referem-se à conquista portuguesa do território brasileiro a partir de 1500. A letra faz uma crítica social à invasão dos territórios indígenas pelos colonizadores, ao afirmar que a invasão prevaleceu ao descobrimento, uma vez que as terras já eram ocupadas e a colonização foi um processo violento, com guerras e escravização.

Ampliando

- "História do Carnaval no Brasil", artigo que ajuda a compreender melhor a história do Carnaval brasileiro, publicado em 13 de fevereiro de 2015 no Portal Geledés. Disponível em: https://www.geledes.org.br/historia-carnaval-no-brasil/. Acesso em: 26 jun. 2020.

Respostas

1. As três matrizes são: indígena, africana e europeia. Os indígenas ocupavam o território que hoje

pertence ao Brasil desde antes da chegada dos colonizadores. Os africanos foram trazidos pelos europeus de forma compulsória para exercer trabalho escravo nas fazendas e minas. Os europeus, por sua vez, chegaram nessas terras em 1500, logo começaram a explorar os recursos naturais e a subjugar os povos que aqui viviam, além de trazer africanos escravizados para trabalhar em suas fazendas. Ao trabalhar o imaginário popular desses povos com os estudantes, conduza a abordagem de forma a quebrar estereótipos consolidados na sociedade.

Percurso 1

Saberes e fazeres

Página 12

Análise: Aquarela esmaecida do Brasil

As questões conduzem para a reflexão sobre a coexistência de diferentes visões sobre o que é o Brasil e sobre a inatualidade da visão do país como uma cultura única, fruto de uma miscigenação sem conflitos nem contradições. O contraponto com o samba-enredo da Mangueira contribui para a percepção de que "Aquarela do Brasil" não falava dos silenciamentos, das violências e da subalternização, apenas celebrava a miscigenação como um encontro festivo. Fazemos a mediação entre visão crítica e visão [illegible] inatualidade.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Respostas

1. De acordo com o texto, o Brasil não é mais terra do samba porque outras musicalidades contemporâneas são mais representativas atualmente, como o *funk* e o sertanejo, apesar de o samba estar vivo. A resposta reforça a diversidade cultural da realidade brasileira, além de seu caráter histórico, demonstrando que a cultura está em permanente transformação.
2. O país "feliz, tropical e colorido" da letra é o "clichê" ao qual a pergunta se refere. O autor comprova o argumento apontando a personificação do Brasil pela figura do "mulato inzoneiro", como se uma única figura pudesse contemplar um país de culturas tão diversas.
3. A letra não é mais atual porque não reconhece a diversidade, procurou construir a imagem do Brasil como a de um personagem único, "mulato", fruto de uma mestiçagem sem conflitos e de pura celebração.

Página 13

Respostas

1. Trechos que os estudantes podem citar: "Meu mulato inzoneiro", "Tira a Mãe Preta, do cerrado / Bota o Rei Congo, no congado", "Quero ver a Sa Dona, caminhando / Pelos salões arrastando / O seu vestido rendado", "Terra boa e gostosa / Da morena sestrosa".

Brasil: diversidades e diferenças

Ao construir os conceitos de bioma e ecossistema, recorra ao quadro com os verbetes e as imagens das próximas páginas que levam o estudante a perceber a diversidade dos biomas do Brasil. Mesmo ao trabalhar as dimensões biológica e geológica, reforce a presença humana naqueles espaços, uma vez que a especificidade das Ciências Humanas é o elemento humano, sua interação e os desafios e disputas nos respectivos biomas.

Páginas 14–15

Nossos biomas e riquezas

Trabalhe o infográfico de modo a investigar os conhecimentos prévios dos estudantes, faça perguntas sobre as características do clima e da vegetação em cada bioma. Destaque também o bioma mais comum na região dos estudantes para um estudo aprofundado sobre ele.

Ao desenvolver o conceito de bioma e analisar o infográfico, você tem a oportunidade de um trabalho interdisciplinar com a área de Ciências da Natureza, abordando características da flora e da fauna dos biomas brasileiros.

Apresente as fontes e os dados do infográfico, como metodologia de leitura de diferentes gêneros textuais. É importante os estudantes aprenderem que a busca por respostas sobre este e outros fenômenos deve recorrer ao conhecimento produzido pelas Ciências Humanas (além de outras áreas da ciência), e não apenas ao senso comum e a conteúdos de procedências alheias ao conhecimento científico.

Ampliando

Ao longo deste percurso, é possível aprofundar as informações do livro com o *Atlas geográfico escolar*, publicado pelo IBGE, que pode ser baixado gratuitamente (disponível em: https://loja.ibge.gov.br/atlas-geografico-escolar-8-edicao.html; acesso em: 17 jun. 2020).

Página 16

Bioma Amazônia

Instigue os estudantes a falar a respeito da Amazônia, valorize seus conhecimentos. Peça a eles que destaquem e localizem no mapa da infografia anterior a região e os estados que fazem parte desse bioma. Introduza as múltiplas questões que envolvem a região como soberania, relação com países vizinhos, musicalidade, culinária, embates e disputas que ocorrem nesse território. As imagens, músicas e obras sugeridas ao longo do percurso são elementos que ajudam a construir significados sobre a diversidade brasileira.

Respostas

1. Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes dissertem evidenciando a diversidade cultural, paisagística, populacional e econômica do bioma. Se necessário, peça-lhes que façam uma pesquisa antes da escrita do texto, para constituírem melhor os argumentos.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Grandes cidades amazônicas

A análise das informações sobre as cidades possibilita perceber a Amazônia como região integrada às formas de vida e de trabalho urbanas e industriais, com problemas próprios das grandes cidades. Debata com os estudantes o senso comum sobre a Amazônia, de que é uma região formada unicamente pela floresta e pelos modos de vida a ela relacionados.

Utilize na sala de aula o *Atlas geográfico escolar*, publicado pelo IBGE, que apresenta na página 157 as principais cidades do Amazonas, classificadas por tamanho.

Página 17

Ocupação do território

Com os estudantes, localize em um mapa os dois rios e as cidades que abrigaram os povos marajoara (Ilha do Marajó) e tapajoara (Santarém). Valorize o esforço das diferentes disciplinas científicas em buscar conhecer saberes "apagados" ao longo da história, que resgatam a complexidade e as diferenças entre contextos distintos de reprodução material da condição humana. Destaque o processo histórico de ocupação desses territórios e a presença na Amazônia de tradições culturais que são herdeiras de formas de expressão anteriores à colonização europeia. Lembre à turma que a região segue contando com grandes artistas e criações, mas ao mesmo tempo há disputas e violência, em especial contra populações indígenas e outros povos tradicionais.

Ampliando

Caso deseje mostrar aos estudantes mais peças cerâmicas das culturas marajoara e tapajoara, acesse o *site* do Museu Nacional, no qual há fotografias de exemplares com descrições.

- CULTURA marajoara. *In*: MUSEU NACIONAL. Rio de Janeiro, [201-?] Disponível em: http://www.museunacional.ufrj.br/dir/exposicoes/arqueologia/arqueologia-brasileira/marajoara.html. Acesso em: 18 jun. 2020.
- CULTURA Santarém. *In*: MUSEU NACIONAL. Rio de Janeiro, [201-?]. Disponível em: http://www.museunacional.ufrj.br/dir/exposicoes/arqueologia/arqueologia-brasileira/santarem.html. Acesso em: 18 jun. 2020.

Página 18

Respostas

1. Resposta pessoal. Os estudantes podem considerar aspectos como cor, formato geométrico, figura humana e de animais estilizados nas imagens. A resposta os leva a refletir sobre o método de construção de hipóteses como parte da produção do conhecimento científico. É importante fazer a relação com possíveis usos (ligados, por exemplo, à religião e à estética), que não se circunscrevem apenas à dimensão prática/instrumental.
2. **a)** Resposta pessoal. Destaque os símbolos, as cores e as formas das imagens da cultura amazônica contemporânea. Ressalte o caráter simbólico das roupas e ornamentações e explique à turma que são uma forma de arte – entendida como uma expressão humana que busca reproduzir ou exprimir valores, críticas, sentimentos, entre outros afetos, por meio de diferentes linguagens. Por exemplo, a textura florida de um vestido simboliza formas da natureza, assim como a cerâmica zoomórfica.

   b) Resposta pessoal. Eles podem relacionar as cores, os padrões das formas, as pessoas com marcas identitárias indígenas, o fato de serem rituais ligados aos antepassados, à religiosidade, entre outros aspectos.

Lutas e disputas na Amazônia

Analise os problemas ambientais e sociais da Amazônia em conexão com interesses econômicos na exploração dos recursos da floresta. Destaque o protagonismo das pessoas que lutam em defesa de uma relação sustentável com a floresta, como é exemplificado por Chico Mendes. As problematizações devem servir para que os estudantes reflitam sobre a sustentabilidade no próprio contexto e compreendam a necessidade de protagonismo na busca de soluções para os problemas ambientais e sociais.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Respostas

1. Resposta pessoal. Auxilie os estudantes a pesquisar em *sites* dos órgãos ambientais municipais e estadual da região.
2. Os estudantes podem mencionar práticas de desenvolvimento sustentável, além de fiscalização eficaz, políticas públicas de apoio às sociedades tradicionais da área, entre outras iniciativas.

A Cabanagem e a Aliança dos Povos da Floresta

Este conteúdo estabelece um diálogo de temporalidades entre as lutas sociais recentes (exemplificadas pelos seringueiros) e os conflitos do passado. Dentre outros pontos, é possível comparar o protagonismo de setores da sociedade que viviam em comunidades cujo sustento era tirado da floresta, e os conflitos entre essas comunidades e os interesses voltados à exploração lucrativa da região, o que gerou impactos negativos – no caso da Cabanagem, a tomada de terras indígenas por latifundiários, a escravidão e outras formas de trabalho forçado.

Você pode optar por desenvolver o conteúdo por meio de uma pesquisa dos estudantes a respeito da Cabanagem.

Página 19

Bioma Cerrado

Ressalte a abrangência desse bioma, sua riqueza, diversidade social e ambiental; as populações tradicionais; os índices econômicos do agronegócio em relação ao comércio global; a ameaça e o desmate da cobertura desse bioma; os conflitos e a violência contra povos indígenas; os movimentos sociais na região e a ocupação histórica desses territórios. Tais conteúdos podem ser aprofundados de acordo com o sentido especificado em seu planejamento.

Faça uma leitura dialogada do texto com a turma, destaque informações importantes. Enfatize a abrangência do assunto e as inúmeras possibilidades de olhares.

Análise: As ameaças à diversidade ambiental e cultural do Cerrado

Faça uma leitura dialogada dos dados enfatizando os critérios de organização

do gráfico. Dessa maneira, os estudantes desenvolvem a análise desse tipo de linguagem, interpretam e elaboram questões com base em dados, além de compreenderem a importância de dados confiáveis para qualquer objeto de estudo em Ciências Humanas.

Respostas

1. Espera-se que os estudantes relacionem a perda da diversidade biológica com as ações humanas, como o desmatamento. Dessa forma, é necessária a implantação das devidas políticas públicas de preservação ambiental para mitigar as perdas dos ecossistemas.
2. Tanto as espécies vegetais e animais quanto as pessoas são prejudicadas por não poderem reproduzir seus modos de vida, sofrendo efeitos diretos e indiretos do desmatamento, como a perda dos recursos da floresta, a falta de alimentação e a piora nas condições ambientais, entre outros. Também pode ser abordado o prejuízo econômico em um ambiente de negócios globalizado que se preocupa com a questão socioambiental.

Páginas 20–21

Povos do Cerrado

Na abordagem dos povos do Cerrado, o estudante conhece diferentes aspectos da história e da vida das populações tradicionais e aprende os impactos de processos econômicos e sociais sobre as formas de vida dessas populações. Apesar da comum, todas essas populações interagem com o ambiente do Cerrado, por isso estão ameaçadas pela perda de terras, da biodiversidade e de condições ambientais propícias a suas atividades.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Respostas

1. A perda de território é um dos problemas mais sérios enfrentados pelos povos do Cerrado e por outros povos que mantêm formas de vida comunitária em interação com os biomas brasileiros. Ela impacta todos os aspectos da vida, já que frequentemente força a migração para outras regiões e para as cidades, o abandono das práticas econômicas, sociais, culturais e religiosas da comunidade, e desestabiliza as identidades étnico-culturais. Dentre outros problemas sociais, a perda de território gera fome, miséria, violência, marginalização social e a destruição de tradições culturais, linguísticas e religiosas.
2. Resposta pessoal. A questão toma como base as vivências e os conhecimentos dos estudantes e pode ser utilizada para refletir acerca de diferentes aspectos da interação entre seres humanos e natureza. Atue como mediador da aprendizagem de valores éticos, em especial a sustentabilidade. É possível ainda questionar o quanto das iniciativas sustentáveis atuais se aproximam do que os povos do Cerrado já fazem há muito tempo.

Página 22

Bioma Mata Atlântica

Neste momento, é importante voltar ao mapa dos biomas da página 14 para ressaltar com os estudantes a abrangência da Mata Atlântica. Faça perguntas sobre as diferentes expressões culturais inseridas nesse bioma; mostre os estados das quatro regiões brasileiras (Nordeste, Sudeste, Centro-Oeste e Sul) em que há Mata Atlântica. O contraponto entre as imagens possibilita a ênfase no aspecto e no objeto de estudo das Ciências Humanas por meio de diferentes perspectivas dos componentes curriculares. Você pode, por exemplo, questionar o que há de presença humana na primeira fotografia e o que há de presença da natureza na segunda. No primeiro caso, há no mínimo uma pessoa com a câmera, em contato com a floresta e produzindo significados sobre ela na forma de fotografia. Além disso, podem ser imaginadas interações que ocorrem no local, como banho no rio, pesca etc. Na segunda fotografia, a vegetação é visível ao fundo e os artefatos humanos (construções, instrumentos musicais, vestimentas etc.) são produzidos pela interação da sociedade com a natureza. O exercício propicia a problematização do mito moderno de uma natureza intocada, além de relacionar os

bens culturais aos processos de transformação da natureza.

Respostas

1. Resposta pessoal. Ao abordarem as manifestações que os estudantes conhecem, as práticas culturais e os vínculos sociais, econômicos, afetivos, entre outros, que propiciam, esses conteúdos são compreendidos de maneira mais concreta com base na realidade do jovem. Você, como mediador, pode problematizar e estabelecer relações para que os estudantes entendam os múltiplos sentidos das práticas culturais para uma comunidade.
2. Resposta pessoal. Na atividade em dupla ocorre também a aproximação das vivências com o conteúdo estudado. A natureza, as características econômicas e a diversidade cultural ganham concretude para os estudantes pelo diálogo. Você deve retomar o conteúdo sobre os biomas, os processos econômicos e a formação histórica multicultural brasileira que fazem parte da realidade local, onde o jovem exerce protagonismo.

Mais saberes e fazeres

Ao aprenderem sobre os caiçaras, os estudantes desenvolvem conhecimento sobre as comunidades tradicionais brasileiras e as ameaças que pairam sobre elas. As problematizações propostas levam a turma a comparar os processos de apropriação econômica destrutiva da natureza em diferentes épocas.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Página 23

Respostas

1. As aproximações incluem a imposição de uma economia voltada para os grandes lucros do mercado internacional, a tomada violenta de terras, a apropriação predatória dos recursos, a destruição de culturas e modos de vida das pessoas que já habitavam a região, a resistência das comunidades em torno de práticas culturais que reforçam sua identidade e a consciência de luta. Também pode ser destacado que entre as ancestralidades dos caiçaras estão os indígenas.
2. A comparação leva os estudantes a refletir sobre a enorme escala de destruição da Mata Atlântica ao longo da história brasileira. Ao mediar as reflexões, enfatize a relação entre os modelos predatórios de economia e a destruição da floresta.

Ampliando

Para os estudantes compreenderem a dimensão da devastação da Mata Atlântica, apresente-lhes o mapa indicado a seguir.

- IBGE. Vegetação: cobertura atual. *In*: IBGE. *Atlas geográfico escolar*. Rio de Janeiro: IBGE, [201-?]. Disponível em: https://atlasescolar.ibge.gov.br/images/atlas/mapas_brasil/brasil_vegetacao.pdf. Acesso em: 18 jun. 2020.

Página 24

Análise: Grande Porto Digital do Recife

Explique aos estudantes que a reportagem é de uma publicação que tem o objetivo de informar e orientar investidores e empresários em seus negócios. Espaço de investimentos tecnológicos, a cidade do Recife é descrita como um polo já dotado de um histórico notável no setor, apontando para um futuro promissor tanto para os que investem quanto para os jovens.

Respostas

1. Nesta atividade, é preciso que os estudantes percebam que modelos de desenvolvimento econômico como esse contemplam pesquisa, investimentos privado e público, e geram novas oportunidades de trabalho, com ênfase nos recursos tecnológicos muito utilizados pelos jovens. Pode ainda ser destacado o protagonismo dos jovens na área de tecnologia, seja no mercado de trabalho, seja no consumo de bens e serviços.
2. Você deve atuar como mediador, relacionar os argumentos dos estudantes com a realidade socioeconômica da região onde se encontram e com os impactos da criação de parques tecnológicos em diferentes regiões. Dentre os exemplos de impactos mencionados no texto estão o cabeamento de fibra óptica, a restauração do centro histórico, além de oportunidades de trabalho no setor de tecnologia para os jovens.

Página 25

Bioma Caatinga

Instigue os estudantes a falar o que sabem a respeito da região. Não deixe de destacar características como a biodiversidade e a sazonalidade das paisagens nas épocas de chuva e de seca, além do problema do desmatamento, abordado no texto. É importante ressaltar uma das questões mais expressivas na Caatinga: a desertificação, que é a transformação de áreas desse bioma em desertos devido ao avanço indiscriminado da ocupação antrópica sobre o bioma.

Ao abordar o Geopark, você pode usar a página oficial (disponível em: http://geoparkararipe.urca.br/; acesso em: 4 jul. 2020) ou descrever as características dele de maneira a causar uma reflexão sobre as funções e a importância de lugares como esse, dedicado à pesquisa e preservação do acervo natural e cultural da Caatinga brasileira.

Ampliando

Para aprofundar seus conhecimentos sobre o tema da desertificação, consulte o atlas a seguir.

- SANTANA, Marcos Oliveira (org.). *Atlas das áreas susceptíveis à desertificação no Brasil*. Brasília, DF: MMA; João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2007. Disponível em: http://www.mma.gov.br/estruturas/sedr_desertif/_arquivos/129_08122008042625.pdf. Acesso em: 18 jun. 2020.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA EDITORA DO BRASIL

Respostas

A atividade sobre o trecho de *Os sertões* leva os estudantes a identificar características do bioma e a ameaça representada pelo desmatamento.

1. a) A descrição de Euclides da Cunha corresponde a algumas áreas onde a Caatinga ainda não sofreu com as intervenções antrópicas. Entretanto, muitas regiões desse bioma têm paisagens completamente diferentes, semelhantes a desertos, devido ao processo de ocupação humana sem os devidos cuidados com o meio ambiente.

b) Podem ser citadas ações que permitam a manutenção da Caatinga, como a fiscalização de áreas agrícolas e pecuárias, conscientização da população residente para o melhor convívio com o bioma, programas de auxílio aos produtores agropecuários de baixa renda em períodos de seca etc.

Página 26

A religiosidade/Luta no sertão

Este tema pode ser explorado por múltiplas fontes que representam os fatos históricos ligados ao Padre Cícero e ao cangaço, com desdobramento nas artes, crenças e demais criações que caracterizam a região. O componente estético e religioso pode ser analisado em uma pesquisa em grupos: alguns para conhecer melhor as figuras de Ibiapina e Padre Cícero e outros grupos com foco no cangaço em diferentes tempos, até culminar na figura de Lampião.

O cangaço é parte fundamental para o entendimento social, político e econômico da Região Nordeste brasileira. A opção por um debate estético possibilita o diálogo com Filosofia, Sociologia e Arte. A turma pode, por exemplo, analisar filmes ou cordéis sobre o tema. A parceria entre professores propicia um estudo com possibilidade de conexões que transitam pela estética, arte, pelo simbolismo, pela religiosidade, luta de classes, relação com a paisagem, dentre outras.

Após a sensibilização da turma para o assunto, você pode propor uma apresentação que seja um fazer estético e artístico para conhecimento das outras turmas – como uma festa com essa temática ou um momento de partilha dos conhecimentos.

Respostas

1. Resposta pessoal. Nesse momento, é importante incentivar os estudantes acerca do conhecimento da região onde moram. Assim, peça uma pesquisa sobre a expressão da religiosidade pela população local, estilos musicais ou literários típicos da região, desdobramentos de conflitos etc.
2. Os estudantes devem tecer comentários sobre a situação econômica e política do Sertão na época, com população muito carente submetida aos coronéis. Dessa forma, os cangaceiros surgiram como uma resistência à estrutura imposta.

Página 27

O Vale do São Francisco

Problematize a função e a importância do investimento em pesquisa, inclusive como forma de criação e geração de renda. O exemplo de Petrolina desconstrói alguns estereótipos sobre a Região Nordeste e o bioma Caatinga. Além disso, estudar o maracatu leva os estudantes a construir uma interface da cultura contemporânea com a história do processo de colonização do Brasil, em especial da sociedade do açúcar.

Dentre as reflexões sobre a diversidade brasileira, podem ser debatidas as diferentes matrizes culturais que formaram nossa cultura; a [illegible] as relações que os [illegible] eciam com eles antes da colonização; os diferentes eixos econômicos da ocupação do território pelos colonizadores (açúcar, ouro, pecuária etc.); o histórico de interações étnico-culturais e de conflitos específicos de cada região (a exemplo da presença holandesa em Pernambuco).

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Respostas

1. Os estudantes devem mencionar as diversas matrizes na composição da sociedade brasileira, além das distintas expressões culturais de cada parte do território.

Vozes: Ariano Suassuna

As narrativas e personagens de Ariano Suassuna retomam assuntos estudados como o cangaço, o sebastianismo, a resistência e a identidade do sertanejo. É possível uma análise da linguagem e da estética dos filmes, séries e demais suportes que dialogam com a obra de Suassuna. Uma parceria com a área de Linguagens, como um encontro que debata sua obra por meio de múltiplos olhares, pode estimular os estudantes ao hábito da leitura.

Páginas 28-29

Bioma Pampa

Ressalte que o bioma também sofre intenso processo de degradação ambiental, com a expansão da atividade humana, formando extensos areais. Nesse momento, diferencie os conceitos de arenização e desertificação.

Ampliando

Para aprofundar seus conhecimentos sobre arenização e desertificação, leia o texto indicado a seguir.

- ARMESTO, Regina Celia Gimenez. *Problemas ambientais decorrentes da falta ou excesso de água*. Brasília: Serviço Geológico do Brasil-CPRM, [2010?]. (Temas Geológicos para Educação Ambiental, caderno II). Disponível em: http://www.cprm.gov.br/publique/media/canal_escola/educacao_ambiental/cadernoII_17_09_2012.pdf. Acesso em: 18 jun. 2020.

Respostas

1. Pesquise previamente projetos voltados para a preservação da água em sua região e promova um debate entre os estudantes com informações sobre esses projetos.
2. A atividade pode ser desenvolvida em parceria com professores da área de Ciências da Natureza, de forma a construir um conhecimento interdisciplinar a respeito da água.

Algumas heranças

Destaque a diversidade populacional do território gaúcho, enfatize a herança indígena, europeia e africana para quebrar alguns estereótipos sobre a região, além de valorizar múltiplos saberes herdados dessa diversidade. A navegação pelo Mapa Guarani Digital (disponível em: https://guarani.map.as/; acesso em 23 jun. 2020), é interessante para que a turma perceba a presença dispersa pelo território nacional de uma das etnias mais ameaçadas em seu modo de vida, além de compreender o aspecto fronteiriço que caracteriza a interação étnico-cultural na região do Pampa.

Respostas

1. **a)** Os estudantes precisam relacionar a crítica feita no primeiro trecho à ausência da matriz étnico-cultural negra no segundo. O regionalismo gaúcho é construído com base na concepção de força masculina, idealizada como padrão. Esse debate pode incluir a ideia de que o uso de uma figura única para simbolizar toda uma cultura pode silenciar as demais narrativas encontradas nela. Além disso, a escolha de um homem branco fisicamente forte como símbolo reafirma o lugar do sujeito que já é socialmente valorizado em relações marcadamente desiguais.

   b) Você pode construir uma roda de conversa para discussão das imagens e perspectivas do sul do Brasil, que é considerado um lugar apenas de descendência europeia, em contraposição à grande presença negra e indígena no território, com saberes e fazeres que também são parte da cultura popular gaúcha.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Páginas 30–31

Manifestações pantaneiras

O conteúdo das toadas e das cantigas populares estão geralmente relacionadas ao território e à memória coletiva. Se possível, promova em sala de aula a audição de algumas toadas e faça uma parceria com Língua Portuguesa para levar os estudantes a pensar sobre a relação entre oralidade, cultura e memória.

Uma leitura atenta das descrições e explicações sobre a dança leva os estudantes a conhecer duas manifestações centrais para a memória e a cultura pantaneira. Se possível, reproduza um vídeo de apresentação e amplie o assunto em parceria com o professor de Arte.

Respostas

1. Resposta pessoal. Relacione as manifestações da cultura popular brasileira com os temas ligados ao cotidiano e à experiência de formação desses territórios por meio dos componentes religiosos e das relações de trabalho.
2. Resposta pessoal. Faça uma pesquisa prévia sobre as manifestações culturais de sua região e a situação atual da política de patrimônio cultural. Ao utilizar materiais do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), destaque a importância desse órgão público responsável pela organização e memória da extensa e diversa cultura brasileira.

Páginas 32–33

Atividades

Respostas

1. **a)** Historicamente, os portugueses das elevadas classes sociais foram exaltados como principais atores na formação do Brasil. Muitos foram retratados por artistas famosos em pinturas com molduras trabalhadas, que denotavam grande valor. Em contrapartida, os negros e indígenas não foram mencionados como parte integrante da formação da sociedade brasileira, o que resultou em poucos registros de negros e indígenas na época. A fotografia critica essa situação ao retratar um indígena e uma negra emoldurados como pinturas na parede, assim como ocorria com os portugueses.

   b) O enredo se propôs a mudar o foco da história brasileira que, por séculos, teve como elemento central o europeu, principalmente os portugueses. Assim, o objetivo da escola de samba foi contar a história do Brasil tendo como ênfase povos esquecidos na narrativa predominante: indígenas e negros.

   c) Resposta pessoal. Esta atividade possibilita interdisciplinaridade com Língua Portuguesa, cujo professor pode apresentar aos estudantes

palavras do dia a dia originadas de outras culturas, com ênfase nas populações indígenas e negras.

2. Resposta pessoal. Incentive os estudantes a perceber manifestações culturais encontradas na sua realidade para, assim, traçar paralelos.
3. Promova uma leitura mediada, identifique palavras-chave e acrescente dados que ampliem a conversa de maneira que a turma sistematize informações e perceba a relação entre paisagem e características dos biomas, em interação com o elemento humano como agente transformador e criador de sentidos e significados simbólicos.
   a) O primeiro texto apresenta uma posição favorável à expansão do agronegócio como modelo de desenvolvimento para a Floresta Amazônica, justificada pela fartura de água (entendida como insumo da produção em larga escala) e pelo potencial de geração de estímulos econômicos e sociais para a região. O segundo apresenta uma posição oposta, com a defesa da perspectiva de povos indígenas, que resistem ao avanço de grandes negócios porque ameaçam a existência da floresta e das pessoas que nela vivem.
   b) A relação entre os sujeitos sociais e suas ideias deve contrapor os dois textos. No primeiro, os sujeitos são os ruralistas, a fonte é um canal rural e suas ideias apresentam a Amazônia como espaço de investimento, a água como um insumo e o agronegócio como promessa de melhora de vida. No segundo, os sujeitos são os indígenas, a fonte é uma organização de direitos humanos, e a ideia é a preservação das terras florestais, alvo da invasão de garimpeiros, madeireiros, turistas, pesquisadores e palmiteiros. Os invasores são sujeitos que compartilham a visão do agronegócio, olham para a floresta como um conjunto de recursos a serem explorados.
4. Alternativa **a**. Para os povos indígenas, as terras têm forte ligação com a identidade e a memória de seus antepassados. Esse valor contribui para o aumento dos conflitos vigentes em torno da expansão das fronteiras agrícolas na região, pois o Cerrado é uma das regiões de maior conflito e expansão de terras para o agronegócio na atualidade.
5. Alternativa **c**. No contexto da sociedade escravista brasileira, a vestimenta e a indumentária eram marcas das diferenças sociais e uma das maneiras de se diferenciar da condição de escravos, já que os escravizados eram proibidos de usar esse tipo de vestuário.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Percurso 2

Relações étnico-raciais na sociedade brasileira

Página 34

Retome as reflexões sobre a diversidade brasileira e apresente o conceito principal deste percurso: as relações étnico-raciais. A discussão passa a focar menos na diversidade e mais na desigualdade historicamente construída nas relações entre brancos, negros e indígenas.

Ao conceituar e relacionar as matrizes étnico-culturais do Brasil, evite a confusão desse conceito com ideias do senso comum, como a de que indígenas, africanos e europeus são três "povos", ou "nações" ou "raças". Explique aos estudantes que ter uma "matriz" comum significa ter uma origem ancestral no mesmo continente, e não implica uniformidade de cultura. É importante também, ao longo de todo este percurso, atentar para falas de estudantes que possam promover preconceitos ou comportamentos discriminatórios.

Página 35

Povos indígenas no Brasil atual

Problematize o conceito de civilização, que legitimou a recusa da sociedade e do Estado em reconhecer os direitos indígenas até recentemente. A ideia de que existe uma civilização superior que deve se impor às demais foi construída ao longo do processo de colonização europeia e está fundamentada em uma visão de mundo etnocêntrica.

Analise os dados com os estudantes, problematize visões sobre os indígenas que fazem parte do senso comum, mas são carregadas de preconceitos. Dentre outras, a visão de que os indígenas são uma única cultura; a de que são povos do passado e teriam "desaparecido" na miscigenação; a de que os povos indígenas só

são indígenas quando vivem em florestas ou áreas rurais.

Analise também com a turma a narrativa histórica sobre os kadiwéus, que identifica a trajetória de um grupo étnico-cultural específico, em interação com outras matrizes culturais brasileiras há séculos, sem perder a identidade. Essa análise leva os estudantes a refletir sobre a visão a respeito dos indígenas, de que são povos que tendem ao desaparecimento via miscigenação.

Página 36

Respostas

1. Oriente os estudantes caso tenham dúvidas ou dificuldades para encontrar informações sobre os povos indígenas. Os *sites* da Funai (disponível em: http://www.funai.gov.br/; acesso em: 4 jul. 2020) e do Instituto Socioambiental (disponível em: http://www.socioambiental.org; acesso em: 4 jul. 2020) são boas fontes de consulta.
2. Organize a turma em grupos de 4 a 5 integrantes, cada grupo será responsável por uma tarefa na pesquisa. Deixe a critério da turma escolher se a produção será em suporte digital ou impresso; estimule os estudantes a considerar as vantagens e desvantagens de cada suporte e a fazer o planejamento necessário para a organização do material pesquisado. Reserve uma ou duas aulas para a produção e encaminhe uma discussão para que proponham a maneira de compartilhá-lo com a comunidade escolar. Caso haja estudantes indígenas, ou de outras etnias indígenas na comunidade escolar ou na comunidade do entorno da escola, considere promover uma roda de conversa e convidá-los para contar as tradições de seu povo, a maneira de preservá-las e as percepções sobre os desafios enfrentados por eles e pelos demais povos indígenas no contexto atual; se consideram que há avanços na preservação/valorização das culturas indígenas, dentre outros temas de interesse da turma. Medeie o diálogo para que a relação eu-outro seja pautada no respeito e na valorização da diversidade étnica e cultural.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Página 37

Respostas

1. A atividade sobre as TIs pode provocar diferentes reflexões; um impacto evidenciado por estudos científicos é o da emissão de gás carbono. Apresente aos estudantes os dados do estudo que identificou que as TIs e as áreas naturais protegidas (ANPs) na Amazônia são menos propensas à perda líquida de carbono do que regiões desprotegidas. Isso acontece porque, mesmo havendo liberação de carbono nas TIs, essa emissão é em grande parte compensada pelo crescimento da vegetação florestal – o que não se verifica em terras sem proteção. Consulte o artigo "Terras Indígenas são as mais eficazes para manutenção dos estoques de carbono" (disponível em: https://terrasindigenas.org.br/pt-br/node/51; acesso em: 24 jun. 2020).

   Ao pesquisarem, os estudantes devem levantar informações pertinentes, relacionar os dados entre si para analisar se as diferentes áreas têm ou não perdas líquidas de carbono. Além disso, devem discutir as implicações éticas, econômicas, políticas e ambientais da demarcação de terras. Você pode propor outras pesquisas sobre o tema. Para isso, há fontes confiáveis, com dados e análises comprovados por evidências científicas, como o Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia (Ipam) e o Instituto Socioambiental (ISA).

Vozes: Joênia Batista de Carvalho

O trecho de entrevista possibilita desenvolver com os estudantes a análise das lutas indígenas por reconhecimento de direitos. Dentre outras questões, o texto destaca o protagonismo das mulheres e as especificidades de sua luta; os conflitos envolvendo a reserva Raposa Serra do Sol; a visão de mundo dos povos indígenas, que coloca outros valores acima do lucro. O artigo também demonstra que é recente a possibilidade de uma mulher indígena ocupar o lugar de representante parlamentar.

Página 38

A historiografia das culturas ameríndias

Esta parte do percurso conceitua o etnocentrismo e situa historicamente o contato entre europeus e indígenas no começo do processo de colonização.

Comece indagando aos estudantes se sabem por que os povos indígenas foram

chamados de **índios** por Colombo quando chegou à Ilha de Guanahani, na América Central, em 1492. Use os conhecimentos prévios da turma para discutir os motivos da continuidade do uso da expressão índios pelos europeus mesmo depois de saberem que não eram os habitantes das Índias (no Oriente), mas povos nativos do continente americano, o que pode ser interpretado como manifestação de etnocentrismo.

Encaminhe a discussão de forma que os estudantes percebam que o termo **índios** é uma construção social ocorrida no contexto da conquista e colonização da América, quando os colonizadores homogeneizaram distintos grupos que tinham tradições, línguas, organização social e política próprias, desconsiderando a diversidade cultural que representavam.

O texto descreve o trabalho com as fontes e questões metodológicas da Historiografia e da Antropologia, o que o torna uma oportunidade de desenvolver as competências relacionadas ao conhecimento e à prática, pelo estudante, dos métodos das Ciências Humanas.

Página 30

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Grafismo kadiwéu: marca de identidade

O antropólogo francês Lévi-Strauss buscou compreender a tradição das pinturas corporais no próprio sistema sociocultural dos kadiwéu. Discuta com a turma em que medida essa percepção acerca das pinturas corporais dos indígenas kadiwéu rompe com a visão etnocêntrica. Estimule a percepção de que as pinturas têm sentidos sociais, culturais, religiosos, dentre outros, que divergem da visão europeia. Assim, é possível desenvolver a reflexão sobre o relativismo cultural e sobre os métodos e teorias das Ciências Humanas.

Ampliando

Para exemplificar a importância do grafismo na conservação da cultura indígena brasileira, explique aos estudantes que a arte kusiwa (própria da etnia wajãpi) foi reconhecida pela Unesco como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade. Caso deseje aprofundar o assunto, acesse o conteúdo indicado a seguir.

- ARTE kusiwa: pintura corporal e arte gráfica wajãpi. *In*: INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. Brasília, DF: Iphan, [201-?]. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/54. Acesso em: 18 jun. 2020.

Respostas

1. Durante muito tempo o estudo dos povos indígenas foi relegado a antropólogos, etnógrafos e arqueólogos. A produção historiográfica sobre a temática é recente, iniciada no final do século XX e começo do século XXI, em decorrência do predomínio de uma visão etnocêntrica que desconsiderou a história dos povos indígenas.
2. **a)** A falta de fontes escritas por indígenas; a perspectiva etnocêntrica das fontes escritas existentes; a exiguidade de bibliografia em razão da valorização da matriz europeia em detrimento das demais; a incorporação recente da metodologia para o trabalho com fontes orais na História.

   b) Resposta pessoal. Espera-se que o estudante aponte que a falta de estudos sobre os povos indígenas pela perspectiva dos próprios indígenas contribuiu para a permanência dos estereótipos sobre eles, porque as narrativas que prevaleceram foram feitas com base no olhar etnocêntrico dos europeus. Difundidas desde a colonização, essas narrativas moldaram o imaginário social com visões estereotipadas acerca dos indígenas.

   c) Dentre as principais reivindicações dos povos indígenas estão a demarcação e a proteção de suas terras e o direito de manterem as tradições e os modos de vida ancestrais. Em relação à demarcação das Terra Indígenas, um dos obstáculos é a disputa com outros setores sociais. As riquezas dessas terras atraem garimpeiros, mineradoras,

madeireiras com interesse na exploração econômica das riquezas, situação que provoca conflitos e violência. A manutenção das tradições ancestrais também depende de os indígenas terem seus territórios assegurados, porque estão diretamente relacionados com os modos de vida tradicionais.

3. Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes relacionem a prática atual dos grafismos entre os kadiwéu à manutenção da tradição cultural ancestral do povo, conectando as gerações mais jovens ao passado coletivo, além da preservação de um traço identitário (o grafismo corporal) dos kadiwéu.

Página 40

Análise: A Rádio Yandê

Respostas

1. A iniciativa considera a inovação ao trazer para a realidade dos indígenas o uso de tecnologias da comunicação para divulgar seus conhecimentos. Ela une essa inovação à própria tradição e aos conhecimentos indígenas e é uma forma de continuar a transmiti-los pela oralidade.
2. Apesar de utilizar um meio de comunicação tradicional, a Rádio Yandê prevê essa quebra da hegemonia eurocêntrica predominante na maior parte da mídia brasileira, na qual os costumes e as crenças europeias são disseminados em detrimento de outras culturas. Essa realidade fica mais evidente nas novelas de "época", muito comuns nas redes de televisão brasileiras. Todas mostram um Brasil escravagista em que os costumes europeus são exaltados, enquanto outras matrizes da sociedade, na maioria das vezes, são apresentadas de forma degradante, como negros escravizados, ou [illegible] indígenas.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Página 41

O Brasil africano

Inicie a aula com perguntas aos estudantes sobre os motivos de o Brasil ser o segundo país com maior número de negros na população. Explique a eles que uma das razões foi a tardia extinção do tráfico negreiro, apenas em 1850. Dessa forma, enquanto muitos outros países do mundo não mais transportavam africanos com o intuito de escravizá-los, o Brasil continuou a prática. Vale ressaltar que entre 1850 e 1888 a escravidão ainda era permitida no país, apenas não se podia mais importar africanos legalmente.

Respostas

1. Estimule os estudantes a levantar hipóteses, registre-as na lousa e peça-lhes que as anotem no caderno. Ao final do percurso, encaminhe nova discussão do assunto e peça à turma que retome as hipóteses iniciais e analise sua pertinência frente aos conhecimentos construídos durante o percurso. Se julgar conveniente, proponha novas pesquisas para ampliar a discussão.

   Algumas possibilidades são a afirmação da negritude como traço identitário; a busca das origens dos antepassados; a tomada de consciência diante das formas de exploração e subalternização; a luta pela valorização e construção da memória africana e afrodescendente e a luta pela construção da autoestima da população negra.

Página 42

Conceito racial

Encaminhe uma discussão coletiva para estimular a percepção dos estudantes de que o racismo é uma construção social articulada pelas relações de poder em contextos e realidades históricas concretas. Estimule-os a refletir sobre essa relação no cotidiano; para dar mais concretude, você pode apontar a maior aceitação social de pessoas que integram o grupo racial privilegiado. Um exemplo é o estranhamento manifestado quando negros e negras ocupam uma posição de destaque em um meio social valorizado.

Atribuir um juízo de valor à personalidade do outro com base em estereótipos – ideias preconcebidas que rotulam esse outro – implica em não considerar sua individualidade associando noções previamente formadas e assimiladas (muitas vezes sem questionamentos). Com isso, passamos a estabelecer uma relação eu-outro fundamentada na visão social construída sobre esse outro ao longo da história, e a atribuir-lhe determinadas características tidas como "típicas" ou "próprias" de membros daquele grupo racializado.

Respostas

1. Resposta pessoal. Algumas possibilidades são: enfrentar obstáculos no acesso aos direitos; ser alvo de

diferentes tipos de violência; desenvolver baixa autoestima. Um exemplo é a desvantagem da população negra no acesso a cargos e funções de maior remuneração no mercado de trabalho; outro é a desproporção entre pessoas brancas e negras em anúncios publicitários; há ainda a baixa representatividade de negros e indígenas em cargos eletivos, tanto nas administrações locais como no nível estadual e nacional.

2. Por serem conceitos imbricados, oriente as duplas para que pensem em exemplos de manifestação desses conceitos em situações cotidianas para que melhor os diferenciem com base no fragmento de Almeida.
O racismo é uma forma sistemática de discriminação fundamentada na raça, decorrente de práticas que culminam em desvantagens ou privilégios aos indivíduos a depender do grupo racial ao qual pertençam; exemplos são os dados de desigualdades sociais no Brasil com base no critério de cor e raça. Preconceito racial é julgar (ou pré-julgar) com base em estereótipos; por exemplo: atribuir a uma pessoa de origem judaica a característica de avarento. Discriminação racial implica tratar de maneira diferenciada pessoas ou grupos racialmente identificados e que geralmente decorre do preconceito; por exemplo: o tratamento diferenciado a brancos e negros em um atendimento público.

3. Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes mencionem a criação de ações educativas que valorizem a diversidade étnica-racial e destaquem o protagonismo de negros e de indígenas; a criação e/ou engajamento em campanhas de conscientização sobre os efeitos perversos do racismo; a busca e a socialização de informações sobre o tema em [illegible] participação em fóruns [illegible] a práticas de discriminação racial naturalizadas no cotidiano (por exemplo, em relação a piadas e comentários de cunho racial).

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Página 43

Escravidão e racismo

Ao analisar o fenômeno da escravidão, é importante que os estudantes o compreendam globalmente e identifiquem o papel central da colonização europeia na América nesse processo. Na abordagem da escravização de pessoas na África, é importante visualizar a diversidade étnico-cultural do continente e as diferenças entre o escravismo moderno e as formas de cativeiro ligadas à guerra, que já existiam. Dessa maneira, é possível problematizar a visão atual do senso comum de que "os próprios africanos se escravizaram".

Página 44

Análise: Comércio negreiro e a Lei Eusébio de Queiroz

Respostas

1. Sim. Como se observa no gráfico, o período de maior intensidade do tráfico negreiro para o Brasil foi de 1801 a 1850, quando quase 2 milhões de pessoas entraram no Brasil na condição de escravizadas. O período de 1851 a 1900 registra menos de 10 mil ingressos, uma quantidade ínfima se comparada aos números anteriores, em decorrência da Lei Eusébio de Queiroz.

2. Naquele contexto, a escravidão continuou porque a lei proibia apenas o comércio entre África e Brasil. Depois da lei, o tráfico interno de escravizados se intensificou, especialmente de Pernambuco e Bahia para o centro-sul do país, com destino às áreas cafeicultoras. Proponha aos estudantes pesquisar o tema e registrar em uma linha do tempo o contexto das leis abolicionistas a partir da extinção do tráfico negreiro, em 1850. O exercício deve levá-los a analisar o processo de abolição como um conjunto de decisões políticas tomadas em diferentes momentos; nesse contexto, a Lei Eusébio de Queiroz foi importante por acabar com o tráfico transatlântico de africanos para o Brasil. No entanto, isso não representou o fim da escravidão, que só foi extinta 38 anos depois.

Página 45

Protagonismo negro na luta por direitos

Diferencie as perspectivas do senhor e do escravizado na relação escravista, que faz com que o senhor veja no escravizado uma mercadoria e uma propriedade; enquanto na perspectiva do escravizado ele continua sendo uma pessoa com ideias, opiniões, sentimentos e vontades. Ressalte que a desumanização da condição não leva à desumanização da pessoa, que segue buscando sua liberdade, inclusive por atos de resistência à escravidão.

Os estudantes devem reconhecer o protagonismo negro no próprio processo de abolição, em especial na campanha abolicionista nas décadas de 1870 e 1880.

Percorra com eles a trajetória individual de Luís Gama, que também pode propiciar uma atividade de pesquisa. A mesma abordagem pode ser feita em relação ao pós-abolicionismo, com destaque para o combate ao racismo promovido pelo Movimento Negro Unificado e pelo Teatro Experimental do Negro, ambos relacionados à liderança de Abdias do Nascimento.

Página 46

A luta permanece

A fim de exemplificar formas atuais de resistência negra, proponha aos estudantes acessar e navegar pelo *site* do Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros (Ipeafro), fundado por Abdias do Nascimento (disponível em: http://ipeafro.org.br; acesso em: 23 jun. 2020). Peça aos estudantes que façam um levantamento dos temas e materiais de pesquisa disponibilizados no *site*; as ações realizadas pelo instituto; outros aspectos que julgarem interessantes. Com base nesse levantamento, encaminhe uma discussão coletiva sobre o papel do instituto e de associações/organizações similares para reduzir as desigualdades étnico-raciais e promover a história e a cultura africana e afro-brasileira.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Página 47

Democracia racial, um mito

Promova um debate sobre as razões da continuidade do racismo no Brasil até hoje, já que a Abolição ocorreu há mais de um século; fique sempre atento a falas que possam promover comportamentos preconceituosos. Ressalte que a Abolição não foi acompanhada nem seguida de políticas compensatórias, o que perpetuou a imensa desigualdade entre senhores e escravizados. Situe também a influência de teses racistas e a política de branqueamento no pós-Abolição como fatores que agravaram as desigualdades raciais no país.

Página 48

Análise: Democracia racial para Gilberto Freyre

Respostas

1. Resposta pessoal. A faixa, no contexto da Assembleia Constituinte de 1988 e do Centenário da Abolição da Escravatura, afirma a necessidade de mudar uma estrutura de desigualdades raciais no Brasil, que é analisada nos estudos de Florestan Fernandes em sua crítica à visão de "democracia racial" de Gilberto Freyre. As pessoas que carregam a faixa são do Movimento Negro, que reivindicava naquele momento o personagem histórico Zumbi dos Palmares como símbolo da mudança que deveria ser buscada, que é a da conquista da liberdade e do direito à identidade, com a afirmação da legitimidade da história e da cultura negra. Essa narrativa se contrapunha à celebração da Lei Áurea, que manteve as desigualdades e exclusões históricas e colocou como protagonista da história da libertação negra uma princesa branca.

Página 49

Políticas afirmativas

Situe historicamente o debate sobre cotas no final do século XX e início do século XXI; explique à turma que essas políticas já são consolidadas atualmente em muitas universidades. Em seguida, apresente estudos que analisem o impacto das cotas com base nas metodologias das Ciências Humanas, diferenciando esse conhecimento da mera opinião. Dentre outras fontes, consulte as informações do artigo a seguir.

- BRITO, Débora. Cotas foram revolução silenciosa no Brasil, afirma especialista. *Agência Brasil*, Brasília, 27 maio 2018. Disponível em: https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2018-05/cotas-foram-revolucao-silenciosa-no-brasil-afirma-especialista. Acesso em: 23 jun. 2020.

Página 50

Análise: Desigualdades sociais no Brasil

Respostas

1. Caminhe pela sala e observe eventuais dúvidas, esclarecendo-as; auxilie a interpretação e análise dos dados quando necessário.

Os dados mostram as desigualdades no Brasil entre a população branca e a negra em diferentes indicadores sociais: mercado de trabalho, distribuição de renda e condições de moradia, violência, educação e representação política. São dados recentes, de 2017/2018, e em todos eles observam-se índices desfavoráveis à população negra (formada por pretos e pardos) em relação à população branca.

2. Oriente a turma em uma elaboração textual com base no seguinte roteiro: a discrepância entre população efetiva e sua representatividade; os desafios que isso traz para a resolução de muitas demandas da população negra na luta por dignidade; a necessidade de se debater, em toda a sociedade, as pautas de reivindicação da população negra e a construção de canais para sua representatividade.

   Esta é uma elaboração pessoal, na qual se espera que o estudante aponte haver sub-representação da população negra na composição da Câmara, o que desfavorece a aprovação de pautas específicas.

Página 51

Respostas

1. Para o jovem, a entrada na universidade tem importância pessoal, pois abre novas perspectivas em sua carreira profissional e sua vida pessoal, e ao mesmo tempo tem importância coletiva, já que representa uma conquista para toda a família, que não teve a oportunidade de ingressar no Ensino Superior. Para [illegible] diversos, por exemplo, a inclusão social e a diminuição das desigualdades sociais e raciais.
2. Ao afirmar que irá lutar para não ser o último membro de sua família a entrar na universidade, o jovem assume um compromisso com a valorização da educação e com a luta pela oportunidade de acesso a ela pelas pessoas que, como ele, enfrentaram a exclusão histórica ao Ensino Superior.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Página 53

Prática de pesquisa: Matrizes africanas na religiosidade brasileira

Esta prática consiste na leitura cuidadosa de textos sobre as religiosidades de matriz africana no Brasil, para a identificação das principais abordagens teóricas e conceituais que os estudiosos adotam ao estudar o tema. É um exercício que promove aprendizagens com a leitura crítica de textos científicos, análise do conteúdo e reflexão, além do estabelecimento de conexões e comparações entre diferentes interpretações formuladas por autores das Ciências Humanas.

- **Juntem-se, leiam, selecionem!:** Para a leitura inicial, além do indicado na atividade, você pode trabalhar o texto "Manifestações culturais – Candomblé" do Museu Afro Brasil (disponível em: http://www.museuafrobrasil.org.br/pesquisa/indice-biografico/manifestacoes-culturais/candomble; acesso em: 25 jun. 2020).

  Após a leitura inicial, deve ser escolhido um dos textos para que os estudantes leiam cuidadosamente em casa e tragam os fichamentos para discutir com a turma. Você também pode incluir textos de sua escolha na lista de leituras. Por exemplo, algumas fontes indispensáveis para compreensão do tema são as obras de Pierre Verger, Roger Bastide e Reginaldo Prandi.
- **Relacionem e concluam!:** O trabalho final é uma oportunidade de observar de que modo os processos de transformação e interação culturais se alongam no tempo e que ainda estão em curso quando se trata dessas culturas. Também pode ser visualizada a diversidade de abordagens e métodos para a compreensão de processos que envolvem interações e influências culturais ao longo do tempo.

Páginas 54-55

Atividades

Respostas

1. Resposta pessoal. Os estudantes podem enfatizar a diversidade de biomas, matrizes étnico-culturais,

culturas tradicionais locais, formas de expressão artística etc. É importante que os estudantes demonstrem entendimento de que, sob esses diversos aspectos, o Brasil é um mosaico de culturas que não pode ser reduzido nem a uma imagem homogênea de nação, nem a uma matriz cultural única, nem a um personagem que por si só sintetize as características da população (como o "mestiço", por exemplo).

2. **a)** Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes descrevam as imagens sobre os indígenas que são parte do senso comum. Ao responder sobre o Dia do Índio, talvez apontem características como a valorização da matriz cultural indígena, mas incluam aspectos do senso comum criticados no enunciado, que situam o lugar do indígena num passado distante e não como parte do Brasil contemporâneo. É desejável que nesta atividade os estudantes demonstrem compreensão de que a abordagem das culturas indígenas tem muitas vezes uma perspectiva etnocêntrica, apresentam o indígena com uma leitura superficial de sua cultura – como o uso de cocares e outros adereços – sem esforço efetivo de conhecer a complexidade cultural e a realidade dos indígenas na atualidade.

b) Espera-se que os estudantes relacionem a crítica com a discussão ao longo da unidade sobre o etnocentrismo e o apagamento da história e cultura indígenas ao longo dos séculos nas narrativas e imagens construídas sobre o Brasil. A idealização de um indígena no passado está ligada à perspectiva etnocêntrica dos documentos escritos pelos viajantes, ao pequeno interesse de estudiosos por dedicar a esses temas, e ao longo predomínio de visões homogeneizadoras sobre a nacionalidade brasileira, que situam o indígena num passado anterior à miscigenação, que teria gerado o brasileiro como um povo "mestiço". Os estudantes também podem desenvolver reflexão no sentido de identificar as múltiplas formas de ser indígena, incluindo a vida urbana, sem que isso represente uma negação da identidade do indivíduo como pertencente a um povo.

3. Conforme o texto, a relação entre a alimentação e o *éthos* alto-xinguano é a forma de pensar o mundo (ou a filosofia) de um povo que tem como ideal a moderação dos excessos. Os estudantes devem utilizar argumentos e informações construídos com base nos estudos das Ciências Humanas para analisar a alimentação dos indígenas sem reduzir sua cultura a explicações preconceituosas ou simplistas, fundamentadas somente no senso comum. A compreensão de que a alimentação é parte de uma cultura que envolve outras práticas é importante para que os estudantes conceituem a cultura como construção e simbolização em todas as sociedades humanas (distinguindo nossa espécie de outras), e não como mera decorrência do meio ou da natureza.

4. **a)** Os elementos principais são o título da obra e o fato de que tanto a mulher negra quanto a mulher indígena têm ambas as mãos ocupadas em apoiar a mulher branca. Ela está no centro e se sustenta colocando uma das mãos sobre o ombro da mulher indígena e a outra segura na mão da mulher negra.

b) A imagem não corresponde à história, que é marcada por violências como guerras, domínio colonial de territórios, escravização, racismo e diversas formas de discriminação. Espera-se que, ao justificar, o estudante recorra ao conteúdo da unidade e descreva a colonização como um processo no qual o suporte dado por indígenas e negros aos europeus não foi nem voluntário, nem harmonioso, já que se apoiou nessas características violentas.

5. Espera-se que os estudantes compreendam que o racismo é um fenômeno social que não se reduz às características deste ou daquele indivíduo e para ser combatido demanda o papel ativo de todas as pessoas. A atividade pode ter múltiplos desenvolvimentos, que incluem a promoção de práticas de conscientização; organização de eventos que promovam a valorização da cultura e da história negra ou debates sobre o combate ao racismo; a produção de uma memória da escola que valorize o protagonismo negro, entre outras. É importante que os estudantes se percebam como protagonistas do enfrentamento de problemas sociais como o racismo e não naturalizem o racismo em suas realidades.

6. Alternativa **c**. A estratégia do Movimento Negro Unificado visa especificamente o combate ao racismo, que é uma forma de discriminação étnica, produzida em um processo de imposição etnocêntrica pelos brancos.

7. Alternativa **a**. Os textos abordam a valorização de traços culturais dos negros como forma de luta, já que se colocam contra uma situação de valorização exclusiva do que pertence à cultura do branco.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

UNIDADE 2 O que é ser civilizado?

Temas

Percurso	Assuntos trabalhados	Temas Contemporâneos Transversais
3 Civilizações por toda parte	• O que é civilização? • Evolucionismo • Relativismo cultural • Civilizações antigas • Ocidente × Oriente • Diversidade religiosa	• Diversidade cultural • Educação ambiental • Educação para o multiculturalismo • Educação para os Direitos Humanos
4 Civilizações e transformações nas paisagens	• Civilizações e transformação da paisagem: Emirados Árabes Unidos, Império Inca, China e Amazonas • Paisagens urbanas: história, territórios luminosos e opacos, cidades globais e gentrificação • Paisagens rurais e globalização • Outros pontos de vista: Fenomenologia, geossistema, paisagem cultural	

Objetivos

- Compreender criticamente as circunstâncias históricas do surgimento das matrizes conceituais dicotômicas, como civilização/barbárie e Ocidente/Oriente.
- Analisar a diversidade das sociedades humanas e suas formas de interação da perspectiva do relativismo cultural.
- Definir paisagem e civilização considerando o desenvolvimento histórico de diferentes sociedades.
- Relacionar aspectos naturais e culturais envolvidos na organização das paisagens e no desenvolvimento das civilizações.
- Empregar conceitos, métodos e teorias das Ciências Humanas para construir argumentos e propor soluções de problemas da sociedade contemporânea.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Justificativa

Esta unidade reflete de maneira complexa os conceitos de paisagem e de civilização, estabelecendo interconexões entre processos econômicos, sociais, políticos e culturais. As múltiplas abordagens trabalhadas ao longo dos temas permitem ao estudante desenvolver aprendizagens da área de Ciências Humanas de maneira interdisciplinar e plural, diagnosticando e propondo soluções para problemas da realidade da esfera local até a global.

O conceito de civilização tem uma trajetória particularmente marcada pela perspectiva etnocêntrica e pelas relações desiguais de poder que caracterizam as interações culturais no processo de expansão colonial da Europa. As abordagens dicotômicas, como a oposição entre "civilização" e "barbárie", ou entre "Ocidente" e "Oriente", são problematizadas para que os jovens desenvolvam um olhar crítico para as simplificações dualistas e evolutivas que marcam a trajetória da conceituação da civilização. Para isso, são analisadas as circunstâncias da elaboração de conceitos, métodos e teorias científicas das Ciências Humanas.

A unidade também aborda, com base em diversos estudos de caso, as relações que se estabelecem entre a transformação das paisagens naturais e o surgimento das civilizações. A análise da produção de paisagens em sociedades urbanas e rurais localizadas em várias partes do mundo propicia a compreensão do conceito em diálogo com diferentes problemas, incluindo as interações humano-natureza, os diversos modelos de desenvolvimento econômico e os desafios postos pela urbanização, pela globalização e pelos efeitos da degradação do ambiente nas sociedades contemporâneas.

O trabalho com a BNCC

A BNCC nesta UNIDADE

Competências gerais: 1, 2 e 9
Competências específicas de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas: 1, 2 e 5
Habilidades: EM13CHS101, EM13CHS102, EM13CHS103, EM13CHS104, EM13CHS105, EM13CHS106, EM13CHS203, EM13CHS206 e EM13CHS502
Competência específica de Ciências da Natureza e suas Tecnologias: 1

Competências gerais da Educação Básica

Competência geral 1: é desenvolvida ao aprendem e usam conhecimentos construídos pelas ciências de maneira crítica e aberta à pluralidade de abordagens, de métodos e de teorias. Isso ocorre principalmente quando eles explicam realidades muito diversas (desde o próprio contexto local até as sociedades e paisagens de outros continentes) com base em conhecimentos científicos. O trabalho desses conteúdos deve servir para que eles continuem aprendendo e empregando esses conhecimentos em sua atuação na sociedade, pautada por valores éticos e democráticos.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Competência geral 2: é desenvolvida ao incentivar a curiosidade dos jovens a respeito da diversidade de civilizações e de paisagens do mundo, apresentando abordagens científicas às quais eles podem recorrer para investigar a realidade e refletir sobre ela. Em especial, ao se dedicarem às atividades e problematizações da unidade, os estudantes aprendem a utilizar múltiplos procedimentos de investigação, pesquisa e resolução de problemas, próprios das abordagens das Ciências Humanas.

Competência geral 9: é desenvolvida nas diferentes atividades que promovem o diálogo e a cooperação entre os estudantes, principalmente na abordagem de temas que envolvem a valorização da diversidade de saberes, identidades e culturas. É o caso das atividades relacionadas aos temas do relativismo cultural, da intolerância religiosa e da conceitualização complexa de civilização, que problematiza ideias e comportamentos preconceituosos.

Competências específicas de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Competência específica 1: é desenvolvida por meio do trabalho com os conceitos de paisagem e civilização com base nas metodologias e epistemologias científicas. A competência também é trabalhada quando são analisados processos complexos como a transformação das paisagens e sua relação com as civilizações que ali se desenvolveram.

Competência específica 2: desenvolvida no estudo da formação de territórios e fronteiras, bem como na análise das relações de poder que são parte da construção

de conceitos como os de civilização, barbárie, Ocidente, Oriente, entre outros. Além disso, os conhecimentos sobre a transformação das paisagens em diferentes sociedades permitem avançar na compreensão de como a territorialidade é desenvolvida em processos como a globalização, a urbanização, a gentrificação e a patrimonialização cultural.

Competência específica 5: contemplada na identificação de preconceitos, injustiças e violência relacionados à imposição de modelos civilizatórios e à manipulação política de teorias científicas, como a promovida pelo darwinismo social, pela eugenia e pelas teses racistas a respeito da diversidade humana. A unidade examina criticamente o conceito de civilização, problematizando os preconceitos relacionados à visão dicotômica do "outro" como bárbaro e propondo a perspectiva do relativismo cultural. A abordagem do etnocentrismo é feita de forma a dialogar com a realidade dos estudantes, promovendo o combate aos preconceitos e à violência, bem como a adoção de princípios éticos, democráticos, inclusivos, solidários, de tolerância e respeito aos direitos humanos.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Habilidades de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

EM13CHS101: contemplada por meio da análise de fontes e narrativas diversas que, ao longo da unidade, contribuem para a conceitualização de paisagem e civilização. Teorias científicas, questões filosóficas, fontes históricas e literárias, entre outras, fazem parte da trajetória da elaboração desses conceitos.

EM13CHS102: desenvolvida na identificação, análise e discussão das circunstâncias do discurso etnocêntrico, do racismo e da ideia de evolução aplicada às sociedades humanas. São avaliadas, criticadas e comparadas as perspectivas etnocêntricas e dualistas como as do eurocentrismo, do orientalismo e da ideia de "choque de civilizações". A unidade contrapõe essas visões a narrativas e teorias que contemplam outros agentes e discursos.

EM13CHS103: contemplada nas diversas propostas que envolvem a prática de pesquisa em Ciências Humanas, com análise e sistematização de dados e informações, formulação de hipóteses, seleção de evidências e composição de argumentos. Isso ocorre tanto na construção do conceito de civilização quanto na análise das transformações nas paisagens por diferentes civilizações.

EM13CHS104: trabalhada quando são identificados os conhecimentos, os valores, as crenças e as práticas que caracterizam as diversas culturas, abordados tanto do ponto de vista do relativismo cultural quanto da perspectiva da interface entre civilização e paisagem, levantando questões como a dos patrimônios culturais e a dos vínculos identitários entre as pessoas e os lugares.

EM13CHS105: desenvolvida especialmente quando são analisadas as concepções etnocêntricas, evolutivas e dualistas de "civilização". Nesses conteúdos e atividades são problematizadas as oposições dicotômicas, como aquelas entre cultura e natureza, civilizado e bárbaro e Ocidente e Oriente.

EM13CHS106: desenvolvida por meio da produção de conhecimentos pelos estudantes, com base no aprendizado de linguagens diversas, que inclui atividades de análise de mapas, gráficos, fotografias, obras de arte e fontes escritas de diferentes gêneros textuais. Algumas atividades envolvem a resolução de problemas para que o jovem exerça seu protagonismo usando criticamente fontes variadas.

EM13CHS203: contemplada tanto na avaliação e comparação das formas como diferentes civilizações transformam as paisagens quanto na contextualização e relativização de conceitos de civilização e barbárie, de cidade e campo, entre outras perspectivas dualistas a respeito das sociedades humanas.

EM13CHS206: desenvolvida na análise da ocupação humana e da produção do espaço em diferentes sociedades e épocas, de maneira que os estudantes possam exercitar a aplicação do raciocínio geográfico para a compreensão da realidade.

EM13CHS502: desenvolvida na desnaturalização e problematização de diversas formas de desigualdade, preconceito, intolerância e discriminação por meio do estudo de temas como a diversidade cultural e religiosa das sociedades humanas, o relativismo cultural e as características sociais das paisagens urbanas e rurais.

Competências específicas de Ciências da Natureza e suas Tecnologias

Competência específica 1: a análise da produção de paisagens e das transformações técnicas e científicas tem um sentido interdisciplinar, abrangendo problemas como as fontes de energia e os impactos ambientais das atividades econômicas em escala local, regional e global. É desenvolvida também pela análise das condições de vida das pessoas nas diferentes paisagens. Esses conhecimentos são produzidos pelos estudantes por meio do diálogo entre as dimensões humana e natural dos problemas.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Perfil do professor

Os conteúdos trabalhados nesta unidade incluem temas e problemas da **Geografia**, em especial quando desenvolve os conceitos de civilização e de paisagem de maneira integrada, propiciando a aprendizagem sobre a humanização do espaço e a produção de paisagens rurais e urbanas por diferentes sociedades. O professor de Geografia também poderá trabalhar com maior desenvoltura a análise crítica das convenções cartográficas, como a elaboração do mapa-múndi com base na projeção de Mercator.

O professor de **História** também poderá trabalhar conceitos relacionados à sua área. Sua formação permitirá a conceitualização do que significa a civilização, o progresso e a própria história, além de propiciar uma abordagem crítica das transformações culturais causadas pelo colonialismo (eurocentrismo, dualismos) e pela globalização (as metrópoles contemporâneas, as narrativas de "choque de civilizações").

Por sua vez, o componente de **Sociologia** é bastante adequado para explorar os temas culturais, como o etnocentrismo, o relativismo e o lugar das religiões em diferentes sociedades. Problemas como a intolerância religiosa e o convívio com a diversidade numa sociedade globalizada podem ser bem desenvolvidos pelos professores desse componente.

Orientações didáticas

Abertura da unidade

Páginas 56-57

Utilize as questões que abrem a unidade para introduzir o conceito de civilização por meio das impressões, vivências e ideias dos estudantes. Aproveite para fazer uma avaliação diagnóstica de como os jovens elaboram a ideia de civilização/civilizado, o que lhe possibilitará mediar diálogos com o objetivo de formar uma primeira conceitualização.

É provável que uma visão hierárquica e etnocêntrica de civilização seja apresentada pelos estudantes. Por exemplo, concepções que relacionam o civilizado (e o não civilizado) às práticas, ideias e costumes de um grupo social ou de uma comunidade étnico-cultural, de uma região ou de uma localidade. Sendo assim, desde esse primeiro debate, é importante estar atento a falas que possam levar a comportamentos e discursos preconceituosos. Ao mesmo tempo, é uma boa oportunidade para uma primeira problematização das noções de inferioridade/superioridade que conceitos como civilização e cultura comportam no senso comum e que podem alimentar preconceitos, intolerâncias e diversas formas de discriminação. Procure usar o debate para provocar a curiosidade dos jovens a respeito do que significa ser "civilizado".

Respostas

1. Resposta pessoal. Espera-se que relacionem "civilizado" a diversas práticas e comportamentos humanos, com base em vivências e conhecimentos prévios. É provável que relacionem comportamentos civilizados àquilo que é valorizado na sociedade contemporânea, segundo noções do senso comum de que o sentido de "civilizado" é próximo de "educado", "culto", "bem comportado" etc. Faça a mediação da discussão, de modo a problematizar as visões hierárquicas e de diversidade cultural e social.
2. Resposta pessoal, na qual se espera que eles relacionem "civilizado" a países que, pelo senso comum eurocêntrico, são europeus, identificando, assim, "civilização" especificamente com a Europa e a cultura ocidental. Esta resposta deve ser problematizada para iniciar as aprendizagens da unidade. É possível complementar o questionamento perguntando: Há países não civilizados atualmente? Quais? Ouça as respostas e contraponha seus argumentos de modo a lhes mostrar que esse conceito vem de uma visão eurocêntrica do mundo, e que a noção ocidental moderna de "civilização" é apenas uma das conceitualizações possíveis, que se torna problemática se entendida de maneira hierárquica e evolutiva.
3. Resposta pessoal. Espera-se que os jovens relacionem "civilizado" a paisagens, provavelmente ligando o conceito às paisagens urbanas valorizadas pela sociedade capitalista. Problematize as respostas que estabelecem uma hierarquia entre campo e cidade, entre centro e periferia urbana, entre outras visões dicotômicas de paisagem e cultura. Caso remetam "civilizado" a paisagens modificadas pelo ser humano, pergunte: O que faz uma paisagem natural não ser civilizada? A ideia não é concluir neste momento uma definição, e sim lançar problematizações para que sejam desenvolvidas ao longo da unidade.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Página 58

Civilização: o que eu tenho a ver com isso?

Ao iniciar o trabalho com o conceito de civilização, tenha em mente a trajetória que será feita ao longo do percurso, que o aborda em seus múltiplos significados priorizando a apresentação crítica da construção do conceito na história. Em especial, será problematizado o uso desse conceito para construir uma perspectiva etnocêntrica da história humana. Além disso, o percurso apresenta a ideia de civilizações antigas estabelecendo relação entre o conceito de civilização e o de paisagem. Por fim, aborda o tema da religião, discutindo sua importância para refletir sobre múltiplas formas de preconceito.

Uma discussão antiga e presente

Essa é uma primeira abordagem do tema da intolerância direcionada a culturas e religiões consideradas "bárbaras" ou "menos civilizadas" numa concepção etnocêntrica de civilização. Nesse momento, é possível discutir civilização como um conceito que tem servido para alimentar discursos e práticas de intolerância. Ressalte os exemplos do Brasil, da Síria, da Nova Zelândia e do Sri Lanka como forma de introduzir o problema de um ponto de vista ético, envolvendo valores como justiça, liberdade, igualdade, direito à autonomia, respeito à diversidade e promoção de uma cultura de paz.

Página 59

Respostas

1. Os achados arqueológicos de Palmira têm grande relevância para a historiografia mundial devido à importância da cidade ao longo do tempo. Historiadores acreditam que Palmira existe desde 2000 a.C., ou seja, suas ruínas ajudam os cientistas a compreender uma porção da história à qual é difícil se ter acesso.
2. **a)** Os únicos elementos que permaneceram foram o arco de entrada no centro e algumas colunas à esquerda da imagem.
   b) A presença representava a manutenção da memória e a valorização das sociedades antigas, já a ausência é resultado da intolerância religiosa.
   c) A paisagem é dita "civilizada" por ter traços distintos. No exemplo da fotografia, o presente representa a destruição do passado.

Respostas

- Resposta pessoal. Atente para as respostas e auxilie-os na percepção de possíveis visões preconceituosas ou etnocêntricas.

Percurso 3

Civilizações por toda parte

Página 60

Utilize as imagens e o texto para refletir com os estudantes sobre diferenças culturais, de forma a introduzir a ideia de que hábitos considerados "estranhos" ou "bárbaros" por uma cultura não são para outras. Uma forma de incentivar essa reflexão é problematizar se os hábitos partilhados pelos próprios estudantes não são igualmente classificados como "estranhos" por pessoas de outras culturas. Comente, por exemplo, que no hinduísmo, religião predominante na Índia, não é permitido ao adepto comer carne bovina porque a vaca é considerada um animal sagrado. O objetivo é desenvolver a percepção de que a diversidade cultural é parte da experiência humana nas mais diversas épocas, e que o problema é inseparável de preocupações éticas para que haja respeito mútuo entre pessoas com hábitos, crenças e visões de mundo diferentes.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Páginas 61-62

Selvageria, barbárie e civilização

Esse item convida o estudante a refletir sobre essas categorias que por muito tempo serviram para classificar a humanidade em diferentes estágios de desenvolvimento. Aproveite a oportunidade para abrir uma discussão perguntando se os estudantes conhecem essas categorias e em que contextos foram usadas. A discussão permitirá explicitar o caráter etnocêntrico dessa divisão, bem como os motivos de seu enraizamento no senso comum.

Respostas

Peça aos estudantes que se reúnam em duplas para fazer o desenho. Reserve um tempo para que os desenhos de todas as duplas sejam compartilhados e peça que a turma analise cuidadosamente o conjunto produzido.

Uma dupla deverá juntar-se a outra e, em grupos com quatro integrantes, discutir as questões da atividade.

Depois, promova uma discussão sobre o assunto anotando no quadro as ideias recorrentes. Nesse ponto, é importante estimular os estudantes a compartilhar os exemplos dados na questão 4.

No final, retome a palavra para uma conclusão que "amarre" as ideias comuns e destaque positivamente as diferenças entre as visões, valorizando distintos pontos de vista.

1. O modelo é linear e ascendente. Ele não contempla as particularidades de cada sociedade e prevê um modelo único de civilização. Por isso, não pode ser aplicado a todas as sociedades.
2. O desenvolvimento de técnicas e de instituições, segundo o modelo europeu.
3. Resposta pessoal. Espera-se que reflitam criticamente, com base no que foi desenvolvido no texto, sobre o parâmetro da escrita como índice de civilização.
4. Resposta pessoal. O compartilhamento das respostas pode gerar um interessante debate sobre as reminiscências do evolucionismo nos dias de hoje.

Avanço para a "civilização"

A imagem das tábuas tártaras pode ser usada para propor uma discussão sobre a

arbitrariedade das classificações de base cronológica. É também uma boa oportunidade para refletir com a turma sobre as muitas temporalidades que as linhas do tempo costumam ocultar.

Análise: Etnocentrismo e civilização

Trabalhe com o boxe na forma de discussão coletiva estimulando os estudantes a participar. Incentive especialmente as intervenções sobre a questão 3, trazendo o tema para a realidade dos estudantes.

Respostas

1. A declaração de Frazer deixa clara a ideia da existência de um único modelo de civilização, com base na sociedade europeia. Por isso, ele revela uma visão etnocêntrica, que prevê que todas as sociedades devem se desenvolver na mesma direção, segundo os parâmetros da sociedade europeia.
2. Resposta pessoal. Espera-se que demonstrem ter compreendido a frase de Laraia e a relação entre o conceito de civilização e a perspectiva evolucionista.
3. Resposta pessoal. É interessante estimular os estudantes a contar experiências pessoais que possam enriquecer a discussão.

Página 63

O darwinismo social

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Ao abordar o uso social e político de estudos e teorias científicas de Darwin, deve ser destacado o descrédito completo das aplicações racistas e eugenistas do ponto de vista da ciência contemporânea, bem como as relações de poder que contribuíram para que a ideia de superioridade europeia fosse difundida.

Essa é uma boa oportunidade para desenvolver o diálogo interdisciplinar com a área de Ciências da Natureza abordando as teorias evolucionistas de forma integrada, destacando tanto sua validade científica na análise das transformações biológicas das espécies quanto sua inadequação para a compreensão da dinâmica social dos seres humanos.

Sociedades sem história?

Esse item aprofunda o conceito de civilização por meio da crítica à ideia de Pré-História ou de sociedades sem história. Aproveite para propor uma breve discussão sobre o conceito de Pré-História. Ele é familiar entre os estudantes? Eles têm um olhar crítico a essa ideia? No final dos estudos desse tema, você também pode perguntar a eles: Já que podemos admitir que não existe uma "Pré-História", como podemos chamar esse período?

Página 64

Respostas

A pesquisa proposta na questão 1 deve ser feita como tarefa de casa. As demais questões devem ser discutidas em sala, em grupos de quatro a cinco estudantes. Ao final, cada grupo deverá compartilhar suas respostas com a turma, de modo que haja troca de ideias e de diferentes pontos de vista.

1. Instrua os jovens a pesquisar individualmente, em páginas da internet e em livros, povos sem sistema de escrita nos dias de hoje. Incluem-se nessa definição diversos povos indígenas do Brasil, além de povos de outras regiões do planeta que transmitem sua cultura principalmente de forma oral. Entre os povos indígenas, há tanto os que vêm sendo influenciados pelo letramento quanto os que são definidos como "isolados", ou seja, que optam por evitar estabelecer relações com outras sociedades, indígenas ou não, e permanecem fundamentados na oralidade. O tema "Oralidade" para os povos sem escrita pode ser trabalhado por meio do documentário *Aqueles que contam histórias*, filmado na Terra Indígena Laklãnõ/Xokleng, em Santa Catarina. Em entrevistas, os indígenas contam histórias dos 100 anos de contato com os brancos, demonstrando a importância das narrativas orais para sua existência. O filme está disponível em: https://curtadoc.tv/curta/direitos-humanos/aqueles-que-contam-historias/ (acesso em: 27 jun. 2020).
2. Resposta pessoal. Espera-se, porém, que desenvolvam um olhar crítico sobre os conceitos trabalhados com base nos casos específicos encontrados na pesquisa.
3. Com base nos exemplos pesquisados, os estudantes deverão retomar o modelo de Gordon Childe, de modo a questioná-lo.
4. Ainda relacionado ao esquema de Gordon Childe, os estudantes deverão refletir sobre a ideia da

universalidade da Revolução Neolítica. Então, devem perceber que, ao contrário do que defendia o autor, ela não se aplica a todas as sociedades, uma vez que prevê um desenvolvimento linear e unidirecional.

5. Essa questão pode render uma interessante discussão em sala, contemplando diferentes pontos de vista. Oriente a análise de modo que eles percebam que em muitas sociedades antigas e atuais a escrita não foi desenvolvida. Assim, questione-os: Em nossa sociedade, a escrita é fundamental, mas será que isso se aplica a todas as sociedades?

Utilize a questão "Quem seria mais civilizado, afinal?" para uma reflexão com base no texto de Viveiros de Castro. Diante dos graves problemas ambientais causados pelo desenvolvimento da sociedade que se considera "civilizada" e "avançada", não seria o caso de entender a relação não destrutiva dos indígenas com a natureza como uma perspectiva de progresso? Não seria ela uma forma de civilização com a qual precisamos aprender?

Análise: Comunidades isoladas

Respostas

1. Instrua os estudantes a consultar fontes sustentadas em pesquisas científicas, de caráter público. Dentre outras, podem ser consultados o Instituto Socioambiental (ISA) e o Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia (Ipam). Algumas questões a respeito dos povos isolados podem ser levantadas e debatidas: Quais deveriam ser as políticas do Estado para garantir o modo de vida [illegible] e problemas como conflitos com invasores, destruição ambiental e contágio de doenças atinjam essas comunidades?

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Página 65

Vozes: Ailton Krenak

Apresente Ailton Krenak à turma mostrando, se possível, o vídeo ou as fotografias de seu discurso na Assembleia Nacional Constituinte, em 1987. Enfatize a relevância social de um pensador indígena brasileiro com grande destaque internacional. É interessante também apresentá-lo aos estudantes por meio de trechos do documentário *Ailton Krenak: o sonho da pedra*, sugerido na seção **#Ficaadica**.

Análise: Progresso pra quem?

A tirinha e as questões podem ser usadas como tema de redação, servindo como avaliação.

Respostas

1. A tirinha revela que existem diferentes formas de se relacionar com a natureza e que o modelo ocidental não é necessariamente o melhor. Desse modo, ela incentiva a refletir sobre o conceito etnocêntrico de civilização desenvolvido pelos autores evolucionistas.
2. Resposta pessoal. A questão pode ser trabalhada por meio de uma discussão em sala de aula. Peça que observem os muitos detalhes da imagem, por exemplo, quem são os personagens retratados e quais suas características. Aproveite para conduzir uma reflexão sobre a produção de estereótipos com relação a costumes diferentes dos nossos, apresentando o conceito de alteridade.

Página 66

Quem são os bárbaros?

Nesse item é discutida, de modo mais direto, a ideia de que frequentemente o "outro" é julgado como "bárbaro". Para isso, é apresentado um breve histórico do termo, de modo a enfatizar seu caráter profundamente etnocêntrico.

Análise: Costumes diferentes

Respostas

A imagem mostra três indígenas tomando banho em uma área alagada, que pode ser um rio, uma lagoa etc. Nas margens, há dois personagens com vestimentas de portugueses do Período Colonial e se menciona o mau cheiro que eles exalam.

1. Para os portugueses da imagem, o conceito de bárbaro está relacionado ao fato de os indígenas tomarem banho todos os dias. Isso ocorre porque, naquela época, os portugueses não tinham o costume de tomar muitos banhos, devido às condições sanitárias e ao clima da Europa.

Página 67

Respostas

1. A divisão não é natural porque é uma construção humana, ou seja, é relativo porque expressa a visão de mundo etnocêntrica da sociedade que a criou,

a Grécia Antiga, para a qual "bárbaro" era o estrangeiro. Sua carga etnocêntrica está em julgar os estrangeiros de maneira negativa, já que a expressão continha um sentido pejorativo, relacionado a hábitos e costumes diferentes daqueles dos gregos. Esse sentido se perpetuou com os romanos, que empregaram a palavra da mesma forma; por exemplo, eles descreviam as migrações de diferentes povos na época da crise do Império Romano como "invasões bárbaras".

2. É esperado que os estudantes relacionem a classificação de "civilizado" e "bárbaro" ao etnocentrismo, ou seja, à perspectiva que uma cultura adota ao compreender o mundo com base nas próprias referências e valores, julgando as demais de maneira negativa. Também poderá ser analisada a existência de trocas culturais que fazem com que os limites entre "nós" e os "outros" sejam relativos, pois o texto descreve que as relações entre romanos e "bárbaros" eram baseadas em trocas e em colaboração, e não apenas na oposição e no confronto.

Página 68

Análise: Aos olhos de quem?

Respostas

1. Resposta pessoal. A pergunta pode servir para um debate em sala de aula, estimulando os estudantes a relacionar as questões apresentadas a situações do presente. Ao mediar o debate, faça a observação de que é comum as pessoas julgarem os outros da própria perspectiva, mas que, para vivermos em sociedade, é preciso que nossa cultura seja respeitada, precisamos respeitar a cultura dos outros. É uma boa oportunidade para construir conceitualmente o relativismo cultural por meio das vivências dos jovens.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

2. Peça que pesquisem informações especificamente sobre os tupinambás e pergunte se esse povo pratica a antropofagia. Aproveite a oportunidade para fazer uma avaliação diagnóstica da seleção e da compreensão de fontes de pesquisa pelos estudantes, que deverão consultar páginas fundamentadas em estudos antropológicos, como o Instituto Socioambiental (ISA). Os tupinambás não praticam a antropofagia desde o Período Colonial, mas mantêm outras tradições culturais até hoje. Com base no resultado da pesquisa, encaminhe uma reflexão sobre a transformação dos costumes dentro de uma mesma sociedade, destacando que esse fato não implica a perda de identidade cultural.

Página 69

O melhor microbioma do mundo

O caso descrito pode ser ponto de partida de uma interessante discussão: Quais as contribuições de povos considerados "selvagens" para o planeta e a humanidade atualmente? Esta atividade permite problematizar a perspectiva etnocêntrica que põe o "selvagem" como alguém que só tem a aprender e nada a ensinar ao "civilizado", contribuindo para relativizar esses conceitos e desenvolvê-los de maneira crítica.

Você pode optar por abordar também como a indústria de medicamentos e de cosméticos usa os conhecimentos dos povos indígenas sobre a fauna e a flora da Amazônia na cura de diversos males (que hoje são estudados por cientistas e aplicados em todo o mundo).

Essa também é uma oportunidade para uma parceria com a área de Ciências da Natureza por meio de um estudo sobre as relações entre alimentação e saúde, com destaque para o papel da flora intestinal na imunidade e para o modo pelo qual a cultura alimentar dos hadzas produz o mais diversificado microbioma digestivo do planeta.

O olhar dos "outros"

Respostas

1. Com base no exemplo de Tuiavii, o exercício de imaginação propõe que o estudante se coloque na perspectiva de um "selvagem" que critica a "civilização" segundo a própria visão etnocêntrica. Se fôssemos estranhos à nossa sociedade, o que pensaríamos dela? O que acharíamos falho ou sem lógica em seus hábitos e costumes? Podem ser debatidos os mais diversos aspectos da vida social, incluindo diversos problemas ambientais e sociais.

   Outra possibilidade é desenvolver esta atividade após uma apresentação do texto "Ritos corporais entre os Nacirema", de Horace Miner, disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/364413/mod_resource/content/0/Nacirema.pdf (acesso em: 29 jun. 2020). Nesse texto, o autor descreve uma sociedade supostamente estranha, apresentando seus curiosos ritos corporais. Peça que destaquem os costumes

que acharam mais estranhos e os que eles reconhecem como parecidos aos seus. No final da discussão, você pode, então, revelar o sentido do texto, pedindo que todos leiam "nacirema" ao contrário: *american* ("americano" em inglês). Aproveite para refletir sobre como, dependendo do ponto de vista do qual é feita a descrição, qualquer sociedade pode parecer bárbara ou irracional. Peça que façam uma redação e, após a correção, que leiam seus textos para a turma, proporcionando momentos interessantes e divertidos, o que estimula os jovens a desenvolver um olhar de estranhamento para com a própria sociedade.

Páginas 70-71

Civilizações no tempo e no espaço

O infográfico apresenta outro sentido do conceito de civilização, remetendo a sociedades caracterizadas pelo desenvolvimento de técnicas, intervenção na paisagem e formação de redes de poder político. Para isso, são trabalhadas as características mais importantes de algumas das principais civilizações da Antiguidade, com o objetivo de mostrá-las em sua complexidade e desfazer qualquer impressão de que algumas podem ser consideradas mais avançadas que outras. Vale deter-se especialmente no caso de Mali, de modo a discutir por que a África é recorrentemente associada ao atraso ainda hoje.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Página 72

Ocidente × Oriente?

Desenvolva a compreensão dos conceitos elaborados ao longo do percurso incentivando os estudantes a pensar criticamente sobre a oposição entre Ocidente e Oriente, tantas vezes vista como natural. É interessante começar a discussão perguntando se eles acreditam que existem diferenças entre ocidentais e orientais, e quais são elas. É um bom momento para conversar sobre estereótipos e sobre a importância de exercitar o olhar crítico com relação a eles. Dedique especial atenção ao conceito de orientalismo, cuja compreensão por parte dos estudantes pode não ser imediata. Para isso, use exemplos de situações e classificações próximas à vivência deles, de modo a mostrar como o processo de construção de generalizações e estereótipos sempre se baseia em uma visão rasa e pouco complexa do outro.

Para que os estudantes visualizem os estereótipos do orientalismo, analise com eles algumas obras de arte. É importante lembrá-los que pinturas e esculturas são ótimas fontes de reflexão crítica, e que devem ser analisadas não apenas de forma descritiva mas também observando-se o que enfatizam e o que silenciam. Esse exercício possibilita analisar a imagem como uma construção que envolve relações de poder e intencionalidade.

Na imagem do harém que ilustra a página, feita por um pintor italiano, entre os elementos que remetem à ideia de orientalismo podem ser mencionados: os seios expostos da mulher ao centro, que evocam a ideia de que as mulheres orientais são sedutoras e lascivas; a apatia das demais dançarinas no quadro, que, atiradas ao chão, remetem à ideia de preguiça; a presença de um homem que parece dominar a cena, enquanto as mulheres aparentemente não têm atitude ou vontade própria.

Página 73

Análise: A polêmica da burca

A atividade é uma boa oportunidade para consolidar a discussão feita no decorrer da seção, mobilizando um tema bastante conhecido entre os jovens. Proponha uma reflexão coletiva sobre as questões, mediando um debate que seja útil também para a turma desenvolver o respeito à pluralidade de ideias e à diversidade cultural e religiosa.

É ainda uma boa oportunidade para uma reflexão coletiva sobre como determinados preconceitos influenciam os padrões de beleza e o mercado da moda. Que outras roupas ou corpos não costumam aparecer

em revistas ocidentais? O que isso pode nos dizer a respeito dos valores vigentes em nossa sociedade? Essas são algumas questões que podem ajudar a tornar o debate interessante, aproximando-o da realidade dos estudantes.

Respostas

1. Resposta pessoal. No papel de mediador, é importante que você atue no sentido de desenvolver os conceitos de etnocentrismo e de relativismo cultural.
2. Os estudantes devem ser instigados a se colocar na perspectiva de uma mulher muçulmana que vive numa sociedade ocidental, mas mantém o uso das vestes de acordo com sua cultura e religião. Essa mulher normalmente não encontra modelos de beleza com os quais se identifique, já que na mídia e na propaganda apenas as vestes da cultura predominante naquela sociedade costumam ser exibidas. Entre os impactos da participação da modelo Halima Aden, estão o de melhora da autoestima, o sentimento de aceitação pela sociedade em que vive e a valorização da própria cultura.

Página 74

Entre dois mundos?

Respostas

1. O eurocentrismo é uma visão de mundo que tende a situar a Europa como o eixo fundamental da constituição da sociedade moderna e como protagonista da história humana. O ocidentocentrismo, por sua, vez, foi formulado por Oliver Stuenkel para se referir ao protagonismo geopolítico do Ocidente na relação com os países orientais. Assim, podemos dizer que o ocidentocentrismo [illegible] eurocentrismo, já que foi a expansão colonial europeia que o produziu.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Ampliando

Para se aprofundar no assunto, sugerimos a leitura do livro:

- FONSECA; Fernanda Padovesi; OLIVA Jaime. *Cartografia*. São Paulo: Melhoramentos, 2013. (Coleção Como eu ensino).

No capítulo "O mapa: um criador de visões de mundo", a partir da página 32, são discutidas as cosmovisões de mundo por meio de diferentes formas de representação da superfície terrestre.

Página 75

Respostas

1. O fato de a Europa ocupar o centro do mapa.
2. Por justificar o protagonismo da Europa na história e na geopolítica mundial, sugerindo uma centralidade natural.
3. Podem ser encontradas diversas versões do mapa-múndi. É interessante pedir que cada estudante (ou dupla) escolha apenas uma e detalhe as diferenças entre ela e a projeção de Mercator. Peça que atentem não apenas à posição mas também ao tamanho dos continentes em cada mapa.

Ampliando

Caso tenham dificuldade para encontrar diferentes projeções, indique os endereços de consulta a seguir.

- IBGE. As projeções cartográficas. *In*: IBGE. *Atlas escolar.* Rio de Janeiro, c2020. Disponível em: https://atlasescolar.ibge.gov.br/conceitos-gerais/o-que-e-cartografia/as-projec-o-es-cartogra-ficas.html. Acesso em: 20 jun. 2020.

A página traz as mais importantes projeções utilizadas no mundo, evidenciando as principais diferenças entre elas.

Respostas

1. O mapa está de ponta cabeça em relação à projeção de Mercator; aparece apenas uma pequena parte do continente americano; a Europa parece muito grande em relação à África; não aparece a Oceania nem a Antártica.
2. O mapa foi produzido em meio às Grandes Navegações, com o objetivo de guiar os exploradores no caminho para as Índias. Desse modo, podemos compreender o destaque dado à Ásia e à África, territórios já conhecidos dos mercadores europeus.
3. Resposta pessoal.

Página 76

Um choque de civilizações?

Ao analisar a teoria de Samuel Huntington, retome a discussão do conteúdo sobre os bárbaros no Império Romano, a

fim de relembrar que o limite entre as culturas é permeado de trocas culturais e relações de colaboração. Essas características são ainda mais acentuadas num mundo globalizado, no qual o comércio internacional e o fluxo de informações conectam o planeta inteiro de maneira acelerada. Mencione, por exemplo, que os Estados Unidos são o grande parceiro comercial e geopolítico da Arábia Saudita, país de origem de Osama Bin Laden (responsável pelo atentado de 11 de setembro), ou ainda que a maioria dos atentados praticados em nome do Islã na Europa foi executada por pessoas nascidas no continente europeu com vínculos geralmente distantes das comunidades muçulmanas.

Página 77

As religiões ao redor do mundo

Nessa seção, o texto retoma a questão da intolerância religiosa levantada na abertura da unidade. A intenção é que o estudante volte ao tema, agora munido de elementos teóricos e conceituais para refletir sobre ele de forma crítica e qualificada. Para isso, são apresentados dados quantitativos e qualitativos sobre religiões no Brasil e no mundo. Isso permite observar que esse é um campo em permanente [illegible] transformação, o que possibilita refletir sobre as formas de interação e de convivência entre diferentes sociedades e culturas.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Página 78

Tolerância × violência

Ao introduzir o tema da intolerância religiosa no Brasil, pergunte aos estudantes se já tiveram contato com esse fenômeno.

Respostas

1. A data é uma homenagem a Mãe Gilda, iyalorixá que sofreu intolerância religiosa quando seu terreiro foi invadido e depredado por fundamentalistas cristãos, que também agrediram seu marido, em 1999. Traumatizada, ela sofreu um infarto em janeiro do ano seguinte. Ao debater esse acontecimento, destaque os dados relativos a denúncias de intolerância religiosa, que indicam que o alvo da maioria desses ataques são as religiões de matriz africana, cujos adeptos são minoria da população e sofrem discriminação decorrente do racismo e do etnocentrismo.
2. Resposta pessoal. Oriente os estudantes para que percebam que a função da data é sensibilizar as pessoas para o problema e suscitar debates e reflexões, mas muitas outras políticas têm se mostrado importantes. Entre elas, os canais de denúncia, a criação de leis específicas para caracterizar esses crimes, a elaboração de conteúdos e a organização de eventos que apresentam de maneira não preconceituosa as culturas e a religiosidade de matriz africana, o ensino da tolerância religiosa nas escolas etc.

Análise: Matriz africana

Respostas

1. Os estudantes podem mencionar, dentre outros, o candomblé, a umbanda, o batuque, o tambor de mina, a pajelança, os encantados. Para fazer o levantamento solicitado, a turma pode se organizar em grupos de 4 a 5 pessoas e cada grupo fica responsável por apresentar as principais características de uma dessas religiões. Os jovens devem ser incentivados a usar fontes produzidas por praticantes dessas religiões e por organizações que as representam, de maneira a evitar conteúdos preconceituosos que se baseiam no senso comum. Também é possível marcar uma visita guiada a algum local de culto dessas religiões, como os terreiros. Assim, será possível sanar dúvidas e quebrar possíveis estereótipos.

Página 79

Menos preconceito, mais conhecimento

Respostas

1. Sugerimos que a questão seja debatida coletivamente. O tema pode servir de encerramento do percurso, com o objetivo de ajudar os estudantes a pensar criticamente sobre a intolerância e o preconceito. Além do *hijab* ligado ao islamismo, outras formas de se vestir relacionadas à religião também podem ser alvo de preconceito, como as vestimentas ligadas ao judaísmo e às religiões de matriz africana, dentre outras.

Páginas 80-81

Respostas

1. Evolucionismo e relativismo cultural são dois paradigmas para a compreensão da diversidade humana.

O primeiro foi desenvolvido com uma perspectiva etnocêntrica europeia e está fundamentado numa visão linear da história, que culmina na civilização ocidental, considerada "superior", mais "civilizada" ou mais "complexa" que as demais. O relativismo cultural é uma perspectiva que parte da crítica ao etnocentrismo; compreende a diversidade humana pelo diálogo de múltiplas matrizes culturais, sem que alguma cultura seja colocada numa posição de mais "evoluída" que as demais.

2. O conceito de intolerância religiosa se refere a ataques de diversos tipos a pessoas identificadas como praticantes de uma religião diferente da do agressor. Além de expressar preconceitos com base na religião, pode estar relacionada ao racismo (como no caso das religiões de matriz africana), à xenofobia (no caso dos muçulmanos da Europa), entre outras formas de discriminação.

3. É impossível representar a forma esférica do planeta Terra numa imagem plana sem que haja distorções. Portanto, todos os mapas-múndi são construções que envolvem escolhas tomadas pelos que os criaram. Essas escolhas são operadas segundo convenções elaboradas culturalmente. O mapa-múndi pode variar em diversos aspectos: de acordo com a parte do globo colocada no centro do mapa; a orientação do mapa (o norte não precisa ser representado necessariamente na parte de cima); e o tipo de distorção usado na representação.

A projeção de Mercator é fruto de uma perspectiva etnocêntrica europeia e reproduz essa visão de mundo ao colocar a Europa no centro do mundo e representar seus territórios de maneira amplificada, enquanto continentes [illegible] de maneira desproporcional [illegible]. É uma representação problemática porque tende a naturalizar o lugar central que a Europa tem ocupado na economia, na política e na cultura desde a expansão colonial.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

4. No texto, o autor critica o dualismo dos ocidentais que veem no "Oriente" apenas traços de violência, barbárie e opressão. Ao afirmar que os conceitos modernos difundidos pelo ocidente (iluminismo, democracia etc.) não são "ovos de Páscoa", ele defende que esses conceitos não são objetos, que ou existem ou não existem, mas realidades complexas. O Orientalismo é apresentado como uma imposição desses conceitos pelo Ocidente, que enxerga no Oriente seu "outro" e promove um ataque maciço, calculado e agressivo ao que não se adequa a sua visão de mundo. Como discutido no percurso, o orientalismo está relacionado ao etnocentrismo e ao processo de imposição cultural europeia, associado à expansão colonial para outros continentes na época moderna.

5. **a)** Resposta pessoal. Eles devem incluir o diálogo com os conteúdos do percurso, em especial aqueles relacionados ao eurocentrismo e à teoria do "choque de civilizações".

b) O conceito de civilização trabalhado ao longo do percurso envolve diferentes aspectos. O primeiro diz respeito ao histórico etnocêntrico da construção desse conceito, que foi usado de forma evolucionista e/ou dualista para afirmar a superioridade ou o estado "avançado" do Ocidente ao longo dos últimos séculos. O segundo aspecto se relaciona às diferentes tradições culturais de transformação da paisagem, sendo que nesse caso se trata de "civilizações", no plural. O anúncio mostra uma imagem dualista de Oriente e Ocidente, na qual o Oriente é representado pelo véu islâmico, naquele momento fortemente relacionado na mídia e no senso comum com os atentados terroristas. Porém, a imagem critica a própria visão dualista do "Ocidente", que é representado com uma venda nos olhos, simbolizando sua falta de visão para o fato de que o "Oriente" não pode ser reduzido ao fenômeno do terrorismo.

6. Dentre outros tipos de coberturas existem o *hijab*, o *niqab* e a burca. Os estudantes devem analisá-las acessando fontes sustentadas nos conhecimentos das Ciências Humanas para explicar as diferenças entre as vestimentas.

7. Espera-se que o estudante selecione fontes e analise o conteúdo de maneira a elaborar uma síntese dos argumentos apresentados, acompanhada por seu posicionamento pessoal diante desses argumentos. É possível verificar que há uma variedade de pensamentos sobre o assunto: há mulheres que não veem a necessidade de usar e outras que aprovam e estimulam o uso. O importante é os estudantes perceberem, nessa atividade, que não há consenso sobre o uso ou não da burca e que a religião pode ser interpretada de diversas formas.

8. **a)** A América. Isso se deve ao processo de colonização do continente por países de tradição cristã, que investiram fortemente no processo de conversão das populações originárias. Esse processo não teve como única motivação a conversão e foi marcado por guerras de conquista e escravização de povos indígenas e africanos.

b) Resposta pessoal. O questionamento visa a formulação de hipóteses na análise das transformações históricas. O mais importante é a compreensão de que as culturas e religiões estão em permanente mudança, suas fronteiras não são naturais ou imutáveis.

9. Alternativa **c**. O Mali se situava, naquele contexto, numa encruzilhada de rotas comerciais mediterrânicas e subsaarianas que cruzavam o imenso Deserto do Saara. O império cresceu alimentado por essas rotas, mencionadas no enunciado pela referência ao sal do norte e ao ouro do sul.

Percurso 4

Civilizações e transformações nas paisagens

Este percurso prioriza a evolução das paisagens de diversas civilizações e em diferentes circunstâncias espaço-temporais. Aborda questões como a convivência nas paisagens de elementos das civilizações tradicionais com elementos ocidentais e contemporâneos ligados ao capitalismo globalizado. As transformações nas paisagens são analisadas em vários contextos, a exemplo da China (Shenzen), dos Emirados Árabes (Dubai), do Brasil (Manaus) e do Império Inca. O percurso revisita a paisagem urbana, sua dinâmica histórica e a relação com a produção de desigualdades socioespaciais, os territórios luminosos e os territórios opacos. A paisagem rural é abordada na perspectiva da dinâmica econômica globalizada. Ao final, o percurso leva os estudantes a compreender a diversidade de olhares a respeito da paisagem, desde a visão cognitiva e subjetiva da Fenomenologia até a abordagem como geossistema, vinculada às questões socioambientais.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Página 82

Natureza, paisagem e civilização

O trabalho com o gráfico é importante para o aprendizado da análise desse tipo de ferramenta pelos estudantes, e porque demonstra o predomínio de economias asiáticas no mundo antes do colonialismo moderno. Esta informação, aliada ao texto, possibilita aos estudantes visualizar a "civilização" como um processo ocorrido em diferentes partes do mundo, sendo a trajetória ocidental, que remonta à Grécia, à Roma, à Idade Média e à colonização europeia do mundo, apenas uma dentre outras.

A integração do mundo num mesmo sistema de relações a partir da expansão colonial europeia, da Revolução Industrial e das transformações técnico-científico-informacionais levanta a questão: Vivemos o surgimento de uma civilização global? Debata esse assunto no início do percurso, de forma que os estudantes operem com o conceito de civilização em diálogo com o de paisagem. Os lugares do mundo todo estão ficando parecidos? As sociedades têm transformado a natureza da mesma maneira? Elas partilham a mesma visão de mundo? Essas questões podem estabelecer um eixo norteador de problematizações para as seções seguintes.

Página 83

Respostas

Nessa atividade, é importante estimular os estudantes a identificar elementos da civilização tradicional budista e elementos da civilização ocidental na paisagem pela análise da fotografia. A atividade possibilita estabelecer relações com outras paisagens no mundo, inclusive as brasileiras, que têm características culturais variadas. Propomos que os estudantes respondam às questões individualmente. Em seguida, incentive a participação de todos coletando diferentes respostas para os itens. É importante aproveitar a atividade para desenvolver a ideia de convivência equilibrada de elementos culturais na paisagem e no âmbito social.

1. Observam-se casas, templos e prédios com muitos andares ao fundo.
2. A paisagem urbana apresenta elementos arquitetônicos da civilização budista tradicional, como templos religiosos e elementos ocidentais globalizados com edifícios.
3. Resposta pessoal. Podem ser citados exemplos de cidades de maior porte como São Paulo, Salvador ou Recife, onde convivem elementos tradicionais e contemporâneos. E opinar sobre a questão da preservação da identidade cultural na diversidade.

Ao debater as questões, aprofunde a análise das relações entre transformações culturais e identidade fazendo comparação com alguns indígenas que já não praticam

diversos hábitos e costumes de seus ancestrais, mas seguem se identificando como membros de um grupo étnico-cultural específico. Os tupinambás de hoje continuam sendo tupinambás, apesar de não serem antropófagos há séculos, pois sua cultura é mais complexa do que aspectos isolados dos antigos costumes. De maneira semelhante, a urbanização e a globalização podem transformar uma metrópole numa paisagem parecida com a de outras regiões do mundo, sem que isso implique o desaparecimento das culturas e identidades das populações que a compõem.

Página 84

Dubai, Emirados Árabes Unidos

Proponha aos estudantes a leitura dessa seção e a resolução das questões como atividade individual. Em seguida, aproveite as respostas para debater conceitos como primeira natureza e segunda natureza, a relação entre o desenvolvimento de técnicas e tecnologias ao longo da história e suas consequências na produção do espaço e na transformação da paisagem. Debata também o impacto da globalização nas paisagens como resultado da entrada de capital decorrente das exportações de *commodities* como o petróleo, que são aplicados em outros setores da economia. No caso de Dubai, destaca-se o setor terciário (serviços, comércio e turismo, notadamente). É importante que o estudante visualize os problemas ambientais decorrentes de modificações abruptas no meio natural.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Página 85

Análise: Ilhas construídas

Esta atividade pode ser objeto de uma parceria com a área de Ciências da Natureza de maneira a oferecer uma abordagem interdisciplinar dessa forma peculiar de transformação das paisagens. Em especial, podem ser analisados os impactos da construção de ilhas artificiais na fauna e na flora marinhas e a dimensão humana desses impactos.

Respostas

1. As ilhas de Dubai representadas na fotografia são resultado de interferência antrópica, são uma segunda natureza. As ilhas são aterros em áreas marinhas.
2. A antropização da paisagem causa problemas ambientais devido às modificações nos ecossistemas litorâneos e marinhos.

Respostas

Nessa atividade, é importante que o estudante compreenda o papel do capital e da tecnologia na modificação das paisagens para superar limitações físicas que eram mais acentuadas no passado, como o clima árido dominante nos países da Península Arábica.

1. O clima árido apresenta temperaturas médias elevadas, amplitude térmica anual com cerca de 15 °C e baixo índice pluviométrico, que não passa de 30 mm, com ausência de chuva entre maio e outubro.
2. Em países dominados por desertos, algumas tecnologias são empregadas para solucionar o problema do acesso à água, como sistemas de irrigação, usinas de dessalinização da água do mar, implantação de poços artesianos em aquíferos fósseis (abastecidos por infiltração de água em períodos geológicos passados).
3. Resposta pessoal. Um dos problemas é o ressecamento dos aquíferos fósseis, uma vez que na atualidade a infiltração de água é quase inexistente.

Página 86

Machu Picchu, Peru

Leia o texto e a imagem de Machu Picchu destacando características como a complexidade das soluções arquitetônicas num local de altitude elevada e sujeito a abalos sísmicos. Apresente o Império Inca, civilização que existiu na região andina antes da colonização europeia, formada por múltiplas culturas que viviam em paisagens diversas.

Páginas 87-88

Análise: Zonação altitudinal da vegetação e Humboldt

Respostas

1. O objetivo da proposta de pesquisa é estimular o estudante a refletir sobre a importância das expedições científicas do século XVIII e do século XIX lideradas

por naturalistas europeus para o avanço do conhecimento – tanto sobre as características e funcionamento do meio natural (como a zonação altitudinal da vegetação estudada por Alexander von Humboldt) quanto as particularidades culturais, como o modo de vida e a cultura dos povos indígenas.

O *Atlas dos Viajantes do Brasil*, da Biblioteca Brasiliana da USP (disponível em: https://viajantes.bbm.usp.br/; acesso em: 25 jun. 2020), pode ser um bom instrumento de pesquisa. Para trabalhar com essa fonte ou outras fundamentadas em trabalho científico, desenvolva com os estudantes os diversos passos de uma pesquisa: seleção e leitura das fontes, organização dos resultados segundo categorias de análise (por exemplo: meio natural, vida e cultura dos povos indígenas) e síntese dos resultados para exposição em sala.

Essa pesquisa pode ser desenvolvida de maneira interdisciplinar por meio de um trabalho colaborativo com professores da área de Ciências da Natureza. Essa abordagem permite visualizar como foram construídos os conhecimentos sobre a diversidade biológica e humana do mundo pelos naturalistas dos séculos XVIII e XIX e como foi feita a catalogação de espécies, incluindo a atribuição de um nome científico a cada uma delas.

Shenzen, China

Comece por situar o Vale do Silício e a importância do silício na indústria de tecnologia no mundo contemporâneo. Pergunte aos estudantes se sabem onde são desenvolvidos e fabricados equipamentos como celulares [illegible] presente, então, Shenzen, no Oriente aparentemente similar ao Vale do Silício do Ocidente, mas com trajetória específica, relacionada às rápidas transformações econômicas promovidas pelo Estado chinês nas últimas décadas, às condições do mercado de tecnologia e à concorrência com Hong Kong.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Página 89

Manaus, Brasil

Utilize essa seção para incentivar os estudantes a analisar comparativamente dois modelos de desenvolvimento ligados à indústria de eletrônicos e às novas tecnologias. É uma boa oportunidade para eles visualizarem as implicações sociais e ambientais de diferentes modelos de política econômica. Analise com eles as diversas atividades econômicas mencionadas nos textos sobre a China e o Brasil.

Após uma listagem das atividades econômicas, elas podem ser analisadas uma a uma quanto à origem dos investimentos (públicos/privados, internos/externos), quanto ao mercado a que atendem (usos do minério de ferro, do gado, dos bens industriais, incluindo os microeletrônicos etc.), quanto aos impactos ambientais (como desmatamento, contaminação do solo, emissão de carbono etc.) e sociais (tomada de terras de comunidades tradicionais e os conflitos e a desestruturação social decorrentes). Por fim, os estudantes podem ser incentivados a debater os diferentes modelos, de maneira a propor qual seria a melhor forma de política econômica para a Amazônia brasileira.

Páginas 90-91

Análise: Paisagens modificadas

Respostas

1. Dentre as mudanças na paisagem, destaca-se o surgimento de novos edifícios comerciais na região central da cidade, além da modificação nos padrões arquitetônicos.
2. A sucessão de fotografias possibilita observar o avanço da urbanização no centro de São Paulo, a exemplo da verticalização. A primeira fotografia destaca apenas o edifício Martinelli, maior arranha-céu da cidade na década de 1930. Posteriormente, observa-se o surgimento de outros edifícios no entorno.
3. Ao longo da história, formas urbanas podem mudar de função em decorrência de alteração na política econômica. O edifício Altino Arantes foi sede do Banespa (banco estatal de São Paulo). Na década de 1990, a maioria dos bancos estaduais brasileiros foi privatizada. O Banespa foi incorporado por um banco espanhol, que posteriormente transformou o edifício em um centro cultural.
4. Resposta pessoal. Os estudantes devem selecionar uma fotografia antiga de paisagem que conheçam, comparar com a fotografia atual e desenvolver

hipóteses que expliquem as transformações. O objetivo é observarem o caráter histórico da paisagem e utilizarem procedimentos científicos (seleção e análise de fontes, elaboração de hipóteses, argumentação) para desnaturalizar o olhar sobre ela. Além de arquivos pessoais de familiares e amigos dos próprios estudantes, fotografias antigas também podem ser encontradas no acervo *on-line* do IBGE (disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/; acesso em: 20 jun. 2020).

Paisagens desiguais

Respostas

1. Esta atividade é uma oportunidade de introdução dos conceitos de territórios luminosos e opacos do geógrafo Milton Santos. Espaços que foram luminosos no passado podem se tornar opacos ao deixarem de ser atrativos para a acumulação de capital. O estudante deve pensar em formas de revitalização do espaço por meio de atividades públicas ou privadas. No caso de regiões que sofreram declínio econômico e passaram por mudanças dramáticas na paisagem, a revitalização da economia e a geração de empregos depende muito de estímulos do Estado à iniciativa privada, como vantagens tributárias. Uma das alternativas é a modificação das funções dos espaços das antigas fábricas, que podem abrigar novas empresas e atividades econômicas, inclusive do setor terciário – como armazenagem de produtos, comércio e serviços culturais.

Página 92

Territórios luminosos e territórios opacos

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Sugerimos desenvolver os conceitos e propor a interpretação de mapa sobre a distribuição das cidades globais. A maioria delas localiza-se em países desenvolvidos, como Estados Unidos, e em países emergentes como China, Índia, Brasil e México. São territórios luminosos no espaço global com características atrativas para investimentos produtivos e especulativos.

Respostas

1. As cidades globais de primeiro nível encontram-se apenas no Hemisfério Norte, com exceção de Sydney (Austrália). As cidades de segundo nível, além do Hemisfério Norte, também estão localizadas na América do Sul. Na África, há apenas megacidades.

Página 93

Gentrificação

Pergunte aos estudantes se conhecem algum bairro que passou por valorização. Pergunte o que mudou, relacione, com base no texto, os efeitos diversos desse processo e associe com os conhecimentos apresentados pelos jovens.

Página 94

Respostas

1. Entre as mudanças na paisagem urbana podem ser incluídos: surgimento de edifícios com habitações voltadas às classes média e alta; implantação de centros culturais e restaurantes; instalação de nova infraestrutura de transportes.
2. A valorização de bairros com a gentrificação provoca mudanças como o aumento do custo de vida; entrada de pessoas das classes com maior renda e saída de pessoas das classes com menor renda, por vezes em direção a bairros com menor padrão de vida.
3. Oriente os estudantes para que procurem informações em análises do mercado imobiliário e em estudos das Ciências Humanas dedicados ao tema. No Brasil, são exemplos alguns bairros de São Paulo, como Vila Madalena, e partes do centro antigo, como Santa Cecília. No Rio de Janeiro, a Favela do Vidigal, mencionada no texto, é um dos exemplos. Em Recife, o projeto Novo Recife é um marco da gentrificação da região central da cidade.

Análise: Amazônia, paisagem antropomorfizada

Essa seção é uma boa oportunidade para discutir com os estudantes as interações entre as paisagens locais e os processos globais, especialmente o papel das conexões econômicas e comerciais na modificação das paisagens.

Respostas

1. O elemento predominantemente natural na paisagem é a Floresta Amazônica; o elemento antrópico é o cultivo de soja realizado pelo agronegócio.
2. A paisagem local onde a sojicultura provocou desflorestamento é um exemplo de como paisagens locais não mais são explicadas por fatores locais, regionais ou mesmo nacionais. A demanda do mercado internacional por *commodities* agrícolas

é fundamental na articulação e na modificação de paisagens e lugares. Segundo dados de 2018 e 2019, a China é a maior compradora da soja brasileira, que é utilizada principalmente na alimentação de animais como porcos e vacas.

3. Entre os impactos ambientais estão desmatamento com perda de biodiversidade; aumento na erosão do solo; mudanças climáticas como redução da evapotranspiração, da umidade e das chuvas, além de possível agravamento do aquecimento global.

Página 95

Paisagens: outros pontos de vista

Essa é uma boa oportunidade para compreender o conhecimento científico em sua pluralidade de abordagens, métodos e teorias desenvolvidos de maneira interdisciplinar.

O conceito de paisagem tem sido amplamente trabalhado pela Geografia de diversos pontos de vista, levando à formulação de problemas e hipóteses que dialogam com disciplinas de História, Sociologia, Filosofia, Antropologia, Biologia e Geologia.

Portanto, é possível também desenvolver esse conceito em parceria com os professores da área de Ciências da Natureza, com destaque para a ecodinâmica das paisagens em relação à produção propriamente humana delas.

Respostas

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

A atividade propõe a realização de uma dinâmica coletiva de relatos dos estudantes sobre experiências pessoais e afetivas com a categoria geográfica paisagem. Use os relatos deles para desenvolver mais o conceito de paisagem na abordagem do campo filosófico da Fenomenologia, que valoriza a experiência, a subjetividade e os valores simbólicos dos lugares como vivência cotidiana e das paisagens como percepção.

1. Resposta pessoal. O estudante é convidado a relatar paisagens que têm significado afetivo para ele e a refletir sobre o caráter pessoal da percepção que os seres humanos constroem sobre as paisagens.

A paisagem como sistema

O modelo de geossistema apresentado na atividade foi desenvolvido por S. Preobrajenski com base nos trabalhos do geógrafo Georges Bertrand, para servir de modelo de análise das inter-relações da paisagem, entendido como sistema global.

Explore a ideia de que a paisagem é a totalidade da interação entre vários componentes em perpétua transformação. Esta é uma oportunidade de os estudantes desenvolverem a compreensão sistêmica da realidade, por meio da qual é possível analisar múltiplas interdependências e causalidades. Nesse caso, os diálogos interdisciplinares ocorrem principalmente entre Geografia, Biologia e Geologia. Aproveite para fazer uma parceria com a área de Ciências da Natureza.

Respostas

1. O modelo apresentado é um exemplo de sistema porque esboça a interdependência das partes em relação à totalidade dinâmica.
2. Entre as relações que podem ser visualizadas estão a interação entre fauna e vegetação no interior dos ecossistemas e a interação entre hidrosfera (água) e condições climáticas.

Página 97

Respostas

O trabalho em equipe com grupos de cinco estudantes possibilita o desenvolvimento da organização e da cooperação entre eles. Oriente os jovens para que apliquem o conceito de hemerobia das paisagens ao espaço do entorno (o bairro, a vila ou o distrito, o que for mais adequado). As fotografias podem ser tiradas com celular. Eles podem apresentar usando material impresso ou redes sociais da internet. É desejável que façam uma reflexão do que visualizaram, principalmente na identificação de problemas socioambientais, e apontem possíveis soluções com incorporação de princípios sustentáveis.

Caso deseje encaminhar a atividade usando imagens de satélite, o programa Google Earth Pro disponibiliza gratuitamente imagens de satélite atuais e antigas (disponível em: https://www.google.com.br/intl/pt-BR_ALL/earth/versions; acesso em: 20 jun. 2020).

A paisagem cultural

Respostas

O objetivo desta proposta é discutir a ideia de paisagem cultural e levar os estudantes à reflexão de como conservá-las nas esferas da legislação e pela prática da cidadania. É importante mostrar a construção do conceito de paisagem cultural e sua aplicação à realidade brasileira como auxiliar na preservação de paisagens cujos atributos são singulares, mesclando elementos naturais e culturais.

1. A Constituição representa o conjunto mais importante de leis que regem uma sociedade. A consolidação das instituições e das práticas democráticas dependem do respeito à Constituição.
2. A Constituição brasileira estabelece uma política de preservação do patrimônio cultural que tem importante impacto sobre as paisagens, já que protege espaços e sítios urbanos de intervenções que, sem essa proteção, tenderiam a se transformar, deixando de ser referência de identidade. Para que tenha impacto, a Constituição deve ser efetivada pelos cidadãos, no exercício de seus direitos e deveres.
3. Os bens de natureza material são formados pelas formas físicas ambientais e culturais, a exemplo do patrimônio arquitetônico, que deve ser conservado. Os bens imateriais estão integrados pelas manifestações culturais que podem envolver tradições, fazeres, festividades e religiosidade.
4. Resposta pessoal. Aqui o estudante é motivado a refletir sobre propostas práticas de intervenção para a preservação das paisagens singulares.

Página 98

Respostas

1. O título está relacionado à integração entre os elementos naturais e antropizados e à ressignificação do espaço pela população. Além disso, está diretamente associado à cultura populacional da cidade.

Página 101

Prática de pesquisa: Paisagens em transformação

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Essa atividade visa desenvolver aprendizagens relacionadas ao conceito de paisagem e formar o olhar do jovem para uma visão crítica, tanto sobre sua realidade local quanto na análise de fontes visuais que documentam essa realidade. A prática envolve diversas etapas de pesquisa: seleção de documentos relacionados à vida familiar e social dos jovens; organização do acervo em um caderno de campo; e formulação e exposição da análise das imagens e da dinâmica socioeconômica que elas documentam.

Esse projeto pode demandar a saída da sala em alguns momentos. Caso seja necessário, organize-se previamente para obter o apoio de algum auxiliar ou monitor.

- **Juntem-se e pesquisem!**: uma boa prática nessa etapa consiste em instruir os estudantes a selecionar um caderno de campo e anotar nele todas as observações e textos. Se necessário, ajude-os com as fontes de imagens e auxilie-os na obtenção de imagens antigas que eles acreditam que tenham se atualizado.
- **Analisem e registrem!**: caso necessário, ajude com um roteiro de questões para orientar a interpretação crítica da imagem. Veja a seguir alguns exemplos.
  - Quais são os elementos da imagem? Devem ser enumerados os elementos, identificados seus usos, sua atualidade/obsolescência, as cores que predominam, se é um ambiente aberto ou fechado, entre outros aspectos. Algo ficou de fora da fotografia? Se sim, por que isso aconteceu?
  - Quem tirou a fotografia e por que ela foi tirada? Caso não seja possível responder, elabore hipóteses (por exemplo, pode ser um retrato de família, um anúncio comercial, uma notícia de jornal etc.).
  - O que mudou no local entre uma fotografia e outra? Eles devem descrever as mudanças e narrar o que aconteceu, ou levantar hipóteses a respeito.
- **Criem e compartilhem!**: incentive os estudantes a propor projetos que levem em conta demandas das pessoas da localidade e a refletir sobre os princípios éticos que devem orientar as ações em sociedade.

Páginas 102–103

Respostas

1. Para Aristóteles, a natureza (*phisys*, em grego) era concebida em oposição ao humano. Essa visão dicotômica marcou profundamente a forma como os ocidentais conceberam o mundo ao longo dos séculos, até a modernidade.
2. As ações tomadas pelo Estado chinês para se inserir de forma mais intensa no mercado internacional mudaram profundamente a paisagem do país.

Nesse período, aumentou o número de indústrias e o nível de pobreza diminuiu, mudando a paisagem com a expansão de espaços industriais e urbanos.

3. Na China, desde o início da abertura econômica por Deng Xiaoping, em 1978, o governo chinês estabeleceu Zonas Econômicas Especiais, nas quais o capital estrangeiro e as empresas transnacionais constroem centros industriais e financeiros adequados à sua geração de lucro. Nesses locais, o setor privado conta com incentivos fiscais, baixos salários e obras de infraestrutura que propiciam o desenvolvimento capitalista voltado para a exportação de mercadorias. Fora da China, a importância do setor privado é ainda maior na produção das paisagens, contribuindo para a criação de paisagens luminosas e também para problemas sociais, relacionados à gentrificação e ao aumento das desigualdades. As intervenções de grande impacto produzidas pelo setor privado nas paisagens são: a criação de centros financeiros com grandes edifícios em cidades como Hong Kong e Bangcoc; a construção de ilhas artificiais em Dubai; o avanço da indústria extrativa mineral sobre a Floresta Amazônica, entre outros exemplos descritos na unidade.

4. **a)** A delimitação de um espaço como paisagem cultural tem por objetivo a preservação do patrimônio histórico e socioambiental. Ela pode impedir que processos destrutivos ocorram, como a urbanização desordenada ou o desenvolvimento de atividades econômicas que transformam radicalmente a paisagem, como a indústria, a agroindústria e a mineração. Além disso, a paisagem cultural serve para promover outras atividades, como turismo e serviços culturais.

b) Resposta pessoal. Espera-se que o estudante utilize adequadamente os conhecimentos sobre os conceitos de paisagem cultural e de patrimônio para argumentar em defesa de seu ponto de vista.

5. Os únicos elementos que se repetem nas duas imagens são a rua principal e o relevo elevado ao fundo. Na imagem de 1987, há poucas construções e muitos terrenos vazios; já em 2019, é possível observar uma porção vazia ao fundo à esquerda da imagem e muitos prédios com altura mais elevada do que os encontrados na fotografia anterior.

6. No caso da fileira de edifícios ao fundo, é aplicável o conceito de territórios luminosos, que são habitados pelas classes mais abastadas e com maior acesso ao consumo de bens e serviços, onde se concentram recursos técnicos, científicos e informacionais e conta-se com acesso amplo à infraestrutura. Por sua vez, o conceito de territórios opacos se aplica às moradias populares próximas ao rio, que têm características como ocupação desordenada, precariedade de infraestrutura e menor acesso a investimentos e a recursos tecnológicos.

Dentre os problemas sociais que podem ser identificados nos territórios opacos estão a dificuldade de acesso a direitos e serviços públicos, o agravamento da desigualdade social, os problemas ambientais ligados à ocupação desordenada e à falta de infraestrutura urbana, dentre outros. Nos territórios luminosos, podem ocorrer problemas ambientais ligados ao intenso tráfego de automóveis, à poluição visual e sonora, além dos problemas sociais que decorrem da gentrificação, no caso de áreas que passam por esse processo.

7. **a)** Houve intensificação da urbanização, com maior densidade de edifícios e construção de prédios mais altos.

b) Inicialmente, a acumulação de capital por meio da exportação do petróleo. Atualmente, além do petróleo, Dubai tem grandes investimentos no setor terciário.

c) Por ser um recurso natural não renovável, a tendência é que, com a extração, essa atividade econômica acabe.

d) Sim, pois dá maior estabilidade frente ao mercado internacional, que sofre constantes oscilações nos preços dos barris. Além disso, é um recurso finito, ou seja, um dia não poderá mais ser explorado pelo país.

8. **a)** Como elementos naturais podemos mencionar a vegetação e o mar. À esquerda da imagem, encontramos uma ruína e, ao centro, um aglomerado de pessoas.

b) Podem ser mencionadas a natureza (vegetação e mar) e a ruína.

c) O turismo é uma das grandes fontes econômicas de países subdesenvolvidos, considerando que não há desenvolvimento tecnológico como nos países desenvolvidos.

9. As imagens correspondem ao processo de gentrificação, apresentam mudanças de usos e, posteriormente, de construção no local. Inicialmente, a área era um cortiço (construção de classe baixa); posteriormente, foi transformada em galeria e escola de artes, representando as mudanças de público frequentador da área (classes média e alta). Por fim, a construção e seu uso foram modificados para um instituto de arte contemporânea, consolidando o processo apresentado. Consequências sociais costumam acompanhar essas modificações, em especial o deslocamento das populações de menor renda para outras partes da cidade devido ao aumento do custo de vida com aluguel, taxas, impostos e preços elevados de serviços e comércios.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

UNIDADE 3 O Estado me controla?

Temas

Percurso	Assuntos trabalhados	Temas Contemporâneos Transversais
5 A institucionalização da sociedade	• O controle e a ação do Estado sobre a vida humana • A formação do Estado na Antiguidade e na Europa Medieval • A formação e os elementos constituintes do Estado Moderno • Democracia grega e democracia contemporânea: comparações • A pluralidade cultural dos processos de formação do Estado • A filosofia política e seu papel na formação histórico-territorial dos Estados • Aspectos jurídicos da formação dos Estados	• Ciência e Tecnologia • Educação para valorização do multiculturalismo nas matrizes históricas e culturais brasileiras
6 As sociedades e suas formas de desenvolvimento científico-tecnológico	• Ciência, técnica e tecnologia • Conhecimento e poder nas sociedades • Distintas formas de produção do conhecimento em diferentes sociedades • A Inteligência Artificial e seu papel nas sociedades contemporâneas • Recursos tecnológicos em diferentes formações sociais e históricas • Diversidade cultural, desenvolvimento científico e tecnologia • Diferentes usos e aplicações das tecnologias nas sociedades	

Objetivos

- Definir o Estado tendo em vista seu desenvolvimento histórico e seu impacto na organização espacial e política das sociedades.
- Analisar as transformações nas relações de poder e nas desigualdades por meio da observação de processos históricos diversos.
- Comparar os papéis do desenvolvimento tecnológico e científico em diferentes contextos e situações sociais.
- Relacionar o papel do Estado à implementação de distintos modelos de desenvolvimento científico e tecnológico.
- Refletir sobre as potencialidades de novas tecnologias para o exercício da autonomia e do protagonismo, de maneira ética e responsável.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Justificativa

Estado e tecnologia são conceitos complexos, desenvolvidos nesta unidade por meio de análises de diferentes experiências, marcadas pela diversidade temporal, espacial e cultural.

Ao elaborarem o conceito de **Estado**, os jovens analisam o desenvolvimento histórico da institucionalização da sociedade em diferentes épocas, bem como teorias e modelos de organização política e social, como o absolutismo teorizado por Thomas Hobbes e o liberalismo político de John Locke. O percurso permite visualizar a historicidade dos poderes estatais, compreendendo sua natureza e articulação com os diversos segmentos da sociedade ao longo do tempo.

O conceito de **tecnologia** também é construído com base em múltiplas perspectivas, incluindo aquelas de povos cuja cultura é marcada pela oralidade, como as pessoas que viveram no Neolítico e os povos ameríndios. A análise da tecnologia envolve, assim, procedimentos de comparação entre formas muito distintas de desenvolvimento técnico e científico, permitindo situar a sociedade contemporânea em suas especificidades.

Também são trabalhadas as inter-relações entre Estado e desenvolvimento científico e tecnológico, de forma a articular os dois conceitos centrais da unidade. A abordagem da recente crise pandêmica da covid-19 é um importante momento na construção dessas relações. Com isso, pretende-se que o estudante leia e compreenda informações científicas, problematizando Estado e tecnologia tanto sob o prisma das políticas de desenvolvimento como sob o ponto de vista das formas de opressão e violência que podem estar ligadas ao controle das novas tecnologias por poderes estatais e privados.

A reflexão sobre o Estado e sobre as novas tecnologias visa ainda promover o exercício da autonomia pelos jovens, o que envolve tanto questões relacionadas à cidadania e aos direitos como os novos problemas colocados num mundo digital cada vez mais marcado pelo uso de algoritmos e de outras ferramentas complexas que envolvem vigilância e controle.

O trabalho com a BNCC

A BNCC nesta UNIDADE

Competências gerais: 1, 4, 6, 7 e 10
Competências específicas de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas: 1, 2, 3, 4, 5 e 6
Habilidades: EM13CHS101, EM13CHS102, EM13CHS106, EM13CHS[illegible], EM13CHS[illegible], EM13CHS4[illegible], EM13CHS504 e EM13CHS603
Competência específica de Linguagens e suas Tecnologias: 3
Competência específica de Ciências da Natureza e suas Tecnologias: 3

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Competências gerais da Educação Básica

Competência geral 1: contemplada na valorização e utilização dos conhecimentos das Ciências Humanas (com possíveis diálogos com outras áreas) para a compreensão dos conceitos de Estado e de tecnologia, de maneira que os estudantes possam continuar desenvolvendo essas aprendizagens e colaborando na construção de uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva.

Competência geral 4: desenvolvida no trabalho com diferentes linguagens, incluindo as digitais, para a expressão e para a partilha de informações e ideias. Na unidade, em especial quando são trabalhados os conteúdos ligados às novas tecnologias, os estudantes são provocados a utilizar de forma autônoma e responsável diferentes linguagens.

Competência geral 6: na conceituação de Estado, a competência é desenvolvida principalmente na abordagem das diferentes formas de organização do poder em sociedades de diferentes épocas, cujos conhecimentos e experiências possibilitam um entendimento complexo do mundo. A competência é desenvolvida também na conceituação de tecnologia, principalmente no que diz respeito aos saberes de povos ditos "primitivos", cujas técnicas complexas podem ser compreendidas no contexto de suas diferentes cosmovisões.

Competência geral 7: trabalhada em diversas atividades de debate. Nelas, os jovens aprendem a argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, defendendo diferentes pontos de vista. Dentre as aprendizagens promovidas nos debates estão a consciência socioambiental (trabalhada, por exemplo, quando se discute a água como recurso humano e as catástrofes ambientais ligadas à tecnologia), os direitos humanos (pelo conhecimento da gênese histórica da cidadania e dos direitos universais, e também pelo respeito aos saberes não ocidentais) e a relação ética quanto ao uso de novas tecnologias.

Competência geral 10: trabalhada com o desenvolvimento da autonomia e da responsabilidade na tomada de decisões, seja em relação ao Estado e à política, seja no que se refere às tecnologias e à relativização dos controles tecnológicos aos quais estamos submetidos nas sociedades contemporâneas.

Competências específicas de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Competência específica 1: desenvolvida na abordagem de processos relacionados à formação dos Estados e às suas transformações em diversas épocas. Processos diversos (políticos, econômicos, ambientais, sociais, culturais) são mobilizados na construção do conceito, de maneira que os estudantes possam compreender e se posicionar criticamente com relação a eles.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Competência específica 2: contemplada por meio da análise das transformações dos territórios e fronteiras dos impérios do Mundo Antigo, dos reinos medievais e dos Estados Nacionais Modernos, em seu processo de formação. O estudo da trajetória da cidadania e dos direitos possibilita compreender criticamente desigualdades, relações de conflito e colaboração, formas de inclusão e exclusão e situações que envolvem exercícios arbitrários do poder. Este último ponto também é trabalhado no conteúdo sobre a tecnologia, quando são problematizados os controles exercidos pelos Estados.

Competência específica 3: trabalhada ao longo dos percursos, em especial naquele dedicado à tecnologia. O objetivo é, por meio da problematização da tecnologia, aprender a analisar e avaliar criticamente as relações das sociedades com a natureza. Os conteúdos abordam sociedades e experiências muito diversas destacando impactos socioambientais e a promoção de valores éticos.

Competência específica 4: é contemplada na análise de relações de produção, capital e trabalho que a unidade desenvolve principalmente ao abordar a história dos Estados, em suas trajetórias políticas, socioeconômicas e territoriais. Essa competência também é desenvolvida quando são construídos os conceitos de técnica e de tecnologia, que envolvem problematizações e análises relacionadas à economia e ao trabalho nas sociedades capitalistas.

Competência específica 5: é desenvolvida por meio do reconhecimento e análise da gênese histórica de diversas formas de desigualdade e violência. Isso ocorre tanto na abordagem do Estado (quando são observadas as histórias políticas da Antiguidade, da Idade Média e da Época Moderna) como no estudo da técnica e da tecnologia (em especial na problematização das técnicas e tecnologias de controle).

Competência específica 6: é trabalhada em diversas atividades, nas quais os estudantes são provocados a debater de forma crítica questões da realidade contemporânea, como o papel do Estado na vida social e os impactos de novas tecnologias na vida das pessoas.

Trata-se de debates diretamente relacionados ao exercício da cidadania e à formação da autonomia, consciência crítica e responsabilidade por parte dos jovens.

Habilidades de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

EM13CHS101: desenvolvida quando são identificadas, analisadas e comparadas fontes de naturezas diversas, que servem à compreensão de ideias filosóficas e processos complexos, como a formação dos Estados e o desenvolvimento tecnológico.

EM13CHS102: contemplada quando os estudantes avaliam criticamente o sentido histórico de matrizes culturais ligadas à trajetória dos Estados (como as tradições políticas da modernidade) e da tecnologia (como as noções evolutivas e etnocêntricas de desenvolvimento técnico e tecnológico).

EM13CHS106: desenvolvida por meio de diversos exercícios que envolvem a leitura crítica de imagens, mapas e fontes textuais de diferentes gêneros. Ao dialogarem com esses conteúdos, os estudantes produzem conhecimentos, resolvem problemas e exercem a autoria, de maneira a elaborar os conceitos centrais da unidade com base nessas linguagens.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

EM13CHS202: trabalhada quando são observados, analisados e avaliados os impactos tecnológicos sobre grupos, povos e sociedades contemporâneas. Na unidade, os conceitos de técnica e tecnologia são construídos por meio de atividades que desenvolvem essa habilidade.

EM13CHS304: contemplada pela análise de impactos socioambientais decorrentes de práticas de diversos atores sociais, incluindo o Estado, os organismos internacionais e as empresas. Em especial, o estudo sobre o conceito de tecnologia possibilita discutir práticas que levam a problemas como as catástrofes ambientais.

EM13CHS401: desenvolvida na construção dos conceitos de técnica e tecnologia, quando são identificadas e analisadas as relações entre sujeitos, grupos sociais e culturas. Esse é o caso do estudo sobre a sociedade disciplinar moderna, bem como do estudo das tecnologias sociais e das tecnologias indígenas.

EM13CHS403: contemplada principalmente nas diversas análises que compõem o percurso de conceitualização de tecnologia, quando os estudantes são provocados a caracterizar e analisar impactos de transformações tecnológicas em diferentes sociedades, problematizando seus potenciais negativos e buscando a superação de formas de opressão e violação de direitos, a exemplo da vigilância do Estado sobre os cidadãos.

EM13CHS504: trabalhada quando são analisados e avaliados impasses ético-políticos que decorrem de transformações que impactam a vida dos jovens contemporâneos – entre outros, os impasses da cidadania diante do maior controle tecnológico dos Estados sobre a população e os impasses ambientais e culturais relacionados aos efeitos negativos dos modelos predatórios de desenvolvimento econômico e tecnológico.

EM13CHS603: o percurso de conceitualização do Estado é composto por diversas análises de formação de países, povos e nações, em especial no que diz respeito a suas experiências políticas. São trabalhados conceitos como cidadania e poder, essenciais para a compreensão desses processos.

Competências específicas de Ciências da Natureza e suas Tecnologias

Competência específica 3: é trabalhada quando são analisados de forma interdisciplinar fenômenos naturais e processos tecnológicos. Isso ocorre tanto no estudo das tecnologias de sociedades que dialogam com a natureza de maneira não predatória,

quanto na discussão sobre os impactos ambientais de atividades como a mineração.

Competências específicas de Linguagens e suas Tecnologias

Competência específica 3: é desenvolvida quando os estudantes defendem pontos de vista utilizando diferentes linguagens. A produção de textos jornalísticos, entre outras criações, possibilita que o jovem exerça seu protagonismo e autoria de forma crítica, criativa, ética e solidária.

Perfil do professor

Nesta unidade, o professor de **História** se sentirá confortável ao trabalhar a formação do Estado em diferentes épocas, já que se trata de análises que colocam em primeiro plano as transformações econômicas, sociais, políticas e culturais ao longo do tempo. No que diz respeito à conceituação de tecnologia, o professor desse componente poderá oferecer importantes subsídios à compreensão dos processos de desenvolvimento técnico e científico em diferentes épocas.

Também é adequado para o trabalho desta unidade o professor de **Filosofia**. Isso porque ele terá maior familiaridade com os debates da Filosofia Política a respeito do Estado, além de poder desenvolver de maneira aprofundada as questões colocadas pela análise da técnica, da ciência e da tecnologia em diferentes sociedades. Questões como a legitimidade do poder estatal e o controle tecnológico sobre a vida humana envolvem reflexões bastante desenvolvidas por essa forma de pensamento.

Por desenvolver os conceitos de técnica, tecnologia e natureza, também é recomendável que a unidade seja trabalhada pelo professor de **Geografia**. Seus conhecimentos específicos a respeito desses conceitos poderão ser aplicados na compreensão de problemas diversos que se colocam nas interações entre sociedades e natureza na sociedade contemporânea e sob o impacto de novas tecnologias. Além disso, a análise da formação dos Estados envolve a compreensão de dinâmicas territoriais e a leitura de mapas e de textos que descrevem aspectos espaciais das relações de poder na história do Estado.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Orientações didáticas

Abertura da unidade

Páginas 104-105

Utilize as questões de abertura para introduzir os conceitos de tecnologia e de Estado, que serão trabalhados ao longo de toda a unidade. Aproveite para fazer uma avaliação diagnóstica do conhecimento dos estudantes a respeito desses conceitos, trabalhando cada um separadamente.

Comece escrevendo "Estado" e "tecnologia" no quadro, cada palavra dentro de um grande círculo, e pergunte aos estudantes o que está relacionado com o Estado e o que está relacionado com a tecnologia. Preencha os espaços vazios com respostas que sejam relacionadas a esses conceitos. Peça justificativas para as respostas e debata os conceitos de forma mediada. Inclua algumas das palavras que serão importantes ao longo do percurso; veja possibilidades na tabela a seguir.

Estado	Tecnologia
Instituições, poder, país, território, direitos, leis, política, impostos, violência, governo, justiça, congresso, escola, hospital, exército, polícia etc.	Ciência, conhecimento, técnica, computador, *smartphone*, robô, *drone*, internet, Inteligência Artificial etc.

Registre o quadro para consulta ao longo da unidade. Retome a pergunta "Minha vida é controlada pela tecnologia e pelo Estado?" ilustrando "Estado" e "tecnologia" com as palavras do quadro.

Respostas

1. A maior incidência de casos é encontrada na América, na Europa e na Ásia. Porém, há casos espalhados por todo o mundo.
2. Resposta pessoal.
3. Espera-se que os estudantes mencionem ações de distanciamento social, investimentos em pesquisa, compra de equipamentos, capacitação da equipe técnica etc.

Páginas 106-107

A pandemia de covid-19: lições de controle estatal

Fale sobre a pandemia de covid-19, que ganhou dimensão planetária no início de 2020, como estratégia para sensibilizar os estudantes em relação aos temas que serão objetos de estudo ao longo da unidade. Neste primeiro momento, você poderá problematizar a relação entre o Estado e a tecnologia chamando a atenção para a necessária articulação entre as instituições políticas e as áreas de educação, ciência e tecnologia.

Destaque a importância dos investimentos públicos nesses setores, e como esses investimentos poderiam até mesmo mitigar os potenciais efeitos devastadores de uma pandemia como a de covid-19. Entre os exemplos atuais de desenvolvimentos tecnológicos relacionados ao combate à pandemia estão novos modelos de ventiladores pulmonares, aplicativos que auxiliam no diagnóstico e encaminhamento de casos, e instrumentos de controle da circulação de pessoas, que permitem mapear o contágio.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Após essa contextualização, apresente outra dimensão da relação entre Estado e tecnologia que também é importante na crise da covid-19: o alcance e as justificativas do controle estatal sobre os indivíduos. Problematize o tema do controle estatal dialogando com os estudantes com base em vivências e conhecimentos relacionados ao mundo digital e às novas tecnologias de comunicação. Questões que podem ser levantadas: Em que situações você acha correto que vigiem e controlem o que você acessa? Quais devem ser os limites dessa vigilância?

Sorria, você está sendo vigiado

Utilize o texto sobre a obra de George Orwell para acentuar os potenciais negativos do controle ilimitado das pessoas pelo Estado. É uma boa oportunidade para, em parceria com a área de Linguagens, fazer a leitura e análise da obra *1984*.

Aproveite para problematizar a presença da Big Data e dos algoritmos em nossas vidas. Valorize os conhecimentos dos jovens sobre o mundo digital e seus potenciais, abordando a importância do pensamento computacional para a resolução de problemas no mundo contemporâneo. Essa é uma boa oportunidade para estabelecer dialogo com a área de Matemática.

Respostas

1. Há uma quantidade elevada de municípios com taxas de isolamento baixas, sendo a maioria entre 40% e 50%, e um deles apresentou taxa de até 40%.
2. A região leste do estado é a mais preocupante, com maior concentração de municípios com taxas entre 40% e 50%. Porém, em todo o estado há núcleos de cidades com baixo isolamento.
3. Atualmente, a maioria da população possui *smartphones* ou celulares, equipamentos que as pessoas geralmente carregam consigo. Dessa forma, é possível ter uma avaliação mais assertiva do isolamento.
4. A perda de privacidade.

Percurso 5

A institucionalização da sociedade

Página 108

O estudo inicial do percurso tem por objetivo possibilitar que os estudantes diferenciem os conceitos de Estado, nação e governo, superando as noções geralmente equivocadas que permeiam o senso

comum a respeito dessa temática. Utilize o boxe conhecimentos prévios para retomar a definição desses conceitos, que serão trabalhados ao longo do percurso de maneira complexa.

Nesta etapa dos estudos, seria interessante mencionar a existência de povos e nações sem Estado, para que diferenciem os conceitos. Em especial, o caso do povo curdo, a maior nação sem Estado do mundo, mas também os catalães, bascos e galegos, na Espanha, entre muitos outros casos. Também poderia ser trabalhado nesta perspectiva o caso dos palestinos. Eles constituem uma nação, mas por diversos motivos ainda não têm um Estado organizado e reconhecido pela comunidade internacional, embora a Autoridade Nacional Palestina, criada em 1994 e atualmente sob a liderança de Mahmoud Abbas, inclusive com representação no Brasil, possa ser percebida como embrião de um futuro Estado palestino.

Página 109

Após apresentar conceitos e compará-los, retome o tema da pandemia. O roteiro de questões pode guiar uma atividade de pesquisa sobre a covid-19 no mundo e no Brasil, a respeito das ações de diferentes instituições e órgãos de governo em seu enfrentamento, desde a escala global (OMS) à local (equipamentos do SUS, dentre outros). As questões podem servir também para uma atividade mais aprofundada desenvolvendo aprendizagens de pesquisa, em diálogo com a área de Ciências da Natureza.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Respostas

1. O primeiro caso foi confirmado em São Paulo. O vírus se espalhou no Brasil por meio do contato de pessoas infectadas com o restante da população.
2. As populações mais carentes não possuem acesso adequado a saneamento básico, práticas de higiene pessoal e isolamento. Muitas famílias, por exemplo, moram em residências de poucos cômodos para muitos integrantes, impossibilitando o isolamento de infectados. Além disso, também há casos de famílias sem acesso à água tratada, dificultando as práticas de higiene pessoal.
3. Resposta pessoal. Podem ser mencionados a compra de equipamentos, contratação de equipes médicas, fechamento de estabelecimentos não essenciais, entre outras ações a depender de onde o estudante mora.
4. Resposta pessoal.
5. Resposta pessoal. Auxilie os estudantes na compreensão de que a ação do Estado pode ser benéfica ou maléfica para a população, dependendo da situação e do que foi feito.

Página 110

O surgimento dos primeiros Estados

Construa com os estudantes o significado do conceito de civilização de sorte a superar o senso comum que não raramente contrapõe "civilizados" e "não civilizados" de maneira dualista, evolutiva e etnocêntrica. **Civilização** deve ser entendida numa perspectiva relativista, sem que se refira a um modelo ideal de sociedade ou a um modelo evolutivo desenvolvimento. Civilizações são múltiplas, sem que alguma delas seja "superior" ou "mais evoluída" que as demais.

Análise: Primeiras civilizações

Respostas

1. Os grandes rios, nos quais se desenvolveram as chamadas civilizações hidráulicas.
2. A água é um dos recursos naturais mais importantes para as sociedades. Na Antiguidade, as economias tinham como base a agricultura e a criação de animais, ou seja, um dos elementos determinantes para essas produções era a disponibilidade de água. Assim, os Estados que detinham recursos hídricos poderiam ter mais influência na região que outros sem acesso a tais recursos.
3. Resposta pessoal. Hoje, os recursos hídricos têm sido motivo de diversos debates sobre o papel do Estado, desde a proteção de mananciais até o fornecimento doméstico de água acessível a todas as faixas de renda. Entre outros, podem ser citados conflitos nas bacias do Rio Nilo, Rio Jordão, rios Tigre e Eufrates etc.

Página 111

Respostas

1. Resposta pessoal. Neste momento, não se pretende fazer um estudo detalhado do Período Neolítico, mas tão somente enfatizar as principais transformações ocorridas em sua etapa final, quando, segundo arqueólogos, filólogos, antropólogos, dentre outros estudiosos do tema, encontra-se a gênese do Estado, tema central desse percurso.

Página 112

Análise: Origens do Estado

Ao trabalhar os dois textos propostos a respeito do surgimento do Estado, é preciso chamar a atenção para a complexidade do tema, que está longe de ter sido plenamente elucidado pelos especialistas. Assim, sugere-se que você enfatize que existem diversas interpretações a respeito da gênese do Estado, embora predomine aquela que articula suas origens à necessidade de um poder central capaz de coordenar as grandes obras hidráulicas, essenciais no processo civilizatório de sociedades como as da Mesopotâmia (sumérios, babilônios e assírios) e do Antigo Egito.

Respostas

1. O Estado revelou-se a única instituição capaz de operacionalizar [illegible] grandes obras de engenharia hidráulica, [illegible] reprodução das bases materiais das primeiras civilizações estruturadas próximo aos grandes rios.
2. Não, pois Marx sustenta a tese da gênese do Estado pela necessidade de grandes obras hidráulicas percebidas como essenciais ao uso econômico e comum da água. Já Pierre Clastres, embora afirme que a grande revolução na história tenha sido o aparecimento do Estado, não apresenta uma razão específica que explique sua gênese.
3. Resposta pessoal. Embora o autor enfatize que o surgimento do Estado foi decisivo para instituir a sociedade em que uns comandam e outros obedecem, as organizações sociais primitivas desapareceram.
4. Resposta pessoal. Podem ser elencadas as áreas de educação e pesquisa, além de saúde e segurança pública, entre outras.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

O papel dos Estados na Antiguidade Clássica

Os conteúdos trabalhados nesta etapa devem ser percebidos somente como suporte para que os estudantes conceituem o Estado de maneira complexa. Dessa forma, faça uma breve contextualização histórica sobre os mundos grego e romano, reforçando determinados conceitos e sistematizando alguns processos históricos, para que os estudantes compreendam o papel desempenhado pelos Estados naquelas sociedades. Isso implica buscar suas origens e as transformações pelas quais passaram em função de mudanças nas formas de governo e regimes políticos, destacando a natureza dos Estados nos diversos contextos históricos do mundo greco-romano.

O conteúdo também abarca as múltiplas razões que levaram ao colapso do Império Romano, a partir do século III d.C., para que os jovens visualizem não apenas a desagregação do Estado na Roma Antiga mas também a passagem da Antiguidade para o que se convencionou denominar Idade Média.

Página 113

O Estado no mundo grego

O objetivo desta seção é analisar as origens e transformações pelas quais o Estado passou nas diversas pólis, enfatizando que nem todas construíram instituições estatais democráticas. Os conteúdos nesta etapa são abordados de forma a possibilitar que os estudantes elaborem o conceito de Estado sem que a preocupação central seja os conhecimentos sobre a Antiguidade, em suas múltiplas dimensões. Por essa razão, o texto indica somente a cidade-Estado de Atenas, por sua importância histórica, seu papel proeminente no mundo grego e pela disponibilidade maior de fontes documentais sobre as instituições políticas e a natureza específica da democracia ateniense.

Essa é também uma boa oportunidade para que os estudantes analisem comparativamente a democracia no mundo grego e a exercida na contemporaneidade.

Página 114

Análise: Participação política

O pensamento de Aristóteles a respeito da política é uma fonte documental que traduz a importância que os gregos davam à participação dos cidadãos na vida da pólis e fornece um substrato para que os estudantes reflitam sobre o tempo presente, em especial sobre o envolvimento com a política, percebido como fundamental à formação de cidadãos mais conscientes.

Respostas

1. Resposta pessoal. O objetivo é desenvolver a análise do Estado em sua dimensão política e cidadã, incentivando os estudantes a debater as próprias posições a respeito da participação na vida política.

Páginas 115–116

O Estado na Roma Antiga

Assim como no caso do estudo sobre a Grécia, Roma é abordada aqui como uma forma de desenvolver a compreensão do conceito de Estado em sua complexidade. A ênfase maior será na atuação do Estado nos vários processos históricos da Roma Antiga, assim como as especificidades da sociedade romana, sobretudo durante a República e o Império.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Os conteúdos trabalhados a respeito da civilização romana tiveram por objetivo fornecer subsídios para que os estudantes compreendessem os mecanismos das instituições políticas republicanas, muitos dos quais, ainda que com atribuições bem mais modestas, foram mantidos durante o Período Imperial.

A história de Roma tem uma longa trajetória de conflitos sociais, com o Império sendo marcado por uma expansão territorial sustentada na escravidão, na sujeição de povos muito diversos entre si, no aumento da desigualdade e no aumento da população pobre de Roma.

A observação atenta da maquete de Roma poderá contribuir para que os estudantes tenham uma ideia aproximada de como se organizavam os espaços urbanos na Antiguidade, com destaque não apenas para as vias públicas, mercados, espaços cívicos como o Fórum, estruturas de lazer como o Coliseu, o Circo Máximo e teatros mas também para obras de complexa engenharia hidráulica como o aqueduto.

Esta pode ser uma boa oportunidade para que os jovens visualizem os mecanismos que possibilitaram a consolidação do Estado imperial romano. Para isso, destaque abordagens analíticas passando por cinco aspectos fundamentais, listados a seguir, que possibilitam a compreensão de como os processos de alianças políticas, culturais e estratégico-logísticas contribuíram para dinamização do mundo romano.

1. A aliança entre as elites locais e a elite imperial romana, marcada pela continuidade no poder das primeiras e a dupla cobrança de impostos da população por ambas as elites.
2. O respeito à diversidade cultural e religiosa dos povos conquistados na maioria dos casos, excetuando-se as religiões de caráter monoteísta como o judaísmo e o cristianismo.
3. A estruturação logística do exército, organizado em legiões que possuíam estrutura centralizada comum a todo o Império.
4. A construção de uma grande rede de estradas que articulava Roma com as várias províncias, possibilitando o rápido deslocamento de tropas necessário à repressão de possíveis revoltas contra o Estado romano.
5. A extensão da cidadania romana aos povos vencidos que se tornavam aliados, o que atingia comunidades inteiras, fator essencial à "multiplicação" do número de romanos.

Páginas 117-118

Análise: A importância do Senado

O estudo dos textos da historiadora Catherine Decouan é uma boa oportunidade para estabelecer relações entre passado e presente, trazendo as reflexões propostas pela autora para a realidade da *res publica* no Brasil contemporâneo. O texto aborda o Direito Romano, um dos mais importantes legados da Roma Antiga.

Respostas

1. A autora indica que, em tese, todos os cidadãos tinham os mesmos direitos; porém, só os ricos, fossem patrícios ou plebeus, efetivamente exerciam o poder.
2. Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes mencionem que, no plano teórico, de acordo com a Constituição de 1988, todos são iguais perante a lei. No entanto, sabe-se que, em várias instâncias, tanto da vida pública como privada, o poder econômico garante não raramente tratamentos diferenciados.

A crise do escravismo e a desagregação do Estado romano

Analise as imagens, chamando a atenção dos estudantes para a expressão de angústia, desalento e insegurança do imperador Trajano Décio – sentimentos que o artista conseguiu expressar ao esculpir seu busto e que se coadunam com o tempo de crise geral que permeou a época.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Sabemos que todas as fontes históricas, inclusive as iconográficas, são "filhas do seu tempo", ou seja, elas guardam as marcas do tempo em que foram produzidas, assim como as visões de mundo que eram hegemônicas. Ou seja, são também leituras de sua época, uma vez que quem as produziu estava inserido em dada realidade. É nessa perspectiva que se deve propor aos estudantes a análise das imagens que reproduzem esculturas de imperadores romanos.

Após situar a crise do Império Romano, analise suas causas e a trajetória até a quebra da unidade do Império abordando cada um dos cinco sintomas da crise mencionados na seção.

Página 119

A análise do mapa sobre a divisão do Império Romano, ocorrida em 395, e das rotas migratórias germânicas pode ser uma oportunidade para levantar com os estudantes questões relativas à historiografia sobre o tema.

Para dar sentido à reflexão, lembre que parte da historiografia francesa considerou que o processo descrito no mapa foram "grandes invasões" que puseram fim à civilização romana. Por outro lado, estudiosos vinculados à historiografia alemã defendem a tese de que o ocorrido foi uma "grande migração de povos" libertos da opressão romana de leste para oeste.

Esse debate, segundo o historiador francês Jacques Le Goff, está longe de ser resolvido, e traz à tona nuances que remetem à rivalidade contemporânea franco-germânica. Reflita com os estudantes sobre a observação de Walter Benjamin afirmando que a história está carregada do tempo presente em que vivem os historiadores.

Análise: Dor e perplexidade

Respostas

1. Resposta pessoal. Nesta atividade os estudantes devem ser levados a problematizar as fontes históricas, atentando para o fato de que "os documentos não falam por si próprios" e devem ser interrogados à luz de nossas inquietações. Dentro desse procedimento metodológico, é necessário ressaltar que as duas fontes primárias que relatam a "queda" de Roma não são "a verdade histórica", mas apenas "a verdade" do ponto de vista de pensadores vinculados à religião cristã, então já oficial em Roma. O fato de os "bárbaros invasores" serem pagãos superdimensionava, na perspectiva de quem redigiu os documentos, a "tragédia" que se abatera sobre o "mundo civilizado".

Página 120

O Estado durante a Idade Média

Ao longo dos estudos sobre o Estado na Idade Média, não há uma preocupação maior na análise de determinados povos

como “reinos bárbaro-germânicos”, e são pouco considerados o papel da Igreja e sua atuação ideológica no mundo medieval, as manifestações artístico-culturais do período, ou os processos históricos que levaram à formação e à crise do feudalismo.

O objetivo, neste momento, é compreender por que se inviabilizou a formação de grandes Estados durante a Idade Média, dada a atomização político-administrativa que permeou a Europa naquele período. Nessa perspectiva, os conteúdos trabalhados devem ser percebidos como suportes para que os estudantes se apropriem de determinados contextos e conceitos históricos, visualizando a anomia do poder, sobretudo nos tempos iniciais do medievo.

O mapa apresenta alguns dos reinos que se formaram na Europa Ocidental após a “queda” de Roma em fins do século V. A análise deve partir da percepção de que o mapa representa um momento dentro de uma realidade em transformação, como uma “fotografia” geopolítica de um período histórico bastante específico.

O início do período medieval foi marcado por instabilidade política, conflitos entre os diversos povos “bárbaros”, atomização do poder e inviabilidade de unidades políticas que, com a exceção do Reino dos Francos, foram efêmeras, o que significa ressaltar que nos séculos subsequentes a “fotografia” da geopolítica europeia apresentou sensíveis modificações.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Páginas 121–122

Análise: O início do feudalismo

Respostas

1. O fracionamento do poder político em milhares de células autônomas, à medida que a ordem feudal se afirmava, contrapunha-se à centralização política do Estado romano e à autonomia política das pólis gregas.
2. Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes mencionem que vínculos essencialmente militares de suserania e vassalagem fomentaram relações de dependência pessoal na ordem feudal que diferiam inteiramente das que existiam no contexto do Estado romano, quando prevaleceram relações mais impessoais dos indivíduos para com as instituições estatais.

Legitimação do Estado na modernidade europeia

O objetivo nesta seção é introduzir as concepções teóricas que legitimaram a centralização política e a formação do que se convencionou denominar Estado Moderno. No final da Idade Média, a instância do poder monárquico se impôs sobre o poder local (representado pelos senhores feudais), sobrepondo-se também ao poder universal (representado pelo papado). Não são analisados casos específicos, como a formação das monarquias ibéricas, francesa e inglesa ou uma história das “repúblicas renascentistas”, por exemplo, temas que podem ser explorados em outras etapas dos estudos, como o processo expansionista europeu dos séculos XV-XVI, a Reforma Protestante e o movimento renascentista.

Uma possibilidade é analisar com maior atenção as obras de Nicolau Maquiavel e de Thomas Hobbes em seus contextos históricos, problematizando concepções políticas como a de que um governante tem prerrogativas divinas para exercer o poder, bem como as justificativas para que os súditos devam obediência aos soberanos em diferentes Estados e sociedades.

Páginas 123–124

Análise: Leviatã

A atividade tem como objetivo desenvolver a habilidade dos estudantes na “leitura de imagens”. Neste caso, a imagem deve ser percebida e trabalhada como fonte iconográfica. Portanto, com sua mediação, ela deve ser devidamente analisada de forma que os estudantes visualizem as diversas alegorias – assim como os significados nelas contidas. A observação atenta

é essencial para que sejam resolvidas as questões propostas ao final da atividade.

A imagem é uma reprodução do frontispício do livro *Leviatã*, de 1651. Trata-se de uma alegoria do Estado absolutista. Registre-se que o título do livro de Hobbes é uma referência a uma passagem bíblica do Antigo Testamento, que remete, de forma simbólica, metafórica e figurada, a uma criatura monstruosa. Segundo o Livro de Jó (41:18-35), o Leviatã possuía uma força descomunal, tinha uma pele extremamente resistente e expelia fogo pela boca, o que levou certos intérpretes a sugerir que fosse um tipo de dinossauro marinho. De acordo com as narrativas míticas dos antigos povos do Oriente Próximo, esse monstro representaria o caos e se assemelharia a uma serpente.

Respostas

1. A coroa representa o sistema político defendido pelo autor, a monarquia; a espada simboliza a segurança; o cetro simboliza o poder soberano do monarca.
2. Os impostos garantem a funcionalidade e a capacidade de o Estado desenvolver políticas públicas e serviços ao conjunto da população. A fiscalização do uso dos impostos pode ser feita por meio do Portal da Transparência, *site* que reúne todos os gastos feitos pelos governos. A última parte da pergunta depende da [illegible] estudante.
3. Podem ser d[illegible]les do Estado, como o Ministério Público, a Polícia Federal, o Congresso Nacional, e, sobretudo, a absoluta autonomia do Supremo Tribunal Federal, entendido como "guardião da Constituição".
4. O equilíbrio entre os poderes, os freios e contrapesos, a autonomia do Judiciário, o fato de as Forças Armadas serem uma instituição de Estado e não de governo, dentre outras prerrogativas garantidas pela Constituição de 1988, consolidam o Estado democrático de direito no Brasil, corroborado pela afirmativa de que "o presidente pode muito, mas não pode tudo".

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

A concepção liberal do Estado

Nesta etapa dos estudos são priorizadas a Revolução Americana e a Revolução Francesa, além dos fundamentos ideológicos que serviram de substrato a esses movimentos revolucionários. Não é objetivo da seção destacar os processos históricos e factuais concernentes a tais revoluções.

O objetivo é desenvolver a compreensão das raízes do ideário liberal, destacando suas origens e influência nas transformações que se operaram na natureza do Estado desde então. É importante que os estudantes observem que foi nesse contexto histórico que emergiu o conceito de Estado-Nação, quando se afirmou a ideia de "povo soberano" ainda hoje hegemônica nas democracias liberais.

Ao analisar as ideias de John Locke, contraponha a visão de mundo desse filósofo com as de Maquiavel e de Hobbes. Também nesse caso, a leitura e análise de textos de Filosofia Política pode levar a aprendizagens importantes em relação ao Estado, à política e à própria filosofia como forma de conhecimento.

Analise a obra de Delacroix destacando seus simbolismos. Vale destacar a mulher que empunha a bandeira tricolor (legado da Revolução de 1789), resgatada no contexto revolucionário de 1830. A bandeira tinha sido banida à época da Restauração Monárquica (1815-1830), exatamente por sua associação com a revolução que executara o rei Luís XVI. A mulher simboliza a liberdade e é associada a uma deusa clássica, porém com vestimentas e o barrete frígio que reforçam sua origem popular. Essa alegoria da liberdade está guiando o povo, representado por diferentes segmentos sociais (o burguês, de cartola, assim como representantes das camadas populares), numa clara tentativa de representar a ideia de coesão social. Os destroços das barricadas também devem ser destacados, assim como os mortos que jazem aos pés da Liberdade, como a sinalizar que a preservação das liberdades individuais está condicionada ao sacrifício de todos pela nação.

Análise: A Declaração de Direitos como conquista da Revolução Gloriosa

Respostas

1. Resposta pessoal. Auxilie os estudantes na percepção de que os artigos selecionados da Declaração de Direitos de 1689 não deixam dúvidas quanto aos limites impostos ao poder monárquico pelo Parlamento inglês, que se traduzem na fórmula "o rei reina, o Parlamento governa".

Página 125

Análise: A atualidade da Revolução Francesa

O texto do historiador marxista britânico Eric Hobsbawm discute a atualidade da Revolução Francesa, uma vez que as metas do *slogan* básico "Liberdade, igualdade, fraternidade", proclamado pelos revolucionários de 1789, após mais de duzentos anos ainda estão bem distantes de serem alcançadas. Problematizar esse *slogan* com os estudantes, ainda que sem resultados conclusivos, é um bom exercício para discutir temas como cidadania, participação política e transformação social.

Respostas

1. Os grandes temas que foram objeto de debate principalmente nas revoluções burguesas continuam atuais, e ainda hoje despertam acalorados debates sobre como construir, por exemplo, uma maior igualdade entre as pessoas sem, no entanto, comprometer as liberdades individuais.
2. O irracionalismo surgiu no século XIX como uma corrente filosófica que enfatiza a dimensão não racional dos seres humanos, afirmando que os instintos são superiores à lógica. Fundamentalistas religiosos são aquelas pessoas que interpretam as escrituras sagradas de alguma religião de forma literal. O obscurantismo corresponde à, por escolha própria, impedir que fatos ou acontecimentos sejam divulgados impedindo que o povo tenha acesso ao conhecimento. Barbárie, no contexto do trecho, refere-se à condição de caos instalada em sociedades.
3. Resposta pessoal, com base nas vivências e percepções do estudante, assim como nos elementos de análise histórica que forem estudados durante a pesquisa solicitada.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Páginas 126-127

Max Weber e o monopólio da violência por parte do Estado

Nesta etapa são analisados os referencias teóricos que permeiam o pensamento do sociólogo alemão Max Weber, que enfatiza a exclusividade do uso "legítimo" da violência por parte do Estado, ressaltando as fundamentações que embasaram e continuam embasando a atuação dos Estados na contemporaneidade.

O objetivo é construir o conceito de Estado de maneira complexa, por meio de uma análise dos argumentos de Weber a respeito da legitimidade da coerção e da violência por parte do Estado.

Páginas 128-129

Atividades

Respostas

1. Tanto para os gregos como para os romanos, o exercício da política, reservado aos cidadãos, era essencial para a efetiva preservação das instituições estatais. Considere-se, a título de exemplo, que, para os antigos gregos, o indivíduo que preenchia as condições para o exercício da cidadania e não participava da vida política de sua cidade-Estado era considerado "desprezível".
2. O texto que analisa a política do pão e circo, procedimento comum na Roma Antiga, sobretudo nas décadas finais da República e ao longo de boa parte do Período Imperial, também constitui – com o cuidado de evitar anacronismos – uma boa oportunidade para avaliar com os estudantes alguns procedimentos e práticas governamentais no mundo contemporâneo, inclusive no Brasil. Pode ser problematizada a espetacularização da política como mecanismo de distração das grandes massas para que estas não reflitam sobre os reais problemas da sociedade. Nesse sentido, é possível explorar o papel das grandes mídias na promoção e/ou divulgação de grandes espetáculos, silenciando sobre grandes questões de nosso tempo, como a acentuada desigualdade social, o racismo, a xenofobia, a misoginia, a homofobia, a precariedade dos serviços públicos etc.
   a) A política foi implementada para controle social de uma grande massa de pessoas pobres vivendo em Roma, e a preservação do apoio dessas

camadas por líderes políticos e militares estão na raiz da política do pão e circo. O debate também pode se desdobrar em hipóteses sobre as causas da existência de tantas pessoas pobres vivendo na capital do Império, ou sobre problemas como os impactos do poder econômico na política. Outra possibilidade é adotar uma perspectiva filosófica encaminhando o debate sobre as relações de poder.

b) Resposta pessoal. Entre as políticas públicas que procuram atenuar os elevados graus de pobreza da população brasileira, pode-se destacar o Bolsa Família, que, atualmente, atende cerca de 14 milhões de famílias. Ao contrário da política romana do pão e circo, tratam-se de políticas que se propõem a atender toda a população desfavorecida, consistindo num direito social que não deve depender de quem está no governo nem beneficiar apenas camadas da sociedade que ofereçam ameaça à estabilidade do regime ou que apoiem determinado líder.

3. Para o teórico, o príncipe devia reger suas ações políticas segundo uma "ética especial" que se sobrepunha àquela que rege as relações humanas, em função do compromisso com a preservação de seu próprio poder e do Estado sob sua responsabilidade.

4. Embora ambos sejam contratualistas, Hobbes parte do princípio de que as pessoas em "estado de natureza" estão condenadas à "guerra de todos contra todos". Locke, pelo contrário, afirma que o contrato social entre governantes e governados torna-se necessário exatamente para preservar os direitos naturais dos seres humanos, ou seja, aqueles inerentes à condição humana: a vida, a liberdade e a propriedade.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

5. A Revolução Gloriosa teve como principal conquista a Declaração de Direitos, que retirava os poderes do monarca. A Declaração de Independência dos Estados Unidos inseriu a divisão de poderes, autonomia dos estados-membros e defesa de liberdades individuais. Já a Revolução Francesa concebeu o governo como um meio de satisfazer as necessidades básicas do povo, diferentemente do que era posto anteriormente onde o povo deveria se submeter ao governo.

6. Resposta pessoal. Espera-se que os estudantes utilizem os conceitos e análises trabalhados ao longo do percurso.

As três últimas atividades de encerramento pressupõem a leitura e interpretação de textos que têm um denominador comum, a questão da subordinação e do enquadramento do universo feminino à uma sociedade que, desde o Neolítico, tornou-se crescentemente patriarcal.

O texto presente na **questão 7** analisa como essa sujeição se impôs à luz das transformações históricas e do surgimento da sociedade de classes. O texto da **questão 8**, que analisa a Revolução Francesa, situa o evento como um marco na história das mulheres, que, naquele contexto, se fizeram protagonistas, sendo porém reconduzidas à domesticidade após a consolidação do processo revolucionário. Por fim, sugere-se que os textos da **questão 9** sejam percebidos na perspectiva das contradições entre o "anacrônico" e o "familiar". É importante que ao longo da análise de todos esses textos sejam criados espaços para que os estudantes, com base nas próprias vivências e percepções, explorem de forma mais ampla seus sentidos e significados.

7. Nas comunidades caçadoras e coletoras, a mulher, que se dedicava essencialmente à coleta, tinha um papel essencial na produção e reprodução das condições materiais dos grupos humanos. A partir da sedentarização e da formação dos rebanhos, atividade econômica controlada pelos homens, a mulher, excluída da produção e reprodução das condições materiais de vida, foi relegada a um segundo plano.

8. **a)** Sim, uma vez que elas foram protagonistas em vários episódios do processo revolucionário, como nas jornadas populares de 5 e 6 de outubro de 1789, oportunidade na qual milhares de mulheres parisienses, armadas, dirigiram-se a Versalhes para fazer uma série de exigências ao rei, obrigando a família real a transferir-se para Paris.

b) A conquista do espaço político por parte das mulheres francesas a partir de 1944 fez com que elas adentrassem em um dos "santuários" até então exclusivos dos homens: a instância política.

9. **a)** As razões para a subalternização da mulher apontadas por Engels são a divisão de papéis sexuais que estabelecia que o cuidado com os rebanhos era uma tarefa do homem e o surgimento da propriedade privada, decorrendo daí que os rebanhos eram propriedades dos homens, assim como eram deles os frutos das trocas comerciais possibilitada pela criação de animais. Assim, a sociedade de guerreiros e caçadores, nas quais as mulheres estavam em primeiro plano, deu lugar à sociedade de pastores envaidecidos com a riqueza, que relegaram a mulher ao segundo plano.

b) "Anacrônico" é entendido aqui como algo que contradiz os valores de seu tempo, que parece "fora de época". No caso, no sentido de que a

sociedade descrita no excerto está na contramão das grandes conquistas das mulheres, que se intensificaram em fins do século XX e início do século XXI. "Familiar" no sentido de que a expressão "bela, recatada e do lar" é considerada adequada por aqueles que se contrapõem às conquistas das mulheres e à luta para ampliá-las, ou seja, os que consideram que o universo feminino deve ter um papel de subalternidade em nossa sociedade.

Percurso 6

As sociedades e suas formas de desenvolvimento científico-tecnológico

Página 130

Comece o percurso retomando os conceitos de Estado e de tecnologia abordados na abertura da unidade, quando foram relacionadas algumas palavras a cada um desses termos. Problematize o que é tecnologia na nossa e em outras sociedades. Neste momento, não é preciso apresentar respostas, mas mediar o debate para que diferentes perspectivas sobre a tecnologia sejam apresentadas.

Amplie o repertório de objetos e práticas do cotidiano que se relacionam com a tecnologia – podem ser analisados o pão, o tênis, a panela, a caneta, o carro, a cadeira etc. Problematize quais conhecimentos e técnicas são necessários para que tenhamos acesso a esses objetos.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Páginas 131–132

Respostas

Faça a leitura mediada, de maneira a possibilitar que os estudantes visualizem a importância de ambos os objetos para suas próprias culturas.

1. Os dois objetos são exemplos de tecnologia humana, elaborada pelo acúmulo de técnicas e conhecimentos de muitas gerações.
2. Proponha aos estudantes que descrevam os conhecimentos necessários para fazer o cesto e o *tablet* analisando os objetos por meio das imagens. Na mediação do debate, procure situar os objetos como parte de culturas complexas que expressam conhecimentos acumulados por muitas gerações e cumprem funções diversas em suas sociedades. Após a atividade, problematize a visão evolutiva e etnocêntrica de tecnologia, presente em afirmações como a de que o *tablet* é "mais avançado" ou "mais complexo" que o cesto.

Análise: Cosmovisão, indígenas e o capitalismo

Proponha aos estudantes a atividade de estudo colaborativo chamada World Café. Solicite que preparem a sala em quatro cantos de estudos. Estimule-os a desenvolver a empatia, a colaboração, a responsabilidade, a comunicação e o pensamento crítico.

Oriente a formação dos grupos. Se a turma for muito grande, faça dois fluxos (Fluxo 1 – grupos A, B, C e D; Fluxo 2 – grupos E, F, G e H), sendo que nesse caso os grupos rodam dentro de cada fluxo.

Cada grupo deve eleger um anfitrião, que irá registrar as discussões. Informe que, apesar de haver um estudante para registrar e compartilhar as respostas, o registro em si é responsabilidade de todo o grupo. Estabeleça um tempo de 5 ou 10 minutos (ou o que considerar pertinente) para que os grupos respondam à questão. A seguir, todos os membros do grupo, com exceção do anfitrião, migram de forma a circular pela sala. O anfitrião permanece de modo a reunir a totalidade das respostas. É recomendável que a primeira rodada tenha um tempo extra, pois todos os grupos devem ler o texto.

Durante a atividade, circule pelos cantos e oriente os estudantes para que leiam o texto de Ailton Alves Lacerda Krenak e respondam às perguntas.

Após todos rodarem pelos cantos, solicite que cada grupo compartilhe as respostas. Nesse momento, é possível realizar uma avaliação diagnóstica sobre os conteúdos do percurso, em especial o conceito não etnocêntrico de tecnologia a ser desenvolvido.

- **Grupo A**: Cosmovisão é a visão de mundo de uma sociedade incluindo crenças e valores. No texto, são abordados como parte da cosmovisão dos brancos o consumismo, a alienação, a dominação da natureza, a separação entre seres humanos e natureza.
- **Grupo B**: As diferenças estão na compreensão da relação entre ser humano e natureza, e a semelhança é que ambas possuem uma cosmovisão, mesmo que distinta.
- **Grupo C**: É comum ouvir estereótipos afirmando que os povos indígenas são preguiçosos, pois a compreensão de trabalho deles é distinta da sociedade capitalista, uma vez que não há acúmulo de produção; os povos indígenas só produzem ou coletam para o consumo.
- **Grupo D**: A cosmovisão indígena é viver integrado à natureza, em uma relação de troca e cooperação, e não exploração.

Página 133

Técnica é diferente de tecnologia?

Faça uma leitura dialogada do texto, de forma que cada parágrafo seja lido por um grupo. Destaque que a técnica é uma produção humana no contexto de cada sociedade. O objetivo é que o estudante diferencie técnica de tecnologia por meio de uma reflexão orientada. É importante trabalhar o desenvolvimento das competências de leitura e escrita. Após diferenciar os conceitos, você pode solicitar aos estudantes que escrevam uma síntese com exemplos que diferenciem técnica e tecnologia.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Página 134

Tecnologia, o que significa?

Faça uma leitura dialogada do texto, que é mais complexo que os anteriores. É possível fazer um debate sobre cada uma das concepções de tecnologia presentes na seção. O objetivo é relativizar o pensamento eurocêntrico, em especial a ideia de que o conhecimento da sociedade ocidental é superior a conhecimentos produzidos em outras épocas, sociedades e culturas.

Página 135

Tecnologia transmitida pela tradição oral

Construa com os estudantes os sentidos relacionados ao conceito de tecnologia, partindo do senso comum e analisando como a tecnologia é concebida na cultura indígena.

É possível, de maneira transversal, problematizar também o machismo da literatura científica e como o discurso hegemônico de poder "calou", oprimiu e se apropriou da voz das mulheres. É importante enriquecer a discussão com a fala de uma liderança feminina que exponha a luta por uma tecnologia inclusiva e democrática. Essa discussão também pode contribuir para conceituar tecnologia social. Sobre o tema, sugere-se a leitura do livro *As cientistas: 50 mulheres que mudaram o mundo*, de Rachel Ignotofsky, publicado pela Blucher.

Página 137

Respostas

1. Resposta pessoal. O importante é que os estudantes compreendam o que é tecnologia social. Dentre outros temas que podem ser propostos estão a democratização do conhecimento, a autonomia e a inclusão social.

Análise: Tecnologias sociais

Respostas

1. A tecnologia social promove educação, cidadania, inclusão, acessibilidade, sustentabilidade, participação e cultura.
2. Oriente os estudantes para que pesquisem em *sites* governamentais e de organizações não governamentais os impactos das cisternas (um reservatório que capta águas da chuva) na vida das populações que vivem em regiões do sertão nordestino. As cisternas têm grande importância para as pessoas que vivem no

semiárido, já que o acesso facilitado à água é fundamental para a saúde, alimentação, higiene, produção econômica e muitos outros aspectos da vida. Elas possibilitam diversificar e incrementar a produção agropecuária, o que tem impacto para além da população rural do semiárido, já que melhora o oferecimento de alimentos. Por essa razão, a implantação de cisternas foi considerada decisiva para que o Brasil deixasse o Mapa da Fome, da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura, em 2014.

3. Exercite a formulação de hipóteses e propostas de intervenção na realidade local, mediando um debate com os jovens sobre quais seriam os impactos de uma cisterna na escola. É possível pensar, por exemplo, no que isso representaria em termos de diminuição da demanda das águas de reservatórios, ou ainda no possível fim dos problemas decorrentes de falta de água na rede (em lugares em que existe esse problema).

Páginas 138-139

A tecnologia em diferentes épocas, espaços e culturas

Analise a fotografia e estimule a imaginação dos jovens na formulação de hipóteses sobre o desenvolvimento de tecnologias em sociedades do Neolítico. Faça uma leitura dialogada, explicando conceitos como sedentarização e Revolução Agrícola.

Esta é uma boa oportunidade para estabelecer uma parceria com a área de Ciências da Natureza sobre a origem das primeiras sociedades humanas e suas interações com a natureza, incluindo a alimentação e seus nutrientes.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Respostas

1. Resposta pessoal. Auxilie os estudantes para que percebam a dificuldade de criar os objetos sem as tecnologias existentes na atualidade, ressaltando ainda mais a importância dessas sociedades para nossa vida cotidiana atualmente.

Novos tempos

Promova um debate sobre as distintas relações do ser humano com a natureza em diferentes épocas, sociedades e culturas. Pode ser elaborado um projeto de pesquisa, incluindo a identificação de fontes históricas, a análise de dados estatísticos, a sistematização dos dados e o compartilhamento. No final, os grupos podem apresentar um seminário de maneira que sejam mobilizadas as competências de comunicação e argumentação.

Páginas 140-141

E nas sociedades indígenas?

O conteúdo sobre as tecnologias indígenas pode ser aprofundado com uma pesquisa sobre os estudos arqueológicos da Amazônia, que têm mostrado a complexidade dos sistemas sociais e econômicos baseados na interação com a floresta ao longo de milênios.

Dentre outras fontes, o Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE) da Universidade de São Paulo (USP) apresenta diversos estudos sobre o tema, além de produzir materiais e promover visitas ao acervo, que contém obras que promovem importantes questionamentos sobre as tecnologias dos povos da floresta. O acervo *on-line* do museu está disponível em: http://www.sophia.mae.usp.br/ (acesso em: 22 jun. 2020).

Análise: Tecnologia nos awá-guajá

Respostas

1. Sim, porque demanda diversas técnicas para conseguir produzir essa arma. Além disso, há conhecimento nessa produção e seu uso objetiva melhorar as condições e vida daquela sociedade, no caso, a caça.
2. O ritual possui diversos significados que não conseguimos atribuir devido ao desconhecimento do contexto cultural daquele povo. Porém, o texto afirma que o ritual serve para fornecer às flechas, as quais têm fome de sangue, dor e sangue-veneno. Dessa forma, as flechas não se zangam, o que faz com que elas acertem a caça e não se revoltem contra as pessoas.

Páginas 142-144

A tecnologia do poder na sociedade contemporânea

Solicite aos estudantes que façam a leitura das imagens do Panopticon, primeiro solicitando que as descrevam. Depois, identifique

os atores, causas e consequências; em seguida, contextualize a cena, e, por fim, promova a reflexão para que os estudantes façam inferências sobre ambas as imagens.

Retome as reflexões do começo da unidade sobre o controle tecnológico da sociedade contemporânea. É possível relacionar esse conteúdo com a leitura sobre a obra de George Orwell, relacionando sua visão do poder com a de Foucault.

Conceitualize o controle por meio do diálogo com as vivências e os conhecimentos da turma, que certamente inclui jovens que têm familiaridade com temas ligados às novas tecnologias de comunicação. Problematize formas de vigilância, controle e quebra de privacidade, não apenas por parte de governos mas também relacionadas à publicidade, à produção de bases de dados por empresas, dentre outras questões.

Contraponha ao conceito de controle os conceitos de autonomia e protagonismo, que resultam de aprendizagens sobre como as coisas funcionam na sociedade e nas tecnologias. Valorize os conhecimentos produzidos com métodos científicos, em especial da área de Ciências Humanas.

Página 147

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Análise: Poderes Disciplinares: o domínio dos corpos

Respostas

1. As imagens representam a planta de uma casa de correção (instituição de tipo prisional) e de uma sala de aula; ambas foram produzidas no século XIX, como podemos ver nas legendas. Dentre as relações com a tecnologia de poder definida por Michel Foucault podem ser descritas a organização da sala, o professor na frente e o objeto na mão do docente. Já na casa de correção, observa-se que as celas estão orientadas para um ponto central, o qual tem visão privilegiada de todo o ambiente.
2. Foucault afirmava que a disciplina estava associada a diversos instrumentos, técnicas e procedimentos. Assim, a construção dessas estruturas ampliou o poder das instituições sobre os indivíduos.
3. Com base no texto de Michel Foucault, proponha a escrita de um texto jornalístico sobre a tecnologia do poder na escola do século XXI. Espera-se que os estudantes elaborem um texto do gênero que problematize o poder nos espaços nos quais exercem protagonismo. É possível, por exemplo, identificar a lista de presentes, a prova, a organização da sala etc. como técnicas de controle, que possibilitam que o poder circule e seja exercido.

Página 146

A tecnologia é neutra?

Apresente o problema dos impactos ambientais por meio de exemplos concretos. Pesquise previamente sobre eventos que tenham ocorrido em regiões próximas ou que tenham sido noticiados recentemente, para promover um debate com base nesses elementos.

Análise: A tragédia de Brumadinho

Na atividade podem ser incluídas outras fontes para análise, como reportagens de jornais ou telejornais disponíveis na internet, depoimentos de vítimas, declarações dos responsáveis pela empresa e do poder público. Em seguida, solicite aos estudantes que respondam às questões.

Respostas

1. A empresa não conseguiu conjugar ética e tecnologia, pois foi negligente e imprudente nas ações, além de não agir com o objetivo de promover a melhora da qualidade de vida dos indivíduos em geral, e sim o próprio lucro de seus acionistas e responsáveis.
2. A empresa poderia realizar ações de fiscalização com tecnologia de monitoramento e análise; ações de prevenção valendo-se de tecnologias que pudessem conter possíveis desastres ambientais; planejamento e monitoramento da evasão dos seres vivos no caso de rompimento. Em último caso, utilizar outras tecnologias, e não a de barragens, para a destinação dos rejeitos.
3. O Estado – por meio dos poderes Executivo, Legislativo e Judiciário – é responsável por fiscalizar o setor para que isso não aconteça. Poderia promover regulamentação visando evitar desastres dessa magnitude; responsabilizar a empresa com congelamentos dos bens no primeiro rompimento, dentre outras possibilidades.

4. Somente com a intervenção do Estado na regulamentação, fiscalização e punição das empresas seria possível evitar catástrofes como essa.

Sugere-se um debate após o compartilhamento das questões.

Página 147

Somos todos responsáveis

Esta seção encerra o conteúdo do percurso e deve servir para que os estudantes sintetizem o que aprenderam sobre a importância da tecnologia relacionada a questões éticas, sociais e ambientais. Uma forma de fazer isso é considerar os principais problemas contemporâneos relacionados à tecnologia abordados ao longo do percurso, de maneira a problematizar, em cada caso, as razões dos impactos negativos. O controle das comunicações digitais e as catástrofes ambientais, dentre outros problemas, devem ser trabalhados de forma a promover uma postura de responsabilidade e protagonismo que ajude os jovens a atuar na vida pessoal e profissional de maneira ética e cidadã.

Páginas 148-149

Prática de pesquisa: Utilização de dados dos cidadãos pelo Estado

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

A ideia é fazer uma pesquisa de opinião com estudantes, funcionários e professores da unidade escolar, por meio de um questionário com perguntas fechadas e abertas. Após a aplicação dos questionários, serão organizadas e analisadas as respostas, de acordo com a idade e a função dos indivíduos, para compreender a opinião dos pesquisados sobre o tema.

- **Discutam!**: peça os estudantes que se organizem em grupos de quatro pessoas observando se há necessidade de fazer a mediação. No trabalho com os grupos, procure mobilizar a empatia, a colaboração e a comunicação entre os jovens.
  - Peça que os grupos escolham um perfil de pessoas que vão entrevistar. Elabore com eles o modelo de questionário.
  - Quando o questionário já estiver definido, os estudantes devem discutir cada pergunta e elaborar hipóteses sobre as possíveis respostas. O importante é definir um questionário comum para todos os grupos, fruto da colaboração e comunicação dos jovens.
- **Escolham, entrevistem!**: estabeleçam juntos um cronograma de pesquisa, passo a passo. Solicite que os estudantes produzam um planejamento detalhado. Se for necessário, proponha que formem uma comissão para dialogar com a equipe gestora sobre como viabilizar a realização das entrevistas. No dia da pesquisa, monitore o trabalho dos estudantes e só realize intervenções se necessário. Reitere a importância de pedir a autorização e de se comprometer a não divulgar os dados recolhidos. Afinal, o propósito do projeto é refletir sobre a ética no uso e divulgação de dados.
- **Organize, reflita!**: peça aos estudantes que sistematizem os resultados. Oriente-os para que organizem as respostas dos questionários numa planilha.
  - Promova um debate de forma a apresentar os dados sistematizados por cada grupo, lembrando que observem o sigilo das respostas, como é feito nas pesquisas científicas. É possível organizar esse momento de forma que primeiro cada grupo apresente os próprios resultados e algumas conclusões iniciais e, em seguida, a classe como um todo faça uma breve análise acerca dos resultados, incluindo comparações e conclusões.

- **Escrevam!**: oriente a turma para que compare as respostas de acordo com o perfil dos entrevistados e analise as semelhanças e diferenças entre elas. Algumas perguntas podem ajudar os estudantes a tirar conclusões, de acordo com o perfil escolhido: As pessoas desse grupo têm muita relação com dispositivos eletrônicos? Elas valorizam a privacidade?
  - Com base na análise dos dados, oriente os jovens na elaboração de um artigo de opinião por grupo sobre a interpretação que tiveram dos resultados da pesquisa como um todo. Esta etapa pode envolver uma parceria com a área de Linguagens.
- **Compartilhe!**: Faça a correção dos artigos de opinião, devolva-os com apontamentos e alinhe as possíveis interpretações equivocadas. Solicite que cada grupo revise o texto de algum dos outros grupos. Após essa revisão, oriente a turma na produção de uma revista digital ou fanzine com os textos, que depois pode ser compartilhada com a comunidade escolar. Além da publicação, os artigos podem ser apresentados em mostras de estudantes, entre outras possibilidades.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Páginas 158 a 171

Respostas

1. **Técnica** corresponde aos procedimentos necessários para que se alcance um determinado resultado em qualquer área. Nessa perspectiva, ela pode ser entendida como uma série de protocolos, regras ou normas que os seres humanos sempre utilizaram para alcançar um objetivo almejado.

   Tecnologia pode ser: 1. o resultado do conhecimento reflexivo sobre a técnica que, por meio de referenciais teóricos, da ciência e do estudo alcança um determinado fim, como construir um centro cirúrgico; 2. o resultado da apreensão de determinadas técnicas, que nos levam a "saber fazer"; 3. a ideologia da técnica.
2. A técnica tem aplicação prática numa ação objetiva; a tecnologia constitui um conjunto de técnicas, seja como processo reflexivo, seja como procedimentos de apreensão de um conjunto de técnicas, seja a ideologia presente na técnica. A tecnologia possui um caráter amplo de análise e reflexão.
3. Sim, a tecnologia se faz presente na experiência prática da vida; no processo de caça e coleta, os instrumentos necessários vão sendo produzidos ao longo do caminho.
4. Sim, pois todos os exemplos podem ser reconhecidos como mercadoria tendo, portanto, determinado valor. E, por somente serem utilizadas por quem pode pagar, pode-se considerar que as técnicas que compõem a tecnologia da sociedade do modo de produção capitalista não servem à vida.
5. Sim, pois as inovações devem objetivar a melhora das condições de vida dos seres vivos com base nos valores de respeito à vida e aos direitos humanos, juntamente com a responsabilidade com as futuras gerações.
6. Alternativa **c**. O texto de Deleuze denuncia o quanto um cidadão, que se crê autônomo, é eletronicamente controlado à distância. Quando a pesquisa atesta que os alemães aceitariam a implantação de um *chip*, está atestando que esse conceito foi internalizado pelos indivíduos.
7. **a)** No modo de produção capitalista, somente com a participação da sociedade civil na formulação das leis e um Estado que regule, monitore e puna empresas que não priorizem a vida será possível resolver essa contradição.

   b) A tecnologia pode facilitar a vida dos seres humanos; mas, sem a preocupação ética, a técnica deixa de servir à vida e objetiva somente a dominação de seres humanos sobre outros seres, humanos ou não.
8. **a)** Em casos extremos como uma pandemia, o controle do Estado ocorre por meio de isolamento, fechamento de fronteiras, estatização de hospitais privados etc.

   b) Alguns Estados Nacionais salvaram vidas ao agir impondo o controle e o poder sobre as organizações sociais, instituições e cidadãos, mas isso traz impactos negativos no sentido de uma maior vigilância e limitação de direitos, avançando num sentido que remete à obra de George Orwell. Por outro lado, há Estados que causaram a morte por se omitirem em socorrer os mais necessitados – o que Achille Mbembe nomeou de necropolítica.
9. O tipiti é uma tecnologia, já que é o resultado do conhecimento reflexivo que reúne técnicas, conhecimentos e práticas desenvolvidos ao longo de diversas gerações.

Questões de Enem e vestibulares – gabarito

Páginas 152–154

Unidade 1

1. Alternativa **c**. A formação cultural brasileira tem em sua base as matrizes indígena, europeia e africana, as quais passaram por processos de interação e adaptação ao longo da história brasileira e forjaram sincretismos presentes na cultura do país.
2. Alternativa **d**. O texto do líder Xucuru aborda a terra como território essencial ao modo de vida dos povos indígenas, que se diferencia de seu uso como mercadoria e meio de produção do sistema capitalista.
3. Alternativa **d**. Após abolir a escravidão, em 1888, o Estado brasileiro não assegurou aos ex-cativos afrodescendentes o pleno acesso à cidadania; a escravidão foi extinta oficialmente, mas a exclusão social da população negra se manteve.
4. Alternativa **b**. A ideia de que vigora no país a "democracia racial" assenta-se na tese de que a miscigenação racial entre portugueses, indígenas e africanos criou condições socioculturais para que os povos das diferentes matrizes culturais que formaram a nação brasileira vivessem em harmonia. O mito da democracia racial difundiu-se sobretudo por meio da obra *Casa grande & senzala*, de Gilberto Freyre.
5. Alternativa **c**. As ações afirmativas objetivam combater o racismo estrutural que se manifesta em muitos contextos, incluindo instituições públicas e privadas.

Unidade 2

1. Alternativa **a**. Crítico da tese de Samuel Huntington sobre o choque de civilizações, Edward Said questiona sobretudo o foco dessa perspectiva sobre a dimensão do conflito, numa postura que reforça os estereótipos da oposição entre Ocidente e Oriente.
2. Alternativa **b**. O Estado Islâmico é um grupo extremista que ocupou parte da Síria e do Iraque. O grupo destruiu registros materiais de civilizações antigas, considerados patrimônio histórico e arquitetônico, de grande valor histórico, geográfico e antropológico para as sociedades daqueles países e para o mundo.
3. Alternativa **c**. O conceito de paisagem envolve todos os elementos perceptíveis de determinado espaço, que podem ser naturais ou culturalmente construídos. Pode-se afirmar que as paisagens têm como uma de suas características o dinamismo, uma vez que nem a natureza nem os resultados das ações culturais sobre ela são estáticos.
4. Alternativa **e**. A paisagem cultural é definida por uma relação especial entre aspectos naturais e antrópicos que a tornam prioritária para a preservação.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Unidade 3

1. Alternativa **a**. Nas cidades-Estado de regimes oligárquicos e aristocráticos, possuir terras era um dos pressupostos para que um indivíduo fosse considerado cidadão. Já nas democracias, outras características eram levadas em consideração: em Atenas, por exemplo, homens filhos de pais atenienses e maiores de 18 anos gozavam de cidadania. Essas características abrangiam um maior número de indivíduos; portanto, nas democracias, a proporção de cidadãos era maior que nos demais regimes políticos.
2. Alternativa **a**. De acordo com o texto, o novo fundamento da ciência é a união entre o empirismo, a teoria e a técnica. O método empírico se baseia na observação de fenômenos para o teste de hipóteses. O físico Galileu Galilei (1564-1642), mencionado no excerto, foi um dos precursores da ciência moderna.
3. Alternativa **a**. O excerto de Jean-Jacques Rousseau define a soberania popular como "um corpo político formado pela vontade geral", uma das características das democracias. Nas democracias indiretas, como no Brasil, o direito a voto é uma das maneiras de exercer a cidadania. Conforme destacado no trecho da Constituição Federal de 1988, o voto secreto e com valor igualitário para todos é uma forma de garantir a soberania popular no Brasil.
4. Alternativa **c**. De acordo com o texto, mesmo com a existência de tecnologias que possibilitam a rápida circulação de informação, o aspecto humano é essencial para a produção de conteúdo. As redes são formadas por contribuições individuais dos usuários, as quais são fundamentais para a troca de ideias e a construção da inteligência coletiva.

REFERÊNCIAS COMENTADAS

AB'SÁBER, Aziz Nacib. *Os domínios de natureza no Brasil:* potencialidades paisagísticas. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
Livro que aborda o conceito de paisagem com base nas transformações e interações humanas, ou seja, como um conjunto de heranças e de processos.

ADORNO, Theodor. A indústria cultural. *In*: COHN, G. *Comunicação e indústria cultural*. São Paulo: Nacional, 1971.
Clássica obra que aprofunda o conceito de indústria cultural em diálogo com a teoria marxista da História.

ARENDT, Hannah. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.
Publicado originalmente em 1958, trata-se de uma das principais obras teóricas de Hannah Arendt, constituindo-se num relato histórico, antropológico e filosófico da existência humana em sociedade, desde a Grécia Antiga até a Europa moderna.

ARMSTRONG, Karen. *Uma história de Deus:* quatro milênios de busca do judaísmo, cristianismo e islamismo. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
Uma história complexa da multiplicidade de abordagens de Deus nas três grandes religiões monoteístas – judaísmo, cristianismo e islamismo –, suas tradições e ideias muitas vezes contraditórias, porém unânimes na compreensão da necessidade humana de transcendência dos limites da condição terrena.

BAGNO, Marcos. *A língua de Eulália:* novela sociolinguística. 15. ed. São Paulo: Contexto, 2020.
Interface com a linguagem e os estudos culturais, essa obra possibilita um diálogo e aprofundamento entre a Sociologia e os estudos linguísticos.

BOAS, Franz. Antropologia cultural. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.
Coletânea de textos de Franz Boas, um dos principais responsáveis pelo desenvolvimento do conceito de relativismo cultural e da Antropologia moderna. O livro apresenta um texto do antropólogo Celso Castro que analisa a obra de Boas à luz de seu contexto histórico.

BRASIL. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). *INRC do maracatu nação:* Inventário Nacional de Referências Culturais. Brasília, DF: Iphan, 2012. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/DOSSIE_MARACATU_NA%C3%87%C3%83O.pdf. Acesso em: 4 jul. 2020.
Material completo sobre matrizes da cultura popular brasileira, com destaque para o Maracatu.

BRAUDEL, Fernand. *Gramática das civilizações*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
Livro clássico escrito na década de 1960 que traçou um panorama das civilizações do planeta, com análises sobre a cultura e os aspectos demográficos, geográficos e econômicos.

CARVALHO, José Murilo. *Cidadania no Brasil:* o longo caminho. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.
O livro apresenta uma revisão histórica, relatando os avanços em relação à legislação, a atuação do governo e o longo caminho na história da construção da cidadania.

CASTRO, Josué de. *Geografia da fome* – O dilema brasileiro: pão ou aço. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.
Obra clássica que dialoga com questões socioambientais, além de propor uma interface com o movimento Manguebeat.

CHINA: a fábrica do futuro fica em Shenzhen. Rio de Janeiro: Globosat, 2019. 1 vídeo (26 min). Publicado pelo canal Expresso Futuro. Disponível em: https://globosatplay.globo.com/assistir/futura/expresso-futuro/v/7956962. Acesso em: 4 jul. 2020.
Documentário que conta a história de Shenzhen, a primeira Zona Econômica Especial criada por Deng Xiaoping, que se tornou o Vale do Silício chinês, o mais importante tecnopolo da China.

DALLARI, Dalmo. *Direitos humanos e cidadania*. São Paulo: Moderna, 1998.
Além de um histórico das conquistas essenciais para o convívio democrático, o autor descreve os direitos fundamentais de todo ser humano. Para o jurista, a consciência e a proteção desses direitos é condição para uma sociedade mais justa, constituída por indivíduos mais felizes.

DAMATTA, Roberto. *Relativizando:* uma introdução à Antropologia social. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.
Livro de um dos mais conhecidos antropólogos brasileiros que apresenta alguns dos principais conceitos da Antropologia social. Etnocentrismo, relativismo e cultura são abordados com rigor teórico e de forma acessível.

DERRIDA, Jacques. *Gramatologia*. São Paulo: Perspectiva, 2004.
Nessa obra, o autor coloca em questão a oposição forma/conteúdo e elabora uma crítica ao pensamento logocêntrico.

DUBY, Georges; ARIÈS, Philippe (org.). *História da vida privada*: do Império Romano ao ano mil. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. v. I.
O volume cobre um período de cerca de oito séculos, do declínio do Império Romano à Alta Idade Média

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

ocidental até Bizâncio dos séculos X e XI. Reúne ensaios de renomados especialistas, entre eles Michel Rouche e Paul Veyne, que examinam a vida cotidiana de cidadãos e escravos, senhores e servos.

ENGELS, Friedrich. *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*. São Paulo: Global, 1984.
Nessa obra, o autor desenvolve uma Teoria da História, especialmente em relação à História Antiga e à história das sociedades primitivas, porém coerente com o método que lhe dá suporte, isto é, o materialismo histórico, que desenvolvera com Marx, trazendo à tona uma trajetória da família que ainda hoje se mantém atual.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 25. ed. São Paulo: Graal, 2012.
Essa obra é uma coletânea de artigos, cursos, entrevistas e debates em que o autor analisa questões das instituições modernas e como o poder não é exclusivo do aparelho do Estado, mas está presente em toda a sociedade.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. *O feudalismo*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984. (Coleção Tudo é História).
Obra de síntese, resgata as origens do feudalismo, as relações socioeconômicas que o permearam e suas principais características, apontando, ainda, os mecanismos geradores de sua crise geral.

FREITAS, Gustavo de. *900 textos e documentos de História*. Lisboa: Plátano, 1977. v. I.
Em três volumes, a obra apresenta fontes documentais da Antiguidade ao mundo contemporâneo de maneira contextualizada.

FUNARI, Pedro Paulo. *Grécia e Roma*. São Paulo: Contexto, 2001.
Obra de síntese que resgata a Antiguidade Clássica, indo além da simples descrição dos processos históricos, uma vez que os fundamenta e explica de maneira simples e objetiva.

FURET, François. *Pensar a Revolução Francesa*. Lisboa: 70, 1983.
Uma das obras mais importantes do autor, reconhecido especialista e intérprete da Revolução Francesa, que apresenta o método, os argumentos e as teses para oferecer uma nova e original interpretação do processo revolucionário, definindo-o como um fenômeno político no qual se evidenciaram um discurso e uma nova ideologia, democrática, sobre o poder.

GIORDANI, Mário C. *História dos reinos bárbaros*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1985.
A obra possibilita o resgate da historicidade dos principais reinos bárbaro-germânicos que se constituem no Ocidente europeu após a desintegração do Estado romano, destacando sobretudo aqueles que tiveram uma maior duração, por exemplo, o dos francos.

HOBSBAWM, Eric. *Ecos da Marselhesa:* dois séculos reveem a Revolução Francesa. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
Obra publicada por ocasião do bicentenário da Revolução Francesa que destaca sua permanência e a necessidade de resgatá-la num contexto contemporâneo marcado pelo avanço da irracionalidade, da xenofobia, do racismo e da intolerância.

HUNTINGTON, Samuel P. *O choque das civilizações e a recomposição da Nova Ordem Mundial*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.
Livro que aborda a emergência de uma Nova Ordem Mundial na década de 1990, no qual o autor anuncia o crescimento das tensões entre as civilizações da Terra, a exemplo dos conflitos entre o mundo ocidental e o mundo islâmico.

LATOUR, Bruno. *Reagregando o social*. Salvador: Edufba; Bauru: Edusc, 2012.
Obra que levanta uma série de questões, indagando num primeiro momento sobre o que é uma sociedade, o que significa a palavra "social" e como o rumo de uma sociedade pode ser alterado. Numa segunda etapa do percurso, sugere respostas para essas e outras questões buscando alternativas de maneira menos antropocêntrica, trazendo aquilo que é "não humano" ao centro do debate sociológico.

LE GOFF, Jacques. *Uma breve história da Europa*. Petrópolis: Vozes, 2008.
De maneira simples e envolvente, o medievalista francês resgata em forma de síntese os principais contextos históricos da sociedade europeia desde a Antiguidade até os tempos atuais.

MAQUIAVEL, Nicolau. *O príncipe*. São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Coleção Os Pensadores).
Obra clássica do pensador florentino publicada em 1513, que lançou as bases da Ciência Política, destacando, em linhas gerais, com base em certa compreensão da natureza humana, como o governante, por meio de uma ética própria, deveria agir para preservar os interesses do Estado e, ao mesmo tempo, manter-se no poder.

MARX, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos*. São Paulo: Boitempo, 2004.
A obra concentra a fundamentação da crítica do autor ao pensamento da economia política de Adam Smith e Davi Ricardo, chamando a atenção para a discrepância entre moral e economia, numa denúncia que envolve a alienação e a exploração do ser humano pela lógica capitalista.

MORIN, Edgar. *O método*. Porto Alegre: Sulina, 2016. 6 v.
A coleção é uma abordagem teórica da escola de pensamento contemporâneo que problematiza os limites da matriz logocêntrica e dualista do conhecimento científico. O autor problematiza o método ocidental e propõe outra perspectiva epistemológica.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

PINSKY, Jaime. *Cidadania e educação*. São Paulo: Contexto, 1998.
O historiador aborda as lutas, as conquistas, os limites, a possibilidade de alcançar melhor qualidade de vida para todos, e não para poucos, entre outros pontos que devem fazer parte do currículo escolar, destacando a questão da cidadania concebida em sua dimensão histórica.

PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *História da cidadania*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2003.
O livro reúne diversos autores das áreas de Ciências Humanas para explicar a origem da noção de cidadania, as lutas por inclusão social ao longo da história, até chegar à discussão de como ela é exercida hoje. Com texto fluido, a obra revela como o conceito moderno de cidadania foi uma lenta e sofrida construção que surgiu com o capitalismo e a formação dos Estados nacionais, sendo aperfeiçoada nas revoluções Inglesa, Americana, Francesa e Industrial.

POLÍBIO. *Histórias*. Brasília: UnB, 1985. v. 6.
Os textos preservados do historiador grego Políbio (203 a.C.-120 a.C.) revelam a preocupação do autor em basear-se numa cuidadosa análise das fontes, assim como das tradições, buscando resgatar as motivações subjacentes aos acontecimentos narrados, além de valorizar o testemunho de seus contemporâneos, chegando a entrevistar veteranos de guerra para melhor descrever conflitos que ele próprio presenciou, como o final das Guerras Púnicas e a conquista do mundo grego por parte dos romanos.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
Na obra, o antropólogo, romancista e escritor registrou um amplo painel sobre a formação do povo brasileiro e a trajetória de Roma tomando ao longo dos séculos, numa obra ambiciosa que, por meio de uma explanação histórico-antropológica, procura explicar como os brasileiros fizeram a si próprios, construindo uma espécie de "nova Roma" lavrada com o sangue negro e indígena que se mesclou com o elemento ibérico e constituiu uma "esplêndida civilização mestiça e tropical".

RIBEIRO, Darcy. *Uirá sai à procura de Deus*: ensaios de etnologia e indigenismo. 4. ed. São Paulo: Global, 2015.
Esse livro possibilita uma abordagem antropológica nos estudos acerca da diversidade dos povos indígenas do Brasil.

SAID, Edward. *Trabalho intelectual e crítica social*. São Paulo: Casa Amarela, 2005.
O livro traz a visão de diversos intelectuais brasileiros de áreas como a sociologia, o jornalismo e a literatura sobre a importância da obra do autor palestino Edward Said para os estudos sobre a relação entre Ocidente e Oriente.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço:* técnica, razão e emoção. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2003.
Obra clássica que debate o conceito de espaço geográfico associando-o as noções de objeto e de ações.

SANTOS, Milton; Silveira, María Laura (org.). *O Brasil:* território e sociedade no início do século XXI. São Paulo: Record, 2001.
O livro analisa o território brasileiro com base em conceitos como o meio técnico-científico-informacional e diferenciações socioespaciais como os espaços luminosos e os opacos.

SELVAGERIAS. São Paulo: Lisa: PRG-USP. *Podcast*. Disponível em: https://selvageriaspodcast.org/. Acesso em: 4 jul. 2020.
Criado por alunos de graduação e pós-graduação da Universidade de São Paulo (USP), esse *podcast* apresenta para o público não especializado os principais conceitos e princípios da Antropologia, valendo-se de autores clássicos e contemporâneos, além de exemplos do dia a dia.

SERPA, Angelo. *Por uma Geografia dos espaços vividos*. São Paulo: Contexto, 2019.
O livro relaciona a Geografia com o campo filosófico da Fenomenologia na abordagem de categorias geográficas como o lugar e a paisagem em sua dimensão cotidiana.

SILVA, Armando Corrêa da. *De quem é o pedaço?* Espaço e Cultura. São Paulo: Hucitec, 1986.
A obra trata de categorias geográficas como o território, relacionando-as com conceitos sociológicos, psicológicos, políticos e históricos.

TOCQUEVILLE, Alexis de. *O Antigo Regime e a Revolução*. 2. ed. Brasília: UnB, 1982.
Nessa obra, publicada originalmente em 1856, o autor analisa a sociedade francesa antes da Revolução Francesa e investiga as causas e forças que culminaram no desencadeamento do processo revolucionário, destacando o desgaste das instituições do chamado "Ancien Régime".

TUAN, Yi-Fu. *Topofilia:* um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel, 1980.
O livro apresenta uma abordagem humanista dos temas geográficos e ambientais, valorizando a percepção, a vivência e a questão afetiva na relação humana com os lugares e as paisagens.

WEBER, Max. *Ciência e política:* duas vocações. São Paulo: Martin Claret, 2015.
Nesse pequeno ensaio, o autor apresenta a perspectiva científica que o cientista social deve ter ao pesquisar, analisar e inferir os fenômenos sociais.

WEBER, Max. *Economia e sociedade*. Brasília: Editora: UnB, 2004. v. 1-2.
Clássico da Sociologia, considerado uma obra-prima de Max Weber, na qual o autor fundamenta e embasa os conceitos e a teoria da Sociologia compreensiva.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

INTERAÇÃO

HUMANAS

A FORMAÇÃO DAS SOCIEDADES E DAS CIVILIZAÇÕES NO BRASIL E NO MUNDO

Judith Nuria Maida (Coordenação)
- Graduada em Geografia e professora da Educação Básica
- Autora e coordenadora de Literatura Infantojuvenil e coleções didáticas de Humanidades (Natureza e Sociedade, História e Geografia, Educação do Campo) da Educação Básica e EJA
- Assessora pedagógica na Educação Básica, com atuação na formação de professores
- Elaboradora de currículos nas redes estaduais e municipais de ensino
- Consultora na implementação da BNCC em escolas e construção de Objetos Educacionais Digitais (OED)

Adhemar Marques
- Especialista em História Moderna e Contemporânea
- Graduado em História
- Autor de coleções didáticas e livros paradidáticos de História
- Professor de História em cursos livres

Amarildo Diniz
- Graduado em Geografia
- Autor de livros e materiais didáticos de Geografia e Atualidades
- Consultor de plataforma *on-line* de correção de vestibulares e Enem
- Professor [illegible] cursos pré-vestibular

Flávio Beru
- Mestre em História
- Especialista em Metodologia da História
- Graduado em História
- Autor de coleções didáticas e livros paradidáticos de História
- Professor e coordenador de História

Julia O'Donnell
- Mestre e doutora em Antropologia
- Autora de materiais didáticos de Sociologia para o Ensino Médio
- Professora universitária e pesquisadora

Maurício Parada
- Mestre e doutor em História
- Graduado em História
- Autor e organizador de livros de História
- Professor universitário e pesquisador

Paulo Crispim Alves de Souza
- Mestre em Ciências Humanas e Sociais
- Graduado em História
- Autor de livros paradidáticos de Educação
- Assessor pedagógico na Educação Básica, com atuação na formação de professores
- Professor de Sociologia no Ensino Médio

Paulo Edison de Oliveira
- Mestre em Ciências Sociais
- Graduado em Ciências Sociais
- Autor de material didático de Ciências Humanas
- Assessor pedagógico na Educação Básica, com atuação na formação de professores
- Professor de Sociologia e Filosofia no Ensino Médio
- Coordenador escolar de Ciências Humanas no Ensino Médio

Pedro M.C. Ferreira
- Graduado em Geografia
- Assessor pedagógico na Educação Básica, com atuação na formação de professores
- Finalista do prêmio Professor Nota 10
- Professor de Geografia para Ensino Fundamental, Ensino Médio e EJA

Silvia Panazzo
- Pós-graduada em Tecnologias da Aprendizagem
- Graduada em História e Pedagogia
- Autora de materiais didáticos de História para Ensino Fundamental
- Professora de História para o Ensino Fundamental e Ensino Médio

Vitor H. Schvartz
- Doutor em Filosofia com pós-doutorado na área
- Graduado em Filosofia
- Professor de Filosofia e orientador pedagógico no Ensino Médio

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS

Ensino Médio

1ª edição
São Paulo, 2020

Editora do Brasil

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Interação humanas : a formação das sociedades e das civilizações no Brasil e no mundo / Judith Nuria Maida (coordenação). -- 1. ed. -- São Paulo : Editora do Brasil, 2020. -- (Interação)

Vários autores.
ISBN 978-85-10-08368-3 (aluno)
ISBN 978-85-10-08369-0 (professor)

1. Ciências humanas (Ensino médio) 2. Ciências sociais (Ensino médio) I. Maida, Judith Nuria II. Série.

20-38716 CDD-373.19

Índices para catálogo sistemático:

1. Ensino integrado : Livro-texto : Ensino médio 373.19

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

© Editora do Brasil S.A., 2020
Todos os direitos reservados

Direção-geral: Vicente Tortamano Avanso
Direção editorial: Felipe Ramos Poletti
Gerência editorial: Erika Caldin
Supervisão de arte: Andrea Melo
Supervisão de editoração: Abdonildo José de Lima Santos
Supervisão de revisão: Dora Helena Feres
Supervisão de iconografia: Léo Burgos
Supervisão de digital: Ethel Shuña Queiroz
Supervisão de controle de processos editoriais: Roseli Said
Supervisão de direitos autorais: Marilisa Bertolone Mendes

Supervisão editorial: Júlio Fonseca
Consultoria técnico-pedagógica: Marcelo Campos Tiago
Edição: Agueda Guijarro del Pozo, Carlos Félix, Nathalia Simões e Rogério Cantelli
Assistência editorial: Patricia Harumi e Marina Lacerda D'Umbra
Auxílio editorial: Douglas Bandeira
Especialista em copidesque e revisão: Elaine Cristina da Silva
Copidesque: Gisélia Costa, Ricardo Liberal e Sylmara Beletti
Revisão: Amanda Cabral, Andréia Andrade, Fernanda Almeida, Fernanda Sanchez, Flávia Gonçalves, Gabriel Ornelas, Jonathan Busato, Mariana Felix, Martin Gonçalves e Rosani Andreani
Pesquisa iconográfica: [illegible] Cecília Ferraz
Assistência de arte: Letícia Santos
Design gráfico: Talita Lima
Capa: Megalo Design
Imagem de capa: anyaivanova/iStockphoto.com, ideabug/iStockphoto.com, kivandam/iStockphoto.com, Nikada/iStockphoto.com e TommL/iStockphoto.com
Edição de arte: Paula Coelho e Talita Lima
Ilustrações: Adriano Loyola, Alexandre de Souza, Cristiane Viana, Hare Lanz e Tarcísio Garbellini
Cartografia: Alessandro Passos da Costa, Mário Yoshyda, Sônia Vaz e Tarcísio Garbellini
Editoração eletrônica: Adriana Tami Takayama
Licenciamentos de textos: Cinthya Utiyama, Jennifer Xavier, Paula Harue Tozaki e Renata Garbellini
Controle de processos editoriais: Bruna Alves, Carlos Nunes, Rita Poliane, Terezinha de Fátima Oliveira e Valéria Alves

1ª edição, 2020

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Editora do Brasil

Rua Conselheiro Nébias, 887
São Paulo/SP – CEP 01203-001
Fone: +55 11 3226-0211
www.editoradobrasil.com.br

Começo de CONVERSA

O Ensino Médio está mudando e você também

Durante os anos do Ensino Médio, você vai se deparar com **novos desafios** e novas formas de aprender. Neste período de sua formação, as inquietudes e descobertas próprias da adolescência virão acompanhadas da necessidade de construir o seu projeto de vida e tomar decisões para caminhar em direção a ele.

As escolhas relacionadas à vida pessoal e profissional serão mais frequentes, exigindo que você se torne cada vez mais capaz de pensar e agir de maneira autônoma, ética e responsável.

Para ampliar o papel da escola neste momento de escolhas tão importantes, o Ensino Médio está mudando. Agora, cabe também aos estudantes selecionar o caminho do próprio aprendizado de acordo com seus interesses e expectativas pessoais e profissionais.

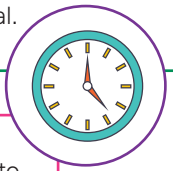
Diante dos dilemas acerca do Enem, do vestibular e do futuro profissional, sua participação ativa se faz cada vez mais importante para que você reflita e atue sobre o que quer para si mesmo e para o mundo a sua volta.

O Novo Ensino Médio foi pensado para acompanhá-lo durante esse processo, sempre estimulando a **autonomia**, o **protagonismo** e a **responsabilidade**, para que você possa fazer escolhas e tomar decisões em relação aos projetos presentes e futuros, dentro e fora da escola.

Principais mudanças do novo Ensino Médio

Estabelecimento de cinco itinerários formativos, relacionados às áreas do conhecimento:
I – Ciências Humanas e Sociais Aplicadas;
II – Linguagens e suas Tecnologias;
III – Matemática e suas Tecnologias;
IV – Ciências da Natureza e suas Tecnologias;
V – Formação técnica e profissional.

Ampliação da carga horária de 2400 horas para 3000 horas, sendo 1200 horas de livre escolha para o estudante se aprofundar em uma área do conhecimento ou se dedicar à formação técnica e profissional.



Os conteúdos das disciplinas continuam obrigatórios, mas abordados especificamente nas áreas da Base Nacional Comum Curricular. Apenas as disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática permanecerão durante os três anos do Ensino Médio.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Foco no desenvolvimento do projeto de vida do estudante, incluindo apoio na escolha dos caminhos que irá seguir no próprio Ensino Médio e em seu futuro pessoal e profissional.

Mad Dog_Shutterstock.com

A área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

A área de **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas** compreende os componentes de **História**, **Geografia**, **Sociologia** e **Filosofia** em uma perspectiva interdisciplinar.

Na **abordagem interdisciplinar**, as diversas disciplinas interagem para construir um conhecimento que não se detenha nas fronteiras do que é estudado em cada uma delas. Essa abordagem nos capacita a compreender os problemas da realidade recorrendo a conhecimentos desenvolvidos em diversas áreas, de maneira complexa.

O grande objetivo das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas é levar os estudantes a se perguntar sobre tudo o que nós, seres humanos, fazemos e pensamos, as ações, ideias e os comportamentos sob perspectivas múltiplas. Com base nessa análise, o estudante reflete sobre o valor dos direitos humanos, a relação entre as sociedades e com a natureza, e debruça-se sobre a própria existência para desenvolver autonomia e reconhecer sua participação e responsabilidade coletiva sobre o mundo.

O que é a BNCC

A **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)** é o documento que define as diretrizes e os conteúdos do ensino em todas as escolas de Educação Básica do Brasil. Ela orienta os professores e os demais responsáveis pela educação escolar nas escolhas relacionadas à aprendizagem dos estudantes.

A BNCC não define qual será o percurso que você fará ao longo de sua formação escolar, mas ela estabelece o que você deve aprender no decorrer desses anos. Dentre as definições da BNCC, o objetivo para o Ensino Médio é levar os estudantes a desenvolver **competências gerais** em todas as áreas do conhecimento, além de **competências específicas** e **habilidades** que dizem respeito a cada área. Essas competências e habilidades devem ser desenvolvidas ao longo dos três anos do Ensino Médio, de acordo com a trajetória definida por professores e estudantes.

Os itinerários formativos e a carga horária

No Ensino Médio, você terá contato com disciplinas que não existiam no Ensino Fundamental e poderá escolher em qual área quer desenvolver mais sua aprendizagem por meio dos itinerários formativos, relacionados aos eixos estruturantes: investigação científica, mediação e intervenção sociocultural, processos criativos, empreendedorismo. Durante três anos, serão oferecidas 3 mil horas de aulas; dessas, 1800 correspondem aos conteúdos da BNCC, que são os mesmos para todos os estudantes. As outras 1200 horas você pode decidir a qual área deseja dedicar: Ciências Humanas e Sociais Aplicadas; Linguagens e suas Tecnologias; Matemática e suas Tecnologias; Ciências da Natureza e suas Tecnologias; Formação Técnica e Profissional. Dessa maneira, você poderá seguir itinerários diversos na construção do conhecimento e se tornar protagonista do próprio processo de formação.

Objetivos e justificativas deste volume

A correspondência aos códigos da BNCC podem ser encontrados na página 156.

O objetivo desta coleção é construir uma narrativa curricular que atenda à estrutura do Novo Ensino Médio e às diretrizes da BNCC, especialmente os princípios norteadores gerais, as competências da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas e os Temas Contemporâneos Transversais (TCTs), de forma interdisciplinar.

Eixo norteador: Civilizações, Paisagens e Transformações.

Organização conceitual: através do estudo neste eixo, você compreenderá as diferentes formas de construção dos valores civilizatórios e as transformações das paisagens pelos seres humanos ao longo do tempo. Os conceitos de civilização e paisagem compõem o tema central do livro e servem de base para as Ciências Humanas e suas relações com os demais temas estruturantes da área desenvolvidos ao longo da coleção.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

São priorizadas as disciplinas de História Geral, História Antiga e Medieval, Filosofia Política Clássica, Sociologia do Poder e História e Geografia do Brasil.

Objetivos

- Conhecer os fundamentos de organização das paisagens e das sociedades mundiais e brasileiras.
- Relacionar os conceitos de paisagem e civilização e suas marcas em diferentes tempos e espaços.
- Compreender a sociedade brasileira a partir da análise de sua diversidade étnico-cultural.
- Refletir sobre as dimensões éticas da vida social e política, posicionando-se diante de injustiças e buscando soluções para problemas de sua realidade.

Justificativa

Paisagem e civilização são dois conceitos fundamentais das Ciências Humanas, pois constituem categorias estruturantes para a compreensão do desenvolvimento humano e seus impactos, em escala local e global, seja na construção de relações de sociabilidade, seja nas transformações na natureza e suas implicações na sobrevivência e nos modos de produção. Os objetivos gerais propostos proporcionam processos investigativos centrados na relação que as sociedades desenvolvem com as paisagens e com o espaço que habitam (a origem, o sentido dado a elas, além das construções e transformações ao longo do tempo).

Unidades	Percursos	Objetivos	Justificativas	Competências e habilidades da BNCC
1 **Que brasis formam o Brasil?** Esta unidade aborda conceito de diversidade a partir do estudo da diversidade humana e ambiental brasileira, partindo do conceito antropológico de matriz cultural para analisar a realidade das relações entre os distintos grupos étnicos e suas manifestações e tradições regionais.	**1** **Saberes e fazeres** **2** **Relações étnico-raciais na sociedade brasileira**	• Identificar diferentes características territoriais e socioculturais do Brasil e suas especificidades no contexto global. • Relacionar a formação da sociedade brasileira com as transformações das paisagens e os distintos grupos étnico-culturais. • Investigar as diversas tradições culturais e práticas de preservação da diversidade socioambiental brasileira.	• Compreender como a formação sociocultural e espacial de nosso país possibilita não apenas compreender as características das diferentes paisagens e formações socioculturais mas, principalmente, a vinculação desses elementos para a compreensão do que é "ser brasileiro" em diferentes contextos.	Gerais: 1, 2 e 7 Ciências Humanas e Sociais Aplicadas: 1, 5 e 6 EM13CHS102 EM13CHS106 EM13CHS501 EM13CHS502 EM13CHS503 EM13CHS601
2 **O que é ser civilizado?** Esta unidade aborda o conceito de civilização, a relação entre a construção de diferentes civilizações ao longo do tempo e a maneira como elas se apropriam e transformam os espaços que ocupam.	**3** **Civilizações por toda parte** **4** **Civilizações e [illegible] nas paisagens**	• Definir paisagem e civilização considerando o desenvolvimento histórico de diferentes sociedades. • Relacionar aspectos naturais e culturais na transformação das paisagens e seus impactos para a sociedade.	• Paisagem e civilização são conceitos que, embora intrinsecamente relacionados, costumam ser analisados em perspectivas fragmentadas e dicotômicas. Os objetivos citados partem de uma abordagem integrada desses conceitos e, ao mesmo tempo, a identificação de aspectos específicos de cada um deles. • As paisagens são concebidas como elementos civilizatórios e, ao mesmo tempo, as civilizações se definem pelos recursos naturais de que dispõem para sua apropriação e transformação.	Gerais: 1, 2 e 9 Ciências Humanas e Sociais Aplicadas: 1, 2 e 5 EM13CHS101 EM13CHS102 EM13CHS103 EM13CHS104 EM13CHS105 EM13CHS106 EM13CHS203 EM13CHS206 EM13CHS502
3 **O Estado me controla?** A unidade trabalha a formação do Estado, a implementação de padrões de desenvolvimento científico e tecnológico e o poder que decorre desses modelos.	**5** **A institucionalização da sociedade** **6** **As sociedades e suas formas de desenvolvimento científico-tecnológico**	• Definir Estado considerando seu desenvolvimento histórico e o impacto na organização espacial e política das sociedades. • Comparar os papéis do desenvolvimento tecnológico e científico em diferentes contextos e situações. • Relacionar o papel do Estado à implementação de distintos modelos de desenvolvimento científico e tecnológico.	• A ciência e a tecnologia estão intimamente conectadas à formação das civilizações, à transformação das paisagens e às dinâmicas socioculturais. Os objetivos permitem refletir e valorizar o saber científico e a sua implicação no cotidiano.	Gerais: 1, 4, 6, 7 e 10 Ciências Humanas e Sociais Aplicadas: 1, 2, 3, 4, 5 e 6 EM13CHS101 EM13CHS102 EM13CHS106 EM13CHS202 EM13CHS304 EM13CHS401 EM13CHS403 EM13CHS504 EM13CHS603

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

SUMÁRIO

UNIDADE 1 **Que brasis formam o Brasil?** 8

Formação étnico-cultural do Brasil 10

Percurso 1 – Saberes e fazeres 12
- **Análise:** Aquarela esmaecida do Brasil 12

Brasil: diversidades e diferenças 13
- Bioma Amazônia 16
- Bioma Cerrado 19
- **Análise:** As ameaças à diversidade ambiental e cultural do Cerrado 19
- Bioma Mata Atlântica 22
- **Análise:** Grande Porto Digital do Recife 24
- Bioma Caatinga 25
- Bioma Pampa 28
- Bioma Pantanal 29

Atividades 32

Percurso 2 – Relações étnico-raciais na sociedade brasileira 34

Povos indígenas no Brasil atual 35
- Terras Indígenas (TIs) 36

A historiografia das culturas ameríndias 38
- Novos estudos e o relativismo cultural 39
- **Análise:** A Rádio Yandê 40

O Brasil africano 41
- Conceito racial 42
- Escravidão e racismo 43
- **Análise:** Comércio negreiro e a Lei Eusébio de Queiroz 44
- A luta permanece 46
- Democracia racial, um mito 47
- **Análise:** Democracia racial para Gilberto Freyre 48

Políticas afirmativas 49
- **Análise:** Desigualdades sociais no Brasil 50

Prática de pesquisa: Matrizes africanas na religiosidade brasileira 53

Atividades 54

UNIDADE 2 **O que é ser civilizado?** 56

Civilização: o que eu tenho a ver com isso? 58

Percurso 3 – Civilizações por toda parte 60

Selvageria, barbárie e civilização 61
- Avanço para "civilização" 61
- Um passo de cada vez? 62
- **Análise:** Etnocentrismo e civilização 62

Sociedades sem história? 63
- **Análise:** Comunidades isoladas 64
- **Análise:** Progresso pra quem? 65

Quem são os bárbaros? 66
- **Análise:** Costumes diferentes 66

Relativismo cultural 67
- Princípio da superioridade 68
- **Análise:** Aos olhos de quem? 68
- O olhar dos "outros" 69

Ocidente × Oriente? 72
- **Análise:** A polêmica da burca 73
- Entre dois mundos? 74

O mapa-múndi e a projeção de Mercator 74
- Um choque de civilizações? 76

As religiões ao redor do mundo 77
- Tolerância × violência 78
- **Análise:** Matriz africana 78

Menos preconceito, mais conhecimento 79

Atividades 80

Percurso 4 – Civilizações e transformações nas paisagens 82

Natureza, paisagem e civilização 82
- Dubai, Emirados Árabes Unidos 84
- **Análise:** Ilhas construídas 85
- Machu Picchu, Peru 86
- **Análise:** Zonação atitudinal da vegetação e Humboldt 87

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Shenzen, China ... 87
Manaus, Brasil ... 89
Paisagens urbanas, história e globalização ... 90
Análise: Paisagens modificadas ... 90
Paisagens desiguais ... 91
Paisagens rurais, antropização e globalização ... 94
Análise: Amazônia, paisagem antropomorfizada ... 94
Paisagens: outros pontos de vista ... 95
A paisagem para o observador ... 95
A paisagem como sistema ... 95
Paisagem e antropização ... 96
A paisagem cultural ... 97
Civilizações, paisagens e o futuro da humanidade ... 99
Prática de pesquisa: Paisagens em transformação ... 101
Atividades ... 102

UNIDADE 3 **O Estado me controla?** ... **104**

A pandemia de covid-19: lições de controle estatal ... 106

Percurso 5 – A institucionalização da sociedade ... 108
O surgimento dos primeiros Estados ... 110
Análise: Primeiras civilizações ... 110
Análise: Origens do Estado ... 112
O papel dos Estados na Antiguidade Clássica ... 112
O Estado no mundo grego ... 113
Análise: Participação política ... 114
O Estado na Roma Antiga ... 115
Análise: A importância do Senado ... 117
A crise do escravismo e a desagregação do Estado ... 117
Análise: Dor[illegible] ... 119
O Estado durante a Idade Média ... 120
Análise: O início do feudalismo ... 121
Legitimação do Estado na modernidade europeia ... 121
Análise: Leviatã ... 123
A concepção liberal do Estado ... 123
Análise: A Declaração de Direitos como conquista da Revolução Gloriosa ... 124
Análise: A atualidade da Revolução Francesa ... 125
Max Weber e o monopólio da violência por parte do Estado ... 126
Atividades ... 128

Percurso 6 – As sociedades e suas formas de desenvolvimento científico-tecnológico ... 130
Análise: Cosmovisão, indígenas e o capitalismo ... 131
Técnica é diferente de tecnologia? ... 133
Tecnologia, o que significa? ... 134
Análise: Tecnologias sociais ... 137
A tecnologia em diferentes épocas, espaços e culturas ... 138
Análise: Tecnologia nos awá-guajá ... 141
A tecnologia do poder na sociedade contemporânea ... 142
Análise: Poder das Sociedades Disciplinares: o domínio dos corpos ... 145
A tecnologia é neutra? ... 146
Economia e impacto ambiental ... 146
Análise: A tragédia de Brumadinho ... 146
Somos todos responsáveis ... 147
Prática de pesquisa: Utilização de dados dos cidadãos pelo Estado ... 148
Atividades ... 150

Questões de Enem e vestibulares ... **152**
Índice remissivo ... **155**
Competências e habilidades da BNCC trabalhadas neste volume ... **156**
Referências ... **158**

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

UNIDADE 1

Raphael Dias/Getty Images

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

QUE BRASIS FORMAM O BRASIL?

Comissão de Frente da escola de samba Estação Primeira de Mangueira no Carnaval 2019. Rio de Janeiro (RJ), 2019.

1. Quais elementos da História do Brasil estão representados na imagem acima?
2. Por que você acha que o título da unidade fala em "brasis"?
3. Para você, o que os desfiles de escolas de samba representam para quem participa deles?

Na BNCC

Nesta unidade você vai trabalhar as competências gerais 1, 2 e 7, as competências específicas de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas 1, 5 e 6 e as habilidades EM13CHS102, EM13CHS106, EM13CHS501, EM13CHS502, EM13CHS503 e EM13CHS601.

Formação étnico-cultural do Brasil

Allan Carvalho/Futura Press

Desfile da escola de samba Estação Primeira de Mangueira no Sambódromo da Marquês de Sapucaí. Rio de Janeiro (RJ), 2019.

O **Carnaval** se manifesta de formas muito variadas em diferentes regiões de nosso país. Nos dias atuais, uma de suas manifestações mais populares são os desfiles das escolas de samba do Rio de Janeiro, especialmente das que compõem o grupo especial.

Esses desfiles assumem caráter de um grandioso espetáculo que movimenta a indústria do turismo nacional e internacional na cidade, além de atravessarem fronteiras ao serem transmitidos pela TV e pela internet. As escolas de samba têm, portanto, grande visibilidade – com seus sambas-enredo, carros alegóricos, alegorias e fantasias – e levam para a avenida um mosaico de gente, paisagens, fatos, personagens e histórias que formam o Brasil. Expressam saberes e fazeres das muitas comunidades urbanas e rurais que vivem de norte a sul do país.

Na imagem de abertura, vemos a fotografia da Comissão de Frente da escola de samba Estação Primeira de Mangueira no desfile carioca de 2019. O enredo foi assinado pelo carnavalesco Leandro Vieira, que, numa entrevista, comentou:

> Tenho obsessão em falar do Brasil e falar do Brasil é importante. Nesse contexto, o enredo da Mangueira olha para o protagonismo popular, porque o que a narrativa oficial fez foi não dar representatividade a lutas populares.

PIMENTEL, Carolina; DAMÉ, Luiza (ed.). Mangueira conta história do Brasil pela ótica dos heróis populares. *Agência Brasil*, Brasília, DF, 26 fev. 2019. Disponível em: https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2019-02/mangueira-conta-historia-do-brasil-pela-otica-dos-herois-populares. Acesso em: 22 abr. 2020.

Para muitos historiadores da cultura brasileira, como Luiz Antônio Simas, desde a década de 1960 os desfiles das escolas de samba passaram a se inserir na lógica do mundo capitalista, em um processo que vai desde a compra dos sambas-enredo por determinados grupos econômicos até a venda de fantasias e lugares nos desfiles para personalidades do mundo artístico e empresarial.

No entanto, mesmo nesse contexto da indústria cultural, muitas escolas de samba procuram romper com a lógica da alienação política e de submissão ao poder constituído propondo temáticas críticas à ordem social, aos valores morais ou religiosos considerados predominantes. Emerge nos desfiles um caldeirão de cultura, arte, estética, som e movimento que apresenta, com os enredos de cada escola, visões e discursos sobre situações da realidade (local, regional ou nacional) e contestações a essas situações.

Carnaval: é a festa popular mais importante, criativa e irreverente do Brasil, segundo o antropólogo brasileiro Roberto DaMatta. Há pesquisadores que analisam o Carnaval atual como parte da indústria cultural. Proposto pelos filósofos alemães Theodor Adorno e Max Horkheimer, o conceito de indústria cultural se relaciona às formas pelas quais os interesses capitalistas se utilizam dos fenômenos e processos estético-culturais para direcioná-los [illegible] transformar os bens estéticos em bens de consum[illegible] econômico e fazer com que, mediante o consumo acrítico e alienado dos bens estéticos, as massas se "esqueçam" das reais causas dos problemas, seus dramas existenciais sejam amortecidos e as pessoas submetam-se mais facilmente à exploração capitalista.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA EDITORA DO BRASIL

Um exemplo foi o desfile da Estação Primeira de Mangueira em 2019, cujo enredo *História para ninar gente grande* priorizou a crítica social e política, e apresentou uma visão do Brasil e de sua gente. O enredo abordou heróis populares da história do país que nem sempre são conhecidos ou reconhecidos como protagonistas ou são considerados secundários em relação a outros atores sociais.

No desfile de 2019, a Comissão de Frente da escola destacou as três principais **matrizes étnico-culturais** que formaram a sociedade brasileira a partir da chegada dos portugueses em 1500, com o desembarque da expedição de Pedro Álvares Cabral no litoral sul do atual estado da Bahia.

GLOSSÁRIO

Matriz étnico-cultural: relaciona-se à formação étnica e cultural de um povo. No caso do Brasil, corresponde às diferenciações linguísticas e culturais, de sistemas de crenças e tradições dos povos que se inter-relacionaram ao longo de nossa história, influenciaram e modelaram a cultura brasileira.

1. Você sabe quais são essas matrizes e como foram suas trajetórias ao longo de nossa história? E como estão representadas atualmente na cultura, no imaginário social e nas múltiplas realidades que compõem o Brasil?

Na fotografia que abre esta unidade é possível observar retratos emoldurados no carro alegórico. São de pessoas brancas caracterizadas com os modos de vestir do português colonizador. Os retratos e a moldura dourada remetem à visão de que aqueles personagens são heróis nacionais nas narrativas históricas oficiais e indicam o poder exercido pelos colonizadores e descendentes brancos na sociedade brasileira.

Ainda de acordo com Leandro Vieira, o enredo *História para ninar gente grande* deu visibilidade aos heróis populares de nossa história. Para ele, a:

> [...] "falta de conhecimento da história gera uma nação que não se reconhece como protagonista de absolutamente nada [...]. Quando não são destacadas nas páginas dos livros de História, essas figuras acabam não sendo popularizadas no inconsciente coletivo" [...]. Vieira diz que as escolas de samba sempre exaltaram as narrativas oficiais da história, e estudou os períodos mais retratados no Sambódromo ao longo das décadas – o Descobrimento, a República, a Independência e a Abolição da Escravatura. "Fui olhar para o protagonismo popular nesses quatro momentos, mas percebi que era nulo, ausente, e desenvolvi a minha pesquisa histórica em cima [illegible]

O enredo abordou heróis populares da história do país que nem sempre são conhecidos ou reconhecidos como protagonistas ou são considerados secundários em relação a outros atores sociais.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

CARNEIRO, [illegible]. Histórias do "país que não está no retrato" cantadas pelo samba da Mangueira. *BBC News Brasil*, Rio de Janeiro, 3 mar. 2019. Disponível em: www.bbc.com/portuguese/brasil-47409435. Acesso em: 22 abr. 2020.

Veja nos versos a seguir como o samba-enredo mangueirense de 2019 aborda a ausência de referências ao protagonismo popular nas narrativas sobre a história de nosso país.

> Deixa eu te contar
> A história que a história não conta
> O avesso do mesmo lugar

HISTÓRIA para ninar gente grande. Intérprete: Marquinhos Art'Samba. Compositores: Deivid Domênico, Tomaz Miranda, Mama, Marcio Bola, Ronie Oliveira e Danilo Firmino. *In*: ESTAÇÃO PRIMEIRA DE MANGUEIRA. Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: www.mangueira.com.br/sambaenredo. Acesso em: 22 abr. 2020.

As comunidades e os grupos sociais brasileiros são muito diversos. Há múltiplas formas de "falar" do Brasil, de "sentir-se" parte dele e cada uma expressa visões de mundo e lugares sociais próprios, além de dialogar com os contextos em que são produzidas. Nesta unidade, analisaremos os saberes e fazeres da gente que vive nos diferentes biomas que compõem o território brasileiro. Iremos também aprofundar reflexões sobre o protagonismo de grupos sociais populares em diferentes épocas de nossa história, suas contribuições à cultura e sociedade brasileiras e as lutas políticas pela conquista de seus direitos.

PERCURSO 1

Saberes e fazeres

Rubens Chaves/Pulsar Imagens

Apresentação de quadrilha na Festa Junina de Campina Grande (PB), 2015.

Como vimos, no Carnaval de 2019, a Mangueira se propôs a fazer a narrativa de "uma história que a história não conta"; todavia, muitas outras narrativas sobre o Brasil foram cantadas em sambas e outros gêneros musicais.

Uma delas, *Aquarela do Brasil*, do compositor mineiro Ary Barroso, foi lançada em 1939 durante a ditadura do Estado Novo, imposta pelo presidente Getúlio Vargas. À época, vigorava na política do governo federal um projeto nacionalista que pretendia exaltar as belezas naturais do país e uma suposta igualdade racial em nossa sociedade.

Análise

Aquarela esmaecida do Brasil

Providencie, caso necessário, a letra da canção para as atividades propostas a seguir.

Em 2019, *Aquarela do Brasil* completou 80 anos e foi assunto de artigo do jornalista musical Mauro Ferreira, que apresentou a seguinte análise:

GLOSSÁRIO

Esmaecido: descorado; pálido.

Inzoneiro: intrigante; enredador.

> Se *Aquarela do Brasil* chega **esmaecida** aos 80 anos, é porque a letra envelheceu mal, inclusive porque o Brasil também vai mal. Essa letra podia fazer todo sentido em época de nacionalismo exacerbado como a Era Vargas.
>
> Em 2019, soa fora de época, datada, sem vínculo com o Brasil polarizado e poluído em que até a bela natureza natural do país vem sendo destruída por crimes e maus hábitos ambientais.
>
> Tampou[illegible] do hoje em dia como a "terra do samba e do pandeiro". O samba está vivo, mas abafado nos morros e no asfalto pelo som grave do tamborzão do *funk* do Rio de Janeiro. Som que já ressoa no resto de um Brasil que, no fim das contas, é mais do sertanejo do que do samba ou mesmo do *funk*. [...]
>
> *Aquarela do Brasil* exportou para o mundo a imagem-clichê de um Brasil feliz, tropical, colorido. Um Brasil de suposta igualdade em que o "mulato **inzoneiro**" personificava a figura do próprio país.
>
> Nada mais distante da realidade de hoje e até mesmo da realidade dos preconceituosos anos 1930. A diversidade é de fato uma marca (salutar) do Brasil. Mas ainda é preciso lutar para que ela se imponha em paz no cotidiano nacional.
>
> Por ter somente as cores do ufanismo cego, o samba *Aquarela do Brasil* deve ser entendido – e apreciado pela grandiosidade da composição – sob a luz da época em que veio ao mundo. Mas jamais difundido como o símbolo de um Brasil já sem as cores vivas da cortina do passado.

FERREIRA, Mauro. 'Aquarela do Brasil' chega aos 80 anos com cores esmaecidas por retratar país irreal de era ufanista. *In:* FERREIRA, Mauro. *Blog do Mauro Ferreira.* [*S. l.*], 19 ago. 2019. Disponível em: https://g1.globo.com/pop-arte/musica/blog/mauro-ferreira/post/2019/08/19/aquarela-do-brasil-chega-aos-80-anos-com-cores-esmaecidas-por-retratar-brasil-irreal-de-era-ufanista.ghtml. Acesso em: 22 abr. 2020.

1. Por que, segundo o autor, o Brasil não é mais a terra do samba e do pandeiro?
2. O que significa dizer que *Aquarela do Brasil* exportou uma imagem-clichê do Brasil? Como o autor comprova essa ideia?
3. De acordo com o autor, essa letra levou em conta a diversidade cultural do povo brasileiro?

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Refletir sobre essas questões e buscar as respostas possíveis, que fazem mais sentido para compreendermos o Brasil e a sociedade brasileira em suas múltiplas dimensões, são um exercício para nos posicionarmos como cidadãos e cidadãs frente a inúmeras situações do cotidiano nos espaços que ocupamos e interagimos com outros grupos sociais, por vezes semelhantes, por vezes diferentes de nós. Somos sujeitos históricos do tempo em que vivemos e nossas ações, nossos valores, nosso comportamento, nossa visão de mundo interferem e moldam a realidade.

Nesta unidade, propomos um olhar mais detido para essas questões, que contribua para nos levar a pensar, debater e ampliar nossa compreensão do Brasil e dos brasileiros.

1. Forme um grupo com alguns colegas e confiram, no *site* oficial de Ary Barroso, a letra da canção *Aquarela do Brasil*. Discutam se há traços de miscigenação em seus versos (disponível em: http://arybarroso.com.br/sec_musica_letra_obra.php?language=pt_BR&id=43; acesso em: 7 maio 2020).

Brasil: diversidades e diferenças

Para entendermos e conhecermos melhor o Brasil, é importante destacar que vivemos em um dos maiores países do mundo com grande diversidade cultural, social, ambiental e econômica. Essas diferenças estão em pessoas, lugares, paisagens, **biomas**, costumes, expressões regionais e podem ser apresentadas, também, por meio de imagens que representam e ampliam nossa perspectiva de entendimento sobre o país. As fotografias deste percurso representam danças e brincadeiras populares em interação com diferentes biomas, com suas faunas e floras diversas, além de representar nossa diversidade étnico-racial.

Delfim Martins/Pulsar Imagens

Alunos de Escola Estadual Indígena comunidade Batinga, no agreste pernambucano. Buíque (PE), 2013.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

As inúmeras diferenças de nosso país são ao mesmo tempo históricas, geográficas, sociológicas e filosóficas. Vamos trilhar este percurso com estudo e diálogo, começando pela compreensão de nossa formação social, histórica, cultural, territorial e econômica. O objetivo é que nos ajudem a entender quem somos e o que podemos ser como brasileiros.

Duas palavras-chave ajudam na reflexão sobre o Brasil: **diversidades** e **diferenças**. Um bom exemplo dessas diversidades e diferenças são os seis biomas e respectivos **ecossistemas** de nosso país. Vamos considerar os aspectos naturais de cada um deles, como a vegetação, os rios e a fauna. Neste percurso, queremos que você perceba e problematize a interação das pessoas nesses ambientes. Você conhecerá o modo de vida em diferentes paisagens brasileiras, o patrimônio cultural desses lugares, sua gente, seus saberes e fazeres que tornam o Brasil um país diverso e controverso diante de tantas variações sociais.

Bioma: o conjunto de espécies de plantas e animais que vivem em determinada região; cada bioma tem flora e fauna específicas e definidas por condições climáticas, físicas e geográficas.

Ecossistema: conjunto formado pelas interações entre os componentes bióticos, que são os organismos vivos, como plantas, animais e micróbios, e os componentes abióticos (elementos químicos e físicos), como o ar, a água, o solo e os minerais. Todos os ecossistemas estão interligados e há troca de energia e matéria entre eles, independentemente do tamanho.

NOSSOS BIOMAS E RIQUEZAS

Vivemos em um país com biomas complexos e muito diferentes. Em cada um deles há expressões regionais típicas como "massa", "égua", "visão", "da hora", "bahh"; alimentos típicos como o queijo mineiro, a buchada de bode nordestina e o churrasco gaúcho; condições sociais e econômicas variadas. Em suma, somos um país diverso em múltiplos aspectos e gostaríamos que você identificasse essas diversidades e diferenças no seu cotidiano por meio das imagens e dos dados a seguir.

Rita Barreto/ Fotoarena

AMAZÔNIA 1

Trabalhador que vive na Ilha do Marajó, onde a criação de búfalos e a produção de seus derivados são uma importante atividade econômica da região.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA EDITORA DO BRASIL

André Dib/Pulsar Imagens

PANTANAL 6

Trabalhador pantaneiro, cujo modo de vida envolve uma intensa relação com o ambiente, em uma região com atividades econômicas ligadas à pecuária e ao turismo, além de manifestações artísticas, como o cururu, que são parte da diversidade cultural da região.

Gerson Gerloff/Pulsar Imagens

PAMPA 5

Extração de minérios no estado do Rio Grande do Sul. Podemos observar que a transformação da paisagem, com intenso uso de água, pode gerar impactos tanto no ambiente como no modo de vida das pessoas que habitam próximo dessas áreas.

O mapa dos seis biomas brasileiros apresenta dados sobre cada um deles, além do tipo de clima e de vegetação, de maneira que é possível obter uma noção inicial da divisão do Território Nacional com base em seus biomas. As fotografias mostram algumas atividades econômicas desenvolvidas no Brasil por meio da interação humana em diferentes lugares.

Luciana Whitaker/Pulsar Imagens

CERRADO 2

Colheita automatizada em produção de algodão voltada ao mercado externo, na qual o uso intensivo de tecnologia em grandes extensões de terra é parte do modelo de agronegócio brasileiro.

Rita Barreto/Fotoarena

CAATINGA 3

A feira de Caruaru (PE) é um importante polo de cerâmicas que retratam personagens como Lampião e de festas [illegible] São João.

Tales Azzi/Pulsar Imagens

MATA ATLÂNTICA 4

Porto de Santos, o maior porto brasileiro no que se refere ao fluxo de mercadorias, que chegam de muitos países do mundo ou seguem para eles.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

1 BIOMA AMAZÔNIA

- Clima equatorial.
- Maior floresta pluvial do mundo (matas de igapó, várzea, terra firme, montanha e campinarana).
- A maior bacia hidrográfica do mundo.

2 BIOMA CERRADO

- Clima tropical.
- Vegetação esclerófila complexa (formações herbáceas, savânicas e arbóreas).
- Parte das nascentes das bacias hidrográficas Amazônica, do Paraná, do Tocantins e do São Francisco.

3 BIOMA CAATINGA

- Clima semiárido.
- Vegetação xerófila complexa (formações arbustivas, savânicas e arbóreas).
- Rios intermitentes.

4 BIOMA MATA ATLÂNTICA

- Climas tropical de altitude, tropical litorâneo e subtropical (no Sul).
- Florestas tropical e subtropical (inclui Mata de Araucária no Sul).
- Bacias hidrográficas do Paraná e atlânticas (Nordeste Oriental, Leste, Sudeste e Sul).

5 BIOMA PAMPA

- Clima subtropical.
- Campo ou Pradaria.
- Planaltos com coxilhas (colinas).
- Bacias do Uruguai e do Atlântico Sul.

6 BIOMA PANTANAL

- Clima tropical.
- Planície parcialmente alagada.
- Vegetação complexa com plantas hidrófilas e elementos da Amazônia, Cerrado e Mata Atlântica.
- Rio Paraguai e afluentes.

Cristiane Viana

IBGE. *Atlas geográfico escolar*. 8. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 2018. p. 103.

Levi Bianco/Olhar Imagem

O Círio de Nazaré é uma das maiores procissões católicas do Brasil. Belém (PA), 2011.

Bioma Amazônia

O bioma Amazônia é objeto de debates e reportagens em diversos meios de comunicação. A importância de estudar as interações, as características sociais, culturais e naturais desse ambiente se justifica quando buscamos entender mais o Brasil. Essa região de grandes rios, fauna e flora ocupa boa parte do Território Nacional, como o Norte do país, partes da Região Nordeste e Centro-Oeste, e se estende por oito países vizinhos.

Conta com duas grandes cidades, Manaus e Belém, e oferece uma culinária diversificada, com peixes como o tucunaré, o tambaqui e o aruanã, além de pratos típicos como o tacacá e frutos como o açaí. É origem de grandes escritores, como Milton Hatoum, de poetas como Luiz Bacellar e de artistas como Dona Onete, entre outros. As festas de aparelhagem (modalidade festiva popular comum em Belém), a religiosidade mostrada no Círio de Nazaré, entre tantos outros saberes e fazeres, ajudam-nos a entender as identidades e as diferenças que coexistem nessa imensidão caudalosa de rios e cidades que pulsam com muita criatividade.

A imagem do Círio de Nazaré mostra um grande número de fiéis em marcha, em torno da imagem da santa, enfeitada e colorida. Essa é uma das maiores procissões do mundo, realizada no mês de outubro, em Belém, atraindo pessoas das comunidades ribeirinhas próximas da cidade e turistas, entre outros, para vivenciar uma manifestação que simboliza a popularidade da religião católica na região.

Ricardo Lima/Futura Press

Violonista de formação clássica, Sebastião Tapajós logo despertou para sua própria expressão musical. Fotografia de 2010.

Na imagem do músico paraense Sebastião Tapajós, encontramos uma das personalidades que sintetizam a mistura e a criatividade da região. Esse artista busca unir os ritmos herdados da presença indígena e africana, como o carimbó, com a música erudita de influência europeia: seu violão clássico é apreciado em teatros e espaços públicos do Brasil e do mundo.

A forte herança indígena na alimentação dos paraenses pode ser representada pelo açaí, fruto muito comum nos sabores locais. Ele é parte de uma forma de viver e interagir com os recursos da natureza de povos indígenas, quilombolas e ribeirinhos, que atravessou fronteiras e continentes, sendo comercializado em países distantes como o Japão e os Estados Unidos como um alimento nutritivo e saudável, além de ter um sabor marcante que combina com frutas, peixes, carnes e outros alimentos.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

1. Com base nas referências, escreva um texto refletindo sobre as características do bioma apresentado considerando a interação humana, as atividades econômicas, a diversidade cultural e os desafios socioambientais. Depois, compartilhe-o com o grupo.

Rubens Chaves/Pulsar Imagens

O Mercado Ver-o-Peso é um dos mercados públicos mais antigos do Brasil e a maior feira livre da América Latina. Belém (PA), 2019.

Grandes cidades amazônicas

Vamos conhecer um pouco melhor duas das principais capitais brasileiras localizadas na região amazônica: Belém (PA) e Manaus (AM). São duas grandes capitais regionais que concentram diversas atividades econômicas como o turismo, o comércio dinâmico na Zona Franca de Manaus e o polo industrial dessa cidade, que é um dos mais modernos da América Latina, além de sabores e cores variadas de alimentos como o açaí e as ervas, encontrados em mercados populares como o Ver-o-Peso, em Belém.

No final do século XIX e início do XX ocorreu o Ciclo da Borracha, que teve grande importância comercial na cidade de Belém. Foi um período de grandes mudanças urbanísticas e importantes edificações foram erguidas.

Manaus também teve crescimento induzido pelo Ciclo da Borracha e, no século XX, tornou-se uma metrópole. Hoje, tem aproximadamente 2 milhões de habitantes, sendo importante centro terciário (serviços, comércio e turismo) e industrial (Zona Franca de Manaus), sendo polo de atração migratória.

Amarildo Oliveira/Tucupi Imagens

A Zona Franca de Manaus (ZFM) é uma área destinada à atração de investimentos e à instalação de empresas, sobretudo as do ramo industrial. Manaus (AM), 2015.

Ocupação do território

Para compreender a ocupação desse território, é importante conhecer melhor a ocorrência da presença humana na imensidão amazônica. Uma das maneiras de estudar os vestígios deixados por grupos em diferentes períodos e lugares é pela análise de sua cultura material, ou seja, de objetos, obras e registros que os estudiosos pesquisam e por meio dos quais compreendem aspectos das relações sociais de um povo, mesmo muito antigo. A cerâmica é um bom exemplo da cultura material amazônica antes do contato com os colonizadores europeus.

O trabalho de um conjunto de especialistas como antropólogos, geógrafos, historiadores, filósofos, arqueólogos, químicos, entre outros, consegue identificar – pelo tipo de material, detalhes decorativos, cores utilizadas, entre outros dados – uma série de informações que traduzem elementos da cultura de determinado povo, como rituais fúnebres, festas, divindades e muitas outras descobertas que caracterizam os estudos desses profissionais. Veja ao lado exemplos de vestígios da cultura tapajônica e marajoara.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Segundo arqueólogos, os tapajós são descendentes dos maias e dos incas. Os tapajós habitavam a maior parte da região do Amazonas e situavam-se à beira da cidade de Santarém, no Pará. Por isso, a arte tapajônica também é conhecida como cerâmica de Santarém. Seus vasos e estatuetas são ricos em detalhes.

Feita pelos indígenas da Ilha de Marajó, a **cerâmica marajoara** é a mais antiga dentre as artes ceramistas do Brasil. As peças marajoaras são altamente elaboradas, revelam técnicas primorosas em sua ornamentação. Há grande diversidade de objetos, como vasilhas, estatuetas, urnas funerárias, chocalhos. A cerâmica marajoara constitui uma das maiores riquezas da cultura da Região Norte e é mundialmente reconhecida.

Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém/Fotografia: Rômulo Fialdini/Tempo Composto

Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém/Fotografia: Rômulo Fialdini/Tempo Composto

Cerâmica tapajônica. Vaso de gargalo com apliques zoomorfos, Santarém (PA), 18,9 cm (altura) × 31 cm (largura máxima).

Cerâmica marajoara. Urna coletada no município de Cachoeira do Arari, Ilha de Marajó (PA), 32 cm (altura) × 25 cm (diâmetro máximo da "boca").

1. Agora você se colocará no papel de arqueólogos, antropólogos e pesquisadores das ciências humanas em geral e analisará as imagens que são exemplos de vestígios da cultura material tapajônica e marajoara.
   Com ajuda do professor, forme grupos entre três e quatro pessoas e, juntos, pesquisem o significado desses utensílios no cotidiano desses povos, levantem hipóteses sobre possíveis usos habituais desses objetos e os contextualizem no tempo e no espaço. Problematizem a complexidade dessas culturas e a importância de conhecê-las melhor para entender a formação cultural de nosso país.
2. Considerando sua pesquisa sobre os vestígios da cultura material de marajoaras e tapajoaras por meio das cerâmicas, além da análise das imagens das festividades religiosas, responda às questões a seguir.
   a) Quais desenhos e formas você destaca nas imagens das cerâmicas marajoaras e tapajoaras?
   b) O que elas representam, em sua opinião?

Carlos Ruggi/Estadão Conteúdo/AE

Chico Mendes, ícone da militância na Região Amazônica, foi assassinado em dezembro de 1988. Xapuri (AC), 1988.

Lutas e disputas na Amazônia

Além das grandes riquezas naturais e culturais, a região amazônica caracteriza-se por baixos índices econômicos e baixa densidade demográfica, crescente urbanização e inúmeros conflitos sociais envolvendo indígenas, posseiros e pequenos proprietários.

Por causa da economia moderna, o meio ambiente também sofre grandes consequências, como a devastação da floresta por empresas madeireiras e por pecuaristas.

Chico Mendes, um dos maiores símbolos brasileiros da luta pela preservação da Floresta Amazônica, passou anos lutando pela criação de reservas extrativistas que garantissem a sobrevivência dos seringueiros e a preservação da mata. Seu objetivo era a união dos povos da floresta (seringueiros, indígenas e população ribeirinha).

1. Na sua região há propostas para o desenvolvimento sustentável? Como elas têm sido praticadas?
   Atividades de desenvolvimento econômico poderiam ser implantadas visando preservar a Amazônia sem comprometer o equilíbrio ecológico?

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

A Cabanagem e a Aliança dos Povos da Floresta

A Cabanagem foi uma revolta popular e social ocorrida no estado do Pará no século XIX; ela ocorreu entre os anos de 1835 e 1840 na província do Grão-Pará (atual estado do Pará). Recebeu esse nome porque muitos dos revoltosos moravam em cabanas na beira dos rios e eram chamados de "cabanos"; a Aliança dos Povos da Floresta é uma organização em atuação nos dias atuais – esses são alguns exemplos das disputas que marcam a história do Brasil e dessa região em específico. São fatos que nos levam a refletir sobre a permanência dos embates na região amazônica e a analisar a diversidade dos habitantes da floresta. Podemos identificar as inúmeras barreiras para reprodução deste modelo de vida e cultura, além dos interesses em disputa entre grupos com interesses convergentes e divergentes como povos indígenas, ribeirinhos, quilombolas, seringueiros, castanheiros, garimpeiros, latifundiários, produtores rurais, comerciantes, entre outros, que vivem em interação com a floresta.

Agora que você sabe um pouco mais a respeito da complexidade e da interação no bioma Amazônia, vamos mergulhar no Cerrado brasileiro e em sua imensa diversidade, múltiplas paisagens, pessoas, saberes e fazeres.

Bioma Cerrado

O bioma Cerrado é o berço das águas, com rica biodiversidade que abriga paisagens deslumbrantes, inúmeras espécies de plantas e animais. Caracteriza-se por vegetação diversificada, desde o cerrado savânico até formações herbáceas e florestais, a exemplo do cerradão e das veredas. O tamanduá e o lobo-guará são exemplos da fauna, que é bastante diversa. Há três grandes bacias em seu território: a do Rio da Prata, a do Rio Tocantins e a do Rio São Francisco.

O Jalapão, registrado na fotografia ao lado, é um dos principais pontos turísticos da região, com suas comunidades quilombolas e sua extensa área de cerrado, preservada em dunas de areia fina de tom marrom que compõem uma visão muito característica do lugar.

Júlio Fonseca

No Jalapão, muitas áreas apresentam solo de textura arenosa e cor avermelhada. Nas áreas mais úmidas ao longo dos rios, se desenvolvem as veredas, o cerrado repleto de palmeiras como o buriti. Parque Estadual do Jalapão, Mateiros (TO), 2012.

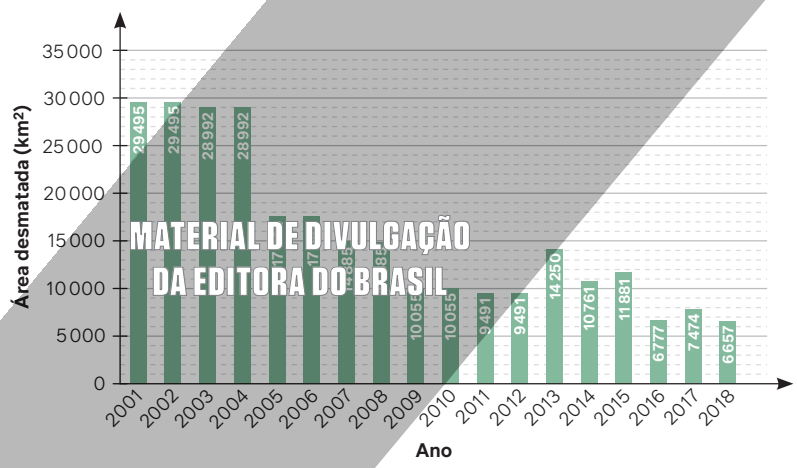
Análise

As ameaças à diversidade ambiental e cultural do Cerrado

Nesta análise e reflexão sobre o Cerrado, identificamos informações e dados sobre este ambiente buscando sempre pensar nas interações entre os agrupamentos humanos e o ambiente natural, em diferentes contextos. Leia o fragmento de texto a seguir.

Bioma Cerrado segundo o Ministério do Meio Ambiente (MMA)

Cerrado: extensão da área desmatada – 2001-2018



Tarcisio Garbellini

Fonte: BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. *PPCDAm e PPCerrado 2016-2020*: balanço de execução 2018. Brasília, DF: MMA, 2018. Disponível em: http://combateaodesmatamento.mma.gov.br/images/Doc_ComissaoExecutiva/Balanco-PPCDAm-e-PPCerrado_2018.pdf. Acesso em: 5 maio 2020.

O Cerrado é o segundo maior bioma da América do Sul, ocupando uma área de 2 036 448 km², cerca de 22% do território nacional. [...] Neste espaço territorial encontram-se as nascentes das três maiores bacias hidrográficas da América do Sul (Amazônica/Tocantins, São Francisco e Prata), o que resulta em um elevado potencial aquífero e favorece a sua biodiversidade. [...]

Além dos aspectos ambientais, o Cerrado tem grande importância social. Muitas populações sobrevivem de seus recursos naturais, incluindo etnias indígenas, quilombolas, geraizeiros, ribeirinhos, babaçueiras, vazanteiros que, juntas, fazem parte do patrimônio histórico e cultural brasileiro, e detêm um conhecimento tradicional de sua biodiversidade. Mais de 220 espécies têm uso medicinal e mais 416 podem ser usadas na recuperação de solos degradados, como barreiras contra o vento, proteção contra a erosão [...]

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. *O Bioma Cerrado*. Brasília, DF: Ministério do Meio Ambiente, [20--]. Disponível em: www.mma.gov.br/biomas/cerrado.html. Acesso em: 22 abr. 2020.

1. Analise as informações do texto e do gráfico e responda: Qual é a relação entre proteção ambiental e a importância biológica?
2. Quais são os maiores prejudicados diante dos dados de desmatamento apresentados?

Jorge Henrique/Futura Press

Usina Hidrelétrica de Xingó, no Rio São Francisco, entre os estados de Alagoas e Sergipe. Cerca de 60% da energia consumida no Brasil é gerada por hidrelétricas. Fotografia de 2015.

O conhecimento sobre a biodiversidade do Cerrado, possibilita uma reflexão sobre a interação dos seres humanos em seus ambientes. Para tanto, apresentamos um personagem que circula por mais de um bioma no Brasil e é dono de uma enorme diversidade de povos e paisagens em seu trajeto: o Rio São Francisco, chamado popularmente de "Velho Chico", integra a bacia do São Francisco e se estende por seis estados (Minas Gerais, Goiás, Bahia, Pernambuco, Alagoas e Sergipe) e parte do Distrito Federal. Esse rio é de suma importância para compreendermos aspectos econômicos como o transporte de mercadorias, o comércio de pescados, o turismo, a agricultura irrigada, entre outros, além de aspectos socioambientais como a degradação das nascentes, que implicam problemas para a reprodução do modo de vida de povos tradicionais como os indígenas e os quilombolas O São Francisco transporta parte da água do Cerrado para o domínio da Caatinga, nutrindo os reservatórios de usinas hidrelétricas. É o caso da usina de Xingó, registrada na imagem acima, que corta um trecho do bioma Caatinga.

Povos do Cerrado

O Cerrado abriga uma diversidade de comunidades e povos tradicionais. Esses povos vivem harmonicamente com o meio ambiente. O sustento desses grupos vem do artesanato, do extrativismo e da agricultura familiar.

Cerca de 5% da biodiversidade do planeta está no Cerrado, considerado a savana mais rica do mundo, e também um dos biomas mais ameaçados de extinção. Ele é fundamental para a sobrevivência de indígenas, ribeirinhos e quilombolas, entre outros.

O Cerrado vem enfrentando redução de seu território devido à expansão das áreas agrícolas, da pecuária e do extrativismo da madeira para produção de carvão, o que prejudica as populações tradicionais. Vamos conhecer algumas delas.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

André Dib/Pulsar Imagens

Senhora quilombola preparando farinha de mandioca na Comunidade Kalunga de Sucuri. Monte Alegre de Goiás (GO), 2018.

Quilombolas

As comunidades quilombolas, estimadas em mais de 300, são encontradas em boa parte do território nacional como agrupamentos históricos de resistência vinculados à terra, à memória e à ancestralidade de seus antepassados que foram trazidos dos territórios africanos de maneira forçada como mão de obra escrava. Há muitas dessas comunidades no Cerrado, que lutam pela manutenção e reprodução de seu modelo de vida, suas tradições, cultura e religiosidade. A imagem de uma senhora produzindo farinha de mandioca de modo artesanal é parte do modo de viver e interagir no ambiente dessas comunidades.

Quebradeiras de coco babaçu

As quebradeiras de coco babaçu representam a força das mulheres organizadas politicamente na busca da igualdade de gênero e condições dignas de trabalho e renda, além de serem protagonistas na manutenção e conservação do bioma. Essas mulheres de origens indígena e quilombola têm em comum o "saber fazer", que envolve a extração e o preparo para comercialização do coco babaçu e gera diversos produtos como a castanha, o óleo, artigos de higiene pessoal, entre outros.

Ricardo Azoury/Pulsar Imagens

A quebra do coco é feita de maneira artesanal, as quebradeiras usam uma pedra e uma machadinha para extrair as amêndoas do coco. Viana (MA), 2019.

Vazanteiros

Os vazanteiros são grupos de agricultores vinculados ao ciclo das águas do "Velho Chico" nos períodos de cheia, vazante e seca. Eles carregam saberes sobre o cultivo, a produção e reprodução de seu modo de vida por meio de atividades extrativistas com baixo impacto ambiental e enorme ganho social e ambiental, uma vez que não comprometem a biodiversidade e a fauna e flora ricas do Cerrado.

Indígenas

Poderíamos ampliar esse olhar aos inúmeros povos e etnias indígenas que vivem no bioma em questão, contudo, aprofundaremos nossos estudos da presença indígena em nossa formação social, cultural e histórica no decorrer desta unidade. Desse modo, vamos conhecer e problematizar um importante debate, que envolve diferentes perspectivas do modelo de desenvolvimento social, econômico e ambiental para o Cerrado.

Renato Soares/Pulsar Imagens

Indígenas da etnia krahô pintados com urucum e jenipapo na Aldeia Krahô Pé de Coco. Itacajá (TO), 2016.

1. De que maneira a perda de território impacta as populações tradicionais do Cerrado?
2. Em sua região há projetos para as comunidades que focam mudanças de comportamento relacionadas ao ambiente, disseminação de boas práticas, aprimoramento do manejo de bens naturais e fomentação de pesquisas que embasem atitudes sustentáveis?

Fábio Colombini

Parque Estadual da Serra do Mar em área de Mata Atlântica. Cunha (SP), 2014.

Sérgio Pedreira/Pulsar Imagens

Samba de Roda Raízes de Acupe. Santo Amaro (BA), 2017.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Bioma Mata Atlântica

Sabemos que o país é diversificado em relação à paisagem, às pessoas, às manifestações culturais, às desigualdades sociais, entre tantas outras possibilidades de pensar sobre nós mesmos.

A História do Brasil pode ser contada de diferentes perspectivas. Sobretudo, a predominância de uma narrativa exclusivamente eurocêntrica pode desconsiderar inúmeras formas de estar no mundo e interagir com ele que, muitas vezes, desconhecemos. Por exemplo, a atividade de abertura desta unidade, em que é preciso refletir sobre "a história que a história não conta", busca ampliar a possibilidade de estudar e pensar o Brasil além da versão mais comum, de maneira a considerar diferentes vozes.

Quando analisamos as imagens desta página, identificamos que a Mata Atlântica pode ser definida como exuberante, devido às árvores altas, a muita água, entre outros aspectos. Contudo, para as Ciências Humanas, o ambiente natural precisa ser pensado considerando a presença humana. Essa presença, por sua vez, transforma as paisagens, adapta-se ao lugar, cria significados e valores simbólicos de pertencimento, por exemplo, as festas e danças populares brasileiras. Na outra imagem, a diversidade e as influências que formam o Brasil e seu povo estão bem representadas pelo samba de roda do Recôncavo Baiano, uma expressão cultural de matriz africana. São essas vozes, como a matriz africana e indígena, que o enredo que a escola de samba Estação Primeira de Mangueira buscou resgatar e priorizar como narrativa, que exprimem o que é ser brasileiro.

Não podemos falar de biomas brasileiros se não destacarmos os múltiplos saberes que formam o país e interagem dinamicamente.

1. Em sua cidade ou estado, você participa de alguma manifestação cultural ou conhece alguma?
2. Forme dupla com um colega. Pesquisem as informações a seguir sobre sua cidade ou estado e depois troquem e complementem as descobertas com as dos outros grupos.
   - **a)** Tipos de plantas e de aves (dois ou três exemplos).
   - **b)** Importância econômica de sua cidade ou seu estado.
   - **c)** Influências de outros povos na dança, na alimentação, no vocabulário, entre outros.

Mais saberes e fazeres

Não podemos pensar nas paisagens e características dos biomas brasileiros desconsiderando a presença e a transformação do mundo pela espécie humana. Essas alterações no meio ambiente, conhecidas como ações antrópicas, provocam impactos ambientais, uma vez que a relação entre a sociedade e a natureza produzem o espaço geográfico. Esses impactos, no

entanto, podem ser positivos ou negativos, dependendo de como essas mudanças ocorrem. As populações tradicionais do Brasil conseguem interagir de maneira positiva com os recursos naturais. Assim, estudar essa relação e os saberes e fazeres brasileiros por meio das populações que interagem no bioma da Mata Atlântica amplia nosso conhecimento e visão do país. Um exemplo é a cultura caiçara, expressão das vivências e saberes do tradicional povo de parte do litoral do Brasil, e a cultura do litoral do Nordeste.

O termo **caiçara** é de origem tupi-guarani e remete à miscigenação entre povos indígenas, quilombolas e portugueses durante o processo de colonização do território brasileiro.

Assim como inúmeras comunidades tradicionais, as comunidades caiçaras se expressam por meio de grandes manifestações culturais e artísticas. Um exemplo dessas manifestações é o fandango caiçara, ritmo registrado como Patrimônio Cultural Brasileiro, uma expressão musical poética e festiva com estrutura bastante complexa, que busca resgatar temas como trabalho, religiosidade, música, dança etc.

Apesar de muito rica, a cultura caiçara está seriamente ameaçada por causa da especulação imobiliária, perda do território, turismo predatório e de restrições à pesca e ao artesanato que dificultam a reprodução de seu modo de vida. Contudo, seus saberes resistem e eles buscam resgatar e manter viva, entre as novas gerações, a história de seu povo.

Edson Sato/Pulsar Imagens

Caiçaras arrastam barco para o mar. Paraty (RJ), 2016.

O termo caiçara [...] remete à miscigenação entre povos indígenas, quilombolas e portugueses [...].

1. Pensando no modelo e nas consequências da colonização europeia para os povos indígenas, você acredita que algo semelhante possa acontecer atualmente em relação aos povos tradicionais? Justifique sua resposta.
2. Na época da chegada dos portugueses às terras que hoje formam o Brasil, a Mata Atlântica era contínua como a Floresta Amazônica e constituía a segunda maior floresta tropical do país. Como [illegible]?

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

GLOSSÁRIO

Mamulengo: forma popular e tradicional do teatro de bonecos no Brasil.

A capital do estado de Pernambuco, com sua enorme diversidade e riqueza cultural, é uma das maiores cidades brasileiras e grande metrópole da Região Nordeste.

O estado é a terra de grandes escritores como Gilberto Freyre, cientistas como Josué de Castro, artistas do frevo como Antônio Nobrega; é a terra da regência dos blocos de maracatu no Carnaval, dos **mamulengos** e seus tradicionais bonecos; do delicioso bolo de rolo dos mercados e casas da cidade; dos inúmeros mercados com delícias regionais; de grandes mestres da cultura popular brasileira, como Mestre Vitalino, da vizinha Caruaru, além de muita gente criativa que não temos espaço para citar.

Hans von Manteuffel/Pulsar Imagens

Mamulengos representando uma casa de farinha. Olinda (PE), 2018.

Recife é uma cidade central para o entendimento da história do Brasil. Com forte presença holandesa no século XVII, foi base política da produção de açúcar apoiada na mão de obra escrava, quando o comércio desse produto estava no auge. Atualmente, é um importante polo tecnológico, uma das maiores cidades brasileiras e concentra intensa produção e vida cultural.

Análise

Grande Porto Digital do Recife

O Porto Digital do Recife é um dos principais parques tecnológicos brasileiros. É um parque urbano instalado no Centro Histórico da cidade, projeto abrangente com parceria entre governo, iniciativa privada e universidade pública chamado Modelo Triplex Hile. Esse modelo é reconhecidamente exitoso no campo da inovação e serve de exemplo para futuras parcerias no país. Leia o trecho da reportagem e responda às questões.

HO/PETROBRAS/AFP

Porto Digital do Recife, um dos principais parques tecnológicos e ambiente de inovação do Brasil. Recife (PE), 2011.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Recife é o Vale do Silício brasileiro

Berço d[illegible] inovação e do maior parque tecnológico do País, Recife é atualmente o maior polo tecnológico do Brasil. [...].

"Entre os anos 70 e 80, Recife tinha se tornado uma referência regional na área de TI. Mas, com a crise dos anos 90, a cidade perdeu muitas empresas, que faliram ou foram compradas por outras e tiveram de migrar principalmente para as regiões Sul e Sudeste", explica o diretor de inovação do Porto Digital, Guilherme Calheiros. "Houve uma quebra no desenvolvimento de todo o estado e as pessoas que se formavam saíram daqui." [...].

Na contramão da debandada de empresas e profissionais, foi criado o Centro de Estudos e Sistemas Avançados do Recife (C.E.S.A.R.), em 1996 [...].

O C.E.S.A.R. é um centro privado de inovação que desenvolve soluções em todo o processo de geração de inovação em e com tecnologias da informação e comunicação. Hoje conta com mais de 600 colaboradores e oferece incubadoras, cursos profissionalizantes, mestrado e pretende criar cursos de graduação. [...].

BELLONI, Luiza. Recife é o Vale do Silício brasileiro. *Exame*, São Paulo, 25 jul. 2015. Disponível em: https://exame.abril.com.br/tecnologia/recife-o-vale-do-silicio-brasileiro/. Acesso em: 22 abr. 2020.

1. Qual é a importância de um espaço como esse para os jovens?
2. Discuta com a turma as vantagens da instalação de um parque tecnológico semelhante em diferentes regiões do país.

Bioma Caatinga

A riqueza de nossos biomas é um tema infinito diante de tantos saberes e desafios, por isso é preciso escolher o foco de estudo diante de tantos aspectos que podem ser abordados. Uma coisa é certa: compreender e apreender informações sobre nosso território, a imensa criatividade e os desafios que atravessam o Brasil em diferentes regiões é uma grande viagem de descobertas.

A Caatinga, assim como os demais biomas, sofre com o desmatamento que ameaça a vida das pessoas e os recursos naturais, temas relevantes para pensarmos as relações historicamente construídas no passado que pautam o presente e é importante destacar.

Franco Hoff/Pulsar Imagens

Madeira da caatinga para queima de blocos de barro em fábrica no sertão do Rio Grande do Norte. Açu (RN), 2016.

Os principais motivos para a acelerada devastação da Caatinga nos últimos anos são o desmatamento (já atingiu 46% da área original do bioma), a extração de lenha para fins energéticos (tanto doméstico quanto industrial), a mineração, o pastoreio excessivo de bovinos e caprinos, a agricultura de subsistência, a agricultura comercial (a exemplo da fruticultura irrigada) e a crescente urbanização.

A **Caatinga** é um bioma original do Brasil. Isso significa que a maioria das espécies xerófilas que o integram são endêmicas (exclusivas). Podem ser encontradas formações florestais, arborizadas e parques (savanas) e gramíneo-lenhosas (arbustivas e herbáceas).

1. Leia um trecho da obra *Os sertões*, do escritor Euclides da Cunha, sobre a Caatinga, e faça o que se pede.

> [...] A caatinga mirrada e nua, apareceu repentinamente desabrochando numa florescência extravagantemente colorida no vermelho forte das divisas, no azul desmaiado dos **dólmãs** e nos brilhos vivos das chapas dos **talins** e estribos oscilantes...
>
> CUNHA, Euclides da. *Os sertões*. *In*: DOMÍNIO PÚBLICO. [*S. l.*], [200-?]. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000091.pdf. Acesso em: 18 jun. 2020.

GLOSSÁRIO

Dólmã: tipo de casaco militar.
Talim: correia em que pende a espada.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

a) A descrição que o autor faz da Caatinga é a mesma de hoje?

b) Quais ações imediatas e efetivas podem ser tomadas para que a paisagem retratada por Euclides da Cunha não se torne apenas uma descrição literária?

Na Chapada do Araripe, Ceará, há o GeoPark Araripe, uma das principais jazidas de fósseis do país. O local preserva vestígios da presença humana há 30 mil anos. Com nove sítios geológicos, estende-se por seis municípios cearenses: Juazeiro do Norte, Barbalha, Crato, Nova Olinda, Santana do Cariri e Missão Velha.

O GeoPark Araripe é um território com variedade na fauna, flora, entre pessoas e paisagens. Passado e presente caminham juntos, como na Colina do Horto. Esse monumento geológico com mais de 650 milhões de anos, na zona urbana de Juazeiro do Norte, reúne elementos como a estátua do Padre Cícero, o Museu Vivo do Padre Cícero e a Trilha do Santo Sepulcro, local onde o padre pregava princípios ecológicos de proteção à Caatinga.

Delfim Martins/Tyba

GeoPark Araripe, área de preservação de importantes sítios geológicos e arqueológicos, situado na Floresta Petrificada do Cariri. Missão Velha (CE), 2015.

Benjamin Abrahão

Padre Cícero fotografado no Ceará, c. 1924.

A religiosidade

Continuando nosso trajeto pela Caatinga, vamos conhecer um pouco o elemento religioso construído ao longo da história e que faz parte do imaginário do sertanejo.

Nesta região viveu Padre Cícero, figura marcante da cultura popular brasileira, vinculada à devoção e à religiosidade da região, de inspiração sebastianista. "Padim Ciço" influenciou e continua influenciando inúmeros personagens de cordéis, músicas, poesias, pinturas, esculturas que sintetizam muitas passagens da História do Brasil e da região.

O sebastianismo é uma herança das crenças populares herdadas dos portugueses que se originou após o desaparecimento do rei Dom Sebastião, no século XVI. O desaparecimento gerou uma expectativa, no imaginário dos lusitanos, da volta triunfal e salvadora do rei a qualquer momento. Esse imaginário atravessou o Atlântico e se instalou em nosso território, principalmente no sertão do país. A crença em um messias salvador e redentor de um povo é parte central da religiosidade popular do Brasil, e figuras como Padre Cícero são representativas dessa crença que assumiu características próprias em simbolismos como vestimentas, crucifixos, cantos religiosos, rezas etc.

Luta no sertão

Com o declínio da agromanufatura açucareira, as questões econômicas e sociais tornaram-se mais difíceis no Nordeste brasileiro. Com o caos econômico e social surgiu, durante a Primeira República (1889-1930), uma forma de política **clientelista** e **coronelista,** uma relação de dependência direta entre a população humilde e os grandes proprietários de terras dessa região. Nas décadas de 1920 e 1930 diversas reações ao sistema coronelista ocorreram no Nordeste; e o cangaço foi uma delas.

Cordel: parte da diversidade nordestina e meio de sobrevivência de inúmeros poetas e poetisas brasileiros. Os textos de cordel costumam ser vendidos em grandes feiras pelo interior do Nordeste e pelo sertão. A métrica, rima e oração do cordel estão associadas à tradição oral dos povos indígenas, africanos, europeus e árabes. É uma expressão artística de enorme relevância cultural para o entendimento da colonização europeia e do processo de formação do território que hoje é o Brasil.

A imagem dos cangaceiros está associada à valentia, pessoas que lutavam contra o poder político e a elite agrária. Os feitos e as lendas envolvendo o cangaço serviram de inspiração para histórias contadas na literatura de **cordel**, no cinema e na teledramaturgia.

Pensarmos sobre a ocupação humana e a transformação de parte do território brasileiro – como a Caatinga – em diferentes contextos, nos ajuda a identificar e compreender a presença da religiosidade nas festas, na linguagem e nos símbolos sertanejos. Observamos também a luta social representada pelo movimento do cangaço nesta região que, de certa maneira, é a representação estética e política de um desdobramento histórico vinculado às enormes desigualdades sociais, ao modelo econômico excludente, à estrutura e herança escravocrata. É forte também a herança estética que os cangaceiros carregavam em suas vestimentas e a religiosidade, presentes no imaginário nacional até os dias atuais.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Acervo Iconographia

Lampião e Maria Bonita no sertão pernambucano, por volta da década de 1930.

1. Na região em que você vive há elementos culturais como os abordados no texto?
2. Em grupo, realize uma pesquisa sobre como o cangaço ameaçou a estrutura social e política do sertão brasileiro.

O Vale do São Francisco

Na Caatinga encontramos duas cidades com enorme riqueza cultural, banhadas pelo "Velho Chico" e que representam um polo de desenvolvimento econômico e cultural da região: Petrolina (PE) e Juazeiro (BA). Inúmeras manifestações populares são típicas desses locais, como o samba de veio da Ilha do Massangano, em Petrolina.

Petrolina e Juazeiro passaram a fazer parte do imaginário popular com a música *Petrolina Juazeiro*, de Alceu Valença, e por causa de todos os saberes e fazeres que tornam essa região rica na música, arte, dança, no artesanato, entre outras formas de expressão. Nos últimos anos, a região tornou-se um grande polo de desenvolvimento econômico com a plantação de uvas e produção de vinho. Em plena Caatinga, o vinho é a mais nova atividade econômica local. Os primeiros investimentos surgiram na década de 1980 e 1990, atingindo o auge em 2003 com a criação do Instituto do Vinho do Vale São Francisco. Projetos como esse colaboram para o desenvolvimento econômico e social, proporcionam emprego e atraem mão de obra qualificada para os polos econômicos.

O maracatu é outra manifestação da cultura popular que busca reproduzir elementos ancestrais da formação do território pernambucano, com ênfase no mundo do trabalho e na reprodução de rituais e liturgias que valorizam e resgatam a memória afro-brasileira. Na década de 1990, surgiu no Recife o movimento Mangue Beat, que buscava resgatar a cultura popular tradicional de Pernambuco por meio da música, das vestimentas e do estudo das questões históricas e sociais da região e mesclá-la com elementos contemporâneos e urbanos da cidade como as batidas eletrônicas e o som de guitarras elétricas. As letras retratavam as condições de pobreza, vulnerabilidade social, resistência e luta do povo sertanejo.

Esse movimento é até hoje considerado uma referência na música popular brasileira, seu diálogo com o maracatu nos ajuda a compreender a permanência e os desdobramentos das características econômicas que marcaram o período da exploração da cana-de-açúcar na sociedade colonial.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Adriano Kirihara/Pulsar imagens

No sertão pernambucano, o samba de veio – uma roda de samba que tem características bastante particulares e uma história centenária – manifesta a ancestralidade da tradição e o cotidiano da comunidade que vive na Ilha do Massangano. Petrolina (PE), 2018.

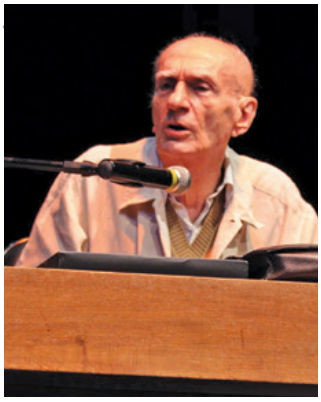
Ricardo Teles/Pulsar Imagens

Apresentação de maracatu rural. A origem do maracatu remonta à época do Brasil Colonial e é uma mistura das culturas africana, portuguesa e indígena. Aliança (PE), 2015.

1. Com base nos assuntos tratados até aqui, como você justifica a ideia de o Brasil ser formado por muitos brasis?

Vozes

O escritor paraibano Ariano Suassuna (1927-2014) foi um dos vários responsáveis por difundir a cultura da Região Nordeste no país e criador do movimento armorial que defendia a valorização da cultura popular e tradicional de Pernambuco. Seu romance *A Pedra do Reino*, publicado em 1971, discorre sobre a cultura popular nordestina e o movimento messiânico da Pedra do Reino, no sertão de Pernambuco. A história relembra o movimento sebastianista. Ele passou a integrar a Academia Brasileira de Letras em 1989.



THALES STADLER/ABCDIGIPRESS/AE

Ariano Suassuna.
Santo André (SP), 2013.

Fábio Colombini

Pampa gaúcho, com campos ou pradarias, por vezes utilizadas como pastagem para a pecuária bovina. Sant'Ana do Livramento (RS), 2017.

Bioma Pampa

Vamos conhecer agora um bioma localizado em apenas um estado brasileiro, o Rio Grande do Sul, mas que é encontrado também em parte dos vizinhos Uruguai e Argentina. O Pampa ocupa 63% do território gaúcho, apresenta importante biodiversidade de fauna e flora (arbustiva e herbácea) e recobre planaltos com **coxilhas**. Está entre as áreas de campo ou pradaria subtropicais mais importantes do planeta.

Além do imenso patrimônio natural e cultural, a região conta com extensa área do Aquífero Guarani, uma das maiores reservas de água doce do mundo.

Apesar de sua importância, as atividades humanas, sobretudo agrícolas e industriais, têm contaminado o aquífero. Os maiores vilões são o agrotóxico utilizado na agricultura e o vinhoto, um resíduo da destilação fracionada da cana-de-açúcar.

Ricardo Teles/Pulsar Imagens

Adubação de campo de cana-de-açúcar com vinhaça (ou vinhoto). São Manuel (SP), 2015.

O **Sistema Aquífero Guarani** (SAG) é um corpo hídrico subterrâneo e transfronteiriço que abrange parte dos territórios da Argentina, do Brasil, do Paraguai e do Uruguai. Possui um volume acumulado de 37 000 km^3 e área estimada de 1 087 000 km^2. Na parte brasileira estende-se a oito estados: Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Paraná, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e São Paulo. O SAG tem características físicas, geológicas, químicas e hidráulicas específicas e complexas as quais foram estudadas pelo Projeto de Proteção Ambiental e Desenvolvimento Sustentável do SAG (2003-2009) e que fornecem as bases para o Programa Estratégico de Ação (PEA).

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. *Aquífero Guarani*. Brasília, DF: Ministério do Meio Ambiente, [201-]. Disponível em: www.mma.gov.br/informma/item/8617-aquifero-guarani. Acesso em: 22 abr. 2020.

GLOSSÁRIO

Coxilha: colina localizada em regiões de campos, que pode ter pequena ou grande elevação, em geral coberta de pastagem.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

1. Em sua cidade ou estado há alguma atividade ou projeto voltado para a preservação da água?
2. O Projeto de Proteção Ambiental e Desenvolvimento Sustentável do Sistema Aquífero Guarani é uma parceria entre Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai que visa ao uso racional da água e à preservação do aquífero. Pesquise informações sobre esse projeto e discuta com a turma, numa roda de conversa, a importância da água para a sobrevivência da espécie humana.

Algumas heranças

O Pampa é formado por pessoas que convivem e interagem em uma região fronteiriça do extremo sul do país. Vamos entender a ocupação da região, a herança indígena guarani e a inserção de imigrantes europeus e dos gaúchos de ascendência africana.

Conheceremos melhor o bioma Pampa por meio dos Sete Povos das Missões, aldeamentos indígenas ligados ao presente e ao passado da região. No atual estado do Rio Grande do Sul, durante a colonização ibérica da América sob o comando da Coroa espanhola, na disputa por territórios coloniais entre as metrópoles europeias, os jesuítas fundaram sete núcleos de catequese indígena para implantar o catolicismo entre os povos nativos da região. Os indígenas das Missões também foram recrutados pelos jesuítas para o trabalho em atividades agrícolas, na pecuária, no artesanato, entre outras, e, assim, ajudaram a ocupar e moldar os saberes e fazeres locais.

Uma imagem muito representativa da região são os missioneiros, imigrantes de origens diversas – alemã, italiana, polonesa, entre outras – que carregam a herança de seus antepassados na linguagem, alimentação, nas festas e nos demais hábitos e costumes diretamente relacionados ao território fronteiriço que caracteriza o Pampa gaúcho. Sabemos que na alimentação e na música alguns elementos dessa herança são reproduzidos e resgatados como memória afetiva dessas pessoas.

Nesse sentido, sugerimos que você pesquise e trabalhe com dois termos-chave: **regionalismo gaúcho** e **gaúcho negro** que, com os indígenas guaranis, formam um mosaico cultural muitas vezes ignorado por pessoas que não vivem na região ou não a conhecem. A presença de imigrantes europeus, guaranis e gaúchos de ascendência africana está relacionada ao processo de colonização da região, às relações de trabalho e à ideia de construção do passado que formou o povo gaúcho.

Gerson Gerloff

Preparo do tradicional chimarrão no fogo de chão. São Sepé (RS), 2017.

1. Leia os trechos de textos a seguir e responda às questões.

> [...] a cultura negra sobreviveu nos pampas e nas regiões urbanizadas, mas não foi sem custo. No pré-abolição os negros forros se reuniram em irmandades religiosas e juntos desenvolveram maneiras de conseguir fundos para comprar a liberdade de negros ainda escravizados. No pós-abolição, a comunidade articulou diversas maneiras para aumentar seus espaços de autonomia e se afirmar na sociedade como sujeitos negros. Se reuniram em torno de terreiros, clubes sociais, clubes esportivos e em diversas regiões do estado havia uma imprensa negra consolidada.
>
> ANDRÉ, Thiago. O invisível gaúcho negro. *In*: PORTAL GELEDÉS. São Paulo, 21 set. 2016. Disponível em: https://geledes.org.br/o-invisivel-gaucho-negro/. Acesso em: 2 maio 2020.

> O gaúcho é um **ginete** da pradaria, não responde a um único tipo étnico, mas o resultado do cruzamento de indígenas da região do Rio da Prata e dos colonizadores europeus, a sua origem está relacionada com as circunstâncias únicas políticas, históricas e econômicas de seu ambiente. Ela pertence igualmente a todas as áreas de pampa da Argentina, sul do Brasil e do Uruguai [...].
>
> O SURGIMENTO da expressão gaúcho. *In*: REGIONALISMO GAÚCHOO. [*S. l.*], [201-]. Disponível em: https://regionalismogaucho.weebly.com/o-gauacutecho.html. Acesso em: 2 maio 2020.

GLOSSÁRIO
Ginete: cavaleiro.

a) Qual é o tema comum aos dois textos? Justifique sua resposta com informações dos próprios textos.

b) Qual é a visão de cada texto sobre o significado de ser gaúcho?

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Bioma Pantanal

Com influência direta dos biomas Amazônia, Cerrado e Mata Atlântica, o Pantanal caracteriza-se por grande diversidade de espécies e, como os demais biomas, está ameaçado pelo desmatamento e pelo modelo produtivo monocultor, entre outros aspectos que exigem atenção e compromisso. A natureza exuberante, a presença de comunidades tradicionais – indígenas, quilombolas e coletores de iscas ao longo do Rio Paraguai – nos conclamam a participar de sua preservação. Vale destacar a presença de alguns elementos do bioma Chaco no Pantanal, cuja maior extensão localiza-se no sudeste da Bolívia, norte da Argentina e norte do Paraguai.

Cesar Diniz/Pulsar Imagens

Área de lagoa aproveitada como pastagem em fazenda na planície pantaneira. Poconé (MT), 2020.

Agora que localizamos a abrangência desse bioma e sua relação com países que fazem fronteira com o Brasil, é hora de conhecer um pouco mais da diversidade e dos saberes que coexistem nesse território para nossa jornada de entendimento da diversidade brasileira, de seus desafios e da produção de conhecimentos que resistem pela prática e pelo ensinamento na memória do povo.

Manifestações pantaneiras

Temos conhecido, neste percurso, a interação e as criações de grupos humanos em diferentes territórios e biomas do Brasil. Aprendemos que compartilhar uma língua, criar significados comuns e sentidos para as coisas é uma forma de pensar no conceito de cultura. Não definimos esse conceito aqui, ao contrário, o objetivo é ampliar sua visão sobre a cultura brasileira por meio do estudo e da experiência entre saberes e fazeres diversos que são representativos de nossa formação social, cultural, econômica e histórica. Veremos agora duas manifestações da cultura popular pantaneira: o cururu e o siriri.

Mario Friedlander/Pulsar Imagens

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Mario Friedlander/Pulsar Imagens

O cururu (acima), cantado e dançado apenas por homens, e siriri (ao lado) são manifestações culturais de Mato Grosso. De origem indígena, essas tradições são mais populares nas zonas rurais e ribeirinhas. Cuiabá (MT), 2013.

Essas manifestações típicas da região pantaneira poderiam ter sido extintas se não fosse a dedicação das novas gerações em passar adiante versos, passos e tradições que fazem parte da cultura de Mato Grosso. As roupas coloridas e o agito das saias das moças confirmam a alegria da dança do siriri. O cururu é apresentado por homens e ambos são tocados com instrumentos típicos, como a **viola de cocho** e o **ganzá**.

GLOSSÁRIO

Ganzá: instrumento musical de percussão utilizado no samba e em outros ritmos brasileiros.

Viola de cocho: instrumento musical de cordas dedilhadas, variante regional da viola brasileira, comum nos estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul.

1. A forma da dança representada na imagem pelo movimento dos pés e das saias rodadas se parece com algum tipo de dança que você conhece ou já estudou?
2. Há alguma manifestação típica de sua região que esteja em via de extinção? Por que é importante manter esse tipo de manifestação cultural?

Não se pode pensar o Brasil sem considerar seu povo, sua produção cultural e simbólica, suas crenças, além de sua luta por melhores condições de vida. E tudo isso passa pelo reconhecimento da centralidade de negros e indígenas na formação da sociedade brasileira, entre outros aspectos abordados até aqui. "A história que a história não conta", frase do samba que abre nosso percurso, busca questionar, ao se estudar o povo brasileiro, qual é o lugar de negros e indígenas na construção de uma narrativa sobre o que é ser brasileiro.

Os povos indígenas carregam, assim como os negros, a marca da violência, da escravidão, do genocídio e da resistência. Intercalando a imagem do pitoresco, da pureza e da valentia, com a da servidão, do atraso e da preguiça, as questões indígena e negra seguem sendo pauta do imaginário do brasileiro de forma reducionista, estereotipada e silenciosa.

Relembrando parte da letra do samba da Mangueira campeão em 2019, visto no início da unidade, convidamos você, estudante, para conhecer e reconhecer o protagonismo dos negros e indígenas por meio do debate das questões etnorraciais, sugeridas na sequência desta proposta.

#Ficaadica

A Pedra do Reino e o príncipe do sangue do vai-e-volta, de Ariano Suassuna (Nova Fronteira). O livro apresenta a saga de Quaderna pelo universo mágico e encantado do sertão com inúmeras referências aos temas da cultura popular brasileira e interface com música, religião, mitos e demais elementos da identidade sertaneja.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Ciclo Vivo – Mapa interativo do desmatamento. Grande quantidade de mapas temáticos e interativos com ênfase no desmatamento e no impacto ambiental dos diferentes biomas do Brasil. Disponível em: https://ciclovivo.com.br/inovacao/tecnologia/conheca-o-mapa-interativo-que-mostra-o-desmatamento-no-mundo-em-tempo-real/. Acesso em: 3 maio 2020.

Geocast. Inúmeros *podcasts* que aprofundam o estudo de temas da Geografia como população, clima, economia, entre outros. Disponível em: https://geografiavisual.com.br/categoria/podcasts. Acesso em: 3 maio 2020.

GeoPark Araripe. Plataforma digital com imenso acervo sobre as pesquisas e estudos da fauna, flora e pessoas que vivem, interagem e transformam o local. O acervo conta com materiais como mapas, gráficos, fotografias, ente outros recursos. Disponível em: http://geoparkararipe.urca.br/. Acesso em: 3 maio 2020.

O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil, de Darcy Ribeiro (Global). Neste livro, Darcy Ribeiro apresenta a formação do povo brasileiro pelo encontro conflituoso e permanente entre indígenas, africanos e europeus ao longo do processo de colonização e da construção da ideia de Brasil.

Patativa, de Ítalo Maia (10 min). Animação sobre a vida e obra de Patativa do Assaré. A trajetória desse homem, personagem, mito e poeta embevecido pela compreensão crítica do mundo.

Pegada Ecológica. Página interativa que nos possibilita identificar a relação entre consumo e impacto ambiental no planeta, importante recurso para ampliação das questões socioambientais. Disponível em: www.pegadaecologica.org.br. Acesso em: 3 maio 2020.

Atividades

Responda às atividades a seguir no caderno.

1. Observe a fotografia e responda às questões.
   a) Considerando a ideia central do enredo apresentado pela Mangueira no Carnaval 2019, de que modo a cena retratada ao lado critica as "narrativas oficiais da história" mencionadas pelo carnavalesco Leandro Vieira?
   b) No Carnaval de 2019, o enredo da escola de samba Mangueira se propôs a narrar "uma história que a história não conta". Qual é o sentido dessa afirmativa?
   c) Em seu cotidiano, como você percebe a diversidade cultural, étnica e racial de nossa sociedade?
2. Estabeleça um paralelo com o presente observando duas manifestações culturais: o carimbó e a Festa do Sairé em Santarém, ambos no estado do Pará.

Buda Mendes/Getty Images

Detalhe do carro da Comissão de Frente da Estação Primeira de Mangueira. Rio de Janeiro (RJ), 2019.

Luciana Whitaker/Pulsar Imagens

O carimbó originou-se no estado do Pará no século XVII. É uma dança de tradição [illegible] instrumento indígena curimbó (que significa, em português, "pau que produz som"), também [illegible] artísticas e religiosas. Santarém (PA), 2017.

Luciana Whitaker/Pulsar Imagens

Introduzida na Amazônia durante as missões evangelizadoras de padres jesuítas no fim do século XVII, a Festa do Sairé é repleta de simbolismo e detalhes que mostram influências do Período Colonial, como o arco do Sairé. Santarém (PA), 2017.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

3. Analise duas reportagens: uma defende a expansão das fronteiras agrícolas e a outra é uma crítica da Aliança dos Povos da Floresta a essa perspectiva de desenvolvimento da região amazônica. Depois responda às questões.

Texto 1

[...] um estudo da **Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (FAO)** mostra que o país [Brasil] será o grande responsável por produzir os alimentos necessários para atender os mais de 9 bilhões de habitantes que habitarão o planeta em 2050. Nesse sentido e diante das críticas contra a expansão da agricultura no bioma amazônico, o pesquisador da Embrapa Rondônia Vicente de Paulo Godinho afirmou [...] que a região possui potencial e áreas para ampliação sustentável da agricultura. [...]

De acordo com o pesquisador da Embrapa, o bioma amazônico se mostra promissor para a agricultura pois é rico em um insumo fundamental, a água. "Estados como Rondônia e o Acre têm municípios que recebem até 2 800 milímetros de chuvas por ano. E isso proporciona a qualidade e a possibilidade de semear mais de uma cultura por ano", conta Godinho.

POPOV, Daniel. "Maior fronteira agrícola do mundo está no bioma amazônico", diz pesquisador da Embrapa. *Canal Rural*, São Paulo, 19 set. 2019. Disponível em: www.canalrural.com.br/sites-e-especiais/projeto-soja-brasil/maior-fronteira-agricola-mundo-amazonia-embrapa/. Acesso em: 23 abr. 2020.

Texto 2

A invasão nos territórios indígenas Munduruku provocadas por garimpeiros, madeireiros, turistas, pesquisadores e palmiteiros foi denunciada por lideranças da região do Médio e Alto Tapajós durante o Encontro dos Povos Mebengokrê. A atividade realizada às margens do Rio Xingu, no Mato Grosso, reuniu mais de 600 caciques e lideranças indígenas de 45 povos durante os dias 14 a 17 de janeiro. [...]

Convocado pelo Cacique Raoni, o Encontro dos Povos Mebengokrê foi realizado na Aldeia Piaraçu – a mesma da liderança indígena –, dentro da Terra Indígena Capoto/Jarina, na cidade de São José do Xingu (MT). Um dos destaques do Encontro foi a retomada da Aliança dos Povos da Floresta, movimento protagonizado por Chico Mendes na década de 1980 que foi marcado pela união de indígenas, ribeirinhos, seringueiros e outros povos da floresta.

EM ENCONTRO de lideranças, indígenas mundurukus denunciam ameaças do governo e invasões no território. *Terra de Direitos*, Curitiba, 21 jan. 2020. Disponível em: https://terradedireitos.org.br/noticias/noticias/em-encontro-de-liderancas-indigenas-munduruku-denunciam-ameacas-do-governo-e-invasoes-no-territorio/23232. Acesso em: 28 abr. 2020.

a) Quais são as semelhanças e diferenças entre os pontos de vista expressos em cada texto?

b) Qual é a relação entre os sujeitos sociais e as ideias que expressam?

4. (Enem 2010)

Coube aos Xavante e aos Timbira, povos indígenas do Cerrado, um recente e marcante gesto simbólico: a realização de sua tradicional corrida de toras (de buriti) em plena Avenida Paulista (SP), para denunciar o cerco de suas terras e a degradação de seus entornos pelo avanço do agronegócio.

RICARDO, B.; RICARDO, F. *Povos indígenas do Brasil*: 2001-2005. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2006 (adaptado).

A questão indígena contemporânea no Brasil evidencia a relação dos usos socioculturais da terra com os atuais problemas socioambientais, caracterizados pelas tensões entre:

a) a expansão territorial do agronegócio, em especial nas regiões Centro-Oeste e Norte, e as leis de proteção indígena e ambiental.

b) os grileiros articuladores do agronegócio e os povos indígenas pouco organizados no Cerrado.

c) as leis mais brandas sobre o uso tradicional do meio ambiente e as severas leis sobre o uso capitalista do meio ambiente.

d) os povos indígenas do Cerrado e os polos econômicos representados pelas elites industriais paulistas.

e) o campo e a cidade no Cerrado, que faz com que as terras indígenas dali sejam alvo de invasões urbanas.

5. (Enem 2011)

Que aspecto histórico da escravidão no Brasil do séc. XIX pode ser identificado a partir da análise do vestuário do casal retratado ao lado?

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

a) O uso de trajes simples indica a rápida incorporação dos ex-escravos ao mundo do trabalho urbano.

b) A presença de acessórios como chapéu e sombrinha aponta para a manutenção de elementos culturais de origem africana.

c) O uso de sapatos é um importante elemento de diferenciação social entre negros libertos ou em melhores condições na ordem escravocrata.

d) A utilização do paletó e do vestido demonstra a tentativa de assimilação de um estilo europeu como forma de distinção em relação aos brasileiros.

e) A adoção de roupas próprias para o trabalho doméstico tinha como finalidade demarcar as fronteiras da exclusão social naquele contexto.

Coleção particular

Fotografia de Militão Augusto de Azevedo, São Paulo, 1879. Fonte: ALENCASTRO, L. F. (org.). *Império*: a corte e a modernidade nacional. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. (Col. História da Vida Privada no Brasil).

PERCURSO 2

Relações étnico-raciais na sociedade brasileira

© Wagner Okasaki/Stockphoto.com

Nesta fotografia é possível perceber a diversidade étnica brasileira. Foto de 2019.

Até aqui constatamos que a diversidade é uma característica fundamental do processo de formação histórica da população brasileira. O Brasil é um país multiétnico, multicultural e multirreligioso. Em cada bioma do território brasileiro, há uma vasta diversidade de flora, fauna, pessoas, saberes e fazeres relacionados entre si e também com outros contextos regionais.

Somos um Brasil composto de muitos "brasis". Você já pensou sobre isso?

Com tantos brasis, questiona-se se é possível admitir apenas uma **brasilidade**, pela qual nos reconheçamos como brasileiros com base nos mesmos elementos identitários, ou, ao contrário, se há múltiplas formas de manifestar a brasilidade. Na perspectiva da pluralidade e das múltiplas singularidades que compõem os brasis, são os indivíduos, os grupos sociais e as coletividades conectadas por interesses e valores comuns que formam os próprios pontos de vista sobre o país e os brasileiros e, com base nisso, norteiam suas ações e intervenções na realidade em que vivem.

Isso nos leva a indagar: Quais as matrizes étnicas e culturais da sociedade brasileira? No [illegible] se percebe a visão de que nossa sociedade se formou do "encontro" entre indígenas, portugueses e africanos. No entanto, ela desconsidera o processo secular de dominação e resistência nas **relações étnico-raciais** construídas ao longo de nossa história desde o processo de colonização mercantilista implementado a partir do século XVI e que se estendeu até fins do século XVIII, em que se desenvolveram relações hierárquicas e desiguais entre esses povos.

A visão de "encontro" remete à idealização de que teriam se estabelecido relações harmônicas e predominantemente justas entre as populações indígenas, brancas e negras que compõem a sociedade brasileira, **escamoteando** a violência, a discriminação, o racismo, os conflitos e as tensões sociopolíticas que envolvem a luta dos povos indígenas e dos afro-brasileiros pela conquista de direitos.

Atualmente, o enfrentamento dessas situações ocorre de muitas formas, e as populações indígenas e afro-brasileiras permanecem exercendo protagonismo nas múltiplas realidades de nosso país.

GLOSSÁRIO

Brasilidade: caráter ou qualidade peculiar, individualizadora, do que ou de quem é brasileiro.

Escamotear: fazer com que algo desapareça sem que ninguém perceba.

Relações étnico-raciais são aquelas estabelecidas entre grupos sociais distintos, e entre indivíduos desses grupos, construídas com base em conceitos e ideias – referentes às diferenças e semelhanças relativas ao pertencimento racial desses indivíduos e dos respectivos grupos sociais –, que definem a maneira pela qual os outros sujeitos sociais os veem ou classificam. Ressalta-se que o sentido de "raça" na expressão não se refere ao conceito biológico de que haveria uma pretensa divisão entre raças humanas, uma vez que estudos amparados em evidências científicas no campo da Genética, Paleontologia e Biologia Molecular são unânimes em apontar que só há uma raça humana, cuja origem se deu na África. Na expressão, a palavra se refere à construção social e histórica que envolve características físicas e culturais atribuídas às etnias.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Povos indígenas no Brasil atual

A população indígena do Brasil atual descende dos ameríndios, povos que habitaram a América há milhares de anos. A presença ameríndia está marcada na nossa herança genética e no legado cultural que atuou na formação da sociedade brasileira, impactando a língua portuguesa, nossas práticas sociais e culturais, nossa alimentação, nossos hábitos etc.

Os povos indígenas contribuem imensamente para a pluralidade brasileira na forma de ver o mundo e de viver em sociedade. As línguas indígenas comunicam as diferentes concepções de sua cultura, sua visão sobre o que é o ser humano, o que é o mundo, por que estamos aqui, o sentido da vida, a relação que estabelecemos com a natureza, o que é natureza, o que é o tempo, o que é história. As artes (música, grafismo, cestaria, cerâmica) e o conhecimento deles sobre animais, vegetais, ecologia, alimentos, ervas medicinais, relações humanas etc. são preciosos e constituem importante patrimônio cultural brasileiro.

Durante grande parte do século XX, os indígenas enfrentaram políticas oficiais desenvolvidas em torno da ideia de que eram uma categoria social transitória, destinada ao desaparecimento à medida que ocorresse a assimilação por eles do modo de vida e da cultura "civilizada", quando então estariam plenamente integrados ao conjunto da sociedade. Esta visão negava-lhes o direito à identidade étnica e cultural. Até a Constituição de 1988, as leis do país não os reconheciam como pessoas totalmente capazes de exercer seus direitos, razão pela qual os colocavam sob a tutela do Estado, exercida por órgãos governamentais: o Serviço de Proteção ao Índio (SPI), entre 1910 e 1967, e, desde então, a Fundação Nacional do Índio (Funai). Em geral, a atuação desses órgãos esteve sujeita aos projetos de desenvolvimento nacional dos diferentes governos.

Nas décadas de 1980 e 1990, ganhou corpo a mobilização de lideranças indígenas, que se uniram para atuar de forma conjunta e coordenada na defesa dos interesses comuns em relação às terras e ao direito de viverem de acordo com suas culturas tradicionais.

O século XXI tem assistido a uma tomada de consciência e organização política dos indígenas muito forte, que também ajudou a revitalizar a identidade cultural desses povos.

De acordo com o Censo 2010 realizado pelo IBGE, a população indígena do Brasil é composta de 305 etnias, falantes de 274 línguas, e totalizava 896 917 indígenas distribuídos em todo o território brasileiro. Das pessoas que se autodeclararam indígenas, 36,2% viviam em cidades e 63,8% em áreas rurais; destas últimas, a maioria (57,7% do total) vivia em Terras Indígenas (TIs). O Censo 2010 indicou ainda que os indígenas representavam 0,4% do total da população brasileira.

Os **kadiwéus** são conhecidos como "índios cavaleiros" por sua grande habilidade na montaria. A tradição guerreira dos kadiwéus foi empregada na Guerra do Paraguai (1865-1870), quando lutaram contra os paraguaios ao lado das tropas brasileiras. Eles tiveram um papel decisivo na vitória do Brasil nesse conflito por dominarem o território do Chaco paraguaio. Atualmente, ocupam terras indígenas localizadas no Mato Grosso do Sul que incidem sobre o Pantanal, e há tensões e conflitos com os não índios decorrentes das invasões em suas terras.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Cassandra Cury/Pulsar Imagens

Homem e menino do povo **kadiwéu**, também conhecido como guaicuru, no município de Porto Murtinho (MS), 2016.

Pedro Ladeira/Folhapress

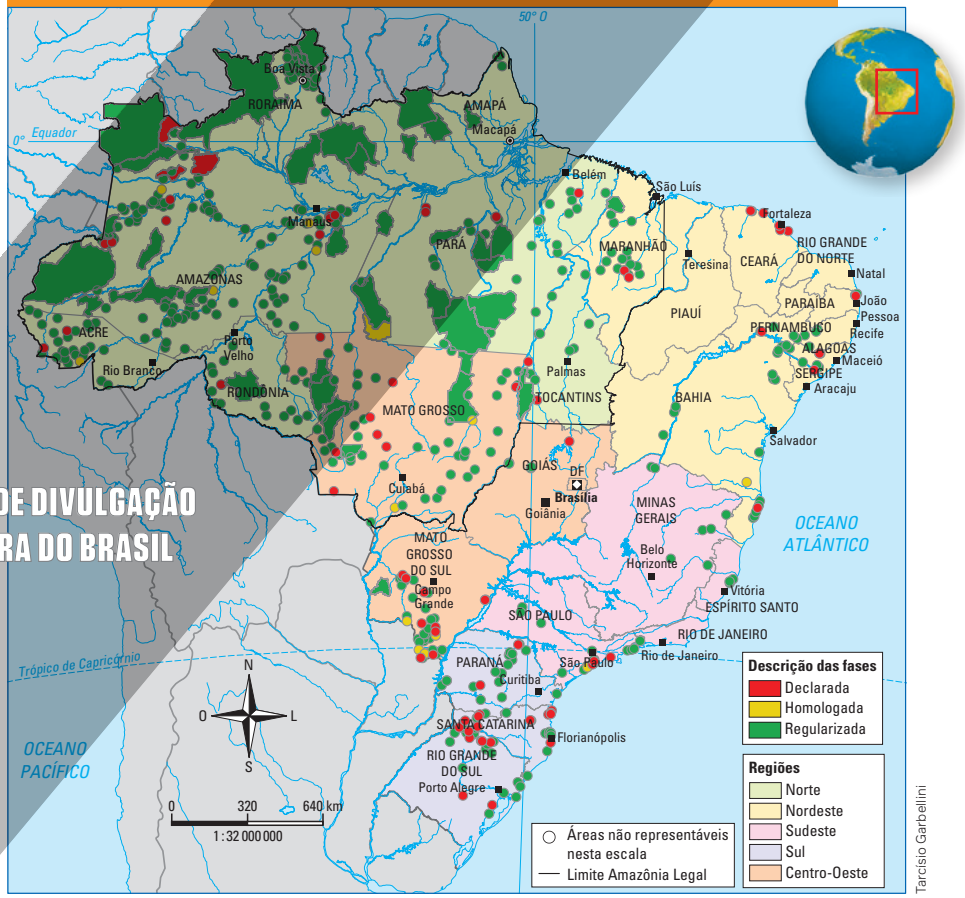
Em agosto de 2019, a Marcha das Mulheres Indígenas em Brasília reuniu cerca de 3 mil mulheres de diferentes etnias mobilizadas na defesa dos direitos dos povos indígenas ao território e deu visibilidade ao protagonismo das mulheres indígenas nas lutas coletivas. Brasília (DF), 2019.

Terras Indígenas (TIs)

As Terras Indígenas estão definidas no artigo 231 da atual Constituição Federal como: "terras tradicionalmente ocupadas pelos índios, as por eles habitadas em caráter permanente, as utilizadas para suas atividades produtivas, as imprescindíveis à preservação dos recursos ambientais necessários a seu bem-estar e as necessárias a sua reprodução física e cultural, segundo seus usos, costumes e tradições". Ela também estabelece que as TIs são bens da União (portanto, os indígenas não são seus proprietários, eles têm, sobre elas, os direitos de posse e usufruto) e reconhece aos indígenas "sua posse permanente, cabendo-lhes o usufruto exclusivo das riquezas do solo, dos rios e dos lagos nelas existentes". Dessa forma, ainda que recursos hídricos e riquezas minerais do solo pertençam à União, de acordo com a Constituição, sua exploração em terras indígenas é vedada aos não índios.

A Constituição definiu uma data, 5 de outubro de 1993, para a demarcação de todas as TIs. Contudo, ela não foi cumprida.

Brasil: localização e extensão das Terras Indígenas no Brasil



Tarcísio Garbellini

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Fonte: INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. Localização e extensão das TIs. *In*: ISA. *Povos Indígenas no Brasil*. [*S. l.*]: ISA, [2014?]. Disponível em: http://pib.socioambiental.org/pt/Localização_e_extensão_das_TIs. Acesso em: 24 fev. 2020.

1. Analise o mapa. Em seu estado, há Terras Indígenas? Forme com colegas um pequeno grupo e pesquise: Quem são os indígenas que as ocupam? Qual é a situação legal dessas terras indígenas? Elas estão homologadas? Quem são os antepassados de seus habitantes?
2. Com os colegas, faça um levantamento dos povos indígenas de seu estado registrando: nome do povo; população; localização; situação das terras indígenas; pequeno histórico; língua etc.

Conhecimento indígena

A ideia de território para as culturas tradicionais indígenas é bastante diferente daquela que vigora entre as culturas ocidentais. A noção de posse da terra não existia para eles. Quando os europeus chegaram, muitas nações indígenas não eram sedentárias (algumas ainda não são), mas sim móveis, transitando periodicamente em amplas regiões. Após as reconfigurações ocasionadas pela chegada dos europeus, elas se viram forçadas a se sedentarizar.

A noção de posse da terra não existia para eles.

É importante ressaltar que o solo de grande parte das TIs não é apropriado para o desenvolvimento da agricultura ou da pecuária. O solo de grande parte da Floresta Amazônica mostrou-se bastante pobre para o cultivo. Além disso, é preciso considerar o papel fundamental que as TIs desempenham na preservação de nossa diversidade cultural e também ecológica, uma vez que as comunidades indígenas, cientes da interdependência com a natureza, reconhecem o valor da proteção ambiental e do manejo sustentável dos recursos naturais.

1. Você já pensou que a proteção ambiental representada pelas TIs se converte em benefícios para todo o planeta?

Uma experiência indígena que se diferencia no manejo das TIs é a da **etnia paresi**, cujas terras localizam-se no Mato Grosso. Os paresis desenvolvem agricultura mecanizada no plantio de soja em uma área delimitada das terras. A situação gerou impasse porque o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais (Ibama) constatou o uso de grãos transgênicos, ou seja, modificados geneticamente, proibidos pelos padrões ambientais que definem o manejo agrícola das terras indígenas. Entre os kaiapós também há divergências. Eles se encontram divididos entre lideranças que apoiam a regulamentação da mineração em suas terras e outras que são contrárias e afirmam representar a maioria do povo.

Vozes

O dia 7 de outubro [de 2018] trouxe uma conquista para os povos indígenas brasileiros: Joênia Batista de Carvalho, do povo wapichana, foi eleita a primeira mulher indígena brasileira deputada federal. [...]

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Joênia também foi a primeira mulher indígena a se formar em Direito no país [illegible] de Roraima, em 1997, e pela University of Arizona, nos Estados Unidos.

Uma de suas bandeiras, que a fez entrar no mundo da política, foi a luta pela demarcação da reserva indígena Raposa Serra do Sol. [...]

Sergio LIMA/AFP

Joênia, em Brasília (DF), 2019.

FUNAI: Você foi a primeira mulher indígena a se formar em Direito e agora é a primeira mulher indígena a ser eleita deputada federal. O que isso significa na luta pelos direitos das mulheres e pelos direitos dos povos indígenas?

JOÊNIA: Eu estou muito feliz por ter recebido bastante apoio das mulheres indígenas, das mulheres do movimento social. Os direitos das mulheres eu sempre coloquei nas minhas falas, que nós mulheres temos que estar unidas porque temos questões específicas, nós temos questões que só nós sabemos. [...]

Nós, indígenas, temos uma riqueza cultural e valores que talvez seja isso que esteja faltando no Congresso Nacional. Os valores indígenas, que tomam decisões em conjunto, choram junto, festejam junto e todos se preocupam com todos, não somente com seu bolso, não somente com a sua família.

WAPICHANA, Joênia. Funai entrevista Joênia Wapichana – a primeira mulher indígena a ser eleita deputada federal no Brasil. Entrevista cedida a Ana Carolina Aleixo Vilela. *Funai*, Brasília, 8 out. 2018. Disponível em: www.funai.gov.br/index.php/comunicacao/noticias/5065-funai-entrevista-joenia-wapixana-a-primeira-mulher-indigena-a-ser-eleita-deputada-federal-no-brasil. Acesso em: 23 abr. 2020.

A historiografia das culturas ameríndias

The Metropolitan Museum of Art

A descoberta da América, desenho de Jan van der Straet e gravura de Theodoor Galle, c. 1600, 27 cm × 20 cm. Mostra Américo Vespúcio acordando a América, representada como uma indígena que dormia na rede. À esquerda, é possível ver caravelas e, ao fundo, uma cena de **antropofagia**. Encostados na árvore, há um **tacape** e um tamanduá-bandeira.

No século XV, o continente americano – um território imenso com vários biomas, climas, vegetações, faunas, relevos – era habitado por milhões de pessoas, organizadas em diferentes sociedades com culturas, línguas e estruturas políticas diversas. As estimativas variam muito entre os pesquisadores: o Império Inca possuía uma população de mais de 15 milhões de pessoas; a confederação asteca englobava algo em torno de 25 milhões de habitantes; a região do Caribe, algo em torno de 10 milhões; o território brasileiro contava com cerca de 5 a 6 milhões de indígenas, segundo estudos da Universidade de Berkeley, na Califórnia.

A chegada dos europeus à América durante o processo de expansão marítima e mercantilista (final do século XV e início do XVI) não só provocou uma imensa mudança na vida dos povos que habitavam o continente mas também representou uma revolução e um marco na história de toda a humanidade.

Ávidos por conhecer novas terras, enriquecer e difundir a fé cristã, os europeus demoraram cerca de dez anos para perceber que haviam chegado a um novo continente, a um Novo Mundo. A surpresa, o espanto e a confusão sentidos pelos americanos (ou ameríndios) com o encontro não foram menores do que os manifestados pelos europeus: Como dar sentido àquela gente nova, com uma aparência jamais vista, que subvertia expectativas e convenções?

Com base em um olhar **etnocêntrico**, pelo qual um grupo reconhece apenas seus próprios padrões culturais como válidos, os europeus avaliaram os "índios" como povos que precisavam ser civilizados e cristianizados. Difundiram-se, a partir de então, visões preconceituosas que levaram à construção social de imagens estereotipadas dos indígenas.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Houve um acirrado debate sobre a natureza daqueles seres: Partilhariam eles da mesma natureza humana dos europeus? Como explicar a existência daqueles povos tão diferentes em sua essência e aparência? Por fim, prevaleceram os teóricos favoráveis à natureza humana dos indígenas.

Os historiadores procuram compreender o significado desse acontecimento e do processo que ele desencadeou por meio de diferentes perspectivas e ideologias: a da conquista, a do encontro de culturas, a do choque de culturas, a do descobrimento. É importante evitar simplificações para analisar esse processo histórico tão complexo, marcado pelo jogo das forças sociais, pelas ações dos sujeitos históricos e suas consequências, e pelas compreensões e incompreensões entre indivíduos de sociedades pertencentes a universos simbólicos distintos.

A história das culturas ameríndias que habitavam o que hoje conhecemos como território brasileiro enfrenta ainda outros problemas: a ausência quase total de fontes textuais e iconográficas que tenham sido produzidas por indígenas, cujas culturas se baseavam na transmissão oral do conhecimento; o eurocentrismo das fontes iconográficas e escritas disponíveis (crônica colonial de portugueses, franceses e outros europeus, correspondência jesuítica e gramáticas das línguas indígenas); a falta de metodologia consolidada de história oral; e o limitado número de estudos que consideram os indígenas como sujeitos históricos ou que tratam especificamente de temáticas indígenas.

GLOSSÁRIO

Antropofagia: prática ritual de canibalismo entre seres humanos.

Etnocêntrico: relativo ao etnocentrismo, isto é, quando um determinado grupo sociocultural, ao entrar em contato com outro que apresenta práticas culturais distintas, compreende essas diferenças como ameaças à sua identidade cultural, dando margem a preconceitos e hierarquizações que classificam uma cultura como superior a outra.

Tacape: arma indígena feita de pau maciço e pesado, com uma das extremidades mais larga.

Novos estudos e o relativismo cultural

As consequências disso são que, comparativamente a outras áreas, havia poucos estudos sobre a história indígena, ou estudos sobre a história brasileira que considerem os indígenas como sujeitos históricos fundamentais, e não como atores passivos (figurantes) ou secundários. Mas, a partir do final do século XX, tais estudos se multiplicaram, inicialmente num movimento de antropólogos que, no contexto das lutas por direitos sociais que desabrocharam na Constituição de 1988 – com a adesão posterior de historiadores –, perceberam a necessidade de se buscar legitimação histórica para o processo de legalização de Terras Indígenas.

No campo dos estudos das culturas indígenas realizados por pesquisadores das Ciências Humanas, ganhou relevância a abordagem do **relativismo cultural**, proposto inicialmente pelo antropólogo Franz Boas (1858-1942), nascido na Alemanha, mas tendo desenvolvido a carreira acadêmica nos Estados Unidos, para onde migrou em 1887. O relativismo cultural se contrapõe aos estudos baseados na visão evolucionista e etnocêntrica; sua concepção é a de que sociedades diferentes têm cosmovisões diferentes, formas próprias de viver, de solucionar seus problemas, de construir sua história, e todas elas são igualmente válidas. Dessa maneira, o relativismo cultural rejeita a hierarquização de culturas com base no padrão de uma única cultura – como acontece quando se adota a cultura ocidental como modelo universal.

Grafismo kadiwéu: marca de identidade

A diversidade cultural dos povos indígenas pode ser observada nas artes indígenas, dentre as quais se destacam diferentes tipos de grafismo, como são chamados os desenhos de traços finos que reproduzem padrões geométricos em objetos ou no próprio corpo. Além de decorar peças de cerâmica, o grafismo tem um papel social importante. Ainda hoje, muitos povos continuam a praticar essa arte, como é o caso dos kadiwéus, que vivem principalmente no Mato Grosso do Sul.

Apesar da permanência das artes gráficas nas pinturas corporais, desenhadas sobretudo no rosto, seu significado já não é mais o mesmo. O grafismo, originalmente, tinha uma função social que se perdeu: tratava-se de uma forma de distinção social, que diferenciava nobres e guerreiros dos demais membros da comunidade. Assim, além de um papel estético, a arte era uma maneira de m[illegible]

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Cassandra Cury/Pulsar Imagens

Jovem kadiwéu com pintura corporal. Porto Murtinho (MS), 2016.

1. Por que existem poucos estudos históricos sobre os povos indígenas? Por que isso ocorre num país como o Brasil, que tem a matriz indígena como constitutiva de sua identidade étnico-cultural?
2. Até recentemente, a produção de estudos sobre as culturas indígenas que levavam em conta as narrativas dos próprios indígenas era limitada.
   a) Identifique as principais dificuldades de se pesquisar e escrever a história dos povos indígenas no Brasil sob a perspectiva dos próprios povos.
   b) Na sua avaliação, essa situação se relaciona com a permanência de visões estereotipadas dos povos indígenas? Justifique.
   c) No tempo presente, os povos indígenas do Brasil exercem protagonismo na luta por seus direitos. Identifique suas principais reivindicações e analise os obstáculos para sua plena realização.
3. Apesar da função social do grafismo usado na pintura corporal dos kadiwéus ter se perdido, a fotografia acima mostra que essa prática ainda existe entre eles. Que papel o grafismo dos kadiwéus poderia desempenhar nos dias de hoje?

Análise

A Rádio Yandê

A Rádio Yandê, primeira rádio indígena *on-line* do Brasil, opera desde novembro de 2013 e foi fundada pelos jovens indígenas Anápuáka Muniz, da etnia tupinambá e pataxó, Renata Machado, da etnia tupinambá, e Denilson Monteiro, da etnia baniwa.

Rádio Yandê | @radioyande

A palavra tupi *yandê* quer dizer "eu, nós ou ele", ideia presente no *slogan* "A rádio de todos".

Saiba mais informações sobre essa rádio:

A comunicação indígena rompe com a perspectiva ocidental de mídia e o que é comunicar. Derivada do latim a palavra *communicare* significa "tornar comum", "partilhar", "conferenciar". Para os povos originários, a comunicação está ligada aos **universos cosmológicos** e filosóficos de suas culturas. [...]

A Rádio Yandê é a primeira ***web* rádio** indígena do Brasil [...] É fruto da experiência dos comunicadores indígenas em diferentes projetos na área, inspirados por pensadores indígenas de diferentes épocas e surgiu como um laboratório de mídias indígenas para a valorização da cultura, arte, música, educação, língua, filosofia e história. Ela fomenta a comunicação dos povos indígenas do Brasil, compartilhando, realizando produções indígenas e oficinas de etnomídia. [...]

Ela fomenta a comunicação dos povos indígenas do Brasil, compartilhando, realizando produções indígenas e oficinas de etnomídia.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Etnomídia é comunicar expressando sua identidade étnica para que exista um real empoderamento na apropriação das novas tecnologias pelos povos e culturas que a usam como ferramenta, fugindo da colonização audiovisual ou midiática dos formatos de mídia padronizados pelo pensamento ocidental [...]. O conceito surge numa escola brasileira de Comunicações, para incentivar a pesquisa e debate do impacto do discurso midiático sobre os grupos étnicos, foi registrado no **CNPq** e confirmado pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), em 1997 [...]. A etnomídia indígena é uma constante desconstrução das práticas estabelecidas pela indústria cultural em veículos de comunicação [...].

MACHADO, Renata. Yandê, etnomídia indígena e educação. *Revista Cátedra Digital*, Rio de Janeiro, v. 4, [201?]. Disponível em: https://revista.catedra.puc-rio.br/index.php/yande-etnomidia-indigena-e-educacao/. Acesso em: 13 abr. 2020.

GLOSSÁRIO

CNPq: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, fundação pública vinculada ao Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações que visa fomentar a pesquisa científica, tecnológica e de inovação e promover a formação de recursos humanos qualificados para a pesquisa, em todas as áreas do conhecimento.

Universos cosmológicos: modelos complexos que expressam as concepções de cada cultura indígena a respeito da origem do Universo e de todas as coisas que existem no mundo.

***Web* rádio:** tipo de emissora que dispõe seu conteúdo e suas transmissões somente pela internet e cujo conteúdo é acessado por computador e telefone celular com acesso à internet.

1. Em que medida a Rádio Yandê pode ser considerada uma iniciativa da comunidade indígena que une tradição e inovação?
2. Na abertura desta unidade você viu o que é **indústria cultural**, conceito proposto pelos filósofos alemães Adorno e Horkheimer, e, no texto acima, o conceito de **etnomídia**. Com base no que você entendeu desses conceitos, analise a afirmativa: "A Rádio Yandê se contrapõe à indústria cultural".

O Brasil africano

O Brasil tem a segunda maior população negra do mundo, sendo superado apenas pela Nigéria, país do continente africano. Levantamento feito em 2018 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua (PNAD-C) indicou crescimento de 32,2% no número de pessoas que se autodeclararam pretas em relação aos números de 2012. Seguindo o IBGE, no período de 2012 a 2018, a declaração da cor preta no país aumentou a cada ano. Como escreveu cerca de vinte anos atrás o ativista carioca pelos direitos civis do povo negro Nei Lopes:

> [...] tudo leva a crer que a população negra continuará existindo e se multiplicando no Brasil, e que os mestiços de negros estarão, cada vez mais, assumindo, orgulhosamente, sua porção africana.

LOPES, Nei. *Dicionário escolar afro-brasileiro*. 2. ed. São Paulo: Selo Negro, 2015. p. 9.

1. Que razões você imagina que explicam o crescente fenômeno social de valorização e orgulho da ancestralidade africana protagonizado pela população afro-brasileira?

A análise da presença da matriz africana em nossa formação sociocultural envolve as relações sociais e as dinâmicas de poder que se estabeleceram na sociedade brasileira ao longo da nossa história (incluindo o tempo presente) no que se refere à população afro-brasileira e aos desafios na superação das desigualdades que a afetam.

Veja o que informa o relatório "Desigualdades sociais por cor ou raça no Brasil", divulgado pelo IBGE em 2019, a respeito do tema:

Sérgio Pedreira/Pulsar Imagens

A capoeira é uma manifestação cultural afro-brasileira que se expressa pela simulação de uma luta ao som de cânticos tradicionais conduzidos por berimbau e instrumentos de percussão. Ela se desenvolveu como forma de sociabilidade entre a população negra escravizada e também como estratégia de resistência à escravidão e, a partir da Abolição, ao racismo. Salvador (BA), 2019.

> O combate às desigualdades sociais no Brasil tem sido objeto de estudiosos e formuladores de políticas públicas envolvidos no diagnóstico e na execução de medidas para sua redução. Entre as formas de manifestação dessas desigualdades, a por cor ou raça ocupa espaço central nesse debate, pois envolve aspectos relacionados às características do processo de desenvolvimento brasileiro, que produziu importantes **clivagens** ao longo da história do país. Como consequência, há maiores níveis de vulnerabilidade econômica e social nas populações de cor ou raça preta, parda e indígena, como demonstram diferentes indicadores sociais que vêm sendo divulgados nos últimos anos.

IBGE. Desigualdades sociais por cor ou raça no Brasil. *Estudos e Pesquisas*: informação demográfica e socioeconômica, Rio de Janeiro, n. 41, p. 1, 2019. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681_informativo.pdf. Acesso em: 9 maio 2020.

GLOSSÁRIO

Clivagem: ação de dividir, separar.

O cenário apontado no relatório indica que na realidade brasileira as desigualdades sociais e raciais se inter-relacionam. Você já pensou por que isso acontece? As relações étnico-raciais da sociedade brasileira se construíram ao longo do tempo vinculadas e influenciadas pela escravidão que, por quase quatro séculos, moldou nossa história. Esse processo deixou como legado o racismo, entendido como um sistema de opressão que nega direitos – nesse caso, os direitos da população negra brasileira.

Conceito racial

Nas palavras do filósofo Silvio Almeida:

> O racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a **raça** como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertençam.
>
> Embora haja relação entre os conceitos, o racismo difere do preconceito racial e da discriminação racial. O preconceito racial é o juízo baseado em estereótipos acerca de indivíduos que pertençam a um determinado grupo racializado, e que pode ou não resultar em práticas discriminatórias. Considerar negros violentos ou inconfiáveis, judeus avarentos ou orientais "naturalmente" preparados para as Ciências Exatas são exemplos de preconceitos.
>
> A discriminação racial, por sua vez, é a atribuição de tratamento diferenciado a membros de grupos racialmente identificados.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. *Racismo estrutural*. São Paulo: Pólen Livros, 2019. p. 32.

O significado do termo **raça** relaciona-se aos estudos biológicos por meio dos quais se estabeleceram formas de classificação aplicadas inicialmente a plantas e animais e, depois, às sociedades humanas. Hoje, os meios científicos e acadêmicos reconhecem a inexistência de diferenças raciais entre os grupos humanos; as pesquisas evidenciam que só existe uma raça humana. Contudo, no século XIX, emergiram teóricos que aplicaram ao campo das Ciências Humanas os princípios da teoria darwinista de seleção natural na evolução das espécies, classificando os povos de acordo com padrões socioculturais europeus, tidos como mais "avançados", o que deu origem a teorias raciais. Essas teorias foram absorvidas pelas elites socioeconômicas e intelectuais do Brasil a partir de fins do século XIX; aqui, as características físicas da população afro-brasileira, especialmente a cor da pele, converteram-se em elementos de identificação da condição social subalterna imposta pelo regime de escravidão e que se manteve mesmo após a Abolição (dada a ausência de políticas públicas que garantissem a inclusão socioeconômica dos libertos e seu acesso à cidadania).

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Em dupla, resolvam as questões a seguir com base no fragmento do texto do filósofo Silvio Almeida e registrem as respostas no caderno.

1. Tendo por base o conceito de racismo expresso pelo autor, onde encontramos exemplos de racismo na sociedade brasileira?
2. Diferenciem racismo, preconceito racial e discriminação racial.
3. Como podemos desenvolver ações de superação do racismo e da discriminação racial na sociedade brasileira?

No contexto atual, o uso do termo **raça** está desvinculado do caráter biológico e é entendido como uma categoria construída socialmente, que revela a maneira como as pessoas se relacionam com base em ideias raciais. Como esclarece a historiadora e antropóloga Lilia Schwarcz:

> Raça é ainda um conceito poderoso, e persiste como construção histórica e social, matéria-prima para o discurso das nacionalidades, ou como marcador social que identifica e classifica pessoas e situações.

BOTELHO, André; SCHWARCZ, Lilia Moritz (org.). *Cidadania, um projeto em construção*: minorias, justiça e direitos. São Paulo: Claro Enigma, 2012. p. 101.

Dessa forma, o termo **raça** é empregado como categoria sociopolítica para identificar, entender e superar as desigualdades decorrentes da escravidão e do colonialismo sobre os direitos da população afro-brasileira e indígena em relação à população branca. Não é demais lembrar que o Brasil foi o último país a abolir a escravidão moderna, em 1888, e que, na história do país, as hierarquias sociais e de poder estão, desde o Período Colonial, articuladas às distinções raciais entre brancos, negros e indígenas.

Mauro Akiin Nassor/Fotoarena

Manifestação da Marcha Julho das Pretas para protestar contra o racismo e o machismo. Salvador (BA), 2019.

Escravidão e racismo

As origens do racismo no Brasil estão diretamente vinculadas ao passado escravista da sociedade brasileira. Segundo pesquisas do historiador Luiz Felipe de Alencastro, entre meados dos séculos XV e XIX, a **diáspora africana** atingiu 10 milhões de pessoas; desse total, cerca de 4,9 milhões desembarcaram no Brasil (principalmente em Salvador, Recife e Rio de Janeiro), que se tornou o principal receptor de cativos em todo o continente americano, seguido das colônias antilhanas, que atualmente correspondem a Cuba, Jamaica e Haiti.

Embora a escravidão já fosse praticada por diferentes povos africanos antes da emergência do comércio negreiro pelo Atlântico, as pesquisas especializadas no tema indicam que tais práticas locais [illegible] aquele que se estruturou com o comércio regular de escravizados entre a África e a América. O termo **escravidão** nem sequer existia nas línguas africanas e, entre os povos subsaarianos, o cativeiro era resultado, sobretudo, de guerras entre diferentes nações em contextos socioculturais nos quais a **linhagem** dos indivíduos era fator de coesão social.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

GLOSSÁRIO

Diáspora africana: processo de migrações forçadas de milhões de negros e negras obrigados a deixar os territórios em que viviam na África para, na condição de escravizados, cruzar o Atlântico com destino à América.

Linhagem: linha de parentesco; genealogia.

Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro

Johann Moritz Rugendas. *Negros no fundo do porão* [O Navio Negreiro], 35,5 cm × 51,3 cm. Gravura publicada em "Viagem Pitoresca através do Brasil", 1835.

Após ser implantado pelos mercadores europeus nos entrepostos comerciais africanos, o tráfico atlântico tornou-se um negócio muito lucrativo em torno do qual havia interesses tanto de comerciantes das nações europeias e americanas quanto de lideranças políticas de reinos, cidades e aldeias africanas que participavam do sistema de troca de negros capturados por bens. No entanto, é um equívoco considerar que os próprios africanos vendiam africanos, já que naquele contexto não havia qualquer identidade pela qual as diversas etnias que viviam no território africano se entendessem por "africanos". De acordo com suas formas de organização sociopolítica (diferentes das europeias), eles capturavam e forneciam para o tráfico indivíduos de povos ou linhagens rivais. Como esclarece o pesquisador José Rivair Macedo:

> A consciência coletiva da existência de uma identidade continental entre os povos das nações africanas surgiu apenas no século XX, no momento de sua emancipação frente aos europeus. Até então, o sentimento de identidade não ia além da comunidade de aldeia, linhagem, grupo tribal, ou, no máximo, grupo linguístico.

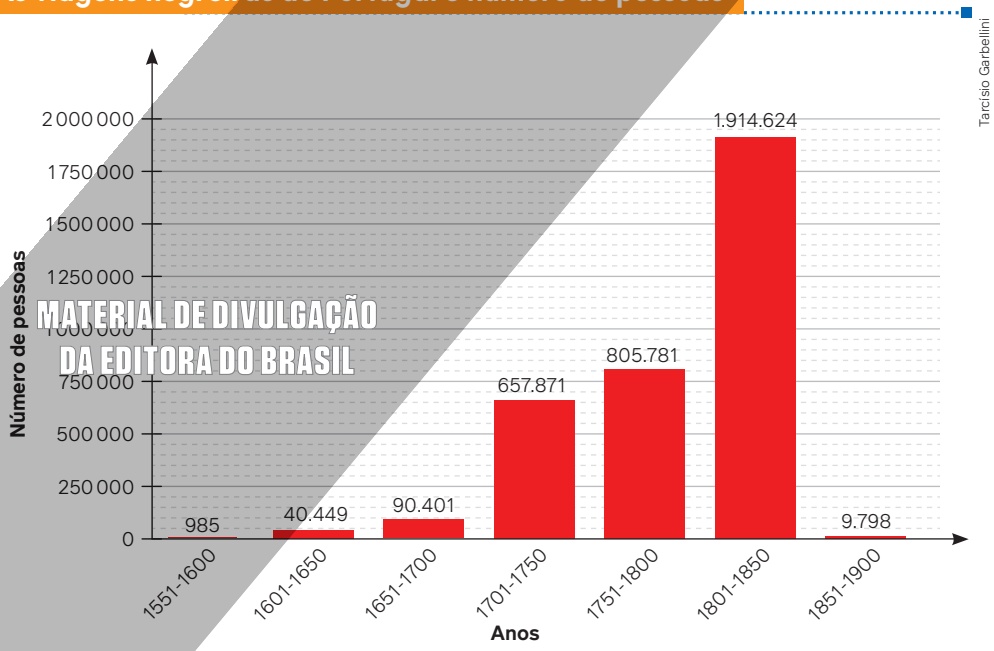
MACEDO, José Rivair. *História da África*. São Paulo: Contexto, 2013. p. 101.

Análise

Comércio negreiro e a Lei Eusébio de Queiroz

No início do processo de colonização, estabeleceu-se na América Portuguesa o trabalho escravo e organizou-se a dinâmica comercial do tráfico negreiro para portos do Brasil, que se manteve ativo até 1850, quando a Lei Eusébio de Queiroz o extinguiu.

As viagens negreiras de Portugal e número de pessoas



MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Fontes: ROSSI, Amanda. Navios portugueses e brasileiros fizeram mais de 9 mil viagens com africanos escravizados. *BBC News Brasil*, São Paulo, 7 ago. 2018. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45092235; COMÉRCIO transatlântico de escravos – Base de dados. *In*: UNIVERSIDADE DE EMORY. *Viagens em escravo*. Atlanta, c2019. Disponível em: www.slavevoyages.org/voyage/database. Acessos em: 9 maio 2020.

1. A proibição do tráfico de pessoas escravizadas ao Brasil estabelecida pela Lei Eusébio de Queiroz foi efetiva? Justifique com base nos dados do gráfico.
2. Como você explica a manutenção da escravidão no Brasil até 1888, quando a Lei Áurea declarou extinta a escravidão no país, se o transporte de escravizados da África aos portos brasileiros cessou em 1850?

De onde vinham?

Os escravizados que aqui chegaram provinham de diferentes regiões da África (Golfo da Guiné, Congo, Angola, Moçambique) onde constituíam povos distintos, com línguas, tradições culturais e sistemas sociais específicos.

Ao se inserirem na sociedade colonial, os africanos da diáspora recriaram tradições ancestrais por meio da mescla de elementos das suas respectivas culturas, construindo a cultura afro-brasileira que, por sua vez, recebeu influências das culturas dos povos indígenas e dos portugueses. Nesse processo, com base nas memórias compartilhadas da vida na África, da assimilação de traços culturais semelhantes e da incorporação de elementos do catolicismo praticado no Brasil, a população de origem africana modelou novas expressões religiosas, como candomblé, tambor de mina, xangô e umbanda.

Érica Catarina Pontes/Futura Press

O tambor de crioula, expressão da cultura popular do Maranhão, é uma manifestação afro-brasileira que envolve dança circular feminina, canto e percussão de tambores. Maranhão, 2016.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Protagonismo negro na luta por direitos

No sistema escravista que vigorou no Brasil entre os séculos XVI e XIX, os escravizados eram considerados por seus senhores proprietários como "bens patrimoniais", "coisas", "mercadorias". Contudo, a condição de escravizados não anulou nesses homens e mulheres vontades e ideias próprias, pelas quais lutaram com afinco e por meio das quais procuraram impor limites à opressão senhorial. Isso significa que, apesar da escravidão, os escravizados não deixaram de ser sujeitos históricos, definidos e definindo-se nas relações sociais que mantinham entre si e com os outros segmentos da sociedade brasileira.

Durante o longo período em que a escravidão permaneceu como regime de trabalho formal no Brasil, foram incontáveis as experiências de formação de quilombos, que se constituíam em uma verdadeira organização social, militar e econômica, cuja comunidade buscava construir uma vida coletiva reconectada com a ancestralidade africana. O mais célebre deles, o Quilombo dos Palmares, formou-se na Serra da Barriga, no atual estado de Alagoas, e entre 1630 e 1695 desafiou os senhores e as autoridades locais. Muitos outros se espalharam pelo território brasileiro e se transformaram em um dos mais importantes mecanismos de luta contra a escravidão, mas não o único. Revoltas armadas (como a dos Malês, que agitou as ruas de Salvador em 1835); fugas; assassinatos de senhores, feitores e/ou capitães do mato; suicídios; abortos; negligências no trabalho (danos deliberados aos instrumentos de trabalho, por exemplo) foram práticas comuns na resistência à escravidão e na luta para recuperar a liberdade e a dignidade humana.

Museu Afro Brasil, São Paulo

Abolicionista, Luís Gama foi o primeiro jornalista negro do Brasil. Em 1864, fundou o *Diabo Coxo*, primeiro jornal ilustrado de São Paulo. Retrato de Militão Augusto de Azevedo, c. 1880.

Mesmo após a Abolição, as lutas por direitos prosseguiram. Para grande parcela da população negra, o fim da escravidão formal não representou o fim da discriminação racial.

Foi notório o engajamento da população cativa e de libertos na campanha abolicionista que se consolidou na segunda metade do século XIX. Um dos nomes de destaque desse período foi Luís Gama, filho de português e de ex-escravizada, que na infância foi vendido como cativo pelo pai para saldar dívidas de jogo e, anos depois, conseguiu reunir provas de que nascera livre, recuperando a liberdade. Como rábula (advogado sem formação acadêmica), Gama resgatou a liberdade de centenas de escravizados por meio do sistema judicial de São Paulo.

Outro nome importante é o da escritora negra Maria Firmina dos Reis, que publicou em 1859, no Maranhão, o livro *Úrsula*, considerado o primeiro romance da literatura afro-brasileira. Nele, evidencia-se sua posição antiescravagista por meio da humanização dos personagens Túlio e Susana, escravizados a quem dá voz na narrativa para contarem os horrores da escravidão sob seus pontos de vista. Em 1887, publicou na imprensa maranhense o conto *A escrava*, no qual também aborda o tema da escravidão na perspectiva do escravizado.

Mesmo após a Abolição, as lutas por direitos prosseguiram. Para grande parcela da população negra, o fim da escravidão formal não representou o fim da discriminação racial. No início do século XX, uma atuante imprensa negra se colocava contra as teorias e práticas racistas e, em suas publicações, defendia o acesso dos afro-brasileiros à educação como passaporte para melhores condições de vida. De lá para cá, as demandas se multiplicaram e também as mobilizações do povo preto e pardo contra variadas formas de preconceito e racismo e pela defesa de mecanismos sociais, políticos e culturais promotores de justiça social.

O protagonismo coletivo da população negra é evidenciado pelo Movimento Negro Unificado (MNU), organização fundada em 7 de julho de 1978, durante a Ditadura Civil-Militar, na cidade de São Paulo. Essa data é hoje celebrada como Dia Nacional de Luta contra o Racismo. Entre as ações do movimento estão iniciativas pelo reconhecimento e valorização da contribuição do povo negro para a construção do Brasil no passado e no presente.

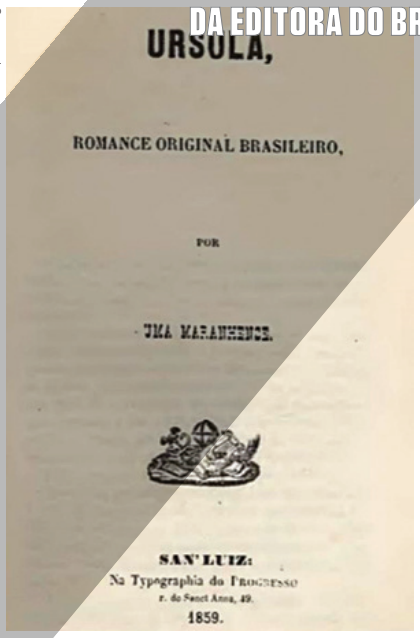
A luta permanece

Desde o início do século XXI, ganharam evidências as discussões de medidas para superar o **racismo institucional**, definido pelo Programa de Combate ao Racismo Institucional, implementado no país em 2005, como:

> [...] o fracasso das instituições e organizações em prover um serviço profissional e adequado às pessoas em virtude de sua cor, cultura, origem racial ou étnica. Ele se manifesta em normas, práticas e comportamentos discriminatórios adotados no cotidiano do trabalho, os quais são resultantes do preconceito racial, uma atitude que combina estereótipos racistas, falta de atenção e ignorância. Em qualquer caso, o racismo institucional sempre coloca pessoas de grupos raciais ou étnicos discriminados em situação de desvantagem no acesso a benefícios gerados pelo Estado e por demais instituições e organizações.

GELEDÉS; CFEMEA (coord.). *Guia de enfrentamento do racismo institucional*. [*S. l.*]: ONU Mulheres, 2013. p. 11. Disponível em: http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2013/12/Guia-de-enfrentamento-ao-racismo-institucional.pdf. Acesso em: 9 maio 2020.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL



Wikipedia.org

Folha de rosto da 1ª edição do romance abolicionista *Úrsula*, publicado em 1859, de Maria Firmina dos Reis, que, além de escritora, foi professora concursada na Vila de Guimarães, tendo sido a primeira mulher aprovada em um concurso público no Maranhão.

Em empresas, o racismo institucional pode ser notado nos baixos índices de negros e negras nos cargos de direção, gerência e chefias intermediárias, conforme atesta a pesquisa realizada pelo Instituto Ethos e pelo IBGE em 2010 relativa ao perfil social, racial e de gênero das 500 maiores empresas do Brasil, segundo a qual:

> [...] nos quadros funcionais e de chefias intermediárias, os negros ocupam, respectivamente, 31,1% e 25,6% dos cargos. Na gerência, são 13,2% e na diretoria, 5,3%. A situação da mulher negra é pior: ela fica com 9,3% dos cargos da base e 0,5% do topo. Em números absolutos, significa que, no universo que as empresas informaram de 119 diretoras e 1 162 diretores de ambos os sexos, negros e não negros, apenas seis são mulheres negras.
>
> GELEDÉS; CFEMEA (coord.). *Guia de enfrentamento do racismo institucional*. [*S. l.*]: ONU Mulheres, 2013. p. 13. Disponível em: http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2013/12/Guia-de-enfrentamento-ao-racismo-institucional.pdf. Acesso em: 9 maio 2020.

Visando superar essas disparidades, as lutas sociais apontam para a necessidade de as empresas reconhecerem o racismo institucional, entenderem-no como entrave que perpetua as desigualdades e implementarem programas que ampliem a participação desse grupo racial em posições de liderança e ainda programas de combate a comportamentos e práticas discriminatórias e preconceituosas no cotidiano do trabalho.

Democracia racial, um mito

Durante grande parte da história recente do Brasil prevaleceu a ideia de que o sistema escravista que vigorou no país do século XVI ao XIX foi menos opressor que em outras partes da América, o que teria resultado em relações raciais harmônicas entre brancos e negros com o fim da escravidão.

Os defensores dessa tese justificavam-na pela ausência no Brasil, abolida a escravidão, de leis segregacionistas como as que havia, por exemplo, em parte dos Estados Unidos, onde o princípio "separados, mas iguais" estabelecia a separação de negros e brancos em lugares públicos como escolas e trens. Dessa forma, entendiam que imperava em nosso país a democracia racial assentada na concepção de que aqui a miscigenação entre brancos, negros e indígenas criou um povo mestiço e que, assim, não fazia sentido atribuir a noção de "superioridade" ou "inferioridade" a nenhum grupo. Mas, do ponto de vista histórico, tal análise não leva em conta a situação de exclusão socioeconômica imposta pelo Estado brasileiro aos ex-cativos e seus descendentes nos anos que se seguiram ao fim da escravidão.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Luciana Whitaker/Pulsar Imagens

Tradição e história: de origem africana, o jongo envolve canto, dança e percussão de tambores. Grupo de jongo do Quilombo Boa Esperança. Presidente Kennedy (ES), 2019.

A libertação dos escravizados em nosso país não veio acompanhada de políticas públicas que garantissem a inserção dos antigos cativos à condição de pessoas livres com as mesmas oportunidades ofertadas àqueles que nunca foram escravizados. Evidência dessa realidade histórica é a ausência de política compensatória aos que foram submetidos à condição de escravizado e a seus descendentes por um século; somente em 1988, com a aprovação da atual Constituição Federal, foram reconhecidos os direitos das comunidades quilombolas.

Outra situação adversa à população afro-brasileira nos anos que se seguiram à Abolição foi conviver com um imaginário social que, impregnado da ideologia das teorias racistas que circulavam em muitos meios sociais e culturais, atribuía aos imigrantes de origem europeia uma pretensa superioridade moral em relação aos negros. Devido a essa mentalidade, foi comum que os imigrantes ocupassem os principais postos de trabalho, relegando os homens e as mulheres afro-brasileiras a funções de menor prestígio social.

Na década de 1930, o país passou por mudanças socioeconômicas impulsionadas pela política nacionalista do governo de Getúlio Vargas (1930-1945). Naquele contexto, houve um esforço do Estado e das elites em consolidar uma identidade nacional construída em torno da figura social do mestiço. A mestiçagem da população brasileira, desde meados do século XIX, com base nas teorias racistas da época, era vista como necessária ao branqueamento, para assim avançar na escala da "civilização" (supostamente por se aproximar dos padrões do branco europeu). No entanto, o racismo estrutural permaneceu nas realidades vividas pelos afro-brasileiros, que continuaram marcadas por discriminação e obstáculos no acesso aos direitos.

Análise

Democracia racial para Gilberto Freyre

A obra *Casa-grande e senzala*, de 1933, escrita pelo sociólogo pernambucano Gilberto Freyre, teve papel relevante na difusão da ideia de democracia racial ao valorizar a mestiçagem como elemento da identidade nacional e naturalizar as violências da escravidão a que os escravizados foram submetidos. Tal ideia, ainda partilhada por parte da sociedade brasileira, é bastante criticada pelos movimentos negros, que denunciam a democracia racial como mito. Fundada na década de 1930 em São Paulo, a Frente Negra Brasileira já questionava a democracia racial apontando as dificuldades de acesso da população negra ao Ensino Superior e ao mercado de trabalho formal.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Homero Sérgio/Folhapress

Multidão durante caminhada de luta e reflexão dos negros em comemoração aos 100 anos da Abolição da Escravatura, na Avenida Presidente Vargas. Rio de Janeiro (RJ), 1988.

Na década de 1960, o sociólogo paulista Florestan Fernandes, em *A integração do negro na sociedade de classes*, analisou a situação social dos negros em São Paulo a partir do fim da escravidão e do desenvolvimento urbano-industrial das primeiras décadas do século XX. Nessa obra, ele se contrapôs à democracia racial sustentada por Freyre ao constatar a exclusão social imposta à população negra pós-Abolição. Concluiu que a efetiva integração dos negros livres à sociedade dos brancos foi barrada pelas situações concretas de desigualdades no acesso ao trabalho e consequentes dificuldades de acesso à educação. Fernandes aponta que a igualdade jurídica estendida a todos os brasileiros logo no início da República pela Constituição de 1891 pouco significou à população negra.

1. Em sua opinião, qual o sentido da frase "Vamos mudar" que se vê na faixa?

Políticas afirmativas

A construção de uma sociedade antirracista implica eliminar barreiras que impedem o pleno acesso de determinados grupos raciais aos seus direitos. Nesse contexto, as políticas afirmativas, também chamadas de ações compensatórias, são políticas públicas (também podem ser privadas) implantadas no intuito de promover condições favoráveis de ascensão social a grupos sociais historicamente discriminados. Elas decorrem da seguinte ideia:

> À lei igual para todos incorpora-se o princípio de que desiguais devem ser tratados de forma desigual. Cresce a força de movimentos segundo os quais a lei, para cumprir suas funções, deve ser desigual para indivíduos que são desiguais na vida real. Assim, passam a ser defendidas a elaboração e adoção de políticas que tenham por finalidade diminuir a desigualdade.

BOTELHO, André; SCHWARCZ, Lilia Moritz (org.). *Cidadania, um projeto em construção*: minorias, justiça e direitos. São Paulo: Claro Enigma, 2012. p. 34.

Alice Vergueiro/Folhapress

Marcha da Consciência Negra. São Paulo (SP), 2016.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Dentro dessa perspectiva, o sistema de cotas raciais adotado por universidades públicas brasileiras é um mecanismo de redução das desigualdades por meio do acesso de pretos, pardos e indígenas à educação. Contudo, desde sua implantação na década de 2000, o assunto divide opiniões.

Os prós e contras do sistema de cotas

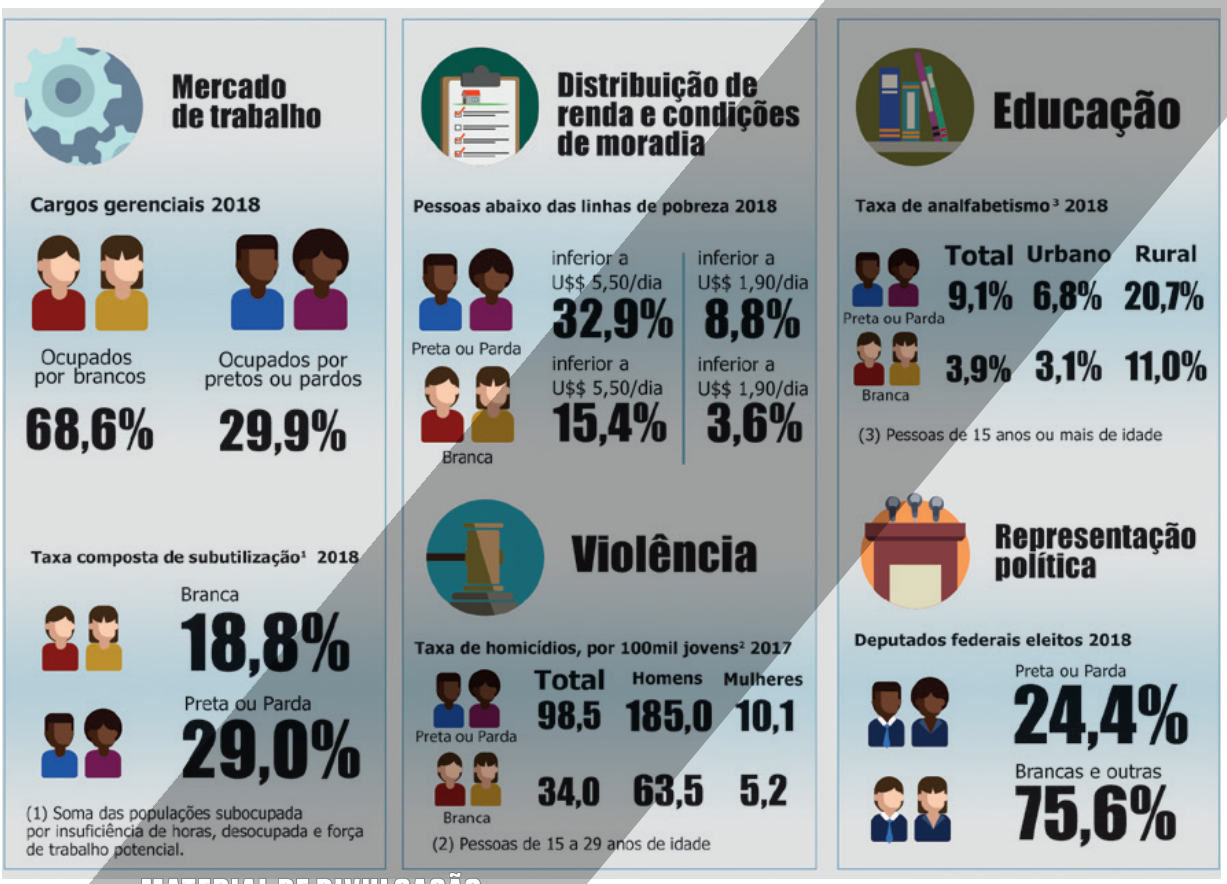
Argumentos contrários	Argumentos favoráveis
• As cotas contrariam o princípio constitucional de que todos são iguais perante a lei.	• No Brasil, pretos, pardos e indígenas são há muito tratados de forma desigual, pois não são oferecidas as mesmas oportunidades a esses segmentos sociais.
• Cotas não resolvem o problema mais grave da educação brasileira, que é a má qualidade das escolas. Em vez de criar artifícios, é preciso melhorar o ensino básico, para que o aluno chegue à universidade por mérito.	• As cotas não eliminam nem excluem medidas para elevar a qualidade da educação básica pública.
• As cotas poderiam baixar o nível acadêmico das universidades que adotam o sistema.	• Pesquisas demonstram que, nas universidades que implantaram o sistema de cotas, não há diferenças significativas entre o desempenho acadêmico de estudantes cotistas e não cotistas.

Análise

Desigualdades sociais no Brasil

Observe os dados de 2018 levantados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Brasil: desigualdades sociais por cor ou raça – 2018



Alexandre de Souza

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Fonte: IBGE. Desigualdades sociais por cor ou raça no Brasil. *Estudos e Pesquisas* – Informação demográfica e socioeconômica, Rio de Janeiro, n. 41, p. 1, 2019. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681_informativo.pdf. Acesso em: 11 maio 2020.

1. Analise os dados apresentados no infográfico. Em que medida eles apontam para o racismo institucional na realidade brasileira contemporânea?
2. Os números citados a seguir foram divulgados em novembro de 2019.

> 56,10%. Esse é o percentual de pessoas que se declaram negras no Brasil, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) Contínua do IBGE. Dos 209,2 milhões de habitantes do país, 19,2 milhões se assumem como pretos, enquanto 89,7 milhões se declaram pardos. Os negros – que o IBGE conceitua como a soma de pretos e pardos – são, portanto, a maioria da população. A superioridade nos números, no entanto, ainda não se reflete na sociedade brasileira.
>
> AFONSO, Nathália. Dia da Consciência Negra: números expõem desigualdade racial no Brasil. *Agência Lupa*, Rio de Janeiro, 20 nov. 2019. Disponível em: https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2019/11/20/consciencia-negra-numeros-brasil/. Acesso em: 11 maio 2020.

Compare-os ao percentual de negros no indicador de representação política do infográfico e discuta com um colega se há discrepância entre a representatividade de negros na Câmara de Deputados eleita em 2018 e o percentual de negros autodeclarados no Brasil. Elabore um breve texto sobre o assunto com base nos dados apresentados.

Em meio às divergências de pontos de vista em relação ao tema, em 2012 o Supremo Tribunal Federal (STF) decidiu por unanimidade que o sistema de cotas é constitucional. No mesmo ano, foi sancionada a Lei Federal nº 12.711, chamada Lei de Cotas, que:

> [...] reserva, no mínimo, 50% das vagas disponíveis em universidades e em institutos federais, em cada processo seletivo, curso e turno, a estudantes que tenham cursado integralmente o ensino médio em escolas públicas.
>
> Desse total de vagas reservadas, metade é destinada a estudantes cuja renda familiar seja igual ou inferior a um salário mínimo e meio *per capita*, e a outra metade a estudantes que possuem renda maior do que essa.
>
> Na outra metade, o preenchimento das vagas leva ainda em consideração o percentual de pretos, pardos, indígenas e de pessoas com deficiência presentes no estado ou município, conforme o último censo demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

SOUZA, Murilo. Projeto elimina critério racial das cotas de universidades e institutos federais. *Agência Câmara de Notícias*, Brasília, DF, 9 maio 2019. Disponível em: www.camara.leg.br/noticias/557112-projeto-elimina-criterio-racial-das-cotas-de-universidades-e-institutos-federais. Acesso em: 9 maio 2020.

O relatório "Desigualdades sociais por cor ou raça no Brasil", publicado pelo IBGE em novembro de 2019, apontou que, pela primeira vez, o número de matrículas de estudantes pretos e pardos nas universidades públicas no Brasil (50,3%) ultrapassou o de brancos. Isso indica que o sistema de cotas raciais nas universidades públicas está ampliando o acesso dessa parcela da população a essas instituições. Contudo, esse grupo ainda permanece sub-representado, já que atualmente corresponde a 55,8% da população brasileira.

Um estudante, em um ato pela educação no Rio de Janeiro, em 2019, escreveu em um cartaz a seguinte frase para mostrar a realidade de muitos jovens da periferia do Brasil:

> "Sou o primeiro da minha família a entrar numa universidade pública e vou lutar para não ser o último" —, [a frase] foi publicada nas redes sociais, curtida e compartilhada centenas de milhares de vezes, gerando uma onda de depoimentos com trajetórias semelhantes a dele.

MOTA, Beatriz. O Brasil por trás do cartaz de uma manifestação. *El País*, Rio de Janeiro, 3 jun. 2019. Disponível em:https://brasil.elpais.com/brasil/2019/06/02/politica/1559488162_816945.html. Acesso em: 11 maio 2020.

Luciano Claudino/Código19/Futura Press

Faixa em favor da implementação das cotas étnico-raciais no *campus* universitário da Unicamp. Campinas (SP), 2018.

1. Ao entrar na universidade esse jovem rompeu com uma situação histórica. Qual é a importância dessa transformação?
2. Qual é o significado social do compromisso que o jovem assume?

O Estatuto da Igualdade Racial, sancionado em 20 de julho de 2010, também foi uma conquista.

Outra ação afirmativa relevante foi a Lei nº 10.639, de 2003, que estabelece a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Africana" nos currículos das escolas de Educação Básica do país. Demanda há muito reivindicada pelos movimentos negros, ela incluiu a diversidade cultural, racial, social e econômica da sociedade brasileira nos currículos escolares. Em 2008, foi ampliada pela Lei nº 11.645, que incorporou a obrigatoriedade de conteúdos da História e Cultura dos Indígenas Brasileiros.

O Estatuto da Igualdade Racial, sancionado em 20 de julho de 2010, também foi uma conquista. Em seu artigo 2º, determina como dever do Estado e da sociedade a garantia da igualdade de oportunidades, reconhecendo a todo cidadão brasileiro, independentemente da etnia ou da cor da pele, o direito à participação na comunidade, sobretudo em atividades políticas, econômicas, empresariais, educacionais, culturais e esportivas, defendendo sua dignidade e seus valores religiosos e culturais.

GLOSSÁRIO

Assimetria: grande diferença; disparidade.

Conforme vimos ao longo da unidade, se por um lado, na história recente do país, tivemos avanços nas políticas públicas implementadas para minimizar as dificuldades de acesso da população negra e indígena aos seus direitos, por outro, elas não foram suficientes para superar as desigualdades sociais decorrentes de situações complexas, dentre as quais as **assimetrias** nas relações étnico-raciais. Os desafios para superar essas desigualdades não são pequenos e incluem o protagonismo popular para fazer essa história, isto é, o nosso engajamento na vida coletiva para construir mudanças que tornem o Brasil, e seus muitos brasis, isto é, suas múltiplas realidades, menos desigual e com mais justiça social.

#Ficaadica

Balé de pé no chão, de Lilian Solá Santiago e Marianna Monteiro (52 min). Esse vídeo-documentário revela o papel central da cultura afro-brasileira na dança moderna brasileira e o pioneirismo de Mercedes Baptista na luta pela afirmação do negro na dança cênica nacional.

Cartas para Angola, de Coraci Ruiz e Júlio Matos (78 min). Nesse documentário, sete duplas de interlocutores de origem brasileira, angolana e portuguesa trocam cartas em que compartilham afetos, histórias e memórias construídas nos dois lados do Oceano Atlântico.

Fronteiras no tempo – Historicidade 21: Relações étnico-raciais e educação no Brasil (54 min). Conversa com a professora doutora Ana Cristina J. Cruz (UFSCar) sobre as relações étnico-raciais no Brasil e a educação. Disponível em: www.deviante.com.br/podcasts/fronteiras-no-tempo-historicidade-21-relacoes-etnico-raciais-e-educacao-no-brasil/. Acesso em: 27 abr. 2020.

Geledés – Instituto da Mulher Negra: portal da organização da sociedade civil em defesa de mulheres e negros contra as desigualdades no acesso às oportunidades sociais por causa do racismo e do sexismo vigentes na sociedade brasileira. Disponível em: https://www.geledes.org.br/. Acesso em: 17 jun. 2020.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis, de Jarid Arraes (Pólen Livros). O livro traz à luz as histórias de representantes negras, em momentos distintos da história do Brasil, que foram esquecidas pela historiografia oficial brasileira.

Índio presente, de Bruno Villela e Sérgio Lobato. Série documental em 13 episódios de 26 minutos de duração que apresenta ao público dezenas de povos indígenas em diferentes estados para desconstruir estereótipos.

Jeremias: pele, de Rafael Calça e Jefferson Costa (Panini Brasil). Focado em Jeremias, um dos primeiros personagens da Turma da Mônica, o quadrinho aborda, de maneira forte e sensível, como uma criança encara o racismo.

Museu do Índio: administrado pela Fundação Nacional do Índio (Funai), o museu, como instituição de preservação e promoção do patrimônio cultural indígena, empenha-se em divulgar a diversidade histórica entre centenas de grupos indígenas brasileiros. Mais informações em: http://www.museudoindio.gov.br/. Acesso em: 17 jun. 2020.

Pequeno manual antirracista, de Djamila Ribeiro (Companhia das Letras). A filósofa negra aborda nessa obra temas como racismo no ambiente de trabalho, negritude, branquitude, violência racial, cultura, desejos e afetos e propõe a adoção de práticas antirracistas por todas as pessoas.

Vídeo nas aldeias. Esse projeto atua como centro de produção de vídeos e escola de formação audiovisual para povos indígenas. O *site* reúne e disponibiliza um acervo com os vídeos criados e filmados pelos próprios indígenas. Disponível em: www.videonasaldeias.org.br/2009/. Acesso em: 11 maio 2020.

Prática de pesquisa

Matrizes africanas na religiosidade brasileira

Nesta prática de pesquisa, você revisará textos científicos que discorrem sobre o tema "Religiosidades de matriz africana no Brasil e as identidades dos afro-brasileiros". Isso significa fazer uma leitura cuidadosa para estabelecer, em cada texto, as principais abordagens teórico-conceituais ligadas ao tema e relacioná-los entre si, produzindo uma reflexão consistente e exercitando a capacidade de construir conexões entre os pensamentos de diferentes autores, de forma comparativa e analítica.

Organização: turma dividida em cinco grandes grupos.

- Duração sugerida: 3 aulas.
- Material:
  - livros;
  - computador com acesso à internet;
  - caderno;
  - lápis/caneta.

Juntem-se, leiam, selecionem!

Em grupos, organizem-se para a leitura e pesquisa. A pergunta que orientará este projeto é:

Como as religiões de matriz africana influenciaram e influenciam a formação das identidades afro-brasileiras?

1. Leiam o texto a seguir.

SANTOS, Nágila Oliveira dos. Do calundu colonial aos primeiros terreiros de candomblé no Brasil: de culto doméstico à organização político-social-religiosa. *África e Africanidades*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 1, maio 2008. Disponível em: http://africaeafricanidades.net/documentos/Do_calundu_colonial_aos_primeiros_terreiros_de_candomble_no_Brasil.pdf. Acesso em: 4 jun. 2020.

2. Discutam os seguintes pontos conceituais e anotem as conclusões a que chegaram:
   - presença das religiosidades africanas em várias regiões do Brasil;
   - a dinâmica da organização interna de cada grupo religioso;
   - a relação entre práticas religiosas e vida social.
3. Em seguida, selecionem um ou mais dos textos abaixo para serem lidos. Releiam os pontos de atenção do item 2 e novamente anotem suas conclusões.
   - AHLERT, Martina. *Cidade relicário*: uma etnografia sobre Terecô, precisão e Encantaria em Codó (Maranhão). 2013. 282 f., il. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade de Brasília, Brasília, 2013. Disponível em: https://repositorio.unb.br/handle/104[illegible]. Acesso em: 4 jun. 2020.
   - ASSIS, Rondinelly [illegible] dos candomblés sincréticos às casas reafricanizadas. *Dignidade Re-Vista*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 4, dez. 2017. Disponível em: http://periodicos.puc-rio.br/index.php/dignidaderevista/article/view/458. Acesso em: 4 jun. 2020.
   - MARQUES, Francisco Cláudio Alves. Algumas considerações sobre umbanda e candomblé no Brasil. *Contemplação*, Rio Grande do Sul, n. 15, p. 82-99, 2017. Disponível em: http://fajopa.com/contemplacao/index.php/contemplacao/article/view/138/155. Acesso em: 4 jun. 2020.
   - NASCIMENTO, Alessandra Amaral Soares. Candomblé e umbanda: práticas religiosas da identidade negra no Brasil. *Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, João Pessoa, v. 9, n. 27, p. 923-44, dez. 2010. Disponível em: www.cchla.ufpb.br/rbse/AlessandraArt.pdf. Acesso em: 4 jun. 2020.
   - ZEPEDA, Vinicius. O culto aos santos negros no Brasil colonial. *In:* FAPERJ. Rio de Janeiro: Faperj, 30 abr. 2008. Disponível em: www.faperj.br/?id=1202.2.3. Acesso em: 4 jun. 2020.
4. Façam um fichamento do(s) texto(s) selecionado(s), levantando as principais informações contidas neles e os pontos de vista dos autores.
5. Em seguida, retornem aos critérios citados e relacionem os dois textos entre si. Por meio da leitura, levantem hipóteses para responder à pergunta disparadora deste projeto.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Relacionem e concluam!

No final, escrevam um texto com as conclusões do grupo acerca da problematização. Lembrem-se de considerar todos os pontos da pesquisa e façam uma exposição oral dos resultados para os colegas de sala.

Atividades

Responda às atividades a seguir no caderno.

1. Ao longo desta unidade, estudamos sobre as variadas faces do Brasil, sem perder de vista o protagonismo popular na construção do nosso país, que é plural em sua formação social e cultural, em seus modos de vida, em suas tradições e valores, em seus biomas, em suas demandas, em seus desafios. Com base nas reflexões e aprendizagens desenvolvidas em nosso percurso, sintetize os aspectos que você julga prioritários para entender quais brasis fazem o Brasil.

2. Em 19 de abril é comemorado o Dia do Índio em todo o Brasil e também na Argentina e na Costa Rica. A origem da data remonta ao ano de 1940, quando o 1º Congresso Indigenista Interamericano (CII), realizado em Pátzcuaro, no México, aprovou uma recomendação para o estabelecimento da data em todos os países da América. O Brasil adotou a recomendação em 1943, durante o governo do então presidente Getúlio Vargas.
Sobre isso, leia abaixo um trecho da entrevista com o indígena Luciano Ariabo Kezo.

> Queríamos aproveitar esse momento, em que as escolas estão chamando, e mostrar que não existe "Dia do Índio". Parece que só somos lembrados nessa data. Estamos na história do Brasil até hoje, todos os dias. Vê-se o índio no pretérito. Para ser índio, tem que ser o que era no século 16, e essa imagem do passado também é uma construção.
>
> PIOVEZAN, Stephanie. Indígena diz que 19 de abril não existe: "Estamos na história todos os dias". *G1*, São Carlos, 20 abr. 2015. Disponível em: http://g1.globo.com/sp/sao-carlos-regiao/noticia/2015/04/indigena-diz-que-19-de-abril-nao-existe-estamos-na-historia-todos-os-dias.html. Acesso em: 11 maio 2020.

   a) Em geral, como o indígena é visto na nossa sociedade? Segundo suas experiências e vivências, como o Dia do Índio costuma ser comemorado em nosso país?

   b) Você considera procedente a crítica do indígena Luciano Ariabo Kezo? Por quê?

3. Leia o trecho abaixo sobre a alimentação e o comportamento dos kalapalos (povo que habita a região do Alto Xingu, ou seja, alto-xinguano), nas palavras do autor João Veridiano Franco Neto.

> Essa pouca diversidade alimentar é um aspecto cultural entre os kalapalos, pois, mesmo a floresta estando farta de animais de caça, eles se negam às caçadas; além disso, assim como eles mesmos dizem, "quem vive de caçar é bicho, homem de verdade vive da pescaria e de beiju". A única caça que se aceita é o macaco, mas poucos costumam comer. A maioria diz não gostar. [...] O bem-estar é plenamente sustentado por essa não variedade nutricional, fundamentada na abundância dos dois alimentos básicos, beiju e peixe, complementados com o pequi. Esse regime alimentar restrito se refere ao *ethos* alto-xinguano, que apregoa a contenção de excessos, uma maneira de ser adequada à seriedade aliada ao bom humor, compostura, prudência, timidez. O modelo ideal de comportamento está baseado [illegible] ação no estado de disposição da índole. Controlam, inclusive, movimentos súbitos dos membros e a voz altissonante, em contraposição à postura do caçador e do guerreiro de outras etnias, que deve ser ágil. Essa característica pode explicar por que não há produção de bebidas alcoólicas entre os alto-xinguanos e são raros os casos de alcoolismo entre eles, oriundos do contato com a sociedade "branca".
>
> HERRERO, Marina; FERNANDES, Ulysses (org.). *Jogos e brincadeiras na cultura kalapalo*. São Paulo: Edições Sesc SP, 2010. p. 32.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

De que forma a alimentação do povo kalapalo se relaciona com o *ethos*, isto é, com o jeito de ser alto-xinguano?

4. Alegoria é a representação de uma coisa ou ideia de forma figurada e indireta. Observe a gravura do artista britânico William Blake feita em 1796, intitulada *Alegoria de três continentes: a Europa sustentada pela África e pela América*.

   a) Que elementos da imagem transmitem a ideia de que tanto a África como a América seriam os sustentáculos da Europa?

   b) A imagem sugere que os intercâmbios entre os três continentes foram harmoniosos. Essa imagem corresponde à realidade histórica? Justifique.

© Archives Charmet/Bridgeman/Fotoarena

Gravura feita por William Blake, publicada em 1796, representando o continente europeu apoiado pela África e pela América. Originalmente publicada em: *Narrativa de uma expedição de cinco anos: contra os negros revoltados do Suriname em 1772-77*.

5. Os dois fragmentos de texto a seguir refletem a responsabilidade coletiva na luta antirracista:

> Consciente de que o racismo é parte da estrutura social e, por isso, não necessita de intenção para se manifestar, por mais que calar-se diante do racismo não faça do indivíduo moral e/ou juridicamente culpado ou responsável, certamente o silêncio o torna ética e politicamente responsável pela manutenção do racismo.
>
> ALMEIDA, Silvio Luiz de. *Racismo estrutural*. São Paulo: Pólen Livros, 2019. p. 52.

> Portanto, nunca entre numa discussão sobre racismo dizendo "mas eu não sou racista". O que está em questão não é um posicionamento moral, individual, mas um problema estrutural. A questão é: O que você está fazendo ativamente para combater o racismo?
>
> RIBEIRO, Djamila. *Pequeno manual antirracista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, p. 13-14.

Reúna-se com uns colegas e, juntos, discutam ações para combater o racismo dentro e fora da escola.

6. (Enem 2017 - 2ª aplicação)

> A luta contra o racismo, no Brasil, tomou um rumo contrário ao imaginário nacional e ao consenso científico, formado a partir dos anos 1930. Por um lado, o Movimento Negro Unificado, assim como as demais organizações negras, priorizaram em sua luta a desmistificação do credo da democracia racial, negando o caráter cordial das relações raciais e afirmando que, no Brasil, o racismo está entranhado nas relações sociais. O movimento aprofundou, por outro lado, sua política de construção de identidade racial, chamando de "negros" todos aqueles com alguma ascendência africana, e não apenas os "pretos".
>
> GUIMARÃES, A. S. A. *Classes, raças e democracia*. São Paulo: Editora 34, 2012.

A estratégia utilizada por esse movimento tinha como objetivo:

a) eliminar privilégios de classe.
b) alterar injustiças econômicas.
c) combater discriminações étnicas.
d) identificar preconceitos religiosos.
e) reduzir as desigualdades culturais.

7. (Enem 2017 - 2ª aplicação)

TEXTO I

> Frantz Fanon publicou pela primeira vez, em 1952, seu estudo sobre colonialismo e racismo, *Pele negra, máscaras brancas*. Ao dizer que "para o negro, há somente um destino" e que esse destino é branco, Fanon revelou que as aspirações de muitos povos colonizados foram formadas pelo pensamento colonial predominante.
>
> BUCKINGHAM, W. *et al*. *O livro da filosofia*. São Paulo: Globo, 2011 (adaptado).

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

TEXTO II

> Mesmo que não queiramos cobrar desses estabelecimentos (salões de beleza) uma eficácia política nos moldes tradicionais da militância, uma vez que são estabelecimentos comerciais e não entidades do movimento negro, o fato é que, ao se autodenominarem "étnicos" e se apregoarem como divulgadores de uma autoimagem positiva do negro em uma sociedade racista, os salões se colocam no cerne de uma luta política e ideológica.
>
> GOMES, N. *Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra*. Disponível em: www.rizoma.ufsc.br. Acesso em: 13 fev. 2013.

Os textos apresentam uma mudança relevante na constituição identitária frente à discriminação racial. No Brasil, o desdobramento dessa mudança revela o(a):

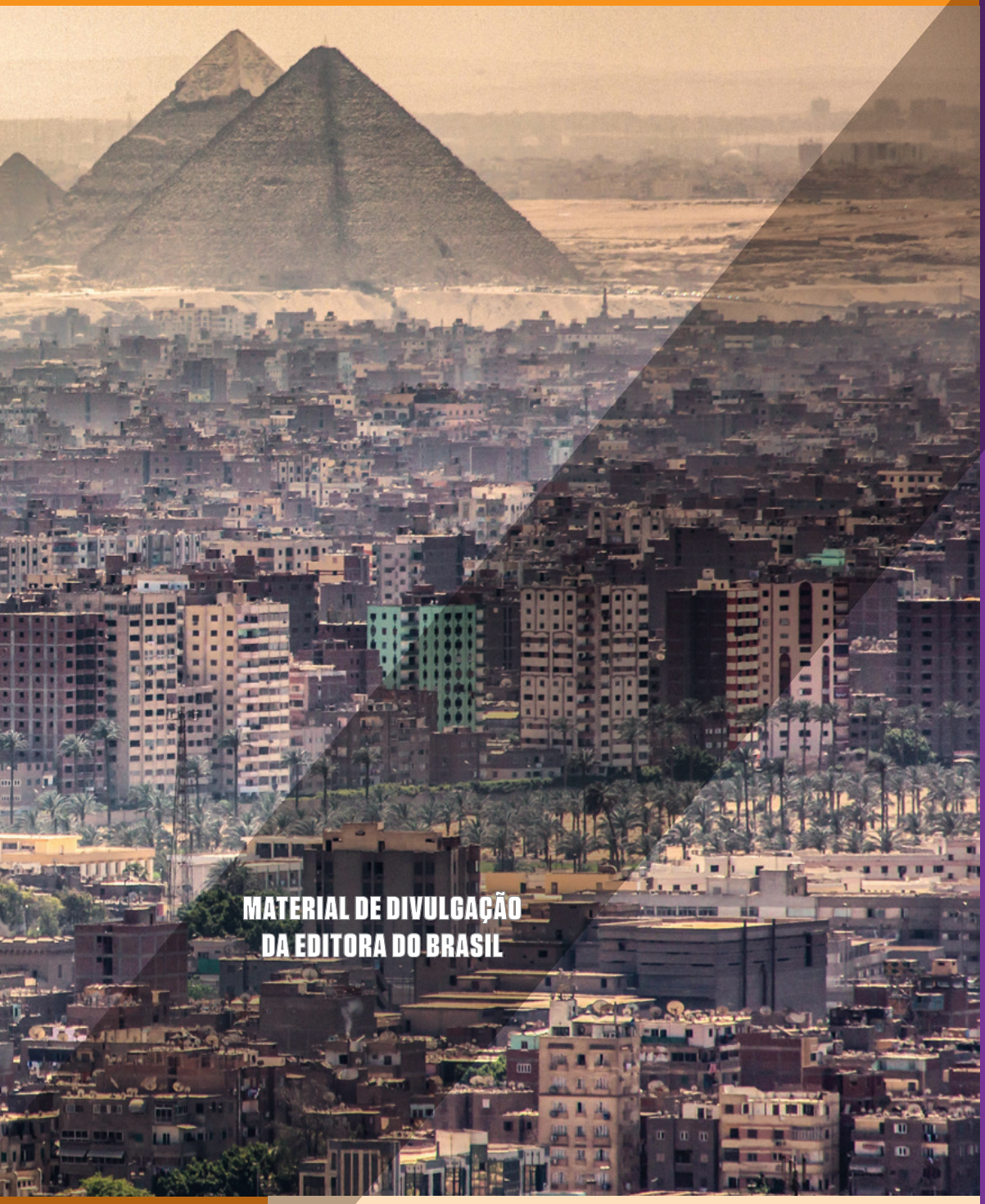
a) valorização de traços culturais.
b) utilização de resistência violenta.
c) fortalecimento da organização partidária.
d) enfraquecimento dos vínculos comunitários.
e) aceitação de estruturas de submissão social.

UNIDADE 2

Dereje Belachew/Alamy/Fotoarena

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

O QUE É SER CIVILIZADO?



Vista da cidade do Cairo, Egito; ao fundo, as Grandes Pirâmides, 2012.

1. Como a paisagem reflete a civilização em que está inserida?

2. O que faz as civilizações do mundo tão diferentes?

3. Você conhece a história de sua civilização?

Na BNCC

Nesta unidade você vai trabalhar as competências gerais 1, 2 e 9, as competências específicas de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas 1, 2 e 5 e as habilidades EM13CHS101, EM13CHS102, EM13CHS103, EM13CHS104, EM13CHS105, EM13CHS106, EM13CHS203, EM13CHS206 e EM13CHS502.

GLOSSÁRIO

Conotação: é o emprego de uma palavra em sentido figurado, não literal, e dependente do contexto.

Civilização: o que eu tenho a ver com isso?

Você sabe o que significa ser civilizado? Como as diferentes civilizações transformam as paisagens?

Estas não são perguntas fáceis, já que as respostas estão diretamente relacionadas à maneira pela qual entendemos o que seja **civilização**. Vamos refletir um pouco sobre isso.

As perguntas na abertura desta unidade remetem a diferentes maneiras de entender a ideia de civilização e sua relação com as paisagens. Ela pode ter sentido ético, político, histórico ou geográfico. Pode, também, ser usada com **conotação** cultural, por exemplo, quando julgamos ser incivilizado um hábito que nos parece estranho. Tente pensar em costumes de outros povos ou países que lhe parecem pouco civilizados. Por que será que eles causam tanto estranhamento?

Nesta unidade, você vai conhecer um pouco mais os muitos sentidos da ideia de civilização e saber por que esse conceito é tão importante para entender como se desenvolveram as relações humanas e os processos sociais em distintos espaços geográficos ao longo do tempo. Você vai compreender também por que ele é uma ferramenta fundamental para pensarmos com mais cuidado sobre muitas oposições que fazem parte de nosso dia a dia, como "campo × cidade", "natureza × cultura" ou "progresso × atraso". Será que essas dicotomias fazem mesmo sentido? E a paisagem, de que maneira se relaciona com tudo isso?

Uma discussão antiga e presente

Pode ser que, à primeira vista, esse assunto pareça ser distante de você, daqueles que só conhecemos por meio dos livros, sem relação com a realidade de sua comunidade. Mas, se prestarmos atenção, veremos que vivemos num mundo em que ele se faz presente de muitas maneiras.

Uma delas é o que chamamos de intolerância religiosa. Ela se manifesta quando as crenças ou práticas religiosas de determinados grupos ou pessoas passam a sofrer ataques sob o argumento de serem atrasadas, primitivas ou irracionais. Em situações assim, o conceito de civilização é usado para produzir um contraste entre pessoas que se julgam civilizadas e outras que são, por elas, classificadas como incivilizadas ou bárbaras.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Só no primeiro semestre de 2018, o então Ministério dos Direitos Humanos, órgão do governo brasileiro, registrou mais de 200 casos de discriminação por religião. Também houve aumento das denúncias de discriminação contra religiões de matriz africana, como a umbanda e o candomblé, em relação ao mesmo período de 2017. Esses números nos mostram que é preciso estar atento a esse problema, compreendendo suas causas e pensando em formas de combatê-lo. Esse não é um fenômeno novo; pelo contrário, existe desde a Antiguidade.

Há muitas formas de intolerância que são subsidiadas pela ideia de civilização, podendo se manifestar de diversas maneiras: ofensa ou agressão pessoal, destruição de objetos e lugares e, em casos mais drásticos, a destruição de paisagens inteiras. Foi o que aconteceu, por exemplo em Palmira, cidade localizada no interior da Síria, que em 2015 teve sua paisagem modificada de forma abrupta. Em agosto daquele ano, o grupo extremista Estado Islâmico articulou um ataque ao templo de Baal-Shamin, construído no século II a.C. em homenagem à divindade de mesmo nome, que era o deus fenício do céu. Ele foi ampliado em 130 a.C. pelo imperador romano Adriano, e no século V d.C., com a ascensão do cristianismo por todo o Império Romano, foi convertido em uma igreja. O monumento, que era um dos mais bem preservados do sítio arqueológico de Palmira e em 1980 foi declarado Patrimônio Mundial da Humanidade pela Unesco, foi inteiramente destruído por explosivos.

Com o templo de Baal-Shamin, foi destruído também o templo de Bel. Sua construção começou no ano 32 d.C., durante a Era Romana, levando mais de um século para ficar pronta. Ele era considerado o mais importante do conjunto arqueológico de Palmira.

A ação ocorreu meses após o Estado Islâmico, que controlava partes da Síria e do Iraque, tomar a cidade de Palmira, dando início à pilhagem e destruição de diversas peças arqueológicas na região. Mas o que teria motivado tais atitudes? Segundo os próprios terroristas, eles não admitiam a permanência de vestígios de outras civilizações em seu território de domínio, uma vez que remetiam a práticas e crenças não aceitas por sua religião. Vemos, assim, que mais do que um ato de intolerância religiosa, tratou-se de um atentado contra a construção e manutenção de memórias de civilizações passadas, com o claro intuito de apagá-las.

JOSEPH EID/AFP

Templo de Bel, ruínas localizadas na região de Palmira, Síria, em 31 de março de 2016. A fotografia menor (no destaque), de março de 2014, retrata o monumento antes de ser destruído.

1. Pesquise a história da cidade de Palmira, explicando a importância de seu conjunto arqueológico.
2. Analise as imagens e responda:
   a) Quais são as diferenças entre as duas paisagens? Que elementos desapareceram entre o primeiro e o segundo momento?
   b) Qual é o significado da presença (e depois da ausência) do templo para a preservação da memória da civilização romana e da história síria?
   c) O que esse exemplo revela sobre a relação entre paisagem e civilização?

Podemos pensar em outros exemplos. Em 2019, na Nova Zelândia, um **supremacista fundamentalista** branco e cristão atirou contra duas mesquitas islâmicas, matando 51 pessoas. No mesmo ano, uma série de bombas instaladas por extremistas muçulmanos explodiram em igrejas do Sri-Lanka na manhã do domingo de Páscoa, deixando cerca de 300 vítimas. Um exemplo não tão recente, mas muito conhecido, é a perseguição dos alemães nazistas aos judeus durante a Segunda Guerra Mundial, quando foram mortas aproximadamente 6 milhões de pessoas (o equivalente a cerca de 70% dos judeus da Europa na época). Apesar de distantes no tempo e no espaço, todos esses eventos foram motivados por um mesmo fator: a intolerância baseada na crença da superioridade de um grupo sobre o outro.

GLOSSÁRIO

Supremacista fundamentalista: pessoa que nutre um sentimento de ódio – aberto, consciente e declarado – a todo e qualquer pensamento dissonante e alternativo.

As muitas semelhanças entre esses eventos nos alertam para o fato de que a classificação de um grupo ou pessoa como civilizado é algo que está em permanente disputa. Ela envolve o julgamento de crenças, hábitos e paisagens, além de relações de poder e (des)respeito às diferenças.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Será que nosso modo de vida é civilizado?

Outro ponto importante que vem sendo muito discutido nas últimas décadas são as progressivas modificações que diferentes grupos humanos vêm imprimindo no ambiente, provocando desequilíbrios com consequências que estão sendo estudadas pelas ciências. Isso nos leva à questão: Será que nosso modo de vida é civilizado? Será que, mesmo diante da exploração cada vez maior dos recursos naturais do planeta, em grande medida provocada pelo estilo de vida moderno, podemos dizer que somos mais civilizados que nossos antepassados? Vemos hoje o despertar da consciência de que a intolerância também agrediu profundamente as paisagens e seus biomas. Ela vem aparecendo em diversas civilizações e pode ser a esperança para o futuro do planeta e da própria humanidade.

Como podemos ver, os conceitos de civilização e de paisagem despertam muitas questões que, apesar de parecerem distantes de nosso cotidiano, estão profundamente ligadas ao modo de vida de cada um de nós. Esta unidade é um convite a essa importante reflexão.

- Procure se lembrar das vezes em que ouviu a palavra **civilizado** recentemente. Como ela foi usada?

PERCURSO

3

Civilizações por toda parte

Sabemos que cada país tem a própria história, hábitos e costumes, e que o não conhecimento pode causar grande estranhamento. Observe as fotografias a seguir. O que lhe parece estranho? Por quê?

Chris Whiteman/Alamy/Fotoarena

Mulheres muçulmanas fazem *selfie*. Nottingham, Inglaterra, 2019.

Pakawat Prasongsri/Shutterstock.com

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Espetinhos de insetos são iguarias comuns nas ruas de Bangcoc. Tailândia, 2019.

Você sabia, por exemplo, que os australianos comem cangurus? Que no México é muito comum comer gafanhotos? E que, em algumas regiões da China, arrotar à mesa não é considerado falta de educação?

Que tipo de sentimento cada um desses hábitos desperta em você? Você os considera pouco civilizados? Por quê?

Ao longo deste percurso vamos conhecer os diferentes sentidos da ideia de civilização, entendendo por que ela é tão importante para a compreensão de como cada sociedade se organizou (e se organiza) em diferentes tempos e espaços, construindo paisagens e se relacionando com outros grupos.

Selvageria, barbárie e civilização

Durante muito tempo, estudiosos defenderam que a humanidade se dividia em grupos que ocupavam diferentes estágios de evolução, indo do mais simples ao mais avançado. O arqueólogo australiano Gordon Childe (1892-1957), por exemplo, desenvolveu a teoria de que toda a humanidade passaria obrigatoriamente por uma sequência de três estágios evolutivos: a selvageria, a barbárie e a civilização.

C.B. Schmelter/Chattanooga Times/Free Press/AP Photo/Glow Images

Gordon Childe em 1936.

Usando como critério aspectos como o desenvolvimento da escrita, a existência de grandes construções e o domínio do conhecimento científico – ou seja, características da própria sociedade –, Childe classificou como selvagens os povos caçadores-coletores, cujo estilo de vida era predominantemente nômade. Após passarem pelo que o autor denominou de **Revolução Neolítica**, os selvagens atingiriam o estado de barbárie, etapa marcada pelo domínio da agricultura, domesticação de animais e fixação territorial. Por fim, depois de vivenciarem a assim chamada **Revolução Urbana**, os bárbaros passariam finalmente ao estágio da civilização, caracterizado pelo surgimento de cidades, pela presença de Estado, pela divisão do trabalho e pelo uso da escrita.

Revolução Neolítica: também conhecida como Revolução Agrícola, é o nome dado à transição vivida por muitas culturas humanas que passaram do estilo de vida caçador-coletor e nômade para o agrícola e sedentário. Calcula-se que a Revolução Neolítica tenha acontecido concomitantemente em diferentes lugares do mundo, começando cerca de 10 mil anos atrás. O desenvolvimento da agricultura levou à modificação do meio ambiente pelo ser humano, que passou a investir no cultivo de culturas alimentares especializadas que dependiam, por exemplo, da irrigação e do desmatamento. Outra consequência do processo de sedentarização foi o surgimento de populações cada vez maiores, que se organizaram na forma de povoados, dando origem ao que, mais tarde, seriam os primeiros núcleos urbanos.

Revolução Urbana: termo criado pelo arqueólogo Gordon Childe para designar o processo de mudança gerado em diferentes sociedades após o domínio da agricultura. A Revolução Urbana corresponderia, assim, ao momento do surgimento das primeiras cidades, quando diferentes grupos humanos puderam se organizar de forma mais complexa em função da produção do excedente agrícola, que deu condições para o desenvolvimento do comércio e da divisão do trabalho.

1. Represente, numa imagem, o modelo evolutivo proposto por Gordon Childe apontando as características de cada uma das etapas. Como você descreveria esse modelo? Você acha que ele pode ser aplicado a todas as sociedades, como defendia o autor? Justifique.
2. Quais foram os parâmetros usados pelo autor para descrever o estágio de civilização? Explique.
3. Você concorda que a escrita seja usada como critério para classificar uma sociedade como civilizada? Por quê?
4. Você acha que hoje em dia esse modelo ainda é aceito por muitas pessoas? Em caso afirmativo, pense em exemplos de situações em que ele se fez presente.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Avanço para "civilização"

O que explica a diversidade humana?

Nesses estudos, Gordon Childe não estava sozinho. Do final do século XIX até o início do século XX, muitos estudiosos abraçavam a perspectiva evolucionista, difundindo a ideia de que todos os grupos humanos passariam, necessariamente, pelos mesmos estágios de desenvolvimento até alcançarem aquilo que era apontado como ápice da civilização – a sociedade ocidental.

Um exemplo da força do evolucionismo no final do século XIX é o surgimento da Antropologia, ciência hoje dedicada ao estudo da diversidade cultural, mas que nasceu interessada em responder a uma pergunta que instigava pensadores num mundo cada vez mais marcado pelo encontro entre diferentes sociedades: O que explica a diversidade humana?

De Agostini Picture Library/Album/Fotoarena

Descobertos na Romênia, em 1961, esses três objetos, conhecidos como Tábuas Tártaras, têm gerado grande controvérsia entre os arqueólogos. Por apresentarem uma série de símbolos gravados, alguns estudiosos defendem que este seria o mais antigo registro escrito já encontrado. Com datação estimada de 5500 a.C., sua descoberta põe em xeque a teoria hegemônica, segundo a qual a escrita teria surgido na região da Mesopotâmia, por volta de 3600 a.C.

Partindo da premissa de que toda a humanidade evoluiria de forma linear, os primeiros antropólogos se dedicaram a construir escalas de civilização que ajudassem a prever o desenvolvimento de cada grupo humano. Como podemos imaginar, as nações europeias figuravam no extremo mais avançado da escala civilizatória, em oposição aos povos considerados selvagens (como os indígenas da América do Sul e populações africanas), dispondo o resto da humanidade entre esses dois limites.

Um passo de cada vez?

De modo geral, os antropólogos evolucionistas viam os povos considerados primitivos como uma etapa pela qual o ser humano civilizado já tinha passado. Para ilustrar seu argumento, usavam como exemplo a criança, que passa gradualmente para a vida adulta, num desenvolvimento ascendente, inevitável e irreversível.

Análise

Etnocentrismo e civilização

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Leia um trecho do livro *Evolucionismo cultural*, em que o antropólogo escocês James Frazer (1854-1941) deixa bem clara essa ideia:

> [...] um selvagem está para um homem civilizado assim como uma criança está para um adulto; e, exatamente como o crescimento gradual da inteligência de uma criança corresponde ao crescimento gradual da inteligência da espécie e, num certo sentido, a recapitula, assim também um estudo da sociedade selvagem em vários estágios de evolução permite-nos seguir, aproximadamente – embora, é claro, não exatamente –, o caminho que os ancestrais das raças mais elevadas devem ter trilhado em seu progresso ascendente, através da barbárie até a civilização.
>
> FRAZER, J. O escopo da Antropologia Social. *In.*: CASTRO, Celso (org.). *Evolucionismo cultural*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005. p. 48.

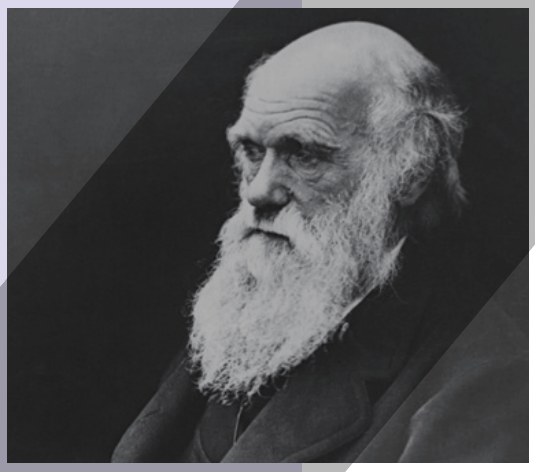
A respeito dos escritos dos autores evolucionistas, o antropólogo brasileiro Roque Laraia (1932-) comenta, em seu livro *Cultura: um conceito antropológico*, que "etnocentrismo e ciência marchavam então de mãos juntas".

1. Explique a frase acima, relacionando-a com o trecho do texto de James Frazer.
2. Você concorda com a afirmação de Roque Laraia? Justifique.
3. Você acha que a afirmação ainda vale para os dias de hoje? Por quê?

O darwinismo social

Em 1859, a publicação do livro *A origem das espécies* viria a mudar definitivamente o rumo dos estudos sobre a humanidade. Nele, o naturalista britânico Charles Darwin apresentava sua teoria da evolução, segundo a qual a todas as espécies se desenvolviam por meio do princípio da seleção natural. Anos mais tarde, outros estudiosos partiriam dessa premissa para explicar a enorme variedade entre os diferentes grupos humanos e justificar a suposta superioridade de certas sociedades sobre as outras. Foi o também inglês Herbert Spencer, por exemplo, que cunhou a expressão "sobrevivência dos mais aptos", numa adaptação das ideias de Darwin para o estudo da diversidade humana. De modo geral, o darwinismo social dava base a muitos dos princípios defendidos pelos autores evolucionistas, como a ideia de que características biológicas e sociais determinam o grau de desenvolvimento (e, portanto, de civilização) de indivíduos e grupos. Esses princípios foram, durante muitos anos, usados para embasar ideias como a **eugenia**, o racismo e o imperialismo, difundindo a noção de que os europeus deveriam civilizar outros povos, levando até eles formas superiores de tecnologia, ciência e governo. Um bom exemplo da aplicação do darwinismo social são as obras de Joseph Arthur de Gobineau (1816-1882). Esse naturalista francês se valia da teoria da evolução para defender a superioridade da "raça branca" e condenar a mistura entre o que considerava raças distintas – fenômeno que, segundo ele, levaria à decadência de toda a humanidade.

Em 1869, Gobineau veio ao Brasil e deixou registrado seu espanto e pessimismo com a grande presença do que designava como "raças inferiores", como negros e indígenas. Para ele, essa característica já teria selado a sorte do país: a população desapareceria por causa da degeneração, e nossa única saída seria a entrada de "raças europeias" no país, por meio do incentivo à imigração.



AKG/Fotoarena

O naturalista britânico Charles Darwin, em fotografia de 1875. Darwin formulou a teoria da evolução das espécies – sendo considerado o "pai" dela –, anteviu os mecanismos genéticos e fundou a biologia moderna.

GLOSSÁRIO

Eugenia: teoria que defende que se deve "melhorar" a raça humana priorizando características genéticas de determinadas populações por meio de mistura seletiva de indivíduos, esterilização obrigatória de pessoas com deficiência e, no futuro, engenharia genética.

Sociedades sem história?

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

A partir do início do século XX, as teorias evolucionistas começaram a ser duramente criticadas, dando lugar a estudos que defendiam a ideia de que algumas sociedades eram mais evoluídas do que outras.

Ainda assim, os princípios do evolucionismo continuaram a se fazer presentes por muito tempo, até hoje amparando teorias e interpretações bastante conhecidas. Um bom exemplo é a ideia de Pré-História, que durante décadas foi usada para designar o período referente às origens da humanidade. Atualmente, porém, a expressão não é mais aceita por muitos estudiosos. Você sabe por quê?

Tradicionalmente, conhecemos como Pré-História todo o período compreendido entre o surgimento dos primeiros hominídeos e a invenção da escrita, ocorrida por volta do ano 3200 a.C., na região da Mesopotâmia (atual Oriente Médio). Isso porque, para os estudiosos do século XIX, o único meio de conhecer o passado era por meio de registros escritos, o que os levava a considerar que as sociedades sem escrita não tinham história.

Aos poucos, pesquisadores perceberam que objetos, imagens e registros orais podiam ser considerados recursos importantes para o estudo de qualquer sociedade. Hoje em dia, sabe-se que há inúmeras possibilidades de fontes para o estudo de uma sociedade e de sua história – entre elas, a arquitetura de um prédio, as ruas de uma cidade, músicas, paisagens e até mesmo a genética. Além disso, descobriu-se que a escrita surgiu em diferentes momentos ao redor do planeta, o que torna impossível a definição de um marco universal para a passagem da assim chamada Pré-História para a História.

Hoje em dia, sabe-se que há inúmeras possibilidades de fontes para o estudo de uma sociedade e de sua história.

1. Faça uma pesquisa sobre a existência de povos sem escrita nos dias atuais.
2. Você acha que podemos dizer que eles estão na Pré-História? Ou que eles não têm história? Por quê?
3. O que esses exemplos podem nos dizer sobre o esquema proposto por Gordon Childe?
4. Podemos dizer que a Revolução Neolítica foi uma transformação definitiva e universal? Explique.
5. Em sua opinião, seria desejável que todos os povos desenvolvessem a escrita? Justifique.

Percebemos que o conceito de Pré-História (e a ideia de que haveria povos sem história) parte de uma perspectiva etnocêntrica do desenvolvimento humano. Afinal, ela se baseia na ideia de que a história só está presente onde há registro escrito. Vale lembrar, ainda, que as sociedades nômades, por tanto tempo vistas como atrasadas ou selvagens, mantêm até hoje uma trajetória baseada na preservação dos recursos necessários para sua reprodução social e material. Quem seria mais civilizado, afinal?

Quem seria mais civilizado, afinal?

O antropólogo brasileiro Eduardo Viveiros de Castro defende que os povos amazônicos foram muito mais bem-sucedidos em sua relação de cumplicidade com a natureza do que as sociedades eurocêntricas.

> [...] hoje, sabemos que povos indígenas que viveram na região amazônica não foram prejudiciais ao seu ambiente. Pelo contrário: estudos indicam que a composição da Floresta Amazônica foi diretamente influenciada pelos homens que há milhares de anos nela viveram. O cultivo de culturas comestíveis de plantas e frutas, por exemplo, contribuiu para aumentar e diversificar as fontes alimentícias não só para os humanos como também para todas demais espécies.

MARCOS, Ferdinando. Viveiros de Castro: "Sociedades tradicionais podem servir de exemplo". *In*: UFMG. Belo Horizonte, 10 out. 2017. Disponível em: https://ufmg.br/comunicacao/noticias/viveiros-de-castro-propoe-formas-de-viver-em-paz-com-o-mundo-em-conferencia. Acesso em: 27 abr. 2020.

Análise

Comunidades isoladas

Observe a imagem a seguir.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Lunae Parracho/Reuters/Fotoarena

Membros de grupo indígena isolado, em fotografia aérea no estado do Amazonas, próximo à fronteira entre Brasil e Peru, 2014.

1. Faça uma pesquisa e descubra quantas são, em média, as comunidades indígenas isoladas atualmente no Brasil.

Esses exemplos nos mostram que o uso do termo Pré-História indica uma perspectiva bastante parcial da história humana, alinhando-se aos princípios do evolucionismo. Hoje, cientes de todas as limitações e preconceitos que a ideia carrega, podemos entender a Pré-História como um período em que ainda não haviam surgido sociedades complexas e sedentárias, sem que isso implique a suposição de que essas são formas de organização social a serem alcançadas por todos os grupos humanos.

Vozes

Ailton Krenak nasceu em 1953, numa aldeia da etnia krenak, na região do Rio Doce, em Minas Gerais. Após se alfabetizar, aos 17 anos, tornou-se jornalista e produtor gráfico. Mas foi a partir da década de 1980, ao engajar-se no movimento indígena, que ele passou a ser conhecido como uma das principais lideranças em defesa dos povos originários no Brasil.

Em 1987, Ailton protagonizou um dos momentos mais marcantes da Assembleia Nacional Constituinte que elaborou a Constituição de 1988. Ao discursar na tribuna, ele pintou o rosto com a tinta preta do jenipapo – seguindo um costume dos krenaks – para denunciar os sucessivos ataques sofridos pelos indígenas na história brasileira e defender a inclusão de um capítulo voltado à sua proteção. Pela primeira vez na história do país, os povos originários passaram a ter garantido o direito à posse da terra.

Cesar Borges/Fotoarena

Ailton Krenak também participou da fundação de entidades como a União das Nações Indígenas, a Aliança dos Povos da Floresta e o Núcleo de Cultura Indígena. São Paulo (SP), 2019.

Mais recentemente, ele tem se dedicado a denunciar os impactos causados pelo rompimento da barragem do Fundão, em Mariana (Minas Gerais), sobre o território krenak. "Foi um incidente, no sentido da omissão e da negligência do sistema de licenciamento, supervisão, controle, renovação das licenças, autorização de exploração."

Sobre esse episódio, ele lembra que para os indígenas o Rio Doce (chamado de *Watu* pelos krenaks) é uma entidade que tem personalidade própria, e não um recurso a ser explorado. "O rio está em coma. De certa maneira, essa prontidão que as pessoas estão vivendo na margem do rio agora as deixa no mesmo estado simbólico de coma em que o corpo do rio está. Eu vejo isso como uma coisa tão assustadora, que tenho dificuldade de falar no *Watu* sem me revoltar."

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Análise

Progresso pra quem?

1. Analise a tirinha acima e relacione-a com o conceito de civilização.
2. Em sua opinião, o que é progresso? Justifique.

Quem são os bárbaros?

Ainda hoje é comum que o termo seja usado em referência a algum acontecimento ou comportamento considerado atrasado, rude ou irracional.

Outro conceito que merece atenção é o de barbárie. Essa era a palavra usada para classificar as sociedades que estariam um degrau acima dos povos considerados mais primitivos, mas ainda assim muito distantes da civilização. Não por acaso, ainda hoje é comum que o termo seja usado em referência a algum acontecimento ou comportamento considerado atrasado, rude ou irracional.

É interessante notar que essa palavra deriva de uma expressão utilizada na Grécia Antiga, que classificava como bárbaros os povos estrangeiros. A expressão, sempre usada de forma pejorativa, difundiu-se mais tarde pelo Império Romano, passando a designar pessoas e povos não romanos, ou seja, aqueles situados fora das fronteiras do Império e que não falavam o latim. Não por acaso, a palavra **bárbaro** passou a ser usada também como sinônimo de não civilizado, indicando sua forte carga etnocêntrica – afinal, eram considerados bárbaros todos aqueles que não compartilhavam dos mesmos hábitos e costumes dos romanos. Nesse sentido, vale ressaltar que os bárbaros não pertenciam a uma única sociedade ou etnia. Nessa categoria entravam tanto os hunos (de origem oriental) quanto os muitos povos germânicos (como os godos) e os celtas (como os gauleses).

Apesar de a expressão demarcar forte oposição entre romanos e não romanos, sugerindo uma separação rígida entre nativos e estrangeiros, a história nos mostra uma realidade bem mais complexa. Um bom exemplo disso é o fato de que, no século III, povos fronteiriços com o Império circulavam livremente pelo território romano. Muitos chegaram a se instalar pacificamente no interior do império, a integrar seu exército e a ocupar cargos administrativos. De fato, não são poucos os vestígios materiais que indicam uma intensa troca comercial e cultural entre romanos e bárbaros, como a presença de utensílios e moedas do Império Romano em túmulos de povos germânicos.

Análise

Costumes diferentes

Analise a imagem a seguir:

Walter Pinto

1. Como aparece o conceito de barbárie na situação apresentada?

Durante os séculos IV e V, atraídos pela disponibilidade de terras férteis e pelo clima ameno dos domínios romanos, os povos germânicos iniciaram um intenso processo migratório que ficou conhecido como as "Invasões Bárbaras". Contribuiu também a pressão militar exercida pelos hunos, povo guerreiro da Ásia que voltava suas forças para a conquista de terras na Europa central. A migração dos povos germânicos foi determinante para a queda do Império Romano do Ocidente, no ano de 476.

Não há dúvidas de que este foi um processo permeado de conflito e violência. Mas é preciso atentar para o fato de que, mais que a consolidação da oposição entre povos distintos, essa migração representou a intensificação do intercâmbio cultural entre populações de origens diversas, modificando profundamente a formação étnica, política, econômica, linguística e religiosa do mundo ocidental.

1. Com base na leitura do texto, você diria que a divisão entre bárbaros e civilizados é algo natural ou relativo? Por quê?
2. O que essas classificações podem nos dizer sobre a história de encontros, trocas e, sobretudo, disputas entre diferentes povos?

Relativismo cultural

No início do século XX o evolucionismo passou a ser questionado, dando lugar ao que ficou conhecido como **relativismo cultural**. O antropólogo alemão Franz Boas, entre 1883 e 1884, participou de uma expedição para contatar os povos nômades da Ilha de Baffin, no Canadá, e foi uma das figuras-chave na elaboração desse conceito.

O relativismo cultural desconstruía as bases do evolucionismo.

Ao viver entre eles, compartilhando de seu cotidiano, sua dieta e seus costumes, Boas começou a questionar a ideia, então amplamente aceita, de que aquela era uma sociedade inferior, atrasada, composta de homens e mulheres selvagens. No diário que escreveu durante a expedição, ele anotou: "Frequentemente me pergunto que valor a [...] 'civilidade' possui sobre aquela dos 'selvagens' e descubro, quanto mais vejo seus costumes, que não temos o direito de olhá-los de cima para baixo".

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Anos mais tarde, já atuando como professor de Antropologia, Boas apontou a estadia entre os nativos da Ilha de Baffin como marco da origem de seu conceito de relativismo cultural. Contrapondo-se à ideia de que a humanidade se dividia em povos que ocupavam diferentes degraus numa mesma escala evolutiva, o antropólogo defendeu que cada sociedade deve ser estudada e compreendida em si mesma, e não em comparação às demais.

Assim, segundo a teoria de Boas, cada ser humano percebe o mundo do ponto de vista da cultura em que cresceu. Afinal, na perspectiva relativista não haveria sociedades mais civilizadas ou menos civilizadas. Apenas sociedades diferentes entre si. O relativismo cultural desconstruía as bases do evolucionismo.

Relativismo cultural: surgiu em contraposição ao evolucionismo. Ele se opõe ao princípio de que ideias, valores e costumes são absolutos e universais. Assim, na visão relativista, o que é considerado "verdade" (política, religiosa, moral, científica etc.) depende da época, do lugar e do grupo social ao qual se refere. Nas Ciências Sociais, esse conceito defende a validade e a riqueza de qualquer sistema cultural. É, portanto, um princípio segundo o qual qualquer crença e/ou costume deve ser sempre interpretado nos termos da própria cultura. Podemos dizer, assim, que o relativismo se contrapõe radicalmente à perspectiva etnocêntrica, que leva em consideração apenas um ponto de vista em detrimento aos demais.

American Philosophical Society/ Science Photo Library/Fotoarena

O antropólogo Franz Boas na expedição em que contatou os povos nativos da Ilha de Baffin, no Canadá (1883-1884).

Princípio da superioridade

Chico Ferreira/Pulsar Imagens

Crianças autodeclaradas de etnia tupinambá. Santarém (PA), 2017.

Apesar de o relativismo cultural ter se consolidado no início do século XX, o questionamento do princípio da superioridade se fez presente antes, ainda que pontualmente. Um exemplo foi descrito pelo humanista francês Michel de Montaigne. Em 1580, ele narrou suas impressões sobre um encontro com indígenas tupinambás que haviam sido levados do Brasil para a Europa a fim de serem exibidos ao rei da França, Carlos IX. Um costume em especial chamava a atenção dos europeus: a antropofagia, o ato de comer carne humana, também conhecido como canibalismo. A prática acontecia quando um inimigo era capturado em guerra, sendo então morto e degustado pelos vencedores do combate. Praticantes de hábitos "bárbaros", os tupinambás passaram a servir como exemplo de uma sociedade "selvagem".

A curiosidade levou Montaigne a conhecê-los e a escrever sobre eles. Assim, Montaigne descreveu uma sociedade muito organizada, em que quase não existiam doenças e a alimentação era farta. Sem minimizar a brutalidade que enxergava no canibalismo, ele surpreendeu ao denunciar a hipocrisia dos europeus, que se horrorizavam com a antropofagia sem atentar para a própria barbárie. Com a justificativa de civilizar, os conquistadores europeus cometiam atrocidades igualmente violentas, não podendo, portanto, julgar-se superiores aos indígenas.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Análise

Aos olhos de quem?

Leia a seguir um dos trechos mais conhecidos do livro *Ensaios*, de Michel Montaigne.

> [...] não vejo nada de bárbaro ou selvagem no que dizem daqueles povos; e, na verdade, cada qual considera bárbaro o que não se pratica em sua terra. [...] Não me parece excessivo julgar bárbaros tais atos de crueldade [o canibalismo], mas que o fato de condenar tais defeitos não nos leve à cegueira acerca dos nossos. [...] Podemos, portanto, qualificar esses povos como bárbaros em dando apenas ouvidos à inteligência, mas nunca se compararmos a nós mesmos, que os excedemos em toda sorte de barbaridades.
>
> MONTAIGNE, Michel Eyquem de. *Ensaios*. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1984. p. 101 e 103.

1. Reflita sobre o trecho acima. Você consegue pensar em exemplos atuais da postura denunciada por Montaigne? Como essa reflexão se relaciona com processos contemporâneos de destruição do meio ambiente e da paisagem natural? E da paisagem construída? Dê exemplos.
2. Pesquise informações sobre os tupinambás e responda: Seus hábitos são parecidos com os do povo tupinambá descrito por Montaigne?

O melhor microbioma do mundo

O mais diversificado microbioma digestivo do planeta. Esse é o resultado do estilo de vida dos hadzas, um grupo étnico que vive há cerca de 40 mil anos no norte da Tanzânia e que é, hoje, um dos poucos grupos de caçadores-coletores do mundo.

Com uma população de pouco mais de mil pessoas, os hadzas são o exemplo daquilo que os estudiosos do passado classificavam como primitivos ou selvagens: não têm Estado, calendário, religião ou escrita, mantendo uma organização social com base na tradição oral. Sua alimentação é baseada no consumo de frutas, tubérculos e carne de 30 animais diferentes. Recentemente, pesquisadores do mundo todo têm atentado para o resultado dessa dieta: uma flora intestinal excepcionalmente rica e, consequentemente, imunidade fortalecida. Em 2017, o epidemiologista britânico Tim Spektor passou um período entre os hadzas, alimentando-se como eles. Em apenas três dias a diversidade do seu microbioma havia aumentado 20%. Por indicadores como este, a dieta dos hadzas vem sendo analisada por pesquisadores voltados ao combate à obesidade e ao fortalecimento do sistema imunológico.

- O que esse exemplo pode nos revelar a respeito de povos que, durante tanto tempo, foram considerados selvagens? Pense em outros exemplos de contribuições que povos de sociedades simples podem oferecer às sociedades modernas.

Kairi Aun/Dreamstime.com

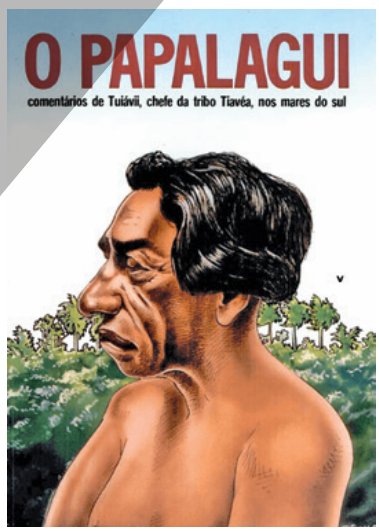
Mulher hadza descasca um tubérculo para a refeição. Tanzânia, 2019.

O olhar dos "outros"

Até agora estudamos apenas o olhar dos europeus sobre as demais sociedades. Mas será que os diferentes grupos que estabeleceram relações com os europeus no decorrer da história não formularam também suas próprias impressões sobre eles? Apesar de não haver muitos registros que nos permitam acessar essas impressões, alguns documentos podem nos dar algumas pistas.

O livro *O Papalagui* transcreve o discurso em que Tuiavii, chefe da [illegible] na Polinésia), narra impressões [illegible] à Europa, no início do século XX. A obra traz a descrição da vida nas grandes cidades, com seus prédios, ruas e bondes, ruídos e confusão. Ele se mostra atônito diante da relação do ser humano ocidental com o dinheiro (que ele diz ser sua "verdadeira divindade"), da pressa constante e da mania de cobrir todo o corpo. Comparou a casa do homem branco a um baú de pedra com muitos furos.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL



Editora Marco Zero

Ao final do livro, Tuiavii faz um apelo, pede ajuda a Deus para que a luz do Papalagui não cegue seu povo nem o leve ao erro e ao desamor, mostrando que o estilo de vida europeu não lhe pareceu superior ao de sua aldeia – muito pelo contrário.

Todas essas reflexões mostram que a ideia de civilização tem uma longa história, chegando à atualidade como resultado do acúmulo de diferentes valores e perspectivas. Nesse sentido, se antes falava-se em **civilização**, no singular, hoje tratamos de pensar em **civilizações**, sempre no plural.

1. Imagine que você vive em uma sociedade distante e que acaba de conhecer uma grande cidade. Dê um nome para seu grupo de origem, apontando a localização, e escreva um texto em que descreva essa cidade para seu povo levando em conta os aspectos físicos e sociais.

Civilizações no tempo e no espaço

Até agora, vimos como o conceito de civilização foi (e ainda é) usado como critério para medir o grau de desenvolvimento das diferentes sociedades. Vimos também os muitos problemas e complexidades que essa perspectiva envolve, e pudemos compreender por que é tão importante pensar criticamente sobre ela.

Mas essa não é a única maneira de utilizar esse conceito. Ele pode também ser empregado para se referir aos diversos povos e grupos que desenvolveram técnicas de apropriação dos recursos naturais, modelagem intensa, sistemática da paisagem e formação de redes de poder político.

É nesse sentido que costumamos fazer referência às civilizações antigas, remetendo a diferentes grupos sociais cujos vestígios e continuidades nos possibilitam entender aspectos importantes das sociedades de hoje e do desenvolvimento da humanidade como um todo. A seguir, trouxemos exemplos com as principais características de algumas das primeiras civilizações de que há registro, cujos legados se fazem presentes, de muitas maneiras, na atualidade.

A Grécia é uma das primeiras sociedades que nos vêm à mente quando pensamos em civilizações antigas.
O Período Clássico, entre os séculos V a.C. e IV a.C., ficou marcado pelo apogeu da civilização grega. Isso se deve, principalmente, ao desenvolvimento cultural e econômico observado em Atenas, que passou a controlar o comércio do Mediterrâneo, ganhando forte centralidade em toda a região. É desse período o desenvolvimento do teatro, da arquitetura e da filosofia gregas, com destaque para a construção do Parthenon e a produção filosófica de Platão e Aristóteles.

Mikhail Pavlov/Alamy/Fotoarena

Acrópole de Atenas.

Ao chegar ao continente americano, em 1492, Cristóvão Colombo se surpreendeu com civilizações tão complexas quanto as sociedades europeias. Muitas delas conheciam a escrita, tinham sofisticados sistemas matemáticos, adotavam calendários precisos e construíram centros urbanos maiores que muitas cidades do Velho Continente. É o caso, por exemplo, dos maias, incas e astecas, que ocuparam diferentes partes daquela região em momentos distintos.

Pirâmide asteca.

Jui-Chi Chan/Alamy/Fotoarena

G. Dagli Orti/De Agostini Picture Library/Bridgeman/Fotoarena

Calendário maia.

Artefato inca.

DEA/G. DAGLI ORTI/De Agostini/Getty Images

Os astecas construíram aquela que é considerada a principal civilização pré-colombiana. Tenochtitlán, a capital de seu império, beneficiava-se da riqueza do governo, sendo constantemente ampliada e reformada. Fundada em 1325, era recortada por canais navegáveis e por grandes aquedutos de pedra destinados ao transporte de água potável. A capital tinha também grandes pirâmides e templos religiosos, nos quais eram realizados rituais de sacrifício humano em homenagem aos muitos deuses que compunham sua religião.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Jair Cabrera Torres/DPA/dpa Picture-Alliance/AFP

Ruínas do Templo Mayor de Tenochtitlán, na Cidade do México.

Em 1521, os astecas foram derrotados pelos conquistadores espanhóis, liderados por Hernán Cortez, que destruíram seus templos e objetos. Anos mais tarde, os espanhóis construíram a Cidade do México no mesmo lugar da antiga capital asteca. São muitos os legados dos astecas na cultura mexicana, por exemplo, nas artes, na comida e em ruínas encontradas em diferentes lugares do México.

Foram muitas as civilizações que se desenvolveram em todo o continente africano em diferentes momentos da história. É o caso de Mali, um dos maiores e mais conhecidos impérios africanos.
Localizado no alto do Rio Níger, região que atualmente abriga partes de Senegal, Gâmbia, Guiné Bissau e Mali, esse império foi fundado no século XIII pelo povo africano malinquê.

DeAgostini/Getty Images

Mesquita de Djenné, em Mali.

PHILIPPE ROY/AURIMAGES/AFP

Caravanas de comércio pelo deserto do Saara.

De maioria islâmica, o Império Mali tinha uma economia bem diversificada. Seu território englobava não só as minas auríferas do extinto Reino de Gana como também as redes de comércio que levavam o ouro até o Deserto do Saara, de onde era conduzido para o norte da África e de lá para a Europa e o Oriente Médio. As caravanas que levavam o ouro voltavam com sal, contas de vidros, tecidos e alimentos produzidos em outras regiões.

As constantes guerras entre as cidades-Estado gregas levaram, porém, a seu declínio. Enfraquecidas, as pólis foram definitivamente dominadas no século IV pelo exército macedônio, quando teve início o assim chamado Período Helenístico. Ele foi marcado pelo esforço empreendido por Alexandre Magno, imperador da Macedônia, para difundir a cultura grega em todo o território sob seu domínio. Em 146 a.C., a anexação da Península Grega por Roma poria fim ao que conhecemos como Grécia Antiga. Mas a assimilação de muitos aspectos da cultura grega pelos romanos contribuiu para que diversas características daquela civilização chegassem até os dias atuais.

A Mesopotâmia estava situada entre os rios Tigre e Eufrates, no Oriente Médio, no atual território do Iraque. Ela abrigou aquelas que são consideradas as primeiras cidades do mundo, entre 4000 a.C. e 539 a.C. Na região, povos distintos que se encontraram se misturaram, empreenderam guerras e dominaram uns aos outros.

Acredita-se que os sumérios tenham sido os primeiros povos a se fixar no local, erguendo algumas das mais antigas cidades do mundo. Inventaram sistema de canalização dos rios para armazenamento de água, bem como a divisão do dia em 24 horas e das horas em 60 minutos. Criaram, ainda, o calendário de 12 meses, alguns dos primeiros cálculos astronômicos de que se tem notícia e complexos sistemas legais e administrativos.

Mas sua invenção mais conhecida é a chamada escrita cuneiforme, feita em placas de argila. Surgida por volta de 3000 a.C., a técnica era usada para o registro de contabilidade do comércio, dos palácios reais e da produção agrícola.

Adriano Loyola

Alamy/Fotoarena

Placa de argila com escrita cuneiforme.

Luisa Ricciarini/Bridgeman/Fotoarena

Detalhe do Mosaico de Alexandre Magno.

Zev Radovan/Bridgeman Images/Fotoarena

Porta de Ishtar.

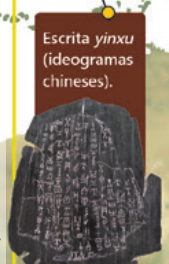
Outro povo mesopotâmio bastante conhecido são os babilônios, habitantes da cidade de Babilônia, que tiveram grande expansão no século II a.C. Um de seus reis, Hamurábi, unificou toda a região ao redor da cidade, dando início ao Primeiro Império Babilônico (1800 a.C. a 1600 a.C.). Ele foi o responsável pela formulação do Código de Hamurábi, um dos mais antigos corpos de leis de todos os tempos.

O impressionante crescimento econômico da China no decorrer das últimas décadas e o aumento de sua influência no cenário global vêm despertando a atenção de todo o mundo para esse país. Longe de ser um fenômeno recente, a força da civilização chinesa remonta a um período de mais de 4 mil anos.

STR/AFP

Escavação arqueológica dos Guerreiros de Xian, na China.

Por muito tempo acreditou-se que as margens do Rio Huang-Ho (ou Rio Amarelo) haviam sido o berço da civilização chinesa. Mais recentemente, porém, escavações arqueológicas mostraram que esse foi apenas um dos centros de difusão das muitas culturas que deram origem a essa civilização. Isso revela que o processo de povoamento e desenvolvimento cultural da China Antiga foi muito mais complexo do que se imaginava.

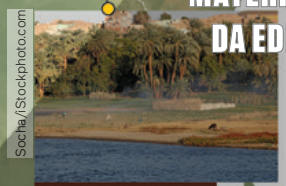


Sun Xuejun/Shutterstock.com

Escrita *yinxu* (ideogramas chineses).

Em 1600 a.C. teve início a Dinastia Shang, que protagonizou um período de grande florescimento cultural na região, como o desenvolvimento da escrita yinxu (que deu origem à atual escrita chinesa, feita com ideogramas), a criação de instrumentos musicais e o desenvolvimento da técnica de fabricação da seda.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL



Socha/iStockphoto.com

Rio Nilo na atualidade.

Kataleewan Intarachote/Shutterstock.com

Pirâmides de Gizé, no Egito.

O Egito Antigo abrigou aquela que é considerada uma das mais importantes civilizações da Antiguidade. Localizado no norte da África, numa região desértica, é cortado no sentido sul-norte por um vale estreito e fértil por onde corre o Rio Nilo.

Uma das principais características da sociedade egípcia era a religiosidade. Por acreditarem na imortalidade, os egípcios viam a morte como um grande acontecimento. Por isso, enfeitavam as tumbas dos faraós com pinturas que narravam seus grandes feitos. Buscando preservar os corpos para a vida após a morte, desenvolveram a técnica da mumificação e construíram enormes pirâmides, que serviam como túmulos para os faraós e seus familiares. Até hoje, foram descobertas 130 pirâmides em todo o Egito, mas acredita-se que existam muitas outras soterradas sob lama e areia.

Além de sofisticadas técnicas de agricultura e engenharia hidráulica, os egípcios alcançaram grande desenvolvimento na tecelagem e na fabricação de objetos de vidro. Eles se notabilizaram, ainda, por seus conhecimentos sobre a anatomia humana, o que lhes rendeu grandes avanços na área da Medicina, como o uso pioneiro de anestesia em intervenções cirúrgicas.

Fontes: VICENTINO, Cláudio. *Atlas histórico*: geral e do Brasil. São Paulo: Scipione, 2011; HISTORY of the world map by map. Londres: Dorling Kindersley, 2018; DUBY, Georges. *Grand atlas historique*. Paris: Larousse, 2011; IBGE. *Atlas geográfico escolar*. 8. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 2018. p. 33.

Ocidente × Oriente?

A divisão da humanidade em diferentes civilizações é uma ferramenta bastante útil para pensarmos sobre diversos aspectos das histórias das sociedades. Por meio dela podemos entender como se desenvolveram determinadas ideias, instituições e tecnologias, além de compreender a transformação de paisagens por meio da ação humana. Essa divisão oferece, porém, o risco de pensarmos em cada civilização como uma unidade fechada em si mesma, ignorando as muitas trocas e relações que compõem a história de cada uma delas.

Uma das maiores expressões dessa visão é a tradicional divisão entre Oriente e o Ocidente. Essa divisão deu origem a muitos estereótipos que ajudam a manter viva essa suposta oposição.

O escritor palestino Edward Said, em seu livro *Orientalismo*, argumenta que escritores e artistas ocidentais construíram, desde a Idade Média, a ideia de que o Ocidente corresponde a uma única civilização. Para isso, ignoraram as peculiaridades dos povos considerados ocidentais, defendendo que todos compartilhavam de uma mesma história e de um mesmo conjunto de valores (como o apreço à democracia, à liberdade e à ciência). Entretanto, além de reafirmar o que era supostamente comum a todo o mundo ocidental, eles teriam construído também seu avesso, o Oriente – um território desconhecido, permeado de mistério, magia e exotismo.

O **orientalismo** pode ser definido, então, como a visão do Oriente a partir do Ocidente, expressa em estereótipos que procuram marcar suas supostas diferenças. O Oriente não seria, assim, uma denominação geográfica, mas sim um conjunto de ideias, visões, tipos humanos e representações construídos pelo Ocidente como forma de se identificar como superior.

Orientalismo: o modo pelo qual são chamados os estudos sobre as civilizações orientais (atuais ou históricas), em especial as do Oriente Médio. Graças ao livro *Orientalismo*, publicado em 1978 pelo palestino Edward Said, o termo passou a designar também a representação feita do Oriente pelos ocidentais. Denunciando o que define como uma visão eurocêntrica, Said chamou de orientalismo o conjunto de produções feitas por ocidentais desde a Idade Média que difundiram estereótipos sobre as sociedades orientais, apresentando-as como misteriosas, exóticas, atrasadas e perigosas.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Coleção particular

Giulio Rosati. *The Harem Dance*, [19--?]. Óleo sobre tela, 64,8 cm × 114,8 cm.

Afinal, ao rotular o Oriente como primitivo, violento e despótico, o Ocidente, por contraste, apresenta-se como avançado, democrático e esclarecido. O Oriente seria, então, o "Outro", representando tudo aquilo que o Ocidente não quer ser.

Análise

A polêmica da burca

Um tema recorrente quando tratamos das diferenças entre Ocidente e Oriente é a burca, uma veste feminina que cobre todo o corpo, inclusive o rosto e os olhos, usada por mulheres muçulmanas de algumas tradições islâmicas. De modo geral, os ocidentais veem a burca (e os demais tipos de véus islâmicos) como um símbolo da opressão sobre as mulheres orientais. Em 2019, a Holanda proibiu seu uso em locais públicos, seguindo o exemplo da França e da Dinamarca (que instituíram a proibição em 2010 e 2018, respectivamente). Os dirigentes desses países justificaram a medida alegando questões de segurança e incompatibilidade da burca com seus valores nacionais (como a igualdade de gênero).

Evans

Pensando sobre isso, a antropóloga palestina escreveu o artigo: "As mulheres muçulmanas precisam realmente de salvação?". Nele, ela defende que a burca deve ser vista como um produto histórico-cultural, deixando de lado os preconceitos que a veem, unicamente, como um instrumento de opressão.

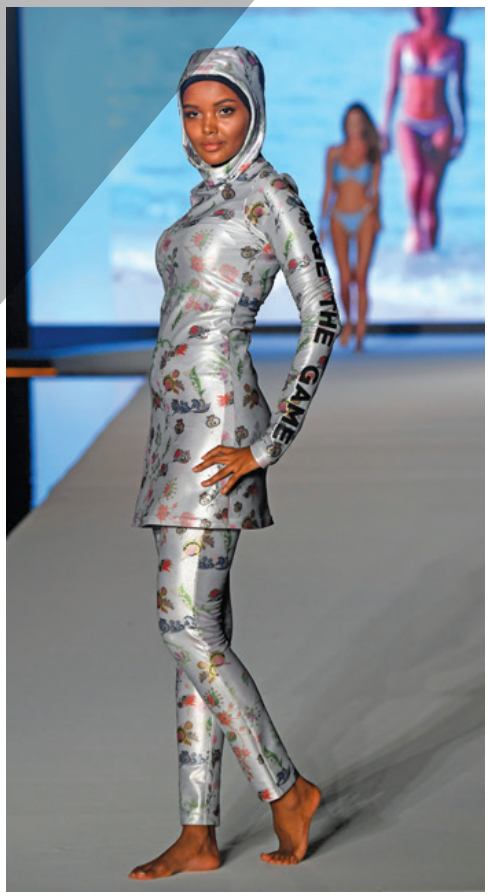
> Nós podemos querer a justiça para as mulheres, mas podemos aceitar que pode haver ideias diferentes sobre a justiça e que mulheres diferentes podem querer, ou escolher, futuros diferentes daqueles que vislumbramos como sendo melhores?

ABU-LUGHOD, Lila. As mulheres muçulmanas precisam realmente de salvação? Reflexões antropológicas sobre o relativismo cultural e seus dilemas. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 20, n. 2, p. 451-470, 2012.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Columbia GSAPP/Wikimedia.org

Lila Abu-Lughod durante conferência em Nova York, EUA, 2014.



Frazer Harrison/Getty Images

A *top model* muçulmana Halima Aden vestindo *burkini* e *hijab* durante desfile. Miami, Estados Unidos, 2019.

1. Você concorda com a proibição do uso da burca nos países citados? Justifique.
2. Considerando os argumentos expostos por Lila Abu-Lughod, reflita a respeito dos impactos da participação da modelo Halima Aden em um desfile de moda praia sobre as mulheres muçulmanas que vivem em países ocidentais.

Dan Howell/Shutterstock.com

Nuvem de fumaça durante o ataque terrorista ao World Trade Center Towers. Nova York, 11 de setembro de 2001.

Entre dois mundos?

Retomando a crítica de Edward Said à ideia de uma divisão rígida e natural entre Ocidente e Oriente, Lila Abu-Lughod questiona o conceito de que o mundo se divide entre cidadãos civilizados e terroristas – cabendo aos primeiros libertarem as mulheres muçulmanas oprimidas pelo segundo.

Essa divisão foi difundida especialmente após 11 de setembro de 2001, quando a organização fundamentalista islâmica Al-Qaeda coordenou um ataque às torres do World Trade Center, em Nova York, matando 2 996 pessoas. Desde então, a assim chamada "guerra ao terror" (como ficou conhecida a campanha dos EUA contra o terrorismo) teria acirrado a geografia imaginária que opõe Ocidente e Oriente.

> Isso não significa que devemos negligenciar situações de opressão ou deixar de prestar ajuda quando ela se faz necessária. Mas sim que temos de estar permanentemente atentos para o fato de que conceitos como justiça, liberdade e igualdade (entre tantos outros) podem ter formas e significados diferentes para cada grupo – não sendo, portanto, valores fixos e universais.

Como, então, escapar aos perigos da falsa dicotomia entre Ocidente e Oriente, evitando cair em estereótipos? A melhor saída é tomá-los como construções históricas, e não como realidades geograficamente determinadas. Dessa forma, em vez de civilizações opostas e impenetráveis, é possível vê-las como realidades em permanente contato e transformação.

Nesse caminho, o internacionalista Oliver Stuenkel desenvolveu o conceito de "ocidentocentrismo" para se referir à preponderância dos valores ocidentais na política global. De acordo com ele, o processo de colonização europeia na América, África e Ásia fez com que a história não ocidental fosse deixada de lado, levando pensadores a terem pouco contato com perspectivas e visões de mundo dos povos conquistados.

GLOSSÁRIO

Herege: nome dado ao indivíduo que professa uma heresia, ou seja, que questiona certas crenças estabelecidas por determinada religião.

Inquisição: a Inquisição foi criada na Idade Média (século XIII) e era dirigida pela Igreja Católica Apostólica Romana. Era composta de tribunais que julgavam todos aqueles considerados uma ameaça às doutrinas (conjunto de leis) dessa instituição.

1. Explique a diferença entre **eurocentrismo** e **ocidentocentrismo**.

Podemos refletir também sobre o fato de que diversos eventos importantes da história não foram construídos unilateralmente pelo Ocidente, e sim por processos de negociação entre valores ocidentais e não ocidentais. Isso vale, por exemplo, para o desenvolvimento de ideias como a democracia, os direitos humanos e a diplomacia, os quais, apesar de serem considerados puramente ocidentais, surgiram em muitos lugares ao mesmo tempo ou são fruto de cruzamentos culturais diversos – não tendo, por isso, uma origem única.

Vale lembrar que a defesa da tolerância à diversidade religiosa tinha sido defendida na Índia pelos imperadores Asoka (no século III) e Akbar (no século VI), enquanto na Europa Medieval a **Inquisição** levava **hereges** para a fogueira. Vemos, assim, que as noções de direitos humanos e religiosos surgiram em várias partes do mundo, não sendo próprias a nenhuma civilização específica. É nesse sentido que as histórias das sociedades foram constituídas por uma interação frequente e pluridirecional entre as civilizações.

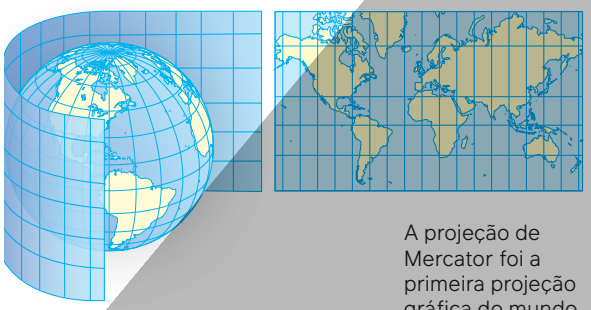
MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

O mapa-múndi e a projeção de Mercator

Mas o ocidentocentrismo se expressa, também, em coisas mais palpáveis, como os mapas. Desde muito cedo somos apresentados ao que chamamos de mapa-múndi, uma representação plana do globo terrestre. Apesar de estarmos bem acostumados com essa imagem, fazendo com que ela nos pareça natural, é preciso lembrar que ela tem uma história. Existem várias versões do mapa-múndi, e uma das mais conhecidas é chamada projeção de Mercator, elaborada em 1569.

Nesse ano, Gerardus Mercator apresentou uma projeção cartográfica cujo objetivo era orientar a navegação em um período de expansão vertiginosa do capitalismo comercial. A projeção de Mercator, como ficou conhecida, é elaborada com técnica cilíndrica, que preserva as formas, mas distorce as áreas proporcionais. Como podemos observar, as áreas estão mais distorcidas nas altas latitudes, nas áreas mais afastadas do Equador.

Apesar de ainda ser muito utilizado, esse mapa é atualmente criticado por representar uma visão eurocêntrica do mundo.



Alessandro Passos da Costa

A projeção de Mercator foi a primeira projeção gráfica do mundo da Era Moderna. Com a Expansão Marítima europeia e a "chegada dos europeus a outros continentes, essa projeção de Mercator foi pioneira ao conseguir representar o globo esférico da Terra em um plano.

1. Analise a imagem e aponte quais aspectos evidenciam o eurocentrismo denunciado por seus críticos.
2. Com base na resposta anterior, explique por que esse mapa foi tão usado com finalidade geopolítica durante todo o século XX e início do século XXI.
3. Procure outras versões do mapa-múndi e analise suas diferenças com relação à projeção de Mercator.

Sabemos que é impossível representar a forma esférica do globo terrestre numa imagem plana sem gerar distorções, mas é interessante notar que as distorções acabam revelando escolhas que refletem posicionamentos e visões de mundo. No caso da projeção de Mercator, observe o tamanho da Groenlândia, que aparece maior que toda a América do Sul, apesar de corresponder a uma área quatro vezes menor. Além disso, a Europa também tem um tamanho exagerado, enquanto a África aparece bastante reduzida. Mas o que tudo isso pode nos dizer?

Um primeiro ponto importante, e que nos passa despercebido por ser algo comum a quase todos os mapas, é o fato de a Europa ocupar o centro da imagem. Como a Terra é esférica (ou melhor, geoide), qualquer lugar da superfície pode corresponder ao centro. Isso significa que essa é uma escolha feita com base nos pontos de vista e interesses envolvidos na produção do mapa, publicado em plena Expansão Marítima europeia.

Outra mostra do eurocentrismo que pauta boa parte das convenções cartográficas é o Meridiano de Greenwich, uma [illegible] globo terrestre entre Ocidente e Oriente. Definido por acordo internacional em 1884, o meridiano recebeu esse nome por passar sobre o Observatório Real de Greenwich, em Londres, na Inglaterra. Ele corresponde ao ponto zero na medição das longitudes e é a referência para a definição dos fusos horários em todo o mundo. Você sabe por que a Inglaterra foi escolhida como ponto zero?

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Compare o mapa de Mercator (acima) com o mapa produzido por Jerônimo Marini em 1511, em Veneza.

1. Quais são as principais diferenças?
2. Reflita sobre as possibilidades de utilização desse mapa levando em consideração o contexto em que foi produzido.
3. Caso você fosse elaborar um mapa-múndi, o que ficaria no centro? Justifique.

Mapoteca do Ministério das Relações Exteriores, Rio de Janeiro

Orbis Universalis (1512), de Jerônimo Marini, foi o primeiro mapa a denominar as terras sul-americanas atlânticas de Brasil. Para nós, ele parece estar "de cabeça para baixo", pois, por influência da cartografia árabe da época, ele é orientado pelo sul, diferentemente dos mapas eurocêntricos.

Isso nos mostra que as divisões geográficas vão muito além de simples convenções cartográficas. Elas são, na verdade, resultado de complexas relações de poder, cujo equilíbrio está em permanente movimento. Questionar e se atentar para a complexidade da própria ideia de civilização é, sem dúvida, um bom começo.

Um choque de civilizações?

Na década de 1990, o cientista político Samuel Huntington lançou uma tese polêmica: o futuro da humanidade seria marcado por um constante choque de civilizações. Usando como critério a identidade cultural e religiosa, o autor dividiu o mundo em nove grandes civilizações: ocidental, cristã ortodoxa, islâmica, africana, latino-americana, chinesa, hinduísta, budista e japonesa.

Sua teoria defendia que, no futuro, os grandes conflitos da humanidade deixariam de ser econômicos ou ideológicos, passando a ter motivações de ordem cultural.

É importante ressaltar que a religião é um dos elementos mais importantes da divisão proposta por Huntington. Isso porque, diferente da posição política ou ideológica, a religiosidade não é passível de ser discutida ou negociada, já que se baseia unicamente na fé.

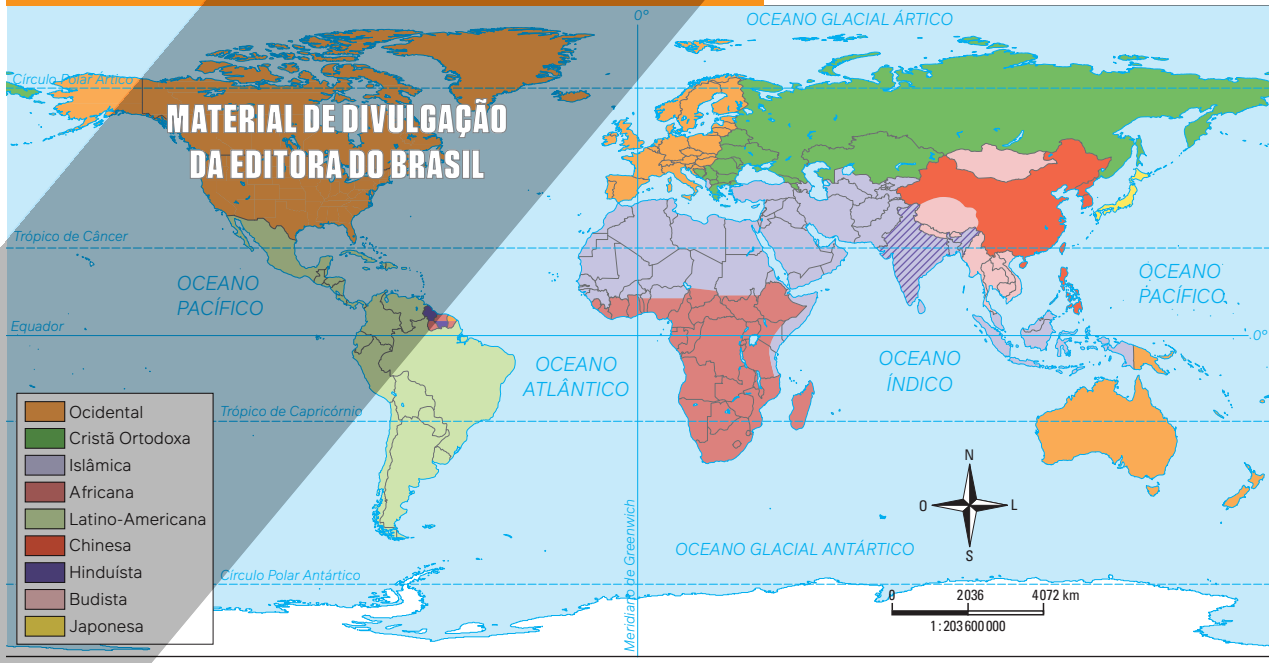
As décadas seguintes ao artigo de Huntington assistiram, de fato, a diversos episódios de confronto entre grupos islâmicos e nações ocidentais – como o atendado às torres do World Trade Center, em 2001. Isso levou muitos pensadores a defenderem que a tese do choque de civilizações estava correta.

Diante dessa teoria, o que não podemos é tomar as civilizações como entidades prontas, fechadas, imunes ao movimento da história. Sem ignorar a importância dos fatores culturais na formação de identidades, seu enfoque ignora as muitas relações intra e intercivilizacionais, especialmente num mundo rapidamente transformado por tecnologias de informação e comunicação.

Outra crítica recorrente a essa teoria é sua oposição radical entre o Ocidente e o Islã, considerando cada um deles como blocos hegemônicos, sem variações ou contradições internas. Nesse sentido, a teoria se opõe à visão multiculturalista.

E você, o que pensa sobre isso?

Mapa-múndi: civilizações, segundo Samuel Huntington



MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Fonte: HUNTINGTON, Samuel P. *The Clash of civilizations and the remaking of the World Order*. Boston, EUA: Foreign Affairs, 1996. p. 26.

As religiões ao redor do mundo

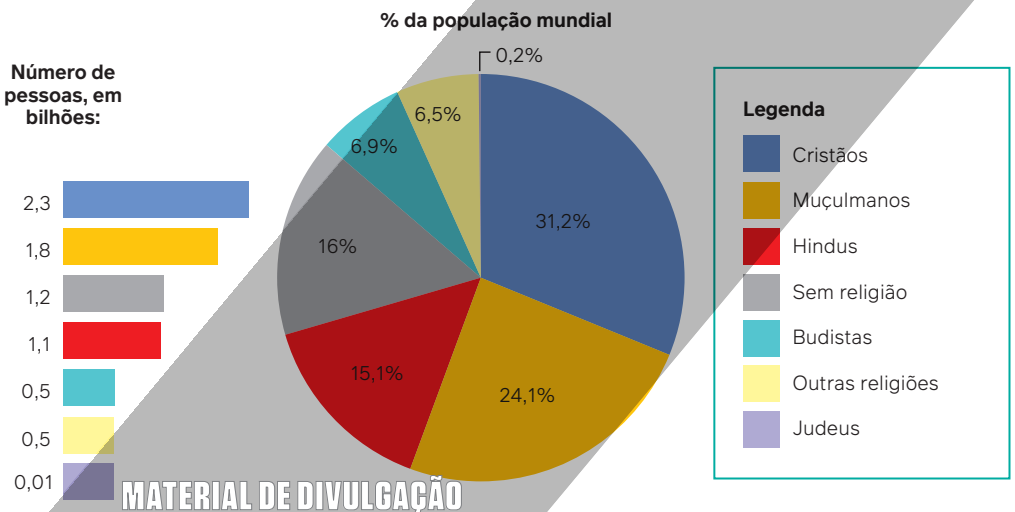
Mesmo que não nos identifiquemos com nenhuma religião, ou que estejamos distantes de qualquer ambiente religioso, sempre temos à nossa volta pessoas que frequentam algum templo e que acreditam em algum deus. Podem ser familiares, amigos, vizinhos ou conhecidos – estamos sempre cercados por quem diga que tem essa ou aquela religião.

Hoje sabemos que a religião parece ter estado presente em todas as sociedades humanas ao longo da história. De modo geral, podemos definir a religião como um sistema coletivo de crenças que relacionam a humanidade com a espiritualidade e com os próprios valores morais. Afinal, através da religião cada sociedade procurou explicar diferentes aspectos da vida e do Universo.

É por isso que muitos estudiosos, como o sociólogo alemão Max Weber, entendem que conhecer as religiões é uma forma de compreender as sociedades.

É difícil precisar quantas religiões existem no mundo, pois há quem diga que são milhares. Mas entre as oito religiões com mais adeptos no mundo atualmente a distribuição se dá da seguinte forma:

Distribuição das principais religiões entre a população mundial - 2015



Tarcisio Garbellini

Fonte: THE CHANGING Global Religious Landscape. *In*: PEW RESEARCH CENTER. Washington, DC: Pew Research Center, 5 abr. 2017. Disponível em: www.pewforum.org/2017/04/05/the-changing-global-religious-landscape/. Acesso em: 29 abr. 2020.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

O Brasil é o maior país católico do mundo. Aqui vivem 12% de toda população católica do planeta, o que remonta à colonização portuguesa, que visava, entre outros objetivos, à propagação da fé católica. Não por acaso, com os colonizadores vieram também os jesuítas, missionários que tinham a ambição expressa de converter as populações nativas por meio da catequese.

Cinco séculos se passaram desde a chegada dos portugueses, e confirmou-se a hegemonia da religião católica no Brasil. No entanto, apesar do amplo predomínio do catolicismo entre a população brasileira, uma análise dos dados revela que esse não é um dado estático – muito pelo contrário.

Nas últimas décadas os evangélicos aumentaram sensivelmente sua participação na vida pública do país, passando a ocupar espaços na mídia, na cultura e na política, transcendendo a esfera estritamente religiosa. Esse processo tem provocado, ainda, uma visível transformação na paisagem urbana, com a construção de igrejas evangélicas de todos os tamanhos em diferentes áreas das cidades.

O **secularismo** brasileiro passa por um processo de reconfiguração, marcado pela expansão das igrejas evangélicas e sua influência crescente na esfera pública e na política do país.

QUEIROZ, Christina. Fé pública. *Pesquisa Fapesp*, São Paulo, ed. 286, dez. 2019. Disponível em: https://revistapesquisa.fapesp.br/2019/11/29/fe-publica/. Acesso em: 27 abr. 2020.

GLOSSÁRIO

Secularismo: é o princípio que dá forma à separação entre as instituições governamentais e as instituições religiosas. De acordo com ele, as decisões de ordem social e política devem ser tomadas sem influência religiosa.

Tolerância × violência

GLOSSÁRIO

Xenofobia: medo ou aversão em relação a estrangeiros ou a pessoas vistas como estrangeiras assemelha-se muito ao racismo.

Outra estatística importante é a que se refere ao número de casos de intolerância religiosa. No Brasil, entre 2015 e o primeiro semestre de 2019 foram registrados 2 722 incidentes – uma média de 50 por mês. Os adeptos das religiões de matriz africana são, ano após ano, as principais vítimas da intolerância religiosa no país.

Esse dado nos alerta para o fato de que a intolerância religiosa se mistura a outras formas de discriminação, como o preconceito racial e a **xenofobia**. No caso das religiões de matriz africana, a perseguição se confunde com a própria história do Brasil. Durante o período de chegada de africanos escravizados ao país, a prática de cultos religiosos vindos de diferentes lugares da África era vista pelas elites como manifestação de barbárie.

Em 2007, foi instituído que o dia 21 de janeiro será o Dia Nacional de combate à intolerância religiosa. A celebração da data representa o reconhecimento, por parte do Estado brasileiro, da existência da intolerância religiosa no país, sendo um passo importante na luta contra esse tipo de discriminação.

1. Pesquise por que essa data foi escolhida.
2. Você acha que essa medida é eficaz na diminuição de casos de intolerância religiosa? Justifique sua resposta.

Análise

Matriz africana

De acordo com o IBGE, em 2010 as religiões afro-brasileiras reuniam 588 797 adeptos em todo o país. Apesar de não ser um número expressivo, essas religiões têm um importante papel na história brasileira.

Suas origens remontam ao período compreendido entre os séculos XVI e XIX, quando cerca de 4,9 milhões de homens e mulheres escravizados foram trazidos de diferentes lugares da África. Pertencentes a diversas [illegible] cada qual com a própria língua, cultura e religião. Ao chegarem ao Brasil, foram submetidos à doutrinação cristã, que tratava de impedir que praticassem suas crenças.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Teve início, assim, um longo processo de sincretismo religioso, marcado pela fusão entre diferentes práticas e crenças de origem africana e elementos do catolicismo. Isso porque muitos escravizados usavam imagens de santos católicos para continuar cultuando suas divindades, misturando às suas religiões originárias diferentes elementos do cristianismo. Um bom exemplo é a imagem de Iemanjá. Conhecida como Rainha do Mar, ela é, originalmente, uma divindade (orixá) do povo egba, que a associava à fertilidade. No Brasil, passou a ser associada a santas católicas (como Nossa Senhora dos Navegantes, Nossa Senhora da Conceição e Virgem Maria) para que pudesse continuar sendo adorada sem a censura da Igreja.

1. Faça uma pesquisa sobre as principais religiões de matriz africana existentes atualmente no Brasil e descreva as mais importantes características de cada uma.

Rogerio Reis/Tyba

Estátua de Iemanjá durante a Festa de Iemanjá na Praia de Copacabana. Rio de Janeiro (RJ), 2017.

Menos preconceito, mais conhecimento

No plano internacional, assistimos a um amplo movimento de discriminação ao islamismo, como fica claro no caso do atentado às mesquitas na Nova Zelândia, ocorridas em março de 2019, devido a ataques praticados por grupos islâmicos de minorias extremistas, difundiu-se pelo Ocidente a ideia de que os muçulmanos são, em geral, perigosos. Numa clara demonstração de xenofobia, o preconceito estende-se, muitas vezes, a qualquer pessoa ou grupo identificado como árabe.

O preconceito com relação ao islamismo recebeu o nome de islamofobia e é o crime de ódio que mais cresce na Europa.

Essas informações vêm acompanhadas de outro dado interessante: uma pesquisa recente feita pelo Pew Research Center afirma que, até o final deste século, os muçulmanos irão superar os cristãos como maior grupo religioso do planeta. A projeção se baseia na previsão do número de pessoas que se converterão ao islã e em fatores demográficos, já que nas regiões de maioria muçulmana a taxa de fecundidade é mais alta que a média mundial.

Geoff Smith/Alamy/Fotoarena

Jovens muçulmanas caminham em Brighton. Inglaterra, 2017.

1. Você acha que, no Brasil, é possível reconhecer adeptos de uma religião pela forma de se vestir? Dê exemplos.

O crescimento das comunidades muçulmanas em todo o mundo exigirá uma melhor compreensão de sua cultura e a busca por novas formas de convivência. Esse será, certamente, um dos desafios do século XXI.

Conforme vimos ao longo deste percurso, as diferentes sociedades humanas estão em constante transformação. Entre conflitos, contatos e trocas permanentes, civilizações surgem e desaparecem, deixando vestígios que nos possibilitam entender um pouco da história humana. No próximo percurso, vamos estudar como as civilizações modificam as paisagens.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

#Ficaadica

Ailton Krenak: o sonho da pedra, de Marco Altberg (52 min.). Esse documentário nacional traça o pensamento e a trajetória de Ailton Krenak.

Bebês, de Thomas Balmès (79 min). Esse documentário francês acompanha o primeiro ano de vida de quatro bebês e suas famílias em diferentes locais do planeta.

Ideias para adiar o fim do mundo, de Ailton Krenak (Companhia das Letras). Adaptação para livro de duas palestras realizadas pelo líder indígena Ailton Krenak, em que ele critica a ideia de humanidade como algo separado da natureza.

Instituto Socioambiental. *Site* voltado ao estudo e à defesa dos povos indígenas do Brasil. Disponível em: www.socioambiental.org. Acesso em: 27 abr. 2020.

Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente, de Edward Said (Companhia das Letras). Esse livro oferece alguns caminhos para entendermos como são construídos esses estereótipos e qual é sua relação com o conceito de civilização. Publicada em 1978, a obra ficou conhecida por defender a ideia de que o Oriente nada mais é do que uma invenção do Ocidente.

Santo forte, de Eduardo Coutinho (80 min.). Trata-se de um documentário sobre as formas de apropriação das religiões praticadas no Brasil.

The true size. *Site* que corrige as distorções cartográficas, representando os países na proporção correta. Disponível em: www.thetruesize.com. Acesso em: 27 abr. 2020.

Atividades

Responda às atividades a seguir no caderno.

1. Quais são as diferenças entre o evolucionismo e o relativismo cultural na explicação da diversidade humana?
2. O que é a intolerância religiosa? Dê exemplos de como ela se manifesta no Brasil e em outros países.
3. Por que não podemos dizer que os mapas-múndi são retratos fiéis da superfície terrestre? Quais são os principais problemas da projeção de Mercator, versão mais usada nas escolas de todo o mundo?
4. Leia o trecho abaixo, extraído do livro *Orientalismo*, de Edward Said:

> [...] sociedades contemporâneas de árabes e muçulmanos sofreram um ataque tão maciço, tão calculadamente agressivo em razão de seu atraso, de sua falta de democracia e de sua supressão dos direitos das mulheres que simplesmente esquecemos que noções como modernidade, iluminismo e democracia não são, de modo algum, conceitos simples e consensuais que se encontram ou não, como ovos de Páscoa, na sala de casa.
>
> SAID, Edward W. *Orientalismo*: o Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 15.

Como o texto apresenta o conceito de orientalismo proposto por Edward Said?

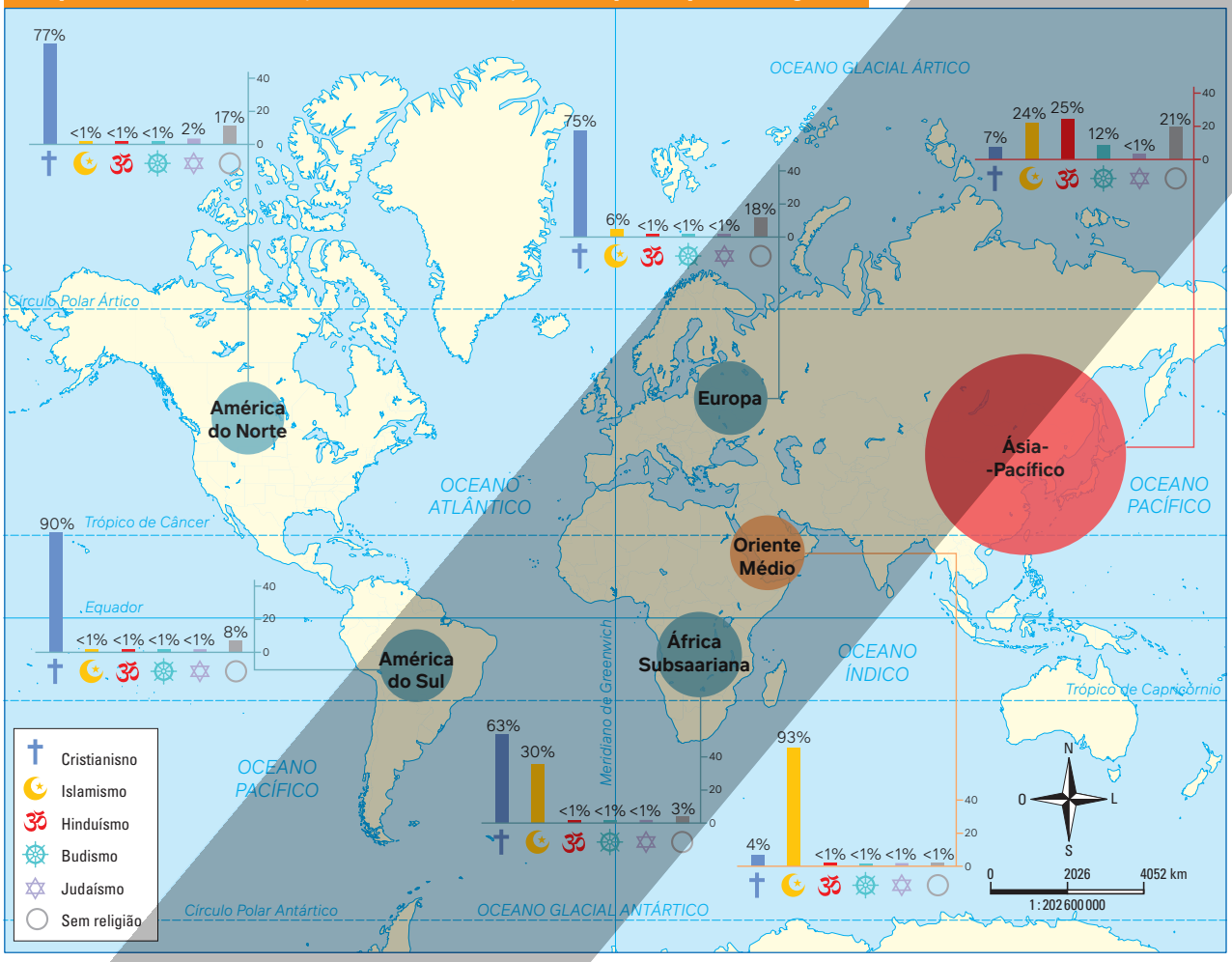
5. O anúncio "Ocidente e Oriente", criado pela Master Comunicação, ganhou medalha de ouro no Fiap 2002 (Festival Ibero-Americano de la Publicidad). O anúncio foi criado logo após o atentado às Torres Gêmeas de Nova York, em 11 de setembro de 2001.

Ação Ética & Cidadania

   a) Pensando no título do anúncio, qual subtítulo você proporia, levando em consideração o contexto em que foi produzido? Explique.
   b) Qual é a relação da imagem com o conceito de civilização trabalhado ao longo deste percurso? Explique.
6. Você sabia que a burca é apenas um dos tipos de cobertura usados pelas mulheres muçulmanas? Pesquise quais são os outros tipos e explique suas diferenças.
7. Faça uma pesquisa em reportagens disponíveis na internet e reúna opiniões de mulheres muçulmanas sobre o uso da burca. Você acha que a maioria delas concorda ou discorda dessa visão? Quais são os principais argumentos apresentados por elas?

8. Observe o mapa a seguir e responda:

Mapa-múndi: localização e a distribuição das principais religiões



Fontes: IBGE. *Atlas geográfico escolar*. 8. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 2018. p. 32. THE CHANGING Global Religious Landscape. *In*: PEW RESEARCH CENTER. Washington, D.C.: Pew Research Center, 5 abr. 2017. Disponível em: https://www.pewforum.org/2017/04/05/the-changing-global-religious-landscape/. Acesso em: 29 abr. 2020.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

a) Qual é o continente com maior número de adeptos do cristianismo? Formule hipóteses para explicar o resultado.

b) Em sua opinião, esse mapa vai estar igual daqui a 50 anos? Justifique sua resposta.

9. (Enem 2017)

No império africano do Mali, no século XIV, Tombuctu foi centro de um Comércio internacional onde tudo era negociado – Sal, escravos, marfim, etc. Havia também um grande comércio de livros de história, medicina, astronomia e matemática, além de grande concentração de estudantes. A importância cultural de Tombuctu pode ser percebida por meio de um velho provérbio: "O sal vem do norte, o ouro vem do Sul, mas as palavras de Deus e os tesouros da sabedoria Vêm de Ombuctu.

ASSUMPÇÃO, J. E. África: uma história para ser escrita. *In*: MACEDO, J. R. (org.). *Desvendando a história da África*. Porto Alegre: UFRGS, 2008 (adaptado).

Uma explicação para o dinamismo dessa cidade e sua importância histórica no período mencionado era o(a)

a) isolamento geográfico do Saara Ocidental.

b) exploração intensiva de recursos naturais.

c) posição relativa nas redes de circulação.

d) tráfico transatlântico de mão de obra servil.

e) competição econômica dos reinos da região.

PERCURSO 4

Civilizações e transformações nas paisagens

Natureza, paisagem e civilização

Pare e pense: quando olhamos uma paisagem, principalmente nos espaços rurais, é comum distinguirmos os elementos produzidos pela civilização humana dos elementos produzidos pela natureza. Mas por que separamos esses elementos? Por que nos consideramos tão diferentes e especiais em relação ao restante da natureza? Para responder a essas perguntas, vamos voltar um pouco no tempo.

A ideia de natureza se desenvolveu à medida que os grupos humanos ficaram mais complexos. As sociedades passaram a se organizar em mais hierarquias – com a divisão do trabalho em segmentos sociais –, o pensamento abstrato e científico prosperou e a produção de objetos artificiais aumentou. Assim, as primeiras civilizações foram se constituindo no Egito, na Mesopotâmia e na China. Processos similares aconteceram nas civilizações africanas e americanas.

A observação dos elementos naturais e de seus ciclos possibilitou o desenvolvimento de técnicas para apropriação progressiva dos recursos naturais. A produção do espaço significou a transformação gradativa do meio natural e surgiram novos modos de vida, dando origem a paisagens mais complexas.

As primeiras civilizações propiciaram excedentes agrícolas, o que libertou segmentos sociais do trabalho na agricultura, proporcionou o surgimento de cidades e, nelas, novos ofícios. Prosperaram as atividades que privilegiavam o pensar, a reflexão sobre a natureza e os seres humanos.

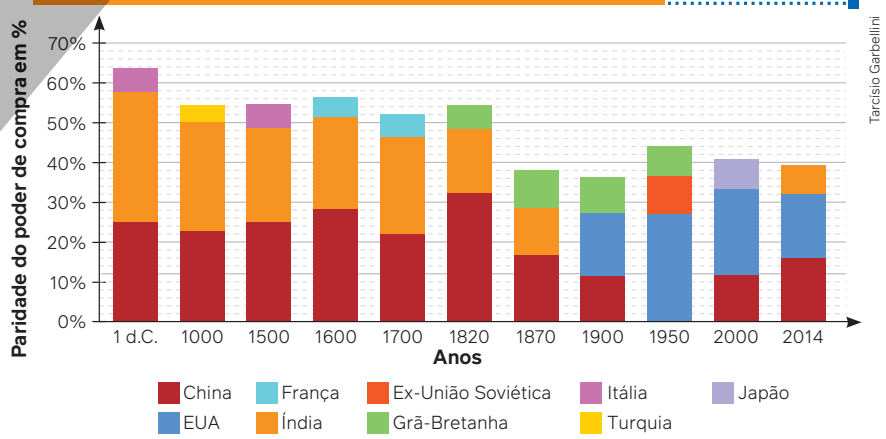
Foi na Grécia do século VI a.C. que as explicações míticas deram lugar a uma nova forma de pensar: surgiu a Filosofia, com uma abordagem diferente sobre a natureza e os seres humanos.

O filósofo grego Aristóteles (384 a.C.-322 a.C.) deu à humanidade uma contribuição fundamental ao descrever, classificar e ordenar o meio natural. A natureza (*phisys*, em grego) seria tudo que não fosse produto dos seres humanos. Esta dicotomia entre os mundos natural e humano marcou profundamente o modo de pensar da civilização ocidental, sobrevivendo ao Império Romano e à Idade Média cristã na Europa.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

O gráfico mostra que, antes da chegada dos europeus, civilizações orientais localizadas na China e na atual Índia eram as maiores economias do mundo. As práticas imperialistas tiveram um efeito de ruptura nos modos de produção com consequências econômicas, sociais e culturais duradouras ao longo da história.

Três maiores economias do mundo, por época



Fonte: STUENKEL, Oliver. *O mundo pós-ocidental*: potências emergentes e a Nova Ordem Global. Rio de Janeiro: Zahar, 2018. p. 12.

A chegada dos europeus e a difusão do capitalismo comercial nos "novos" territórios da América, Ásia e África a partir do século XVI começaram a remodelar paisagens das antigas civilizações. Modos de vida, trabalho, técnicas e culturas ora foram destruídas, ora modificadas. Progressivamente, novas formas geográficas foram agregadas a esses territórios. Formas similares surgiram em toda parte, e deram condições para o funcionamento de um sistema social e econômico em escala global. As revoluções industriais dos séculos XVIII e XIX aceleraram a remodelagem dos lugares e paisagens com o uso massivo de novas fontes de energia, como o carvão mineral e o petróleo. As redes de transporte – ferrovias, rodovias e hidrovias – são engrenagens que conferiram maior fluidez ao espaço, conectando lugares, regiões e países.

As revoluções industriais dos séculos XVIII e XIX aceleraram a remodelagem dos lugares e paisagens com o uso massivo de novas fontes de energia.

A partir do século XX, com o capitalismo financeiro dominante, a urbanização avançou nos países desenvolvidos e também nos subdesenvolvidos, entre os quais os emergentes. O meio técnico-científico-informacional tornou as telecomunicações e a informática parte fundamental da produção econômica. Assim, em muitas paisagens do planeta há sobreposição de formas, ou seja, podemos ver a originalidade das civilizações antigas e as novas formas muito padronizadas, por exemplo: fábricas, bairros residenciais e edifícios envidraçados com escritórios de empresas.

Será que eclodiu uma civilização global nas últimas décadas com um modo típico de pensar, produzir e modelar a paisagem? As paisagens das cidades globais, centros das finanças e dos negócios internacionais, são uma pista das perdas e ganhos com o passar do tempo.

Observe a fotografia a seguir e responda às questões.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Witthaya Prasongsin/iStockphoto.com

Grande Palácio com vista da cidade de Bangcoc ao fundo. Bangcoc, Tailândia, 2019.

1. Descreva os elementos que se destacam na paisagem urbana.
2. É possível identificar a sobreposição entre a forma da civilização tradicional e a forma associada à civilização global? Justifique.
3. Você já viu paisagens de outras cidades com elementos semelhantes a Bangcoc? As semelhanças refletem perda de identidade cultural ou a convivência entre diferentes modos de vida?

Dubai, Emirados Árabes Unidos

Emirados Árabes Unidos: Dubai

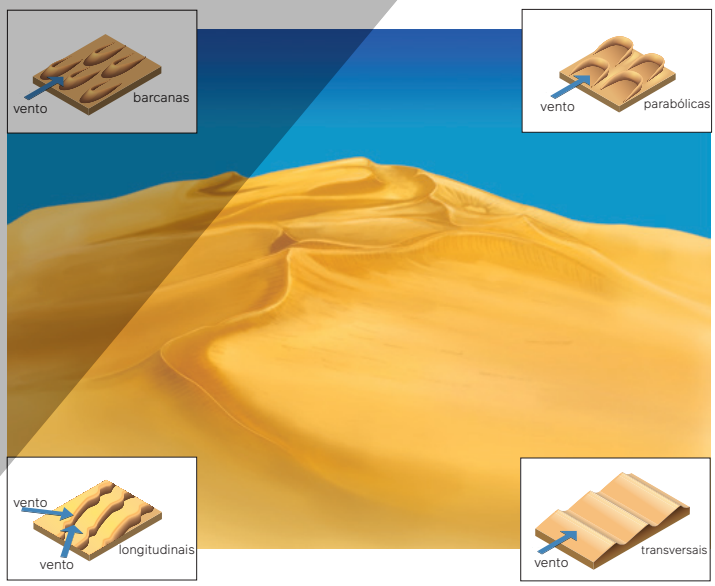
Tarcísio Garbellini

Os Emirados Árabes Unidos são um dos países com maior renda *per capita* do mundo. No século XX, com a consolidação do petróleo como principal fonte de energia, as monarquias do Golfo Pérsico enriqueceram. Membro da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (Opep), o país, de modo semelhante a Arábia Saudita, Kuwait, Omã e Catar, é uma monarquia com déficit democrático na qual a família real concentra o poder político.

Até o início do século XX, era um território com clima árido, rios intermitentes, pouca disponibilidade de água potável e **dunas** de areia a perder de vista. As amplas paisagens remetiam à primeira natureza, sem intervenção humana. Durante muito tempo, o modo de vida dos povos árabes tradicionais permaneceu com poucas modificações; muitos desses povos eram nômades, dedicados às trocas comerciais e ao islamismo sunita.

Fonte: IBGE. *Atlas geográfico escolar*. 8. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 2018. p. 49.

Duna: é uma acumulação de areia decorrente da ação eólica (vento). Na maioria das vezes, não tem cobertura vegetal. Dunas barcanas, com volumosa acumulação de areia, têm saliências voltadas para a direção do vento, indicam o sentido de seu movimento. Dunas longitudinais são alinhadas paralelas à direção do vento. Dunas parabólicas apresentam saliências voltadas para o sentido contrário ao do vento. Dunas transversais são alinhadas, com ondulações separadas.



Hare Lanz

Dunas.

Fonte: SUETERGARAY, Dirce Maria Antunes (org.). *Terra*: feições ilustradas. Porto Alegre: Editora da UFGRS, 2008.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

A articulação com o capitalismo global trouxe transformações radicais à paisagem de Dubai, convertida em segunda natureza. As mudanças na sociedade e nas paisagens foram decorrentes da influência ocidental, relacionada a novos hábitos de consumo propiciados pelo acúmulo de divisas das exportações de petróleo.

Mas é possível viver de petróleo no longo prazo, um recurso natural não renovável? Preocupado com a dependência excessiva do petróleo, o governo estimulou o desenvolvimento do setor terciário da economia, a transformação do país em um polo internacional de comércio, serviços e turismo. Investiu numa companhia aérea que opera rotas estratégicas conectando Dubai e Abu Dhabi a países de diversos continentes. O aeroporto de Dubai é o principal do Oriente Médio.

Assim, as limitações da geografia física foram dribladas com massivo investimento em novas tecnologias, arquitetura e engenharia. Surgiram usinas de dessalinização da água do mar, arranha-céus altíssimos e novos territórios foram conquistados no Golfo Pérsico por meio de aterros que formam ilhas artificiais.

Análise

Ilhas construídas

Analise a sequência de fotografias a seguir e resolva os itens.

Age Fotostock/Easypix Brasil

Navio de dragagem recupera e posiciona areia para compor as ilhas em Dubai, 2008.

Mo Azizi/Shutterstock.com

Vista aérea de uma das ilhas em formato de palmeira. Dubai, Emirados Árabes Unidos, 2020.

1. As ilhas de Dubai podem ser consideradas naturais? São componentes da primeira natureza ou da segunda natureza? Que técnica foi utilizada para a formação das ilhas?
2. Esse tipo de antropização da paisagem causa problemas ambientais? Justifique.

A construção das ilhas exigiu um intenso trabalho de engenharia, uma das maiores obras do mundo. Foi contratada a empresa holandesa Van Oord, especialista em recuperação de terras. O desafio era dragar do mar a areia, porque a areia das dunas é muito fina. Toda a areia foi revestida para não ocorrer erosão e um geolocalizador foi utilizado para compor o desenho, que pode ser observado via satélite.

Considere o climograma e a fotografia para a resolução dos itens.

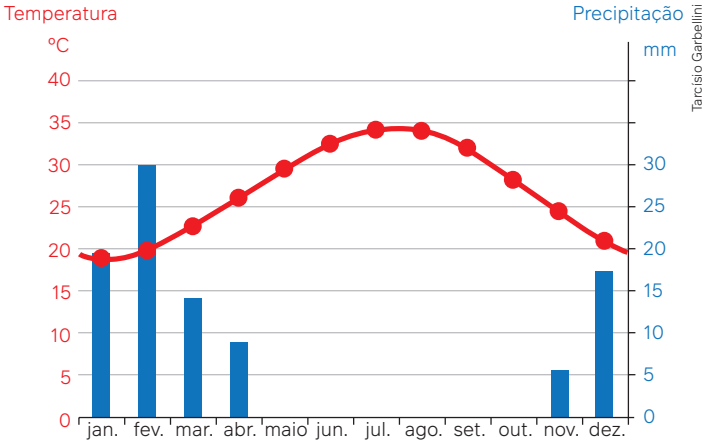
1. Quais são as características do clima árido dominante na Península Arábica?
2. Que tecnologias possibilitam o desenvolvimento da agricultura em países com predominância de desertos? Elas podem ser aplicadas em outros países que sofrem escassez de água?
3. Pesquise na internet mais informações sobre aquíferos fósseis. Qual é o problema do uso excessivo desse recurso natural?

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

FRANCK FIFE/AFP

Campos circulares, conhecidos como "oásis verde", usados para agricultura no deserto. Wadi Al-Dawasir, Arábia Saudita, 2020.

Climograma: Dubai

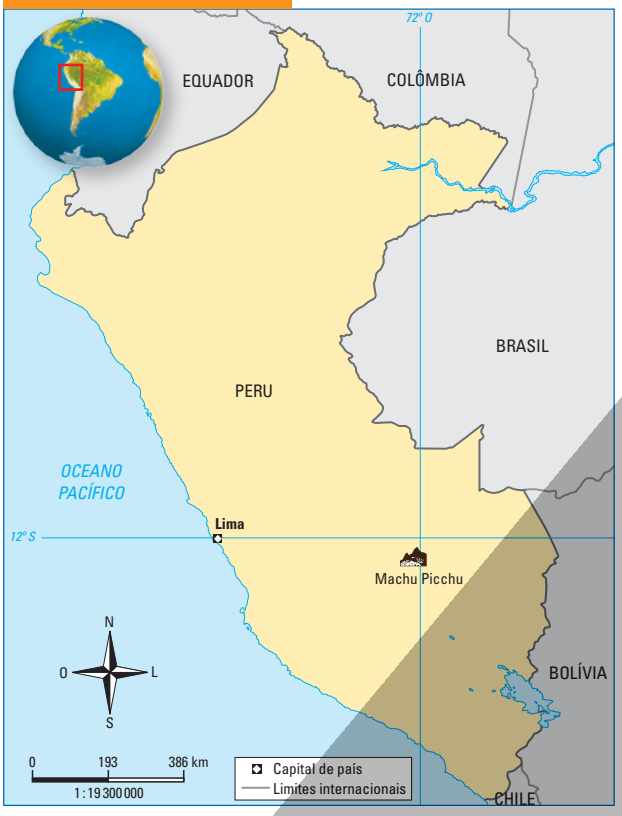


Tarcísio Garbellini

Fonte: CLIMATE-DATA.ORG. Clima Dubai. Disponível em: https://pt.climate-data.org/asia/emirados-arabes-unidos/dubai/dubai-705/. Acesso em: 9 jun. 2020.

Machu Picchu, Peru

Peru: Machu Picchu



Tarcísio Garbellini

O Peru é um país da América do Sul caracterizado por episódios de instabilidade política e exportações de ***commodities*** minerais extraídas da Cordilheira dos Andes e da Amazônia, além do pescado abundante propiciado pela corrente fria de Humboldt, no Oceano Pacífico.

Entretanto, a apropriação dos recursos naturais e as transformações nas paisagens ocorrem há muito tempo. Antes da chegada dos europeus, o Império Inca dominava amplos territórios andinos. A civilização inca soube observar a composição e a dinâmica das paisagens naturais. Desenvolveram tecnologias para superar o relevo íngreme dos Andes, o clima instável e abalos sísmicos de acentuada magnitude. O conhecimento de diversos tipos de rocha foi vital na construção das cidades.

A experiência dos incas em relação à biodiversidade também foi fundamental para a seleção e produção de alimentos. Nos Andes, vigora a zonação atitudinal da vegetação, que muda seguindo a variação da temperatura, umidade e pluviosidade.

GLOSSÁRIO

***Commodity*:** produto em estado bruto produzido por atividade agropecuária, extração mineral ou vegetal em larga escala, direcionado ao comércio internacional.

Fonte: IBGE. *Atlas geográfico escolar*. 8. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 2018. p. 41.

Atrativo turístico

No mundo contemporâneo, Machu Picchu é uma das localidades que mais atrai turistas estrangeiros. Isso também acontece com outras cidades inseridas em paisagens de civilizações pré-colombianas, como Teotitlan (antigo Império Asteca), cidades maias no atual México (Península de Yucatán), Belize e Guatemala.

Por que tanta gente de todo mundo afora deseja visitar esses sítios arqueológicos? O que há de especial nessas paisagens que agrada nosso olhar? No que difere das paisagens da civilização urbana e global contemporâneas?

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

legacy1995/Shutterstock.com

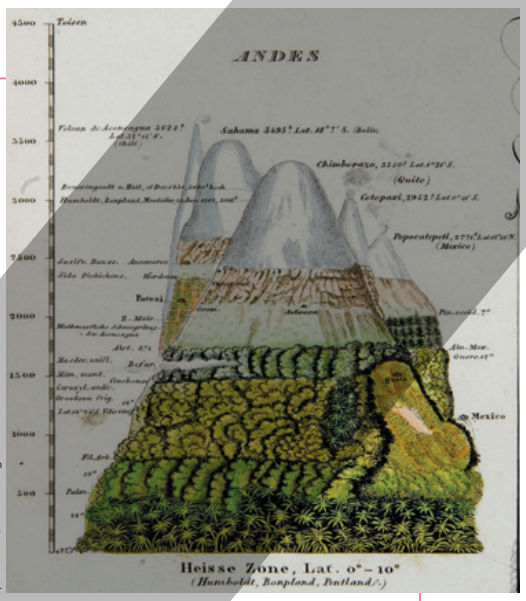
Machu Picchu, sítio arqueológico inca. Peru, 2019.

Análise

Zonação atitudinal da vegetação e Humboldt

Os elementos que visualizamos nas paisagens são estáticos ou estão relacionados? O geógrafo alemão Alexander von Humboldt (1769-1854) estudou as paisagens naturais e concluiu que a relação entre o clima e a vegetação é evidente, ocorre interação. Egresso da civilização ocidental, Humboldt foi influenciado pelo racionalismo científico, que afirma que o conhecimento deve ser fundamentado na razão e na lógica.

Humboldt fez uma expedição pela América Latina, iniciada em 1799, autorizado pela Coroa espanhola. No Equador, ao estudar o Vulcão Chimborazo (6268 m), o naturalista alemão verificou as relações entre a vegetação, o clima e o relevo. Observe na imagem ao lado que a vegetação na região andina varia de floresta equatorial em baixa altitude para florestas nebulosas similares às temperadas em média altitude e, em seguida, floresta de coníferas. Nas maiores altitudes, ocorrem campos em solos pouco desenvolvidos (neossolos), exposição de rochas e geleiras decorrentes da precipitação nival.



ip Archive/Glow Images

Zonação atitudinal das paisagens vegetais na Zona Intertropical. A vegetação dos Andes, de Alexander von Humboldt.

O naturalista alemão também compreendeu melhor os povos indígenas e sua complexidade cultural, até então vítimas do relativismo cultural e considerados pouco "civilizados".

1. Pesquise a importância dos naturalistas nos séculos XVIII e XIX para a investigação científica dos fenômenos da natureza.

Shenzen, China

A fotografia a seguir é de Shenzen, cidade localizada na Província de Guangdong, na foz do Rio das Pérolas, sudeste da China. Atualmente, a região é considerada o **Vale do Silício** chinês. Quando visualizamos a paisagem da cidade à noite, é um território luminoso, como define o geógrafo Milton Santos, com elevados edifícios, vastos conjuntos habitacionais, vias modernas, amplo parque industrial, centros tecnológicos e *shoppings*. Um Oriente muito similar ao Ocidente.

Vale do Silício: o original fica na região da Califórnia, Estados Unidos. Recebeu esse nome por abrigar as maiores empresas de tecnologia do mundo. O silício é o material usado nos circuitos integrados de computadores, *smatphones* e outros componentes eletrônicos.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

LIAO XUN/Moment/Getty Images

Shenzen é conhecida pela modernidade e pelos arranha-céus. Shenzen, China, 2018.

China: Shenzen

Tarcísio Garbellini

Fonte: IBGE. *Atlas geográfico escolar*. 8. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 2018. p. 47.

Mas como era Shenzen no passado recente? A cidade se originou de uma vila de pescadores e as modificações na sua paisagem ocorreram há apenas poucos anos. A paisagem era típica da civilização chinesa antiga: casario tradicional e imensos arrozais irrigados nos arredores, favorecidos pelas chuvas de monções.

A política econômica está diretamente relacionada a mudanças na paisagem. Em 1978, o líder chinês Deng Xiaoping iniciou a abertura econômica da China mesclando socialismo com elementos da economia de mercado capitalista. Foram criadas Zonas Econômicas Especiais, abertas à entrada de capital estrangeiro e empresas transnacionais. A produção industrial em larga escala para exportação foi estimulada com incentivos fiscais, baixos salários, infraestrutura e reconhecimento da propriedade privada.

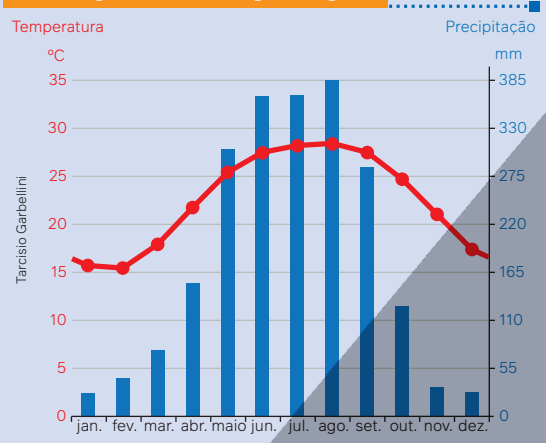
Em 1997, o Reino Unido devolveu Hong Kong à China. A cidade havia sido cedida aos britânicos após a Guerra do Ópio (1839-1860). O governo chinês conferiu a Hong Kong, até então um dos Tigres Asiáticos, *status* de região administrativa especial. Entretanto, apesar de Hong Kong ser importante polo financeiro e portuário, a atividade industrial começou a migrar, gradativamente, para Shenzen, reduzindo a importância econômica do ex-protetorado britânico.

O esvaziamento econômico também tinha objetivo político, visava diminuir o impacto de reivindicações da população por democracia, contra o regime autoritário chinês, que eram recorrentes em Hong Kong, a exemplo da Revolução do Guarda-Chuva (2014), cuja denominação remete às chuvas torrenciais do **clima subtropical com influência das monções**.

O Estado chinês também investiu em educação, ciência e tecnologia. Foram criadas *joint ventures*, empresas com capital estrangeiro e chinês, assim, a transferência de tecnologia e métodos de gestão ocidentais acelerou o desenvolvimento econômico. A partir do ano 2000, a paisagem ficou cada vez mais repleta de empresas chinesas que se consolidaram como transnacionais e operam na produção de produtos de alta tecnologia com elevado valor agregado, incluindo empresas de *smartphones*.

Clima subtropical com influência das monções: é quente e úmido, com verão chuvoso (a alta pressão sobre o oceano conduz os ventos úmidos para o continente, que apresenta baixa pressão) e inverno seco (dominância da influência de alta pressão continental).

Climograma: Hong Kong



Fonte: CLIMATE-DATA.ORG. Clima Hong Kong. Disponível em: https://pt.climate-data.org/asia/republica-popular-da-china/hong-kong/hong-kong-977986/. Acesso em: 9 jun. 2020.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

ANNABEL SYMINGTON/AFP

Nos protestos por maior democracia em Hong Kong, guarda-chuvas foram usados como defesa ante a repressão política chinesa. O governo alegou que as manifestações são estimuladas por potências ocidentais como Estados Unidos e Reino Unido. Hong Kong, 2014.

Manaus, Brasil

Outro exemplo de mudança radical na paisagem devido à intervenção do Estado na economia foi a transformação de Manaus, capital do Amazonas, em um centro industrial. No século XX, o governo brasileiro criou agências de desenvolvimento regional para estimular o progresso das regiões periféricas do país como o Nordeste e a Amazônia.

A Zona Franca de Manaus foi criada por um decreto em 1957, que foi modificado em 1967, durante o Regime Militar, que lançou a Superintendência para o Desenvolvimento da Zona Franca de Manaus (Suframa). Para estimular os investimentos industriais em Manaus, a Suframa e outras instâncias governamentais concederam portentosos incentivos fiscais para seduzir empresas a se instalarem no coração da Amazônia e bem longe dos maiores mercados consumidores, localizados no Sudeste do país.

Marcos Amend/Pulsar Imagens

Empresa de logística localizada no Distrito Industrial. Manaus (AM), 2019.

Como funciona uma Zona Franca? A principal medida é a isenção do imposto de importação e exportação, o que faz com que boa parte dos produtos manufaturados sejam montados com componentes importados. É uma situação parecida com as indústrias "maquiladoras" instaladas na zona fronteiriça do México com os Estados Unidos. Um dos problemas desse método é que limita o número de fornecedores domésticos para a indústria, não fortalece a cadeia produtiva nacional.

As empresas também obtiveram outras vantagens tributárias como isenção temporária de Imposto Predial e Territorial Urbano (IPTU), isenção de Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) e redução no Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS). Manaus tornou-se um importante polo industrial de eletrônicos, destacando-se na produção de televisores, celulares, motocicletas e até concentrados para sucos e refrigerantes. Apesar de muitas empresas transnacionais e nacionais atuarem na região, a industrialização brasileira voltou-se, tradicionalmente, para o mercado interno. Um dos maiores equívocos foi a concessão de vultosos incentivos fiscais não acompanhados de metas para exportação, fazendo com que os mercados externos nunca fossem priorizados. Diferentemente das Zonas Econômicas Especiais chinesas, como Shenzen, as empresas tinham de conquistar mercados externos, o que levou ao forte crescimento econômico. O brasileiro, nem tanto.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Amazônia Ocidental: Zona Franca de Manaus e Áreas de Livre Comércio

Tarcísio Garbellini

Fonte: SUFRAMA Invest. Disponível em: http://www.suframa.gov.br/invest/zona-franca-de-manaus-abrangencia.cfm. Acesso em: 9 jun. 2020.

A inovação tecnológica não foi suficientemente incentivada em Manaus, apesar de alguns bons resultados pontuais. Na verdade, as tecnologias empregadas nas indústrias são importadas. Manaus não se converteu em tecnopolo, não se transformou em um Vale do Silício amazônico. Outro problema grave é que as mercadorias produzidas em Manaus pouco se relacionam com as matérias-primas do contexto regional amazônico. A biodiversidade da Amazônia foi pouco utilizada no desenvolvimento de produtos de alto valor agregado. A geógrafa Bertha Becker (1930-2013), uma das maiores especialistas em Amazônia, defendeu a necessidade de promover uma revolução biotecnológica para salvar a floresta: estimular a indústria de alimentos, medicamentos, cosméticos e energia com matéria-prima amazônica extraída de forma sustentável.

Todavia, em relação ao impacto ambiental, o modelo de desenvolvimento de Manaus teve a vantagem de ser concentrado na metrópole e causar menos impacto ambiental sobre as paisagens florestais do entorno. O modelo de Manaus foi bem diferente do que ocorreu no Pará, cuja economia se apoiou na indústria extrativa mineral (ferro, manganês, bauxita, cobre e níquel) e indústrias intermediárias (alumínio), além do avanço da agropecuária, atividades que desfiguram e degradam amplas áreas da paisagem amazônica.

Paisagens urbanas, história e globalização

GLOSSÁRIO

Antrópico: que deriva da ação dos seres humanos, principalmente em relação às transformações no ambiente.

Sabemos que a paisagem é formada por elementos físicos, biológicos e **antrópicos**. Esses elementos são estáticos ou dinâmicos? Na verdade, os elementos da paisagem têm ritmos, temporalidades e espacialidades variadas. Por vezes, o tempo da natureza (geológico e biológico) é longo, pode ser datado até em milhões de anos. Já os elementos antrópicos seguem o tempo histórico, marcado por uma sucessão de relações sociais, técnicas e econômicas.

As formas de uma paisagem que observamos são resultado de processos socioeconômicos e naturais que aconteceram no passado e de outros que transcorrem no presente. Isso significa que o passado está cristalizado por meio de permanências, as formas herdadas de outros tempos.

Essas formas que foram produzidas tempos atrás refletem as características sociais, econômicas e políticas de seu período histórico e estágio de desenvolvimento técnico. É o caso, por exemplo, de casarões que eram moradia de famílias abastadas e hoje têm novas funções.

Edifícios como o Altino Arantes, no centro de São Paulo, são marcas do período em que o desenvolvimento do país era caracterizado por expressiva intervenção do Estado no setor financeiro para estimular a industrialização e a infraestrutura estadual. Atualmente, o edifício icônico tem outra função.

Análise

Paisagens modificadas

Acervo MIS

Acervo UH/Folhapress

Thomaz Farkas/Instituto Moreira Salles

diegograndi/iStockphoto.com

Na fotografia **A**, o Edifício Martinelli, erguido a partir de 1925 e inaugurado em 1929, domina a paisagem; era o mais alto arranha-céu de São Paulo antes da construção do Edifício Altino Arantes, à esquerda na fotografia **B**. A fotografia **C** mostra o edifício finalizado, cuja inauguração foi em 1947 (fotografia de 1952). O Altino Arantes era a sede do Banco do Estado de São Paulo (Banespa), instituição financeira estatal com arquitetura inspirada no edifício Empire State, de Nova York (EUA). Na década de 1990, o banco foi privatizado. Na fotografia **D**, o mesmo edifício em 2018, transformado em um centro cultural com museu, exposições de arte contemporânea, café e vista panorâmica, mantido por um banco transnacional que adquiriu o Banespa.

1. Com base na análise da sequência de fotografias, identifique as modificações na paisagem.
2. Qual é a relação entre essa sucessão de fotografias e a urbanização de São Paulo?
3. As mudanças nas funções de formas espaciais como a do Edifício Altino Arantes estão relacionadas a transformações na economia no decorrer da história? Justifique.
4. Quando visualizamos as paisagens, por vezes, elas nos instigam a descrever, questionar, pesquisar, descobrir e explicar. É importante ir além das aparências, identificar as formas, descobrir como elas se originaram na história, as funções do passado e do presente, os vínculos com a sociedade, a economia e as técnicas ao longo do tempo. Pesquise na internet uma paisagem urbana ou rural, de preferência do estado onde você reside, cuja transformação foi registrada em fotografias. Compare-as, identifique as mudanças na paisagem e explique algumas causas das modificações.

Paisagens desiguais

Em tempos de globalização da economia, as paisagens podem sofrer transformações substanciais em poucos anos. Como observamos no caso de Shenzen, a ação do Estado chinês ao aproveitar o crescimento do comércio internacional possibilitou o aumento das exportações industriais e causou a maior mudança na paisagem experimentada por um país emergente. Socialmente, numerosos empregos foram gerados e diminuíram os percentuais de pobreza e pobreza extrema.

Mas a prosperidade é para todos? Quem ganha? Quem perde? O deslocamento das empresas do mundo desenvolvido para a periferia emergente causou a desindustrialização de regiões outrora prósperas dos Estados Unidos e da Europa Ocidental. Esse fenômeno, somado ao desemprego estrutural impulsionado pela automação tecnológica, causou mudanças nas paisagens e consequências sociais graves.

No nordeste dos Estados Unidos, algumas paisagens do "cinturão dos manufaturados" ficaram irreconhecíveis e hoje se inserem no "cinturão da ferrugem". A falência de empresas se tornou comum a partir da década de 1990. No horizonte, instalações fabris vazias e bairros residenciais semelhantes a "cidades fantasma", com inúmeros imóveis abandonados. Um quadro social marcado por desemprego, precarização do trabalho, declínio da renda e aumento da violência.

1. A paisagem representada na fotografia mostra edifícios industriais abandonados em Detroit, Estados Unidos. Em sua opinião, o que pode ser feito para melhorar a economia e os empregos de regiões que sofreram desindustrialização? O que você acha que o governo deveria fazer? E você tomaria para isso?

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Theo Garcia/Alamy/Fotoarena

Áreas industriais abandonadas em Detroit, Estados Unidos, 2018.

Territórios luminosos e territórios opacos

No vasto mundo subdesenvolvido, mesmo nos países emergentes, nem todos os lugares foram beneficiados pelo crescimento econômico no período de globalização. O geógrafo Milton Santos, ao estudar a relação entre ciência, tecnologia e espaços, analisou os territórios luminosos e os territórios opacos.

Nos **territórios luminosos** há recursos técnicos, científicos e informacionais e eles são dotados de melhor infraestrutura em transportes, telecomunicações, informática e energia. As paisagens são habitadas pelas classes abastadas e há consumo intensivo de bens e serviços. Recebem mais investimentos privados e até públicos; apresentam maior fluidez, mobilidade e conectividade com o restante do planeta. Os muito ricos do mundo contemporâneo são cada vez mais desterritorializados, seus negócios, imóveis e vínculos afetivos e sociais estão dispersos pelo planeta e, por vezes, permanecem sensíveis ao que acontece nos territórios nacionais de origem.

Muitos bairros das cidades globais apresentam essas características em países desenvolvidos e países emergentes. Essas cidades são os centros financeiros mais importantes, com bolsa de valores, escritórios de matrizes e filiais de corporações transnacionais, e são mais bem equipadas com infraestrutura de transportes, telecomunicações e informática. Portanto, são pontos de conexão privilegiada no mundo globalizado. A diferença entre cidades globais e megacidades é que as megacidades são aglomerados metropolitanos formados por vários municípios que têm população superior a 10 milhões de habitantes.

Os **territórios opacos** têm paisagens com infraestrutura precária e são menos dotados de ciência e tecnologia. A urbanização das cidades foi desordenada e seus habitantes são pessoas pobres, extremamente pobres e parte da classe média baixa. São regiões menos atrativas para o capital, para os investimentos. O consumo é limitado pela renda. Os pobres não apresentam a mesma fluidez das classes média e alta. A mobilidade é dificultada não apenas por transportes coletivos de má qualidade, mas pela limitação de renda, que reduz a mobilidade nas cidades, é muito mais restrita em escala nacional e quase impossível em escala internacional.

Mundo: cidades globais (2010)

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Mario Yoshida

Fontes: LOUGHBOROUGH UNIVERSITY. *Globalization and World Cities*, 2010. Disponível em: www.lboro.ac.uk/gawc/visual/globalcities2010.pdf. Acesso em: 9 jun. 2020; WORLD WATCH. *A dynamic visual guide packed with fascinating facts about the world.* Glasgow: HarperCollins Publishers, 2012. p. 26-27.

1. Analise a distribuição geográfica das cidades globais.

Gentrificação

Você já observou transformações na paisagem em sua cidade? Provavelmente já ouviu expressões como “aquela casa ou apartamento valorizou” ou “aquele bairro mudou, está mais valorizado”. As paisagens dos bairros das cidades mudam com o decorrer do tempo. Intervenções do estado e de agentes privados, como melhoria no saneamento básico, implantação de uma avenida, chegada de uma linha de trem ou metrô, construção de um centro cultural ou surgimento de uma área verde podem atrair a atenção para determinado bairro. Ele se torna alvo de especulação imobiliária e há aumento no preço dos terrenos, imóveis e aluguéis.

Em várias cidades, bairros que eram desvalorizados e os moradores tinham renda mais baixa, passaram por mudanças rápidas. Em alguns casos, o processo foi desencadeado com a revitalização de bairros centrais. Esse é um modo de gentrificação: a valorização de um bairro atrai pessoas das classes alta e média, com consequente aumento do custo de vida, e provoca a saída das famílias mais pobres, que se deslocam para outros bairros, geralmente periféricos.

De repente, bairros que eram “opacos” ficam “luminosos”. Há vários desses casos em Nova York, Barcelona (La Barceloneta), Buenos Aires (Puerto Madero), Madri (Malasaña) e São Paulo (Vila Madalena).

Fred R. Conrad/The New York Times/Fotoarena

Demetrius Freeman/The New York Times/Fotoarena

Em Nova York, Estados Unidos, a transformação de uma antiga linha férrea dos tempos industriais (à esquerda, em fotografia de 2000) em um parque linear com área verde incentivou a gentrificação do entorno (à direita, em fotografia de 2013).

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

No Rio de Janeiro, a Favela do Vidigal sofreu efeitos de gentrificação após a instalação de uma Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) no ano 2000. A localização privilegiada, com vista para o Atlântico e entre os bairros Leblon e São Conrado (de classe média alta), levou à compra de imóveis por brasileiros e estrangeiros abastados e surgiram pequenos hotéis, restaurantes, além de festas concorridas com a presença de celebridades.

Chico Ferreira/Pulsar Imagens

Paisagem à venda. Favela do Vidigal, no Rio de Janeiro, alvo de especulação imobiliária. Rio de Janeiro (RJ), 2020.

Responda às perguntas de acordo com o texto da página anterior.

1. Liste algumas mudanças na paisagem urbana de bairros que sofrem gentrificação.
2. Quais são as consequências sociais da gentrificação?
3. Pesquise casos de bairros de cidades brasileiras que sofreram gentrificação. Compartilhe o resultado com os colegas.

Paisagens rurais, antropização e globalização

Você acha que é possível explicar as paisagens apenas pelas características sociais, econômicas e históricas locais? Se investigarmos o que se visualiza na paisagem, possivelmente encontraremos interações com outras escalas geográficas, como a nacional e a global.

Sabemos que a globalização da economia acelerou bastante a relação das pessoas com lugares, paisagens e territórios de outros países graças à modernização dos meios de transporte, das telecomunicações e da informática. O Brasil tornou-se um grande fornecedor de *commodities* agrícolas e minerais na economia globalizada.

Análise

Amazônia, paisagem antropomorfizada

Victor Moriyama/The New York Times/Fotoarena

Área desmatada para cultivo de soja, proximidade de Porto Velho (RO), 2019.

1. Identifique elementos naturais e antrópicos na paisagem representada na fotografia.
2. Pesquise se a paisagem retratada pode ser explicada por seu vínculo com lugares e outras paisagens do mundo.
3. Quais são os possíveis impactos ambientais do avanço antrópico sobre o meio natural na região amazônica?

Paisagens: outros pontos de vista

A paisagem para o observador

> Tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons etc.
>
> SANTOS, Milton. *Metamorfoses do espaço habitado*. São Paulo: Hucitec, 1988. p. 61.

Você já olhou para o horizonte? O que conseguiu ver? O que conseguiu identificar, de acordo com seus conhecimentos? Já observou uma paisagem e se emocionou com algum elemento natural ou cultural?

A paisagem é uma experiência única porque depende da percepção de cada indivíduo. A paisagem como experiência subjetiva, pessoal e sensorial vincula-se a um campo filosófico chamado **Fenomenologia**. Cada pessoa tem uma percepção diferente quando olha para uma paisagem. Todos temos acuidade visual única e repertórios diversos de conhecimentos prévios sobre natureza e sociedade. Uma criança, um idoso, um operário, um professor ou um cientista, olhando na mesma direção, descreverão paisagens distintas.

Fenomenologia: termo derivado do conceito de **fenômeno**, que é tudo o que aparece ou se manifesta. Para o filósofo alemão Edmund Husserl (1859-1938), a Fenomenologia é um método de investigação de como os fenômenos do mundo se apresentam à consciência, a ideia de captar o fenômeno em sua essência procurando suprimir conceitos e preconceitos prévios. No caso da Geografia com enfoque cognitivo, destacam-se os trabalhos do sino-americano Yi Fu-Tuan e do brasileiro Angelo Serpa, autor do livro *Por uma Geografia dos espaços vividos*.

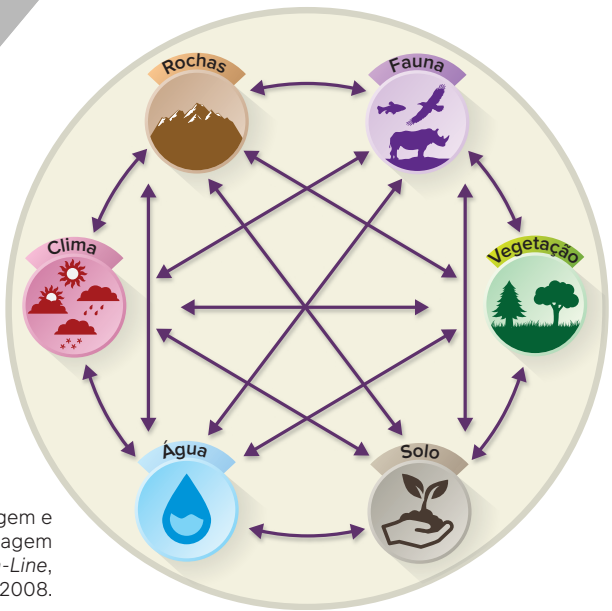
1. Relate experiências de visualização de paisagens marcantes na sua vida. Quais elementos permaneceram em sua memória afetiva?

A paisagem como sistema

A partir do século XX, biólogos e geógrafos aperfeiçoaram o estudo das paisagens e do ambiente, passaram a compreendê-los como um sistema com mútuas interações. O geógrafo francês Georges Bertrand pensou na paisagem como [illegible] combinação dinâmica e instável de elementos físicos, biológicos e antrópicos, configurando um conjunto único e indissociável em perpétua evolução. Os estudiosos compreenderam melhor os componentes naturais e as consequências das ações antrópicas e desenvolveram modelos sistemáticos, como o mostrado ao lado.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Modelo de geossistema de Preobrajenski



Tarcísio Garbellini

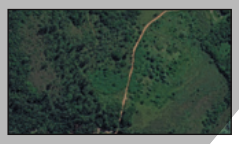
Fonte: SILVA, Márcio Luiz da. Paisagem e geossistema: contexto histórico e abordagem teórico-metodológica. *Geoambiente On-Line*, Goiás, n. 11, p. 1-23, 2008.

1. Aponte uma característica do modelo relacionado à ideia de sistema.
2. Identifique e explique duas relações entre os componentes naturais, com exemplos.

Paisagem e antropização

As civilizações humanas provocaram vários níveis de antropização das paisagens ao longo da história. Isso significa que há vários níveis de transformação da paisagem. A hemerobia refere-se à gradação de modificações antrópicas que classifica as paisagens das mais conservadas às mais antropizadas. O estudo dos diferentes graus de transformação da paisagem em várias escalas auxilia no monitoramento ambiental e na formulação de propostas de planejamento para áreas urbanas e rurais.

O quadro a seguir reúne os critérios usados na avaliação da hemerobia da paisagem.

Características da paisagem	Exemplos (imagens aéreas)	Hemerobia	Cor
• baixa dependência tecnológica e energética para a manutenção da funcionalidade; • alta capacidade de autorregulação; • alto aproveitamento das funções da natureza; • superfícies permeáveis; • vegetação original e fauna/flora nativa.		Mínima	
		Muito baixa	
		Baixa	
		Média	
		Alta	
		Muito Alta	
• alta dependência tecnológica e energética para a manutenção da funcionalidade; • baixa capacidade de autorregulação; • pouca conexão com a dinâmica dos valores naturais, desenho padrão e como expressão de esmero, estética e civismo; • baixa relação com as características locais; • impermeabilização das superfícies; • sem vegetação original e flora/fauna exótica.		Máxima	

Google Earth, 2020

Tarcísio Garbellini

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Fonte: BELEM, A. L. G.; NUCCI, J. C. Hemerobia das paisagens: conceito, classificação e aplicação no bairro Pici – Fortaleza/CE. *RA'E GA*, Curitiba, v. 21, p. 204-233, 2011. Disponível em: https://revistas.ufpr.br/raega/article/view/21247. Acesso em: 27 abr. 2020.

Siga as orientações para elaboração de sugestões de intervenção sustentável no bairro onde está localizada a escola.

1. Com a orientação do professor, forme um grupo com cinco colegas.
2. De acordo com o que foi apresentado até o momento, pesquisem os graus de hemerobia encontrados no bairro onde a escola está localizada.
3. Fotografem paisagens do bairro a fim de identificar os graus de hemerobia.
4. Ao final, o grupo deve apresentar para a turma um trabalho com as fotografias e os respectivos níveis de hemerobia explicados nas legendas, e elaborar sugestões de intervenção sustentável no bairro.

A paisagem cultural

Em 1992, no âmbito das organizações internacionais, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) passou a considerar a paisagem cultural um dos instrumentos de preservação da cultura. No Brasil, o uso da categoria Paisagem Cultural com o objetivo de conservação do patrimônio cultural começou em 2009, por atuação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). Todavia, bem antes, em 1937, o Decreto-Lei nº 25, artigo 1º, parágrafo 2º, já havia destacado a necessidade de preservar as paisagens com atributos naturais e humanos notáveis. Assim, essas áreas estariam sujeitas a tombamento. Leia a seguir o artigo 216 da Constituição Federal.

> Art. 216. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:
>
> I – as formas de expressão;
>
> II – os modos de criar, fazer e viver;
>
> III – as criações científicas, artísticas e tecnológicas;
>
> IV – as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;
>
> V – os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

BRASIL. [Constituição (1988)]. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Presidência da República, 1988. Artigo 216. Disponível em: http://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/CON1988_05.10.1988/art_216_.asp. Acesso em: 24 abr. 2020.

1. Qual é a importância da Constituição para um país democrático?
2. Em sua opinião, há relação entre a Constituição e a paisagem de um país?
3. O que são bens de natureza material e imaterial? Pesquise em livros, revistas ou fontes confiáveis na internet.
4. Se você visse uma paisagem com importante patrimônio natural e cultural em risco, que ação proporia?

A paisagem cultural precisa ser delimitada do ponto de vista espacial. Ela configura um conjunto de elementos naturais como um todo espacial resultante de uma relação peculiar entre grupos sociais e meio natural. Esse conjunto muito distinto foi construído ao longo do tempo histórico e deve ser protegido. Seu valor adquire outras dimensões, como a ambiental e a econômica, uma vez que há atividades que dependem muito da preservação das paisagens – o turismo, por exemplo.

Rogerio Reis/Tyba

Fachada lateral do Museu Casa do Imigrante Carl Weege, em estilo enxaimel, em Pomerode. O município foi fundado pelos imigrantes da Pomerânia, região ao norte da Alemanha. Pomerode (SC), 2017.

De acordo com as instituições responsáveis pela preservação do patrimônio, o adjetivo "cultural" agregado à paisagem refere-se a atributos especiais que as distinguem das demais paisagens. No dicionário do Iphan, a geógrafa Simone Scifoni relata que experiências no sul do Brasil, principalmente em Santa Catarina, foram importantes para o estabelecimento dos métodos de preservação das paisagens culturais. No caso catarinense, foi feito o inventário de patrimônio relativo a marcas da imigração europeia. O envolvimento de todos os órgãos da federação, como municípios e estados, é fundamental. A participação da sociedade civil também é importante para o esforço de conservação das paisagens ameaçadas por processos como urbanização desordenada, industrialização e práticas agropecuárias pouco cuidadosas.

A preservação da paisagem cultural vai além dos imóveis e dos atributos da natureza, é preciso manter as tradições, os costumes e as manifestações culturais. Para que funcione, requer uma rede de proteção, articulação entre municípios, estados e o governo federal nas várias esferas de atuação como cultura, turismo e educação. É também fundamental a participação dos empreendedores privados e dos cidadãos por meio de organizações não governamentais (ONGs) e práticas de voluntariado.

Aurora Angeles/Shutterstock.com

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Jardim Botânico. Rio de Janeiro (RJ), 2019.

1. Com base na análise das imagens e em pesquisas, responda: Quais atributos históricos e naturais do Jardim Botânico do Rio de Janeiro e do Museu Casa do Imigrante Carl Weege, em Pomerode, justificam o título de Paisagem Cultural que foi atribuído às cidades pela Unesco?

Civilizações, paisagens e o futuro da humanidade

No decorrer desta unidade você conheceu melhor os conceitos de civilização e de paisagem, compreendendo por que eles estão profundamente relacionados. As civilizações humanas que surgiram ao longo da história, nos diversos continentes – como as da Mesopotâmia, da China, a mali e a asteca, entre outras –, desenvolveram grande diversidade cultural. Eram diversas as formas de organização das sociedades, as maneiras de pensar o mundo e de se relacionar com o sagrado. Essas civilizações inventaram técnicas agrícolas, espaços urbanos e produziram paisagens singulares em sua relação com o meio natural.

Essas civilizações inventaram técnicas agrícolas, espaços urbanos e produziram paisagens singulares em sua relação com o meio natural.

Ao longo do tempo, as infindáveis interações entre as civilizações da Terra enriqueceram culturalmente as nações e, por vezes, dinamizaram a própria economia. Todavia, as interações também causaram destruição, discriminação, guerras, intolerância religiosa e até genocídios.

Por tudo isso, podemos dizer que a paisagem marca os seres humanos e é por eles marcada; participa da história humana e também se transforma por causa dela. Afinal, modificamos o ambiente e seus elementos naturais por meio de nossas atividades materiais, de nossas configurações políticas e de nossa organização econômica. Transformamos a paisagem com nossa cultura e nossa concepção de mundo, imprimindo sobre ela nossos valores e crenças.

No decorrer dos últimos séculos, o aumento do intercâmbio entre os países vem sendo marcado pela forte interdependência econômica, que produz efeitos desiguais para as diferentes nações. Como consequência, assistimos ao crescimento de desigualdades sociais e da antropização das paisagens, resultando em severo desequilíbrio ambiental.

Tudo isso nos provoca a questionar: Que tipo de paisagem nossa civilização está construindo? E quais paisagens ela está destruindo?

Perguntas como essas vêm levando muitos pensadores a afirmar que a civilização ocidental vive atualmente um momento de crise. O aumento das desigualdades sociais e a degradação dos recursos naturais são sintomas de que o modelo pautado na crescente demanda por consumo e produção, historicamente ligado à civilização moderna ocidental e que hoje se estende a todo o mundo, não é sustentável em longo prazo.

A preocupação crescente em torno da degradação do meio ambiente é uma das faces mais claras desse problema. Não precisamos ir longe para encontrarmos, em paisagens a nosso redor, os efeitos da ação humana sobre a natureza. Cada vez mais convivemos com problemas ambientais que nos atingem diretamente, como escassez de água, mudanças climáticas, poluição atmosférica, entre tantos outros.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Eugênio Neves

Vejamos, por exemplo, as fotografias abaixo. Ambas retratam o Rio Tietê, um curso de água com 1100 quilômetros de extensão que atravessa quase todo o estado de São Paulo. Na primeira imagem vemos um trecho do rio no município de Barra Bonita, no interior do estado de São Paulo, e, na segunda, um trecho na cidade de Salto, próximo à capital. O que a comparação entre essas duas imagens de um mesmo rio pode nos dizer sobre a relação entre modos de vida e interação com o meio natural?

Vista de drone da Ponte Campos Salles sobre o Rio Tietê, conhecida como Ponte dos Arcos. Barra Bonita (SP), 2017.

Cesar Diniz/Pulsar Imagens
Matheus Reche/Futura Press

Grande quantidade de lixo no trecho do Rio Tietê que passa pelo Complexo Turístico da Cachoeira. Salto (SP), 2020.

Tudo isso chama a atenção para o fato de que não podemos pensar na grave crise ambiental do século XXI sem uma reflexão mais ampla sobre o modelo de civilização de que ela é fruto. É preciso analisar os modos de vida, os valores, os modelos de produção e os hábitos de consumo que sustentam o atual padrão de intervenção humana sobre o meio natural. Além disso, é importante pensar em quais são os valores e padrões éticos que os sustentam.

Com base nisso, podemos olhar para a paisagem a nosso redor e nos perguntar: Afinal, que [illegible] queremos para o futuro?

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

#Ficaadica

Associação dos Geógrafos Brasileiros. Disponibiliza vários artigos científicos – a exemplo da revista *Terra Livre* –, que propiciam aprofundamentos sobre temas geográficos, desde ambientais até socioeconômicos e geopolíticos. Disponível em: https://www.agb.org.br/. Acesso em: 10 jun. 2020.

Espaço e método, de Milton Santos (Nobel). Obra que trata de conceitos geográficos fundamentais, principalmente o espaço, sua estrutura, elementos, formas, funções, evolução histórica e relações com o sistema econômico.

Imazon – Instituto Homem e Meio Ambiente. Órgão que estuda os impactos socioambientais na paisagem amazônica e apresenta pesquisas científicas diversificadas, soluções sustentáveis e propostas de políticas públicas. Disponível em: https://imazon.org.br. Acesso em: 10 jun. 2020.

Iphan. Portal do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional com a relação dos patrimônios culturais e mundiais, projetos, acervos e publicações. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/. Acesso em: 10 jun. 2020.

Tempos históricos, tempos biológicos, de Enzo Tiezzi (Nobel). Esse livro aborda a crise ambiental, bem como a temporalidade na natureza e na sociedade. Apresenta informações científicas, porém relacionados com outras dimensões culturais.

Prática de pesquisa

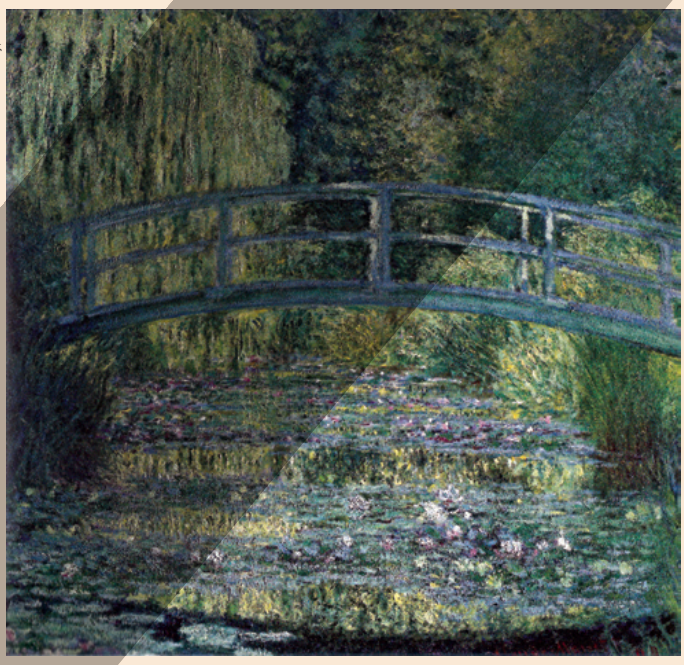
Este projeto pode demandar a saída dos estudantes da sala por alguns momentos. Caso seja necessário, organize-se para ter algum auxiliar ou monitor com você.

Paisagens em transformação

Esta prática propõe a pesquisa de paisagens de sua comunidade ou fora dela que tenham alguma importância para você, mas tendo como objetivo sua mudança ao longo dos tempos: Quais são os elementos que a compõe? Será que todos foram colocados de forma planejada?

O pintor impressionista Claude Monet buscava, em suas obras, retratar as diferentes luzes das estações em horários de um dia e a forma pela qual as construções e os objetos eram modificados a sua volta. Se voltássemos ao lugar onde esta pintura foi feita, hoje, como será que a encontraríamos?

- Organização: em dupla.
- Duração sugerida: de 3 a 4 aulas.
- Materiais: livros; caderno; lápis/caneta; celular; computador com acesso à internet.



Museu d'Orsay, Paris

Claude Monet. *A lagoa das ninfeias*, *harmonia verde*, 1899. Óleo sobre tela, 89 cm × 93 cm.

Juntem-se e pesquisem!

Em dupla, façam uma pesquisa de imagens antigas de paisagens predominantemente naturais. Vocês podem recorrer a álbuns de família, a registros na biblioteca da escola ou à internet. Registrem no caderno ou em folhas avulsas as localidades escolhidas e tentem descrever as fotografias, enumerando os elementos que vocês observam, as cores predominantes etc.

Em seguida, selecionem duas localidades e busquem, da mesma forma, fotografias de diferentes épocas que mostrem as transformações nas paisagens. Se possível, visitem os locais escolhidos para fotografá-los ou recorram a imagens por satélite. Façam outras descrições para cada imagem encontrada, sempre tentando descrever todos os elementos, cores e realizar outras observações sobre a fotografia.

Ao lado de cada fotografia, anotem da forma mais precisa possível a época em que foi tirada e uma breve descrição da ima[illegible]am como o modelo a seguir.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Analisem e registrem!

Agora vocês têm material suficiente para fazer uma comparação cuidadosa. O primeiro passo é entender o contexto de cada uma das imagens. Vocês podem usar o computador da escola para pesquisar informações sobre a época que possam ter relações com o que vocês veem. Depois, façam o movimento inverso: observando somente as imagens, extraiam delas dados que indiquem algum contexto social, político ou cultural: roupas, transporte, construções, presença ou não de vegetação, fios elétricos etc.

Comparem as imagens da mesma localidade e escrevam um texto que analise as diferenças e as transformações de forma embasada, ou seja, de acordo com dados históricos obtidos na pesquisa de contexto. Reflitam também sobre as intencionalidades de cada uma das fotografias: Com que propósito elas foram tiradas? São fotografias pessoais? Foram tiradas para alguma publicação ou estudo? O que o fotógrafo queria representar?

Criem e compartilhem!

Vocês analisaram os dois locais de acordo com visões de presente e passado. Agora é o momento de propor uma imagem de futuro. Façam um desenho que mostre alguma modificação que vocês gostariam de promover nesses lugares e escrevam um texto que explique a proposta.

Com o material de toda a turma, façam uma revista virtual, existem plataformas digitais para fazê-lo. Digitalizem as imagens e desenhos e escrevam os textos no computador. Depois, divulguem-na na escola ou na comunidade.

Atividades

Responda às atividades a seguir no caderno.

1. Qual era o conceito de natureza da civilização grega antiga, com base no pensamento do filósofo grego Aristóteles?
2. O Estado chinês foi importante para as modificações na paisagem? Explique.
3. Qual foi o papel do setor privado no desenvolvimento econômico?
4. A respeito da paisagem cultural, responda:
   a) Qual é sua importância na preservação do patrimônio histórico e socioambiental?
   b) Mencione e justifique uma paisagem de seu estado cujas características justifiquem sua preservação. Considere atributos naturais, manifestações culturais e patrimônio histórico e arquitetônico.
5. Identifique mudanças na paisagem de Shenzen entre as duas fotografias a seguir.

Fotoe/akg-images/Album/Fotoarena

Shenzen, em 1987.

allensima/iStockphoto.com

Shenzen, em 2019.

6. Analise a fotografia a seguir e aplique os conceitos de territórios luminosos e territórios opacos. Identifique problemas sociais e ambientais.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Leo Caldas/Pulsar Imagens

Vista da comunidade do Bode, com prédios do bairro de Boa Viagem ao fundo. Recife (PE), 2016.

7. Observe as fotografias a seguir para solucionar as questões.

Chris Jackson/Getty Images

Construção do prédio Burj Khalifa, considerado o maior do mundo, com 162 andares. Dubai, Emirados Árabes Unidos, 2005.

Wenjie Dong/iStockphoto.com

Mesma região, com o Burj Khalifa ao centro. Dubai, Emirados Árabes Unidos, 2020.

a) Identifique as principais mudanças na paisagem entre 2005 e 2020.

b) O que possibilitou as modificações na paisagem?

c) Por que a dependência excessiva de um país em relação a *commodities* primárias, como petróleo, constitui um problema econômico e social?

d) A estratégia de países como Emirados Árabes Unidos e Catar de diversificar a economia é correta? Explique.

8. Observe a paisagem ao lado e responda às questões.

a) Identifique os principais elementos da paisagem representada na fotografia.

b) Quais atributos da paisagem são atrativos para turistas provenientes de grandes centros urbanos ocidentais?

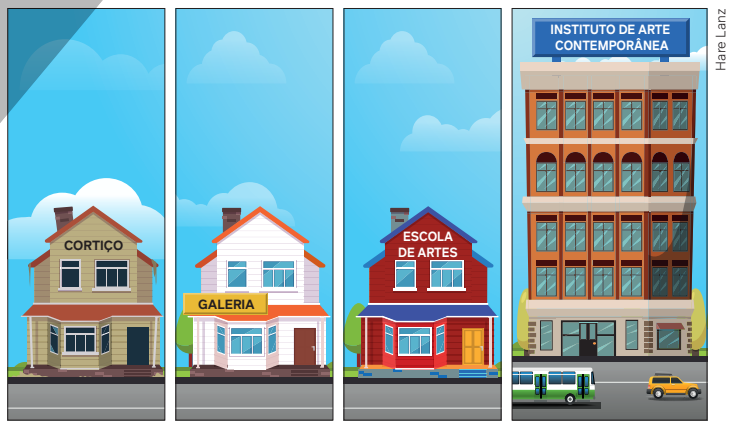
c) Qual é o papel econômico e social do turismo nos países subdesenvolvidos?

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

M. F. R/Shutterstock.com

Sítio arqueológico da civilização maia. Tulum, México, 2020.

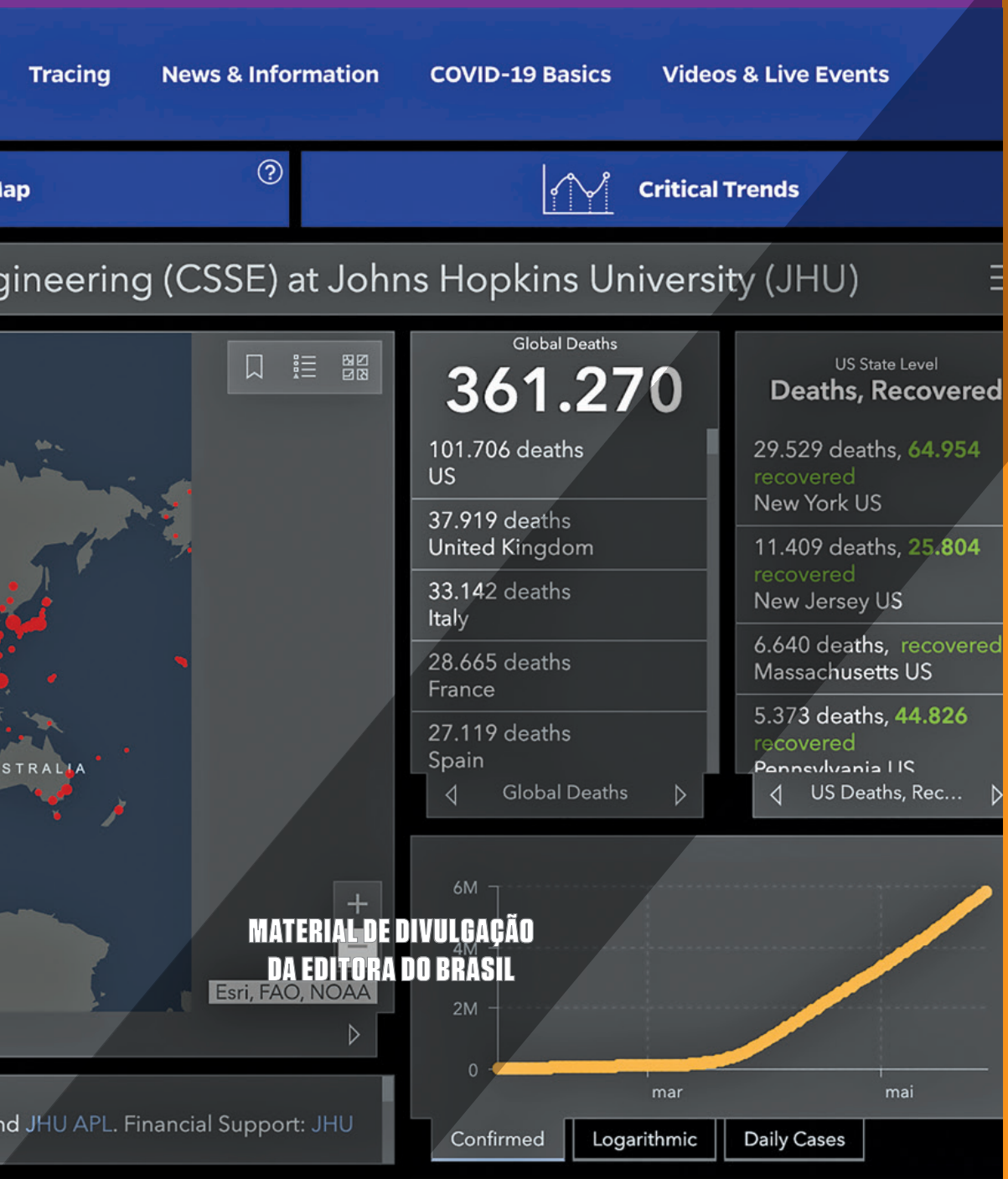
9. O fenômeno representado na sequência de desenhos a seguir costuma ocorrer nas paisagens das cidades globais. Identifique e explique esse fenômeno e suas consequências sociais.



Hare Lanz

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

O ESTADO ME CONTROLA?



MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

https://coronavirus.jhu.edu/map.html

A imagem ao lado é de uma tela do *site* da Universidade Johns Hopkins, instituição que se tornou referência mundial no acompanhamento estatístico durante a pandemia da covid-19.

Fonte: JOHNS HOPKINS UNIVERSITY. Covid-19 dashboard by the Center for Systems Science and Engineering (CSSE). *In*: CORONAVIRUS RESOURCE CENTER. Baltimore, 2020. Disponível em: https://coronavirus.jhu.edu/map.html. Acesso em: 19 maio 2020.

1. Observe os dados apresentados por este infográfico. Quais são as características gerais da distribuição geográfica da covid-19?
2. Em sua opinião, quais tecnologias estão envolvidas na produção e organização destes dados em escala mundial?
3. Em uma epidemia de âmbito global, que não reconhece fronteiras, qual é a importância estratégica de cada Estado no combate à disseminação do vírus?

Na BNCC

Nesta unidade, você vai trabalhar as competências gerais 1, 4, 6, 7 e 10, as competências específicas de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas 1, 2, 3, 4, 5 e 6 e as habilidades EM13CHS101, EM13CHS102, EM13CHS106, EM13CHS202, EM13CHS304, EM13CHS401, EM13CHS403, EM13CHS504 e EM13CHS603.

A pandemia de covid-19: lições de controle estatal

Em 11 de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou o caráter pandêmico de covid-19, doença infecciosa provocada pelo coronavírus Sars-CoV-2. Desde sua identificação, em dezembro de 2019, na cidade de Wuhan, China, milhões de pessoas ao redor do mundo já haviam sido infectadas pelo vírus e, infelizmente, até aquela data, milhares delas haviam desenvolvido a forma grave da doença, elevando o número de óbitos por covid-19 para mais de 100 mil.

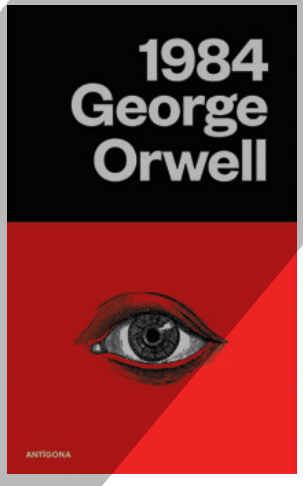
Pela disseminação rápida e alta taxa de internação e letalidade do vírus, uma série de medidas inéditas e, muitas vezes, controversas, teve de ser adotada por diferentes países para controlar o avanço da doença covid-19 em seus territórios. Entre tais medidas, o isolamento social mostrou-se bastante efetivo no processo de "baixar a curva", ou seja, estender o período de contaminação ao longo do tempo para que os sistemas de saúde pudessem atender prontamente todos os pacientes com a forma grave da doença. Para realizar o controle do isolamento, porém, muitos governos utilizaram informações de localização geográfica fornecidas por operadoras de telefonia celular, levantando o debate sobre o direito à privacidade dos usuários e o uso dos dados para o controle do indivíduo pelo Estado.

Nelson Antoine/Shutterstock.com

Devido ao isolamento social, determinado pelo governo do estado de São Paulo, ruas da maior cidade do país ficaram vazias. São Paulo (SP), 22 de março de 2020.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Sorria, você está sendo vigiado



Editora Antígona

Capa da edição portuguesa do famoso livro de Orwel.

Em seu romance *1984*, publicado em 1949, o britânico George Orwell imaginou uma sociedade dominada por um Estado totalitário. Nessa sociedade, a produção é coletiva, mas cada indivíduo vive sozinho. Esses indivíduos são monitorados pelo "Grande Irmão" (em inglês, *Big Brother*), líder do partido que domina politicamente o Estado. A monitorização é realizada por meio de aparelhos de televisão instalados em diversos espaços, inclusive nas residências. Tais aparelhos funcionariam tanto como televisores comuns quanto como câmeras, possibilitando a vigilância permanente da população em espaços públicos e privados.

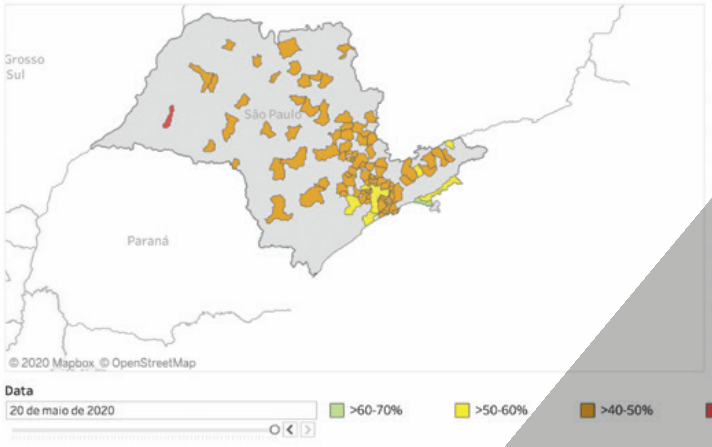
1984 foi publicado em dezenas de países, além de ter sido adaptado como minisséries, filmes e de ter inspirado algumas histórias em quadrinhos. A popularização do termo *big brother*, no entanto, veio apenas em 1999, quando a produtora holandesa Endemol "batizou" seu *reality show* com o mesmo nome, fazendo uma referência direta à vigilância permanente imaginada 50 anos antes por Orwell.

Durante a pandemia de covid-19, outra expressão da língua inglesa ganhou grande destaque: *big data*. A expressão *big data* refere-se a uma área do conhecimento de obtenção, análise e interpretação de grandes volumes e conjuntos de dados.

Durante a pandemia da covid-19, o governo do estado de São Paulo, entre outros estados do Brasil, mediu os índices de isolamento social por meio da utilização da geolocalização dos aparelhos celulares monitorados pelas quatro principais operadoras de telefonia do Brasil.

A seguir, observe o mapa que apresenta os índices de isolamento no dia 20 de maio de 2020 no estado de São Paulo.

https://www.saopaulo.sp.gov.br/coronavirus/isolamento



Ranking dos municípios (20 de maio de 2020)

1	SÃO SEBASTIÃO	62%
2	UBATUBA	57%
3	IBIÚNA	54%
4	CRUZEIRO	52%
5	SANTANA DE PARNAÍBA	52%
6	CARAGUATATUBA	51%
7	SÃO PAULO	51%
8	CAÇAPAVA	51%
9	ITANHAÉM	50%
10	LEME	49%

Fonte: SÃO PAULO. Governo do Estado. *São Paulo contra o coronavírus*. São Paulo: SES/SP, 21 maio 2020. Disponível em: www.saopaulo.sp.gov.br/coronavirus/isolamento. Acesso em: 21 maio 2020.

No mapa, a cor verde destaca as regiões com maior adesão ao isolamento, com índices acima de 60%. Já a cor amarela indica a região (ou município) com índice entre 50% e 60%. E a cor laranja destaca os locais com índice de isolamento entre 40% e 50%. Em maio havia somente uma região em vermelho, cor indicativa de que a taxa de isolamento social estaria abaixo de 35%. Naquela ocasião, a média estadual era de 55%, abaixo do percentual ideal (70%) para controlar a disseminação da covid-19.

Sobre o mapa e as informações apresentadas, responda no caderno:

1. O que é possível inferir sobre o cumprimento do isolamento social em 20 de maio de 2020 no estado de São Paulo?
2. Considerando os dados obtidos, e tendo em vista o processo de vigilância estadual, em quais regiões as medidas deveriam ser mais rigorosas?
3. Para justificar a [illegible] calização dos aparelhos celulares, governantes afirmaram sua grande eficácia. Que hipóteses poderiam explicar a vantagem desse método?
4. Em contrapartida, qual seria a desvantagem do uso dessa tecnologia para a população de determinado estado e/ou cidade? Lembre-se do que aprendeu sobre o controle do Estado e os termos *big data* e *big brother*.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

No livro *1984*, o *big brother* representa a vigilância e o controle do Estado Nacional sobre a vida das pessoas. Será que atualmente somos objeto de vigilância o tempo todo? Será que em casos extremos, como uma pandemia, a vigilância irrestrita do Estado deve ser permitida em prol do coletivo?

É ético que empresas de internet, telefonia celular e instituições governamentais coletem e armazenem tantos dados privados, obtidos por meio de publicações em redes sociais, geolocalização e comportamento em geral?

Perguntas como essas fazem parte do nosso cotidiano em tempos de *big data*. Para conhecermos um pouco melhor os sentidos de discutirmos e vivermos esses dilemas da sociedade contemporânea, devemos problematizar o papel do Estado Nacional e da tecnologia em nossa vida.

A pandemia da covid-19 e as ações dos governos para sua contenção, o livro *1984*, de George Orwell, e os milhões de dados de cada indivíduo coletados e armazenados a cada segundo nos possibilitam refletir sobre os limites da tecnologia para o controle do indivíduo pelo Estado.

PERCURSO

5 A institucionalização da sociedade

Governo: na realidade brasileira, o termo se aplica às autoridades que, por meio de eleições livres e democráticas, receberam a responsabilidade e o direito de gerir, administrar (ou seja, governar) a nação por um determinado período, por meio do controle do Estado, exercendo, portanto, o poder político. O governo é uma das instituições que compõem o Estado, ou seja, é a esfera pública responsável por administrá-lo, transitoriamente, enquanto o Estado é um organismo permanente, ainda que suas instituições possam ser modificadas ao longo dos processos históricos.

Nação: designa um povo que, por vontade própria e convicção, acredita partilhar as mesmas origens, uma história em comum, e apresentar características étnicas similares, além de hábitos, aspirações espirituais e traços culturais identitários que legitimam sua coesão social e reforçam um sentimento mútuo de pertencimento, diferenciando-o de outras nações.

País: conceito que envolve todas as características físicas e sociais existentes em determinado território onde vive um povo. O Brasil, por exemplo, é um país com um espaço territorial de dimensões continentais e um relevo geologicamente antigo, onde vive um povo que apresenta grande diversidade étnica e cultural.

Povo: trata-se de todos aqueles que habitam determinado [illegible] como os que se naturalizaram, diferenciando-se do conceito de população, que abrange também os estrangeiros que se encontram no território. Há alguns casos específicos, por exemplo: os povos que são nômades ou aqueles que habitam diversos territórios; os que têm nacionalidade nos países em que habitam, mas se consideram por tradição e hereditariedade pertencentes a outro povo, como os judeus ou ciganos.

Soberania: refere-se ao poder que a nação tem de se organizar juridicamente, ou seja, constituir um Estado do qual emana uma autoridade única, indivisível, inalienável e imprescritível que se impõe ao povo que vive em determinado território.

Território: trata-se da base física em que está fixado determinado povo, que se subordina ao ordenamento jurídico do Estado administrado por um governo.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA EDITORA DO BRASIL

Para pensar de forma mais aprofundada sobre até que ponto as ações do Estado podem influenciar nossa vida, precisamos antes nos questionar:

- O que é o Estado? E por que ele tem tanto poder?

Neste percurso, destacaremos as diversas formas pelas quais, ao longo da história, as sociedades se organizaram e criaram o que se convencionou denominar "Estado", sem perder de vista as grandes transformações desse conceito desde seu surgimento na Antiguidade, quando se organizaram as primeiras civilizações, até os dias atuais, quando continua se adaptando às novas dinâmicas históricas.

Sabe-se que o Estado é uma instituição capaz de tomar decisões em nome de determinada coletividade. Ele dispõe de instrumentos legais, inclusive do uso legítimo da força, para que suas decisões sejam respeitadas pelo conjunto da população que vive em determinado **território**, com fronteiras claramente delimitadas e onde exerce sua soberania.

Assim, os elementos essenciais à existência do Estado são:

- uma população;
- um determinado território;
- a noção de **soberania**;
- um **governo** capaz de administrar o que é público dentro de um **país**, como hospitais, forças armadas e policiais, órgãos de fiscalização, empresas estatais, bem como o solo, subsolo, as águas territoriais, ilhas, os rios, lagos, portos, o espaço aéreo, e até mesmo a escola na qual você se encontra nesse momento.

No entanto, é preciso diferenciar com precisão Estado e governo, assim como os conceitos de população, **povo**, **nação** e país, além dos aspectos que singularizam o Estado e a nação.

Uma vez apreendidas as definições de povo, nação, país, governo e soberania, fundamentais à compreensão do conceito de Estado, é importante registrar que essas questões não devem ficar restritas ao plano teórico. Elas podem ser percebidas como ferramentas que, por exemplo, por meio do protagonismo juvenil e de ações concretas, contribuam para a construção de uma sociedade mais democrática e solidária.

Em síntese, o envolvimento dos jovens nas diversas e complexas questões que permeiam a contemporaneidade e, em particular, naquelas que dizem respeito à sociedade brasileira se torna essencial ao aprimoramento da própria cidadania. Nesse sentido, sua participação nas diversas instâncias da política, tanto no espaço da escola e da comunidade como no exercício de um voto mais consciente, é um desafio que se impõe.

Afinal, você, como sujeito de direito, ao ficar atento e se envolver mais intensamente na *res publica* ("coisa pública"), estaria resgatando, mais de 2 mil anos depois, aquilo que na Grécia Antiga era percebido como fundamental à cidadania: a **participação política**.

Pedro Ladeira/Folhapress

Profissionais da saúde realizam teste para covid-19 em sistema *drive-thru*. Brasília (DF), 2020.

No primeiro semestre de 2020, a rápida transmissibilidade do vírus Sars-CoV-2, mais conhecido por coronavírus, proporcionou intenso debate sobre o papel e o alcance do Estado na sociedade brasileira.

Mas, antes de prosseguirmos, faça uma pesquisa para responder às questões a seguir.

1. Como o novo coronavírus se espalhou pelo território brasileiro? Pesquise sua origem, o modo de transmissão e as regiões mais afetadas no país.
2. Qual é a relação entre as condições de vida da população e o contágio do vírus?
3. Quais foram as principais ações dos governos – federal, estaduais e municipais – no combate ao vírus? Pesquise ao menos uma ação federal, uma ação do seu estado e uma ação do seu município.
4. Tais ações estavam em concordância com as recomendações de órgãos globais, como a Organização Mundial da Saúde (OMS), e de grandes especialistas da área?
5. O que se pode depreender, por meio dessa crise sanitária de escala global, sobre a influência do Estado na vida da população?

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Até então, muitas pessoas eram críticas ao que lhes parecia uma excessiva ingerência do Estado nas várias instâncias da dinâmica social e das atividades econômicas. Para elas, o Estado seria um inibidor do empreendedorismo de importantes setores da economia ao dificultar, por exemplo, a ação de garimpeiros, madeireiros, mineradores e de empresários vinculados à agropecuária, por meio de políticas públicas que estabeleciam regras ambientais muito rígidas para coibir as ambições dos homens de negócio, ávidos por avançar, por exemplo, em reservas indígenas.

Havia uma ideia triunfante de que a autogestão coletiva e a autossuficiência dos setores privados seriam capazes de garantir a produção de bens e serviços com muito mais eficiência e com custos mais reduzidos, raciocínio que se aplicaria aos setores de saúde, à área educacional, à ciência e tecnologia etc.

Nesse contexto, a eclosão da pandemia de covid-19 favoreceu uma nova percepção do papel do Estado na sociedade.

Em síntese, procurava-se deslegitimar as ações do Estado, criando-se um terreno fértil para uma maior desregulamentação das relações entre empregadores e empregados, além de se avançar na pauta de privatizações de empresas. Todos esses pressupostos faziam eco à adoção de políticas neoliberais que defendiam o chamado "Estado mínimo" e, nesse sentido, favoreciam o pleno individualismo econômico.

Nesse contexto, a eclosão da pandemia de covid-19 favoreceu uma nova percepção do papel do Estado na sociedade.

O surgimento dos primeiros Estados

Entre 4000 a.C. e 3000 a.C. aproximadamente, as primeiras "civilizações" – e com elas o Estado e suas instituições políticas, jurídicas, militares, além de uma extensa burocracia – começaram a florescer junto aos vales de grandes rios.

Foram neles que se estruturaram as primeiras organizações políticas que concentravam as funções de governo. Tal organização se tornou indispensável como um poder centralizador capaz de coordenar o trabalho em grupo de milhares de homens, responsáveis, por exemplo, pela construção de canais de irrigação e diques, recursos fundamentais à atividade agrícola nessas regiões. Essas obras garantiam, respectivamente, a condução das águas dos rios, em suas épocas de cheia, para locais mais distantes – o que também foi útil no contexto da expansão agrícola – e a contenção de enchentes devastadoras.

Análise

Primeiras civilizações

No mapa a seguir, estão sinalizadas as regiões onde se desenvolveram as primeiras civilizações. Analise-o e responda às questões.

As primeiras civilizações hidráulicas

Tarcísio Garbellini

Fonte: HISTORY of the world map by map. Londres: Dorling Kindersley, 2018.

1. Qual é o elemento natural que existe em todas as áreas assinaladas?
2. Na Antiguidade, o controle do acesso à água podia ser considerado um fator geopolítico estratégico tão importante quanto o controle das atividades produtivas para a afirmação do poder dos Estados. Justifique essa afirmação.
3. Com um colega pesquise alguma região do mundo onde os recursos hídricos estão na raiz de conflitos geopolíticos. Qual é o papel desempenhado pelos Estados nesse conflito?

Em linhas gerais, no contexto do surgimento das primeiras civilizações, foram observadas as seguintes transformações:

- acumulação e registro de toda uma série de conhecimentos por parte dos seres humanos, que passaram a compreender melhor quando ocorriam as estações chuvosas e as secas, os períodos de enchentes dos rios, as épocas apropriadas para a semeadura, o tempo necessário à germinação, quando deveria ser a colheita de determinadas espécies, além de aprender, por exemplo, qual o tempo necessário à gestação dos animais domesticados;
- surgimento nos diversos agrupamentos humanos de uma grande reverência aos elementos da natureza, como o Sol, que, por sua importância na vida humana e na agricultura, passou a ser concebido em algumas sociedades como uma espécie de divindade protetora;
- multiplicação de cerimônias e rituais coordenados por sacerdotes vinculados aos nascentes Estados, nos quais se agradecia aos deuses locais pelas boas colheitas e se rogava a eles que as chuvas viessem na época certa e na quantidade adequada;
- aperfeiçoamento das técnicas de fundição de metais que garantiam a melhoria dos instrumentos agrícolas, a produção de objetos de uso pessoal como joias, a diversificação de utensílios produzidos para diversos fins, além da fabricação de armas mais eficientes, essenciais à imposição da supremacia geopolítica, sob a coordenação dos nascentes Estados;
- consolidação do processo de sedentarização e surgimento de cidades e de necrópoles ("cidades dos mortos"), estas últimas evidenciando uma diversidade cultural mais complexa e reveladora de que, sob a coordenação de organizações políticas, os humanos passaram a incorporar uma atitude de culto aos mortos, sendo estes, não raramente, enterrados com seus objetos pessoais preferidos – que, segundo crenças que foram se generalizando, lhes seriam úteis na "vida eterna".

Período Neolítico: período que se estende de 7000 a.C. a 2500 a.C., caracterizado pelo uso de artefatos de pedra polida, e que entra pela Idade do Bronze (c.3000 a.C. no Oriente Médio).

1. Com a orientação do professor e após se reunir com seu grupo de estudo, levantem hipóteses sobre o papel que cada uma das cinco transformações apresentadas teve no surgimento de instituições políticas capazes de coordená-las e viabilizá-las. Em seguida, após fundamentar as hipóteses, compartilhem as conclusões com os colegas de turma.

GLOSSÁRIO

Clânico: que diz respeito a um determinado clã, ou seja, que faz parte de um grupo social cujos membros têm vínculos simbólicos, acreditam ter os mesmos ancestrais, mesmo não sendo, necessariamente, parentes de sangue.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Todas essas transformações, ocorridas ao final do **Período Neolítico**, possibilitaram aos mais influentes chefes **clânicos** – com o apoio de determinados grupos sociais – exercerem funções de mando, naquilo que para muitos especialistas se constituiu como o **embrião dos Estados**, uma organização política capaz de impor sua vontade sobre o conjunto das comunidades.

É importante ressaltar que a questão relativa à origem do Estado é bastante controversa. Ao longo do tempo, sociólogos, filósofos e historiadores, dentre outros estudiosos, propuseram respostas a essa questão.

É provável que entre os sumérios – povo que viveu no sul da Mesopotâmia, região que atualmente faz parte do território iraquiano – tenha ocorrido, originalmente, a passagem de sociedades dominadas por **chefes clânicos** para civilizações nas quais o poder se concentrava nas mãos de soberanos que dominavam **cidades-Estados**.

Um exemplo é Uruk – provavelmente a origem da palavra Iraque –, que teria sido governada por um rei semilendário, por volta do ano 2700 a.C., cujas aventuras épicas, preservadas pela tradição oral, serviram de referência à produção do primeiro texto literário da história da humanidade, *A epopeia de Gilgamesh* (na língua suméria, *Gilgamesh* significa "o velho que rejuvenesce").

Museu Britânico, Londres. Fotografia: Universal History Archive/Getty Images

Um dos 12 tabletes de argila com escrita cuneiforme (15,2 cm × 13,3 cm), utilizada pelos povos mesopotâmicos, nos quais foi registrado o texto literário *A Epopeia de Gilgamesh*.

Análise

Origens do Estado

A seguir, são apresentados dois textos que abordam a temática das origens do Estado. O primeiro, de autoria do filósofo e economista alemão Karl Marx (1818-1883). O segundo, do antropólogo e **etnógrafo** francês Pierre Clastres (1934-1977). Leia-os com atenção.

Texto 1

O clima e as condições de solo exigiram o sistema de irrigação artificial por meio de canais e outras obras como base da agricultura [...]. Da mesma forma que no Egito [...] as inundações são usadas para fertilizar o solo na Mesopotâmia [...] e outros lugares. O alto nível das águas serve para encher os canais de irrigação.

Essa necessidade elementar de um uso econômico e comum da água e a grande extensão territorial impuseram a intervenção do poder centralizador do governo. Esta é a razão pela qual todos os governos da Antiguidade Oriental tiveram que desempenhar esta função econômica: a organização das obras públicas.

MARX, Karl. *Obras escolhidas*. São Paulo: Global, 1984. p. 354.

Texto 2

A verdadeira revolução, na **proto-história** da humanidade, não é a do Neolítico, uma vez que ela pode muito bem deixar intacta a antiga organização social, mas a revolução política, essa aparição misteriosa, irreversível, mortal para as sociedades primitivas, o que conhecemos sob o nome de Estado. [...]

O que fez com que o Estado deixasse de ser impossível? Por que os povos cessaram de ser selvagens? Que formidável acontecimento, que revolução [permitiu] o surgimento da figura do déspota, daquele que comanda os que obedecem? De onde provém o poder político? "Mistério, talvez provisório, da origem".

CLASTRES, Pierre. *A sociedade contra o Estado*. São Paulo: Cosac Naify, 2003. p. 43.

GLOSSÁRIO

Etnógrafo: pesquisador que, em seu trabalho na área antropológica, prioriza as formas de vida de um povo, seus usos, costumes, valores e mitos, por meio do estudo dos vestígios deixados por esse grupo social.

Proto-história: período imediatamente anterior ao aparecimento da escrita, por volta de 4000 a.C., em que já havia uma incipiente metalurgia.

1. Em grupo levantem uma hipótese sobre as razões pelas quais nas chamadas "civilizações hidráulicas", como as que se desenvolveram no Egito Antigo e na Mesopotâmia, o Estado tornou-se uma instituição fundamental.
2. Tomando-se como referência os textos dos dois autores, pode-se afirmar que existe uma concordância entre eles [illegible] os Estados? Justifiquem.
3. Em sua opinião, por que Clastres afirma que o aparecimento do Estado foi "mortal para as sociedades primitivas"? Discuta suas hipóteses com os colegas de grupo.
4. Considerando-se o papel dos Estados na atualidade, indiquem um setor em que o poder público é essencial para o funcionamento da sociedade. Fundamentem a resposta.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

O papel dos Estados na Antiguidade Clássica

O conceito de cidadania no mundo clássico tinha uma especificidade própria.

Tanto no mundo grego como na Roma Antiga, o Estado teve um papel importante como instituição responsável pela construção de um sentimento de integração social, de pertencimento a uma determinada coletividade e de preservação da ideia de cidadania.

Nessas sociedades, ao deter o monopólio do uso da força, o Estado foi capaz de proteger os cidadãos contra inimigos externos – no caso das *poleis* gregas, especialmente contra os persas e, na Roma Antiga, contra os cartagineses, entre outros – reforçando a coesão social interna. No entanto, é preciso registrar que o conceito de cidadania no mundo clássico tinha uma especificidade própria e não se aplicava ao conjunto de habitantes de uma cidade-Estado.

O Estado no mundo grego

Petr F. Marek/Shutterstock.com

No alto, Acrópole de Atenas. Grécia, 2018.

A concepção de Estado e sua natureza no mundo grego deve levar em consideração o fato de que nele se constituíram unidades políticas autônomas denominadas *poleis*, que tinham governo próprio, instituições político-jurídicas específicas e eram formadas por uma coletividade de indivíduos, o *demos*, isto é, o povo. Este, além de tradições culturais comuns, acreditava ter os mesmos ancestrais, ainda que míticos, e cultuava os deuses protetores de sua pólis.

A pólis também pode ser percebida como o espaço público, em contraposição ao espaço privado, possibilitando – de forma inédita e original até então na história das sociedades – a todo aquele que era considerado cidadão, isto é, [illegible] destinos da "sua" cidade-Estado. É nessa relação que se encontra a origem do que se convencionou chamar de experiência "democrática" antiga, que, no entanto, difere da democracia atual. Enquanto esta é representativa, aquela era direta.

O direito à cidadania não era estendido à população como um todo.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Ressalte-se que o direito à cidadania não era estendido à população como um todo: era considerado cidadão apenas o indivíduo nascido na pólis, que fosse livre, do sexo masculino e filho de pai e mãe livres nascidos na mesma cidade-Estado.

É preciso considerar, no entanto, que a cidadania, por ser um referencial permanentemente construído e reconstruído culturalmente, sempre esteve vinculada à luta pelos direitos das pessoas.

No mundo ocidental, por exemplo, essa luta resultou na conquista de direitos fundamentais.

- No século XVIII, os **direitos civis**, como a igualdade jurídica, a liberdade de expressão, a liberdade religiosa, a liberdade de reunião, a inviolabilidade do ser humano, além da liberdade de se ter direito à preservação da propriedade.
- No século XIX, os **direitos políticos**, como o sufrágio universal, o direito de associação e manifestação política, além do direito de participação, independentemente da condição social, nas funções do Estado.
- No século XX, os **direitos sociais**, como os direitos trabalhistas, o direito à educação pública e universal, à saúde, à moradia, à previdência social e à proteção da maternidade – o que é indicativo de que o Estado pode e deve ter um papel fundamental na diminuição das disparidades socioeconômicas.

Análise

Participação política

A respeito do exercício da vida pública por parte daqueles que tinham direito à cidadania, o filósofo grego Aristóteles (384 a.C.-322 a.C.), em sua obra *Política*, discorreu sobre o que convencionou denominar de "animal político". Para ele, a humanidade plena se realizava apenas quando o ser humano se dedicava à política, isto é, à administração de sua pólis.

> [...] O homem é por natureza um animal político, e um homem que por natureza, e não por mero acidente, não fizesse parte de cidade alguma, seria desprezível [...]. Como costumamos dizer, a natureza nada faz sem um propósito, e o homem é o único entre os animais que tem o dom da fala. [...] A característica específica do homem em comparação com os outros animais é que somente ele tem o sentimento do bem e do mal, do justo e do injusto e de outras qualidades morais, e é a comunidade de seres com tal sentimento que constitui a família e a cidade.
>
> ARISTÓTELES. *Política*. Brasília: UnB, 1985. Livro I, 1253a.

1. A afirmativa de Aristóteles de que a pessoa que estivesse apta a participar da vida política de sua comunidade e não o fizesse seria "desprezível" pode ser aplicada àqueles que, na atualidade, procedem da mesma forma? Debata essa questão com seu grupo de estudo e, em seguida, compartilhem as conclusões com os colegas de turma.

Entre 750 a.C. e 550 a.C., constituiu-se o que foi denominado "Hélade", ou mundo grego, resultado de um processo histórico conhecido como expansão colonial, por meio do qual os gregos fundaram dezenas de colônias na região da Jônia (litoral da atual Turquia), em diversos pontos do litoral do Mar Negro, no norte da África e no sul da Península Itálica, região onde foram estabelecidas mais de quarenta colônias, denominadas "Magna Grécia".

Com essa verdadeira diáspora grega, surgiram mais de cem *poleis* na orla dos mares Mediterrâneo e Negro, nas quais foram reproduzidas as instituições políticas e jurídicas, além das tradições culturais das metrópoles que as haviam fundado, prevalecendo o princípio de que, como afirma o historiador brasileiro Pedro Paulo Funari, "onde quer que houvesse gregos, ali estava a Grécia".

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Sônia Vaz

Fonte: BLACK, Jeremy (ed.). *World history atlas*. Londres: Dorling Kindersley, 2008.

Os gregos, que se autodenominavam "helenos", palavra que significa "resplandecentes", ao realizarem a expansão colonial ampliaram o conceito de Hélade e levaram consigo sua cultura para diversos pontos dos mares Mediterrâneo e Negro, embora, nesse contexto, tenham também assimilado importantes influências culturais dos povos com os quais entraram em contato, como egípcios e fenícios. Pressões demográficas, lutas sociais no interior das *poleis* e monopólio das terras mais férteis por parte dos eupátridas, isto é, os "bem-nascidos", foram os fatores determinantes para essa grande migração.

É importante ressaltar, no entanto, que diferentemente de outros contextos históricos, como a época moderna, durante os séculos XVI, XVII e XVIII, as colônias gregas não tinham uma relação de subordinação política e/ou econômica em relação às "cidades-mães".

O Estado na Roma Antiga

Museu da Civilização Romana, Roma. Fotografia: Vanni Archive/Getty Images

Na fotografia – uma fonte secundária – pode-se observar parte de uma obra de arte monumental intitulada *Plastico di Roma Imperiale* ("Maquete da Roma Imperial").

A fotografia acima é uma representação da cidade de Roma quando esta atingiu sua maior dimensão, nas primeiras décadas do século IV d.C. Feita de gesso, a obra foi construída durante 35 anos, tendo sido finalizada em 1971. O trabalho foi desenvolvido pelo arqueólogo italiano Italo Gismondi, tem 16 metros de comprimento, uma escala de 1 : 250 e atualmente faz parte do acervo do Museu da Civilização Romana, em Roma.

O estudo sobre a Roma Antiga é, em particular sobre as instituições do Estado romano, precisa levar em consideração o fato de que sua história se estendeu por mais de mil anos e que, por certo, durante esse longo tempo as estruturas políticas e as instituições estatais passaram por profundas transformações.

Durante o Período Republicano, que se estendeu do ano 509 a.C. ao ano 27 a.C., os plebeus, isto é, as camadas populares que se contrapunham à aristocracia patrícia, conseguiram uma significativa vitória no campo político que lhes garantiu, a exemplo do que ocorrera anteriormente em muitas das *poleis* gregas, expressivo avanço para a conquista da cidadania: o registro por escrito das leis (que até então eram aplicadas de acordo com os costumes, o que, na prática, redundava na manutenção de privilégios às camadas mais abastadas da sociedade). O registro foi uma conquista alcançada por volta de 450 a.C., por meio de uma codificação que ficou conhecida como Lei das Doze Tábuas, um texto fundamental para o Direito Romano, um dos principais legados de Roma para o mundo contemporâneo.

Foi durante o Período Imperial, que se estendeu de 27 a.C. a 476 d.C., que se consolidou a expansão romana sobre a Bacia do Mediterrâneo, processo histórico iniciado ainda nos tempos republicanos, quando Roma começou a impor sua dominação geopolítica e militar transformando esse mar no que então se convencionou denominar de *Mare Nostrum* ("Nosso Mar").

Nessa época, a produção escravista gerou enormes riquezas, essenciais para atender as aspirações da velha aristocracia patrícia, dos "novos ricos" que emergiam com a dinamização das atividades comerciais, e também da gigantesca plebe, que, de uma maneira geral, sem acesso às terras públicas, migrava para os centros urbanos do império e vivia em grande parte às custas do Estado romano e/ou prestando múltiplos serviços às famílias ricas.

À época de sua máxima extensão, o Império Romano tinha uma população estimada em 100 milhões de pessoas e se estendia por cerca de 6,5 milhões de km². A cidade de Roma, centro político, econômico e cultural, onde se localizavam os principais órgãos das estruturas de poder do Estado, por volta do século I d.C. tinha uma população de mais de 1 milhão de pessoas.

Expansão máxima do Império Romano

Sônia Vaz

Fonte: DUBY, Georges. *Atlas histórico mundial*. Barcelona: Larousse, 2007. p. 42 e 52.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

A observação atenta do mapa permite visualizar as etapas da construção da hegemonia geopolítica de Roma na Bacia Mediterrânica, desde os tempos da monarquia, quando se iniciou a conquista da Península Itálica, até a expansão máxima alcançada no século II d.C., concretizada à época do imperador Trajano, que governou entre 98 e 117. A sociedade romana se tornou crescentemente desigual à medida que a espacialidade do império se ampliou e enormes riquezas se concentraram nos cofres públicos e nas mãos de particulares que se beneficiaram com a dinamização da economia escravista.

Enquanto o império se expandiu e novas riquezas foram geradas, as receitas arrecadadas com os tributos pagos pelos povos submetidos ou com a venda pública de escravizados para particulares garantiram, ao Estado romano, o financiamento de um poderoso exército permanente, que em alguns momentos chegou a ser formado por mais de 300 mil soldados.

No entanto, quando as instituições estatais começaram a se desagregar em meio à crise geral que se abateu sobre o escravismo romano a partir do século III d.C., a população que vivia na cidade declinou rapidamente, num momento em que, por razões de insegurança, verificou-se uma progressiva ruralização da sociedade. Em 476 d.C., quando finalmente, após sucessivas incursões militares empreendidas por povos de origem germânica, a cidade de Roma foi subjugada e conquistada, sua população seria de, aproximadamente, 50 mil pessoas.

Análise

A importância do Senado

O texto a seguir, da historiadora francesa Catherine Decouan, evidencia que o Senado era a essência do poder do Estado romano.

> A palavra **república** (*res publica*) significa "coisa do povo". Mas se todos os cidadãos romanos têm em teoria os mesmos direitos políticos, só os ricos tomam parte no poder. O cidadão tem direito de votar nos comícios, de ser eleito magistrado [...]. É reconhecido pela toga branca que só ele tem direito de usar. [...]
>
> Um sistema aparentemente democrático, mas de fato, por meio de um jogo complexo, os plebeus têm menos voz. Como se diz com ironia: alguns são mais iguais que outros. Todo cidadão não condenado a uma pena infamante tem o direito de candidatar-se ao *cursus honorum* (o curso das magistraturas), contanto que tenha servido dez anos no exército, a partir, portanto, da idade mínima de 27 anos.
>
> Diante dos magistrados, os senadores representam a autoridade permanente. Guardiães da tradição, gozam da mais alta autoridade. [...]
>
> De fato, o Senado dirige o Estado. Sua competência aplica-se aos assuntos financeiros, às questões religiosas e à política externa. Fixa a data das eleições e divide as províncias entre antigos cônsules [...]. Estabelece o montante dos impostos, dispõe do tesouro público, vota as despesas. Ordena as cerimônias religiosas indicadas pelos sacerdotes.
>
> Enfim, é ele que conduz as negociações com os países estrangeiros, propõe aos comícios votar a guerra, determina o efetivo dos exércitos, elabora os tratados de paz, fixa a condição dos vencidos. É ainda ele quem concede ou recusa o triunfo ao general vitorioso.
>
> DECOUAN, Catherine. A democracia romana sob a lupa. *História Viva*, São Paulo, ano 1, n. 2, p. 70, dez. 2003.

1. A autora afirma que em Roma alguns eram "mais iguais que outros". Apresente uma hipótese que justifica essa afirmação.
2. No contexto da democracia contemporânea brasileira, a afirmativa da autora também tem fundamento? Após debater essa questão com os colegas do seu grupo de estudo, levante uma hipótese sobre o tema, fundamente-a e, em seguida, compartilhe com a turma.

A crise do escravismo e a desagregação do Estado romano

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

A partir do século III, a vida social na vista romana começou a apresentar fragilidades que foram sentidas nas esferas pública e privada, com reflexos também nas estruturas e instituições do Estado.

Os tempos da *Pax Romana*, quando o Estado impunha rigoroso controle social no plano interno e reprimia com relativa facilidade as ameaças externas, haviam ficado para trás. Tratou-se sempre, porém, de uma "paz armada", uma vez que sempre que necessário as legiões eram mobilizadas e rapidamente estabilizavam as fronteiras, contendo as ameaças dos "**bárbaros**", principalmente próximo aos rios Reno e Danúbio, onde as incursões de povos de origem germânica eram constantes.

Ao longo dos séculos IV e V, a crise geral do Estado romano aprofundou-se e seus sintomas se multiplicaram, dentre os quais podem ser destacados:

- o aumento da violência e da insegurança nas grandes cidades, que, com o tempo, foram se esvaziando e perdendo a importância de outrora, acentuando-se, em decorrência, a ruralização da sociedade, uma vez que os mais ricos buscavam segurança para suas famílias em suas propriedades rurais, denominadas vilas, em latim *vilae*;
- como o número de escravizados diminuía drasticamente, verificou-se a diminuição das áreas cultivadas, e muitos domínios foram abandonados; com o declínio das atividades econômicas, o custo de manutenção da própria mão de obra escrava tornou-se insustentável para os proprietários, considerando-se o fato de que a produtividade se mantinha baixa;

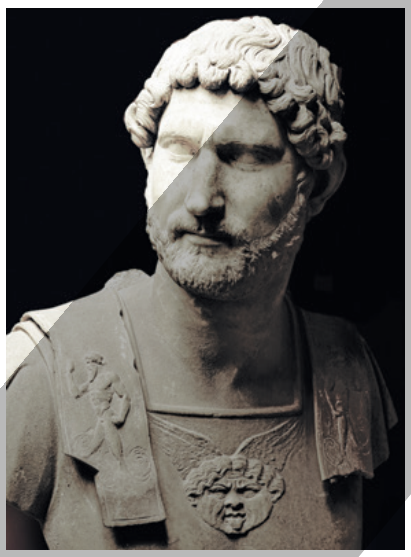
GLOSSÁRIO

Bárbaro: palavra de origem grega que indicava aquele que era "não civilizado". Para os romanos, bárbaro era todo aquele que não falava latim, tinha uma cultura considerada inferior e vivia além das fronteiras do império, ou seja, ainda não havia sido "romanizado".

- surgiram novas formas de utilização da mão de obra, pois os proprietários rurais tiveram de flexibilizar as relações de trabalho com a mão de obra ainda disponível;
- para atrair camponeses livres e manter os escravizados restantes, os proprietários ofereceram-lhes proteção – fundamental numa época de invasões, saques e insegurança generalizada –, além da garantia de poder cultivar um pequeno lote de terra, em arrendamento;
- esses "novos" trabalhadores comprometiam-se a permanecer nas terras, assim como seus filhos, surgindo o que se convencionou denominar de regime de colonato, com os trabalhadores passando a ser *colonus*, com a obrigação de pagar o arrendamento (geralmente, parte das colheitas obtidas), o que os tornava, na prática, camponeses totalmente dependentes de seus senhores.

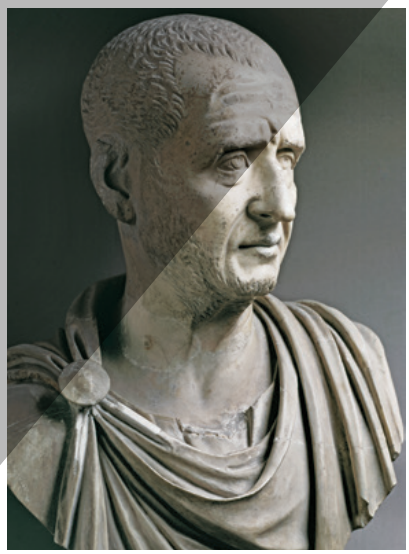
Archiv Gerstenberg/Ullstein bild/Getty Images

Estátua de Augusto. Museu do Vaticano, Roma, Itália.
Detalhe de escultura em mármore, representando o primeiro imperador, Otávio Augusto, que governou Roma entre 27 a.C. e 14 d.C., tendo sido responsável por impor a *Pax Romana*.



Museus Capitolinos/Leemage/Corbis/Getty Images

Estátua de Adriano. Museu Capitolino, Roma, Itália.
Escultura do imperador Adriano, que governou Roma entre os anos 117 e 138, época em que o poder do Estado era inquestionável e se impunha sobre um império multiétnico, cuja unidade era mantida pela força das legiões.



Museus Capitolinos/Nimatallah/akg-images/Album/Fotoarena

Estátua de Trajano Décio. Museu Capitolino, Roma, Itália.
Esse imperador governou Roma entre 249 e 251, quando os sinais da crise já eram bem visíveis. O próprio imperador Trajano Décio morreu numa batalha travada contra os godos, um dos povos "bárbaros" de origem germânica, sendo o primeiro imperador morto em combate.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Em 395, ano da morte do imperador Teodósio, numa tentativa de conter as ameaças externas e estabelecer uma melhor administração do mundo romano, o império foi dividido entre seus dois herdeiros: Honório ficou com o controle do Império Romano do Ocidente, e Arcádio, com o controle do Império Romano do Oriente, cuja capital tornou-se Constantinopla.

As duas metades do até então gigantesco império tiveram processos históricos bastante distintos, mesmo porque a crise que abalou as estruturas socioeconômicas e políticas não afetou o Ocidente e o Oriente da mesma forma.

A queda da produção agrícola, o declínio das atividades comerciais, o processo inflacionário, a crescente ruralização e a insegurança generalizada foram processos históricos específicos da parte ocidental do império. No Oriente, pelo contrário, as estruturas socioeconômicas e político-administrativas seguiram bem mais consistentes, sendo capazes de absorver com eficácia a pressão dos "bárbaros".

A localização privilegiada de Constantinopla, antiga colônia grega Bizâncio – o que explica a expressão Império Bizantino para designar o Império Romano do Oriente –, na passagem entre o Mar Mediterrâneo e o Mar Negro, garantiu-lhe o controle sobre as rotas comerciais que articulavam a Ásia à Europa. Essa dinâmica comercial mais intensa possibilitou ao Império Bizantino preservar sua hegemonia sobre povos e territórios capazes de sustentar sua riqueza e poder, transformando Bizâncio na grande metrópole do Oriente.

À medida que o Império Romano do Ocidente colapsava, o Império Bizantino criava estruturas político-administrativas singulares, preservando parte das instituições ocidentais, mas com predomínio de elementos culturais gregos e orientais – o que fez com que, já no século VII, o latim fosse substituído pelo grego como idioma oficial do Estado. Este, com o tempo, tornou-se cada vez mais **teocrático** – o imperador era o chefe da Igreja – com uma monarquia centralizada e hereditária, que foi preservada até 1453.

GLOSSÁRIO

Teocrático: vocábulo de origem grega, resultante da junção de "*theos*" (Deus) e "*kratein*" (governar). Portanto, um Estado teocrático é aquele cujo sistema de governo se submete às normas de determinada religião.

O fim da unidade do Estado romano

A linha divisória entre as duas metades do Império Romano atravessava a Península Balcânica pela atual Albânia, e o norte da África, próximo à fronteira leste da atual Líbia. Na parte ocidental, a crise geral se aprofundou, a ponto de em 410 – apenas 15 anos após a divisão administrativa – o impensável ter ocorrido: Roma foi saqueada pelos "bárbaros"; as instituições políticas do Estado colapsaram em definitivo no ano 476, quando oficialmente o Império Romano do Ocidente desagregou-se em definitivo e se fragmentou em múltiplos reinos dominados por chefes "bárbaros" de origem germânica.

Fontes: DUBY, Georges. *Atlas histórico mundial*. Barcelona: Larousse, 2007. p. 55; DUBY, Georges. *Grand atlas historique*. Paris: Larousse, 2011. p. 35.

Análise

Dor e perplexidade

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

As fontes [illegible] de Roma em grande parte foram escritas por clérigos e teólogos que manifestaram sua perplexidade diante do avanço dos "bárbaros" germânicos pagãos. Os dois textos apresentados a seguir são fontes primárias e foram escritos por religiosos cristãos. O primeiro é de São Jerônimo, que viveu entre 347 e 420, e o segundo, do papa Gregório Magno, que exerceu o pontificado entre 590 e 604.

Texto 1

> Chega-nos do Ocidente um rumor terrível. Roma atacada. [...] A minha voz estrangula-se e os soluços interrompem-me enquanto dito estas palavras. Foi conquistada, esta cidade que conquistara o universo. [...].

SÃO JERÔNIMO. Carta escrita em Bizâncio. *In*: FREITAS, Gustavo de. *900 textos e documentos de História*. Lisboa: Plátano, 1977. v. 1. p. 113.

Texto 2

> Em toda parte luto, [...] gemidos, praças fortes derrubadas, campos devastados. [...] Roma parecia antigamente a senhora do mundo; vimos o que disso restou. Está esgotada por toda a sorte de sofrimentos: desolação dos cidadãos, pressão inimiga, ruínas multiplicadas. [...] Onde está o senado? Onde o povo?

Apud GIORDANI, Mário C. *História dos reinos bárbaros*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1985. p. 108.

1. Fontes primárias, documentos históricos, não "falam" por si mesmos. É preciso sempre "interrogá-los", problematizá-los, ler nas entrelinhas. Considerando-se essas observações, levante uma hipótese no sentido de relativizar possíveis exageros no que diz respeito à "enorme violência" que teria ocorrido no contexto das "invasões bárbaras". Em seguida, compartilhe os resultados com os colegas de turma.

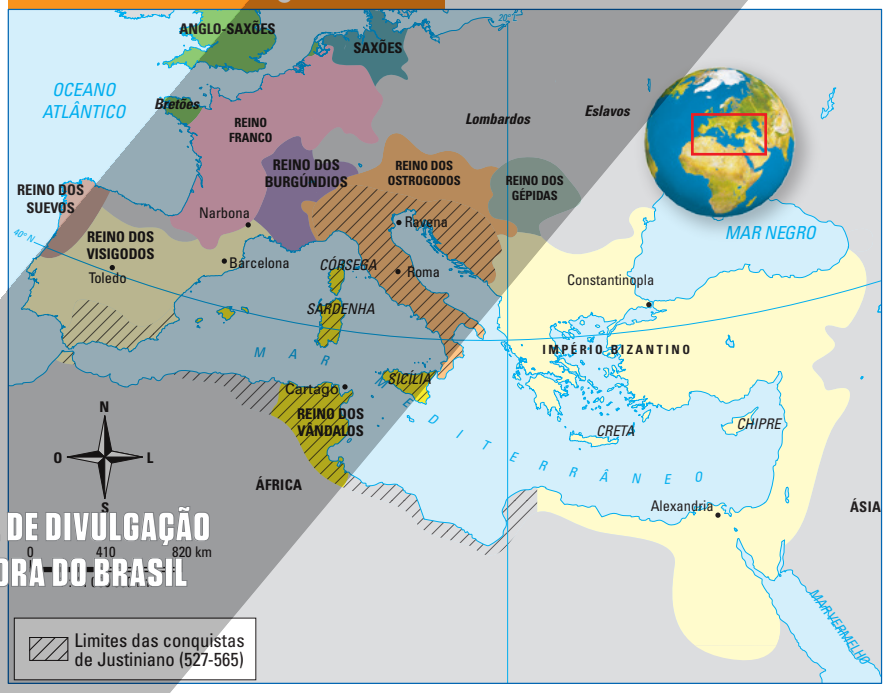
O Estado durante a Idade Média

O período histórico que se estende do fim do Estado romano, no Ocidente, em 476, à queda de Constantinopla, capital do Império Bizantino, em 1453, é conhecido, de acordo com uma periodização tradicional, como Idade Média. Para efeitos didáticos e também levando em consideração as especificidades históricas em suas várias dimensões – políticas, econômicas, jurídicas, ideológicas e culturais –, convencionou-se dividir a longa Idade Média em duas fases:

- Alta Idade Média, que se estendeu do século V ao século X, marcada pelo longo período de formação do feudalismo;
- Baixa Idade Média, que se estendeu do século XI ao século XV, na qual verificou-se não apenas a consolidação do feudalismo, mas sua grave crise durante o século XIV e o início da dissolução dessa organização política e econômica.

Uma nova geopolítica foi desenhada no continente, marcada pela formação dos chamados reinos "bárbaro-germânicos", a partir de finais do século V e início do século VI. Eles assimilaram a religião cristã, já hegemônica entre os romanos à época das "invasões".

Os reinos bárbaro-germânicos



Mario Yoshida

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Fonte: DUBY, Georges. *Grand atlas historique*. Paris: Larousse, 1999. p. 37-39.

Divididos entre si, fragilizados por conflitos internos, a maioria desses reinos teve curta duração, não conseguindo estruturar efetivamente instituições estatais. Para exemplificar, no início do século VI, os bizantinos destruíram o reino dos vândalos, no norte da África; em meados desse mesmo século, o reino dos ostrogodos também sucumbiu; em 711, no contexto da expansão árabe-muçulmana, o reino dos visigodos, na Península Ibérica, teve o mesmo fim. Apenas o reino dos francos – gênese da atual França – conseguiu não apenas manter sua integridade mas até mesmo se expandir territorialmente.

A antiga centralização política foi sucedida por uma fragmentação político-espacial e pelo declínio dos principais núcleos urbanos. Verificou-se, ainda, a desagregação das atividades artesanais e do comércio a longa distância. Ao mesmo tempo, os contatos mais intensos entre povos germânicos e os romanos viabilizaram um intercâmbio cultural que definiu a formação étnica, política, econômica, linguística e cultural do mundo ocidental.

Paralelamente à desagregação do Estado romano no Ocidente, à crescente onda de insegurança provocada pelas "invasões bárbaras", à imposição de tradições culturais germânicas, ao contínuo processo de ruralização socioeconômica e ao surgimento do colonato, foi se constituindo uma nova formação sociopolítica que ficou conhecida como feudalismo.

Análise

O início do feudalismo

Na Europa Medieval, o início do feudalismo demandou um longo processo histórico, que se estendeu durante toda a Alta Idade Média. Uma nova onda de invasões promovidas por *vikings*, magiares e muçulmanos, entre os séculos VIII e X, acentuou a ruralização que se observava desde o colapso das estruturas de poder do Estado romano no Ocidente.

É importante considerar que, no contexto histórico do Período Medieval, as estruturas de poder político se operam em dimensões diferentes daquelas pelas quais se construíram os Estados na Antiguidade, o que, no entanto, não impediu a imposição de outras formas de exercício de poder pelas elites dominantes proprietárias de grandes territórios rurais.

Os dois textos apresentados a seguir permitem a compreensão de que o feudalismo se estruturou em torno de "células autônomas" e que os vínculos de **suserania** e **vassalagem** são fundamentais para explicar sua dinâmica.

Texto 1

> O feudalismo é o fracionamento da autoridade política em múltiplas células autônomas. Em cada uma delas, um senhor detém o título privado e o poder de comandar e punir; explora tal força como parte de seu patrimônio hereditário.

ROUCHE, Michel. Alta Idade Média Ocidental. *In*: DUBY, Georges; ARIÈS, Philippe (org.). *História da vida privada*: do Império Romano ao ano mil. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. v. 1, p. 403.

Texto 2

> Ser "o homem de outro homem": no vocabulário feudal, não existia aliança de palavras mais difundidas do que esta, nem mais rica de sentido.
>
> O conde era "o homem" do rei, tal como o servo era o do senhor de sua aldeia. [...] Apesar do abismo entre as camadas sociais, a acentuação exercia-se sobre o elemento fundamental comum: a subordinação de indivíduo a indivíduo.

BLOCH, Marc. *A sociedade feudal*. Lisboa: Edições 70, 1982. p. 159.

1. Considerando-se o conceito apresentado no Texto 1, contraponha as estruturas políticas do feudalismo àquelas que definiam o Estado na Antiguidade Clássica.
2. Com a orientação do professor, reúna-se com seu grupo de estudo e, juntos, levantem uma hipótese que fundamente [illegible] os vínculos entre suseranos e vassalos se contrapunham àqueles que predominaram no contexto do Estado romano.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Os senhores feudais tornaram-se representantes de um poder privado, que se afirmou localmente ou, no máximo, em escala regional, e atribuíram a si mesmos o direito de comandar, aplicar a justiça e impor tributos sobre as populações que viviam em seus domínios.

Embora tenham existido monarquias nacionais no Período Medieval, como a francesa e a inglesa, e, mais tarde, a portuguesa e a espanhola, dentre outras, o poder real sempre foi mais simbólico do que de fato, muito mais teórico do que efetivamente de direito.

GLOSSÁRIO

Suserania e vassalagem: expressão que na Idade Média se referia ao vínculo firmado entre nobres, mediante o qual um suserano doava determinado bem – em geral, uma propriedade ou domínio – àquele que se tornava seu vassalo e passava a ter com seu senhor uma série de obrigações.

Legitimação do Estado na modernidade europeia

Durante a Baixa Idade Média, particularmente na Península Ibérica, na França e na Inglaterra, as monarquias começaram a se impor sobre os particularismos feudais e o universalismo da Igreja. Paulatinamente, foram afirmando sua autoridade sobre os nobres – senhores feudais leigos ou eclesiásticos – que exerciam o poder no âmbito regional ou local.

O conceito de um Estado Nacional pressupõe a existência de um poder solidamente consolidado nas mãos de um governante, que possuísse a exclusividade no exercício da força, na cobrança de impostos, na aplicação da justiça, na cunhagem de moedas e uma autoridade inquestionável que se impusesse sobre os súditos que viviam em um determinado território.

Este conceito, no entanto, era estranho ao universo medieval, quando prevalecera a noção de uma *communitas christiana*, isto é, um único espaço político-religioso da comunidade cristã como um todo, sem fronteiras, submetido à autoridade espiritual do chefe máximo da Igreja, o Papa, cuja autoridade pretendia se sobrepor aos poderes local, regional ou nacional.

Porém, no contexto histórico mais amplo da crise geral do século XIV (na verdade uma crise das próprias instituições feudais), os senhores, contando apenas com seus recursos pessoais, já não conseguiram mais restabelecer a ordem social, numa sociedade convulsionada por uma série de revoltas camponesas.

Biblioteca Digital Italiana

IL PRINCIPE
DI NICOLO MACHIAVELLI
AL MAGNIFICO LORENZO
DI PIERO DE MEDICI
LA VITA
DI CASTRVCCIO CASTRACANI
DA LVCCA.
IL MODO CHE TENNE
IL DVCA VALENTINO
PER AMMAZZARE VITELLOZZO VITELLI,
OLIVEROTTO DA FERMO, IL SIGNOR PAGOLO,
ET IL DVCA DI GRAVINA.
I RITRATTI
DELLE COSE DELLA FRANCIA
ET DELL' ALAMAGNA.
EX BIBLIS P.M. GERASIM CAPASSILIO
M. D. L.

Capa da edição de 1550, de *O Príncipe*, de Maquiavel.

Foi também nessa época que as primeiras teorias sobre a natureza dos Estados e sobre como os governantes deveriam agir para manter e consolidar seus poderes começaram a ser formuladas.

Uma obra teórica em especial, intitulada *O Príncipe*, escrita em 1513, mas publicada em 1532, ganhou enorme relevância, pois seu autor, o florentino Nicolau Maquiavel (1469-1527), subverteu a ética cristã medieval que até então, pelo menos em tese, havia norteado a conduta dos governantes.

Para ele, pensar e fazer política não devia se enquadrar em qualquer tipo de moralismo piedoso, o que na prática indicava que o soberano, para manter o Estado, podia e devia agir contra a caridade, contra a fé, contra a religião e até mesmo contra a humanidade se necessário, pautando suas ações por uma "ética especial" que se sobrepunha à ética que norteava a conduta das pessoas em sociedade.

Partindo dessas premissas, Maquiavel questionou a ética cristã medieval segundo a qual as atitudes dos governantes estavam subordinadas a uma lei superior (transcendental) e destinada à salvação da alma, uma vez que estes, de acordo com esses pressupostos, deviam se pautar por condutas éticas, morais e religiosas.

Em suas análises, o teórico e escritor foi mais longe, afirmando que o governante, para a preservação do Estado, não precisaria ter determinadas qualidades, mas apenas aparentar tê-las, pois "os homens comovem-se mais com as coisas que parecem do que com aquelas que são", sugerindo que é próprio da natureza humana se alimentar mais das aparências do [illegible] é.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

[illegible] articular e especial", que priorizava as razões de Estado e se baseava na força e na finalidade de controle político, além de ser mais ajustada aos tempos modernos, indicava que o soberano devia aparentar ser "piedoso, humano, íntegro, religioso" sem necessariamente ter essas qualidades. Assim, desde que ele conservasse e fortalecesse o Estado, ou seja, obtivesse êxito em suas finalidades políticas, os meios empregados para tal, fossem quais fossem, sempre seriam considerados "honrosos e louvados por cada um".

Maquiavel questionou a ética cristã medieval segundo a qual as atitudes dos governantes estavam subordinadas a uma lei superior.

Numa das passagens mais ácidas da obra, Maquiavel questiona se ao soberano "vale mais ser amado que temido", respondendo que ambas as coisas deveriam ser desejadas, mas que é sempre mais seguro ao príncipe ser temido do que amado, considerando-se a natureza dos seres humanos. Para ele, os humanos são "ingratos, volúveis, simuladores, covardes e ávidos de lucro", o que faz com que traiam mais facilmente aqueles que amam do que aqueles que temem.

Outra obra fundamental para se compreender a natureza do Estado moderno foi publicada em 1651, com o título de *Leviatã*. Seu autor, o filósofo inglês Thomas Hobbes (1588-1679), destacou-se como um dos principais teóricos do pensamento político e, em linhas gerais, chamou a atenção para o fato de que:

1. A vida do ser humano em "estado de natureza" é "solitária, pobre, sórdida, brutal e curta", pois ocorre uma "guerra de todos contra todos", não existindo espaço para a justiça e a preservação da propriedade.

2. Nesse estado, prevalecem os mais fortes, uma vez que "o homem é o lobo do próprio homem"; a insegurança é generalizada e a violência, uma constante.
3. Objetivando superar esse "estado de natureza", as pessoas organizaram o Estado por meio de um "contrato social", que, em última instância, é de interesse do próprio povo, uma vez que, segundo o autor, "o povo renuncia a tudo em troca do grande dom da segurança".
4. De acordo com o contrato social, cada pessoa se submete a uma autoridade central, à qual todo o poder seria conferido, fator essencial para se assegurar a paz social.
5. A partir de então, não poderia haver qualquer tipo de rebelião contra o Estado, sob pena de se voltar à barbárie e ao "estado de natureza", uma vez que mesmo o pior governante seria melhor do que o caos da "guerra de todos contra todos".

Análise

Leviatã

A imagem a seguir pode ser percebida como uma metáfora daquilo que no contexto da modernidade se convencionou denominar Estado absolutista. Observe-a atentamente.

Biblioteca do Congresso, Washington, DC

A imagem reproduzida é um detalhe da capa da primeira edição de *Leviatã*, livro de Thomas Hobbes (Londres, 1651), e tem uma série de simbolismos: nela, pode-se ver um monarca com os atributos de seu poder. Seu corpo é constituído de uma multidão de pessoas, que representariam "microfísicos poderes". Estes micropoderes formam uma totalidade quando se integram ao corpo do soberano, manifestação metafórica do poder sem limites do próprio Estado.

1. Identifique os atributos do poder monárquico que podem ser percebidos na imagem, assim como seus respectivos significados.
2. Ainda na atualidade, o Estado tem exclusividade na cobrança dos impostos pagos pelo conjunto da sociedade. Você sabe para que servem os impostos arrecadados pelo Estado? É possível verificar se eles são aplicados de forma eficaz e destinados efetivamente para as finalidades que justificam sua cobrança? Em sua opinião, como deveriam ser aplicados?
3. Em muitas das sociedades contemporâneas, nos Estados democrático-liberais, existem formas de controle e limitação da ação daqueles que detêm o poder. Reúna-se com seu grupo de estudo, debata o tema com os colegas e identifique as instituições públicas que estabelecem esses limites.
4. Em relação ao presidencialismo brasileiro atual, costuma-se afirmar que "o presidente pode muito, mas não pode tudo". Reúna-se com seu grupo de estudo e, levando em conta a relação entre as funções do governo e as instituições estatais tal como foram definidas pela Constituição de 1988, levantem uma hipótese que fundamente as razões pelas quais há limites claros às ações do chefe de governo.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

A concepção liberal do Estado

Na segunda metade do século XVIII, o mundo ocidental foi fortemente impactado por dois processos revolucionários de grande importância: a Revolução Americana, de 1776, e a Revolução Francesa, de 1789.

Em ambos, a questão da natureza do Estado foi objeto de acaloradas discussões, refletindo em grande parte os debates filosóficos de meados do século XVIII que tomaram conta da intelectualidade europeia no contexto do Iluminismo.

Museu do Louvre, Paris

Eugène Delacroix (1798-1863). *La Liberté guidant le peuple* ("A Liberdade guiando o povo"), 1830. Óleo sobre tela, 325 cm × 260 cm.

Os teóricos desse movimento filosófico de perfil liberal, como Montesquieu e Rousseau, dentre outros, fundamentaram-se nos escritos daquele que foi considerado o "pai do liberalismo", o inglês John Locke (1632-1704). Em uma das obras que mais revolucionaram o pensamento político, *Segundo tratado do governo civil*, publicada em 1690, Locke lançou as bases da moderna democracia liberal, defendendo intransigentemente as liberdades civis, a mais absoluta tolerância religiosa e o direito à propriedade, contrapondo-se, portanto, às instituições do Estado absolutista, então hegemônicas nas monarquias europeias.

De acordo com o pensamento político de Locke, a organização dos governos é obra dos seres humanos e consequentemente independe de qualquer intervenção divina. O filósofo ironizou essa forma de governo ao afirmar que, no absolutismo, as pessoas se protegiam contra raposas sentindo-se seguros com leões.

Também diferentemente do conceito de contrato social formulado por Hobbes em sua obra *Leviatã*, Locke afirmava que o ser humano vive livre e em paz no seu estado de natureza. Assim, o contrato social não tinha por objetivo evitar a guerra de todos contra todos, mas preservar os direitos naturais das pessoas, atribuindo aos governados até mesmo o direito à rebelião legítima, caso os Estados resultantes desse contrato não garantissem os direitos naturais.

As concepções teóricas de Locke serviram de suporte à Declaração de Direitos promulgada no contexto histórico da chamada Revolução Gloriosa, de 1688.

Análise

A Declaração de Direitos como conquista da Revolução Gloriosa

Por meio do documento que ficou conhecido como Bill of Rights, estabeleceu-se uma fórmula de equilíbrio entre o Legislativo e o Executivo, em que o monarca, a partir daquela data, seria uma figura tão somente simbólica, que legitimaria [illegible] e a própria historicidade e legitimidade do Estado.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Com a Declaração dos Direitos de 1689, instituiu-se a monarquia constitucional cuja máxima é: "O rei reina, o Parlamento governa".

> 1. Que o pretendido poder de suspender as leis, ou a execução das leis, pela autoridade real, sem o consentimento do Parlamento é ilegal. [...]
> 4. Que o direito de cobrar impostos para o uso da Coroa [...] sem autorização do Parlamento é ilegal. [...]
> 6. Que o recrutamento e manutenção de um exército em tempo de paz é ilegal sem o consentimento do Parlamento. [...]

A REVOLUÇÃO Gloriosa: a Declaração dos Direitos. *In*: JANOTTI, Maria de Lourdes Monaco; MESGRAVIS, Laima; LIMA, Enezila de (org.). *Coletânea de documentos históricos para o 1º grau*. São Paulo: [*s. n.*], 1978. p. 84.

1. Considerando os artigos selecionados, levante uma hipótese que corrobore o argumento de que, a partir do Bill of Rights, estabeleceu-se o princípio de que "o rei reina, o Parlamento governa".

A influência da fundamentação teórica de Locke se fez sentir intensamente também no contexto da Revolução Americana, quando, em nome dos princípios liberais, os colonos afirmaram que o rei da Inglaterra havia quebrado o contrato social ao impor pesados tributos aos habitantes das Treze Colônias sem a anuência destes. Como eles não estavam representados no Parlamento inglês, este não teria o direito de tributá-los. O *slogan* "Onde não há representação não pode

haver taxação" – *No taxation whithout representation* – tornou-se o mantra dos colonos contra a dominação britânica. O aprofundamento da crise com a metrópole levou à ruptura definitiva em 4 de julho de 1776 e ao nascimento da República dos Estados Unidos da América.

No preâmbulo da Declaração de Independência, um documento de inspiração lockeana, Thomas Jefferson, um de seus redatores, destacou:

> Consideramos estas verdades evidentes por si mesmas, que todos os homens são criados iguais, que são dotados pelo Criador de certos Direitos inalienáveis, que entre estes estão a Vida, a Liberdade e a busca da Felicidade.
>
> JEFFERSON, Thomas. *A Declaração de Independência dos EUA*. São Paulo: Zahar, 2014. *E-book*.

A própria Constituição de 1787 – ainda hoje em vigor –, fundamentou-se nos princípios anteriormente formulados por John Locke. Ela definiu as instituições políticas do Estado norte-americano, alicerçando-o na divisão e equilíbrio dos poderes, na mais ampla autonomia dos estados membros da federação e na intransigente defesa das liberdades individuais.

Também em fins do século XVIII, a Revolução Francesa constituiu-se num ponto de inflexão na organização dos Estados na contemporaneidade. Passados mais de 200 anos do processo revolucionário, há uma unanimidade entre os historiadores a respeito de seu significado histórico e da sua importância para o mundo ocidental.

Não por acaso, a delimitação acadêmica dos estudos históricos, de acordo com a periodização tradicional, recorre ao marco inaugural desse processo revolucionário – 1789 – para consagrar o início da Idade Contemporânea.

No contexto histórico da Revolução Francesa de 1789, procurou-se consolidar o princípio de um Estado legal, percebido como uma comunidade de cidadãos livres, e não mais formada por súditos submetidos à vontade individual de um soberano, como era no Antigo Regime. O governo assim concebido deveria se fundamentar em leis debatidas e instâncias jurídicas que refletissem a vontade soberana do povo, e sua finalidade última seria satisfazer as necessidades humanas básicas.

GLOSSÁRIO

Atemporal: que não faz parte de um tempo determinado, ou seja, é válido para qualquer tempo.

Análise

A atualidade da Revolução Francesa

A atualidade da Revolução Francesa foi destacada pelo historiador Eric Hobsbawm (1917-2012). O autor enfatizou que o ideário defendido pelos revolucionários tem um alcance universal e **atemporal**, ou seja, eles permanecem como referência até hoje para a sociedade como um todo, até mesmo pelo fato de terem fundamentado uma nova organização de Estado na qual tornou-se essencial a preservação dos direitos humanos, como a vida e a liberdade.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

> Felizmente, a Revolução Francesa ainda está viva. Pois Liberdade, Igualdade e Fraternidade e os valores da razão e do Iluminismo – os valores que construíram a civilização moderna – são mais necessários do que nunca, na medida em que o irracionalismo, a religião fundamentalista, o obscurantismo e a barbárie estão, mais uma vez, avançando sobre nós. É portanto, uma boa coisa que no ano de seu bicentenário tenhamos a ocasião de pensar novamente sobre os acontecimentos extraordinários que há dois séculos transformaram o mundo. Para melhor.
>
> HOBSBAWM, Eric. *Ecos da Marselhesa*: dois séculos reveem a Revolução Francesa. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 127.

1. Por que o autor afirma que a "Revolução Francesa está viva"? Justifique sua resposta tendo em vista elementos argumentativos do próprio texto.
2. O autor afirma que "o irracionalismo, a religião fundamentalista, o obscurantismo e a barbárie estão, mais uma vez, avançando sobre nós". Após uma pesquisa sobre esses termos explique cada um deles.
3. Faça uma pesquisa em diferentes fontes para constatar realmente se esses problemas estão presentes entre nós. Em seguida, utilizando as informações do texto, elabore argumentos favoráveis ou contrários à opinião do autor. Compartilhe as conclusões com os colegas de turma.

Foi a partir da Revolução Francesa que se consolidou o conceito de que a nação é a expressão da vontade do povo soberano e o Estado-Nação se legitimaria exatamente por ter sido instituído pela soberania popular.

Nesse sentido, o processo revolucionário serviu de referência para a instituição do Estado democrático-liberal no Ocidente, fundamentado no ideário que pressupõe ser legítimo o direito dos cidadãos de definir os limites da ação do próprio Estado, ao contrário do que se observa nos Estados totalitários, que impõem a submissão total dos indivíduos às instâncias estatais.

São essas premissas que levaram o jurista francês Jean-Jacques Chevallier (1900-1983) a formular o princípio de que "o objetivo do Estado de Direito é limitar o Estado pelo direito".

Essa foi uma das razões que levaram muitos estudiosos a compreender a Revolução Francesa como um divisor de águas na história das sociedades.

O processo revolucionário francês estendeu-se por dez anos, entre 1789 e 1799, período em que os conflitos de interesses dos vários grupos participantes, sobretudo das vanguardas revolucionárias, foram bastante intensos. Havia, ainda, os interesses daqueles que se colocaram contra tudo aquilo que a revolução representava, em especial os aristocratas e membros do alto clero, muitos dos quais adotaram posições claramente contrarrevolucionárias e se articularam com potências absolutistas estrangeiras com o objetivo de restaurar a antiga ordem absolutista.

Todos esses conflitos permearam as acaloradas discussões sobre como o Estado deveria ser organizado, quais seriam suas funções e responsabilidades no contexto revolucionário e como se daria seu papel de representante do "povo em armas" contra aqueles que se opuseram às conquistas da revolução.

Sociedade hierárquica de ordens: no Antigo Regime, predominou a chamada "sociedade de ordens", na qual os privilégios sociais da aristocracia eram legitimados pelas instâncias jurídicas.

Em 26 de agosto de 1789, a Assembleia Nacional, formada por deputados que representavam sobretudo o que era denominado "Terceiro Estado", elaborou a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, documento que lançou as bases do Estado democrático-liberal, pois se trata de um texto que se contrapôs à **sociedade hierárquica de ordens** até então existente, porém sem avançar nos fundamentos de uma sociedade efetivamente democrática e igualitária.

A importância desse documento transcendeu sua época, uma vez que serviu de inspiração para outras declarações que foram elaboradas posteriormente em outros contextos históricos, como a Declaração Universal dos Direitos Humanos, aprovada pela ONU em 1948.

Outro documento importante, elaborado num contexto de maior radicalização revolucionária, é a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, de 1793. A maior preocupação com as questões sociais e a ampliação dos direitos democráticos dos cidadãos foi uma das marcas desse documento.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Max Weber e o monopólio da violência por parte do Estado

Coube ao sociólogo alemão Max Weber (1864-1920), já no século XX, apresentar as fundamentações teóricas e sistematizar o papel do Estado como a instituição que detém a exclusividade do uso da força nas sociedades contemporâneas, tanto os Estados de perfil democrático-liberal, como os de caráter autoritário.

Em sua obra *A política como vocação*, publicada em 1919, Weber destacou aquilo que seria um dos traços definidores do Estado: o monopólio do uso legítimo da força física dentro de um determinado território.

No entanto, como o Estado sempre é controlado por determinados grupos sociais que comandam suas instituições, "em última instância, o Estado seria a relação de homens dominando homens por meio da violência legítima".

Fernando Cabrera/Fotoarena

Cordão policial tenta conter manifestantes. São Paulo (SP), 2020.

Segundo a análise sociológica de Weber, o uso da força é um elemento fundamental na caracterização do Estado, em todas as épocas, mas especialmente no mundo contemporâneo, e disso resulta uma questão de difícil resposta:

- Como a perspectiva de coação do Estado sobre o conjunto da sociedade – e que é respaldada pela ideia de sua legitimidade –, pode e deve, ao mesmo tempo, ter limites?

O estudo da obra de Weber permite concluir que nos clássicos da Ciência Política, desde a obra seminal de Maquiavel, *O Príncipe*, o realismo – e não as idealizações – seria um traço definidor e distintivo no exercício do poder por parte daqueles que possuem o controle do Estado.

Ao propor essa reflexão, Weber se contrapôs àqueles que viram e veem o Estado como um instrumento de manutenção da paz social. Para ele, seria o contrário, uma vez que os grupos sociais que detêm o controle do aparelho de Estado, por intermédio daqueles que governam, em última instância teriam o controle sobre a vida dos indivíduos em sociedade, não hesitando em utilizar, se entenderem ser necessário, a força física "legitimamente" contra os governados.

De acordo com o pensamento de Weber, no Estado contemporâneo a força militar não precisa se impor pela persuasão, carisma ou personalismo daqueles que detêm o controle do aparelho de Estado, uma vez que ela é fundamentada numa ordenação jurídica, racional e legal.

A atualidade da teoria weberiana pode ser percebida ao se constatar que nas sociedades contemporâneas, ao longo do século XX e ainda no início do século XXI, o Estado se legitima como a instituição que tem o direito de domínio e a exclusividade do uso da força, valendo-se para tal de estatutos legais e de todo um aparato burocrático-administrativo rigidamente hierarquizado, no qual se destaca o aparelho jurídico-policial, para submeter os indivíduos ou cidadãos.

No mundo contemporâneo, a subordinação do conjunto da sociedade aos poderes dos Estados é uma realidade que se tornou viável porque os Estados estão cada vez mais instrumentalizados pela tecnologia, o que fortalece os mecanismos de controle social.

Tomando-se como exemplo o caso da rápida disseminação da covid-19 no Brasil em 2020, impõe-se uma importante reflexão sobre a seguinte questão: Como o Estado pôde controlar, monitorar e vigiar milhões de pessoas para efetivamente identificar o percentual daquelas que estavam respeitando o isolamento social?

São questões como essa, entre outras, relacionadas ao uso intensivo da tecnologia pelos poderes constituídos, que serão objeto de análise e aprofundamento no próximo percurso, quando você terá a oportunidade de conhecer melhor o impacto que os recursos tecnológicos cada vez mais sofisticados exercem sobre os indivíduos.

Weber se contrapôs àqueles que viram e veem o Estado como um instrumento de manutenção da paz social.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

#Ficaadica

Casanova e a Revolução, de Ettore Scola (151 min). Em 20 de junho de 1791, o rei e a rainha da França (Luís XVI e Maria Antonieta), preocupados com os rumos cada vez mais radicais da revolução, tentaram fugir de Paris para se juntar às forças monarquistas e contrarrevolucionárias. Nesse filme francês de 1982, um roteiro inteligente possibilita que a revolução seja objeto de reflexão e crítica, tanto positiva como negativa, por parte dos diversos personagens.

Danton, o processo da revolução, de Andrzej Wajda (131 min). O roteiro desse filme, de 1983, tem como pano de fundo os acontecimentos que ocorrem em abril de 1794. Os mesmos revolucionários que tinham proclamado, em 1789, a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, então se dividem entre aqueles que entendem que é preciso aprofundar o terror para garantir as conquistas revolucionárias, sob a liderança de Robespierre, e os partidários de Danton, para quem o terror havia desvirtuado as verdadeiras conquistas liberais e democráticas da revolução.

e-Democracia. Criado em junho de 2009 pela Câmara dos Deputados, é uma plataforma que busca a transparência e a participação popular. Disponível em: www.edemocracia.leg.br/. Acesso em: 6 jun. 2020.

Atividades

Responda às atividades a seguir no caderno.

1. No mundo clássico, o exercício da cidadania era considerado uma condição essencial à participação dos indivíduos na instância política. Justifique sua resposta valendo-se de elementos argumentativos presentes nos textos estudados.
2. A leitura do texto apresentado a seguir fornece subsídios para se compreender melhor a política adotada pelo Estado romano para conter possíveis tensões sociais decorrentes da insatisfação das camadas populares. Ela ficou conhecida pela expressão *Panis et circenses* ("Pão e circo"), uma vez que se tornou cada vez mais necessário controlar os plebeus empobrecidos e marginalizados das atividades produtivas.

> Para sufocar o descontentamento do povo, Augusto adotou outras medidas. Em seu tempo, distribuía-se pão e dinheiro a 20 000 ou 30 000 homens do setor mais pobre da população de Roma. Além disso, 300 000 receberam parcelas de terra ou dinheiro. Nas lutas de gladiadores, que Augusto organizava com frequência, participava um total de 10 000 homens, e nos combates de feras, 3 500 animais. Certa vez, foi organizada uma batalha naval simulada. Para isto, foi aberto especialmente do outro lado do Tibre um dique de aproximadamente 60 metros de comprimento por 400 metros de largura. Do combate participaram 30 naves de guerra maiores e uma grande quantidade de embarcações pequenas. A tripulação dos barcos estava formada, além de remadores [...].
>
> MICHELLI, Aldo. *História da Antiguidade*. Lisboa: Centro do Livro Brasileiro, [19--]. p. 200.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

   a) Considerando-se os elementos de análise histórica apresentados no texto, reúna-se com os colegas do seu grupo e levantem uma hipótese sobre as razões que levaram o Estado romano a implementar a política do "Pão e circo".
   b) Na atualidade, o Estado coloca em prática políticas que ajudam a mitigar as disparidades socioeconômicas da sociedade brasileira? Após debater a questão com os colegas do seu grupo, fundamente sua resposta e compartilhe os resultados com os colegas de turma.
3. Em que medida a concepção teórica de Maquiavel sobre o exercício do poder se opunha à ética cristã de origem medieval?
4. Em quais pontos as concepções teóricas de Hobbes e de Locke são contrárias?
5. Em que medida os documentos produzidos no contexto das revoluções Gloriosa (Bill of Rights), Americana (preâmbulo da Declaração de Independência) e Francesa (declarações dos Direitos do Homem e do Cidadão, de 1789 e de 1793) foram importantes para a construção de um novo modelo de Estado?
6. Considerando os estudos realizados ao longo do percurso, elabore algumas hipóteses sobre o papel e a importância do Estado nas sociedades democráticas contemporâneas?
7. Leia o fragmento apresentado a seguir, que diz respeito à condição do universo feminino e toma como referência a posição que as mulheres ocupavam nas sociedades primitivas, no contexto da "Era das Revoluções", na contemporaneidade, sua resiliência e sua luta pela inserção na esfera pública, considerada um "santuário" que ainda permanece reservado principalmente aos homens. Em seguida, responda ao que se pede.

De deusas a "cidadãos de segunda classe"

> Parece que, nas sociedades mais primitivas, as mulheres eram às vezes tidas em mais alta conta que os homens. O prestígio das grandes deusas na religião tradicional reflete a veneração do feminino. O surgimento das cidades, porém significou que as qualidades mais masculinas de força marcial e física foram colocadas acima das características femininas. Daí em diante, as mulheres foram marginalizadas e tornaram-se cidadãos de segunda classe nas novas civilizações. [...] O culto das deusas seria vencido, e isso seria um sintoma de uma transformação cultural característica do mundo recém-civilizado.
>
> ARMSTRONG, Karen. *Uma história de Deus*: quatro milênios de busca do judaísmo, cristianismo e islamismo. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 61.

Explicite as razões que levaram a mulher à uma condição subalterna nas sociedades humanas. Fundamente sua resposta valendo-se de elementos argumentativos presentes no texto.

8. Leia o texto a seguir e responda o que se pede.

As mulheres se fizeram presentes na Revolução Francesa

> A Revolução Francesa deu à mulher uma notoriedade jamais vista. Subjugada ao marido e relegada à vida doméstica como a ideologia da época

determinava, ela desempenhou na prática a cidadania civil, e sua atuação foi efetiva e de grande importância para os ideais revolucionários quando nas ruas instigavam o povo a se rebelar, pois vinha [ao encontro dos] interesses dos homens que naquele momento estavam no poder. O mesmo aconteceu no episódio de 5 e 6 de outubro 1789, quando lideraram um movimento que obrigou o rei Luís XVI a retornar a Paris e acatar as decisões da Assembleia. Assim, podemos afirmar que a participação feminina foi no início incentivada, porque vinha ao encontro dos interesses dos dirigentes, mas [...] definitivamente afastada a partir de 1795, pois constituíam uma ameaça à ordem social do século XVIII.

Essas mulheres, que mesmo à margem da cidadania política exerceram na prática tal direito, se resignaram ao interior da vida familiar ficando afastadas do direito político na França até a metade do século XX, adquirindo o direito ao voto somente em 1944. As mulheres, mesmo sendo subjugadas num universo dominado pelos homens, conquistaram seu espaço, e, atualmente, sua presença é marcante em diversas áreas de atuação, em casa, no campo científico, na educação e na política. Sabemos, entretanto, que ainda existe um longo caminho a trilhar seguindo o ímpeto das mulheres que se fizeram presentes na Revolução Francesa.

SCHMIDT, Joessane de Freitas. As mulheres na Revolução Francesa. *Revista Thema*, Pelotas, v. 9, n. 2, p. 17, fev. 2012. Disponível em: http://revistathema.ifsul.edu.br/index.php/thema/article/view/147/67. Acesso em: 13 maio 2020.

a) Segundo a autora do texto, as mulheres tiveram uma participação [illegible] texto da Revolução Francesa?

b) De acordo com Joessane de Freitas Schmidt, entre 1795 e 1944, as mulheres francesas, de uma maneira geral, foram confinadas no espaço doméstico e ficaram afastadas do exercício de seus direitos políticos. Pode-se afirmar que a partir de 1944 essa situação de subjugação foi profundamente afetada? Justifique sua resposta valendo-se de elementos argumentativos presentes no próprio texto.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

9. Leia os textos a seguir e responda às perguntas.

Texto 1

Com o aparecimento dos rebanhos e outras riquezas novas, aconteceu uma revolução na família. Os rebanhos eram uma nova fonte de alimentos e utilidades. A sua domesticação e a sua criação competiam ao homem. Por isso, o gado lhe pertencia, assim como as mercadorias que obtinha em troca dele. Todo excedente, isto é, o que era produzido além do necessário à subsistência, pertencia ao homem. A mulher participava no consumo, mas não na propriedade.

O "selvagem" – guerreiro e caçador – tinha se conformado com o segundo lugar que ocupara. O pastor, envaidecido com a riqueza, tomou o primeiro lugar, relegando a mulher para o segundo plano.

ENGELS, Friedrich. *A origem da família, da propriedade privada e do Estado.* 4. ed. São Paulo: Centauro, 2012. p. 217-218.

Texto 2

Em sua obra, *Reivindicação dos Direitos da Mulher*, Mary Wollstonecraft, afirma que:

[...] Sua reivindicação [...] versava sobre a liberdade dos e para os homens, não incluindo as mulheres na categoria de cidadãs.

[...] se a mulher compartilha com o homem o "dom da razão", não é justo que os homens na luta pela liberdade, abusem da vantagem que a natureza lhes deu, isto é, a força física, para subjugar as mulheres ao lhes negar seus direitos civis e políticos, condenando-as ao âmbito doméstico.

"Desde a infância, diz-se às mulheres, e elas aprendem pelo exemplo das mães, que um pouco de conhecimento da fraqueza humana, uma espécie de astúcia, um temperamento suave, uma obediência exterior e uma atenção escrupulosa a um conceito pueril de decoro farão com que elas obtenham a proteção do homem; e se forem belas, todo o resto é desnecessário".

Tão anacrônico, tão profundamente familiar. [...]

PELLEGRINO, Antonia. Atualidade da feminista Mary Wollstonecraft segue intocada. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 3 jan. 2017. Disponível em: www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2017/01/1846518-atualidade-da-feminista-mary-wollstonecraft-segue-intocada.shtml. Acesso em: 13 maio 2020.

a) Tomando-se como referência o **texto 1**, explicite as razões que levaram a mulher a uma condição subalterna no processo de transição das sociedades de "guerreiros e caçadores" para a de "pastores de rebanho". Fundamente sua resposta valendo-se de elementos presentes no próprio texto.

b) Na última frase do **texto 2**, a autora, de forma bastante crítica, registra: "tão anacrônico, tão profundamente familiar". O que ela quis afirmar com essa frase? Para responder, faça uma pesquisa levando em consideração que o texto foi publicado na imprensa em janeiro de 2017.

PERCURSO

6 As sociedades e suas formas de desenvolvimento científico-tecnológico

Todos os dias, você e os colegas manuseiam, utilizam ou consomem diversas tecnologias, por exemplo, *smartphones*, micro-ondas, televisão, veículo motorizado, iluminação artificial e até alimentos modificados geneticamente. Talvez ao ouvir a palavra **tecnologia**, de imediato as pessoas pensem em aviões, robôs, internet, cirurgias robóticas, e outras invenções e aplicações sofisticadas cujas complexidade e etapas de construção não conhecemos.

Para aprofundar nossa reflexão a respeito da pergunta **Minha vida é controlada pela tecnologia e pelo Estado?**, vamos focar na ideia de tecnologia, percorrer diversas compreensões, ver exemplos e olhar para o passado e o presente em diferentes sociedades. Você verá que a tecnologia na sociedade capitalista é "peça" fundamental na relação de poder exercida pelo Estado Nacional, pois como vimos no percurso anterior, o Estado tem função determinante no modo de produção capitalista. Conhecerá também as questões éticas na relação entre tecnologia, Estado e indivíduo.

Iniciamos este percurso com algumas questões: O que significa tecnologia? Há sentido em utilizar essa palavra para se referir à produção de um tênis, um pão ou uma panela? Esses itens podem ser considerados produtos tecnológicos de nossa sociedade?

Observe as imagens a seguir e reflita.

Rubens Chaves/Pulsar Imagens

Cestos típicos produzidos pelo povo mehinako, feitos com fibras do buriti tramadas e bordadas com linhas coloridas de algodão. O resultado é um grafismo típico da cultura dos povos indígenas do Xingu. Além da função utilitária e simbólica, percebe-se que houve preocupação estética na produção dos cestos, o que os tornou excelentes peças decorativas. São Paulo (SP), 2015.

Será que os objetos mostrados nas duas imagens podem ser considerados exemplos de tecnologia humana?

Pieter Beens/Shutterstock.com

O *tablet* é uma espécie de híbrido entre *smartphone* e *notebook*. Portátil, com tela sensível ao toque e totalmente multifuncional (como um computador), seu principal atrativo é ser um ponto de convergência de mídias: áudio, imagem, texto e vídeo. Oferece praticidade, navegação intuitiva com *touchscreen*, diversos acessórios e aplicativos. É um objeto comum na sociedade industrial contemporânea.

1. Os objetos das imagens podem ser considerados exemplos de tecnologia humana?
2. De acordo com a descrição de cada imagem, pense por uns minutos nas diferenças e semelhanças entre os dois objetos. Considere a realidade em que eles foram elaborados, para que servem e os conhecimentos que foram necessários para produzi-los. Ao término dessa reflexão individual, siga a orientação do professor e dialogue com os colegas sobre as circunstâncias históricas e culturais que possibilitaram a produção desses objetos.

Após o diálogo com a turma, reflita sobre as opiniões a seguir.

"Até pode haver tecnologia no cesto indígena, mas a tecnologia do *tablet* é bem mais avançada."

"Um cesto serve para carregar coisas ou enfeitar um ambiente, com um *tablet* você pode se comunicar com outras pessoas, tirar fotografias e editá-las, além de produzir diversos conteúdos digitais."

Essas afirmações expressam compreensão da tecnologia e do conhecimento dos povos indígenas como se eles fossem inferiores ao ocidental. Quando pensamos nos cestos de palha do povo mehinako, grupo indígena que habita a margem esquerda do Rio Curisevo, mais precisamente no sul do Parque Indígena do Xingu, no Mato Grosso, nossa visão desconsidera o conhecimento tecnológico envolvido em sua confecção.

Será que isso acontece porque conhecemos muito pouco a tecnologia indígena? Ou por não compreendermos o que significa tecnologia?

Podemos afirmar que a tecnologia da sociedade industrial é mais avançada do que a dos povos tradicionais? Se observarmos a fotografia ao lado, um instrumento de caça yanomami, podemos afirmar que há tecnologia na produção desse artefato?

Para responder a essas questões, necessitamos considerar o que refletimos até agora, sobretudo no percurso anterior. É importante você saber que tecnologia é uma prática humana pertencente a todas as sociedades e culturas ao longo da história. Portanto, foi identificada tecnologia [illegible] caçadoras e coletoras da Pré-História da humanidade, nas civilizações que se desenvolveram na Antiguidade Clássica, na época medieval, na modernidade europeia, entre os povos ameríndios, nas sociedades industriais do século XIX, na imensa diversidade cultural das sociedades africanas e no mundo globalizado do início do século XXI. Em síntese, a tecnologia é uma condição essencial da vida em sociedade.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Edson Sato/Pulsar Imagens

Detalhe de ponta e cauda de flecha yanomami. Santa Isabel do Rio Negro (AM), 2011.

Análise

Cosmovisão, indígenas e o capitalismo

Leia o fragmento de texto a seguir do escritor, filósofo, ativista e líder indígena, Ailton Alves Lacerda Krenak.

[...] não são só os povos originários que têm cosmovisão. Os norte-americanos brancos que foram colonizar o norte da América e vieram implantar a semente do capitalismo, que assumiram esse lugar de agentes colonizadores do planeta, também têm uma cosmovisão [...] a ideia da mercadoria que o capitalismo imprimiu na mente e no coração das pessoas como uma religião. A principal religião do mundo hoje é o capitalismo. O deus deles é a mercadoria. E nas religiões dos brancos tem uma história de que nos primórdios dessa humanidade que se espalhou pelo planeta como uma praga, o deus deles ficou muito bravo e destruiu aquele mundo com um dilúvio, porque o mundo estava sujo. Criou, então, um mundo novo, mas aquela humanidade

já tinha essa doença de buscar a mercadoria em algum lugar. Ao longo da história desses brancos, na cosmovisão deles, também já houve um fim de mundo, e eles olham para nós com estranhamento quando falamos em fins de mundo, porque não têm memória. Como diz Davi Kopenawa no livro *A queda do céu* (Companhia das Letras), os brancos escrevem livros porque têm o pensamento cheio de esquecimento. Acho essa frase de uma sabedoria tão maravilhosa, porque ele está dizendo sobre uma humanidade que esqueceu quem é. Foi cooptada. Isso que a gente chama de capitalismo, na Idade Moderna, já existia no coração dessas pessoas, porque o mito de origem dos brancos é um mito de dominação da Terra. O deus deles mandou eles dominarem a Terra. Então eles são obedientes, só estão fazendo o que foi mandado. [...] Quando os índios falam que a Terra é nossa mãe, dizem "Eles são tão poéticos, que imagem mais bonita". Isso não é poesia, é a nossa vida. Estamos colados no corpo da Terra. Somos terminal nervoso dela. Quando alguém fura, machuca ou arranha a Terra, desorganiza o nosso mundo.

Coleção Particular/Foto: akg-images/Album/Fotoarena

A obra de Léon Jérôme Ferris, *The first Thanksgiving Day*, c. 1930, retrata o processo de dominação dos povos indígenas norte-americanos durante a colonização dos Estados Unidos, iniciada no século XVI.

KRENAK, Ailton. O tradutor do pensamento mágico. [Entrevista cedida a] Amanda Massuela e Bruno Weis. *Cult*, São Paulo, n. 251, nov. 2019. Disponível em: https://revistacult.uol.com.br/home/ailton-krenak-entrevista/. Acesso em: 19 maio 2020.

1. Esta é uma atividade de estudo colaborativo, por esse motivo, sob orientação do professor, a turma se organizará em quatro grupos e cada grupo ocupará um canto da sala. Em cada canto, o grupo deve responder a uma das perguntas a seguir.

   Grupo A:

   O que significa **cosmovisão**? Pesquise para responder e depois identifique todos os temas e assuntos abordados no texto pelo autor.

   Grupo B:

   Segundo o autor, quais são as diferenças e as semelhanças entre a cultura indígena e a cultura do modo de produção capitalista?

   Grupo C:

   De acordo com o texto e o conhecimento de todos do grupo, como a cultura do modo de produção capitalista compreende a cultura indígena?

   Grupo D:

   O que podemos inferir do texto sobre a cosmovisão indígena?

2. Cada grupo tem entre 5 e 10 minutos para responder. Depois, todos os membros do grupo, com exceção do anfitrião, migram para outro canto.
3. Ao mudarem de canto, cada grupo escolhe um novo anfitrião que, por sua vez, permanece mais uma rodada para contar ao terceiro grupo o que os anteriores responderam.
4. Ao final da rodada, sob a orientação do professor, os grupos compartilham a produção coletiva da turma.
5. Com as respostas, você e os colegas podem preparar um painel de síntese da turma.

É hora de colocar a mão na massa. Vamos lá?

Atenção!

- Em cada canto deve haver um anfitrião, que tem a função de registrar as respostas do grupo. No momento do rodízio, o anfitrião permanece no local para contar ao segundo grupo o que o seu grupo respondeu.

Importante!

O papel de registro deve ficar no local e reunir todas as respostas daquela pergunta.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Observe as perguntas do quadro ao lado. Elas parecem fáceis de ser respondidas e distantes de nossa realidade, mas quando uma pessoa está doente e não tem recursos para pagar o tratamento, essas questões se tornam essenciais. Afinal, os benefícios do desenvolvimento tecnológico devem ser exclusivos para quem pode pagar?

Para compreender melhor o assunto, vamos iniciar um estudo histórico sobre os conceitos de técnica e tecnologia, duas palavras comuns em nosso vocabulário, mas pouco analisadas.

Afinal, para que usamos tecnologia? Quais os impactos da tecnologia em nossa vida? Quais devem ser os limites no uso e na aplicação da tecnologia? As tecnologias desenvolvidas por empresas privadas devem ser de uso exclusivo de seus donos?

Técnica é diferente de tecnologia?

Para entendermos o conceito de **tecnologia** e suas aplicações, é necessário retroceder um pouco e buscar suas raízes, o significado da palavra grega da qual se origina: *téchnē* (técnica).

Para os antigos gregos, esse vocábulo traduzia a ideia de "arte" ou "ciência" e dizia respeito aos procedimentos necessários para se alcançar determinado resultado em qualquer área. Dessa perspectiva, **técnica** é uma série de protocolos, regras ou normas das quais os seres humanos sempre se utilizaram para alcançar um objetivo almejado.

Pense, por exemplo, num jogador de futebol que desenvolve certas habilidades para bater uma falta com técnica apurada. Provavelmente, para ser bem-sucedido, ele treina bastante e usa procedimentos técnicos muito precisos: como bater na bola; qual a potência que deve ser empregada para que ela ganhe velocidade, transponha a barreira e surpreenda o goleiro; qual deve ser a posição de seu corpo no momento exato em que toca na bola; como conseguir o efeito desejado para que a bola, por exemplo, faça uma curva e entre "no ângulo" etc. Por certo, para que atinja seu objetivo, "nosso jogador", com o passar do tempo, vai aprimorar continuamente sua técnica, inclusive por meio do erro, até se tornar um exímio batedor de faltas.

Mas a técnica se aplica a diversas outras áreas, como economia e política. Questões relativas ao aumento da produtividade agrícola, por exemplo, somente são resolvidas graças à... técnica. Percebeu como ela é essencial em todos os aspectos da vida?

Os antigos gregos já sabiam disso. O filósofo Aristóteles (384 a.C.-322 a.C.), discorrendo sobre a destreza da ação humana, afirmou que as forças da natureza, em razão do frio ou do calor, podem derreter o ferro ou torná-lo sólido. No entanto, a confecção de uma espada de ferro é arte humana e depende de... técnica. A técnica é o resultado de experiências anteriores, de caminhos percorridos, de erros e acertos, até ser aprimorada e ser aplicada em todos os casos.

Imagine, por exemplo, toda técnica que um ceramista necessitou desenvolver para fazer um artefato como uma ânfora: selecionar a melhor matéria-prima; extrair dela qualquer impureza; preparar, amassar e modelar o barro ou a argila; conhecer o tempo necessário para a secagem da peça, que varia em razão da estação do ano; saber a temperatura ideal do forno em que o artefato será cozido e o tempo necessário para a evaporação gradual dos resíduos de água do barro. Todo o processo inclui ainda outros procedimentos.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Diversos exemplos podem ser citados, como a técnica empregada na moagem de grãos de cereais, o conhecimento técnico necessário à fiação de algodão, linho ou lã etc.

Os antropólogos Darcy Ribeiro e Berta Ribeiro afirmam que a tecnologia não pode ser desvinculada da experiência prática das atividades sociais, por exemplo:

> Antes do contato, quando não tinham panelas (os japupú) conseguiam cozinhar bacabas (pinõwá) em recipientes feitos com folhas frescas, e dentro desta "panela" de folhas despejavam água, em seguida era posta sobre **jirau do moquém**, e em poucos minutos as bacabas estavam prontas para o consumo. Os awá podem sair à mata com uma pequena faca e voltarem de lá carregando o resultado da caçada em vários objetos que, até então só existiam em suas mentes, e estavam por serem fabricados na mata. É uma noção de tecnologia que prevê a confecção dos instrumentos como parte do processo de caça, onde watá (caminhar), é também japó ('construir', instrumentos por exemplo). E ao invés de saírem à caça com todos as ferramentas necessárias, elas serão reveladas de acordo com a situação.
>
> RIBEIRO, Darcy (ed.); RIBEIRO, Berta G. (coord.) *et al. Suma etnológica brasileira*: Etnobiologia. Petrópolis: Finep, 1986. v. 1. p. 15.

GLOSSÁRIO

Jirau do moquém: armação ou grelha de madeira semelhante a um estrado, utilizada como depósito de utensílios domésticos, secador de frutas ou, quando colocada em cima de um fogão, como fumeiro de carne, toucinho, peixe etc.

No cotidiano da sociedade contemporânea, é comum fazermos a mesma coisa. Quantas vezes você pesquisou na internet a solução de um problema e durante o processo aprendeu diversas técnicas de como utilizar determinado aplicativo ou *software*?

Com certeza, o ser humano não teria ido muito longe se não tivesse desenvolvido técnicas variadas ao longo de sua história.

No entanto, é preciso muito cuidado com a técnica. Do mesmo modo que é amplamente usada na produção de medicamentos e na Medicina para salvar vidas, ela também é empregada para a destruição dos próprios seres humanos. Pense nas armas mortíferas que são produzidas graças ao desenvolvimento da técnica. É comum que técnicas criadas por cientistas, aparentemente inofensivas, sejam utilizadas pelos Estados Nacionais para controle dos cidadãos. Um exemplo foi a técnica de monitoramento do governo de São Paulo para controlar a movimentação de pessoas durante a pandemia da covid-19 em 2020; ao que tudo indica, nenhum cidadão foi consultado sobre a disponibilização de seus dados de geolocalização.

Afinal, quais devem ser os limites da ação do Estado sobre os indivíduos?

GLOSSÁRIO

Senso comum: conjunto de conhecimentos produzidos espontaneamente pelos indivíduos de acordo com suas experiências, leitura, conversas, crenças, entre outros. É a visão da própria sociedade sobre eventos, fenômenos e situações vivenciadas.

Tecnologia, o que significa?

Agora que já conhecemos melhor o conceito de técnica, é necessário definir com mais nitidez o conceito de tecnologia, que, muitas vezes e de acordo com o **senso comum**, são percebidas como sinônimos.

Podemos definir tecnologia como o resultado do conhecimento reflexivo sobre a técnica que, por meio de referenciais teóricos, da ciência e do estudo alcança um fim desejado, como a construção de um centro cirúrgico, por exemplo.

Lalo de Almeida/Folhapress

Indústria 4.0 e a Medicina. Na Medicina, as novas tecnologias têm aumentado a precisão no tratamento e a rapidez no diagnóstico de diferentes doenças, por exemplo, o câncer e cirurgias por vídeo, como na fotografia acima. São Paulo (SP), 2016.

No entanto, você pode perguntar: Abelhas que transformam a natureza e constroem colmeias usam técnicas para alcançar determinado fim, assim como as pessoas, ao edificarem uma moradia?

Vamos com calma, porque insetos como as abelhas constroem colmeias por instinto, cada abelha traz no gene o "conhecimento" de como fazer sua moradia. Já os seres humanos aprendem a fazer e modificam a natureza por meio do raciocínio lógico, por experimentos, ao conseguirem imaginar aquilo que será construído antes de fazê-lo.

Frank Bienewald/LightRocket/Getty Images

As abelhas constroem a colmeia por meio do instinto da espécie. Dresden, Alemanha, 2016.

Após a Revolução Agrícola, tema estudado no início do percurso anterior, o pão tornou-se essencial à alimentação dos seres humanos. Provavelmente, para chegar até ele, foram necessárias várias etapas e muita técnica: selecionar as melhores espécies de trigo, dominar o método de moagem dos grãos – o que implicou na construção do pilão e, mais tarde, do moinho –, misturar os grãos moídos à água e obter uma massa de consistência ideal, para, finalmente, assá-la. E o forno? Quantos conhecimentos são necessários para construir um forno e assar um pão? Pense nos muitos erros cometidos no percurso, em quantos pães ficaram crus ou excessivamente queimados.

Tudo isso, aparentemente simples, demandou estudos, observação, reflexão e desenvolvimento de habilidades que geraram conhecimento acumulado que, por fim, transformou-se numa tecnologia para produzir pães. Podemos afirmar, então, que a tecnologia resultou da apreensão de determinadas técnicas que levou ao "saber fazer". É preciso considerar também que se fôssemos escrever a história do pão, com certeza teríamos de abordar a ação dos Estados, em determinadas épocas, na produção, no armazenamento e na distribuição do trigo. Isso significa que além dos processos de apreensão e produção de conhecimento, há relações de poder instituídas; vamos nos debruçar sobre esse aspecto a seguir.

Ampliando mais um pouco o conceito, percebemos que a tecnologia é a somatória das técnicas de determinada sociedade, em qualquer fase de sua história.

E na nossa sociedade industrial atual, como é produzido o pão? A produção em massa é feita utilizando tecnologias de diversas áreas, desde bioquímicas, re[illegible] até termodinâmicas, nos fornos.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Ampliando mais um pouco o conceito, percebemos que a tecnologia é a somatória das técnicas de determinada sociedade, em qualquer fase de sua história.

Um exemplo é o letramento, que podemos considerar uma tecnologia amplamente usada na sociedade ocidental atual e tem origem na matriz greco-romana. Nas sociedades contemporâneas, o letramento requer diversas técnicas, como a plataforma de escrita, os instrumentos utilizados, os códigos empregados, as cognições necessárias e até mesmo as relações de poder instituídas.

Tecnologia transmitida pela tradição oral

Mas e as sociedades que não conhecem a escrita? Nas comunidades indígenas de matriz tupi ou macrô-jê, nas quais predomina a oralidade, é encontrada tecnologia? O conhecimento desses povos, suas tradições, seus rituais, sua **cosmogonia** não são registrados em plataformas como papel ou digitais, mas ainda assim são compartilhados e repassados às novas gerações, para que todo um saber acumulado por milênios não se perca. A plataforma usada por eles é a memória coletiva, por meio de uma ritualização que pareceria estranha para pessoas inseridas na sociedade do letramento. Portanto, os povos de tradição oral têm também história, memória e tecnologia.

GLOSSÁRIO

Cosmogonia: princípios religiosos, míticos ou científicos usados para explicar a origem e o sentido do Universo.

Ao chegar a uma aldeia, um antropólogo, que estudava a cultura de comunidades indígenas, percebeu que o caminho até o rio próximo era bem tortuoso e cheio de desvios. Observando o cotidiano daquele povo, viu que durante o trajeto os mais velhos ensinavam aos mais novos para que servia cada planta ao longo do caminho. Dessa forma, durante o percurso, todo o saber coletivo acumulado por várias gerações era preservado ao ser compartilhado e apreendido pelos mais novos, permanecendo vivo.

Você percebeu que a tecnologia só faz sentido para a sociedade que a constituiu?

Analise o conjunto de técnicas dessa aldeia: o trajeto pensado de acordo com as plantas necessárias àquela sociedade; o ritual de caminhada em direção ao rio; a atenção dos mais novos ao conhecimento dos mais velhos; o respeito por um conhecimento que talvez não fosse necessário naquele momento, mas em outras circunstâncias seria vital à própria sobrevivência do grupo.

Você percebeu que a tecnologia só faz sentido para a sociedade que a constituiu? Um *tablet* só tem sentido numa sociedade em que há fluxo de conexão e se busca comunicação instantânea. Da mesma forma, o arco e flecha é uma tecnologia essencial às sociedades em que a caça e a pesca fazem parte do cotidiano e garantem sua sobrevivência.

Observemos agora uma questão bem complexa que diz respeito à ideologia encontrada na técnica, o que nos leva a concluir que a tecnologia também pode ser percebida como a ideologia da técnica.

É necessário avaliarmos as dimensões políticas, éticas e estéticas que permeiam essa questão. A escolha de determinada técnica em detrimento de outra é ideológica. Sabe-se, por exemplo, que o uso de combustíveis fósseis em larga escala, como o petróleo, a partir da segunda fase da Revolução Industrial, tem devastado o meio ambiente e está diretamente relacionado à poluição atmosférica e ao aquecimento global. Acrescente a esse quadro os malefícios à vida humana e às diversas espécies de animais e temos uma situação realmente desastrosa.

Vozes

Mahatma Gandhi (1869-1948) foi destacado ativista e líder da independência da Índia contra o colonialismo britânico. Sua forma de manifestação pacífica e o movimento de resistência civil que representaram a satyagraha, termo que Gandhi usou para nomear a filosofia que o tornou conhecido mundialmente. Um dos pontos centrais de sua resistência foi instar a população a boicotar tecidos industrializados ingleses, sugerindo o uso de teares manuais, como a roca de fiar, e do tradicional tecido popular, o *khadi*. O excerto a seguir indica que Gandhi foi pioneiro na aplicação de tecnologia social.

India Images/Alamy/Fotoarena

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Mahatma Gandhi utilizando a roca de fiar em Gujarate. Índia, 1925.

> Na Índia do século XX Gandhi usou a roca de fiar para valorizar as práticas e costumes tradicionais como instrumentos de inclusão social do seu povo, ao proporcionar um ofício de forma sustentável. Esse uso faz com que a roca seja considerada a primeira tecnologia apropriada do mundo.

BRASIL. Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações. *Tecnologia social*. Brasília, DF: MCTI, [200-?]. Disponível em: www.mctic.gov.br/mctic/opencms/ciencia/politica_nacional/_social/Tecnologia_Social.html. Acesso em: 23 mar. 2020.

Apesar disso, por que os combustíveis fósseis continuam sendo largamente empregados como matriz energética preferencial nas economias globais em pleno século XXI? Será que outras matrizes energéticas são muito caras e não há tecnologia para o uso em larga escala?

Você já deve ter percebido que a explicação deve ser de outra natureza, porque o que está por trás dessa escolha é uma decisão de ordem política e ideológica, além dos interesses econômicos dos países produtores e das grandes empresas petrolíferas. A escolha, nesse caso, não passa pela tecnologia, mas prioriza, essencialmente, interesses econômico-financeiros que se sobrepõem ao bem maior: melhor qualidade de vida e preservação das condições naturais do planeta.

Por fim, o estudo da tecnologia implica também saber o que é tecnologia social. Esse conceito pode ser definido como:

> [...] conjunto de técnicas e metodologias transformadoras, desenvolvidas e/ou aplicadas na interação com a população e apropriadas por ela, que representam soluções para inclusão social e melhoria das condições de vida.
>
> INSTITUTO DE TECNOLOGIA SOCIAL. O que é tecnologia social: introdução. *In*: ITS. *Tecnologia social no Brasil*. São Paulo: 2004. *E-book*.

Um exemplo de tecnologia social é o uso de soro caseiro (mistura de água filtrada, sal e açúcar), uma solução simples que pode ser feita em qualquer lugar para combater desidratação em crianças com diarreia. Esse tipo de tecnologia implica apropriação de um conhecimento específico das populações e combate à exclusão social, não raramente gerada pela lógica capitalista. E isso é ideologia.

1. Debata o tema com os colegas de acordo com a orientação do professor. Em seguida, registre três pontos essenciais que podem melhorar a vida das pessoas com o uso de tecnologia social.

Análise

Tecnologias sociais

> A Tecnologia Social é a ferramenta que agrega informação e conhecimento para mudar a realidade. Por isso dizemos que ela é a ponte entre as necessidades, os problemas e as soluções que a gente encontra, explica Irma Passoni [...]. Promove educação, cidadania, inclusão, acessibilidade, sustentabilidade, participação e cultura. Pode e deve ser utilizada nas mais variadas localidades do país, desde que adaptada e assimilada pela comunidade. Enfim, a Tecnologia Social 'não é um modelo pronto. É uma metodologia em transformação, onde as pessoas que precisam das soluções são parte delas, assumindo o processo da mudança'. [...] As pessoas se apropriam das soluções, se empoderam, introjetam esse conhecimento e replicam onde existe a realidade a ser transformada.
>
> O QUE é Tecnologia Social. *In*: ITS BRASIL. São Paulo, [*s.d.*]. Disponível em: http://itsbrasil.org.br/conheca/tecnologia-social/. Acesso em: 23 mar. 2020.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

1. Segundo o texto, quais os benefícios sociais decorrentes da implementação de tecnologias sociais?
2. Qual é a tecnologia social demonstrada na fotografia que acompanha o texto? Pesquise os impactos dessa tecnologia na vida da população que vive em áreas semiáridas.
3. Dialogue com os colegas sobre a possibilidade de implementação de uma tecnologia social na comunidade em que se localiza sua escola.

Du Zuppani/Pulsar Imagens

Casa de taipa de mão com cisterna. Salgueiro (PE), 2017.

A tecnologia em diferentes épocas, espaços e culturas

Estudos arqueológicos indicam que há aproximadamente 2,5 milhões de anos os seres humanos já produziam tecnologia, pois foram encontrados vestígios de ferramentas elaboradas com habilidades técnicas que foram indispensáveis à sobrevivência dos primeiros grupos de caçadores e coletores do **Paleolítico**.

Paleolítico: período compreendido entre 2,7 milhões de anos e 10 mil anos atrás. Também conhecido como Idade da Pedra Lascada. Esse nome é decorrente da habilidade desenvolvida pelos primeiros seres humanos para fabricar ferramentas e instrumentos de trabalho.

De modo geral, pensamos que a coleta é algo simples, mas se torna complexa ao considerarmos a dinâmica da disputa entre as diversas espécies animais por alimento. Os seres humanos viveram a maior parte da existência como animais frágeis e muito distantes do topo da cadeia alimentar. As pesquisas arqueológicas revelaram que as primeiras ferramentas produzidas – a tecnologia da pedra – foi desenvolvida para abrir ossos de animais e chegar ao tutano, fonte vital de proteína. Entretanto, surge a pergunta: Como aprenderam que havia tutano nos ossos de outros animais e que era comestível? Será que a observação atenta dos hábitos alimentares de animais maiores contribuiu para a aprendizagem? Provavelmente, ao vê-los mastigar os ossos, e depois que os animais se afastavam, observar os restos e provar a sobra, foi possível constatar que neles havia tutano. Isso levou os grupos de caçadores e coletores a desenvolverem técnicas de fabricação de ferramentas para imitar as mandíbulas dos grandes animais e perfurar os ossos, viabilizando o alcance ao precioso tutano.

A manipulação do fogo foi uma das tecnologias fundamentais para a constituição da humanidade e um dos grandes passos rumo ao topo da cadeia alimentar. As técnicas de cozimento de alimentos duros, como grãos, a esterilização de germes e parasitas e a proteção contra outros animais foram a base do que se tornou o ápice do conhecimento técnico de nossa civilização e, num segundo momento, possibilitou o domínio da metalurgia.

As comunidades de caçadores, com o passar do tempo, desenvolveram técnicas que eram constantemente aperfeiçoadas. A cada experiência se acumulava um saber; a cada observação se aprendia mais e, com certeza, havia uma iniciação (ensinamento/aprendizagem) dos mais novos – os futuros caçadores – numa espécie de transmissão de saber técnico indispensável à sobrevivência das futuras gerações.

A Antropologia contemporânea compreende que os *sapiens*, diferentemente de outras espécies de hominídeos, sobreviveram por causa das habilidades de coleta e caça, isto é, pelo [illegible] que nossa espécie foi capaz de produzir.

[illegible] desceram das árvores há cerca de 150 mil anos e, durante milhares de anos fomos caçadores e coletores, acumulando tecnologia e conhecimento para dominarmos o cultivo de plantas, vegetais e animais.

Há aproximadamente 70 mil anos verificou-se a diáspora humana, que expandiu a espécie do continente africano para a Europa, a Ásia e a América. Mas isso só ocorreu porque aqueles seres já haviam inventado barcos, lâmpadas a óleo, arcos e flechas, roupas quentes e técnicas de navegação.

Você consegue imaginar como eram objetos, armas, utensílios e artefatos naquele período? Provavelmente eram considerados verdadeiras obras de arte, como atualmente consideramos nossos aviões, a luz elétrica, os tecidos tecnológicos, as estruturas de fibra ótica, a internet etc.

Há cerca de 10 mil anos, no início do Período Neolítico, ocorreu a Revolução Agrícola, que possibilitou um novo estágio na história, até porque com ela ocorreu grande expansão demográfica. No entanto, os humanos daquela época receberam um grande legado dos povos caçadores e coletores: as habilidades sensoriais, a capacidade de observar, inferir e escutar para aprender.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

quintlox/Album/Fotoarena

Ponta de machado do Período Neolítico, c. 4500-4000 a.C.

1. Reúnam-se em pequenos grupos e conversem a respeito das tecnologias atuais que mais surpreendem vocês. Apresentem o resultado para a turma.

Novos tempos

A domesticação de animais e consequente formação de rebanhos, a seleção de vegetais e plantas em geral, demandaram o desenvolvimento de novas técnicas em diversas áreas do conhecimento. A vida sedentária tornou indispensável as tecnologias de construção de habitações, armazenamento de alimentos e bebidas, além de ferramentas agrícolas para facilitar o cultivo. É óbvio que essas novas tecnologias variavam de acordo com as condições naturais onde as comunidades se fixaram.

As técnicas para a fabricação de casas, por exemplo, se desenvolveram de acordo com a matéria-prima disponível, assim como as ferramentas necessárias à construção. Uma comunidade que se estabelecesse em ambientes gélidos, como no Ártico, produziria habitações bem distintas de outra que se instalasse em uma floresta tropical, de acordo com a temperatura ambiente e a disponibilidade de matéria-prima.

A vida sedentária tornou indispensável as tecnologias de construção de habitações, armazenamento de alimentos e bebidas, além de ferramentas agrícolas para facilitar o cultivo.

E quanto ao armazenamento de alimentos? Deveriam ser considerados o tempo de putrefação, as pragas e os animais nocivos, como ratos. Não por acaso, foi nessa época que se verificou a domesticação de gatos.

A própria agricultura demandou observação e experiências diversas até a domesticação de algumas espécies. A técnica de separação e cruzamento de sementes é semelhante em todas as culturas de tradição agrícola de que se tem conhecimento. É certo que a maioria das comunidades não dispunha de conhecimento botânico e genético do modo exato e sofisticado que temos em nossa civilização ocidental contemporânea, mas dominavam técnicas de cultivo e produziram tecnologia "de ponta" para a época.

O conhecimento através do tempo

Ao longo do percurso, estudamos civilizações que são marcos de tecnologia sob vários aspectos. É fascinante acompanhar as novas descobertas dos estudiosos sobre esses povos: suas técnicas de construção arquitetônica, formas de plantio, instrumentos, objetos. Tudo isso revela a infinita capacidade humana de criar tecnologias em qualquer época ou lugar.

Você deve estar se perguntando por que analisamos o passado de civilizações extintas, mas saiba que apesar das tecnologias variarem de acordo com a época, sociedade e cultura, o contato com diferentes civilizações possibilitou transformações em nossa cultura.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Considere, por exemplo, um dos marcos herdados das técnicas do Antigo Egito: o papiro, uma das primeiras plataformas para escrita e registro. Inicialmente era usado para registrar dados do total da produção agrícola, números referentes aos impostos cobrados pelo Estado e outros documentos oficiais; posteriormente, passou a ser uma plataforma até mesmo para textos literários e poemas.

Werner Forman/akg-images/Album/Fotoarena

Detalhe do papiro funerário de Nebqed, no Egito Antigo, entre os séculos XVI e XI a.C.

Ainda na Antiguidade, como estudado no percurso anterior, desenvolveram-se as civilizações clássicas, greco-latinas, também produtoras de tecnologias sofisticadas em várias áreas do conhecimento, além de serem consideradas "ponto de partida" da cultura ocidental.

O filósofo francês Jacques Derrida (1930-2004) referiu-se à cultura ocidental como uma "cultura logocêntrica", isto é, fundamentada num racionalismo que se pretendia e continua se pretendendo como universal.

As técnicas gregas e romanas de produção material eram extremamente racionais, como os templos que se multiplicaram no mundo helênico ou os aquedutos romanos. Essas obras foram percebidas como "projeção do poder" dessas civilizações, nas quais se firmou a "arte de governar". No próximo tópico aprofundaremos a reflexão sobre como utilizamos a tecnologia do poder em nossa sociedade.

E nas sociedades indígenas?

Sergio Ranalli/Pulsar Imagens

Indígena kalapalo da aldeia Aiha colhendo mandioca. Querência (MT), 2018.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Observemos a tecnologia em uma sociedade ameríndia. As sociedades indígenas que se desenvolveram no território brasileiro se destacaram pelos avanços tecnológicos, como os produzidos pelos povos de tronco tupi, cuja economia de "subsistência" lhes garantiu conhecimento técnico de excelência. Eles desenvolveram o aproveitamento de plantas, raízes e ervas que, além de importantes e nutritivas fontes de alimento, eram usadas como medicamentos, na confecção de ferramentas e cordames, cobertura de moradias, produção de óleos, ceras, combustíveis, unguentos, ornamentos, perfumes, pigmentos, tinturas, resinas e fibras, dentre outras utilidades.

Como povos caçadores, desenvolveram toda uma tecnologia associada à caça, com conhecimento detalhado das diversas espécies da fauna, como mamíferos e aves; o comportamento de cada [illegible] como marca na paisagem, som específico, período de procriação etc.

O domínio da hidrocultura, inimaginável para outros povos, revela-se no manejo dos recursos aquáticos, no reconhecimento dos padrões de migração e cruzamentos dos peixes, na construção de hábitats especiais para a criação de diversas espécies, como tartarugas, por exemplo etc.

Na agricultura, além de domesticarem plantas, desenvolveram padrões especiais de cultivo combinando variedades específicas com determinados solos e aprimoraram técnicas de drenagem.

A floresta é, pois, o campo por excelência de possibilidade tecnológica dos povos originários. Na compreensão ideológica deles, o conhecimento deve ser acessível ao grupo todo, o que possibilita ao indígena, desde a infância, dialogar com a natureza e dela se apropriar – de forma equilibrada – sem exaurir os recursos naturais e sem a preocupação de acumular e gerar excedentes.

A floresta é, pois, o campo por excelência de possibilidade tecnológica dos povos originários.

É com essa perspectiva que esses povos, ao caminhar pelas matas, transformam as plantas em instrumentos necessários ao seu desenvolvimento tecnológico: os cipós se transformam em cordas; os troncos e tocos de madeira tornam-se clavas; a palha seca origina tochas de fumaça utilizadas para desentocar determinados animais. Tudo isso é tecnologia e é inimaginável para outras sociedades que desconhecem sua cultura, uma vez que não necessitam desses saberes.

Os indígenas nos lembram que a tecnologia deve servir à vida humana e respeitar e conviver com outras formas de vida em perfeito equilíbrio.

Análise

Tecnologia nos awá-guajá

O antropólogo Uirá Felippe Garcia, autor do texto a seguir, descreve como os awá-guajá, povo indígena que habita o noroeste do estado do Maranhão e o sudeste do estado do Pará, desenvolveram uma eficiente tecnologia mediante a qual, e segundo suas crenças, obtêm êxito nas caçadas. Como grupo caçador e coletor, a caça é essencial a sua sobrevivência e, para eles, não basta produzir flechas extremamente eficientes, é preciso todo um ritual compreendido como crucial para que as flechas tenham "boa saúde". O autor pesquisou, estudou e escreveu sobre esse povo indígena, e conta que, certa vez, ao questionar um indígena sobre como ocorria a "comunicação" entre o caçador e a flecha, ele respondeu simplesmente que é algo que "os awá sabem fazer". Essa mesma resposta poderia ser dada por um jogador de futebol, excelente batedor de faltas, se instado a dizer por que suas cobranças são indefensáveis... Ele poderia simplesmente dizer que "sabe fazer".

Chico Ferreira/Pulsar Imagens

Para algumas etnias, a relação com arco e flecha continua presente mesmo em situações que não envolvem a caça. Na fotografia, indígena da etnia pataxó pratica o arco e flecha na aldeia pataxó Jaqueira. Porto Seguro (BA), 2019.

Eu, a flecha

Assim como ocorre aos humanos durante a caçada, as flechas e **tabocas** também devem entrar em um estado de "raiva" (-imahy) para que funcionem de maneira adequada. Para que uma flecha desenvolva "raiva", é necessário que os homens lhe forneçam dois elementos que são cruciais à boa saúde da flecha: "dor" (hahy) e "sangue-veneno" (hawy). Por isso, após confeccionada, uma flecha ainda não está pronta para o uso, pois requer um longo processo de "alimentação" e "envenenamento" para que se fortaleça e com isso, aí sim, seja capaz de matar. "As flechas têm fome, por isso caçamos muito!", disse-me certa vez o velho Takya, um desses homens que caçam exclusivamente com arco e flechas.

GLOSSÁRIO

Taboca: nome popular do bambu.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Uma flecha se alimenta fundamentalmente do sangue de suas presas. Uma vez um animal morto, os homens esfregam na carne cheia de sangue as pontas de diversas flechas para que assim, suas fomes sejam aplacadas. O sangue animal é dito "alimento" (hanimi'úa – "minha comida" / lit. "objeto do meu comer") para as flechas ao mesmo tempo que é o "veneno" (hawy) que elas lançarão nas presas animais. O banho de sangue é a primeira etapa do processo de transformação da flecha objeto-em-si em uma arma mortífera, repleta de "dor" e "raiva", que serão despejadas nas presas animais, causando sua morte. Uma nova flecha, após confeccionada, tem suas pontas revestidas de sangue, e se zanga caso não se alimente, o que pode fazê-la não funcionar, ou ir contra a vida de uma pessoa, por isso lhes fornecem o sangue desejado, para que fiquem boas (katy).

GARCIA, Uirá Felippe. *Karawara*: a caça e o mundo dos Awá-Guajá. 2010. Tese (Pós-Graduação em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

1. As flechas dos awá-guajá podem ser consideradas artefatos tecnológicos? Por quê?
2. Por que a flecha dos awá-guajá "ainda não está pronta para o uso" enquanto não passa por todo um ritual? Qual é a importância do ritual para esse povo indígena?

A tecnologia do poder na sociedade contemporânea

É comum, mas carece de precisão, a afirmativa de que vivemos em uma sociedade tecnológica, na qual as relações estão todas mediadas pela tecnologia. A imprecisão reside no fato de que não apenas a nossa, mas todas as sociedades humanas são tecnológicas, já que desenvolvem técnicas essenciais à reprodução material da existência, embora muitas das mazelas desse modelo de "sociedade tecnológica" sejam evidentes.

É habitual dizer que nossa sociedade é tão tecnológica que inventamos uma tecnologia do poder.

Agora é habitual dizer que nossa sociedade é tão tecnológica que inventamos uma tecnologia do poder. O filósofo Michel Foucault (1926-1984), no livro *Microfísica do poder* (1979) traz reflexões sobre o que chama de "sociedade disciplinar". Foucault estudava a origem da medicina clínica no século XVIII quando percebeu algo comum nos hospitais, quartéis, prisões, fábricas e escolas. Algo o impressionou, pois o modelo arquitetônico e a organização do espaço possibilitava diversos dispositivos de vigilância nessas instituições. Então, ao pesquisar documentos e fontes históricas, Foucault descobriu uma tecnologia de poder inventada por Jeremy Bentham (1748-1832), o Panopticon. Observe a definição:

> O princípio é: na periferia, uma construção em anel; no centro, uma torre; esta possui grandes janelas que se abrem para a parte interior do anel. A construção periférica é dividida em celas, cada uma ocupando toda a largura da construção. Estas celas têm duas janelas: uma abrindo-se para o interior, correspondendo às janelas da torre; outra, dando para o exterior, permite que a luz atravesse de um lado para o outro. Basta então colocar um vigia na torre central e em cada cela trancafiar um louco, um doente, um condenado, um operário ou um estudante. Devido ao efeito de contraluz, pode-se perceber da torre, recortando-se na luminosidade, as pequenas silhuetas prisioneiras nas celas periféricas.
>
> FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*: nascimento da prisão. Tradução: Raquel Ramalhete. Petrópolis: Vozes, 1987. p. 48.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Interior da penitenciária de Stateville em formato circular com torre de guarda central. Segue o projeto de panópticos de Jeremy Bentham. Illinois, Estados Unidos, 1928.

Aqui destacamos dois pontos fundamentais nessa reflexão sobre a tecnologia que o processo investigativo de Foucault nos possibilita verificar e aprender. O primeiro consiste na pergunta do filósofo: Como o olhar médico se institucionalizou? Ao pesquisar a prática médica, ele percebeu que a partir do século XVIII a Medicina havia se instalado num espaço social com novas formas de organização, foi a época de grandes reformas nas instituições hospitalares. Podemos dizer que Foucault tinha uma hipótese: O olhar médico se institucionalizou por causa da arquitetura hospitalar. Então, ao examinar os diferentes projetos arquitetônicos percebeu o problema da vigilância dos corpos, dos indivíduos e das coisas como princípio organizador. É interessante constatar que isso permanece até hoje: câmeras de controle de tráfego espalhadas por locais públicos, fotografias em tempo real via satélite, monitoramento do deslocamento do indivíduo via telefone celular como usado na pandemia, e outros mecanismos.

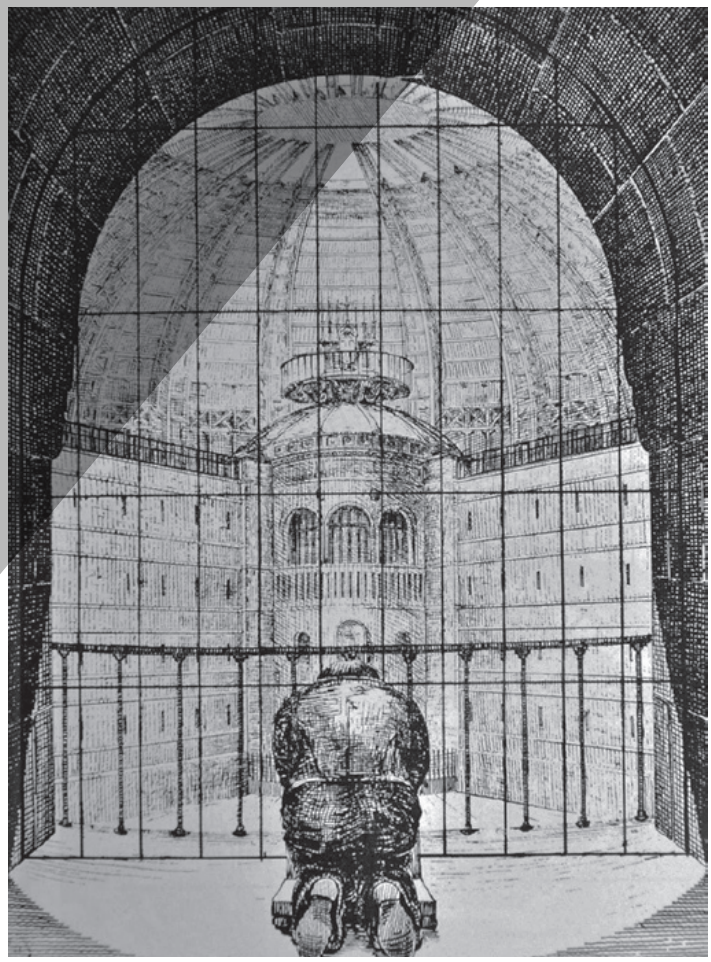
O caminho percorrido por Foucault nos ajuda a conhecer o ofício do cientista social, seja historiador, filósofo ou sociólogo.

Ao estabelecer relações com projetos arquitetônicos de outras instituições, ele notou as semelhanças, sobretudo o sistema ótico que possibilitava exercer bem e facilmente o poder. O caminho percorrido por Foucault nos ajuda a conhecer o ofício do cientista social, seja historiador, filósofo ou sociólogo.

O segundo é a descoberta de uma tecnologia que está no cotidiano de nossa sociedade e é exercida, desmedidamente, por todas as instituições. O Estado, como estudamos no percurso anterior desta unidade com Max Weber, é aquele que detém o monopólio legítimo da força, solidificou-se ao longo do desenvolvimento do modo de produção capitalista exercendo controle permitido e legitimado sobre os cidadãos. O controle de dados da população é o maior exemplo do uso dessa tecnologia de poder.

As instituições do Estado fazem o mapeamento sistemático dos indivíduos. Se pesquisarmos no IBGE identificaremos quantas pessoas vivem no Brasil, idade, sexo, renda, grau de instrução etc. Todas as instituições registram informações sobre nós: a Justiça nos processos, os hospitais em prontuários e as escolas nos boletins, entre tantas outras. A ideia é dividir, classificar, hierarquizar a população social e transformá-la em dados para controlá-la, isso é governar.

Foucault dizia que toda forma de saber produz poder, portanto, além do Estado, nosso perfil é atualizado sistematicamente por meio das relações econômicas e do uso de tecnologias da informação.

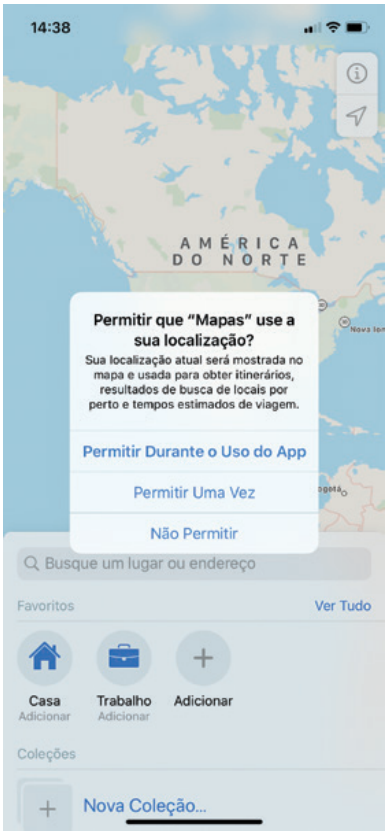


Biblioteca Nacional Francesa, Paris

N. Harou-Romain. Projeto de penitenciária, 1840. Um detento, em sua cela, reza diante da torre central de vigilância.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Você já percebeu que após pesquisar determinado produto na internet, suas redes sociais, *e-mails* e até SMS passam a receber informações sobre esse produto? Quando utiliza um cartão de crédito, cartão de transporte ou até mesmo o celular, dados georreferenciados sobre você são produzidos. É como se você deixasse um rastro por onde passa.



OpenStreetMap

Reprodução da tela de um celular solicitando permissão para ativar a localização do usuário.

O mais impressionante é que muitas vezes nós autorizamos a utilização desses dados, pois aceitamos os termos da política de privacidade. Quantos de nós lemos esses termos? Geralmente achamos que são muito extensos ou escritos de maneira que dificulta o entendimento e não os lemos, mas, mesmo assim, fornecemos informações sobre nós a um banco de dados que é usado para fazer propaganda dirigida. Por exemplo, se você resolve ser lutador ou lutadora de judô, faz uma pesquisa em *sites* para comprar um quimono e, depois de olhar diversas ofertas, finaliza a compra. Imediatamente esse dado é acrescentado a seu perfil. Ao navegar, depois, por lojas especializadas em materiais esportivos, você começa a receber mensagens de ofertas e, pior ou melhor, quando estiver perto do tempo de vencimento planejado daquele produto (no caso, o quimono), passa a receber ofertas dele. O nome disso é *marketing* dirigido. O **algoritmo** sabe o tempo de durabilidade de um quimono e quando está perto desse prazo, direciona essa informação às empresas que vendem quimono. A questão por trás desse processo é a ética no uso das informações: Quem autorizou a repassar suas informações às empresas? Que outras informações empresas de navegação ou redes sociais têm de cada indivíduo? Quem decide o que pode ser compartilhado?

Alguns argumentam que barrar essa vigilância é impossível e que talvez a grande questão seja o acesso aos dados: quem pode e deve ter acesso a eles. O inventor e futurólogo estadunidense Raymond Kurzweil (1948-) afirma que o ser humano, na sociedade ocidental contemporânea, caminha para um processo de aceleração pós-humana. Isso se deve à convergência de três revoluções tecnológicas – **biotecnologia**, **nanotecnologia** e robótica –, todas fundamentadas na cibernetização do conhecimento e nas tecnologias da informação digital e/ou genética.

Você deve se perguntar: O que isso significa? Qual é a relação com o que estamos estudando? Significa que no cotidiano estamos nos tornando ciborgues. Na sociedade ocidental contemporânea, desde que nascemos utilizamos equipamentos que nos auxiliam a viver nela. Observe que as crianças, antes de aprenderem a ler, já sabem manusear e consumir conteúdos digitais. Na juventude, o telefone, especificamente o *smartphone*, segue praticamente acoplado a nosso corpo. O ciborgue pode ser definido como um organismo constituído de partes orgânicas e cibernéticas. Lembre-se de que a espécie humana, como estudamos neste percurso, ao dispor de um instrumento para retirar o tutano do osso, iniciou o processo técnico de arranjar suporte para suas ações.

Atualmente, com o *smartphone*, nos comunicamos com pessoas em qualquer lugar do planeta, fazemos compras, vendemos objetos e criamos conteúdos digitais. Esse aparelho se tornou uma necessidade, quase todas as pessoas que têm estilo de vida urbano têm um. Ao mesmo tempo, o *smartphone* registra todos os nossos passos, por onde circulamos, em quais *sites* entramos, o que compramos, vendemos, com quem falamos, até nosso humor! Há algoritmos que conseguem identificar o humor e os sentimentos do indivíduo pela análise de *sites* visitados, do que ele posta nas redes sociais e dos conteúdos digitais que produz e consome.

A realidade é que podemos ser controlados pela tecnologia ou controlá-la, depende de nossas atitudes, da quantidade de vezes que nos propomos a sair, passear e fazer outras ou atividades sem o *smartphone*, ou mesmo deixá-lo desligado. Enfim, quais são as possibilidades de você viver sem estar sempre conectado?

Ser protagonista da própria vida é pensar e agir a respeito do controle que a tecnologia exerce sobre cada um.

Samuel Borges Photography/Shutterstock.com

Desde muito pequenas, as crianças já têm contato com as novas tecnologias.

GLOSSÁRIO

Algoritmo: sequência de instruções que informa ao computador o que ele deve fazer. Os algoritmos são escritos em linguagem de programação, de maneira lógica e precisa, para orientar as tarefas de modo automático.

Biotecnologia: manipulação de micro-organismos, plantas e animais com o objetivo de obter processos e produtos. Exemplos: os antigos processos de fermentação para a produção de pão e vinho e, atualmente, a clonagem de mudas de plantas.

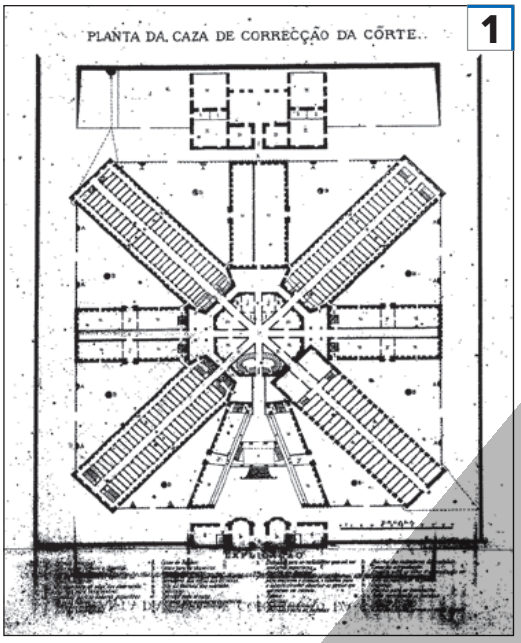
Nanotecnologia: tecnologia que se utiliza da escala nanométrica para desenvolver objetos. Por exemplo: roupas com tratamento que evita que elas sujem ou molhem.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Análise

Poder das Sociedades Disciplinares: o domínio dos corpos

1. Observe as imagens a seguir.



Arquivo Nacional, Rio de Janeiro

Museu das Belas Artes, Basileia/ Foto: akg-images/Album/Fotoarena

Albert Anker. *A escola da vila*, 1848. Óleo sobre tela, 1,04 m × 1,75 m.

Arquivo Nacional, IJ7-78 (1828-1912). Planta da Casa de Correção da Corte, 1834.

- Descreva as imagens identificando o que representam, quando foram produzidas e quais as possíveis relações com a tecnologia de poder definida por Michel Foucault.

2. Leia o fragmento a seguir.

> A "disciplina" não pode se identificar com uma instituição nem com um aparelho; ela é um tipo de poder, uma modalidade para exercê-lo, que comporta todo um conjunto de instrumentos, de técnicas, de procedimentos, de níveis de aplicação, de alvos; ela é uma "física" ou uma "anatomia" do poder, uma tecnologia. E pode ficar a cargo seja de instituições "especializadas" (as penitenciárias, ou as casas de correção [illegible], as instituições que dela se servem como instrumento essencial para um fim determinado [illegible] educação, os hospitais), seja de instâncias preexistentes que nela encontram maneira de reforçar ou de reorganizar seus mecanismos internos de poder (um dia se precisará mostrar como as relações intrafamiliares, essencialmente na célula pais-filhos, se "disciplinaram", absorvendo desde a era clássica esquemas externos, escolares, militares, depois médicos, psiquiátricos, psicológicos, que fizeram da família o local de surgimento privilegiado para a questão disciplinar do normal e do anormal).
>
> Nossa sociedade não é de espetáculos, mas de vigilância; sob a superfície das imagens, investem-se os corpos em profundidade; atrás da grande abstração da troca, se processa o treinamento minucioso e concreto das forças úteis; os circuitos da comunicação são os suportes de uma acumulação e centralização do saber; o jogo dos sinais define os pontos de apoio do poder; a totalidade do indivíduo não é amputada, reprimida, alterada por nossa ordem social, mas o indivíduo é cuidadosamente fabricado, segundo uma tática das forças e dos corpos.
>
> FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*: nascimento da prisão. Tradução: Raquel Ramalhete. Petrópolis: Vozes, 1987. p. 240.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

- A partir da leitura, reflita sobre a seguinte questão: De que maneira a tecnologia ampliou o poder de controle das instituições sobre o indivíduo?

3. Considerando os estudos desta unidade, produza um texto jornalístico sobre a tecnologia do poder na escola do século XXI.

A tecnologia é neutra?

A tecnologia no modo de produção capitalista não é neutra, é produto do sistema que o constitui. No contexto abordado aqui, a tecnologia como resultado do modo de produção aliena o ser humano no processo produtivo, seja o expropriando do conhecimento pela fragmentação do trabalho, seja o isolando da riqueza gerada pela própria força de trabalho.

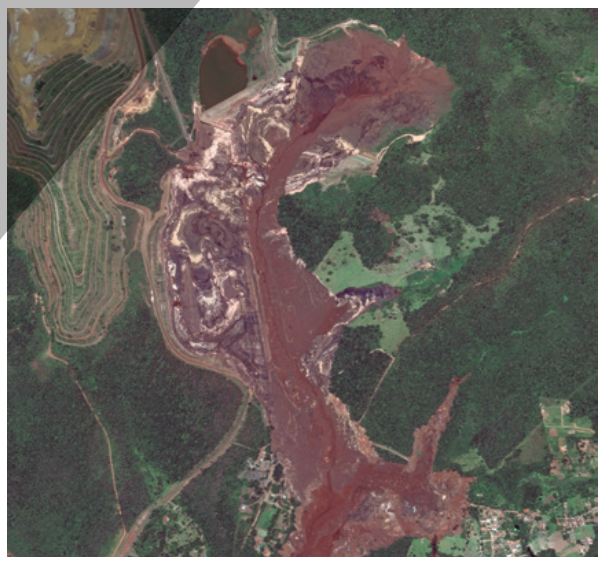
O trabalho, como já vimos, pode ser definido como a possibilidade do ser humano realizar potencialidade criativa. Transportando essa afirmativa para o universo dos awá-guajá, citados anteriormente, quando eles saem para caçada transformam os elementos da natureza, o que lhes facilita a predação da caça. Ao entrarem em contato com o mundo exterior – o mundo da natureza –, tornam-se aptos a realizar seu potencial criativo.

Economia e impacto ambiental

Entretanto, na sociedade capitalista e na economia de mercado, a divisão social e a especialização do trabalho estão de tal maneira estruturadas que o uso da tecnologia visa ampliar, com menor custo e maior velocidade, a produção de bens de consumo, sem considerar os impactos destrutivos que essa dinâmica impõe aos recursos naturais do planeta e aos próprios seres humanos. Afinal, é irreal imaginar que se possa produzir de maneira ilimitada num planeta cujos recursos são limitados.

Análise

A tragédia de Brumadinho



Fotos: DigitalGlobe/Getty Images

As duas imagens de satélite mostram a região de Brumadinho (MG). À esquerda, em junho de 2018, antes do rompimento da barragem e, à direita, a devastação provocada após o rompimento, ocorrido em 25 de janeiro de 2019.

Pesquise em *sites* jornalísticos e de organizações não governamentais os impactos socioambientais do rompimento da barragem de Brumadinho em 25 de janeiro de 2019. Então, com base nos estudos deste percurso e na pesquisa, responda às questões.

1. Podemos afirmar que a empresa, neste caso específico, conseguiu conjugar ética e tecnologia? Justifique sua resposta.
2. Quais seriam as possíveis ações tecnológicas que teriam evitado o desastre?
3. Qual seria o papel do Estado num episódio como esse?
4. No modo de produção capitalista, quais são as alternativas para evitar que aconteça novamente o rompimento de barragens? Argumente.

Somos todos responsáveis

Delíris/Shutterstock.com

O distanciamento e o uso de máscaras tornaram-se indispensáveis durante a pandemia da covid-19. Fotografia de 2020.

Podemos inferir que o desenvolvimento tecnológico no mundo contemporâneo representa, de certo modo, o desmoronamento de valores morais, o que coloca em risco a relação de nossa espécie com o próprio planeta. Talvez, na origem dessa questão esteja a visão de mundo de uma economia de mercado predatória que não se deixa limitar por considerações éticas.

É comum ouvirmos as pessoas dizerem que nunca, na história das civilizações, tivemos tanto acesso à informação. Independentemente da veracidade do acúmulo quantitativo de informações, vivemos num mundo hiperconectado e com capacidade de sanar grande parte das mazelas humanas, especificamente a fome, doenças curáveis e o esgotamento físico e mental do trabalho. Basta lembrar que atualmente há no planeta pouco mais de 7,5 bilhões de habitantes e os recursos tecnológicos aplicados à agropecuária e à indústria de alimentos possibilitam alimentação para no mínimo 10 bilhões de pessoas. Então, por que tantos seres humanos não conseguem suprir suas necessidades alimentares básicas e a fome se alastra em escala global?

Do mesmo modo, a indústria farmacêutica produz uma gama inusitada de remédios que são vendidos em todo o mundo. No entanto, sabe-se que milhões de pessoas morrem de doenças que seriam curáveis com o uso de medicações que a tecnobiologia já colocou à disposição da humanidade. Por outro lado, prateleiras de farmácias em vários países do mundo acondicionam remédios até o vencimento para, posteriormente, serem incinerados.

A tecnologia da informação consegue conectar as pessoas instantaneamente. Durante a quarentena pela pandemia do Sars-CoV-2, milhões de pessoas no mundo trabalharam, estudaram, fizeram terapia, venderam, compraram, enfim, realizaram inúmeras coisas pela internet. Com certeza, a humanidade lidou melhor com essa pandemia do que com a gripe espanhola de 1918, que matou 50 milhões de pessoas. Entretanto, uma questão permanece: Por que o uso da tecnologia não possibilita efetiva melhoria na qualidade de vida, nos aspectos físicos e emocionais de todos indivíduos, mas se preocupa, principalmente, em ampliar a produção com custos ambientais absolutamente destrutivos e incentivar o consumo desmedido?

De modo geral, as técnicas da nossa tecnologia não servem à vida, mas à lógica capitalista. Um bom exemplo são os gastos em pesquisas para aumentar o poder das instituições e corporações, potencializando investimentos na indústria armamentista, incluindo armas de destruição em massa.

Boa parte da humanidade poderia argumentar que não se sente responsável por alguns desses problemas que foram apontados aqui, uma vez que não conhece os potenciais danos causados à [illegible] quando você usa a tecnologia sem considerar os aspectos éticos, não é também responsável?

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

A ignorância e a indiferença podem causar danos irreparáveis ao projeto civilizatório da sociedade humana em escala global.

Quiçá almejemos um futuro no qual as novas tecnologias da informação sejam utilizadas para ações que prezem a responsabilidade social, valorizem a alteridade e façam da ética um valor indispensável.

#Ficaadica

A história das coisas, de Luis Fox (21 min). O vídeo narra como funciona o complexo sistema que vai da extração, passa pela produção, distribuição, consumo e acaba no tratamento do lixo. O filme analisa o consumismo e os problemas sociais e ambientais criados como consequência deste hábito.

Instituto de Tecnologia Social. O *site* objetiva construir um novo modelo de desenvolvimento para viabilizar a relação entre ciência, tecnologia, inovação e inclusão social. O Instituto protagoniza processos que colaboraram para o estabelecimento do conceito de tecnologia social e da tecnologia. Disponível em: http://itsbrasil.org.br/. Acesso em: 23 maio 2020.

O povo brasileiro, de Isa Grinspum (30 min por episódio). A obra é composta por 10 programas que discutem as matrizes étnicas e culturais que compõem o povo brasileiro. Também é retratada a singularidade da diversidade cultural, com imagens captadas em todo o Brasil, material de arquivo raro e depoimentos.

Prática de pesquisa

Utilização de dados dos cidadãos pelo Estado

Esta prática de pesquisa propõe, com base em questionários de caráter quantitativo e qualitativo, uma reflexão sobre o uso de informações que refletem a vida privada dos indivíduos, adquiridas pelo Estado por meio de aparelhos celulares, durante a pandemia da covid-19.

Vocês farão uma pesquisa de opinião com colegas e colaboradores da escola sobre o que eles pensam a respeito dessa medida.

- Organização: grupos de quatro alunos.
- Duração sugerida: 5 aulas.
- Material:
  - computador com acesso à internet;
  - caderno;
  - lápis/caneta;
  - prancheta.

Leiam!

O governo brasileiro vai passar a ter acesso a dados das operadoras de celulares para identificar aglomerações de pessoas em todo o país.

A medida, adotada em outros países, é defendida como uma forma de conter o avanço do novo coronavírus. Especialistas, no entanto, alertam que esse tipo de vigilância não pode levar à violação do direito à privacidade assegurado na legislação.

Nos moldes atuais, o sistema em desenvolvimento no Brasil não permite ao governo federal ter acesso à identidade e ao número de telefone das pessoas que transitam pelas ruas com esses aparelhos, como tem ocorrido na China, na Coreia do Sul e em Israel, por exemplo. [...]

O modelo chinês de uso de dados de telefones celulares no combate à pandemia é considerado até agora um dos mais eficientes do ponto de vista sanitário, e um dos mais controversos acerca do direito à privacidade.

O governo chinês adotou uma série de ferramentas, com base em GPS, antenas de celular, aplicativos e QR Code, entre outros, para identificar a localização de alguém infectado dias antes da confirmação do diagnóstico, contatar e por vezes isolar quem estava no mesmo vagão de metrô, e não no veículo inteiro, por exemplo. [...]

[...] o presidente-executivo do SindiTelebrasil, Marcos Ferrari, afirma que o compartilhamento dos dados com esse n[illegible]

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

"Do ponto de vista da legislação (vigente no Brasil), a solução com dados anonimizados e agregados é o máximo que podemos fazer. Mas a maneira que isso avança depende de cada país. Nós só nos limitamos a esses dados estatísticos."

A iniciativa brasileira, cujos moldes partiram do setor privado, se inspira em estratégias menos invasivas à esfera privada adotadas por países como a Espanha, que utiliza o distanciamento social como principal medida contra a pandemia que infectou ao menos 1 milhão de pessoas e matou 50 mil ao redor do mundo.

MAGENTA, Matheus. Coronavírus: governo brasileiro vai monitorar celular para conter pandemia. *BBC Brasil*, São Paulo, 3 abr. 2020. Disponível em: www.bbc.com/portuguese/brasil-52154128. Acesso em: 8 jun. 2020.

Discutam!

Reúnam-se em grupo e, com base nessa leitura, nos conhecimentos adquiridos e nos conteúdos discutidos nesta unidade, elaborem um formulário de pesquisa com perguntas de ordem quantitativa e qualitativa. As perguntas devem ser criadas com o objetivo de compreender a opinião dos entrevistados acerca do tema. Para que a pesquisa possa ser posteriormente analisada e discutida entre os grupos, é fundamental que a turma tenha o mesmo formulário de pesquisa. Por isso, montem um calendário de etapas para a construção desse formulário:

- elaboração;
- apresentação;
- consolidação de dados;
- finalização.

Em caso de dúvidas sobre como se organizarem com a tarefa, peçam orientação ao professor.

O questionário quantitativo pode ser convertido em números que refletem um tema ou situação.
O questionário qualitativo demonstra uma situação individual e única.

Escolham, entrevistem!

No mesmo grupo, definam o perfil e o número de pessoas que o grupo vai entrevistar.

É importante lembrar que, mais tarde, ao analisar os dados encontrados, será preciso levar em conta o recorte escolhido por vocês.

Escolham entre:

- alunos do 1º ano do Ensino Médio;
- alunos do 2º ano do Ensino Médio;
- alunos do 3º ano do Ensino Médio;
- funcionários de apoio (limpeza, alimentação e segurança);
- equipe técnica (direção, coordenação, secretários, auxiliares pedagógicos, entre outros);
- professores.

Em seguida, organizem-se com o professor e a coordenação da escola para definir os dias e períodos disponíveis para fazer as entrevistas.

Realizando-as pessoalmente, vocês terão maior interação com o entrevistado.

Levem em conta a linguagem, o respeito à individualidade e a valorização da narrativa do entrevistado, informando o intuito da entrevista antes de iniciar.

Organize, reflita!

Concluídas as entrevistas, organizem os dados recolhidos por meio de perguntas objetivas (aquelas cujas respostas só podem ser "sim", "não" ou "não sei") em uma planilha, analisando a incidência de respostas iguais ou diferentes dentro do perfil selecionado.

Perguntas objetivas	
Sim	
Não	
Não sei	

Leiam atentamente as respostas de caráter qualitativo (aquelas em que o entrevistado responde com as próprias palavras), buscando retirar informações que ajudem a entender a opinião ou relação do entrevistado com o tema.

Em um segundo momento, [illegible] comparem e discutam as respostas encontradas por todos os grupos.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Escrevam!

Por fim, cada grupo deve escrever um artigo em que exponha as conclusões e os devidos argumentos desenvolvidos com base nas informações levantadas.

Compartilhe!

Em uma plataforma *on-line* (*blog*, perfil social ou *site*) criem um espaço em que os artigos possam ser compartilhados. É importante que, antes da publicação, vocês discutam – vocês e os professores – os conceitos, posicionamentos e, inclusive, a redação dos artigos.

Busquem formas de tornar a publicação visualmente interessante, tendo cuidado com o *layout* e ilustrando-a com imagens (desde que sejam de domínio público).

Depois, é só divulgar para toda a escola!

Acesse e conheça

Centro de Pesquisa em Ciência, **Tecnologia e Sociedade**. *Site* que reúne pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento para estudar os impactos que a ciência e a tecnologia têm na economia, na sociedade e na qualidade de vida das pessoas, especialmente nas áreas de saúde, educação e sustentabilidade. Disponível em: www.ipea.gov.br/cts/pt. Acesso em: 23 maio 2020.

Atividades

Responda às atividades a seguir no caderno.

1. Conceitue **técnica** e **tecnologia**.
2. Em que **técnica** e **tecnologia** se diferenciam?
3. Podemos afirmar que os povos caçadores e coletores têm tecnologia?
4. É possível identificar a presença de ideologias no uso da tecnologia no mundo contemporâneo? Explique.
5. A aplicação das inovações tecnológicas nas várias áreas do conhecimento deve ser pautada por considerações éticas? Explique.
6. Unesp 2011

Texto 1

No ano de 1990, o filósofo francês Gilles Deleuze criou o conceito de "sociedade do controle" para explicar a configuração totalitária das sociedades atuais. Na sociedade de controle as pessoas têm a ilusão de desfrutarem de maior autonomia, pois podem, por exemplo, acessar contas-correntes e fazer compras pela internet. Mas, por outro lado, seus comportamentos e hábitos de consumo podem ser conhecidos pelo governo, pelos bancos e grandes empresas. Sem suspeitarem disso, os indivíduos são controlados à distância, como se cada um fosse dotado de uma "coleira eletrônica".

Texto 2

Um quarto dos alemães aceitam implantar *chip* no corpo – Pesquisa feita pela Associação Alemã das Empresas de Informação, Telecomunicação e Novas Mídias (Bitkom) revela que 23% dos moradores do país topam ter um microchip inserido no próprio corpo, contanto que isso traga benefícios concretos a eles. O levantamento, realizado com cerca de mil pessoas de várias cidades, foi divulgado na feira de tecnologia Cebit, que vai até o próximo sábado (7), em Hannover. (*Folha Online*, 03.03.2010.)

Com base no conceito de sociedade do controle e na notícia reproduzida, assinale a alternativa correta.

a) Não há correspondência entre os resultados da pesquisa relatada na notícia e o conceito de sociedade do controle, uma vez que a implantação do chip contaria com a permissão das próprias pessoas.

b) Os resultados da pesquisa atestam a inadequação do conceito proposto pelo filósofo francês para reflexões sobre as sociedades atuais, pois o conceito está defasado vinte anos em relação à notícia sobre a pesquisa.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

c) Os resultados da pesquisa atestam o grau em que os parâmetros da sociedade de controle foram internalizados pelos indivíduos.

d) De acordo com o filósofo francês, os acessos informatizados garantem o aumento da autonomia dos indivíduos.

e) O conceito de sociedade de controle tem sua aplicação restrita a sociedades governadas por ditaduras, não podendo ser aplicado a reflexões sobre sociedades democráticas.

7. Leia o fragmento do texto a seguir postado no portal Olhar Digital e, em seguida, responda ao que se pede.

Os padrões éticos são construídos a partir de concepções sociais nas quais devem ser consideradas o tempo e espaço em que determinados eventos estão inseridos. A tecnologia, que até aqui facilitou a vida da sociedade e acelerou sua evolução, trouxe também implicações prejudiciais que conflitam com questões éticas da sociedade atual. Preconceito, racismo, invasão de privacidade, experimentos com humanos e até mesmo riscos de vida já foram relacionados ao uso de algoritmos e avanços tecnológicos. Uma simples pesquisa na internet já traz histórias que demonstram a fragilidade da tecnologia. Em 2015, a Google lançou o Google Photos, um serviço de compartilhamento e armazenamento que agrupa fotos semelhantes em um mesmo álbum a partir da criação de *tags*, o problema foi quando no reconhecimento de pessoas negras, a *tag* de identificação criada de forma automática foi "gorila". Tay, a inteligência artificial projetada pela Microsoft em 2016, com o intuito de conversar com as pessoas via Twitter, teve uma "vida" curta. Foram necessárias apenas 24 horas para que a robô, que aprendia à medida em que se relacionava com os humanos, formasse um "caráter" nazista, pornográfico, racista e sexista. Apesar de ter

aprendido tais valores com os internautas, ela não possuía capacidade analítica para qualquer julgamento cognitivo a respeito do que absorvia. Logo depois, um vídeo chamou a atenção de todos nas redes sociais: uma saboneteira automática, acionada por infravermelho, não faz a liberação do sabonete se você tiver a pele negra. Recentemente, o Facebook teve problemas com a venda não autorizada de dados dos seus usuários, com impactos que influenciaram a eleição presidencial da maior potência mundial, os Estados Unidos. [...]

WERMANN, Larissa. Ética na tecnologia: a critérios de que(m) e para que(m)? *Olhar Digital*, Diadema, 22 jul. 2019. Disponível em: https://olhardigital.com.br/colunistas/larissa-wermann/post/etica_na_tecnologia_a_criterios_de_quem_e_para_quem/87189. Acesso em: 21 maio 2020.

a) Explique como resolver a contradição entre a natureza das empresas na ordem capitalista que buscam, de forma permanente, a maximização dos lucros, e uma tecnologia que priorize a ética.

b) Analise o uso da tecnologia para os seres humanos. Não perca de vista as considerações de ordem ética e priorize o respeito à vida, os direitos humanos, o combate aos preconceitos raciais e de gênero.

8. Após ler o texto a seguir, considere o que estudou neste percurso e o que você já conhece de seu cotidiano e responda às questões.

Em primeiro lugar, um policiamento espacial estrito: fechamento, claro, da cidade e da "terra", proibição de sair sob pena de morte, fim de todos os animais errantes; divisão da cidade em quarteirões diversos onde se estabelece o poder de um intendente. Cada rua é colocada sob a autoridade de um síndico; ele a vigia; se a deixar, será punido de morte. No dia designado, ordena-se a todos que se fechem em suas casas: proibido sair sob pena de morte. O próprio síndico vem fechar, por fora, a porta de cada casa; leva a chave, que entrega ao intendente de quarteirão; este a conserva até o fim da quarentena. Cada família terá feito suas provisões; mas para o vinho e o pão, se terá preparado entre a rua e o interior das casas pequenos canais de madeira, que permitem fazer chegar a cada um sua ração, sem que haja comunicação entre os fornecedores e os habitantes; para a carne, o peixe e as verduras, utilizam-se roldanas e cestas. Se for absolutamente necessário sair das casas, tal se fará por turnos, e evitando-se qualquer encontro. Só circulam os intendentes, os síndicos, os soldados da guarda e também entre as casas infectadas, de um cadáver ao outro, os "corvos", que tanto faz abandonar à morte: é "gente vil, que leva os doentes, enterra os mortos, limpa e faz muitos ofícios vis e abjetos". Espaço recortado, imóvel, fixado. Cada qual se prende a seu lugar. E, caso se mexa, corre perigo de vida, por contágio ou punição.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*: nascimento da prisão. Tradução: Raquel Ramalhete. Petrópolis: Vozes: 1987. p. 219.

a) Explique com exemplos: Do que mão a tecnologia de poder pode contribuir para a vida do cidadão?

b) Avalie as contradições da tecnologia do poder no caso da pandemia da covid-19 em 2020.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

9. Leia a reportagem e responda à pergunta.

O tipiti é um cilindro de aproximadamente dois metros de comprimento cujas extremidades são reforçadas. Em um dos lados é colocada a massa de mandioca, prensada pelo objeto para extração do líquido – no caso da mandioca brava, um caldo amarelado e letal para o ser humano. [...]. O processo, explica dona Irene, tem três etapas. Primeiro, é necessário escolher a matéria-prima. Na comunidade da artesã, o cipó arumã e a palmeira jacitara são utilizados para o trançado. A diferença entre as duas fibras é que o cipó arumã seca a massa mais rapidamente, mas dura menos. Nesta etapa Irene conta com a colaboração dos filhos, marido e comadres. "[..] para poder tirar os cipós é preciso ter cuidado porque neles há espinhos, tanto nas talas verdes quanto nas talas maduras", diz. Após a retirada do cipó, acontece a limpeza e o teçume das telas. A comunitária afirma que 16 toras (o equivalente a cerca de 65 talas) de cipós é o necessário para fazer um tipiti de dois metros, considerado o tamanho ideal. Os trançados indígenas têm usos diversos na vida social das populações. As estruturas básicas, entretanto, exigem técnica com o uso das mãos, coordenação motora e imaginação do artesão.

FREITAS, Júlia de. Conheça o tipiti, tecnologia indígena de uso secular na Amazônia. *Amazônia*, São Paulo, 7 maio 2019. Disponível em: https://amazonia.org.br/2019/05/conheca-o-tipiti-tecnologia-indigena-de-uso-secular-na-amazonia/. Acesso em: 9 jun. 2020.

O tipiti é uma tecnologia ou uma técnica? Justifique.

Questões de Enem e vestibulares

Unidade 1

1. (Enem 2013)

> A recuperação da herança cultural africana deve levar em conta o que é próprio do processo cultural: seu movimento, pluralidade e complexidade. Não se trata, portanto, do resgate ingênuo do passado nem do seu cultivo nostálgico, mas de procurar perceber o próprio rosto cultural brasileiro. O que se quer é captar seu movimento para melhor compreendê-lo historicamente.
>
> MINAS GERAIS. *Cadernos do Arquivo 1*: Escravidão em Minas Gerais. Belo Horizonte: Arquivo Público Mineiro, 1988.

Com base no texto, a análise de manifestações culturais de origem africana, como a capoeira ou o candomblé, deve considerar que elas:

a) permanecem como reprodução dos valores e costumes africanos.

b) perderam a relação com o seu passado histórico.

c) derivam da interação entre valores africanos e a experiência histórica brasileira.

d) contribuem para o distanciamento cultural entre negros e brancos no Brasil atual.

e) demonstram a maior complexidade cultural dos africanos em relação aos europeus.

2. (UFRR 2016-2017) O processo de demarcação de terras indígenas no Estado brasileiro é marcado por lutas, conflitos e mortes. Nos territórios indígenas, a compreensão sobre a utilização dos recursos da terra, pa[illegible]s, inclusive, em Roraima, não é a mesma que predomina no sistema capitalista atual. Isso se comprova na fala do líder xucuru, assassinado em 1998, no agreste pernambucano.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA EDITORA DO BRASIL

> "A gente tem a terra como nossa mãe. Então, se ela é nossa mãe, é ela quem nos dá todo fruto de sobrevivência, e deve ser zelada e preservada, a partir das pedras, das águas e das matas".
>
> Fonte: CIMI. *Fraternidade viva*. São Paulo, n. 8, p. 21, 2001 *apud* VIEIRA, J. G. *Missionários, fazendeiros e índios em Roraima*: a disputa pela terra (1777 a 1980). Boa Vista: Editora UFRR, 2007.

Com base nessas informações, assinale a alternativa INCORRETA a partir do que se depreende do texto.

a) Para os povos indígenas, a terra é seu território, espaço necessário e essencial à vida. Ou seja, isso significa que a terra vai além da própria vida, a memória dos seus antepassados como também o futuro da sua gente.

b) Ao afirmar que a "terra é nossa mãe", o líder xucuru entende que a terra é uma fonte de vida e não de capital financeiro.

c) Se a terra, para o líder xucuru, "é sua mãe", então, ela deve ser preservada como fonte de vida para as diversas populações indígenas que se utilizarão dela futuramente.

d) O líder xucuru atribui valor de preservação para as pedras, águas, matas que estão em sua terra, entretanto, o que preocupa e interessa ao indígena é o valor monetário da terra para sua comunidade.

e) O índio xucuru, ao explicar o significado do uso da terra, demonstra que a sobrevivência do seu povo depende, exclusivamente, da mãe terra.

3. (Enem PPL 2015) A população negra teve que enfrentar sozinha o desafio da ascensão social, e frequentemente procurou fazê-lo por rotas originais, como o esporte, a música e a dança. Esporte, sobretudo o futebol, música, sobretudo o samba, e dança, sobretudo o Carnaval, foram os principais canais de ascensão social dos negros até recentemente. A libertação dos escravos não trouxe consigo a igualdade efetiva. Essa igualdade era afirmada nas leis, mas negada na prática. Ainda hoje, apesar das leis, aos privilégios e arrogâncias de poucos correspondem o desfavorecimento e a humilhação de muitos.

CARVALHO, J. M. *Cidadania no Brasil*: o longo caminho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006 (adaptado).

Em relação ao argumento de que no Brasil existe uma democracia racial, o autor demonstra que:

a) essa ideologia equipara a nação a outros países modernos.

b) esse modelo de democracia foi possibilitado pela miscigenação.

c) essa peculiaridade nacional garantiu mobilidade social aos negros.

d) esse mito camuflou formas de exclusão em relação aos afrodescendentes.

e) essa dinâmica política depende da participação ativa de todas as etnias.

4. (UFU 2015) O discurso sobre a formação da identidade nacional brasileira tem como uma de suas vertentes o estudo das consequências do encontro de três matrizes étnicas: o negro, o europeu (branco) e o indígena. Em meio a esse debate, e contrariando as teorias raciais, elaborou-se uma tese conhecida como "democracia racial", caracterizada por:

a) defender o direito de participação de representantes de todas as raças no processo político.

b) pressupor a miscigenação harmoniosa entre os diferentes grupos étnicos que formaram a nação brasileira.

c) denunciar os conflitos raciais e a desvalorização dos afrodescendentes no Brasil.

d) culpar os grupos dominantes pela marginalização dos afrodescendentes e da população indígena brasileira.

5. (Enem 2017 2ª aplicação) O racismo institucional é a negação coletiva de uma organização em prestar serviços adequados para pessoas por causa de sua cor, cultura ou origem étnica. Pode estar associado a formas de preconceito inconsciente, desconsideração e reforço de estereótipos que colocam algumas pessoas em situações de desvantagem.

GIDDENS, A. *Sociologia*. Porto Alegre: Penso, 2012 (adaptado).

O argumento apresentado no texto permite o questionamento de pressupostos de universalidade e justifica a institucionalização de políticas antirracismo. No Brasil, um exemplo desse tipo de política é a:

a) reforma do Código Penal.

b) elevação da renda mínima.

c) adoção de ações afirmativas.

d) revisão da legislação eleitoral.

e) censura aos meios de comunicação.

Unidade 2

1. (UFF 2004) Leia o fragmento que se segue da entrevista concedida pelo intelectual palestino Edward Said, comentando os problemas atuais no Oriente Médio.

Entrevistador: O senhor não gosta da expressão "choque de civilizações"?

Said: (...) [illegible] problemas. Para começar, ela trata as civilizações como se fossem entidades fechadas, lacradas, alheias a qualquer tipo de troca (...). Por fim, a ideia de choque de civilizações tem um aspecto caricatural muito nocivo, como se enormes entidades chamadas "Ocidente" e o "Islã" estivessem num ringue, lutando para ver qual é a melhor. (*Veja*, 25 jun. 2003.)

Assinale a opção que reforça a opinião emitida por Said.

a) As diferenças culturais não podem ser tratadas como expressão de conflitos, mas sim como particularidade de cada civilização no tempo e no espaço.

b) Não existem diferenças jurídico-políticas entre o Ocidente e o Oriente Médio, logo não faz sentido diferenciar essas duas civilizações.

c) O mundo muçulmano não é homogêneo assim como o Ocidental; portanto, apenas os conflitos internos devem ser considerados.

d) As trocas entre distintos conjuntos civilizacionais incluem mercadorias culturais: desse modo, padronizam as civilizações.

e) A expressão "choque de civilizações" é inapropriada para o mundo atual, pois não há conflitos relevantes no âmbito das culturas e das religiões.

2. (Enem 2015) A Unesco condenou a destruição da antiga capital assíria de Nimrod, no Iraque, pelo Estado Islâmico, com a agência da ONU considerando o ato como um crime de guerra. O grupo iniciou um processo de demolição em vários sítios arqueológicos em uma área reconhecida como um dos berços da civilização.

UNESCO e especialistas condenam destruição de cidade assíria pelo Estado Islâmico. Disponível em: http://oglobo.globo.com. Acesso em: 30 mar. 2015 (adaptado).

O tipo de atentado descrito no texto tem como consequência para as populações de países como o Iraque a desestruturação do(a):

a) homogeneidade cultural.

b) patrimônio histórico.

c) controle ocidental.

d) unidade étnica.

e) religião oficial.

3. (Uece 2018) Observe o que se diz a seguir a respeito do conceito de paisagem na Geografia Física: "Por meio do conceito de paisagem, o imaginário social transforma culturalmente a natureza, ao mesmo tempo que os sistemas técnicos agregam ao território as formas-conteúdo da paisagem constituídas por representações sociais".

VITTE, Antônio Carlos. O desenvolvimento do conceito de paisagem e a sua inserção na Geografia Física. *Mercator - Revista de Geografia da UFC*, 2007.

Considerando os aspectos relativos ao conceito de paisagem na Geografia Física, como tratado no excerto acima, é correto concluir que paisagem:

a) é um elemento estático e imutável na escala de tempo humana.

b) é tudo aquilo que pode ser visto e não pode ser alterado.

c) possui um caráter dinâmico, podendo ser modificada e construída.

d) está restrita à dimensão física do espaço e é composta por elementos abióticos.

4. (Enem 2013) No dia 1º de julho de 2012, a cidade do Rio de Janeiro tornou-se a primeira do mundo a receber o título da Unesco de Patrimônio Mundial como Paisagem Cultural. A candidatura, apresentada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), foi aprovada durante a 36ª sessão

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

do Comitê do Patrimônio Mundial. O presidente do Iphan explicou que "a paisagem carioca é a imagem mais explícita do que podemos chamar de civilização brasileira, com sua originalidade, desafios, contradições e possibilidades". A partir de agora, os locais da cidade valorizados com o título da Unesco serão alvo de ações integradas visando à preservação da sua paisagem cultural. Disponível em: www.cultura.gov.br. Acesso em: 7 mar. 2013 (adaptado).

O reconhecimento da paisagem em questão como patrimônio mundial deriva da:

a) presença do corpo artístico local.

b) imagem internacional da metrópole.

c) herança de prédios da ex-capital do país.

d) diversidade de culturas presente na cidade.

e) relação sociedade-natureza de caráter singular.

Unidade 3

1. (Enem 2019) A soberania dos cidadãos dotados de plenos direitos era imprescindível para a existência da cidade-Estado. Segundo os regimes políticos, a proporção desses cidadãos em relação à população total dos homens livres podia variar muito, sendo bastante pequena nas aristocracias e oligarquias e maior nas democracias.

CARDOSO, C. F. *A cidade-Estado clássica*. São Paulo: Ática, 1985.

Nas cidades-Estado da Antiguidade Clássica, a proporção de cidadãos descrita no texto é explicada pela adoção do seguinte critério para a participação política:

a) controle da terra.

b) liberdade de culto.

c) igualdade de gênero.

d) exclusão [illegible]

e) exigência [illegible]

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

2. (Enem 2019) A ciência ativa rompe com a separação antiga entre a ciência (episteme), o saber teórico, e a técnica (techne), o saber aplicado, integrando ciência e técnica. Do ponto de vista da ideia de ciência, a valorização da observação e do método experimental opõe a ciência ativa à ciência contemplativa dos antigos; assim também, a utilização da matemática como linguagem da física, proposta por Galileu sob inspiração platônica e pitagórica, é contrária à concepção aristotélica.

MARCONDES, D. *Iniciação à história da filosofia*: dos pré-socráticos a Wittgenstein. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008 (adaptado).

Nesse contexto, a ciência encontra seu novo fundamento na:

a) utilização da prova para confirmação empírica.

b) apropriação do senso comum como inspiração.

c) reintrodução dos princípios da metafísica clássica.

d) construção do método em separado dos fenômenos.

e) consolidação da independência entre conhecimento e prática.

3. (Uncisal 2019)

Art. 14. A soberania popular será exercida pelo sufrágio universal e pelo voto direto e secreto, com valor igual para todos, e, nos termos da lei, mediante plebiscito, referendo e iniciativa popular.

§1º. O alistamento eleitoral e o voto são obrigatórios para os maiores de dezoito anos.

Disponível em: www.planalto.gov.br. Acesso em: 20 nov. 2018 (adaptado).

O povo é quem cria, faz parte e se mantém coletivamente como sede da autoridade soberana. A soberania é inalienável e indivisível, porque é um corpo político formado pela vontade geral resultante da união de todos e cada um enquanto povo. Por isso se pode chamá-la de soberania popular.

ROUSSEAU, J.- J. *O contrato social*. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 22-25 (adaptado).

O dispositivo constitucional que destaca o voto com valor igual para todos como modo de exercer a soberania popular visa garantir:

a) o exercício da cidadania.

b) a participação na democracia direta.

c) o exercício do poder virtuoso.

d) a imposição do poder do soberano.

e) a formação do corpo político tirânico.

4. (Enem 2019) A rede é, antes de tudo, um instrumento de comunicação entre pessoas, um laço virtual em que as comunidades auxiliam seus membros a aprender o que querem saber. Os dados não representam senão a matéria-prima de um processo intelectual e social vivo, altamente elaborado. Enfim, toda inteligência coletiva do mundo jamais dispensará a inteligência pessoal, o esforço individual e o tempo necessário para aprender, pesquisar, avaliar e integrar-se a diversas comunidades, sejam elas virtuais ou não. A rede jamais pensará em seu lugar, fique tranquilo.

LÉVY, P. *A máquina universo*: criação, cognição e cultura informática. Porto Alegre: Artmed, 1998.

No contexto das novas tecnologias de informação e comunicação, a circulação de saberes depende da:

a) otimização do tempo.

b) confiabilidade dos *sites*.

c) contribuição dos usuários.

d) quantidade de informação.

e) colaboração de intelectuais.

Índice remissivo

A

África 34, 43, 44, 45, 53, 54, 74, 75, 78, 81, 83, 114; africano/a 16, 26, 28, 29, 31, 33, 34, 41, 43, 44, 45, 47, 52, 53, 55, 58, 62, 76, 78, 81, 82, 131, 138

afro-brasileiro/a 27, 42, 48, 52, 53, 78

América 11, 16, 19, 28, 35, 38, 43, 44, 47, 53, 54, 62, 74, 75, 76, 86, 131, 138; americano/a 38, 43, 44, 75, 76, 82

ameríndio/a 35, 38, 131, 140

Antiguidade 58, 108, 110, 112, 128, 139

Antropologia 53, 61, 62, 67, 138, 141; antropólogo/a 10, 17, 18, 39, 130, 136, 141

Ásia 67, 74, 83, 118, 138

B

biodiversidade 19, 20, 21, 28, 86, 89

C

ciência 22, 39, 42, 59, 61, 62, 63, 67, 72, 88, 92, 109, 133, 134

civilização 48, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 69, 70, 72, 74, 76, 79, 80, 82, 83, 86, 87, 88, 99, 100, 102, 103, 115, 125, 138, 139

colonização 23, 26, 28, 29, 31, 34, 40, 44, 74, 77, 132

covid-19 105, 106, 107, 109, 127, 130, 134, 147, 148, 151

cristianismo 58, 78, 81, 128

cultura 10, 11, 17, 18, 20, 23, 26, 27, 29, 30, 31, 33, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 52, 58, 62, 67, 77, 78, 79, 97, 98, 99, 132, 136, 137, 139, 140

D

democracia 47, 48, 55, 72, 74, 80, 88, 113, 117, 124, 127

desigualdade 22, 26, 41, 43, 47, 49, 50, 51, 52, 55, 99

diáspora 43, 45, 114, 138

diversidade 12, 13, 14, 16, 17, 18, 20, 22, 23, 26, 29, 32, 34, 37, 39, 52, 54, 61, 63, 69, 74, 80, 99, 108, 111, 131, 147

E

escravidão 31, 33, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48

espaço 16, 18, 19, 22, 58, 59, 60, 70, 82, 83, 92, 95, 99, 100, 106, 108, 113, 138, 142

Estado 12, 35, 46, 47, 48, 52, 61, 89, 90, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 115, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 130, 139, 143, 146, 148

ética 55, 58, 107, 122, 128, 144, 146, 150, 151

étnico/a 10, 11, 13, 29, 32, 34, 35, 39, 40, 42, 46, 51, 52, 55, 67, 69, 108, 118, 120, 147

etnocêntrico/a 38, 39, 62, 64, 66, 67; etnocentrismo 38, 62

Europa 38, 54, 59, 67, 68, 74, 75, 79, 82, 91, 118, 121, 138

F

Filosofia 40, 82, 141; filósofo/a 10, 17, 42, 82, 95, 102, 11, 112, 114, 122, 123, 124, 131

fronteira 32, 33, 108

G

Geografia 31, 74, 84, 95; geógrafo/a 17, 87, 89, 92, 95, 98, 100

globalização 90, 91, 92, 94

Grécia 66, 82, 113, 114

I

Império 58, 66, 81, 86, 116, 118, 119

indígena 13, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 43, 45, 47, 49, 51, 52, 54, 62, 63, 64, 65, 68, 79, 87, 109, 130, 131, 132, 135, 136, 140, 141, 151

indivíduo 34, 38, 42, 43, 49, 55, 63, 106, 107, 113, 126, 127, 128, 130, 134, 143, 144, 145, 147, 148, 150

islamismo 79, 84, 128

J

judaísmo 128

M

Média, Idade 72, 82, 120, 121,

N

natureza 12, 16, 22, 29, 35, 37, 38, 58, 64, 82, 84, 85, 87, 90, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 102, 111, 113, 114, 122, 123, 124, 129, 133, 135, 137, 140, 146, 150

O

Ocidente 72, 73, 74, 75, 76, 79, 80, 87

ocupação 17, 26, 28

Oriente 63, 72, 73, 74, 75, 79, 80, 84, 87

P

paisagem 14, 22, 25, 57, 58, 59, 68, 70, 77, 82, 83, 84, 87, 88, 90, 91, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 102, 103, 140

política 10, 11, 26, 37, 38, 41, 42, 48, 49, 50, 51, 52, 67, 76, 77, 110, 112, 113, 114, 122, 125, 127, 128, 129, 136, 137, 144

preconceito 38, 42, 46, 55, 65, 73, 78, 79, 95, 150, 151

preservação 18, 25, 28, 29, 36, 37, 59, 64, 97, 98, 102, 112, 113, 122, 125, 137

projeção 19, 20, 24, 25

protagonismo 10, 11, 31, 34, 36, 39, 45, 46, 52

Q

quilombo 45, 47; quilombola 16, 18, 19, 20, 21, 23, 29

R

racismo 34, 41, 42, 43, 46, 47, 48, 50, 52, 55, 63, 78, 150

religião 16, 31, 58, 59, 69, 76, 77, 78, 79, 120, 122, 125, 128, 131

Revolução 61, 64, 88, 123, 124, 125, 126, 128, 129, 135, 139

Roma 112, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 128

S

sociedade 22, 29, 34, 35, 38, 39, 42, 49, 52, 54, 55, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 72, 77, 79, 82, 84, 95, 99, 100, 108, 109, 111, 112, 113, 122, 123, 126, 127, 128, 130, 131, 134, 135, 136, 140, 142, 143, 144, 145, 146, 150, 151, 152

sujeito 13, 33, 34, 38, 39, 45

T

tempo 13, 18, 35, 39, 52, 58, 59, 60, 70, 90, 97, 100, 150, 151; temporalidade 90, 100

território 17, 20, 21, 23, 26, 30, 37, 38, 83, 87, 92, 94, 102, 108

trabalho 21, 23, 27, 44, 45, 48, 61, 82, 83, 146

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Competências e habilidades da BNCC trabalhadas neste volume

Competências Gerais da Educação Básica
1. Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.
2. Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas.
4. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.
6. Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.
7. Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.
9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.
10. Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 28 maio 2020.

Ciências Humanas e Sociais aplicadas no Ensino Médio: competências específicas e habilidades	
1	Analisar processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais nos âmbitos local, regional, nacional e mundial em diferentes tempos, a partir da pluralidade de procedimentos epistemológicos, científicos e tecnológicos, de modo a compreender e posicionar-se criticamente em relação a eles, considerando diferentes pontos de vista e tomando decisões baseadas em argumentos e fontes de natureza científica.
EM13CHS101	Identificar, analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com base na sistematização de ideias filosóficas e de processos e eventos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais.
EM13CHS102	Identificar, analisar e discutir as circunstâncias históricas, geográficas, políticas, econômicas, sociais, ambientais e culturais de matrizes conceituais (etnocentrismo, racismo, evolução, modernidade, cooperativismo/desenvolvimento etc.), avaliando criticamente seu significado histórico e comparando-as a narrativas que contemplem outros agentes e discursos.
EM13CHS103	Elaborar hipóteses, selecionar evidências e compor argumentos relativos a processos políticos, econômicos, sociais, ambientais, culturais e epistemológicos, com base na sistematização de dados e informações de diversas naturezas (expressões artísticas, textos filosóficos e sociológicos, documentos históricos e geográficos, gráficos, mapas, tabelas, tradições orais, entre outros).
EM13CHS104	Analisar objetos e vestígios da cultura material e imaterial de modo a identificar conhecimentos, valores, crenças e práticas que caracterizam a identidade e a diversidade cultural de diferentes sociedades inseridas no tempo e no espaço.
EM13CHS105	Identificar, contextualizar e criticar tipologias evolutivas (populações nômades e sedentárias, entre outras) e oposições dicotômicas (cidade/campo, cultura/ natureza, civilizados/bárbaros, razão/emoção, material/ virtual etc.), explicitando suas ambiguidades.
EM13CHS106	Utilizar as linguagens cartográfica, gráfica e iconográfica, diferentes gêneros textuais e tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais, incluindo as escolares, para se comunicar, acessar e difundir informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Ciências Humanas e Sociais aplicadas no Ensino Médio: competências específicas e habilidades	
2	Analisar a formação de territórios e fronteiras em diferentes tempos e espaços, mediante a compreensão das relações de poder que determinam as territorialidades e o papel geopolítico dos Estados-nações.
EM13CHS202	Analisar e avaliar os impactos das tecnologias na estruturação e nas dinâmicas de grupos, povos e sociedades contemporâneos (fluxos populacionais, financeiros, de mercadorias, de informações, de valores éticos e culturais etc.), bem como suas interferências nas decisões políticas, sociais, ambientais, econômicas e culturais.
EM13CHS203	Comparar os significados de território, fronteiras e vazio (espacial, temporal e cultural) em diferentes sociedades, contextualizando e relativizando visões dualistas (civilização/barbárie, nomadismo/sedentarismo, esclarecimento/obscurantismo, cidade/campo, entre outras).
EM13CHS206	Analisar a ocupação humana e a produção do espaço em diferentes tempos, aplicando os princípios de localização, distribuição, ordem, extensão, conexão, arranjos, casualidade, entre outros que contribuem para o raciocínio geográfico.
3	Analisar e avaliar criticamente as relações de diferentes grupos, povos e sociedades com a natureza (produção, distribuição e consumo) e seus impactos econômicos e socioambientais, com vistas à proposição de alternativas que respeitem e promovam a consciência, a ética socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional, nacional e global.
EM13CHS304	Analisar os impactos socioambientais decorrentes de práticas de instituições governamentais, de empresas e de indivíduos, discutindo as origens dessas práticas, selecionando, incorporando e promovendo aquelas que favoreçam a consciência e a ética socioambiental e o consumo responsável.
4	Analisar as relações de produção, capital e trabalho em diferentes territórios, contextos e culturas, discutindo o papel dessas relações na construção, consolidação e transformação das sociedades.
EM13CHS401	Identificar e analisar as relações entre sujeitos, grupos, classes sociais e sociedades com culturas distintas diante das transformações técnicas, tecnológicas e informacionais e das novas formas de trabalho ao longo do tempo, em diferentes espaços (urbanos e rurais) e contextos.
EM13CHS403	Caracterizar e analisar os impactos das transformações tecnológicas nas relações sociais e de trabalho próprias da contemporaneidade, promovendo ações voltadas à superação das desigualdades sociais, da opressão e da violação dos Direitos Humanos.
5	Identificar e combater as diversas formas de injustiça, preconceito e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, e respeitando os Direitos Humanos.
EM13CHS501	Analisar os fundamentos da ética em diferentes culturas, tempos e espaços, identificando processos que contribuem para a formação de sujeitos éticos que valorizem a liberdade, a cooperação, a autonomia, o empreendedorismo, a convivência democrática e a solidariedade.
EM13CHS502	Analisar situações da vida cotidiana, estilos de vida, valores, condutas etc., desnaturalizando e problematizando formas de desigualdade, preconceito, intolerância e discriminação, e identificar ações que promovam os Direitos Humanos, a solidariedade e o respeito às diferenças e às liberdades individuais.
EM13CHS503	Identificar diversas formas de violência (física, simbólica, psicológica etc.), suas principais vítimas, suas causas sociais, psicológicas e afetivas, seus significados e usos políticos, sociais e culturais, discutindo e avaliando mecanismos para combatê-las, com base em argumentos éticos.
EM13CHS504	Analisar e avaliar os impasses ético-políticos decorrentes das transformações culturais, sociais, históricas, científicas e tecnológicas no mundo contemporâneo e seus desdobramentos nas atitudes e nos valores de indivíduos, grupos sociais, sociedades e culturas.
6	Participar do debate público de forma crítica, respeitando diferentes posições e fazendo escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.
EM13CHS601	Identificar e analisar as demandas e os protagonismos políticos, sociais e culturais dos povos indígenas e das populações afrodescendentes (incluindo as quilombolas) no Brasil contemporâneo considerando a história das Américas e o contexto de exclusão e inclusão precária desses grupos na ordem social e econômica atual, promovendo ações para a redução das desigualdades étnico-raciais no país.
EM13CHS603	Analisar a formação de diferentes países, povos e nações e de suas experiências políticas e de exercício da cidadania, aplicando conceitos políticos básicos (Estado, poder, formas, sistemas e regimes de governo, soberania etc.).

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 28 maio 2020.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Referências

Unidade 1

ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. *Os índios na História do Brasil*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2010.
Obra que busca valorizar os povos indígenas do Brasil e romper com o silenciamento em relação a eles, procurando abordar os indígenas e a representação deles sob nova perspectiva, com ênfase na diversidade e na pluralidade desses grupos.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. *Racismo estrutural*. São Paulo: Pólen, 2019.
Problematizando as questões raciais no contexto brasileiro, essa obra pretende identificar a reprodução do racismo nas instituições e no cotidiano nacional por meio de mecanismos capazes de discriminar pessoas ou grupos de maneira sistêmica.

BOTELHO, André; SCHWARCZ, Lilia Moritz (org.). *Cidadania, um projeto em construção*: minorias, justiça e direitos. São Paulo: Claro Enigma, 2012.
Análise do conceito de cidadania no Brasil, considerado de maneira distinta em diferentes períodos da história do país, e em outras sociedades e civilizações com o objetivo de entender a construção do conceito em diferentes realidades.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. *PPCDAm e PPCerrado 2016-2020*: balanço de execução 2018. Brasília, DF: MMA, 2018. Disponível em: http://combateaodesmatamento.mma.gov.br/images/Doc_ComissaoExecutiva/Balanco-PPCDAm-e-PPCerrado_2018.pdf. Acesso em: 5 maio 2020.
Documento com dados e análises sobre a execução e implementação das políticas do Ministério do Meio Ambiente em relação ao desmatamento e os impactos dessas políticas em áreas correlatas.

CARNEIRO DA CUNHA, Manuela (org.). *História dos índios no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
Essa obra traça um panorama histórico da pluralidade indígena, reforçando a resistência e as transformações desses grupos durante o processo histórico de ocupação do Território Nacional.

CUNHA, Euclides da. *Os sertões*. São Paulo: Edições Sesc, 2016.
Obra clássica sobre o conflito em Canudos, no estado da Bahia, que narra a resistência do grupo liderado por Antônio Conselheiro, bem como permite uma visão da realidade social e cultural do sertão brasileiro.

EDGAR, Andrew; SEDGWICK, Peter. *Teoria cultural de A a Z*: conceitos-chave para entender o mundo contemporâneo. São Paulo: Contexto, 2003.
O estudo analisa o conceito de cultura em diferentes tempos e perspectivas, possibilitando a compreensão para refletir sobre a pluralidade do mundo e o pensamento contemporâneo.

HEYWOOD, Linda M. *Diáspora negra no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.
Essa obra põe em evidência a diáspora negra para o Brasil, com foco em territórios como Congo e Angola, analisando as instituições, práticas e crenças de seus povos enquanto interagiam com os colonizadores.

LOPES, Nei. *Dicionário escolar afro-brasileiro*. 2. ed. São Paulo: Selo Negro, 2015.
Obra que destaca termos e usos das práticas culturais de origem africana no Brasil para quebrar estereótipos e compreender a pluralidade e a diversidade dos povos e grupos que formam a cultura brasileira.

MACEDO, José Rivair. *História da África*. São Paulo: Contexto, 2013.
Essa obra analisa e retoma o processo de ocupação do continente, a interação com outros povos e regiões do mundo, o processo de colonização e ocupação territorial, entre outros estudos sobre a região.

RIBEIRO, Djamila. *Pequeno manual antirracista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
Obra que explica e explicita as práticas racistas naturalizadas em uma sociedade estruturalmente racista, com exemplos e sugestões para enfrentar o assunto e falar dele de maneira significativa e propositiva.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Nem preto nem branco, muito pelo contrário*: cor e raça na sociabilidade brasileira. São Paulo: Claro Enigma, 2012.
Obra que narra o processo de construção e consolidação do racismo estrutural no país em diferentes períodos; por exemplo, a influência das teorias racialistas no Brasil na virada do século XIX para o XX.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. *Brasil*: uma biografia. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
Pesquisa ampla que narra a história do Brasil sob a ótica dos processos históricos que fomentaram as instituições e as relações sociais do país, com ênfase na luta e no protagonismo do povo brasileiro nesse processo.

SILVA, Kalina V.; SILVA, Maciel H. *Dicionário de conceitos históricos*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2014.
Obra de consulta que permite a análise e o estudo dos conceitos de História, que, muitas vezes, mudam de sentido com o tempo. É prática e pode ser rapidamente consultada para contextualizar um assunto ou auxiliar em alguma pesquisa.

SOUZA, Duda Porto; CARARO, Aryane. *Extraordinárias*: mulheres que revolucionaram o Brasil. São Paulo: Seguinte, 2017.
O recorte e o foco dessa obra estão no papel das mulheres em diferentes contextos do Brasil e em sua luta por direitos e por voz numa realidade social patriarcal, a qual permeia as relações e as instituições do país.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

Unidade 2

ABU-LUGHOD, Lila. As mulheres muçulmanas precisam realmente de salvação? Reflexões antropológicas sobre o relativismo cultural e seus outros. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 20, n. 2, p. 451-470, 2012.

Artigo da importante antropóloga palestina, no qual ela discute os preconceitos ocidentais com relação à vida das mulheres muçulmanas. Uma importante reflexão sobre os perigos da imposição de valores de uma cultura sobre as demais.

BELEM, A. L. G.; NUCCI, J. C. Hemerobia das paisagens: conceito, classificação e aplicação no bairro Pici – Fortaleza/CE. *Ra'e Ga*, Curitiba, v. 21, p. 204-233, 2011. Disponível em: https://revistas.ufpr.br/raega/article/view/21247. Acesso em: 27 abr. 2020.

O artigo desenvolve o conceito de hemerobia das paisagens, articula com outros conceitos que tratam a paisagem do ponto de vista sistêmico e apresenta a aplicação da hemerobia na análise das várias paisagens do espaço urbano.

BOTEQUILHA-LEITÃO, André. Paisagem: uma visão geossistêmica. *In*: RESEARCHGATE. [*S. l.*: *s. n.*], jun. 2015. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/277557247_PAISAGEM_UMA_VISAO_GEO-SISTEMICA. Acesso em: 7 maio 2020.

Artigo que recupera informações sobre a teoria dos sistemas e a categoria geográfica paisagem, apresentando diferentes modelos de geossistemas.

CARVALHO, Marcos de. *O que é natureza*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

O livro faz uma abordagem filosófica e histórica do conceito de natureza, apresentando diversos autores e tecendo relações com as questões ambientais.

COSTA, Emanuel. O que é gentrificação e por que você deveria se preocupar com isso? CourB. [*S. l.*: *s. n.*], 4 abr. 2016. Disponível em: http://www.courb.org/pt/o-que-e-gentrificacao-e-por-que-voce-deveria-se-preocupar-com-isso/. Acesso em: 7 maio 2020.

Artigo que discute o fenômeno da gentrificação nos centros urbanos, apresenta exemplos concretos em diferentes cidades e aborda as consequências socioespaciais.

FRAZER, J. O escopo da Antropologia Social. *In*: CASTRO, Celso (org.). *Evolucionismo cultural*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

Texto clássico do importante antropólogo evolucionista, no qual são explicitados os principais critérios de classificação dos povos entre selvagens, bárbaros e civilizados.

GALA, Paulo; AUGUSTO, Felipe. Manaus e Shenzen: duas estratégias distintas para o desenvolvimento econômico (maquila introvertida e base de exportação de manufaturas). *In*: PAULO GALA/ECONOMIA & FINANÇAS. [*S. l.*: *s. n.*], 13 dez. 2019. Disponível em: https://www.paulogala.com.br/manaus-e-shenzen-duas-estrategias-distintas-para-o-desenvolvimento-economico-mercado-interno-x-externo/. Acesso em: 7 maio 2020.

O artigo compara as estratégias de desenvolvimento econômico e industrialização adotadas para a Zona Franca de Manaus (Brasil) e para a Zona Econômica Especial de Shenzen (China). Possibilita verificar os tipos de intervenção do Estado que resultam em modificações da paisagem e da estrutura econômica.

LARAIA, Roque. *Cultura*: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

O livro é uma introdução ao conceito de cultura, apresentando ao leitor suas diferentes definições ao longo do tempo. Por meio desse conceito, a obra faz também uma introdução à Antropologia.

MARCOS, Ferdinando. Viveiros de Castro: "Sociedades tradicionais podem servir de exemplo". *In*: UFMG. Belo Horizonte, 10 out. 2017. Seção Arte e Cultura. Disponível em: https://ufmg.br/comunicacao/noticias/viveiros-de-castro-propoe-formas-de-viver-em-paz-com-o-mundo-em-conferencia. Acesso em: 27 abr. 2020.

Reportagem feita com base na conferência do antropólogo Eduardo Viveiros de Castro, na qual ele aborda a importância do conhecimento e da valorização da relação que os povos indígenas estabelecem com o meio natural.

MONTAIGNE, Michel Eyquem de. *Ensaios*. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

Livro do conhecido humanista francês, no qual narra suas experiências. No capítulo "Dos Canibais", o autor fala sobre os indígenas tupinambás questionando o fato de muitos europeus classificarem seus costumes como bárbaros.

QUEIROZ, Christina. Fé pública. *Pesquisa Fapesp*, São Paulo, ed. 286, dez. 2019. Disponível em: https://revistapesquisa.fapesp.br/2019/11/29/fe-publica/. Acesso em: 27 abr. 2020.

Reportagem feita com base em pesquisa acadêmica sobre o crescimento da população evangélica no país. Contém infográfico sobre a história do protestantismo, além de mapa com a distribuição dos evangélicos pelos estados do Brasil.

SAID, Edward. *Orientalismo*: o Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

Publicada em 1978, a obra ficou conhecida por defender a ideia de que o Oriente nada mais é do que uma invenção do Ocidente. O autor oferece alguns caminhos para entendermos como são construídos esses estereótipos e qual a relação deles com o conceito de civilização.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

SANTOS, Milton. *Metamorfoses do espaço habitado*. São Paulo: Hucitec, 1988.
O livro apresenta uma reflexão sobre a Geografia como disciplina e explora as categorias de análise espacial tradicionais e atuais, como espaço, região, paisagem e território. Também discorre sobre a mundialização, a relação campo-cidade e as relações entre a Geografia Física e a Geografia Humana.

STUENKEL. Oliver. *O mundo pós-ocidental*: potências emergentes e a nova ordem global. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2018.
O autor faz uma reflexão sobre a reconfiguração da geopolítica mundial no século XXI, analisando a ascensão das potências emergentes no contexto atual. Assim, propõe ideias sobre as dinâmicas que definirão a arena política mundial nas próximas décadas.

SUETEGARAY, Dirce Maria A. (org.). *Terra*: feições ilustradas. Porto Alegre: Editora da UFGRS, 2008.
Esse livro apresenta formas de relevo em escala global e brasileira: relacionadas à estrutura da Terra, oceânicas e continentais. Para cada forma há um desenho acompanhado de conceituação geomorfológica básica.

Unidade 3

ARISTÓTELES. *Política*. Brasília: UnB, 1985.
O texto do filósofo grego antigo é composto de oito livros. Não há dúvidas acerca da autenticidade da obra, acreditando-se que as reflexões aristotélicas sobre a política são da época em que ele era preceptor de Alexandre da Macedônia.

BLOCH, Marc. *A sociedade feudal*. Lisboa: Edições 70, 1982.
Nesse clássico da historiografia, o autor valeu-se de uma profusão de fontes documentais, recorrendo à Linguística, à Toponímia, às canções de gesta, à Arqueologia, à Geografia social, aos costumes agrários e aos fenômenos particulares e localizados de ordem psicológica. Originalmente em 1939, a obra continua a ser um dos grandes referenciais para compreender a Europa medieval e, em particular, o mundo do feudalismo.

CLASTRES, Pierre. *A sociedade contra o Estado*. São Paulo: Cosac Naify, 2003.
Um dos mais importantes trabalhos de Antropologia Política do século XX, essa tese é composta de 11 artigos, publicados entre 1962 e 1974, que se baseiam em estudos etnológicos e nas vivências do autor com populações indígenas da América do Sul, o que lhe possibilitou formular um novo conceito de política.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*: nascimento da prisão. Tradução: Raquel Ramalhete. Petrópolis: Vozes, 1987.
O livro apresenta a evolução histórica da legislação penal, os métodos coercitivos e meios punitivos adotados pelo Estado do século XVII até hoje.

GARCIA, Uirá Felippe. *Karawara*: a caça e o mundo dos Awá-Guajá. 2010. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.
A tese se debruça sobre as relações que os awá-guajás estabelecem entre as atividades de caça e outros processos de vida, como o parentesco, por meio da ideia de *rikô*; e a cosmologia, por meio da ideia de *karawara*.

MARX, Karl. *Obras escolhidas*. São Paulo: Global, 1984.
Obra publicada em três volumes, é uma compilação de livros, textos e cartas produzidos pelos autores, como: *Manifesto do Partido Comunista*, *A burguesia e a contrarrevolução*, *Trabalho assalariado e capital*.

MICHULIN, A. V. *História da Antiguidade*. Lisboa: Centro do Livro Brasileiro, [19--].
História dos grandes acontecimentos que marcaram a evolução social do ser humano na perspectiva do materialismo histórico, apresentando a descrição e a interpretação de como surgiram os Estados escravagistas, com destaque para os mundos grego e romano.

PINTO, Álvaro Vieira. *O conceito de tecnologia*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.
A obra é um tratado epistemológico do conceito de tecnologia segundo a teoria de filósofos e pensadores. O autor problematiza as diversas concepções do pensamento que versa sobre a compreensão de tecnologia e a função do Estado nesse desenvolvimento científico.

RIBEIRO, Darcy (ed.); RIBEIRO, Berta G. (coord.) *et al*. *Suma etnológica brasileira*: Etnobiologia. Petrópolis: Finep, 1986. v. 1.
O livro é parte de uma coleção etnográfica feita com base na pesquisa do conhecimento dos povos indígenas. Ele apresenta a sistematização de diversas técnicas e tecnologias dos povos originários. É fonte essencial para a desnaturalização da visão etnocêntrica de inferioridade dessas civilizações.

ROUCHE, Michel. Alta Idade Média Ocidental. *In*: DUBY, Georges; ARIÈS, Philippe (org.). *História da vida privada*: do Império Romano ao ano mil. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. v. 1.
O livro reúne ensaios de renomados especialistas, entre eles Michel Rouche e Paul Veyne, que examinam a vida cotidiana de cidadãos e escravos, senhores e servos – a sexualidade, o casamento, a família, as diversas formas de moradia, as atitudes religiosas e as práticas funerárias.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

ISBN 978-85-10-08369-0